UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Programa de Pós-Graduação em História Social

MAGNO PAGANELLI DE SOUZA

A história recente do turismo religioso brasileiro e seu papel no conflito Israel-Palestina

São Paulo
2018

MAGNO PAGANELLI DE SOUZA

A história recente do turismo religioso brasileiro e seu papel no conflito Israel-Palestina

Tese apresentada a banca examinadora do Programa de Pós-Graduação do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como requisito para a obtenção do título de Doutor em Ciências, área de concentração em História Social.
Orientador: Prof. Dr. Peter R. Demant

São Paulo

2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

PP128h
h

Paganelli, Magno
A história recente do turismo religioso brasileiro e seu papel no conflito Israel-Palestina / Magno Paganelli ; orientador Peter Demant. - São Paulo, 2018.
405 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de História. Área de concentração: História Social.

1. CH763.14.7. 2. CH742.8.7.11.1.3. 3. CH763.13.3.1.6.14. 4. CH764.4.5.24. I. Demant, Peter, orient. II. Título.

PAGANELLI, Magno. **A história recente do turismo religioso brasileiro e seu papel no conflito Israel-Palestina**. Tese apresentada a banca examinadora do Programa de Pós-Graduação do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como requisito para a obtenção do título de Doutor em Ciências, área de concentração em História Social.

Aprovado em: Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

À minha esposa Roseli e ao meu filho Magno, pela compreensão e apoio em inúmeros momentos, horas e dias que precisei para avançar nesta pesquisa.

Aos meus pais, Dinovam Nunes de Souza (*in memorian*) e Janis Paganelli, que desde os primeiros anos de vida insistiam para que eu estudasse. A presente tese é reflexo direto de suas insistentes recomendações. Elas frutificaram abundantemente.

A Deus, em quem tenho fé inegociável.

RESUMO

PAGANELLI, Magno. **A história recente do turismo religioso brasileiro e seu papel no conflito Israel-Palestina**. Tese (Doutorado). 2018, 394f. Programa de Pós-Graduação do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, são Paulo, 2018.

A história antiga das peregrinações de cristãos ao que chamam Terra Santa, espaço geográfico que hoje compreende o Estado de Israel e o Estado da Palestina é milenar e sempre ocorreu com a motivação religiosa permeando-a em maior ou menor grau. Com o desenvolvimento do Turismo de massa na modernidade, tendo estabelecido roteiros e pacotes de viagem rígidos devido às exigências econômicas, a prática da peregrinação ganhou novos contornos e chamou a atenção de novos agentes. O Turismo para Israel e, indiretamente, para a Palestina chega hoje a números recordes de turistas vindos de todo o mundo, gerando uma significativa receita para os primeiros de US$ 5,744 bi, com o record de 3,6 milhões de turistas vindos de todo o mundo e é visto pelo Estado como um importante campo para a criação de apoiadores ou "embaixadores" que podem reproduzir uma narrativa em favor dos seus interesses políticos. Do lado palestino, embora com menor organização e presença midiática, nem por isso deixam de auferir resultados positivos com essa atividade. A partir desse quadro e da Teoria dos Campos, de P. Bourdieu, a pesquisa investiga a extensão do campo desse Turismo entre os evangélicos brasileiros, considerando os campos político e religioso em tensão. Passamos por teorias recentes e atualizadas sobre o Turismo no Brasil e no mundo, aplicando-as ao quadro de referência. Com recorte cronológico a partir do ano 2000, em função do incremento do turismo, com recorte metodológico para caravanas realizadas entre 2011 e 2013 e 2017, a pesquisa foca um grupo de dez turistas que foram acompanhamos por um ano. Entre 2011 e 2013 fizemos nossa primeira viagem aos territórios de Israel e Palestina, seguida de outra em 2012 e a terceira no ano em que iniciei a pesquisa de Mestrado, em 2013. Partindo de fontes bibliográficas inéditas no Brasil, reconstrói-se globalmente a história das peregrinações para a região nos últimos 2000 anos e, mais detalhadamente, a história dessas peregrinações e o início do Turismo comercial no Brasil. A pesquisa resgata, por meio de documentos e entrevistas, a história dos brasileiros que viajaram para Israel-Palestina, desde 1853. Elaboramos uma apresentação das dinâmicas das caravanas no período da profissionalização da atividade, apontando o papel de cada agente envolvido na mesma. A conclusão posiciona os achados no cenário mais amplo da História e considera a relação conturbada entre Turismo e política de Israel e Brasil em anos recentes. Em confronto com os resultados alcançados, nem todas as hipóteses levantadas se verificam, indicando a necessidade de uma revisão na Teoria dos Campos.

PALAVRAS-CHAVE. Israel-Palestina; conflito; peregrinação; turismo; evangélicos; sionismo evangélico.

ABSTRACT

PAGANELLI, Magno. **A história recente do turismo religioso brasileiro e seu papel no conflito Israel-Palestina**. Tese (Doutorado). 2018, 405 f. Programa de Pós-Graduação do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, são Paulo, 2018.

The ancient history of pilgrimages of Christians to where they call the Holy Land, today a geographical space that comprises the State of Israel and the State of Palestine is millenarian and has always occurred with religious motivation permeating it to a greater or lesser degree. As the development of modernity Mass tourism has established itineraries and travel packages rigid due to economic requirements, the pilgrimage practice gained new contours and attracted the attention of new agents. Nowadays tourism in Israel and, indirectly, in Palestine reaches record numbers of tourists coming from all over the world, generating a significant revenue for the first of US $ 5.744 billion, with a record of 3.6 million tourists from all over the world and it is seen by the state as an important field for the creation of supporters or "ambassadors" who can reproduce a narrative in favor of their political interests. Although with less organization and media presence, they nevertheless fail to obtain positive results with this activity on the Palestinian side. From this painting and the Theory of Fields, by P. Bourdieu, the research investigates the extension of the field of this Tourism among Brazilian evangelicals, considering the political and religious fields in tension. We have passed through recent and up-to-date theories on Tourism in Brazil and in the world, applying them to the frame of reference. With a chronological cut from the year 2000, due to the increase in tourism, with a methodological cut for caravans between 2011 and 2013 and 2017, the survey focuses on a group of ten tourists who have been accompanying us for a year. Between 2011 and 2013 we made our first trip to the territories of Israel and Palestine, followed by another in 2012 and the third in the year in which I started the Master's research in 2013. Starting from unpublished bibliographical sources in Brazil, history is reconstructed globally of the pilgrimages to the region in the last 2000 years and, in more detail, the history of these pilgrimages and the beginning of commercial tourism in Brazil. The research rescues, through documents and interviews, the history of the Brazilians who have traveled to Israel-Palestine since 1853. We have elaborated a presentation of the dynamics of the caravans during the period of professionalization of the activity, pointing out the role of each agent involved in it. The conclusion positions the findings in the broader scenario of history and considers the troubled relationship between tourism and politics of Israel and Brazil in recent years. In contrast to the results achieved, not all the hypotheses have been raised, it has indicated the need for a review in the Field Theory.

KEY-WORDS. Israel-Palestine; conflict; pilgrimage; tourism; evangelicals; evangelical zionism.

LISTA DE MAPAS

Mapa 1. O itinerário das viagens oferecidas por Cook:
Egito, Nilo, Palestina, Turquia, Grécia e Itália.....106

Mapa 2. Terra Santa, localização das cidades e acidentes
geográficos mencionados na pesquisa.....132

Mapa 3. O mapa mostra ambas as rotas possíveis para se chegar a Jerusalém:
a estrada, por onde ciruclaram carruagens ou a cavalo e a estrada de ferro.....211

LISTA DE TABELAS E GRÁFICO

Tabela 1. Comparação entre itinerários percorridos por católicos e evangélicos.....393
Tabela 2. O crescimento das denominações protestantes nos Estados Unidos.....395
Tabela 3. Percepção em relação ao povo local depois da viagem 314
Tabela 4. Amostra do resultado das interações com populações locais.....315
Tabela 5. Percepção do turista brasileiro em relação à religião local.....318
Tabela 6. Avaliação do trabalho dos guias locais.....329
Gráfico 1. Panorama da diversidade religiosa em Israel.....318

ABREVIATURAS

AD	Igreja Evangélica Assembleia de Deus
A.D.	*Anno Domini* ou Ano do Senhor
ADHONEP	Associação de Homens de Negócio do Evangelho Pleno
A.H.	Ano da Hégira
AIEST	*International Association of Scientific Experts in Tourism*
AIMI	Associação Internacional de Missões aos Israelitas
ATSG	*Alternative Tourism Study-Group Centre*
CCB	Congregação Cristã no Brasil
CEB	Comunidade Eclesial de Base
CGADB	Convenção Geral das Assembleias de Deus do Brasil
CMI	Concílio Mundial de Igrejas
CMP	Conferência Mundial Pentecostal
CPAD	Casa Publicadora das Assembleias de Deus
CUFI	*Christians United for Israel*
EAPPI	*Ecumenical Accompaniment Programme in Palestine and Israel*
ECA-USP	Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo
IAPTD	Igreja Apostólica Plenitude do Trono de Deus
IASD	Igreja Adventista do Sétimo Dia
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IIGD	Igreja Internacional da Graça de Deus
IBJM	*International Board of Jewish Mission*
ICEJ	*International Christian Embassy Jerusalem*
ICT	*Institute of Counter-Terrorism*
IPDA	Igreja Pentecostal Deus é Amor
IEQ	Igreja do Evangelho Quadrangular
IP	Israel-Palestina
IPB	Igreja Presbiteriana do Brasil
ITB Berlin	*Internationale Tourismus-Börse Berlin*
IURD	Igreja Universal do Reino de Deus
MIR	Ministério Internacional de Restauração
OBPC	O Brasil Para Cristo

OLP	Organização para a Libertação da Palestina
OMT	Organização Mundial do Turismo
ONU	Organização das Nações Unidas
OPEP	Organização dos Países Exportadores de Petróleo
PUC-SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
TL	Teologia da Libertação
TP	Teologia da Prosperidade
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNWTO	*World Tourism Organization*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....15

1 QUESTÕES TEÓRICAS E DE MÉTODO.....21

1.1 Advertências e cuidados sobre o uso das fontes.....21

1.2 O uso de relatos de viagens nesta pesquisa.....33

1.3 Ambiente geográfico e cenário sócio-político 35

1.4 O quadro histórico-social.....39

1.5 Aporte historiográfico: justificativa.....46

1.6 Aporte historiográfico: delimitação do tema e corte cronológico.....49

1.7 Identificação do objeto.....55

1.8 Referencial teórico 59

1.9 Metodologia 71

2 O TURISTA E O TURISMO 75

2. 1 Conceitos e tipologias (aproximação do campo) 76

2.2 O turismo como objeto de pesquisa nas Ciências Sociais.....88

2.3 A viagem em si: da viagem peregrina ao turismo de consumo.....93

2.4 A viagem como evento.....96

2.5 A turismofobia: um problema recente.....99

2.6 Turismo “militar” 105

2.7 Pesquisas sobre o turismo no Brasil.....105

2.7.1 O turismo como fenômeno.....107

2.8 O espaço como representação e significação.....112

2.9 O local como ponto da circulação do saber fluído.....121

3 HISTÓRIA DAS PEREGRINAÇÕES – o primeiro milênio.....129

3.1 O período cristão.....130

3.1.1 O peregrino anônimo de Bordeaux.....133

3.1.2 A peregrinação de Egéria (381 A.D.) 136

3.1.3 Paula e sua filha Eustáquia (382 A.D.) 139

3.1.4 Silvia (379-388 A.D.) 140

3.1.5 Pedro, o ibérico (417–491 A.D.) 141
3.1.6 Theodosius (530 A.D.) 142
3.1.7 Antoninus Martyr (500-530 A.D.) 143
3.2 A conquista persa e o período árabe-muçulmano.....147
3.3 O período árabe (638-1099) 149
3.3.1 Arculfo (c. 670 A.D.) 150
3.3.2 Willibald (c. 754 A.D.), o monge alemão.....153
3.3.3 O Domo da Rocha.....156
3.3.4 Bernardo, o sábio (c. 870 A.D.) 157
3.3.5 Mukaddasi, o hierosolomita "historiador" (946 A.D.).....158

4 HISTÓRIA DAS PEREGRINAÇÕES – o segundo milênio.....166
4.1 Nasir-i-Khusrau (c. 1047 A.D.) 166
4.2 O período das Cruzadas (1099-1187) e além.....169
4.2.1 Seawulf (1102-1103) 171
4.2.2 Peregrinos anônimos (séc. XI e XII) 175
4.2.3 Benjamim de Tudela (1130-1173) 178
4.2.3.1 A entrada de Benjamim à Terra Santa 180
4.2.4 Citez de Jherusalem (1220) 184
4.2.5 Philippus Brusserius Savonensis, c. 1350 A.D. 187
4.2.6 John Poloner (c. 1421 A.D.) 188
4.2.7 Mujir Ad Din (1496 A.D.), o historiador palestino.....192
4.3 A Reforma Protestante e a era das explorações.....195
4.3.1 O Visconde de Chateaubriand (1806-1807) 196
4.3.2 Alphonse de Lamartine (1832-3) 197
4.3.3 Herman Melville, o poeta do drama do Ocidente, 1856-7.....198
4.3.4 Mark Twain e sua famosa sátira, 1867.....199
4.3.5 O príncipe Frederico, o herdeiro da Prússia, 1869.....200
4.3.6 Dom Pedro II, o rei erudito que impressionou os judeus.....202
4.3.7 General Gordon, o militar inglês inconformado com os católicos, 1883.....205
4.3.8 Guilherme II, rei da Prússia, Theodor Herzl e os primeiros sionistas, 1898..208
4.3.9 Henry Jackson van Dyke, o protestante que fugiu do moderno espírito turístico, 1908.....209

5 ESSES EVANGÉLICOS, QUEM SÃO E O QUE PENSAM?.....217
5.1 O trânsito das ideias 218
5.2 O Destino Manifesto: a versão secularizada de um anseio religioso.....227
5.3 Os protestantes no Brasil.....234
5.3.1 Os "tradicionais": presbiterianos, luteranos, anglicanos, batistas, metodistas e Kalley.....237
5.4 Os Pentecostais e Neopentecostais.....248
5.5 A hibridização entre igrejas de diferentes tradições cria o "evangélico" brasileiro.....257
5.6 Em síntese, as diferentes conjunturas e os diferentes evangélicos.....267

6 O TURISMO DE CRISTÃOS BRASILEIROS PARA ISRAEL-PALESTINA..271
6.1 Sobre as primeiras viagens de brasileiros para Israel-Palestina.....272
6.2 Os primeiros pastores brasileiros a irem para Israel.....275
6.2.1 Erasmo Braga (1877-1932).....276
6.3.2 Rev. Benjamim Moraes Filho (1911-1984) 279
6.3.3 Nehemias Marien (1932-2007) 281
6.3.4 Nilson do Amaral Fanini (1932-2009) 281
6.3.5 Profª. Iolanda Anversa e Profª. Gerda de Burgo.....282
6.3.6 Alcebíades Pereira Vasconcelos (1914-1988) 283
6.3.7 Irland Pereira de Azevedo (1934-).....286
6.3.8 Enéas Tognini (1914-2015) 286
6.3.9 Estevam Ângelo de Souza (1922-1996) 287
6.3.10 Caio Fabio d'Araújo Filho.....288
6.3.11 Edir Macedo.....290
6.3.12 Valnice Milhomes.....291
6.3.13 Hernandes Dias Lopes.....293
6.3.14 Júlio Andrade Ferreira (1912-2001) 293
6.3.15 Jabes Guedes de Alencar e Silas Malafaia.....294
6.4 A profissionalização da atividade.....297
6.4.1 As operadoras de turismo.....298
6.4.2 Órgãos Oficiais do Estado de Israel no Brasil.....302
6.4.3 Órgão Oficial do Estado da Palestina no Brasil.....310

6.5 Interações sociais e outras informações.....314
6.6 O trabalho dos guias locais.....322
6.7 Informações adicionais e entrevistas finais.....331
6.8 Retornando ao cenário mais amplo.....337
6.9 Apoiadores brasileiros e o uso de outros recursos para atrair apoio cristão.....345
6.10 A relação conturbada entre turismo e política de Israel e Brasil.....352

Considerações finais.....356
Referências.....364
Cronologia das peregrinações apresentadas.....389
Cronologia do turismo de brasileiros para Israel-Palestina.....391
ANEXO A – Roteiro de entrevista para brasileiros participantes de viagem para Israel-Palestina.....396
ANEXO B – Roteiro de entrevistas com evangélicos antes da viagem.....399
ANEXO C – Roteiro de entrevistas com católicos antes da viagem.....400
ANEXO D – Roteiro para entrevista com guia israelense.....401
ANEXO E – Roteiro para entrevista com guia palestino.....402
ANEXO F – Pontificio Consejo para la Pastoral de los Emigrantes e Itinerantes.....403
ANEXO G – Roteiro para entrevistas com pastores brasileiros sobre suas viagens.....404
ANEXO H – Questionário da última entrevista após um ano da viagem.....405

INTRODUÇÃO

O primeiro objetivo do peregrino não era ser mais bem informado, mas sim, nutrir a sua oração pessoal. – Pierre Maraval

A história da humanidade, e dos grupos sociais em particular, tem sido contada por diferentes perspectivas: pelas guerras travadas, pelos movimentos que empreendem, pela corrida por desenvolvimento tecnológico, pelas ideias que mobilizam diferentes grupos etc. Em cada uma das abordagens notamos que pessoas, grupos e populações mudam, transitam ou fazem jornadas: mudam de ideias, mudam o sentido de suas vidas e, principalmente, mudam do lugar de nascimento ou moradia por diferentes motivos.

Um indivíduo ou uma família pode mudar-se de país em busca de melhores condições de vida para depois retornar em melhores condições; um grupo pode mudar-se de país pelo mesmo motivo. Nos últimos anos, temos visto o aumento do turismo, a mobilização de populações fugindo de guerras, mudança de país, mudança de continente, cruzando fronteiras secas, rios e mares, mas também há pessoas solitárias empreendendo jornadas em busca de sentido para suas vidas. Mudanças climáticas têm forçado o deslocamento de milhões de pessoas; segundo dados da Organização das Nações Unidas (ONU),[1] 150 milhões até 2050 serão refugiados do clima.

A dinâmica do mercado e da economia, da política, das religiões, as catástrofes, entre outros agentes, promovem o deslocamento humano ou a peregrinação e sua busca particular. Observamos isso, por exemplo, em práticas como o *Hajj* muçulmano, a obrigação que todo adulto seguidor da fé em Allah tem de, reunindo condições físicas e financeiras, uma vez na vida, visitar as cidades sagradas Meca e Medina; a *aliyah* judaica, que é o retorno dos judeus, da diáspora (dispersão) para o lar judaico, *Eretz Yisrael*, a Terra Prometida; as procissões no catolicismo popular, seja em datas sagradas ou para lugares sagrados, ou ainda para cumprir votos feitos a santos aos quais são devotos; entre os evangélicos, o simples desejo de conhecer a Terra Santa,[2] local sagrado para as três grandes religiões monoteístas, e pisar na terra onde Jesus pisou, segundo a tradição cristã, e estar nos lugares onde ele esteve.

---

[1] O número usado pelo Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (Intergovernmental Panel on Climate Change - IPCC), da ONU, foi dado por Norman Myers, *Ultimate Security: the Environmental Basis of Political Stability.* New York and London: W.V. Norton, 1993.

[2] O território é considerado sagrado para três religiões e segundo consta, foram os cristãos que a chamaram Terra Santa.

Individualmente, em grupos pequenos, em caravanas, no passado ou no presente, por lazer ou por devoção, as jornadas ou as peregrinações, que se constituíram um ato estritamente da fé, mantêm o perfil (e a função) espiritual precípua de estímulo ao imaginário. Hoje elas estão mescladas ao mercado do turismo, fazem girar grandes somas, movimentando todo um segmento de mercado e, em boa medida, a geopolítica internacional (BOURDIEU, 2011, p. 30), particularmente, das relações de Israel e da Palestina com os países que para lá enviam os seus turistas-peregrinos.[3]

Os deslocamentos humanos para esta região específica, que denominaremos "Terra Santa" ou "Israel-Palestina" (IP), são deslocamentos humanos ocorridos anteriormente à própria constituição do território com a ocupação majoritária em nome de um povo. A "peregrinação hebreia", como deslocamento social em si, "é mais antiga do que a peregrinação a Jerusalém" (PARTIN, 1995, p. 16). Segundo a tradição judaica, no passado mais remoto o calendário agrícola é que determinava as datas festivas das reuniões (*Pessach* ou Páscoa judaica, *Shavuot* ou Festa das Semanas e *Sukkot*, a Festa das Cabanas), tempo em que o povo deveria peregrinar para um encontro nacional.[4] Essas três reuniões como solenidades obrigatórias ocorriam em Shilo, próxima e ao norte de Jerusalém. Os peregrinos ganharam um local fixo específico somente com a construção do primeiro Templo de Jerusalém (PARTIN, 1995, p. 17) nos tempos da dinastia davídica (ca. 1.000 a.C.). A esse cruzamento de interesses, Harry Partin, autor e professor de História das Religiões na Duke University, chamou de "relação simbiótica", e se deu entre os interesses do poder político-militar palaciano de um lado e a devoção do fiel camponês de outro (DONNER, 1997, esp. Parte I cap. 5), antevendo a problematização proposta por esta pesquisa, que versará sobre a aproximação entre os interesses políticos e econômicos de um lado, diante de um movimento turístico e religioso, de outro.

Após o exílio judeu na Babilônia, por volta do século VI a.C., na época da reforma que ficou conhecida como "o segundo Templo", houve dois novos florescimentos das peregrinações entre judeus. O primeiro, culminando com a reconstrução do Templo c. 515 a.C., atraindo viajantes de fora da terra; o segundo, após a reforma que Herodes fez no Templo, atraindo peregrinos "não só da Babilônia, mas também da Síria e de um novo centro importante da vida judaica, Alexandria, no Egito" (PARTIN, 1995, p. 17). Outros

---

[3] O c. 2 tratará da tipificação desse sujeito que viaja, bem como da atividade.

[4] "Êxodo 23.34 e Deuteronômio 16 intimou: 'Três vezes no ano todos os seus homens aparecerão diante do Senhor...'. Deuteronômio acrescentou: '...no lugar que ele vai escolher' (16.16)". (PARTIN, 1995, p. 16,7).

lugares, além do Templo, também despertavam o interesse para aqueles peregrinos, como por exemplo as tumbas dos profetas em Mamre e Siquém, locais simbólicos pela relação que guarda com a história dos patriarcas (MARAVAL, 2002, p. 64).

Deixando este passado remoto para trás, propomos uma pesquisa sobre o campo do turismo de brasileiros cristãos para IP. Para isso, organizamos o trabalho como segue. No primeiro capítulo, apresentaremos as considerações teóricas e de método, indicaremos as fontes e as peculiaridades de seu uso, os ambientes geográfico, sócio-político e quadro histórico-social. Ainda no capítulo 1 apontaremos a justificativa historiográfica da pesquisa, delimitaremos o tema e o corte cronológico, a identificação do objeto, o referencial teórico e a metodologia pretendida para as entrevistas.

No segundo capítulo faremos as considerações sobre a tipificação de peregrino e peregrinação, turista e turismo, conceituando cada um em perspectiva histórica e a referência dos teóricos do campo, fazendo uma avaliação do turismo como objeto de pesquisa nas Ciências Sociais. Por ora, basta indicar que o peregrino, grosso modo, é o viajante movido por interesse religioso até o século XIX, quando surge o turista e o turismo como atividade comercial. No mesmo capítulo 2, como desdobramento natural de tais considerações, tipificaremos a viagem e como ela foi experimentada ao longo do tempo (da peregrinação ao turismo de consumo) e nas recentes pesquisas que a tratam como “evento”. Cabem neste capítulo a apresentação dos modernos problemas com o turismo, como a turismofobia, e as variações temáticas, como o turismo “militar” em Israel. Finalmente, falaremos das pesquisas sobre o turismo no Brasil, além dos elementos espaço como representação e significado e o local como ponto de circulação do saber.

Para os dois capítulos seguintes, 3 e 4, traçaremos um roteiro (sem trocadilhos) dividido em três grandes momentos, os quais prepararão o ambiente para falarmos, posteriormente, sobre a história do turismo brasileiro para Israel-Palestina, objetivo da pesquisa. O primeiro momento será o das peregrinações feitas nos primeiros séculos do cristianismo, peregrinações motivadas pela fé, contra um pano de fundo do Império Romano e de seus interesses. O segundo momento tem os contornos árabes, com perfil político-religioso característico da cultura muçulmana como vemos na conquista de vários territórios, especialmente de Jerusalém, no século VII. Esse período, embora registre o deslocamento de milhares de pessoas para a Palestina (somente no ano 1064, mais de sete mil alemães se deslocaram para lá. BENSINGER, 1971, p. 2), foi um período conturbado, que incluiu as Cruzadas (que não são de maior interesse nesta pesquisa), nos

levará até o século XVI, já no Capítulo 4. Este último grande período marcou a contraposição das peregrinações motivadas pela fé por um novo estímulo: as viagens de exploração e conquista e o arrefecimento das peregrinações espirituais, combatidas pelo pensamento da reforma religiosa na Europa. Tal período nos levará até o século XIX, tempo em que as explorações já estavam bastante consolidadas e podemos ver uma nova mudança no quadro, que será objeto de estudo em outro capítulo.

O século XIX marcou o início do período do turismo comercial ou capitalista, que foi incrementado por alguns avanços, tal como a criação do barco a vapor. O incremento do turismo nos Estados Unidos no século XIX, por exemplo, é visto pela quantidade de literatura típica, os roteiros de viagem, dentre os quais a obra de Mark Twain talvez tenha sido a mais conhecida. Para uma noção de como o movimento do turismo no período cresceu, observamos o título de duas pesquisas sobre o tema em relação àquele século. Uma é *Mark Twain, Travel Books and Tourism – the tide of a great popular movement* (2002), de Jeffrey Alan Melton. O outro é *American Palestine – Melville, Twain, and the Holy Land mania* (1999), de Hilton Obenzinger.

No Brasil, outra conjuntura proveu condições para a expansão do turismo no país em direção a Terra Santa dos cristãos ou Israel-Palestina. Essas viagens, cuja primeira ocorreu no início do século XIX com um sergipano, o Padre Daltro, em 1853, seu sobrinho, Dr. João, muitos anos depois, cuja data não temos e, finalmente, a comitiva-caravana de D. Pedro II, com duzentas pessoas, em 1876, ganhou contornos capitalistas com os pacotes e montagem de grupos no final do século XX. No início do presente século XXI, que investigaremos, temos uma situação política e econômica, com viés religioso, já bem complexa.

O capítulo 5 está reservado para traçar a genealogia e os contornos da ideologia onde se apoia o edifício teológico do que estamos chamando evangélico brasileiro. Evangélico é a tipificação comum de um sujeito representante de fatia considerável da população nacional (22,2% em 2010 ou 42,3 milhões).[5] Como se verá, ele descende de uma longa tradição europeia que se funde ao longo dos anos, com raízes calvinistas do puritanismo inglês, do pietismo alemão e dos movimentos avivalistas norte-americanos. Mas não só, recebe contornos do pentecostalismo, movimento ocorrido entre as classes mais baixas da população dos Estados Unidos, movimento reproduzido no Brasil,

[5] IBGE, 2010. Disponível em <https://goo.gl/vYcfjw> e acessado em 26.02.2018.

encorpado ao longo do século XX e revestido, no final do mesmo século, com as expectativas sócio-econômicas que refletem a conjuntura nacional emergente do período (MARIANO, 2005, FRESTON, 1993). É esse evangélico o sujeito da pesquisa, personagem que interage no campo religioso de onde pronuncia suas convicções religiosas e interage com os campos políticos nacional e internacional.

O sexto e último capítulo apresenta os resultados mais relevantes da pesquisa em si. Começando por apresentar os nomes e circunstâncias dos primeiros brasileiros a irem a Palestina, ainda no século XIX (todos católicos), entra pelo século XX rumo aos evangélicos, cujo primeiro deles foi o Reverendo Erasmo Braga, no longínquo ano de 1928. Em seguida, resgata por meio de entrevistas com parentes, amigos e bibliografia, a história das primeiras viagens e pequenos grupos, que ainda reuniam apenas pastores que, em geral, seguiam para Congressos internacionais e, aproveitando a proximidade com a região, vaziam uma extensão para conhecerem a chamada Terra Santa. Essa parte do capítulo seguirá até os anos 2000, quando chegaremos ao início dos grupos durante o turismo de massa envolvendo evangélicos. O mais do capítulo tratará das dinâmicas e da profissionalização do serviço entre agências, guias e pastores que atraem ou servem como garotos-propaganda para a formação de grandes grupos de membros. Também entrevistamos representantes legais de órgãos oficiais do Estado de Israel e da Palestina e reunimos os dados tabulados de todas as 88 entrevistas com 68 entrevistados. Encerrando o capítulo, procuramos situar esse recorte previsto na pesquisa no cenário mais amplo do campo religioso evangélico, a fim de prover o vínculo entre o grupo visado na pesquisa e a história mais ampla, concluindo com o papel e a breve história das relações internacionais entre brasileiros, israelenses e palestinos em torno do próprio turismo.

Embora tenhamos dosado capítulo a capítulo com fragmentos da presente pesquisa, com a finalidade de tornar a presente leitura vinculada ao tema específico ao mesmo tempo que estimulante, e evitar correr o risco de reunir informações excessivas para o final, é para o capítulo 6 que reservamos a maior parte dos resultados da investigação. Nele estão os resumos dos brasileiros que deram início a essa longa tradição de viagens para IP, os primeiros grupos formados e suas motivações e avançamos até o tempo presente, quando se configuram os quadros do turismo de consumo. Além da formação da história dos turistas brasileiros que viajaram para IP no período, apresentamos os dados tabulados das entrevistas realizadas a fim de demonstrar o estado atual do campo

pesquisado e a que ponto chegamos com nossas hipóteses e o atingimento dos objetivos que foram propostos.

Justifica-se, desde já, a opção por esta pesquisa como desenvolvimento natural de nossa formação e experiência. Após a conclusão de uma pós-graduação em Novo Testamento, a entidade promotora do programa (Faculdade Betesda) criou parceria com uma operadora de turismo que levava grupos evangélicos e católicos para Israel e Palestina, via Europa ou Emirados Árabes. Como pesquisadores formados e professores fomos convidados a representar a operadora ao acompanhar grupos na qualidade de *tour leader*, facilitando a viagem e os *check ins* para os grupos e para o líder espiritual da caravana (geralmente um pastor), e apoiando os guias locais em cada país por onde passávamos.

O conhecimento prévio e o trânsito na comunidade pesquisada, é inegável, facilita a nossa percepção das nuanças das rotinas do grupo (evangélicos) e da atividade (turismo) pesquisada. A nossa formação em Teologia, o Mestrado em Ciências da Religião e o pertencimento ao grupo acrescentam a esse quadro uma dose crítica, mas além disso, ajudam a desviar de equívocos comuns que percebemos em tais e quais pesquisadores que se aproximam desse campo religioso. Quiçá consigamos superar a reclamação de Antônio Gouvêa Mendonça, um dos pioneiros na pesquisa do protestantismo, sobre as críticas a seu trânsito duplo, academia e igreja, quando dizia: “No meio protestante sou muito crítico para ser considerado um bom clérigo, e na academia dizem que sou pouco neutro em minhas pesquisas” (MENDONÇA, 2008, p. 13).

Acreditamos ser possível pesquisar e ao mesmo tempo criticar o campo independentemente do pertencimento a ele e com isenção sobretudo quando não há vínculo econômico com este campo, ainda havendo compromisso moral e/ou ideológico. Do contrário, deveríamos suspeitar que pesquisadores sem plano médico não criticariam o sistema de saúde, não criticariam a segurança pública porque dependem do policiamento civil e militar, não criticariam a previdência porque esperam aposentar-se um dia. O próprio compromisso moral e/ou ideológico impõe a investigação e o acompanhamento dos rumos tomados por um grupo social.

1 QUESTÕES TEÓRICAS E DE MÉTODO

A viagem é em geral considerada pela história natural como uma das etapas necessárias para a transformação da natureza em ciência. – Lorelai Kury

Após a introdução parcial ao tema da pesquisa e antes de avançarmos nas informações apuradas na pesquisa bibliográfica e nas entrevistas de campo, queremos indicar os aspectos técnicos gerais da pesquisa proposta. Neste capítulo, procuramos reunir as informações relativas aos aspectos teóricos, metodológicos e operacionais a fim de estabelecermos, desde já, as delimitações do tema, a perspectiva teórica e o que estamos investigando, seja em termos do objeto pesquisado, seja em termos cronológicos, sociais, entre outros, e as relações entre esses diferentes campos. Assim, sem pretender uma ordenação por relevância, vamos começar pelas considerações sobre as fontes.

1.1 Advertências e cuidados sobre o uso das fontes

Especialmente útil para a composição dos capítulos 3 e 4 da pesquisa, a literatura de viagem tem sido explorada como uma rica fonte historiográfica. Encontrada em escritos de estilos variados e produzida por viajantes levados por motivações as mais distintas, a literatura de viagem agrupa quadros realísticos, registros do cotidiano, estilos híbridos ou narrativas completamente ficcionais das sociedades visitadas e das relações com os visitantes. Consideramos natural o grande volume de relatos e livros sobre viagens para o Brasil (e consequentemente a pesquisa sobre tal material) pelo fato de o país ter sido um dos destinos preferidos dos viajantes europeus, especialmente no período oitocentista e a partir de então.

Para Amilcar Torrão Filho,[6] historiador que trabalhou com as relações de alteridade na cidade Luso-brasileira conforme descritas em textos dessa natureza, a literatura de viagem é imprescindível para a historiografia, pois constitui-se fonte vasta, e por vezes única, de informações históricas: "Atividades cotidianas, organização urbana ou vida íntima" (TORRÃO FILHO, 2010, p. 58) são frequentemente encontradas, tanto no trato da realidade dos séculos XVIII ao XX, quanto em relação a sociedade brasileira e de

[6] Pós-doutor em História na *Universitat Politècnica da Catalunya* e pela *Universitat de Barcelona*. É professor de História do Brasil, Teoria da História e História Moderna na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

outras partes e, assim, para as relações com o Oriente Médio, que ora investigamos. Tanto lá quanto cá, os autores de literatura de viagem registraram as rotinas comerciais, o trânsito da economia internacional e a exploração colonial, como indicou Karen Macknow Lisboa[7] (2011, p. 62). O relato analisado pela autora, de "Moritz Schanz, comerciante e viajante diletante", reúne o itinerário que se pretendia compor aos assuntos cotidianos dos brasileiros do Rio de Janeiro, em "uma combinação entre o relato clássico de viagem, em que o deslocamento físico através do espaço orienta a descrição, intercalados por momentos de reflexão e síntese, e um estudo de cunho por assim dizer sociológico" (LISBOA, 2011, p. 63). Desse modo, como se verá no próximo capítulo, o encontro de culturas e a produção do saber e da ciência se dão de maneira dinâmica onde influências recíprocas ocorrem num determinado *centro* ou *espaço*.

Pela ampla produção, tanto ao longo de séculos, quanto pelo volume produzido e a aceitação popular, os relatos de viagem estabeleceram um perfil específico de literatura. A partir de teóricos que pesquisou, Torrão Filho indicou a literatura de viagem como sendo um gênero literário já consolidado, com estilo e estrutura interna própria, o que lhe confere especificidades as quais o historiador deve captar a fim de extrair dessa literatura o material para compor a sua pesquisa (TORRÃO FILHO, 2010, p. 37-38) e recompor a história.

Se questionarmos sobre a marca principal da literatura de viagem, sobre o que é determinante na constituição do seu gênero, temos em Karen Lisboa a seguinte definição: "*grosso modo*, o deslocamento do autor pelo espaço físico, por tempo determinado, implicando um retorno ao 'seu' lugar de origem e a transformação do observado e do vivido em narrativa" (LISBOA, 2011, p. 82, ênfase no original). Mas ela faz a ressalva de que tal definição não esgota as possibilidades. De fato, houveram autores que se estabeleceram no destino e ali viveram o resto de suas vidas, como Stefan Zweig e sua esposa Lotte (suicidaram-se no Rio de Janeiro em 1942) e (Santa) Paula, depois de uma peregrinação que durou dois anos e após viver ca. 20 anos em Belém, na Palestina, morreu ali, aos 56 anos de idade, no ano 404 (v. cap. 3). Isabel Jasinski, organizadora da coletânea "Literaturas em trânsito, teorias peregrinas" (2015), incluiu neste segmento da literatura

> a literatura de exílio, em que pesem as discussões a respeito da legitimidade ou não do termo adotado, e as demais categorias de

[7] Professora no Programa de Pós-Graduação em História na Universidade de São Paulo. Tem ampla obra sobre autores alemães no Brasil durante o período oitocentista, especialmente Spix e Martius.

> experimentação do desterro, como as peregrinações, as migrações, os êxodos massivos, as diáspotas, suas derivações e implicações, levando em consideração os aspectos político, econômico, histórico, social ou religioso envolvidos no processo (JASINSKI, 2015, da Apresentação, s/n).

Ottmar Ette, catedrático de Letras Românicas na Universidade de Potsdam, Alemanha, fala da literatura como "poética do movimento" (ETTE, 2015, p. 280), argumentando que em seu ponto de vista

> não há acesso melhor e mais complexo à humanidade, à sociedade e à cultura que a literatura. Pois acumulou um saber de vida, da sobrevivência e da convivência nas mais diversas áreas geoculturais ao longo dos milênios [...] A literatura é, portanto, um saber em movimento cuja estrutura polilógica resulta de vital importância para o mundo do século XXI, cujo maior desafio deveria ser sem dúvida a convivência global na paz e na diferença (ETTE, 2015, p. 280-1).

Os espaços não surgem do olhar; a paisagem e sua descrição sim. Espaços surgem do movimento, independentemente se as descrições sejam locais ou globais (ETTE, 2015, p. 282), reproduzidos na literatura que terá nos leitores os seus intérpretes, intérpretes dos "movimentos hermenêuticos da compreensão por parte do público leitor" (ETTE, 2015, p. 287). "A análise do movimento a partir dos movimentos (na) da literatura exemplifica perfeitamente em que medida fundamental se formam espaços somente mediante movimentos, mediante *motions* e *emotions*" (ETTE, 2015, p. 287, ênfases no original).

Tomando o gancho de Karen Lisboa quando fala da "transformação do observado e do vivido em narrativa" (LISBOA, 2011, p. 82), essa tem sido a principal característica de "Tirando os sapatos – o caminho de Abraão, um caminho para o outro", do rabino liberal brasileiro e autor *best-seller*, Nilton Bonder. Bonder foi convidado Departamento de Mediação de Conflitos da Universidade de Harvard. Lá há uma iniciativa chamada de *Abraham Path Initiative*, ou "Projeto O Caminho de Abraão", que procura reunir líderes das três grandes religiões monoteístas para um turismo de aproximação e conhecimento, "um turismo de ordem espiritual, transformadora" (BONDER, 2008, p. 17). Em linhas gerais, o projeto visa aproximar tais líderes por um período de algumas semanas, a fim de fazê-los encontrar pontos em comum (o patriarca Abraão seria o primeiro ponto de contato), e então abrirem janelas de negociação e pacificação entre si.

Bonder, então, resgatando a tradição literária de relatos de viajantes, produziu essa obra juntando dados históricos e estatísticos das cidades por onde passou com o grupo,

incrementando com textos de ordem religiosa, especialmente da tradição judaica (uma vez que é rabino). As cidades estão na rota onde as tradições supõem que aquele patriarca fez a sua peregrinação há cerca de 4 mil anos num roteiro previsto com cerca de mil quilômetros, e incluem os pontos de partida em Ancara e Sanliurfa (Turquia), Nosocia (Chipre), seguidos de Alepo e Damasco (Síria), Amã (Jordânia), a Cisjordânia (Palestina), Jerusalém (Israel). O grupo foi formado por 23 pessoas, entre acadêmicos de Harvard, um editor francês católico, um paquistanês islâmico vencedor do Nobel pela Paz, especialistas em trilhas, uma geógrafa, entre outros (BONDER, 2008, p. 31-32).

A literatura de viagem apresenta-se, portanto, como gênero híbrido (TORRÃO FILHO, 2010, p. 50), posto que comporta influências, interferências e certo artesanato, i.e., a abertura à criatividade pessoal do autor, que permite renovar-se, fazer de outro modo, dadas as circunstâncias e as variáveis do tempo ou do espaço, ou da voz que a produz: o local de onde parte a sua composição. Entretanto, mesmo sendo uma literatura aberta a tal artesanato, nem sempre o autor consegue escapar ao que Torrão chamou "memória de biblioteca", que é refazer "o caminho de outros livros, nos passos dos viajantes e em sua escritura" (TORRÃO FILHO, 2010, p. 53), de modo que aquele que viaja repete, total ou parcialmente, um itinerário anterior, como fizeram os viajantes para a Espanha nos séculos XVIII e XIX, marcados que foram pela leitura de *Quixote*, de Cervantes (TORRÃO FILHO, 2010, p. 53). O mesmo estaria acontecendo hoje, e com maior intensidade, uma vez estabelecidos os roteiros turísticos e os pacotes de viagem rígidos devido às questões econômicas que os determinam e sem as quais não haveria turismo de massa.

Outro aspecto a ser observado ao garimpar a literatura de viagem é a atenção à qualidade da informação que ela traz. A literatura de viagem não constitui, *per se*, documento com total isenção: não é uma fotografia, "e nem uma fotografia é, necessariamente, objetiva", como observa Peter Demant (2017). Não raro, os viajantes foram considerados mentirosos ou falsificadores, lançando mão do artifício retórico da persuasão por terem estado onde outros não estiveram (TORRÃO FILHO, 2010, p. 45-6). Isso quando não compuseram seus relatos no conforto do lar, depois de decorrido algum tempo da viagem. Adams[8] chamou a esses de "viajantes de lareira" ou "viajantes de gabinete" (*apud* TORRÃO FILHO, 2010, p. 47). Além do gabinete, esta pesquisa

[8] Percy G. Adams. *Travelers and travel liars 1660-1800*. New ed. Nova York: Dover, 1980, p. 18.

identificou dois outros autores, não propriamente "viajantes", mas produtores de quatro obras peculiares.

Duas delas foram produzidas na prisão, que é o caso de John Bunyan (1628-1688). Bunyan foi um escritor e pregador inglês ligado a igreja oficial da Inglaterra, condenado por pregar para um grupo independente sem ter uma licença oficial da Igreja. No cárcere, ele imaginou uma alegoria que pudesse servir de orientação e inspiração a seus leitores. Alguns atribuem o destinatário da obra como sendo sua filha, a quem, segundo a crença, ele via diariamente passar quando olhava pelas grades da janela de sua cela. A orientação que Bunyan pretendia dar era sobre a jornada da vida de um cristão enfrentando os problemas que este mundo pudesse interpor ao seu progresso espiritual. Então, ele escreveu uma obra, *The Pilgrim's Progress* ("O Progresso do Peregrino"), cuja primeira parte foi lançada originalmente em 1678 e a segunda em 1684. Tem sido dito ser uma das obras mais traduzidas depois da Bíblia, por ser usada por missionários quando querem introduzir as ideias evangélicas entre um povo a ser evangelizado.[9]

O outro autor que escreveu sobre uma viagem sem que tivesse transitado além de seu próprio quarto, foi Xavier de Maistre em *Voyage autour de ma chambre* ("Viagem à volta do meu quarto") e *Expédition nocturne autour de ma chambre* ("Expedição noturna à volta do meu quarto") (DE MAISTRE, 2015, p. 7), publicados originalmente em Lausanne, em 1795 e 1825, respectivamente, por seu irmão Joseph. Xavier, de família aristocrática com uma carreira militar, estava em prisão domiciliar por ter-se metido em um duelo. Ele, então, desafiou a imaginação em uma viagem para dentro do próprio "eu", este vasto oceano que provê lugares para mais viagens que o próprio Marco Polo jamais faria. Ele começou dando as coordenadas do local:

> O meu quarto situa-se a quarenta e cinco graus de latitude, segundo as medições do padre Beccaria; está orientado no sentido nascente-poente; forma um paralelogramo com trinta e seis passos de perímetro rasando a parede muito de perto. A minha viagem, no entanto, terá maior extensão, visto que irei atravessá-lo amiúde de um lado ao outro, ou então na diagonal, sem seguir regra ou método. — Farei mesmo

[9] Esse aspecto da utilização de *O Peregrino* por missionários foi confirmado por Mendonça em sua tese, tendo observado porções do livro de John Bunyan incorporada a hinódia protestante do final do século XIX (MENDONÇA, 2018, p. 285 *passim*). No Brasil, a obra teve algumas edições, incluindo uma edição com 250 ilustrações (1995), uma edição de luxo da primeira parte (2012) e uma edição de luxo da segunda parte (1999), que foi publicada originalmente em 1684. Disponível em <http://www.mundocristao.com.br/autor/98/John-Bunyan> e acessada em 29.01.2018. Em 2005, a editora Fiel lançou uma edição com notas de estudo e ilustrações. Há também uma edição pela CPAD.

> ziguezagues e todas as linhas possíveis em geometria se houver necessidade. Não gosto das pessoas que são muito donas dos seus passos e das suas ideias e dizem: "Hoje vou fazer três visitas, escrever quatro cartas, acabar este trabalho que comecei." — A minha alma está generosamente aberta a toda a espécie de ideias, de gostos e de sentimentos; recebe com grande avidez tudo quanto se lhe apresente! (DE MAISTRE, 2015, p. 21)

Há um inventário do ambiente – uma cama, uma mesa, cadeiras, uma poltrona, um espelho, quadros e estampas, uma secretária com material de escrita, lareira, ou seja, "um levantamento topológico do país visitado" (DE MAISTRE, 2015, p. 7). Xavier aproveitou para escrever a defesa de sua acusação durante a viagem inexistente no plano físico, no entanto, que se revelou impressionante viagem de quarenta e dois dias pelo quarto ou pela consciência, ao seu próprio interior, como queira, uma reflexão profunda que posteriormente deu ocasião ao segundo volume, que como o próprio título indica, navegou pelos aspectos mais escuros e sombrios de si numa "expedição noturna". De texto leve, satírico, provocando a corte francesa, certamente, De Maistre orgulhou-se de ter feito uma viagem "independente da fortuna" (DE MAISTRE, 2015, p. 15) e por poder apresentar ao mundo, especialmente aos entediados, "aqueles que habitam quartos" (DE MAISTRE, 2015, p. 15), solitários e desafortunados "a nova maneira de viajar" (DE MAISTRE, 2015, p. 16).

Houve quem partiu do dado concreto e trabalhou com a imaginação de cenários, dando com isso no campo da ficção: François-René de Chateaubriand, Alphonse Lamartine ou Ítalo Calvino, que recriou a partir de Marco Polo, sem falar de Julio Verne e Edgar Allan Poe, com as viagens científicas influenciando a ficção ou "gênero de viagem científica" (TORRÃO FILHO, 2010, p. 47). A esse respeito, Karen Lisboa pontua a diversidade da forma como se apresenta tal literatura: "como diário de campo, cartas, relato, relatório científico, itinerário, relato de peregrinação; além de suas formas ficcionais, em prosa ou poesia ou mesmo as utopias e viagens imaginárias, por vezes apresentadas como reais" (LISBOA, 2011, p. 39).

Sobre a composição dessa literatura, Torrão Filho indica um tripé que suporta ou sobre o qual são compostas as narrativas de viagem. O tripé constitui-se da descrição, o conjunto de observações recebidas pelo autor, tal como absorveu do mundo e da natureza vividos ou experimentados, observações as quais servem de "suporte e evidência concreta" (TORRÃO FILHO, 2010, p. 43) a ser investigada pela interpretação. Por vezes, a descrição é feita para reafirmar/consolidar uma crença/superstição, como determinados

relatos do capítulo 3 deixam entrever; a essa situação chamou viajantes "viciados pelo preconceito" (Gilberto Freyre *apud* TORRÃO FILHO, 2010, p. 60). Nalguns casos, relatos posteriores ajudam elucidar pontos relativamente obscuros ou pouco explorados em narrativas anteriores. Quando construídos no decorrer do trajeto, constata-se casos em que são bastante verossímeis as indicações feitas por seus autores, ainda que não sejam oniscientes; a crítica é sempre possível e necessária.

Depois da descrição, Torrão Filho indica a fase da interpretação, que é a tradução das observações feitas pelos viajantes a partir dos pressupostos e hipóteses contidos nas "teorias previamente estabelecidas que orientam a viagem" (TORRÃO FILHO, 2010, p. 43). Essa orientação da viagem pode ser motivada por desejos de aventura, comercial, econômico, razões religiosas ou mesmo fuga do estado original, como se verá no caso de Paula no século IV (v. c. 3) e Henry Van Dyke (v. c. 4), no início do século XX. A tradução não reconstitui o mundo respeitando a sua diversidade, "mas procura codificá-la tornando-a inteligível, transformando o *outro* num *próximo*" (TORRÃO FILHO, 2010, p. 57; ênfase no original). No caso do trânsito entre europeus que foram à Palestina nos primeiros séculos das peregrinações para a região, chegou-se a reproduzir a arquitetura para o velho continente, a Europa, num acentuado esforço de aproximação dos lugares e das memórias, usando a terminologia de Pierre Nora,[10] ou como diz Torrão Filho, "transformando o outro num próximo", bem próximo.

Por fim, será necessária a transformação da viagem, que deixa de ser mero deslocamento para constituir etapa da apreensão do mundo com fins de desenvolvimento e progresso (TORRÃO FILHO, 2010, p. 43), leia-se colonização e ciência. Esse apontamento vale, especialmente, para o período e autores pesquisados por Torrão Filho. No caso da presente pesquisa, a transformação ou tradução procura ancorar a fé que vem de longe, de um ponto geográfico distante, que lhe dá um sentido mais profundo. Conforme Lísias Nogueira Negrão, que pesquisou o campo religioso afro e a múltipla pertença religiosa na cidade de São Paulo, dá a entender que as viagens (no caso dele, para a África), reforçam os vínculos nativos originais, legitima a força dos sacerdotes

[10] "Se habitássemos ainda nossa memória, não teríamos necessidade de lhe consagrar lugares. Não haveria lugares porque não haveria memória transportada pela história." Pierre Nora, diretor de estudos na *Ecole de Hautes Etudes en Sciences Sociales*, relaciona a *memória* à experiência vivida e à tradição transmitida das sociedades mais arcaicas, que sempre preservam e reconstroem o passado, ao passo que a *história*, própria das sociedades contemporâneas, é o que se faz do passado, condenando-se ao esquecimento. In: *Les lieux de mémoire.* I La Republique, Paris, Gallimard, 1984, p. XVIII- XLII [trad. Yara Aun Khoury, Depto. História, PUC-SP]. Editions Gallimard, 1984.

(paulistas) do candomblé (NEGRÃO, 2009, p. 27). Para os peregrinos do passado e turistas cristãos ora pesquisados, andar pelos lugares onde a tradição diz que profetas, apóstolos e Jesus andaram conferem, a eles um status diferenciado, uma legitimação por contato, aumentando o estofo narrativo.

Também são úteis as observações feitas por Luciana de Lima Martins (2001), em *O Rio de Janeiro dos Viajantes*, sobre o olhar do viajante ou "modos de ver" (MARTINS, 2001, p. 9). Esses olhares acontecem a partir das referências do local de origem, pelo que a tradução ou interpretação podem levar a erros. "Considerar 'inglês' como 'britânico' é erro" (MARTINS, 2001, p. 9). A pesquisadora considerou o modo como os viajantes representavam o Rio de Janeiro a partir do que ela chamou "fragmentos de memória", não uma "linha reta" (MARTINS, 2001, p. 11) ordenada e concatenada, em que o sentido é atribuído às representações a partir das sensações experimentadas, posteriormente considerados "produção do saber" (MARTINS, 2001, p. 11; v. no próximo cap. discussão a esse respeito). A isso também se chama "caráter heterotópico dos lugares onde a ação romanesca transcorre, ou seja, ênfase naquilo que diferencia (ou melhor, *discrimina*) certos lugares, naquilo que torna não trivial a sua condição" (BRANDÃO, 2015, p. 18; ênfase no original), considerando heterotopia como lugares e espaços que funcionam em condições não-hegemônicas.

Martins trabalhou com a iconografia produzida pelos viajantes britânicos entre 1800 e 1850, quais sejam "*sketch-books*, gravuras, quadros, cartas náuticas, fragmentos que, se olhados com a devida atenção, contam histórias não tão coerentes como as consagradas, não tão acabadas" (MARTINS, 2001, p. 12). O seu trabalho intervém no aspecto cognitivo do processo de produção daquelas imagens que narraram uma história do povo e do local, e preenche a "distância entre intenção e gesto, entre o pincel e a tela, as inúmeras negociações e mediações feitas pelos viajantes britânicos no encontro com a paisagem carioca [que] talvez tenham se perdido para sempre" (MARTINS, 2001, p. 12). Apenas para demonstrar o que Martins está ilustrando, um exemplo dado pela pesquisadora:

> Portanto, qual é a natureza desse olhar? Se o sítio do Rio de Janeiro constitui-se de montanha e mar, e a cidade, de pedra, tijolo e cal, o que transforma essa cena em *paisagem* é o observador, que emoldura a vista, que seleciona, ilumina ou sombreia os elementos que a compõem, conferindo-lhe sentido (MARTINS, 2001, p. 16; ênfase no original).

Esse observador que veio para o Rio de Janeiro produziu tais obras como se produzisse arte (não estamos falando de textos, mas de telas e desenhos), e como tal as vendeu, como ainda hoje é feito "nos leilões das grandes casas como Christie's e Sotheby's" (MARTINS, 2001, p. 10).

No sentido de compreender a "distância entre intenção e gesto", Martins fala de uma "geografia imaginativa em formação" em vez de "uma geografia estática do passado" (MARTINS, 2001, p. 12). Em outras palavras, pode-se repetir (e repetimos de fato) hoje os mesmos processos de atribuição de sentido e significado no encontro com aquilo que não conhecemos tão bem ou quando a alteridade (para citar Torrão) não é considerada.[11] Portanto, aquela paisagem do Rio de Janeiro, pretensamente natural, é na verdade uma paisagem de natureza cultural, entendendo cultura "como os processos cotidianos de atribuir sentido à situação humana" (MARTINS, 2001, p. 17), não estanque no passado, mas que pode ser requentada hoje, tornando óbvia a ambivalência da própria representação, que no caso desta pesquisa se dá pela literatura e sobre duas sociedades específicas: a israelense e a palestina.

Provavelmente a historiógrafa mais longeva a pesquisar literatura de viagens no Brasil, Miriam Lifchitz Moreira Leite (1926-2013) partiu do

> pressuposto de que o viajante, em sua qualidade de estrangeiro, como não fazia parte do grupo cultural visitado, tinha condições de perceber aspectos, incoerências e as contradições da vida cotidiana que o habitante, ao dá-la como natural e permanente, encontrava-se incapaz de perceber (MOREIRA LEITE, 1997, p. 9-10).

Moreira Leite difere, sem negar, da abordagem de Martins. Mesmo sem pertencer a uma elite estrangeira, o visitante percebe o habitante a partir do olhar do civilizado sobre "o povo atrasado" (MOREIRA LEITE, 1997, p. 10). Segundo a autora, até 1970 as fontes escritas eram tomadas como válidas sem qualquer análise crítica (MOREIRA LEITE, 1997, p. 9) e em sua pesquisa já foram aplicados critérios analíticos sistematizando "duas séries de dados: 1) sobre as mulheres que habitavam o Rio de Janeiro, ao longo do século XIX e 2) sobre os autores da literatura de viagem" (MOREIRA LEITE, 1997, p. 10-11).

Moreira Leite investigou as diferentes fontes dessa literatura a partir da "análise intertextual, para a qual foi elaborado um índice temático, construído a partir das diferentes leituras de cada exemplar" (MOREIRA LEITE, 1997, p. 13) das obras

[11] No cap. 2, sobre turismo e turista, poderemos aprofundar mais essa discussão e demonstrá-la melhor.

apresentadas em formatos diversos: “literatura para adultos e para crianças, como romance de aventuras, como literatura fantástica ou romance epistolar [...] reportagens jornalísticas e guias turísticos [...] produtos de encomenda do governo brasileiro, a fim de atrair a imigração europeia” (MOREIRA LEITE, 1997, p. 11). A partir disso, os textos sobre a mulher foram agrupados “de acordo com sua aproximação a três instituições sociais em que ela [a mulher da época] circulava – família, raça e classe e religião” (MOREIRA LEITE, 1997, p. 14). A sua pesquisa foi realizada sobre esses eixos.

Moreira Leite considerou suas fontes como primárias, uma vez que são “depoimentos a respeito de situações testemunhadas [que] preocupam-se em descrever minuciosamente algumas [dessas] situações” (MOREIRA LEITE, 1997, p. 15). Cientes da possibilidade de equívocos do olhar estrangeiro, alguns viajantes se deram o trabalho de cotejar “suas observações com informações de diversas outras fontes” (MOREIRA LEITE, 1997, p. 15). Também apareceram na análise de Moreira Leite dados biográficos dos autores e à medida que o século XIX avançava, e com ele o incremento das rotas de barco a vapor, a presença feminina entre os viajantes escritores aumentou proporcionalmente, o que fez surgir “uma dupla documentação sobre a condição feminina” (MOREIRA LEITE, 1997, p. 16) naquele período.

Moreira Leite chamou a atenção para dois aspectos a se observar e criticar na análise de literatura de viagem. Primeiro, o teor “educativo e pragmático” (MOREIRA LEITE, 1997, p. 21) que a produção dos viajantes cumpriu, ora instruindo os leitores de seus países de origem, ora atendendo (e instruindo) ao Governo brasileiro. Mas também serviu para criar estereótipos que a historiografia reproduziu, como

> a reclusão da mulher, a consideração da mulher de ‘condição’ como apenas a branca abastada, a brandura do trabalho escravo no Brasil, a escravidão como instituição civilizadora, a hospitalidade e a indolência do brasileiro, a imoralidade dos negros que depravava as crianças a seu cargo (MOREIRA LEITE, 1997, p. 22).

Segundo, chama a atenção para que dê o devido tratamento a esses textos como “representação”, que chama de “problema permanente para o historiador, cuja solução tem que passar por seus objetivos e seu rigor teórico e metodológico” (MOREIRA LEITE, 1997, p. 23). Ela destacou a crítica que Ilka Boaventura Leite fez em sua tese, de

1986, sobre o uso dos relatos de viagem[12] para a obtenção de dados sem aplicar-lhes o rigor devido, mas que ela mesma foi vítima, segundo Moreira Leite, da mesma armadilha (MOREIRA LEITE, 1997, p. 23).[13] A solução para o problema que repetidamente retorna ao historiador, insiste Moreira Leite, está em concentrar-se nos objetivos da sua pesquisa e no rigor teórico e metodológico. As perspectivas que a intertextualidade entre relatos de viagens e os estudos interdisciplinares abrem à solução desses problemas pareceu animadora a Moreira Leite, mas ela frisou que com frequência pontuaria esses mesmos problemas, e a despeito de parecer repetitivo ao leitor, seria fundamental para demonstrar o avanço pretendido sem incorrer nos erros anteriores que ora apontava (MOREIRA LEITE, 1997, p. 23-4). Na presente pesquisa, pudemos identificar os problemas apontados pela pesquisadora nos livros de viagem pesquisados e evitamos tomar os relatos como dados primários incontestes, ainda que o material do século XIX por ela pesquisado tivesse ou pretendesse alguma nuança de cientificidade, bem diferente do nosso. O resultado aparece na construção dos capítulos 3 e 4, onde apresentamos a história das peregrinações internacionais para Israel-Palestina (ou "Terra Santa") desde o século IV e, posteriormente, no capítulo final sobre os turistas de hoje.

Do mesmo modo, Stella Maris Scatena Franco[14] (2011) também declarou sua tentativa de "compreender quais foram as preocupações metodológicas que nortearam o uso dessas fontes [livros de viagens] e perceber os objetivos de alguns autores ao utilizá-las" bem como os "temas" e "pontos de vista explorados" (FRANCO, 2011, p. 62). Franco identificou a "apropriação dos textos [... deixados por viajantes...] de diversas formas" nas obras de Capistrano de Abreu e Sérgio Buarque de Holanda, além de Gilberto Freyre, que posteriormente serviram de base para citações sucessivas e paradigmáticas na historiografia hoje considerada "clássica" (FRANCO, 2011, p. 63,68).

> Ao escrever sobre os seus *Capítulos de história colonial* (1907), João Capistrano de Abreu afirmou que a ideia de realizar a obra nasceu justamente quando findara a leitura, dentre outros autores importantes, da viagem de Agassiz. Acabou fazendo uso efetivo dos textos dos

[12] A obra de Ilka Boaventura Leite, sua tese em antropologia, analisou como os viajantes estrangeiros do século XIX descreveram o negro escravo liberto em Minas Gerais.

[13] "Em 1996 apareceu uma tese sobre os viajantes entre 1808 e 1885 e a imagem que transmitiam do negro, em sua passagem por Minas Gerais. A parte em que analisa as viagens (16 viajantes e sua obra) é do maior interesse. Contudo, embora critique os trabalhos anteriores por terem utilizado as obras dos viajantes para a obtenção de dados, sem dar-lhes a condição devida de representação, termina por incorrer exatamente na mesma falha, com referência à imagem da escravidão, das condições de vida, produção e lazer do negro em Minas Gerais".

[14] Doutora em História pela Universidade de São Paulo, onde é professora no Programa de Pós-Graduação.

> viajantes na confecção de sua obra, sendo o último capítulo, dedicado ao século XIX, construído quase que inteiramente a partir de citações de excertos de relatos de europeus que visitaram o país naquele período. (FRANCO, 2011, p. 64)

Esse uso das narrativas sem um critério analítico e crítico, mencionado por Moreira Leite, que indicou que a partir da década de 1970 teve início uma aplicação metodológica mais rígida para averiguar, que Franco também destaca, e questiona até que ponto se fundiram as práticas sociais e as representações feitas sobre as mesmas (FRANCO, 2011, p. 63). Em inúmeros casos, o referencial do autor do relato foi a própria origem, por vezes civilizada e desenvolvida, o que deu ensejo a uma descrição do Brasil e suas regiões "pelas ausências, pela falta de civilização e progresso" (FRANCO, 2011, p. 67).

A análise de Franco primeiramente ampliou o olhar sobre esses "clássicos" da historiografia brasileira nas obras mencionadas, demonstrando aqui e ali onde e como a apropriação se deu e indicando outros pesquisadores que se ocuparam dos relatos de viagem como fonte documental com baixo ou nenhum rigor crítico ou sistemático. Na sequência, ela analisou os critérios e métodos da historiografia pós-1970, como Moreira Leite, considerada por Franco como quem fez o esforço inicial para criar parâmetros objetivos no estudo dessas fontes, que em anos recentes têm sido estudadas como objetos de pesquisa (não tanto como fonte de pesquisas. FRANCO, 2011, p. 72)

> Atualmente, fazem parte do universo de preocupações dos historiadores, estabelecendo-se como pontos de partida no trabalho com os relatos, questões tais como: a discussão sobre as intencionalidades evidenciadas nas entrelinhas do discurso dos viajantes, o lugar de enunciação – nacional, social e ideológico – do porta-voz daquele discurso ou os interesses particulares que mobilizaram suas representações (FRANCO, 2011, p. 71).

Assim, Franco seguiu analisando trabalhos mencionados aqui, entre outros, evidenciando como o objetivo de cada pesquisador também pode orientar o enfoque extraído dos documentos. Esse enfoque, como dito, varia entre as práticas e as representações delas feitas, isto é, o cotidiano e a sua narrativa. Franco conclui não haver ocorrido uma ruptura entre o que se pode extrair das análises dos cotidianos encontrados nos relatos e o que a análise discursiva pode acrescentar ou desconstruir:

> De qualquer maneira, a ênfase muito marcada na análise discursiva não obscureceu uma perspectiva de trabalho também preocupada com as

> circunstâncias materiais das viagens, suas condições estruturais e os aspectos do cotidianos (FRANCO, 2011, p. 86).

O ganho no uso de relatos de viagem como fonte documental se deu na implementação de um rigor teórico e metodológico, antes inexistente ou meramente subjetivo, confiado ao autor do relato de viagem, hoje exigido do pesquisador, pelo qual ele declara seus objetivos e indica a partir de quais critérios irá trabalhar.

1.2 O uso de relatos de viagens nesta pesquisa

Os capítulos 3 e 4 servirão como pano de fundo onde será possível demonstrar a longa história do movimento de peregrinação ou turismo (ver discussão sobre a tipologia no c. 2) para a região IP. Aqueles capítulos apresentam a pesquisa realizada na literatura de viagem (roteiros e itinerários, tais como foram chamados inicialmente), que são como relatos de bordo das pessoas, homens e mulheres, que empreenderam uma jornada até a chamada Terra Santa dos cristãos. Tais pessoas, como os capítulos demonstram, saíram de seus países de origem e habitação, a maioria na Europa (mas não exclusivamente) e empreenderam suas viagens por terra, por mar ou ambos.

Um bom número desses peregrinos fez registros escritos de suas experiências. Quando não, narraram suas experiências a assistentes ou alunos que, por sua vez, fizeram os registros. Exemplo disso está entre Admnam e Arculfo (séc. VII; v. c. 3). Outro exemplo é o *Itinerarium Hierosolymitanum*, que relata uma viagem entre os anos de 333 e 334. O texto chegou a nossos dias em quatro manuscritos, copiados entre os séculos VIII e X. A primeira versão impressa data do século XVI e a última versão é do século XIX (SARTIN, 2014).

Há cópias e porções de manuscritos (Ms) em árabe, persa, francês e grego, além de alguns em hebraico, que foram reunidos no século XIX num grande esforço de tradução. O material recebeu tratamento por especialistas à época, que fizeram introduções, anotações marginais e incluíram mapas, esboços artísticos, croquis etc. As obras compõem a coleção *The Library of the Palestine Pilgrims' Text Society*, que recebeu apoio do *London Committee of the Palestine Exploration Fund*. Portanto, para os c. 3 e 4

foram consultadas obras primárias para a composição de uma historiografia parcial[15] das peregrinações do período indicado na pesquisa.

Certamente não caberia dentro da proposta desses capítulos registrar tudo o que a própria coleção comporta, nem ao menos avançar muito além disso, dado o grande número de histórias que precisariam ser reunidas. Por exemplo, apenas no outono de 1064 houve o empreendimento no qual cerca de 7 mil alemães foram à Terra Santa (BENSINGER, 1971, p. 2); isso sem contar o período das Cruzadas. Mas o registro aqui apresentado dá noção da maneira como houve interesse, desenvolvimento local e mobilização estrangeira, além de informação para o estudo da história dos costumes, das relações sociais e das comunidades envolvidas nessa tradição das peregrinações.

Além dessas obras, foram consultadas pesquisas acadêmicas (livros e *papers*), quando precisamos esclarecer determinados pontos aparentemente obscuros que foram explorados e preenchidos por esses pesquisadores. Os trabalhos consultados foram produzidos no campo da história (na maioria), da arqueologia e da literatura. Essas fontes secundárias são publicações científicas feitas em diversas Universidades, como demonstrado a seguir.

Como dito na Introdução, realizei três viagens à região IP e conheci *in loco* a maioria dos locais mencionados: cidades, rio Jordão, mares (Tiberíades e Morto/Salgado), acidentes geográficos, montes e colinas e, especialmente, a arquitetura dos locais sagrados, igrejas, capelas, túmulos, Mesquita de Prata, o Domo da Rocha, o muro Ocidental ou das Lamentações, ruas (e.g., via Dolorosa, o Cardo) etc. O conhecimento que adquiri do local e das populações, palestina e israelense, contribui com o entendimento de parte da proposta da pesquisa, que é investigar como os Governos de ambos os povos podem ser servidos pelo turismo de brasileiros para a região, considerando a perspectiva política da questão aqui investigada.

[15] Por "parcial", entenda-se que o objetivo não foi relacionar toda a literatura produzida (o que seria desnecessário e pouco produtivo), mas a seleção de autores e trechos que levaram à composição de uma história, avançando por períodos, mudanças sociais, econômicas e políticas, e acrescentaram as particularidades e as peculiaridades de cada época e região sobre as quais escreveram.

1.3 Ambiente geográfico e cenário sócio-político

Desde 15 de maio de 1948, com o anúncio da fundação do Estado de Israel feito por Ben Gurion, intensificou-se uma já acirrada disputa regional e internacional por legitimação de direitos e fixação de dois povos na terra. Ambos se esforçaram mais do que nunca pela construção de narrativas para estabelecer e consolidar o direito à terra e legitimar a própria história, o que tem por objetivo retroativo confirmar o seu direito de permanência. Nessa trajetória de 70 anos (completados em 2018) assistimos a guerras e a dezenas, senão centenas de conflitos esporádicos, ataques pessoais, terrorismo e levantes populares, além de ações dos Governos.[16]

A realização de mais uma pesquisa tendo Israel-Palestina no cenário se dá para melhor compreender parte dos desdobramentos do conflito e construir uma narrativa historiográfica das relações existentes entre uma fatia do campo religioso brasileiro e o campo das relações e interesses políticos decorrentes do conflito IP ou, em outras palavras, a necessidade de israelenses e palestinos aproximarem apoiadores externos para as suas próprias necessidades políticas de legitimação nacional e internacional. Isso foi francamente admitido pelo Ministro do Turismo Yariv Levin: "O meio milhão de turistas que vieram a Israel neste ano [de 2017] são meio milhão de embaixadores a mais para Israel em todo o mundo e nossos representantes leais nas redes sociais, e isso também é um contributo decisivo para a imagem de Israel" (MINISTÉRIO, 2018).

A pergunta que move a pesquisa é: Como se dá a relação de interesses mútuos entre o turismo cristão brasileiro e a diplomacia da Terra Santa? Essa pergunta pode ser formulada de outro modo, na perspectiva que este trabalho adota. Turistas cristãos brasileiros interessam-se pelo que se passa na Terra Santa em função da herança religiosa que o judaísmo legou ao cristianismo. O interesse por conhecer os lugares onde Jesus passou, segundo a tradição, move, inicialmente, o turismo na região. Israelenses e palestinos têm nos turistas cristãos uma fonte de recursos. A receita com o turismo em Israel[17] em 2017 foi de US$ 5,744 bi, com o record de 3,6 milhões de turistas

---

[16] A discussão sobre essas tensões, aspectos do terrorismo ("de baixo" ou pobre e "do alto" ou de Estado) foram discutidos na minha dissertação e publicado em PAGANELLI, Magno. *O Corão, a violência e a Interpretação do Hamas*. Curitiba: Editora Prismas, 2017. Mais detalhes da história de ambos os povos na região também foram contemplados na publicação.

[17] O turismo está entre os principais elementos que compõem o PIB de Israel, mas as informações são desencontradas. No site do Ministério do Turismo diz que gira em torno de 154 bilhões de dólares (51º lugar no mundo), acessado em 26.09.2015 e disponível em

(MINISTÉRIO, 2018). Além do capital econômico em jogo, há um capital político que ambos os governos disputam e trabalham duro para arrecadar em seu próprio benefício.

O Embaixador da Palestina, sr. Ibrahim Mohamed Khalil Alzeben, disse em entrevista a mim (21.02.2018) admitir que o turismo é "nervo vital" na economia palestina, mas mais do que criar infraestrutura, eles estão interessados em criar "uma atmosfera" para receber bem os turistas e poder mostrar outros aspectos da vida local, religioso, político e cultural, já que considera que "o turismo é nossa história". Também disse que é pelo turismo que podem mostrar o lado do sofrimento do povo.

Já o Governo de Israel faz investimentos a fim de influenciar parcelas da opinião pública internacional e esse investimento passa, e.g., no caso de Israel, pelo trabalho do seu Ministério do Turismo, que abriu um escritório no Brasil em 2011, para aproximar e estimular as comunidades cristãs no país a visitarem Israel. Com alguma frequência, têm sido feitas reuniões com lideranças cristãs a fim de capacitar e equipar formadores de opinião entre seus quadros, para que esses liderem novas caravanas de fiéis à Terra Santa.

Tive a oportunidade de participar de uma dessas reuniões com líderes cristãos,[18] formadores de opinião entre a comunidade evangélica, em São Paulo, em 2014, em plena Guerra dos 50 Dias de Israel contra o Hamas, de Gaza. A reunião convocada por aquele escritório do Turismo prometia a presença do Ministro do Turismo de Israel, dr. Uzi Landau (o que não aconteceu), mas o discurso do seu representante procurou tranquilizar os líderes presentes, insistindo que Israel era um lugar seguro, mesmo depois de semanas de guerra. Os líderes religiosos presentes não deveriam desanimar os fiéis que tinham viagem marcada. Entendi que a ocorrência da Guerra contra o Hamas serviu para uma aproximação com o grupo cristão, que deveria se estender para além da preocupação com a segurança necessária: estreitar laços e firmar uma aliança. Naquele mesmo ano de 2014, o primeiro ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, começou a gravar e publicar anualmente mensagens de Boas Festas por ocasião do Natal aos cristãos do mundo todo.[19]

<http://www.goisrael.com.br/Tourism_Bra/Discover%20Israel/Paginas/State%20of%20Israel.aspx>. No e-mail que recebi do próprio Ministério, três anos depois, fala em $ 20 bi de shekels, o que convertido em dólares dá US% 5,744 bi.

[18] Ocorrida nas dependências da sede da Igreja Batista Alemã, no bairro da Liberdade, na capital paulista. A escolha do local se deu por uma questão de localização, segundo um dos organizadores, e pelo fato de líderes da igreja local se mostrarem interessados na formação de grupos de turistas para irem a Israel.

[19] Em **2014**: < https://www.youtube.com/watch?v=xh80vhMG6MM>; em **2015**: <https://www.youtube.com/watch?v=zYvX5dTP2jQ>; em **2016**: <https://www.youtube.com/watch?v=7oIQXIZbxg0>. Não consta registro de vídeo em 2013 e antes.

Diante disso, a nossa hipótese ancora-se em indícios a serem apresentados, de que o turismo de brasileiros cristãos para Israel e para a Palestina (como também de outras partes do globo) é sobremodo importante para ambos os países frente à opinião pública internacional, em face do conflito e suas demandas colaterais. Há um grande capital político em jogo, que pode ser auferido nessa relação bilateral em que numa mão está o interesse turístico-religioso e na outra as vantagens político-econômicas.

Figura 1. Convite para a Reuniao entre Ministério do Turismo de Israel e lideranças evangçelicas na Igreja Batista Alemã em São Paulo.

Devemos esperar que os palestinos não fiquem passivos a situação, porque há possibilidade de ganhos políticos e econômicos. Palestinos têm locais sagrados em seus territórios, locais que apelam a judeus, muçulmanos e cristãos. Levar um turista cristão para a Cisjordânia pode sensibilizá-lo, como afirmou o Embaixador, e isso conta. A Autoridade Palestina se fez representar no Brasil por um escritório aberto em Brasília, em 1993, com *status* de Embaixada. O trabalho do escritório não é tão específico quanto o escritório israelense, mas tal condição não está excluída. Em 2004 o Brasil abriu em Ramallah, na Cisjordânia, o seu Escritório de Representação. Após o reconhecimento brasileiro do Estado da Palestina, em dezembro de 2010, a Delegação Palestina no Brasil passou a denominar-se Embaixada da Palestina.[20]

[20] O Brasil estabeleceu relações com a Palestina ainda em 1975, autorizando a então Organização para a Libertação da Palestina (OLP) designar um representante em Brasília. Disponível em <http://www.itamaraty.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5629:estado-da-palestina&catid=155&lang=pt-BR&Itemid=478> e acessado em 13.10.2017.

No lado palestino, vale apontar o trabalho do *Ecumenical Accompaniment Programme in Palestine and Israel* (EAPPI, https://www.eappi.org/en), um programa implantado pelo Concílio Mundial de Igrejas (CMI), que responde ao apelo de líderes cristãos em Jerusalém, levando formadores de opinião de todo o mundo à Cisjordânia para que conheçam a situação da população local. Desde 2002, mais de 1.500 voluntários, durante um período de três meses, percorrem assentamentos e locais afetados pelo conflito, acompanhados de voluntários do programa. O objetivo é que as pessoas que visitam territórios palestinos pelo programa retornem a seus países de origem e se tornem agentes em favor da causa palestina, engajando-se em ações de mobilização (como o BDS[21]) ou influenciando a opinião pública e a formação de um senso crítico mais apurado sobre o conflito.

Diante disto, a pesquisa apresentará informações oficiais de ambos os Governos, por suas representações no Brasil, e procurou, por meio de entrevistas, situar eixos que elucidem a nossa hipótese e nos levem à elaboração de uma narrativa historiográfica sobre os esforços realizados e a convergência de suas ações políticas visando atrair turistas brasileiros. Dado o período da pesquisa, previsto para cerca de quatro anos, o comportamento pré e pós viagens da comunidade religiosa[22] trará à tona os objetivos propostos, uma vez que é possível avaliar o comportamento e/ou percepções que os turistas têm a respeito do conflito e que resultados a propaganda e ações da diplomacia de cada país produzem num determinado espaço de tempo.

O sentido orientador da pesquisa, portanto, é compreender o interesse e o incremento, em anos recentes, do turismo de brasileiros para Israel, a terra bíblica dita "da Promessa", por um lado, e o serviço, implicações sociais e "capital de poder", no dizer de Bourdieu (2001), que esse movimento turístico tem para israelenses e palestinos, qual seja: a convergência do interesse cultural e religioso cristão com as demandas das agendas políticas de israelenses e palestinos. Desse modo, a pesquisa inicia no campo religioso, passa pelo turismo, pela política externa e avança para investigar as relações de poder entre Israel e Palestina no campo político.

Sendo o Brasil a nação com extensa população cristã, herdeira da tradição judaica, carece investigar como o referido turismo e o apoio dos cristãos brasileiros podem servir

[21] BDS, Boicote Desinvestimento e Sanções, movimento internacional de apoio aos palestinos, contra empresas que tenham qualquer ligação econômica com os assentamentos israelenses.

[22] Na parte sobre a Metodologia são explicadas as dinâmicas das viagens.

de ferramenta na afirmação de Israel como legítimo herdeiro da terra – e como isso pode ser usado para amainar ânimos dos vizinhos árabes contrários a manutenção de Israel na região como um Estado para uma maioria judaica[23] (MORRIS, 2014; SHLAIM, 2004) – ou como instrumento de afirmação para os palestinos como o povo oprimido e cerceado em seus direitos e interesses e que necessita de apoiadores e porta-vozes na comunidade internacional que falem em seu benefício (SAID, 2012).[24]

No sentido contrário, investigamos como a aproximação dos brasileiros, via turismo, contribui com a formação da sua própria opinião e/ou engajamento sobre o conflito e como isso influi no discurso religioso e na posição política dos mesmos, após a viagem (ou as viagens, haja vista que alguns retornam nos anos seguintes).

1.4 O quadro histórico-social

A relevância e pertinência da pesquisa para a História Social se nota na demonstração das causas do aquecimento e especificidade de tal turismo a partir de condições conjunturais determinadas historicamente (como a evolução do setor, as facilidades no financiamento, o aumento da população evangélica no país), num movimento ou mecânica que Certeau (1982, p. 57) chamou de "o fazer e o dizer" – o fazer da *práxis* da sociedade com o dizer do procedimento historiográfico. O turismo religioso para a Terra Santa é majoritariamente de cristãos (54%, 21,7% judeus e outras religiões ou não afiliados. MINISTÉRIO, 2018) e se observa como fenômeno recente[25] porque recebeu a influência de eventos históricos desde o século XIX.

A relação e aproximação entre cristãos e judeus não aconteceu como combustão espontânea na virada para o século XXI. Ela decorreu de fatos sociais historicamente conhecidos e aparentemente sem conexão com a questão. Um deles foi a Guerra Civil (1861−1865) norte-americana, que provocou uma fissura no edifício teológico cristão,

---

[23] Veja, e.g., a Lei de Nacionalidade, proposta que procura definir o caráter do Estado por meio de legislação de estilo constitucional que não garante os direitos humanos de todos os cidadãos do país, entre eles o direito à igualdade, o direito à língua, à cultura e aos direitos das minorias. O projeto de lei proposto consagra a segregação racial na habitação e mina os direitos de um quinto dos cidadãos do país à sua língua, cultura e identidade. Disponível em <https://foreignpolicy.com/2018/07/16/israels-knesset-is-debating-democracy-itself/> e acessado em 16.07.2018.

[24] "Uma das características de um diminuto povo não europeu é não ser pródigo em documentos, histórias, autobiografias, crônicas e afins. Isso se aplica aos palestinos e justifica a falta de um texto abalizado e maior sobre a história palestina" (SAID, 2012, p. L1).

[25] Recente se considerarmos como turismo, não como peregrinação. Veja discussão no cap. 2.

como veremos no c. 5. Havia um consenso entre uma parcela da comunidade cristã: que as condições dadas social e economicamente, além do expansionismo dos Estados Unidos, colonizando povos e levando adiante a fé protestante, reuniam os elementos favoráveis e previstos dentro de um quadro de referência teológico. Mas o resultado não foi o esperado, pois a Guerra fez surgir um cenário imprevisto. Um dos resultados dessa imprevisão foi a reconsideração do papel dos judeus no dogma protestante: a reunião de judeus e a restauração de Israel seria indicativo da aproximação do fim da era da Igreja e a volta de Cristo. A reunião dos judeus na Palestina e o surgimento do Estado de Israel em 1948 apenas sedimentou as suspeitas desses teólogos, majoritariamente norte-americanos. Como no Brasil se consome a teologia dos Estados Unidos, reproduziu-se aqui a mesma expectativa de lá.

Temos, então, dois fatos no mesmo espaço: a ocorrência da Guerra Civil e a frustração das convicções teológicas que os cristãos nutriam. Após pontuar o que é fato histórico, tomando emprestado de Marx[26] a metáfora do que constitui o viver, i. é., a somatória de "beber, comer, morar, vestir-se e ainda algumas outras coisas" (CERTEAU, 1982, p. 24), Certeau distinguiu entre "fato religioso" e "fato de doutrina", este decorrente de uma "teologia [tomada] como uma ideologia religiosa que funciona num conjunto mais vasto e supostamente explicativo" (CERTEAU, 1982, p. 31), que seria (ou onde se situaria) o primeiro. O próprio Certeau mencionou a Reforma Protestante e suas múltiplas causas: espirituais, sociais, econômicas, religiosas e muitas outras. Podemos tomá-la como ponto de partida provisório.

Desde a Reforma no século 16, os protestantes reconsideraram as doutrinas herdadas, começando pelas mais prementes diante do embate com a tradição católico romana. A ala protestante da igreja deixou para mais tarde as revisões doutrinárias sobre temas menos cruciais para a sua causa (a Reforma), como a escatologia. "Já no século XVII, a crença começa a se dissociar da prática – fenômeno que não cessou de se acentuar desde então. Para se contarem e para marcar rupturas, os reformistas desconfiavam das doutrinas e insistiam nos atos sociais" (CERTEAU, 1982, p. 37). No início do movimento (século XVI) as três principais tradições protestantes, luterana, calvinista e anglicana, puderam, em alguma medida, encontrar apoio político. Em outras palavras, essa suposta aceitação ou admissão que os poderes terrenos (as monarquias) demonstraram à causa

[26] K. Marx e F. Engels, *L'Idéologie allemande,* éd. Sociales, 1968, p. 57, e K. Marx, *Die Friihschriften,* ed. S. Landshut, Stuttgart, A. Kroner, 1853, p. 354. *Apud* Certeau, 1982.

protestante favoreceu a vinculação de uma reflexão teológica mais aberta à leitura dos fatos cotidianos, em oposição ao modelo anterior que privilegiava a tradição. Católicos pareciam olhar para dentro enquanto protestantes olhavam para fora da igreja.

Os reformistas mantiveram a opção escatológica do amilenismo[27] (LOPES, 2013, p. 4), i.é., de interpretação dos eventos nos quais acreditavam encontrar ocasião no fim dos tempos. Havia clima favorável aos protestantes, como reformas sociais e políticas posteriores, certamente como resultado das propostas feitas por Lutero, Calvino e outros, em cujos escritos foi dada ênfase à separação dos poderes político e religioso na Europa. O indivíduo foi valorizado, reflexo e confluência entre a Reforma e o Iluminismo.

Na esteira desse movimento, nos Estados Unidos, as esperanças que os cristãos depositavam na abordagem teológica pós-milenista da história tiveram sua razão de ser entre os séculos XVIII e XIX. E os motivos eram o intenso progresso da nação e o amplo desenvolvimento intelectual, cultural e o expansionismo, além de um novo avivamento espiritual ocorrido em 1858, que sacudiu a nação (LOPES, 2013, p. 46).[28] As convicções teológicas dos pós-milenistas vigoraram com entusiasmo, até que a abordagem pré-milenista encontrou um espaço para minar a segurança dos pós-milenistas. A Guerra Civil colocou em cheque as expectativas de que a pregação do Evangelho seria aceita facilmente mundo afora (LOPES, 2013, p. 46). Remeto essa situação ao exemplo usado por Certeau (1982, p. 33) para demonstrar o significado histórico de uma doutrina no conjunto do tempo. Tomando emprestado o exemplo de Lucien Goldmann, diz:

> Goldmann lê na doutrina jansenista o resultado e o signo da situação econômica na qual se encontra uma categoria social: perdendo seu poder, os magistrados se voltam para o céu da predestinação e do Deus

[27] O livro do Apocalipse fala de um período de mil anos (milênio), que parte dos intérpretes admite literalmente (mil anos), parte interpreta metaforicamente (como apenas um longo período) enquanto outros negam que existirá um período assim. Na doutrina da escatologia bíblica (que investiga os assuntos do fim dos tempos), as três principais correntes de interpretação do significado desse período de mil anos são: o pré-milenismo, o pós-milenismo e o amilenismo. Em linhas gerais os pré-milenistas acreditam que Jesus voltará antes dos mil anos; os pós-milenisras colocam a volta de Jesus depois desse período e os amilenistas (agostinianos), corrente predominante no catolicismo romano e entre os primeiros reformadores, negam que o milênio (mil anos) deva ter uma interpretação literal. O amilenismo, portanto, nega a existência de um milênio literal.

[28] Entre 1857 e 1858 houve o chamado Grande Avivamento ou o Avivamento dos Empresários. Ele começou com reuniões de oração na Igreja North Dutch, em Nova Iorque, em 1857 e se estendeu por toda a comunidade cristã. Charles Finney foi um dos principais nomes deste movimento. Os chamados "grupos de oração" se espalharam por milhares de cidades e municípios, resultando na conversão de pelo menos um milhão de pessoas. Somente entre janeiro e abril de 1858, cem mil pessoas se tornaram cristãs nestas reuniões de oração. Cf. J. Edwin Orr, *The Event of the Century.* Wheaton: International Awakening Press, 1989, p. 52-56.

> escondido, e revelam, assim, a nova conjuntura política que lhes fecha o futuro; aqui a espiritualidade, sintoma daquilo, que não diz, remete à análise de uma mutação econômica e a uma sociologia do fracasso. (CERTEAU, 1982, p. 34)

Noutras palavras, não havendo explicações favoráveis na terra, volta-se para o céu.[29]

A esse tempo ganhava espaço entre os cristãos da Europa a abordagem teológica da história humana dividida em sete longos períodos ou dispensações (MENZIES, 2012, p. 68). Ao admitir a possibilidade de conciliação entre fé e ciência, Cyrus I. Scofield (1843-1921) elaborou a abordagem teológica da história chamada Dispensacionalismo,[30] na qual a história bíblica foi dividida em sete períodos (ou dispensações) que, segundo ele, são "revelações progressivas e associadas dos procedimentos de Deus para com o homem, às vezes relacionados com toda a raça e, em outras, a um povo em particular, *Israel*" (SCOFIELD, 1983, p. 3-4, ênfase acrescentada). O dispensacionalismo resgatou o interesse pelo destino dos judeus, até então ignorados na escatologia cristã, e assim deu ocasião ao pré-milenarismo dispensacionalista (LOPES, 2013, p. 47), que é a crença de que Jesus voltará a esta terra antes do milênio e antes de um período de tribulação intensa (com guerras e convulsões internacionais), em que a reunião dos judeus na Terra Prometida seria um dos sinais indicativos e mais alarmantes.

Segundo Scofield, as sete dispensações ou períodos são: inocência, consciência ou responsabilidade moral, governo humano, promessa, lei, Igreja e, por fim, o Reino [milenial] (SCOFIELD, 1983, p. 3-4). Os dispensacionalistas creem que durante as sete dispensações Deus prova o seu povo mediante a obediência a alguma revelação. Também creem que Israel ressurgiria depois de ter sido rechaçado por séculos, inclusive no dito antissemitismo observado nos escritos de Lutero (LUTHER, 1543, mencionado por ALTMANN, 1993).[31] Esse sistema de interpretação dos fatos a partir da posição pré-

---

[29] O jansenismo é o nome dado a doutrina católica dos seguidores de Cornelius Otto Jansenius (1585-1638), teólogo holandês, também bispo de Yprés. A doutrina foi espalhada entre os franceses e os belgas e dizia respeito a crença de que Deus predetermina rigorosamente a todos, uns para a salvação e outros para a danação eterna, cabendo ao homem obedecer e cumprir a essa determinação. Vem daí Goldmann e Certeau lerem no fatalismo e acomodação social dos jansenitas o resultado direto de uma crença espiritual ou teológica.

[30] O dispensacionalismo surgiu com os estudos de Edward Irving (ministro da Igreja da Escócia) e foi seguido por John Nelson Darby (1800-1882), dos irmãos de Plymouth. Posteriormente C. I. Scofield, que popularizou o conceito por meio da sua Bíblia Anotada, J. Dwight Pentecost e Dwight L. Moody, todos foram da escola dispensacionalista (LOPES, 2013, p. 47).

[31] Sugiro ainda Martin Luther, *Dos judeus e suas mentiras*. Porto Alegre: Revisão Editora, 1993. A partir do texto original de 1543, foi feita esta seleção demonstrando a decepção e a rejeição de Lutero em relação aos judeus de seu tempo.

milenista, somado à fundação do Estado de Israel e as subsequentes vitórias contra árabes e palestinos, especialmente a Guerra de 1967, tem estimulado cristãos a se tornarem apoiadores intransigentes de Israel e fomentado a criação de organizações transnacionais com a finalidade de apoiar humanitária e economicamente Israel e os judeus pelo mundo.

Entre essas organizações destacam-se o *American Institute of Holy Land Studies* (também conhecido como *Jerusalem University College*), fundado em 1957 por George Douglas Young,[32] cuja sede situada na linha entre Jerusalém leste e oeste (HUMMEL, 2015, p. 37)[33] era simbolicamente significativa do papel da instituição, e a *International Christian Embassy Jerusalem* (ICEJ),[34] fundada em 1980, com a alegada finalidade de representar "milhões de cristãos, igrejas e denominações à nação e ao povo de Israel"[35] (sobre a ICEJ, v. SPEAKMAN, 2010). Há no Brasil entidades similares, como a Missão Brasileira Messiânica[36] ou Amigos de Sião,[37] fundada há cinquenta anos pelo pastor Thomas L. Gilmer, Obra Missionária Chamada da Meia-Noite, fundada em 1964, ramificação da *Missionswerk Mitternachtsruf*, fundada por Wim Malgo, em 1955 na Alemanha.

O Instituto de G. Douglas Young, aparentemente criado para ser uma frente cristã na Terra Santa, atuava na fomentação e aproximação de apoiadores para Israel[38] a ponto

---

[32] Entre outros nomes em sua geração e antes dele, Young destacou-se por seu ativismo pragmático. Ele reclamou a necessidade não somente de crer no papel que Israel desempenha no plano da profecia bíblica, mas conclamou cristãos a envolverem-se no apoio físico e material para o concreto estabelecimento de Israel na Palestina (HUMMEL, 2015, p. 38-9).

[33] O historiador Daniel Gordon Hummel é professor na University of Wisconsin-Madison. Tem *post-doc* na *Harvard Kennedy School* e pesquisa o papel da religião no ativismo político e os caminhos de atores não-políticos na determinação das relações internacionais. É autor de *A Covenant of the Mind: American Evangelicals, Israel, and the Construction of a Special Relationship*. University of Pennsylvania Press.

[34] Home page: <https://int.icej.org/>. Outras entidades cristãs de apoio a Israel e arrecadação de fundos para obras assistenciais, ampliação de assentamentos, acolhimento de idosos, entre outros fins, são: *Bridges for Peace* (fundada por Douglas Young em 1976), *International Christian Embassy Jerusalem*, *Christian Friends of Israel*, *Christian Friends of Israeli Communities*, *Samaritan's Purse* e *Eagles' Wing*. Os números não são precisos, mas com base em informações esparsas, estima-se que as associações cristãs internacionais enviem anualmente para Israel entre US$ 175 e 200 mi, enquanto as entidades formadas por judeus o fazem na ordem de US$ 3 bi anuais. In Judy Maltz, "Evangelical Aid Was Once Taboo in Israel. Now It's on the Rise. Why?", *Haaretz*, 16 de agosto de 2016. Disponível em <https://www.haaretz.com/israel-news/.premium-1.736790> e acessado em 17.10.2017.

[35] Disponível em <https://int.icej.org/about-us> e acessado em 14.10.2017.

[36] Home page: <http://www.mbmbr.org/>.

[37] O nome oficial é Associação Internacional de Missões aos Israelitas (AIMI).

[38] Young, um PhD em Hebraico e Aprendizagem Cognoscente, compreendia ser dever dos cristãos ajudarem Israel a estabelecer-se como Estado na Palestina, mais do que evangelizar os judeus para que se tornassem cristãos, pois fazendo assim atenderiam conjuntamente as expectativas messiânicas de ambas as comunidades (HUMMEL, 2015, p. 46).

de chamar a atenção do Ministério dos Assuntos Religiosos (*Ministry of Religious Affairs*). Ainda em 1972, Yonah Malachy, em palestra para um grupo de acadêmicos norte-americanos, disse lamentar que após a longa história protestante, de interesse em Israel, não tenha havido cristãos aliados de seu país e "que o Instituto Americano de Estudos Holyland [*sic*], um corpo de cristãos evangélicos, deveria ser o primeiro grupo a tentar estabelecer um verdadeiro entendimento entre judeus e cristãos" (HUMMEL, 2015, p. 39; trad. nossa).[39] Essas palavras reforçam o empenho realizado no ano anterior para reunir apoiadores de variados matizes ideológicos e religiosos dentro da comunidade cristã internacional a engajarem-se no apoio político militante em favor de Israel.

Refiro-me ao *The Jerusalem Conference on Biblical Prophecy*, realizado de 15 a 18 de junho de 1971 (HUMMEL, 2015). Envolveu cônsules dos Estados Unidos, membros do Ministério das Relações Estrangeiras e o Ministério do Turismo de Israel, Graylor Briley, um comerciante evangélico e promotor de turismo norte americano e cerca de mil e quinhentos teólogos dos cinco continentes, de variadas orientações teológicas, desde o anglicano John Stott (capelão da Rainha Elizabeth) a Tom Skinner, um negro norte-americano que havia sido membro de uma *gang* e se tornara evangelista de rua. No espectro mais amplo, nomes como John F. Walvoord, presidente do *Dallas Theological Seminary*, Charles Feinberg, presidente do *Talbot Theological Seminary*, representando a tradição academicamente inclinada ao dispensacionalismo, "que reverenciou Israel, mas evitou os programas políticos em grande parte"; a Conferência também reuniu teólogos reformados conservadores, como Edmund Clowney, presidente do *Westminster Theological Seminary* e Herman Ridderbos, estudioso holandês do Novo Testamento, reformado (ambos da ala amilenista), R. J. Zwi Werblowsky, professor de religiões comparadas da *Hebrew University* e o conselheiro "não-oficial" do Ministério das Relações Exteriores de Israel. Ben Gurion, ex-Primeiro Ministro de Israel, fez o discurso na noite de abertura dos trabalhos (HUMMEL, 2015, p. 62-63,65).

---

[39] The opinion of Yonah Malachy, an official in the Ministry of Religious Affairs, was indicative of Young's status. Speaking in 1972 to a group of American academics, Malachy lamented the long history of liberal protestant interest in Israel that had seemingly failed te produce Christian allies. "It is therefore strange," he continued, "that tHe American Institute of Holyland *[sic]* Studies, a body of Evangelical Christians, should be the first group to try to establish a true understanding between Jews and Christians". Demant (2017) corrige a informação de Hummel de que Yonah Malachy não era propriamente um Ministro, mas um autor, enviado aos Estados Unidos pelo Ministério de Assuntos Religiosos israelense, para avaliar uma potencial aliança entre Israel e os cristãos fundamentalistas.

Yaron Perry (2004a) traçou as raízes do apoio evangélico aos judeus a meados do séc. XIX e antes disso, quando protestantes alemães foram para a Palestina iniciar assentamentos agrícolas pensando com isso apressar a vinda do messias. Em um artigo seu (PERRY, 2004b, p. 51), vemos como foram estreitados os laços entre a missionária norte americana Clorinda Minor, que era colona assentada nas proximidades de Jafa, e o rabino local, Judah Halevi, no inverno de 1853. Fica claro o papel da expectativa milenarista ou no Advento do messias, tanto entre protestantes quanto judeus, no arrendamento e ocupação da terra. Na lápide de Clorinda, morta em 1855, foi escrito: "Sra. C.S. Minor da Filadélfia, EUA, missionária industrial para os judeus. Morreu em 6 de novembro de 1855 com idade entre quarenta e seis anos. Ela fez o que podia"[40] (PERRY, 2004, p. 55, nossa tradução).

Perry (2004, p. 53) conta sobre a missão adventista no verão de 1854. Do mesmo modo, Helmut Glenk demonstra modelo similar de assentamento agrícola, na região de Sarona (hoje arredores da cidade de Tel Aviv). Sarona, à época nos arredores de Jafa, foi uma colônia desenvolvida por pequenos grupos germânicos de Wuerttemberg durante os anos 1880, e proveu, ao menos ambrionariamente, o embrião agrícola do empreendimento sionista que se seguiria àquele período. Perry também trabalhou com a história da missão ou contribuição dos britânicos (*London Society for Promoting Christianity Amongst the Jews*) em empreitadas da mesma natureza, assentamentos agrícolas nas primeiras ocupações da Palestina, a partir da década de 1820, portanto, anteriores aos germânicos.[41]

Essas instituições mencionadas flertam ou são francamente sionistas, dando origem ao que tem sido chamado sionismo cristão ou sionismo evangélico (preferimos o último), que são grupos cuja teologia parte de uma leitura das profecias bíblicas em favor de Israel e interpreta toda e qualquer conquista do país, no campo militar, territorial ou econômico como cumprimento dessas profecias. Nesse sentido, o estabelecimento do Estado de Israel em 1948 teria sido o maior sinal dado por Deus e as guerras (1948, 1956, 1967, 1973) seriam vitórias de Deus dadas ao seu povo.

Retornando ao pensamento vigente nos Estados Unidos no séc. XIX, a mudança de percurso nos rumos sociais daquele país, em geral, e da teologia norte americana em particular, favoreceu o interesse pela "questão judaica" e a Igreja (especificamente os

---

[40] "Mrs. C.S. Minor from Philadelphia U.S.A. Industrial Missionary to the Jews. Died Nov. 6 1855 aged forty-six years. She hath done what she could."

[41] Yaron Perry, *British Mission to the Jews in Nineteenth-century Palestine*.

cristãos evangélicos) passou a olhar Israel como o "relógio de Deus", expressão recorrente na literatura específica, na contagem de tempo para o fim da história. Como os cristãos brasileiros absorvem o que a Igreja norte-americana produz (literatura, eventos, música etc.), isso refletiu em nosso país, como é observado no crescente interesse pela história judaica, sua mística e a ritualística que possam ser aproveitadas na prática religiosa cristã de determinados grupos nacionais.[42]

Assim, pensamos ter fixado o ponto histórico original para o desenvolvimento do movimento observado em nossos dias, de modo que quando retormarmos a questão do modo como está nos dias atuais (c. 6) já tenhamos o pano de fundo histórico bem definido.

1.5 Aporte historiográfico: justificativa

Em termos da escrita da história (CERTEAU, 1982) que realizamos, o período a ser coberto pela pesquisa (indicarei adiante), terá seu lugar na historiografia mais ampla, tomando como indício (CERTEAU, 1982, p. 33, em "O tratamento da ideologia religiosa em história") a recente (e crescente) inclinação do edifício teológico pela questão judaica, como indicado no ponto anterior, engrossando o caldo ideológico já formado pelo conflito IP, que em linhas gerais é o nosso objeto. "[...] o objeto, são as condições nas quais tal ou qual *sociedade* deu a si mesma um sentido através de um trabalho que é também ele, determinado" (CERTEAU, 1982, p. 53, ênfase no original). Em outras palavras, a aproximação [do apoio] dos cristãos nas relações entre Israel e Palestina, no modo como tem se observado hoje, é um ingrediente relativamente novo, que em parte reflete um sentimento derivado do "silêncio" da Igreja na questão do Holocausto.[43]

No Brasil, outros fatores se somaram para resultar no quadro ora pesquisado. No final do século XX e início do século XXI, a estabilidade do dólar e o aquecimento da

---

[42] E.g., é cada vez mais notável a presença de *stands* de vendas de produtos com temática judaica (livros, CDs, DVDs, vestuário, óleos, instrumentos musicais como *shofar*, enfeites de mesa, bandeiras etc.) nos eventos cristãos como *Expo Cristã*, *Feira Literária Internacional Cristã*, *Expo Music Cristã* e em 2016 foi anunciada (mas não foi realizada) o lançamento da *Feira Expo Israel* <https://guiame.com.br/gospel/agenda-gospel/expo-israel-ira-reunir-cristaos-e-judeus-em-sao-paulo-em-2016.html>.

[43] Hummel inclui esse aspecto do Holocausto entre as razões para o movimento sionista evangélico (HUMMEL, 2015, p. 46). O pastor Caio Fabio, em nossa entrevista, mencionou a mesma questão como ingrediente para a nova mentalidade entre os evangélicos.

economia brasileira com as facilidades de crédito incrementaram o turismo,[44] concomitante o crescimento e a maior exposição pública das igrejas cristãs e o florescimento de grupos como os carismáticos entre os católicos e os neopentecostais entre os evangélicos, aumentaram a mobilidade de brasileiros que descobriram a Terra Santa como destino turístico, cultural, religioso e comercial desejável. Um entrevistado, dono de operadora de turismo que opera há mais de trinta nos, informou que em 1995 ele conseguiu o primeiro financiamento no ABN AMRO para facilitar a viagem para grupos com menor poder aquisitivo. Já Caio Fabio d'Araújo Filho[45] disse em entrevista que não é só a conjuntura econômica favorável que move cristãos brasileiros para Israel, mas a "esquizofrenia" e a tendência ao "obscurantismo" dos religiosos em geral, mas também:

> [...] nas igrejas históricas. O cara é professor de Antropologia na Universidade, e na igreja, na escola dominical, ele defende o criacionismo em sete dias. E essa dicotomia, essa esquizofrenia, se dá mais no ambiente religioso, que de um lado é mais culto, porém, obscurantista no dogmatismo.

A racionalidade, portanto, fica restrita ao espaço público, enquanto na esfera privada, quando as coisas não andam bem, a mágica e a mística são a tábua de salvação.

Com rotas que passam por países da Europa, Etiópia ou por Dubai, no Oriente Médio, Israel se tornou um destino atrativo para turistas e peregrinos e lucrativo para as operadoras e agências de turismo. O mesmo pode ser dito pelos anfitriões palestinos. Configura-se, com isso, o espaço ou o lugar da história (CERTEAU, 1982, p. 31), espaço associado a um saber, que pode ser religioso ou ideológico, como diz Michel de Certeau. "O lugar determina o significado do significante" (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2012b).

Quando explica o modelo sociológico no fazer historiográfico, Certeau (1982, p. 35-37) indica que a crença, como a ideologia (cada uma a seu tempo), torna-se o fato objetivo da pesquisa nas mãos do historiador. A isso ele chama de "uma organização histórica da consciência cristã" (CERTEAU, 1982, p. 35) ou história religiosa. A "diversidade de Estados europeus" pós cristandade exigiu um conhecimento que

---

[44] A variação da receita gerada pelo turismo no Brasil entre os anos de 2000 e 2014 foi de US$ 1,8 bi para US$ 6,8 bi. Fonte: Organização Mundial do Turismo - OMT.

[45] Caio Fabio d'Araújo Filho é psicanalista e ex-pastor presbiteriano. Foi o mais destacado líder evangélico entre as décadas de 1980 e 1990 no Brasil. Orador influente e persuasivo, foi diretor da Associação Evangélica Brasileira (AEVB) e da VINDE, que compreendia uma obra social, a Fábrica de Esperança, que atendia 15 mil adolescentes por mês, e uma editora. Foi envolvido no escândalo do Dossiê Cayman, mas nada ficou provado contra ele. Hoje dedica-se a palestras e lidera o movimento chamado "Caminho da Graça".

distinguisse os diferentes “grupos” ou “países”, que já não podiam mais ser identificados ou conhecidos pela mesma crença − ou ideologia, no período subsequente. Surge, assim, em pesquisas recentes, “a geografia de grupos ocultos, a partir dos traços e dos pontos de ressurgência das ideias religiosas” (CERTEAU, 1982, p. 36), como característico da obra de Certeau, como destacado por Costa e Barreto: “Certeau entende o sujeito como modelador do espaço; ele está a todo instante ressignificando-o” (COSTA, 2009, p. 4).

Esse ressignificar é notado na dinâmica que ocorre na teologia, que num momento nada sabe sobre os judeus e Israel (como na primeira metade do século XIX), e no momento seguinte faz deles o seu objeto de especulação e interesse. Mas tal dinâmica não teria sido possível sem aqueles fatos históricos, como a Reforma na Europa, a Guerra Civil na América do Norte, o turismo de massa no Brasil e a superstição dos grupos evangélicos, especialmente os neopentecostais, como veremos adiante. Não estamos lidando com um fato isolado, antes, isolando um fato para entendê-lo melhor ou, no dizer de Certeau, delimitando o espaço da história.

Embora Certeau registrasse certa dificuldade em lidar com uma ideologia do ponto de vista historiográfico (usando ideologia como equivalente laico à crença), separando-a dos personagens, do elitismo e da ideologia do historiador, ele faz a ressalva de que “as ideias” podem ser identificadas a personagens, grupos e espaços e, portanto, mapeadas e explicadas em função de uma convergência ou justaposição (CERTEAU, 1982, p. 40).

> Enquanto *objeto* de estudo, ela parece eliminada – ou sempre malograda – pelos métodos atuais de pesquisa. Por outro lado, ressurgiu como *o pressuposto* dos “modelos” que caracterizam um tipo de explicação; está implícita em cada sistema de interpretação, pelas pertinências que ele retém, pelos procedimentos que lhe são adequados, pelas dificuldades técnicas encontradas e pelos resultados obtidos. (CERTEAU, 1982, p. 40, ênfases no original)

Certeau (1982, p. 43) adverte contra o preconceito no trato com um fato religioso, seja ele social (vivido) ou fato teológico (ideologia), que serve para revelar a própria situação que certos autores procuram relegar. “Alguns silêncios permanecem hoje como vestígios desse passado recente” de preconceitos. O momento em que Certeau (1982, p. 44) escreveu essas coisas era de redescobrimento do cristianismo francês e este como objeto da pesquisa científica. Entendemos que o interesse da Academia pelas questões religiosas tem a ver com o quadro de referência religioso do Brasil de hoje (v. inúmeros trabalhos sobre o neopentecostalismo, o Islã e outros). Dada a nossa formação em teologia

cristã, estamos certos de poder lidar melhor com as nuanças entre o grupo observado, procurando traduzir sua visão de mundo para a linguagem das Ciências Sociais, de modo que o resultado historiográfico contribua para novas análises do mesmo fenômeno.

Portanto, da produção do discurso na perspectiva historiográfica (VIDAL, 2014), a pesquisa identifica o seu próprio espaço e indica os procedimentos de análise, como o define Certeau (1982, p. 66), o que a diferencia de outras abordagens a partir das suas hipóteses, espaços e procedimentos distintos, produzindo um discurso diverso, procurando transformar as variadas peças numa narrativa coesa e linear, transportando-a da região da cultura para a história (CERTEAU, 1982, p. 79). Assim, o próximo quadro na constituição da pesquisa será a delimitação do tema.

1.6 Aporte historiográfico: delimitação do tema e corte cronológico

Possivelmente, em função de sua história e trajetória religiosa, bem como da formação em história e o trânsito pela psicanálise (Certeau que estudou com J. Lacan), valorizou elementos como o corpo e a voz do outro. Assim, discursar sobre o tempo que passou, tanto ou mais que sobre os corpos de personagens que já não vivem, é apresentar e sepultar o "morto" (CERTEAU, 1982, p. 14). Esse "morto" está marcado pelo que lhe ocorreu no passado e é preciso falar dele e, com isso, sepultá-lo, para abrir espaço para os vivos, para dar a oportunidade ao tempo presente (CERTEAU, 1982, p. 107). Dito de outro modo, fazer ou contar a história, falar do passado ("morto") é uma atividade que os "vivos" realizam a partir das suas interpretações e leituras do passado.

Delimitar espaço e tempo é o que chama de "trabalho de diferenciação", que ocorre "(entre acontecimentos, entre períodos, entre dados ou entre séries, etc.), [e] é, em história, a condição de todo relacionamento dos elementos distintos e, portanto, de sua compreensão" (CERTEAU, 1982, p. 47).

"O limite se encontra no cerne da ciência histórica" (CERTEAU, 1982, p. 53; ênfase no original), porque se pretende um quadro onde o trabalho historiográfico deverá fazer surgir o seu resultado. Para Certeau, o lugar que o historiador dá ao limite em sua obra de pesquisa é o que o diferencia do trabalho nas Ciências Exatas, para quem o possível é a chancela (CERTEAU, 1982, p. 53). A isso, chama acontecimento. Mas o limite não é tudo; ele evoca os conteúdos, aos quais chama fato. Há uma relação entre o acontecimento, mais amplo, e o fato, o detalhe. "O acontecimento é aquele que *recorta*,

para que haja inteligibilidade; o fato histórico é aquele que *preenche* para que haja enunciados de sentido. [...] Em suma, o primeiro articula, e o segundo soletra" (CERTEAU, 1982, p. 103, ênfases no original).

Se no passado houve peregrinações, Cruzadas ou expedições, hoje há o turismo religioso para o mesmo destino que tomamos como parte do espaço delimitado da pesquisa. Se nas Cruzadas, e.g., procuravam recuperar as terras bíblicas para a cristandade peregrina, expulsando os muçulmanos e apropriando-se dos territórios para a Igreja e seus apoiadores, o moderno turismo sinaliza um fenômeno análogo, ou acontecimento, para ater-me a tipologia de Certeau. Os turistas cristãos de hoje não estão revestidos de couraças, lanças e escudos, na mistura de interesses religiosos e políticos como no passado "morto". Hoje, os símbolos judaicos, como a menorás, chofares e talits,[46] formam uma nova tipologia de um sincretismo com plástica religiosa acentuada, que certamente interessa a política internacional de Israel e da Palestina, como tenho indicado.

Para Certeau (1982, p. 15), a historiografia precisa nomear o passado e abandoná-lo, diferenciar-se do passado criando o seu limite, porque o passado já não mais pode ser, i. é., "tornou impensável para que uma identidade nova se tornasse pensável". Assim, tomamos como acontecimentos pertencentes ao passado as primeiras peregrinações, jornadas ou itinerários (os termos são definidos no c. 2), para dar lugar ao novo acontecimento que nos interessa, o turismo contemporâneo, já investido de novos elementos, próprios de seu tempo, que são os elementos econômicos e políticos, tão ou mais presentes do que o elemento religioso. Esses elementos também foram contemplados pelo historiador francês – e que deverão ser objetos de interpretação – quando afirma que o limite também deve levar em conta determinada proposição interpretativa "pensável" como decorrência de procedimentos adequados: "Uma nova determinação do 'pensável' supõe, por detrás de si mesma, situações econômicas e socioculturais que a tornaram possível. Toda produção de sentido reconhece um evento que aconteceu e que a permitiu" (CERTEAU, 1982, p. 54; foi corrigida a gramática).

[46] A *menorá* ou candelabro é uma peça que tem sete braços (alguns modelos trazem até nove), usados para apoiar velas para iluminação; o *chofar* é um instrumento de sopro feito com chifre de carneiro, que foi usado para convocações militares e celebrações, e hoje é usado por alguns grupos cristãos em suas reuniões, uma apropriação cultural, certamente; o *talit* é um tipo de xale que os judeus utilizam nos momentos de oração e também tem sido utilizado por líderes cristãos como símbolo de cobertura ou autoridade espiritual sobre seus fiéis.

Assim, estabelecemos desde já a diferenciação entre os acontecimentos do passado e o presente nas diferentes motivações que levaram cristãos no passado remoto, no passado recente e no presente, ao mesmo lugar, a Terra Santa. Embora tenhamos sujeitos de um grupo identificável e um espaço delimitado, não temos as mesmas conjunturas sócio-políticas de outrora.

Desde o início do século XX, os pastores evangélicos começaram a se organizar e com o tempo a empreender viagens para o Oriente Médio, o que a partir das décadas de 1990-2000 se tornaria um verdadeiro mercado, estendendo-se também aos grupos formados por católicos. Vale lembrar, analogamente, o forte impulso que o turismo de católico recebeu com a realização do show "Roberto Carlos Emociona Jerusalém", para mais de seis mil pessoas, em 6 de setembro de 2011, que movimentou US$ 30 mi e foi transmitido para 115 países com audiência de 100 milhões de pessoas.[47] Somente para a apresentação, mil e quinhentos turistas saíram do país, além das equipes técnicas.

> Ele [o acontecimento] não explica, permite uma inteligibilidade. É o postulado e o ponto de partida – mas também o ponto cego – da compreensão. "Deve ter acontecido alguma coisa", *aí*, mediante o que é possível construir séries de fatos, ou transitar de uma regularidade para outra. (CERTEAU, 1982, p. 103, ênfase no original)

A relevância do acontecimento, para Certeau, é, também (e talvez principalmente), servir de indício, de indicativo de que há algo ali, no acontecido, que precise ser investigado a fim de capturarmos ou compreendermos como os fatos históricos se deram e quais os desdobramentos disso.

Embora a pesquisa esteja situada em um cenário de acontecimentos históricos mais amplo como demonstrado, a limitação cronológica imediata (o acontecimento) que nos interessa é o que ocorreu a partir do ano 2000, em função do incremento do turismo, com recorte metodológico específico para as caravanas realizadas entre 2011 e 2013. Neste ano, fiz minha primeira viagem aos territórios de Israel e Palestina, como desdobramento de uma especialização acadêmica no campo da Teologia, viagem que foi seguida de outra em 2012 e a terceira no ano em que iniciei a pesquisa de Mestrado,[48] em 2013. Após recuperar os contatos com integrantes dos três grupos com os quais viajei, realizei

[47] Disponível em <encurtador.com.br/grxG6> e acessado em 26.09.2015.
[48] Pesquisa arrolada na Bibliografia.

entrevistas qualitativas com uma amostra daqueles turistas,[49] procurando construir uma narrativa sobre as percepções e impressões que guardam sobre israelenses e palestinos e, possivelmente, sobre o conflito. Com isso, por meio de dados primários coletados em entrevistas, elaboramos uma narrativa das viagens e de todo o aparato de saberes que brotam dessa experiência.

Também importa saber de que modo o brasileiro que admite as raízes de sua fé judaico-cristã lê e interpreta os acontecimentos ocorridos naquele espaço, entre ambos os povos. Mas essa informação, uma vez conseguida, não nos constitui uma história em si. Para Certeau, um acontecimento apenas torna "pensável uma razão da história" (CERTEAU, 1982, p. 103), pelo encadeamento de "fatos" que preenchem o acontecimento: "e graças ao sistema que estabelece previamente, a título de um lugar adquirido, uma autoridade capaz de 'compreender' a relação entre uma organização de sentido ("fatos") e o seu limite ("o acontecimento")" (CERTEAU, 1982, p. 103). Deverá haver uma interpretação dos fatos – não somente os dados fornecidos pelos turistas, como as situações sociais, econômicas e políticas de que falei há pouco – para que saibamos como o turista, exposto às informações de uma viagem (e tudo o que em torno dela gravita), forma opinião pessoal, política e religiosa. Isso se dá pelas lentes da religião ou com aferição política? Ou ambos? Ou se usa outro critério? O posicionamento do turista brasileiro frente ao conflito é importante (e como?) para encaminhar ou influenciar/contribuir com uma solução ao conflito em si? Essas são perguntas que podem ser feitas.

Atrair cristãos pelo mundo, e o brasileiro em especial, interessa a Israel e a Palestina como espécie de reserva de mercado internacional. É útil para o reforço positivo da imagem política de Estado e isso se dá por intermédio do capital simbólico (BOURDIEU, 2011). Este capital simbólico está contido na narrativa religiosa que ambos os países têm (ou fazem) de herdeiros legítimos e históricos da terra. Numa ação recente, "o governo israelense iniciou uma campanha para cultivar jornalistas influentes que servem esta comunidade [cristã]", custeando pensão completa para cerca de 140 repórteres, jornalistas e editores, "que representam aproximadamente 70 meios de comunicação" cristãos em

[49] O perfil dos três grupos coincide com os propostos na pesquisa. A minha participação nas referidas viagens foi como *tour leader* para os grupos, como indicado na Introdução. As três viagens contemplaram passagens por Egito (duas ocasiões), Jordânia (duas ocasiões) e Dubai (uma ocasião), além de Holanda e França (uma ocasião de um dia em cada país).

todo o mundo, para a *Christian Media Summit* (Cúpula de Mídias Cristãs), entre os dias 15 e 18 de outubro de 2017 e foi realizada na cidade de Jerusalém (MALTZ, 2017).[50]

Do lado palestino, o mesmo turismo lhes interessa por motivos adjacentes, e também por via da narrativa religiosa, uma vez que há sítios cristãos em suas terras, mas fundamentalmente pela necessidade de atrair apoiadores que sirvam de porta-vozes da situação de estrangulamento econômico e perdas territoriais constantes. Exemplo disso é o acadêmico sueco Ulf Carmesund, que a partir da opinião formada durante os meses de pesquisa de doutoramento em Israel (pela *Uppsala University*),[51] tornou-se ativista em favor da causa palestina, tendo embarcado em Chipre no comboio "Ship to Gaza", em 2010, no incidente que foi amplamente conhecido, em que a embarcação *Mav Marmara* foi tomada por militares israelenses.

Ainda em favor dos palestinos, já mencionamos o *Ecumenical Accompaniment Programme in Palestine and Israel* (EAPPI),[52] mas há outros, como o *Alternative Tourism Study-Group Centre (*ATSG*)*, ONG criada em 1995 sobre o lema do "turismo justo",[53] e o *Kairos Palestine*, um movimento cristão palestino recém-criado, a partir da publicação conjunta com o ATSG, do *Kairos Document*,[54] e convocam turistas usando o *slogan* "come and see" (venha e veja).

Há cerca de uma década, Collins-Kreiner (*et.al.*, 2006) pesquisou o movimento das peregrinações de cristãos dos Estados Unidos (e posteriormente acrescentou grupos de outras partes) para Israel e o risco envolvido nessas jornadas, diante das tensões de movimentos como a Intifada, a partir de setembro de 2000.[55] Dez anos após a segunda Intifada, Porter Speakman Jr. lançou um documentário, *With God on our side – documentar* (2010), sobre a influência da política de ampliação de assentamentos de Israel

---

[50] Home page disponível em <http://www.christianmediasummit.co.il/> e acessado em 22.12.2017.

[51] Pesquisa posteriormente publicada como *Refugees or Returnees, European Jews, Palestinian Arabs and the Swedish Theological Institute in Jerusalem around 1948*. Sweden: Edita Västra Aros, Västerås, 2010.

[52] Home page: <https://www.eappi.org/en>.

[53] Home page: <http://www.atg.ps> e acessado em 23.10.2017.

[54] Disponível em <encurtador.com.br/gANO7> e acessado em 23.10.2017.

[55] A pesquisa foi inicialmente feita com dez grupos católicos e posteriormente expandiram aos grupos protestantes dos EUA, Europa e América Latina, entre os anos de 1999-2000, e procurou responder perguntas sobre as motivações que levam a escolher Israel, com seus custos elevados, risco de atentados terroristas etc., enquanto outras pessoas optaram por viajar ao Caribe. Com a ocorrência da Segunda Intifada em setembro de 2000, foi preciso mudar os planos da pesquisa e a pergunta passou a ser: "Quem são os bravos peregrinos, os 'campeões sobre a Intifada que permaneceram leais às suas convicções religiosas e ousaram fazer a sagrada jornada a Terra Santa durante a grande revolta política e militar?" e "O que acontece a indústria do turismo de um país que a hospeda quando ocorre uma crise na segurança?" (COLLINS-KREINER, 2006, p. xiii-xiv).

sobre os mesmos roteiros de turistas norte-americanos na Terra Santa e como os guias israelenses desestimulavam os turistas a visitarem sítios na Palestina em detrimento dos interesses palestinos (minha resenha em PAGANELLI, 2014).

Nas três ocasiões em que estive em Israel (2011, 2012 e 2013), acompanhando grupos cristãos formados por brasileiros, essa tentativa de evitar roteiros na Palestina não ocorreu por parte de nenhum agente ou guia local; ao contrário, um dos guias israelenses escondeu-se nos fundos do ônibus e entrou em Jericó e em Belém, enquanto os outros dois guias evitaram, temendo serem pegos e, assim, perderem suas licenças como guias. Mesmo entre esses dois, um deles declarou ter amizade com palestinos que também trabalhavam como guias. No entanto, durante as entrevistas que realizamos, uma entrevistada disse: "Os guias influenciam [negativamente] a gente em relação aos palestinos". Essa pode ter sido a situação percebida no documentário de Speakman.

O documentário de Porter Speakman Jr. focalizou a questão da narrativa religiosa se sobrepondo ao plano político (e consequentemente econômico) sob a perspectiva do referido boicote dos turistas cristãos norte-americanos ao encontro com palestinos em seus territórios − um BDS às avessas − e o privilégio dado a itinerários que contemplem sítios dentro das terras israelenses em detrimento aos itinerários por terras palestinas.[56] Mesmo no Brasil é possível observar como diferem os itinerários entre grupos evangélicos e católicos (v. **Tabela 1**) e como isso é um desdobramento da teologia de cada grupo. Já aqui se evidencia um "fato" dentro do "acontecimento", ao que Certeau chama "erosão", mas a erosão, "esta intervenção de um elemento heterogêneo não instaura um outro recorte conceitual" (CERTEAU, 1982, p. 105). Em outras palavras, essa inclinação ou diferenciação de um grupo minoritário no todo não justifica o entendimento de que se trate de outro grupo.

Pessoas de fé monoteísta (cristãos, muçulmanos e judeus) atendem ao apelo para ir a Israel; Abraão é considerado o pai desses monoteísmos. Embora a pesquisa contemple uma história das peregrinações desde o Século IV, a nossa atenção se volta para a efervescência do turismo religioso recente, com destaque para os primeiros brasileiros que foram a Israel-Palestina como viajantes movidos pela religião, bem como os primeiros grupos formados por cristãos brasileiros, mesmo esse novel turismo entre pastores evangélicos.

---

[56] PAGANELLI. *Release do filme With God on our side – documentary*. Boletim Eletrônico Malala, n. 3, vol. 1, dez/2014, p. 129-136. disponível em <encurtador.com.br/stzL0> e acessado em 22.12.2017.

Até aqui temos formado um quadro com "unidades históricas" que podem ser nomeadas (CERTEAU, 1982, p. 103): temos um acontecimento delimitado no tempo (viagens para IP com motivação religiosa) e o indício de fatos que o compõem (o crescente turismo recente e o interesse dos governos e grupos ativistas), temos um recorte cronológico específico (viagens a partir do ano 2000), temos elementos que interferem e preparam esse quadro (economia, política, religião, o sentimento da necessidade de reparação pela inércia no Holocausto) que tornam o acontecimento "pensável", temos o espaço onde o acontecimento se dá (entre Brasil e IP) e as vozes que falarão pelos fatos (cristãos brasileiros).

Passemos à identificação do objeto.

1.7 Identificação do objeto

Em termos mais amplos, há outro grupo que procura aquele destino. A comunidade judaica brasileira também visita Israel por meio de programas que promovem o fortalecimento da cultura e dos laços com Israel e também a *aliá*, o retorno de judeus para estabelecerem residência no país. O *Taglit Brasil*[57] (ou *Taglit Birthright Israel*) e o *Mesa Israel Journey*[58] levam anualmente jovens judeus de todo o mundo, com o apoio de doações voluntárias (de fundos judaicos e de apoiadores não-judeus) e do Governo israelense, a fim de apresentar Israel como uma opção para se estabelecerem e criarem/aproveitarem novas oportunidades (como o *Taglit*) ou para avançarem estudos e pesquisas (*Mesa*). Somente do Brasil, mais de 6500 jovens visitaram Israel desde dezembro de 1999 (mais de 340.00 pelo mundo), quando o programa foi criado, o que dá a média de 250 jovens por ano somente neste programa.

O terceiro grupo de turistas para Israel está entre os muçulmanos. Após o Acordo de Paz Israel-Jordânia, em 1994, seguindo o estabelecimento da Autoridade Palestina, surgiu o novo turista com destino a Israel: o peregrino muçulmano não-árabe (WEINDENFELD, 2008, p. 359). E entre os islâmicos que residem no Brasil, a terra de Israel também tem seu apelo, uma vez que Jerusalém abriga a terceira mesquita mais sagrada para o Islã, a mesquita de *Al-Aqsa*, num local chamado Esplanada das Mesquitas,

[57] Home page: <http://www.birthrightisrael.com/sites/BR/go/documents/br.html>.
[58] Home page: <http://www.masaisrael.org/pt-br>.

na cidade velha de Jerusalém, onde também se encontra o Domo da Rocha, a cúpula dourada.[59]

A ida de turistas muçulmanos a Israel tem crescido nos últimos anos. “Pelo menos 10.000 turistas de países muçulmanos entraram em Israel apenas nos dois primeiros meses deste ano [2015]” (MOFTAH, 2015), de acordo com um relatório no jornal israelense *Haaretz*. Para indonésios e malaios, países com grande população de muçulmanos, ir à Jerusalém como lugar sagrado do Islã é parte da obrigação religiosa de visitar três cidades sagradas da religião.[60]

O tráfego dos três grupos religiosos está inserido em historiografia já consolidada e é demonstrável, cada qual com as especificidades do seu tempo. Se no passado tivemos os peregrinos individuais ou as legiões de soldados de reis e papas durante as Cruzadas, além dos aventureiros desbravadores e monarcas turistas, será observado na presente pesquisa o modelo vigente em nossos dias, encapsulado num formato comercial moderno e sofisticado, menos aventureiro certamente, não menos arriscado, mas não sem importância para as relações bilaterais nos campos da religião e da política.

Embora tenhamos indicado a necessidade do recorte ou indicação das unidades históricas e, dentro delas, a nomeação das vozes, o grupo “das vozes”, os cristãos, são indivíduos provindos de uma matriz[61] distinta, a evangélica.[62] No Brasil, o posicionamento social, político e teológico dos evangélicos se distingue e queremos saber como isso se comporta diante da política internacional quando ela permeia o ambiente social de Israel ou da Palestina, recorte geográfico específico da pesquisa.

Já temos frisado que nossa hipótese de partida é que tanto o Estado de Israel quanto a Autoridade Palestina procuram ser amistosos aos turistas brasileiros, uma vez que, em hipótese, os evangélicos seriam virtuais agentes formadores de opinião no cenário

---

[59] A maioria dos cidadãos muçulmanos em Israel vive nas montanhas da Galileia e em Haifa. Cerca de 20% vive em Jerusalém ou nas cercanias da cidade e 11% dos muçulmanos de Israel são beduínos que vivem no deserto do Neguev. Disponível em <http://www.goisrael.com.br/Tourism_Bra/Tourist%20Information/ethnic%20groups/Paginas/Muslim%20Community.aspx> acessado em 15.09.2015.

[60] MOFAT, *Jerusalem Muslim Tourists: Increase In Visitors From Indonesia, Turkey Amid Israel Tourism Downturn*. 04.07.2015. Disponível em <http://www.ibtimes.com/jerusalem-muslim-tourists-increase-visitors-indonesia-turkey-amid-israel-tourism-1873012>, acessado em 15.09.2015.

[61] Estou usando nomenclatura de ALENCAR, 2013.

[62] Entendemos que outros grupos religiosos no Brasil se definem (ou podem se definir) como “cristãos”. Dentre ele, podemos destacar religiões de orientação espiritualista, religiões de matriz afro, religiões com perfil racionalista e/ou cientificista e até mesmo sociedades consideradas ocultistas ou “secretas”. O grupo de evangélicos foi destacado por razões óbvias de representatividade e visibilidade social.

internacional, tal como a promoção do *Christian Media Summit* pelo Governo de Israel (já mencionado. Cf. MALTZ, 2017). Como tais, cristãos são potenciais representantes de um importante peso na balança da legitimação de cada uma das suas causas em particular. Neste sentido, há vieses interessantes a serem estudados, que estão presentes na perspectiva que cristãos evangélicos têm do conflito. Apenas como parâmetro comparativo, entre os católicos se adota a chamada Teologia da Libertação (TL), nascida no berço da militância da esquerda política na América Latina que foi alimentada pelas mais de 70 mil Comunidades Eclesiais de Base (CEBs, o berço do Partido dos Trabalhadores, o PT no Brasil). No senso comum, o programa da TL se revela no apoio indireto à causa palestina, em função do conhecido *slogan* da "opção pelos pobres". Já os evangélicos são, em linhas gerais, alinhados ao pensamento de direita (no Brasil e nos Estados Unidos; basta ver a composição do expectro político da bancada evangélica), tendendo a apoiar a agenda israelense por razões teológicas (v. "Aporte historiográfico: delimitação do tema e corte cronológico") e políticas, no caso, o alinhamento dos norte-americanos às posições políticas e econômicas de Israel.

Quando, em 23 de julho de 2014, na "Guerra dos 50 dias", o Itamaraty emitiu nota em favor dos palestinos e convocou o embaixador de Israel (no episódio em que um representante da Embaixada chamou o Brasil de "anão diplomático"), o repúdio de um deputado evangélico contra tal gesto[63] sintetizou o pensamento predominante entre seus pares. A bancada evangélica, bem como líderes religiosos entre os evangélicos, manifestou-se nas redes sociais contra a posição do Governo brasileiro, aparentemente antipática à Tel Aviv. Bem, líderes evangélicos não costumam envolver-se na política internacional de Brasília; mal engajam-se na própria política doméstica – salvo em época de eleições ou quando algum Projeto de Lei ameaça suas liberdades e a manutenção de seus dogmas. Por que, então, esse assunto despertou tamanha preocupação nas igrejas e grita nas redes sociais? Certamente porque Israel está na mira das convicções protestantes pelas razões teológicas já expostas.

Não é preciso muita informação para perceber os (cada vez mais presentes) traços judaicos na indumentária, na liturgia, na literatura, no vocabulário e na arquitetura evangélica brasileira influenciada pela cultura judaica. O Templo de Salomão, da Igreja

[63] Em <http://artigos.gospelprime.com.br/israel-hamas-dilma-pt-faixa-de-gaza-palestina/>. Acesso em 27.09.2015.

Universal do Reino de Deus, no centro de São Paulo, é o maior monumento-ícone a esta vertente, a esta nova realidade na comunidade "gospel".

Entre os católicos, tais traços judaicos inexistem, como assevera o Cônego Celso Pedro da Silva.[64] Os únicos traços judaicos na tradição católica, brasileira e em outros países, como a bênção sobre o pão, têm "raízes na liturgia [antiga, vindos] da primeira igreja cristã [em Jerusalém]", destacou o Cônego. Trata-se de uma Tradição no pleno sentido da palavra, já que considera esse aspecto observado em algumas igrejas evangélicas "de agora, coisas comerciais, interesses comerciais [que] acaba não sendo nem uma coisa [judaísmo] nem outra [cristianismo]".[65] Somente nas igrejas católicas com origem em Israel são encontrados alguns elementos mais aproximados com aquela cultura religiosa, mas isso se justifica por serem igrejas da região, plantadas naquele contexto específico, como explicou.

Para o Ministério do Turismo de Israel, ambas as comunidades são importantes. Na ocasião da montagem do projeto da presente pesquisa, a página de internet[66] do Ministério do Turismo de Israel trazia uma aba de pesquisas "por interesse" no seu lado esquerdo. Nela figuravam as seguintes opções: atrações, arte & história, natureza, aventura, *cristãos* e notícias. Do lado direito da *home page*, dois links para comunidades do *Facebook*: uma com o título "católico" e outra com o título "evangélico". O apelo era inquestionável e o interesse nesses grupos, inequívoco.

Diante disso, entrevistamos membros de órgãos oficiais do Governo de Israel e da Palestina instalados no Brasil em busca de indícios do viés pelo qual esses Governos estão contemplando e abordando a comunidade cristã hoje, qual a linguagem utilizada, o que é apresentado como atrativo e o que tem sido oferecido a eles, além do que esperam em contrapartida. A atenção devida a segmentação desse público pode ser confirmada, por exemplo, na diferenciação do itinerário percorrido pelos evangélicos: ele tem especificidades que não ocorrem à toa e revela uma narrativa própria da comunidade. Veja uma comparação com um itinerário católico (cf. **Tabela 1**), tomados aleatoriamente,

---

[64] Em entrevista concedida a mim em 17.10.2017. O Cônego Celso Pedro é Professor emérito na Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, professor de Escritos Paulinos e vice-presidente do Conselho do Museu de Arte Sacra e Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Santo Tomás de Aquino, em Roma (Itália).

[65] Na entrevista, mencionei o Templo de Salomão, da Igreja Universal do Reino de Deus, como referência de uma igreja onde se nota elementos do judaísmo.

[66] A página foi consultada na ocasião da montagem deste projeto de pesquisa, em 25.09.2015. Home page: <http://www.goisrael.com.br/Tourism_Bra/Paginas/default.aspx>.

entre saídas feitas no mês de novembro de 2015 para católicos e evangélicos.[67] Ambos foram à Israel com retorno tendo escala em Roma.

Em se tratando de uma tradição construída a partir da narrativa judaica, ou seja, "religião do livro" – que no caso usa a mesma Escritura – a comparação proposta na Tabela 1 visa demonstrar como os evangélicos manifestam maior interesse por sítios relacionados a alguma história bíblica, seja ela do Antigo Testamento (história de Israel) ou do Novo Testamento. Católicos, por sua vez, revelam o interesse análogo, porém com um elemento distintivo. Eles repetem parcialmente o itinerário dos evangélicos, dando ênfase sensivelmente maior a sítios da tradição católica (história da Igreja), mais do que a narrativa bíblica propriamente dita. Em outras palavras, católicos privilegiam monumentos da tradição católica, enquanto que os evangélicos privilegiam locais da tradição bíblica. Católicos guiam-se pelos lugares associados à vida humana, onde identificam o cotidiano de um santo, por exemplo, já que os santuários (igrejas, capelas, mosteiros e monastérios, túmulos de santos), e até mesmo os sítios, estão associados à vida de algum santo; evangélicos guiam-se por lugares associados à algum evento, fenômeno ou manifestação sobrenatural (monte, rio, jardim, horto, normalmente ligados à vida de Jesus), segundo creem.

1.8 Referencial teórico

O aporte teórico da pesquisa é orientado por Pierre Bourdieu (2011), que lida com a dinâmica das relações no que chama "campo" ou campos. A natureza de um campo pode ser religiosa, econômica, intelectual ou educacional, artística, jornalística, política etc. A relação interna em determinado campo e entre os campos numa sociedade se dá à base de "trocas simbólicas", retroalimentação de afirmação e reafirmação entre "produtores" de serviços e "consumidores" (BOURDIEU, 2001, p. 30,38,54). Quanto maior o capital[68] simbólico, social ou "prestígio social" (BOURDIEU, 2001, p. 15), maior o poder de barganha na economia das relações sociais entre os referidos campos. Decorreria do aumento desse capital a ampliação do poder e influência ou prestígio

[67] No site da *US Travel* (www.ustravel.com.br) em 26.09.2015.

[68] Em relação ao conceito de capital em Marx, Bourdieu considera qualquer valor, recurso cultural ou de poder, situação ou posição social, econômica ou cultural como fonte de riqueza, indo além das conceções anteriores de acumulação de bens, como fica evidente na divisão desses temas, como proposto em sua obra (2011).

público, o que se traduz em maior capacidade de auferir os dividendos pretendidos em função da natureza do próprio campo.

Bourdieu desenvolveu o seu argumento sobre a gênese e a estrutura das "funções sociais" que compõem o campo religioso (assim como nos demais campos) e "tendem sempre a se transformarem em funções políticas" (BOURDIEU, 2001, p. 30). Por meio da estrutura do campo religioso que se transmuta em campo político, a religião estrutura a autopercepção e o pensamento "do mundo e, em particular, do mundo social [...] como a estrutura natural-sobrenatural do cosmos" (BOURDIEU, 2001, p. 33-4): se é assim que funciona desde sempre (desde o tempo do mito), então é assim que Deus quer (na sociedade moderna); tal é a aplicação que o campo religioso faz dos próprios mitos.[69]

Ao olhar para Israel como povo eleito e modelo religioso ideal, o segmento evangélico idealiza o cosmos perfeito e abençoado, de onde é preciso copiar práticas e símbolos associados aos modelos primordiais, e por meio do contato (como em mimese, lembrando R. Girard) resgatar a cultura judaica, tanto quanto apropriar-se dessa cultura no tempo presente. A "autonomia" e "legitimidade" do grupo evangélico depende do contato com a fonte eleita (BOURDIEU, 2001, p. 38). Como indicamos, esse indício é notável na comparação das ênfases como vemos nos itinerários turísticos. Decorre daí que a economia das trocas simbólicas entre o grupo (ou campo) judaico e o grupo (ou campo) evangélico se realiza, prospera.

A cultura judaica seduz o peregrino o evangélico, que busca nela afirmação.

> Enquanto resultado da monopolizacão da gestão dos bens de salvação por um *corpo de especialistas* religiosos, socialmente reconhecidos como os detentores exclusivos da competência específica necessária à produção ou à reprodução de um *'corpus' deliberadamente organizado* de conhecimentos secretos (e portanto raros), a constituição de um campo religioso acompanha a desapropriação objetiva daqueles que dele são excluídos e que se transformam por esta razão em *leigos* (ou *profanos*, no duplo sentido do termo) destituídos do *capital religioso* (enquanto trabalho simbólico acumulado) e reconhecendo a legitimidade desta desapropriação pelo simples fato de que a desconhecem enquanto tal (BOURDIEU, 2001, p. 39; ênfases no original).

[69] Bourdieu parte da leitura que Durkheim fez da "gênese social dos esquemas de pensamento, de percepção, de apreciação e de ação" e acrescenta: "A religião contribui para a imposição (dissimulada) dos princípios de estruturação da percepção e do pensamento do mundo e, em particular, do mundo social, na medida em que impõe um sistema de práticas e de representações cuja estrutura objetivamente fundada em um princípio de divisão política apresenta-se como a estrutura natural-sobrenatural do cosmos" (BOURDIEU, 2001, p. 33-4).

Por outro lado, as demandas da política internacional de Israel negociam seu capital simbólico captando apoio no cenário internacional, além da aferição de receitas via turismo. O mesmo capital simbólico detém os palestinos, ainda que em menor volume, já que dispõem de sítios (arqueológicos ou não) cuja narrativa bíblica (a base do ideário evangélico) demarcam em suas terras diversos destinos de interesse a serem negociados. No entanto, a utilização da narrativa com apelo aos textos da Bíblia Hebraica (o Antigo Testamento dos cristãos), não é explorada, mas os elementos da tradição cristã, como igrejas com locais associados a pessoa de Jesus.

No imaginário evangélico, a legitimação no mercado de ideias ocorre e atrai a adesão dos turistas. Isso se traduz na forma de apoio no campo político.[70] Nas palavras de Bourdieu, isso se dá "sob a modalidade de crença" em favor da tradição dada como "mundo natural", chancelada pela divindade (representa a vontade de Deus. BOURDIEU, 2001, p. 47).[71] Se o conflito Israel-Palestina se dá nos campos político e social com implicações econômicas, a adesão do turista evangélico arrasta-o para o campo religioso (quando recorre a textos da Escritura hebraica), onde Israel pode atrair maiores dividendos. O sionismo fez isso antes, uma vez que é um movimento secular que fundamenta parte de seus argumentos na antiguidade das mesmas Escrituras.[72]

Mesmo assim, a porta permanece aberta aos palestinos para contarem com o apoio do segmento católico, que tende a apoiar a causa de grupos desvalidos em função de sua teologia menos triunfalista (TL) e mais voltada para os pobres:

> [...] no âmbito prático a alquimia religiosa faz "da necessidade virtude", ou então [...] "torna fácil e feliz o que é inevitável", no âmbito gnosiológico faz "da necessidade razão" ao transformar as barreiras sociais que definem o "impensável" em limites lógicos, eternos e necessários (BOURDIEU, 2001, p. 47).

---

[70] Remeto a fala do Ministro do Turismo de Israel, Yariv Levin: "O meio milhão de turistas que vieram a Israel neste ano [de 2017] são meio milhão de embaixadores a mais para Israel em todo o mundo e nossos representantes leais nas redes sociais, e isso também é um contributo decisivo para a imagem de Israel" (MINISTÉRIO, 2018).

[71] "Este sistema simbólico [da hierarquia celeste sendo reproduzida na hierarquia eclesiástica] [...] constitui, em última instância, um aspecto da ordem cósmica estabelecida por Deus, sendo portanto, eterna e imutável" (BOURDIEU, 2001, p. 70-1).

[72] O "sionismo político internacional", movimento que ganhou forte projeção pelos esforços do "jornalista judeu-húngaro Theodor Herzl (1860-1904) na Europa em fins do século 19", era um "movimento nacionalista preponderantemente laico e secular" que trabalhava para resolver a questão dos judeus da diáspora, ou seja, "visava à fundação de um Estado nacional judaico" (KARAM, C. *A* "Origem do 'Estado de Israel' e suas Motivações", in *Brasil de Fato*. São Paulo: abr.2010; apud PAGANELLI, 2017).

A questão palestina é mais complexa do que simplesmente a questão religiosa (que em si tem elementos suficientemente complicadores). Mas não faltam argumentos, de ambos os lados, para justificar ou angariar legitimidade recorrendo à religião.

Sobre as variantes sociais, políticas e econômicas intensas do conflito, podemos tomar de Bourdieu a afirmação de que "o interesse religioso tem por princípio a necessidade de legitimação das propriedades materiais ou simbólicas associadas a um tipo determinado de condições de existência e de posição na estrutura social" e que "esta proposição [...] encontra sua validação empírica na harmonia quase miraculosa que sempre se observa entre a forma de que se revestem as práticas e as crenças religiosas em uma dada sociedade em um dado momento do tempo" (BOURDIEU, 2001, p. 51). Aqui é preciso considerar também o viés religioso nas narrativas do "grande Israel", assim como certos setores e movimentos do lado palestino recorrem as narrativas do Islã como herdeiro do território. Em outras palavras, os dois agentes no conflito fazem uso de um discurso religioso (e por vezes ambos fazem uso do discurso secular), e o terceiro agente, os evangélicos, apenas agrava a situação.

O panteão simbólico judaico é fonte de significação e de produção de sentido, especialmente quando a história do povo judeu demonstra que o Deus ali envolvido no passado é o mesmo de hoje e que a despeito das adversidades da vida, ele pode, a seu tempo, restaurar a sorte do seu povo, como fez com Israel quando este voltou da diáspora. Assim, o céu cristão se realiza na terra judaica, e este é um fenômeno novo, com pouco mais de um século. A história antiga e recente dos cristãos do Ocidente jamais se identificou com tamanha afeição àquele universo simbólico.

> [...] isto acontece porque, em cada formação social e em cada época, toda a visão do mundo e todos os dogmas cristãos dependem das condições sociais características dos diferentes grupos ou classes, na medida em que devem adaptar-se a estas condições para manejá-las (BOURDIEU, 2001, p. 52).

A função pedagógica da doutrinação religiosa procura a obediência a uma lógica interna que provê a manutenção de uma ordem cosmológica e social, de modo que a transgressão dessa ordem, dessas barreiras sociais, constitui-se sacrilégio e cabe sanções (divinas, no caso). A percepção que o evangélico tem, portanto, é que o mundo natural foi organizado e é mantido (e deve-se insistir em tal manutenção) pela divindade. Os

princípios de estruturação do mundo foram assim interiorizados e só podem ser abolidos através de uma revolução simbólica.

E nesse cenário encontram-se os palestinos, que na percepção evangélica de corrente sionista são os símbolos da desorganização de uma ordem instituída pela divindade desde há muito tempo. Já não são vistos como seres humanos, como naturais da terra (mesmo estando plantados ali há séculos), nem mesmo como iguais, como cristãos, como no caso de algumas comunidades evangélicas, batistas e anglicanas, na Cisjordânia e em Gaza. Assim, cabe à Igreja dar a sua contribuição para a restauração da antiga ordem, que coincide com a vontade de Deus, do modo como entendem. "Neste sentido, por estar investida de uma função de manutenção da ordem simbólica em virtude de sua posição na estrutura do campo religioso, uma instituição como a Igreja contribui sempre para a manutenção da ordem política" (BOURDIEU, 2001, p. 72).

Mais à frente, na mesma obra, Bourdieu assenta o entendimento de que nas relações entre ambos os campos, o religioso e o político (ao qual chama de "campo do poder"), o simbolismo religioso cumpre a função de legitimador do campo político (BOURDIEU, 2001, p. 69). Essa é uma questão que levantamos no campo teórico: como palestinos e israelenses lidam com essa força legitimadora em benefício próprio? Os indícios de uma ação positiva da parte de Israel, em âmbito governamental, já foram apresentados; e do lado palestino, isto ocorre no âmbito da militância civil, embora não exclusivamente, como também já indicamos. Mas quais são os efeitos práticos disso, se é que existem?

Para Bourdieu, há relação entre os poderes político e religioso e essa relação ocorre na competição entre as fontes geradoras de produto. Nesta engrenagem, israelenses e palestinos competem pela atenção do maior número ("mobilização") de turistas ("leigos"), pois disso depende a sua própria legitimação como produtores de bens de religião e presenvação da ordem social: "[...] por estar investida de uma função de manutenção da ordem simbólica em virtude de sua posição na estrutura do campo religioso, uma instituição como a Igreja contribui sempre para a manutenção da ordem política" (BOURDIEU, 2001, p. 72). A esse papel da Igreja Bourdieu chama "relação de homologia", isto é, o modo como a Igreja contribui para a ordem política por meio de seu poder simbólico e preservação da ordem religiosa (BOURDIEU, 2001, p. 72). Nesse caso, os líderes religiosos são os cães de guarda do campo sociopolítico.

Israel é uma entidade política que carrega uma tradição religiosa imensa. A Igreja Protestante em seu conjunto reflete tendências de uma entidade religiosa, fragmentada,

que flerta com a política. Embora os dois grupos não sejam duas religiões, a força produtora e mantenedora de bens religiosos de Israel penetra o campo simbólico religioso cristão pela porta da frente. É notável como muitos cristãos, em seus contatos com judeus, usem trajes religiosos (talit, kipá etc.) quase que em uma atitude de devoção, de reverência, pelo fato de estarem diante de um legítimo representante do povo que foi eleito por Deus e, portanto, um tipo ideal (valendo-me de Weber) a ser imitado.

Bourdieu resume esse mecanismo na tríade interesse-crença-poder simbólico, que C. Lévi Strauss denominou "completo xamanista":

> [...] o princípio da relação entre o interesse, a crença e o poder simbólico, deve ser buscado no que Lévi Strauss denomina "o complexo xamanista", isto é, na dialética da experiência íntima e da imagem social, circulação quase mágica de poderes no curso da qual o grupo produz e projeta o poder simbólico que será exercido sobre ele e ao fim da qual se constitui, tanto para o profeta como para seus sectários, a experiência do poder profético responsável por toda a realidade de tal poder. (BOURDIEU, 2001, p. 55-6)[73]

Ao apoiar Israel no conflito e torcer pelo seu fortalecimento, imaginam os evangélicos estarem apressando a volta do Jesus-Messias, portanto, estariam eles intervindo na história "como um movimento para o futuro [...] eles próprios produtos da história, ou seja, da ruptura do tempo cíclico que a crise introduz" (BOURDIEU, 2011, p. 76). Isso fica estampado no documentário de Porter Speakman Jr., por meio das declarações do Reverendo John Hagee. Ele é fundador da *Christians United for Israel* (CUFI), igreja no Texas que conta com cerca de 20 mil membros, que promove as *Night to Honor Israel*, jantares comemorativos para a arrecadação de fundos destinados a ampliação dos assentamentos israelenses na Cisjordânia. Nestes eventos, em uma só noite ele chega a levantar ofertas no valor de US$ 1 milhão em fundos para apoio aos assentamentos na Cisjordânia.

Fazendo isso, a Igreja "vêm preencher o lugar até então atribuído aos mecanismos sociais de *ritualização da crise*, isto é, de exercício controlado da crise, mecanismos que supõem uma divisão do trabalho religioso capaz de conferir papeis *complementares* aos responsáveis pela ordem ordinária" (BOURDIEU, 2011, p. 76; ênfases do autor).

---

[73] A n. 43, p. 56, resgata o exemplo dado por Lévi Strauss: "Quesalid não se tornou um grande feiticeiro porque curava seus doentes, ele curava seus doentes porque se tornou um grande feiticeiro" (C. Lévi Strauss, *Antropologia estrutural*, p. 198).

Outro aspecto decorrente da economia dos campos de Bourdieu pode ser compreendido na relação com o "consumo estético", de que fala Gilles Lipovetsky (2015, p. 66), filósofo francês. A estética pertence ao mundo das artes, que em Bourdieu constituem um campo em si. Lipovetsky chama de "capitalismo artista" não somente as "produções culturais" ...

> [...] mas também um sistema que produz em massa cada vez mais produtos high-tech que possibilitam práticas de consumo estético. Os instrumentos de música, os videogames, as filmadoras, aparelhos fotográficos e estereofônicos, leitores, mesas digitalizadoras, leitores de e-book, tablets, tocadores digitais de áudio (LIPOVETSKY, 2015, p. 66).

O seguinte aspecto marca a ocorrência do "capitalismo artista" entre o turismo religioso. O itinerário de uma caravana para Israel é impensável sem a visita a região do Mar Morto, não apenas pela região ser a mais baixa do planeta (c. 420 m abaixo do nível do mar), mas pelos produtos de beleza (como *Moroccan Oil* e produtos da marca *Ahava* e similares),[74] que fazem a cabeça de celebridades e turistas cristãos do século XXI. Também estão incluídos nos itinerários as visitas aos *suks*, o mercado na cidade velha de Jerusalém, onde está o comércio palestino, as famosas "lojinhas", que vendem bugigangas e os vendedores são conhecidos por estimularem a pechincha, e em Belém, onde há venda de joias em ouro 14 quilates sem impostos.[75]

Lipovetsky entende que essa nova face do capitalismo subverte a teoria de Max Weber, "que o capitalismo necessita de um conjunto de crenças, de um 'espírito' que contribua para justificar sua ordem, motivar os homens, favorecer a interiorização das coerções e a adesão ao sistema" (LIPOVETSKY, 2015, p. 124). Weber observou o papel do ascetismo cristão na construção desse modelo capitalista na origem. Agora é preciso perguntar por esse ascetismo, uma vez que o espírito se esvaiu: "o novo espírito do capitalismo, que se define por um sistema de legitimidade diametralmente oposto, centrado na valorização das fruições materiais, no hedonismo do bem-estar, do divertimento e do lazer" (LIPOVETSKY, 2015, p. 124).

---

[74] O *Morocan Oil* (óleo do Marrocos), muito procurado pelas turistas brasileiras que o compram em grandes quantidades, influenciadas pelo endosso de celebridades norte-americanas, além dos produtos da marca *Ahava*, produtos de beleza produzidos na região do Mar Morto, a que se atribui propriedades especiais.

[75] A informação é dada no site da operadora de turismo US Travel, mas todo turista visita esses locais.

Edin Sued Abumanssur, que pesquisa as relações entre turismo e religião na PUC-SP, faz contraponto a análise econômica do "turismo religioso" (que ele mantém entre aspas), pois as operadoras de turismo não distinguem a motivação do turista ao oferecer o seu produto. Esse turismo "é fruto da mesma racionalidade administrativa com a qual as agências de viagens operam qualquer demanda de lazer" (ABUMANSSUR, 2009, p. 4). Ele argumenta que a motivação pessoal do turista independe do mercado, e que as viagens no século XX, com cunho capitalista e consumidor, "só vieram a se tornar 'turismo religioso', quando o volume de pessoas envolvidas alcançou uma escala que tornasse economicamente viável o planejamento e os investimentos na área" (ABUMANSSUR, 2009, p. 4). Se o aparato comercial "emoldurou" a sensibilidade espiritual, isso não remove "o ato de fé" pessoal (ABUMANSSUR, 2009, p. 3).[76]

Reader observou em sua pesquisa iniciada no ano de 1984, sobre o santuário *Shikoku*, no Japão, que após as melhorias econômicas ocorridas depois dos anos 1950, como crescimento econômico, sistema de pensões e aumento na expectativa de vida, houve aumento no número de peregrinos, como também na demografia das comunidades peregrinas, o aumento do número de idosos (acima de 60 anos são maioria) e mulheres, muito acima do número de homens (READER, 2007, p. 216-7). O mesmo ocorreu na Índia, acrescentando o desenvolvimento da educação como fator de estímulo a peregrinações a locais caros ao hinduísmo, o que em lugares como *Amarnath*, próximo à fronteira com o Paquistão, tem despertado sentimentos nacionalistas e reforçado a identidade nacional ou hindu (READER, 2007, p. 217). E o *hajj*, a peregrinação anual dos muçulmanos, que pela década de 1950 movimentava pouco mais de 100 mil peregrinos, hoje chega à casa dos 2,5 milhões, tendo sido restrito a uma porcentagem da população de cada país em função das questões de segurança e condições de acomodação na cidade árabe de Meca. Central para esse incremento foi, segundo o autor, os avanços

[76] Uma forte evidência dos objetivos espirituais em detrimento dos motivos meramente consumistas pode ser encontrada na pesquisa feita com 10 grupos católicos (posteriormente expandiram aos grupos protestantes) dos EUA, Europa e América Latina entre os anos de 1999-2000. Os autores da pesquisa procuraram responder perguntas sobre as motivações que levam a escolher Israel, com seus custos elevados, risco de atentados terrorista etc., enquanto outras optam por irem ao Caribe. Porém, com a ocorrência da Segunda Intifada em setembro de 2000, foi preciso mudar os planos da pesquisa e a pergunta passou a ser: "Quem são os bravos peregrinos, os 'campeões sobre a Intifada que permaneceram leais às suas convicções religiosas e ousaram fazer a sagrada jornada a Terra Santa durante a grande revolta política e militar?" e "O que acontece a indústria do turismo de um país que a hospeda quando ocorre uma crise na segurança?" (COLLINS-KREINER, 2006, p. xiii-xiv). Para ler online acesse <encurtador.com.br/xUWZ2>.

no campo da aeronáutica: maior oferta de linhas aéreas e aeroporto internacional próximo a Meca (READER, 2007, p. 217).

Não só as peregrinações, mas o número de peregrinações por peregrino e os produtos lançados em função das peregrinações: guias impressos com fartura de fotografias e dicas de viagem, CD-ROMs, DVDs, websites e blogs em que são compartilhadas experiências e são estimulados aqueles que ainda não visitaram tal e qual locais (READER, 2007, p. 214).

> Em outras palavras, há muitos temas motivadores duradouros em peregrinações ao longo dos tempos, mesmo que alguns deles mudaram em termos de nuances – por exemplo, em termos de como o mal-estar "espiritual" pode ser mais prevalente no presente do que a doença física em peregrinações como *Shikoku* e Santiago. Algumas motivações e temas predominantes nos tempos anteriores também podem ser ampliados na era moderna; o desejo de se afastar ou escapar, embora temporariamente, da situação existente pode ter motivado os peregrinos a abandonar suas residências e fazer peregrinação, mas isso certamente foi reforçado pelo crescente espaço de fuga oferecido pelo turismo e pelas modernas instalações de transporte e similares, que são especialmente prevalentes nos dias modernos. (READER, 2007, p. 215)

Considerando o turismo e o local onde ele se dá, na cidade, Lipovetsky tem uma palavra adicional a dizer. Ele chama de "visual delectation" (ou deleite visual; trad. nossa), que trabalha desde o "design dos espaços públicos e do mobiliário urbano, ao fachadismo arquitetônico, à revalorização do patrimônio, à multiplicação dos museus" (LIPOVETSKY, 2015, p. 318-319), e também de igrejas, conventos etc., o que implica o campo da arquitetura urbana, assegurado na teoria de Bourdieu. A cidade é tomada como marca (*brand*) e sobre ela são aplicadas as ferramentas do marketing para torná-la um produto interessante e vendável, com apelo estético que atraia o capital, que explore os símbolos nela presentes e seus manipuladores, os investidores (mas não menos os líderes espirituais). Jerusalém, Belém, Nazaré, Jericó, Cafarnaum, entre outras cidades, são o próprio símbolo de eventos de um passado significativo que precisam ser vistos, tocados, percebidos hoje, e não há espírito (lembrando Weber) que dê conta dessa relação econômica entre campos tão variados, como previu Pierre Bourdieu.

Na economia das trocas simbólicas não parece haver crise; ao contrário, se há crise política ou econômica (ou ambas), a sobreposição do campo de poder sobre o campo religioso aquece a temperatura, como disse Caio Fabio em entrevista, justificando o apelo "mágico" que viagens para a região exercem no imaginário, especialmente das classes

mais abastadas e com maior escolaridade. Em momentos de crise "tem gente que quanto pior esteja, mais se esforça para ir, justamente por causa da relação [fetichista][77] entre Israel e magia na mente dos evangélicos".

> as caravanas evangélicas para as terras bíblicas funcionariam como um meio de autenticação de valores, ações e normas de comportamento no qual aqueles que estão envolvidos nessa atividade acreditam serem primordiais dentro de suas redes de convenções (FROSSARD, 2013, 143)[78]

Entre católicos o mesmo fenômeno já foi observado. Alves e Santos,[79] que também se apoiam nas concepções de Lipovetsky, pesquisaram a Festa do Círio de Nazaré, em Belém do Pará, e afirmam:

> Salta aos olhos nesse processo, as interfaces entre o registro do bem cultural imaterial as demandas crescentes em torno do turismo religioso, especialmente as festas populares de matriz católicas, que disseminam artefatos, signos, bens, serviços e conteúdos diretamente associados ao sagrado, à religiosidade e à unicidade da experiência do consumo de ritos, práticas e emblemas da sacralidade (RODRIGUES, 2016, p. 332-3).

Além do aspecto do "consumo estético, a pesquisa dos autores reforça o papel do turismo religioso na balança comercial dos países destino. Ampliando o nosso pensamento expresso até aqui, os autores consideram mais do que o consumo estético, mas o que chamam bens do "patrimônio imaterial do Brasil" (RODRIGUES, 2016, p. 331). Esses bens são percebidos na "noção/conceito de cultura como uma totalidade abrangente, composta por costumes, crenças, tradições, pertencimentos, formas de simbolização e expressão, modos de saber, fazer, sentir e criar" (RODRIGUES, 2016, p. 332). Nesse quadro, festas como o Círio de Nazaré, em Belém (PA), são um exemplo conhecido de "eventos" ou festas de natureza religiosa que "estão inscritas na construção

---

[77] Ele disse "fechista", termo que não existe; mas dado o que diz em seguida sobre a "magia", fizemos a correção.

[78] Miriane Frossard escreveu dissertação (2006) e tese (2013) sobre as caravanas evangélicas para a Terra Santa, das quais utilizamos apenas a tese de 2013.

[79] Elder Patrick Maia Alves é professor do Instituto de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Greciene Lopes dos Santos é professora do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e Consultora da Superintendência do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em Alagoas. "Patrimônio imaterial e Turismo religioso: espetáculo e consumo da experiência religiosa", In RODRIGUES, 2016, p. 331-348.

de destinos turísticos e políticas mais abrangentes, definindo interesses econômicos e políticos bastante completos" (RODRIGUES, 2016, p. 340).

"Bastante completos" porque envolvem a indústria têxtil e de confecções, os ramos alimentício, hoteleiro, a feitura de artesanatos e "o consumo dessas materialidades e imaterialidades" que criam uma trama de fato tão ampla que se torna "uma espécie de fato social imaterial e simbólico total" ao ponto de pautar e ditar a agenda de toda a "cadeia de produção e consumo do turismo cultural, projetando negócios, mercadorias e estratégias econômicas por parte das cidades, regiões e países que abrigam e estimulam essas efemérides" (RODRIGUES, 2016, p. 340).

O Círio de Nazaré, numa cidade que tem quase 1,5 milhão de habitantes, recebeu em 2013, 80 mil turistas e mais de 2 milhões romeiros (30% a mais que a população local) (RODRIGUES, 2016, p. 344). Se considerarmos uma analogia com Nazaré na Palestina, ela tem 30 mil habitantes e recebe anualmente 2,3 milhões visitantes (cerca de setenta e seis vezes a população local).[80] É desnecessário avaliar o impacto do turismo na região palestina, assim como a dependência que a população tem da atividade turística.

> De acordo com a Organização Mundial do Turismo (OMT), o turismo cultural é que mais cresce no mundo [...] De acordo com Lipovetsky e Serroy, a cada cinco anos crescem em 10% o número de museus no mundo, inclusive os museus dedicados às tradições religiosas e formas diversas de se viver e experimentar o sagrado" (RODRIGUES, 2016, p. 341).

Para finalizar as considerações sobre aspectos simbólicos das peregrinações e do turismo, queremos trazer as considerações de Reader[81] (2007), que nota o crescimento global do turismo ocorrendo contemporaneamente ao aumento das caravanas ou grupos de turistas no Brasil desde a década de 1990 (READER, 2007, p. 211), e isso inclui as mais variadas tradições religiosas cujos movimentos peregrinos já são consagrados, bem como as novas e menos pensáveis, peregrinações com motivos religiosos ou "peregrinações seculares" (READER, 2007, p. 212) a lugares onde se subentente uma

---

[80] Dados do *Negotiations Affairs Department* do Estado da Palestina, referentes ao ano de 2016. Disponível em <https://www.nad.ps/en/media-room/media-brief/bethlehem-2016-facts-and-figures> e acessado em 20.20.2017.

[81] Ian Reader é professor de Estudos Japoneses na *University of Manchester*. Concluiu seu doutoramento sobre o budismo no Japão, na *University of Leeds*, in 1983. Seu artigo é uma revisão e atualização de versão anteriormente publicada no *Japanese Annual Journal Gendai Shûkyô*, 2005, p. 279-305.

hierofania:[82] a aparição (em 17.12.1996) de uma suposta imagem de Maria na janela de um moderno prédio comercial na Flórida (READER, 2007, p. 212); *Glastonbury*,[83] na Inglaterra e Sedona nos Estados Unidos, sítios associados ao popularmente conhecido movimento *New Age*; *Ride to the Wall*, evento anual dos combatentes veteranos do Vietnã, realizada em forma de passeio motociclístico; a visita a *Graceland* no mês de agosto, para o *Anual Elvis Memorial Week*, homenagem a Elvis Presley; o *Ground Zero*, pelas vítimas dos atentados em 11 de setembro de 2001 e o festival anual de verão *The Burnning Man*, no deserto de Nevada (READER, 2007, p. 213), uma espécie de *Woodstock* pós-moderno.

No sentido como Reader lida com as diferentes modalidades de peregrinação, incluindo as sem a aparente natureza espiritual/religiosa, pode-se dizer que o Carnaval se configura como peregrinação (e comporta elementos religiosos). Primeiro, quando as comunidades ou escolas se deslocam como em procissão conduzindo carros alegóricos com sus imagens, instrumentos e fantasias para a avenida e no final, o desfile em si, é uma romaria sem Roma, mas com uma apoteose, palavra de origem grega cujo significado é tornar (gen. ἀπὸ, *de, a partir de*) divina (Θεὸς) uma entidade especial, que é a própria escola e seus integrantes.

Reader indica a face moderna das peregrinações, que analogicamente as antigas, serve para "enfatizar a autonomia individual e o desenvolvimento pessoal" (READER, 2007, p. 225); seja nas rotas de Santiago de Compostela ou a *Shikoku*, ou aos novíssimos centros como *Glastonbury* ou Sedona (mas poderia ser a *Granceland* ou *Ground Zero*), as peregrinações continuam "provendo meios de aquisição direta de experiência espiritual para si próprio no mundo moderno" (READER, 2007, p. 226) e se já eram motivações no passado, se repetem no presente, independentes de filiação religiosa.[84]

Então, conclui que o crescimento global do número de peregrinos não deverá ser entendido como um tipo de "reavivamento dos sentimentos religiosos" (READER, 2007, p. 226), e ele acompanha os resultados de uma pesquisa feita sobre a comunidade inglesa

---

[82] Uma hierofania ocorre quando a comunidade ou um indivíduo atribui a algo material (estátua, pedra, árvore, templo, túmulo, caverna, montanha, milagres, aparições etc.) um caráter distinto das coisas profanas. Acredita-se que tal objeto ou foi tocado pelo sagrado ou a ele foi atribuído algum valor ou força sagrada.

[83] Considerado o segundo maior festival a céu aberto da atualidade, o *Glastonbury Festival of Contemporary Performing Art*, ou *Glasto*, ocorre na Inglaterra por três dias na última semana de junho.

[84] Ele já havia destacado (READER, 2007, p. 219) que a peregrinação no passado era uma busca autônoma fora das estruturas de poder da religião oficial e neste ponto parece fazer uma comparação.

de *Kendal* (hoje centro turístico com pouco mais de 28 mil habitantes), ao concluir que se trata de uma "revolução espiritual em que o declínio das igrejas estabelecidas foi acompanhado não somente do aumento da secularização como por um retorno às tradições em direção a mais autonomia e espiritualidade individualizada e personalizada" (READER, 2007, p. 226). Não cabe aqui a discussão sobre as conclusões de Reader e da pesquisa sobre a comunidade de *Kendal*, uma vez que isso envolveria discutir variadas perspectivas como a secularização da sociedade local em particular e comparações com outras sociedades em que o número de pessoas que professam uma religião tem aumentado, o que também demandaria uma avaliação rigorosa dos parâmetros usados.

Tendo apresentado as interconexões entre os campos político, religioso, cultural e econômico, além da arquitetura urbana que se inscreve no campo do poder público, mas serve aos interesses econômicos, penso ter fixado as bases teóricas da aplicabilidade da economia das trocas simbólicas na teoria dos campos de Pierre Bourdieu. Dadas as complexidades de cada campo, especialmente o sócio religioso e o político, considerarei a contribuição de outros autores quando julgar necessário e adequado, como fizemos com Lipovetsky, Abumanssur e Reader e outros que serão mencionados.

Trataremos a seguir dos aspectos metodológicos da pesquisa.

1.9 Metodologia

O trabalho metodológico da pesquisa transitou sobre dois trilhos. Primeiro, uma revisão bibliográfica para a construção do arcabouço histórico onde o tema está localizado. Neste ponto a pré-pesquisa tinha situado o seu objeto, seguindo Michel de Certeau (1982), quando adverte que o desafiador na questão do método "é encontrar na própria informação histórica o que a tomará pensável" (CERTEAU, 1982, p. 88), ou seja, na montagem do projeto de pesquisa, as hipóteses já foram levantadas, o que possibilitou a sua estruturação mais ampla.

A referenciação de indícios e a elaboração de indicadores que apontam na direção da hipótese foi feita considerando os textos e entrevistas que manifestaram os indicadores que "a análise vai fazer falar" (BARDIN, 1979, p. 99-100), tendo sido essencial o trabalho de seleção de índices adequados e específicos em virtude das hipóteses e a posterior organização a fim de não compor um resultado extenso, cobrindo várias áreas, mas sem

a profundidade esperada. As fontes bibliográficas para os capítulos 3 e 4, e.g., foram criticadas a partir dos pressupostos dos autores apresentados no início deste capítulo.

A pesquisa produziu um discurso a partir da nossa perspectiva, sobre um objeto (a relação do turismo religioso com a política de Israel-Palestina) e sobre um período (a partir de 2000): "enquanto falam *da* história, estão sempre situados na história" (CERTEAU, 1982, p. 32, ênfase no original). Ao fazer isso, poderá ocorrer o que Certeau chamou de "crítica e história" (CERTEAU, 1982, p. 65), isto é, a verificação da "mutação do sentido" ou verificação de como o discurso existente se comportou na história (como o lemos hoje); "Um trabalho é 'científico' quando opera uma *redistribuição do espaço e* consiste, primordialmente, em *se dar* um lugar, pelo 'estabelecimento das fontes'" (CERTEAU, 1982, p. 83, ênfases do autor), e tais fontes, na parte preliminar da pesquisa, serão bibliográficas, e as entrevistas no restante da mesma.

Em seguida, focalizarei o "particular" (CERTEAU, 1982, p. 65), o próprio da pesquisa, com entrevistas não-estruturadas e o levantamento de informações em organismos oficiais e não oficiais entre brasileiros, israelenses e palestinos (dados que em parte já foram apresentados). Foram previstas entrevistas semiestruturadas dentro do período temporal estudado (especificamente a partir de 2011), a fim de verificar o comportamento e/ou posicionamento dos turistas em relação do conflito IP, sob a influência das ações da propaganda política de israelenses e palestinos.

Com o segundo grupo (indivíduos), estão previstas quatro rodadas de entrevistas:

1) entrevistas com turistas que foram à Israel e Palestina entre os anos de 2011 a 2013, em cujos grupos eu participei pessoalmente. Procurarei extrair percepções dos entrevistados sobre o conflito, quais suas ponderações antes e depois de estarem *in loco* e se a viagem mudou a opinião sobre o conflito. Minha razão para entrevistar esses grupos é sondar os efeitos que a viagem à Palestina pode provocar nos grupos pesquisados. Para esta parte da pesquisa foram feitas 12 entrevistas com turistas e cinco líderes espirituais, além de um empresário do segmento.

   Com isso, pudemos preparar uma base hipotética para a compreensão do comportamento a ser esperado dos grupos que foram entrevistados na segunda rodada, qual seja, aqueles que fizeram a viagem durante o período de vigência

da pesquisa. Determinamos 10 turistas evangélicos, número que consideramos adequado em relação a totalidade das entrevistas previstas (ao menos 50).[85]

2) identificamos o grupo de interesse junto à operadora de turismo e realizar uma entrevista antes do embarque, onde foi possível recolher dados sobre o nível de conhecimento, interesse, opinião e envolvimento do turista com a questão do conflito IP.
3) realizamos nova entrevista pós-viagem, atualizando as mesmas questões da entrevista anterior e identificando a mudança dos conceitos, posicionamentos políticos e religiosos e captando vestígios de algum encantamento com um ou outro povo e sua causa. Em um sentido, foi interessante identificar os dados materiais obtidos na viagem, como fotografias, *souvenires*, peças de vestuário, literatura, enfeites decorativos, mapas objetos naturais (água do Jordão, pequenos blocos de sal do Mar Morto, ramos de oliveira etc.).
4) a quarta e última rodada de entrevistas é prevista para o final da pesquisa, já com as impressões pós-viagem da terceira etapa assentadas e consolidadas, tendo decorrido tempo para que o turista pudesse identificar, por conta própria, os informes da mídia sobre o conflito e concordar ou criticar a partir de suas próprias percepções decorrentes do conhecimento que reuniu em sua experiência.

Procuramos coletar indícios da influência da cultura judaica na liturgia, na indumentária e na produção bibliográfica dos evangélicos no Brasil. Feito isso, analisamos os dados, tabulamos as informações da parte preliminar e posterior da pesquisa e as dispomos de modo apreensível e elaboramos o presente relatório.

O modelo de coleta de dados da pesquisa qualitativa de Panosso Netto (2005, p. 117) sobre o turismo nos serviu de parâmetro. Panosso Netto foi rigorosamente econômico nas perguntas feitas com turistas na cidade de Foz do Iguaçu (quatro perguntas, 15 turistas, quatro locais, setembro de 2004). O entrevistador teve liberdade de intervir quando entendeu ser necessário. Embora em nossa pesquisa optamos por um questionário mais aprofundado, quando observamos aberturas para novas abordagens não ficamos restringidos pelo roteiro pré-elaborado (v. ANEXOS A, B e C para turistas).

---

[85] Inicialmente a pesquisa trataria também do turismo entre católicos e entrevistamos 11 desses turistas antes de seguirem a viagem. A proposta com os católicos foi abandonada por entendermos que se trataria de um esforço além do necessário para determinar as hipóteses propostas.

Também entrevistamos guias palestinos e israelenses, agentes chave na introdução e condução dos turistas em cada cultura. Entendemos que os guias são os olhos dos turistas. São eles quem filtram, privam ou abrem o microcosmo da região e suas especificidades e em seus mais variados aspectos (vide Anexos D e E para o questionário de guias israelenses e palestinos). Caio Fabio, que tem quarenta anos de experiência em viagens e na condução de grupos pela região, declarou em entrevista que ao longo dos anos selecionou guias melhor preparados e menos empolgados com as expectativas dos turistas, muitos deles encantados com qualquer informação. No dizer do pastor:

> A maioria dos pastores não tem a menor noção de história e arqueologia local, especialmente os pentecostais. Os guias, então, podem dizer qualquer coisa e os pastores chancelarão o que foi dito e ficarão encantados com "o poder" local. [Os pastores] Não saberão onde fica o norte nem o sul daquela terra. [...] Os guias locais se adaptam, muitos deles [...] Eles dizem o que a tradição daquele grupo quer ouvir. Alguns guias não transigem, não aceitam guiar determinados grupos.

Sobre o desempenho (ou engajamento) dos guias em períodos de conflito, ele destaca a presença incisiva dos guias de cada lado:

> Não só os judeus fazem isso. Se houver algum tipo de situação conflituosa, boa parte dos guias são pessoas prevenidas. Os guias de Israel são sofisticados em termos de preparo, [tendo] informação de toda natureza, ao contrário do que acontece com guias de qualquer outra parte [do mundo]. Os bons guias lá são excelentes, poderiam ser bons professores de qualquer universidade no Brasil. Mas muitos dizem o que o grupo espera que seja dito. No que diz respeito a política, é claro que a maior parte deles, deixados soltos, promovem um culto a Israel. Eles estão ali, também, para mostrarem a superioridade do país, como eles a vida inteira tentaram fazer o que era conciliavelmente bom para ambos os lados.

Os cinco guias israelenses entrevistados se mostraram bastante reservados e tímidos em suas respostas; entre os palestinos, resistem a respondenrem e protelam a marcação de entrevistas ao máximo.

Tendo exposto as bases teóricas e metodológicas da presente pesquisa, no próximo capítulo trataremos da elucidação de conceitos e a tipologia envolvida nas narrativas, nos relatos e na linguagem moderna que envolve aspectos do nosso tema.

2 O TURISTA E O TURISMO

No presente capítulo, procuramos apresentar as diferentes fases nas quais as viagens foram observadas desde as primeiras peregrinações até as modernas viagens de turismo. No contexto criado, procuramos relacionar o objeto e as especificidades da presente pesquisa com as investigações que têm sido feitas nas Ciências Sociais, pela perspectiva de alguns autores que contribuem com um olhar peculiar sobre o campo, os problemas apontados e as suas considerações. Reunimos material de pesquisas feitas no Brasil e em outros países e finalizamos o capítulo discutindo aspectos subjetivos do turismo, qual seja, o fenômeno do turismo, a questão do espaço e da significação e a dicotomia entre saber e poder local. Sempre que possível, fizemos associações indicativas da adequação do referencial teórico adotado, bem como da metodologia empregada.

As operações ocorridas entre os campos religioso, político e econômico, envolvidos nas viagens de turismo internacional, se estabelecem a partir do momento em que começa a mobilização para conhecer o destino desejado. Essas operações iniciam e avançam a partir da consulta feita a sites informativos, consulta de fotos dos locais, roteiros de interesse, consulta a sites de hotéis, transporte, companhias de viagens, restaurantes etc. A mobilização de um indivíduo ou de grupos de afinidade se dá pelo interesse no destino ou experiência desejados, que se estabelecem, no presente caso, em torno da fé religiosa e sítios representativos para essa fé. Visitar os territórios de Israel e da Palestina é uma experiência com perfil religioso que apela a muitos cristãos que visitam a região.

> O objetivo da jornada, o local sagrado, pode ser Banaras, Índia (hindu); Jerusalém, Israel (judeus, cristãos e muçulmanos); Meca, Arábia Saudita (muçulmana); Meiron, Israel (judeu); Ise, Japão (xinto); Saikoku, Japão (budista) ou um dos cem mil outros lugares. Seja qual for o local ou a cultura, as características gerais da jornada de um peregrino são notavelmente similares (JONES, 2005, p. 7145, trad. nossa).[86]

Como é demonstrado no capítulo 3 sobre as peregrinações iniciais, começando pelo Século III e avançando até nossos dias, as viagens em grupos reduzidos ou mesmo as

[86] The goal of the journey, the sacred site, may be Banaras, India (Hindu); Jerusalem, Israel (Jewish, Christian, Muslim); Mecca, Saudi Arabia (Muslim); Meiron, Israel (Jewish); Ise, Japan (Shinto); Saikoku, Japan (Buddhist); or one of a hundred thousand others. Whatever the site, whatever the culture, the general features of a pilgrim's journey are remarkably similar.

viagens de solitárias foram feitas como uma procura pela experiência religiosa, pelo conhecimento de temas religiosos e afins.

Em nossos dias se observa que a realização de roteiros para o mesmo destino, aparentemente pelos mesmos motivos, é feita por grupos compostos por cerca de vinte pessoas ou um pouco mais. Quando estive em Israel em 2011, um guia turístico local disse ter guiado, juntamente com outros guias locais, uma caravana que levou do Brasil para Israel cerca de 900 turistas cristãos, liderados pelo apóstolo René Terra Nova.[87] Hoje chamamos de turista o indivíduo que faz viagens internacionais, por qualquer que seja o motivo ou roteiro. Mas nem sempre foi assim. Nem mesmo os pontos geográficos visitados eram chamados "roteiro turístico", pelo que precisamos estabelecer tipologias e indicar determinadas categorias para entender quem são e como se caracterizam os grupos sociais e o próprio empreendimento que levam a cabo.

2.1 **Conceitos e tipologias** (aproximação do campo)

Peregrinos, viajantes ou turistas? Como devem ser definidos os indivíduos que empreendem uma viagem do Brasil à Israel-Palestina? "A antiga Cristandade estava cheia deles e dava-lhes vários nomes, mesmo em latim: *peregrini* (peregrinos), *palmarii* ou *palmati* (palmeiros), *romei* ou *romerii* (romeiros)" (MARTINS, 1957, p. 8). A mesma pergunta pode ser aplicada a indivíduos que saem de outros pontos que não a Europa e empreendem viagem para o mesmo destino.

Mario Martins S. J. (1908-1990), medievalista português que trabalhou com fontes latinas da Idade Média, em sua obra "Peregrinações e Livros de Milagres na nossa Idade Média", indicou a variedade de termos utilizados no período, sem, contudo, chegar a uma síntese:

> Para falar a rigor, os peregrinos dividiam-se em dois grupos: 1° peregrinos propriamente ditos, que iam de romaria a um ou mais santuários e que, depois, voltavam às antigas ocupações; 2° *palmeiros* ou *palmeirins*, sempre a caminhar de santuário em santuário, a vida

[87] René de Araújo Terra Nova é líder do Ministério Internacional da Restauração, o MIR. Recentemente foi reconhecido por seus pares como "patriarca", em uma alegada sucessão direta com os patriarcas hebreus. Sua linha de celebrações exalta os símbolos do judaísmo, chegando a usar *talit*, uma espécie de manto com finalidade litúrgica, durante os cultos em sua igreja. A mobilização a que me refiro ocorreu na ocasião da Festa das Cabanas (hb. *sucôt*) e precisou do apoio logístico de grande número de guias israelenses, motoristas de ônibus e atendentes da administração da operadora que acompanharam o numeroso grupo.

> inteira. Estes eram os profissionais da peregrinação, quer por gosto, quer por penitência. Denominavam-se *palmers*, em inglês; *palmieri*, em italiano; *palmeros*, em castelhano; *palmarii*, *palmati*, *palmares*, em latim bárbaro.
> Este rigor de significação brevemente perdeu a sua força primitiva. *Palmeiro* tornou-se, sobretudo, o peregrino da Terra Santa, por trazer de lá uma palma. Conforme reza o *Roman de Blanchandin*:
> «Et de Jerusalém venons,
> Vez les paumes que nos portons.»
> Também o *Liber Sancti Jacobi* explica que os que *voltam de Jerusalém trazem palmas*, do mesmo modo que os peregrinos de Compostella trazem conchas. (MARTINS S. J., 1957, p. 125; ênfases no original).

Das quatro versões dos evangelhos, os três sinóticos (Mateus, Marcos e Lucas) narram a recepção que a multidão deu a Jesus em sua última entrada em Jerusalém, montado num jumento, estendendo no caminho por onde ele passava os seus mantos e ramos colhidos no campo. Só João 12.13 especifica que eram estendidos mantos e ramos de palmeiras; e o mesmo João, em seu Apocalipse (c. 7.9), diz ter visto uma multidão vinda "de todas as nações, tribos, povos e línguas, em pé, diante do trono do Cordeiro, com vestes brancas e *segurando palmas*" (Nova Versão Internacional; ênfase acrescentada). Certamente vem daí o costume de carregar ou trazer uma folha de palma quando voltavam da Terra Santa.[88]

Martins (1957, p. 126) indica que usa a palavra "romeiro na significação lata de peregrino", mas também especifica *romeiros* como "os que iam ou vinham de Roma", embora não exclusivamente, uma vez que no que chama de "nossa literatura de quatrocentos", também eram chamados "romeiros aos peregrinos de Jerusalém e da Terra Santa" e "*Os autos dos apóstolos* falam-nos em *romeus* de S. Tiago", mas também chamavam romeus aos que "vam em Jerusalem", segundo a *Crónica da fundaçam do moesteyro de Sam Vicente* (MARTINS, 1957, p. 126; grafia e ênfases no original). Isabel, a rainha, "foi em *romaria* a S. Tiago e o arcebispo de Compostela deu-lhe bordão e esportela, para ela parecer *romeira de S. Tiago*" (MARTINS, 1957, p. 126).

Para discutir os termos e conceitos correntes envolvidos na questão e indicar com quais terminologias estamos trabalhando, precisamos recorrer às contribuições de pesquisas recentes e delimitar o conceito adotado nesta pesquisa, sendo necessário, no entanto, percorrer parcialmente a história das viagens e do turismo.

---

[88] A *Harpa Cristã*, hinário utilizado pela maioria das igrejas evangélicas no Brasil, tem o seu hino n. 75 o título "Em Jesus Tens a Palma da Vitória", de autoria de Paulo Leivas Macalão. O refrão diz: "Em Jesus tens a palma/ da vitória, minh'alma/ E também doce calma/ Pelo sangue da cruz".

Tentamos identificar os conceitos envolvidos na discussão do tema e uma tipologia que melhor explique, antes de tudo, quem era o autor dos relatos de viagem que comumente consultamos quando empreendemos uma pesquisa neste campo, e isto ocorre em termos pessoais e motivacionais, conforme as categorias da historiadora Karen Lisboa (2011, p. 62,69).[89] A autora, que pesquisou os viajantes alemães para o Brasil no período oitocentista, reconhece a dificuldade na identificação de um perfil desse sujeito que viaja, dada a diversidade dos tipos existentes: naturalistas, comerciantes, diplomatas, artistas, mercenários, imigrantes e aventureiros (LISBOA, 2011, p. 54).

Definido o tipo, nos deparamos com a instância da viagem: "a esfera particular e a pública" (LISBOA, 2011, p. 55). Identificar tipo e instância da viagem ilumina os interesses que orientam as relações estabelecidas, os aspectos observados e, consequentemente, os registros realizados. "As diferenças que caracterizam os estrangeiros visitantes incidem no próprio estilo da viagem e da produção intelectual dela decorrente" (LISBOA, 2011, p. 55).

Smith[90] (2007) considerou como não evidente o significado de termos como "lugar, paisagem, peregrino, peregrinação e espaço sagrado". Ela diferencia, e.g., entre lugar e paisagem. O primeiro pode ser um ponto geográfico ou imaginário. A formação do segundo conceito necessita uma rede complexa de construções culturais. Nelas estão envolvidas a experiência humana (corporal); a significação (cognitiva) que tais pessoas dão a elas; a legitimação de histórias por associação geográfica (associar uma narrativa a um ponto geográfico físico) (SMITH, 2007, p. 5).

Em Pierre Nora (1993), historiador francês, encontramos uma tentativa de criar um "esboço de tipologia" do lugar (NORA, 1993, p. 27) a partir da discussão sobre o conceito de memória, em contraposição a história:[91] "a memória perdura-se em lugares, como a história em acontecimentos" (NORA, 1993, p. 25).

Nora aponta, inicialmente, para a existência de quatro tipos de lugares físicos. Primeiro, os lugares portáteis. A despeito da fragilidade em relação a um lugar fixo, são

---

[89] Professora do Programa de História Social na Universidade de São Paulo (FFLCH-USP) e pesquisa os viajantes europeus do período oitocentista.

[90] Julie Anne Smith é historiadora na Universidade de Sidney. Sua pesquisa focaliza a história das mulheres peregrinas da Antiguidade tardia e da Idade Média, em particular, relacionadas aos relatos femininos de suas peregrinações e aos processos pelos quais elas construíram suas identidades como peregrinas.

[91] Em linhas gerais, a memória é o registro daqueles que estiveram ou foram envolvidos por um evento havido num tempo ou lugar. É também essa experiência herdada, recebida, como pela tradição. A história é aquela sobre a qual sabemos, contamos ou discutimos, mas a experiência vivida por outros, por terceiros.

importantes como portadores de uma memória e significado para um povo. Depois os lugares topográficos, "que devem tudo a sua localização exata e a seu enraizamento ao solo". Inserem-se nesse grupo "todos os lugares turísticos", bibliotecas, hotéis, arquivos nacionais (NORA, 1993, p. 26). O terceiro tipo são os lugares monumentais, que surgem e "conservam seu significado em sua existência intrínseca", como um monumento aos mortos. A partir da explicação dada por Nora, eu colocaria nessa categoria, e.g., um crucifixo, que estando distante do Monte Calvário, em Jerusalém, guarda, para cristãos do mundo todo, uma memória ou a memória de um lugar. Nora diferencia lugares monumentais de lugares arquiteturais, o quarto tipo. Esses últimos são construídos e reservam a identidade de uma época, como uma catedral ou um palácio.

Em seguida Nora nos leva a considerações sobre lugares aos quais chama de "dominante funcional" (NORA, 1993, p. 26). Quer com isso dizer lugares "consagrados a manutenção de uma experiência intransmissível e que desaparecem com aqueles que o viveram, como as associações de antigos combatentes [...] de ordem pedagógica, como os manuais, os dicionários, os testamentos" (NORA, 1993, p. 26) ou livros de memória, enfim, artefatos de ordem simbólica. Pode-se falar ainda dos "lugares dominantes aos lugares dominados" (NORA, 1993, p. 26), os primeiros impostos por cima, por uma autoridade nacional, carregam "a frieza das cerimônias oficiais", eventos nacionais, porém, manobras oficiais; os segundos são "lugares de refúgio", marcados pela procura espontânea, como uma "peregrinação popular a Lourdes" ou "o enterro de Jean-Paul Sartre" (NORA, 1993, p. 26).

Ele conclui considerando a possibilidade indefinida de estender o conceito, como entre lugares públicos e privados, lugares simbólicos, "bandeira nacional, o circuito de festa, peregrinações" (NORA, 1993, p. 27). Assim, há uma ampla possibilidades de estabelecer lugares como objeto da peregrinação ou celebração, cuja relevância para a memória ou história se constitui dentro de determinado quadro que precisa ser definido para uma conceituação mais exata ou precisa.

Já para definir "peregrino" e "peregrinação" é preciso olhar para a Antiguidade tardia. Para isso, Smith (2007) se apoia nas considerações de Colin Morris,[92] para quem os termos viajante e peregrino eram usados como referência àqueles que manifestavam costumes ou sotaques estrangeiros ou tinham situação jurídica inferior aos do cidadão

[92] Colin Morris, *The Sepulchre of Christ and the Medieval West, From the Beginning to 1600*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

local (SMITH, 2007, p. 5). Em outras palavras, peregrino era o estrangeiro distante de sua pátria. E então ela chega a uma definição estrita para peregrinação: "viajar com o propósito de oração" ou para "ver os lugares sagrados", e simplificando, o peregrino é "aquele que viajou para os lugares sagrados para fins espirituais" e a peregrinação é o nome dado a sua jornada (SMITH, 2007, p. 5).[93]

Lindsay Jones,[94] que coordenou uma edição revisada da *Encyclopedia of Religion*, de Mircea Eliade,[95] afirma que a peregrinação envolve três estágios, quase como num rito de passagem: a separação, a jornada propriamente dita e o retorno para casa. O primeiro estágio envolve a separação ou distanciamento do local de origem; o estágio liminar, além da jornada, inclui "a permanência no santuário e o encontro com o sagrado"; a "reagregação", já despido da ansiedade e dos pesos desse mundo, fecha o ciclo. Todo o processo difere do rito de iniciação porque o peregrino se dirige para um "centro fora"[96] do ambiente cotidiano natural do indivíduo (JONES, 2005, p. 7145). O rito de iniciação não faz essa exigência, mas muda o "status social do indivíduo". Jones identifica que no Islã ocorre o inverso: a peregrinação altera esse status, uma vez que é uma das exigências fundantes, sendo chamado um dos cinco pilares daquela religião.[97]

---

[93] A pesquisadora argumenta que na mentalidade judaica, a Palestina era intrinsecamente um território sagrado, o que o pensamento cristão rejeitou. Por isso, foi preciso associar o local a um fenômeno que justificasse o seu *status* de local sagrado. Esse fenômeno deveria ligar-se a um *evento* ou *pessoa* aos quais foram associadas liturgias específicas e a produção de textos, como os Itinerários e as Escrituras (SMITH, 2007, p. 5-6). Esse quadro geral indica que uma investigação a partir dos pressupostos da fenomenologia (Husserl, Heidegger, Van der Leeuw, Mircea Eliade e Rudolf Otto, fenomenólogos e historiadores da religião) poderá produzir melhor entendimento dos mecanismos de sacralização e de identificação dessas manifestações e como são percebidas.

[94] Lindsay Jones é historiadora das religiões, professora do Departamento de Estudos Comparados, ex-diretora do Centro de Estudos de Religião da Universidade Estadual de Ohio e anteriormente professora estrangeira visitante na Universidade de Tsukuba, no Japão. A edição revisada da *Encyclopedia of Religion* coordenada por ela, reúne mais de 3200 artigos sobre o campo das religiões e foi premiada pela *American Library Association* como a melhor fonte de referências em qualquer categoria religiosa.

[95] O romeno Mircea Eliade (1907-1986) é um dos principais historiadores da religião do século XX. Foi, também, mitólogo, filósofo e professor, tendo lecionado História das Religiões na Universidade de Chicago. Fez sua pesquisa de doutoramento ne Índia, sendo um dos pioneiros na leitura dos textos hinduístas em sânscrito. A primeira edição da *Encyclopedia of Religion* (1987), de sua autoria, foi atualizada e ampliada por Lindsay Jones (2005), editora chefe da equipe de quase dois mil colaboradores, razão pela qual as chamadas à obra serão feitas a partir dela, e não por Eliade.

[96] Esses "centros" são locais aos quais se atribuem *hierofanias*, conceito elaborado por Mircea Eliade.

[97] "O Islam se assenta sobre cinco pilares. O primeiro de todos é prestarmos testemunho de que não existe outra divindade além de Deus, e de que Mohammad é o Seu Mensageiro; o segundo é a prática das orações; o terceiro é a paga do tributo social (*zacat*); o quarto é a peregrinação à Casa de Deus (em Makka [Meca]); e o quinto é a observância do jejum no mês de Ramadan". HAYEK, Samir. *Os quarenta hadith (ditos)*. s/l, s/d.c, p. 3. Foi preservada a grafia original.

A jornada ou "estágio liminar de uma peregrinação", no qual são rompidos os laços sociais, envolvem a consciência de uma nova comunidade, a *communitas* ("comunidade, companheirismo"), composta por outros sujeitos que foram atraídos "pelo magnetismo espiritual do centro da peregrinação" (JONES, 2005, p. 7146). Se assumir tal consciência e romper vínculos com a própria sociedade, o turista pode ser um peregrino, assim como um místico. É o que Jones chama de mudança de mundo, que ocorre quando transcendem a estrutura social anterior, libertam-se, na "situação de liminalidade"[98] (JONES, 2005, p. 7145).

> Sua jornada externa, como a peregrinação, pode, portanto, ser uma forma de misticismo exteriorizado. Os místicos, por outro lado, fazem uma jornada sagrada interior, uma peregrinação interior. Peregrinos, turistas e místicos são, todos os três, libertados por um tempo das redes da estrutura social (JONES, 2005, p. 7145, trad. nossa).[99]

Paradoxalmente, essa *communitas* que caminha rumo a um centro exterior leva o peregrino a afirmar "de sua própria empresa que 'aqui é a única sociedade sem classe possível'" (JONES, 2005, p. 7145), ao mesmo tempo dependem de um quadro religioso histórico específico, que orienta para o centro a partir de crenças próprias, valores e normas e esse "senso de fluxo que os peregrinos sentem quando atuam" coletivamente pode "promover a exclusividade entre as religiões, o sentido de que 'o nosso é o único'" (JONES, 2005, p. 7146).

> Aqui se encontra o fato de que os peregrinos são geralmente conservadores sociais, enquanto seus críticos são geralmente liberais. Na maioria das vezes, a peregrinação é um fenômeno da religião popular. As populações das quais os peregrinos são traçados tendem a se apegar com ciúme aos seus direitos e costumes tradicionais (JONES, 2005, p. 7146, trad. nossa).[100]

---

[98] Liminaridade é um estado subjetivo, de ordem psicológica, neurológica ou metafísica, consciente ou inconsciente, de estar no limite ou entre dois estados diferentes de existência. Assim é definido na Neurologia e nas teorias antropológicas sobre os rituais, como o definem autores como Arnold van Gennep ("Ritos de Passagem") e Victor Turner ("Liminaridade e Communitas", em "O Processo Ritual Estrutura e Anti Estrutura"). In <www.dicioarioinformal.com.br>.

[99] Their outward journey, like pilgrimage, may thus be a form of exteriorized mysticism. Mystics, on the other hand, make an inward sacred journey, an interior pilgrimage. Pilgrims, tourists, and mystics are, all three, freed for a time from the nets of social structure.

[100] Here one encounters the fact that pilgrims are usually social conservatives, while their critics are often liberals. More often than not, pilgrimage is a phenomenon of popular religion. The populations from which pilgrims are drawn tend to cling jealously to their traditional rights and customs.

Outra característica que Jones considera própria dos peregrinos, e que pude constatar também nos modernos turistas, é a crença em certo "magnetismo espiritual" nesses centros de peregrinação.[101] Os peregrinos precisam tocar aquilo que marca o centro, aquilo para o qual foram atraídos, de modo que o toque, isto é, a concretude da experiência os aproxima ao "evento original", resgata aquilo que concedeu status sagrado ao local ou objeto: "O local de nascimento, a localização dos eventos da vida ou o túmulo de uma pessoa santa pode ser um ímã de peregrinação [...] a própria terra em certos lugares tem poder para mover o espírito" (JONES, 2005, p. 7146, trad. nossa).[102] Isso foi observado, e.g., em um dos turistas que pude acompanhar; ele chegou a pagar excesso de bagagem no retorno da viagem de Israel, porque apanhou certa quantidade de pedregulhos na região do Mar Morto, além de trazer galões de água do rio Jordão, coletadas no próprio rio, ainda que a mesma pudesse ter sido encontrada na torneira da suíte do hotel. Posteriormente, em contato com esse turista, vi que ele havia separado a água em pequenas garrafas de plástico, acondicionando doses de água para que pudesse vender entre pessoas de sua igreja. É a transferência de materialidade da experiência.

Concluindo, Jones dá uma sugestão de classificação das peregrinações em termos históricos. A tipologia proposta baseia-se nas experiências ocidentais, em grande parte, mas são úteis para examinar peregrinações de outras partes do planeta. Jones as classifica em arcaicas, prototípicas, da Alta Idade Média e modernas (JONES, 2005, p. 7146).

As peregrinações arcaicas foram aquelas ocorridas em tempos muito antigos, das quais pouco ou nada se sabe a seu respeito. Como exemplos, são citados os índios Huichol, do México, e há casos em que se considera que as *communitas* arcaicas ainda alimentam novas situações (releituras ou atualizações), e até sincretismo, como ocorreu a Izamal e Chalma, no México (a Virgem de Izamal e o Bom Jesus de Chalma), e a Canterbury, na Inglaterra (entre Agostinho de Cantuária e o Papa Gregório I, em que este disse "batizar" os costumes anglo-saxões e adotá-los) e a Meca e Jerusalém, no Oriente Médio, onde inicialmente o Profeta do Islã adotou o uso de uma cidade como centro

---

[101] Em contraste com os centros atrativos de peregrinação, temos os "não lugares" de que trata Daflon. A autora trabalhou com as teorias de Z. Bauman e M. Onfray apontando para a "vilanização" do nômade, em que a viagem é vista como "expiação" (o mundo é visto como nômade ou sedentário). O mundo nômade é o mundo suspeito, assim como Caim que sofreu a maldição e sua pena foi viver vagando. A isso, o capitalismo impõe as penas para aqueles que não fixam residência, domicílio, e amaldiçoa os que não são capazes de se manterem ou serem úteis ao sistema (DAFLON, 2015, p. 111).

[102] The birthplace, location of life events, or tomb of a holy person may be a pilgrimage magnet in the same way, and the land itself in certain places has power to move the spirit, so that rivers, mountains, caves, islands, and strange features of the landscape may radiate spiritual magnetism.

religioso, para onde os seguidores deveriam se voltar durante as orações, e depois abandonou a cidade de Jerusalém, substituindo-a pela oração voltada para Meca (JONES, 2005, p. 7146).

A peregrinação prototípica é aquela que foi estabelecida pelo fundador de uma religião ou por seus primeiros seguidores ou discípulos. A partir do momento quando se admite que o fundador visionário está investido de sacralidade e começa a realizar milagres, tocar objetos, abençoar os que a ele se achegam, desenvolve-se um sistema de retroalimentação, um "forte sistema de feedback, aumentando a popularidade do centro de peregrinação" (JONES, 2005, p. 7147, trad. nossa).[103] Então, surgem as narrativas, publicam livros, constroem edificações e o sistema se consolida e atrai mais peregrinos. São exemplos dessa categoria as peregrinações a Jerusalém e Roma para os cristãos, Jerusalém para o judaísmo, Meca para o Islã, Banaras e o Monte Kailash para hindus e budistas, Bodh Gaya e Sarnath, Índia, para o budismo e Ise para o xintoísmo (JONES, 2005, p. 7147).

O labor histórico que segue o período de peregrinação prototípica traz uma complexidade que irá desabrochar na peregrinação da Alta Idade Média, o auge da tradição consolidada de certa peregrinação. É quando aquela simples capela dá lugar a um santuário ou igreja (ou templo) melhor elaborado, rico em símbolos, com edificações anexas, um comércio pujante, áreas para feiras e hospedagens com melhores acomodações "e os peregrinos profissionais fazem sua aparição" (JONES, 2005, p. 7147). No período das peregrinações da Idade Média, a paisagem na Europa foi transformada em seu aspecto arquitetônico com a edificação das catedrais, muitas das quais emulavam a aparência dos originais na Terra Santa, as quais haviam sido conquistadas pelo Islã. Com a peregrinação a Terra Santa impedida, foi preciso deslocar os centros da fé para satisfazer ou compensar a demanda da Cristandade. Mas não bastava apenas a aparência estética; foi preciso justificar a sacralidade, e para isso foram introduzidas as relíquias: algum objeto usado pelo santo ou fundador da tradição, um osso ou algo assim. O exemplo dado é de "Chartres, na França, onde o véu da Virgem está consagrado" (JONES, 2005, p. 7147).

No Novo Mundo, as peregrinações existiram, mas os santuários não recuperaram a aparência das catedrais na Terra Santa, e também não tinham relíquias. Foi aí que as

[103] [...] a strong feedback system develops, further increasing the popularity of the pilgrimage center.

imagens de santos ganharam força na tradição popular da região (JONES, 2005, p. 7147). Na Europa, no mesmo período, o incremento no uso e veneração a "objetos simbólicos" suplantou o significado dos mesmos, o que veio a ser alvo de crítica por parte dos reformadores:

> Desiderius Erasmus, William Langland, John Wycliff, Hugh Latimer e João Calvino foram reformadores que se opuseram à peregrinação e à veneração excessiva de imagens. Nos últimos anos, a oposição veio do Vaticano, que negou a aprovação para peregrinações a Juazeiro, Bahia, no Brasil e a Necedah, Wisconsin, nos Estados Unidos; os acontecimentos milagrosos ou aparições só podem ser ratificados após um exame exaustivo por parte de funcionários clericais. Em Israel, o rabinato vigia as irregularidades nas muitas peregrinações populares aos túmulos de tsaddiqim ("pessoas sagradas"). (JONES, 2005, p. 7147, trad. nossa)[104]

Por fim, a peregrinação moderna. Jones classificou esse período em termos cronológicos datando o seu surgimento nos dois últimos séculos e sendo "um novo tipo de peregrinação" e grupos ardentemente devotos (JONES, 2005, p. 7147). Não sabemos exatamente qual ou quais tradições religiosas têm tido essa característica. Outra marca própria da peregrinação moderna é ser "francamente tecnológica":

> Os peregrinos viajam de automóvel e avião e os centros de peregrinação publicam jornais e panfletos. As áreas de captação da peregrinação moderna são as grandes cidades industriais. No entanto, a mensagem do santuário ainda é tradicional, em desacordo com os valores de hoje. Muitas peregrinações católicas romanas foram desencadeadas por uma aparição da Virgem Maria a um humilde visionário com uma mensagem de penitência e um presente de cura, como em Lourdes, na França (JONES, 2005, p. 7147, trad. nossa).[105]

Embora o curso da história tivesse mudado o perfil das relações exteriores ou as relações no campo social e econômico, a dinâmica parece ter sofrido pouca alteração.

---

[104] Desiderius Erasmus, William Langland, John WyclifF, Hugh Latimer, and John Calvin were reformers who opposed pilgrimage and the excessive veneration of images. In recent years opposition has come from the Vatican, which denied approval to pilgrimages to Joazeiro, Bahia, in Brazil and to Necedah, Wisconsin, in the United States; miraculous or apparitional events may be ratified only after exhaustive examination by clerical officials. In Israel the rabbinate keeps watch for irregularities at the many popular pilgrimages to the tombs of tsaddiqim ("holy persons").

[105] Pilgrims travel by automobile and airplane, and pilgrimage centers publish newspapers and pamphlets. The catchment areas of modern pilgrimage are the great industrial cities. However, the message of the shrine is still traditional, at variance with the values of today. Many Roman Catholic pilgrimages have been triggered by an apparition of the Virgin Mary to some humble visionary with a message of penance and a gift of healing, as at Lourdes, France.

Mesmo no período moderno das peregrinações é possível ver brotar centros de atração que há muito deixaram de reunir peregrinos. Eles "surgem das cinzas de algum santuário de peregrinação morta", nas palavras de Jones, a partir de uma nova razão que contempla o fundador, acompanhada do anúncio ou realização de um milagre e então isso basta para que se renovem as esperanças e recomece uma nova onda de peregrinação. Os exemplos de ressurreições de centros de atração no mundo moderno são Aylesford, na Inglaterra, ou no Japão "e no túmulo do santíssimo rabino Huri de Beersheva, Israel" (JONES, 2005, p. 7147).[106]

Uma indicação a respeito da natureza da peregrinação, da experiência pessoal daquele que empreende tal deslocamento, proverá uma conexão com os recentes estudos do turismo nos campos da filosofia e da sociologia, a serem vistos mais à frente:

> A peregrinação é um processo, um fenômeno fluido e em mudança, espontâneo, inicialmente não estruturado e fora dos limites da ortodoxia religiosa. É principalmente um rito popular de passagem, um empreendimento para a experiência religiosa, em vez de uma transição para status superior. Uma peregrinação particular como uma resiliência considerável ao longo do tempo e o poder do avivamento. Peregrinos em todo o mundo atestam a profundidade de sua experiência, que muitas vezes supera o poder de palavras (JONES, 2005, p. 7147).

As considerações que acabamos de conferir trataram de uma proposta de tipologia para os peregrinos, nome dado aos sujeitos religiosos que empreendiam viagens desde o século III (ou antes), segundo os autores da *Encyclopedia of Religion*. No entanto, cronologicamente, essas considerações nos conduziram até o período moderno, quando vemos ser estruturado o turismo como fenômeno próprio da época recente em relação às peregrinações, que são mais antigas.

> A palavra turismo só se propagou na segunda metade do século [XIX]. Littré indica o termo *touriste* como oriundo do inglês *tourist*. De fato, foram os britânicos que deram o exemplo, as viagens tornaram-se comuns, apenas, com o aparecimento das estradas de ferro. Por esta época imprimem-se guias e mapas denominados turísticos e Piazza inventa o cartão-postal ilustrado para fixar as lembranças de viagem (PIRES, 2002, p. 23).[107]

---

[106] Sobre o rabino Huri, *The Life and Works of Rabbi Hayyim Huri* (Hebrew), Beersheba, 1985.

[107] Conforme Robert Schnerb, "O século XIX", in: M. Couzet, *História geral das* civilizações. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1969, Tomo VI, v. 13, p. 224.

Acerenza, diretor do Centro Interamericano de Capacitação Turística da Organização dos Estados Americanos (OEA) e dela membro no Programa de Desenvolvimento Turístico,[108] considera a primeira ocorrência do termo *tour* nos estudos etimológicos em 1670, no inglês (passeio, volta), fruto do galicismo de *tour* (volta), denotando "viagem circular", "de volta ao ponto de partida", de onde já se compreende o ir e vir próprio da atividade (ACERENZA, 2006, p. 25). Autores como o jornalista belga Arthur Haulot (1961)[109] sugeriram uma origem anterior, que remonta aos hebreus, na passagem de Números 13.16, quando se diz que Moisés enviou doze espias a Canaã para olhar a terra e voltar com informações sobre a mesma. "Parece que em hebraico antigo a palavra *tour* ou *tur* tinha o significado de *viagem de reconhecimento* ou *exploração,* o que logicamente implica o retorno ao ponto de partida, o que talvez difira da conotação inglesa" (ACERENZA, 2006, p. 25-6; ênfase no original). Essa informação tem valor para o registro histórico, mas não considero o mérito da discussão das considerações feitas pelo autor, pois me parecem um tanto distantes das atribuições recentes e modernas para turismo, que a associam atividades de recreação e lazer, entretenimento entre outras, mais adequadas à nossa finalidade.

Quando a Liga das Nações (que deu origem a ONU) tentou estabelecer um "conjunto de definições internacionais" a fim de medir estatisticamente o campo do turismo, ainda em 1937, recomendou uma definição de "turista internacional" para tal finalidade. Essa definição foi ligeiramente modificada pela União Internacional dos Organismos Oficiais de Turismo (UIOOT, antecessora da Organização Mundial do Turismo - OMT) em 1950. Em 1953 a Comissão Estatística das Nações Unidas definiu o conceito de "visitante internacional" (ACERENZA, 2006, p. 54). Em 1963, na cidade de Roma, foi realizada uma conferência das Nações Unidas sobre Turismo e Viagens Internacionais, quando a proposta da UIOOT foi recomendada, distinguindo-se os termos "visitante", "turista" e "excursionista" (*trekker*), examinados em 1967 por especialistas em estatísticas em viagens internacionais da ONU, sendo subscritas, no ano seguinte, pela Comissão Estatística do órgão (ACERENZA, 2006, p. 54). Para Acerenza (2006, p. 54), desde então os conceitos para fins estatísticos não foram desenvolvidos no mesmo ritmo

---

[108] Miguel Ángel Acerenza também é autor e professor da cátedra de Turismo e Marketing Turístico em universidades no México, na Venezuela, no Peru e em Madrid, na Espanha.

[109] Arthur Haulot, "Le Tourisme et la Bible", in *Revew de L'Académie Internacionale du Tourisme,* 4º tri, 1961, p. 17.

que a própria atividade do turismo o foi, bem como o desenvolvimento de sua natureza e significado em nível internacional

Apenas para fechar esse aspecto do turismo, quero finalizar destacando que atualmente, o glossário da *United Nations World Tourism Organization* (UNWTO) parte de uma definição mínima de turismo como "a atividade de visitar" (UNWTO, 2014, p. 10), mas em seguida desmembra a definição em diversas especificidades. O documento (UNWTO, 2014, p. 12, trad. nossa) faz as seguintes distinções que nos são oportunas:[110]

– Turista (ou visitante durante a noite): um visitante (doméstico, de entrada ou de saída) é classificado como turista (ou visitante de uma noite), se sua viagem inclui uma estadia noturna ou, de algum modo, como visitante do mesmo dia (ou excursionista).

– Viagem/viajante: viagens referem-se à atividade dos viajantes. Um viajante é alguém que se move entre diferentes locais geográficos, por qualquer propósito e/ou duração. O visitante é um tipo particular de viajante e, consequentemente, o turismo é um subconjunto de viagens.

– Grupo de viagem: um grupo de viagem é composto por pessoas ou grupos que viajam juntos: exemplos são pessoas que viajam no mesmo pacote ou jovens que frequentam um acampamento de verão.[111]

O visitante (interno ou externo), embora turista, é aquele que permanece em local distinto do seu país de origem por espaço superior a doze meses (ACERENZA, 2006, p. 56). As pessoas envolvidas nas viagens objeto desta pesquisa são apropriadamente ajustadas neste último conceito: grupos de viagem, uma vez que são ou pertencem ao mesmo grupo (igreja, paróquia e seus familiares) e aproveitam o pacote, uma das modalidades oferecidas pelas operadoras de turismo, tendência surgida nos anos 1980.

O *International Recommendations for Tourism Statistics* (ONU, 2016, p. 32) contempla o trânsito religioso ("Religion/pilgrimages") em sua classificação de viagens turísticas de acordo com o "principal propósito" de uma viagem "pessoal" (que não seja

---

[110] Acerenza desenvolve categorias diversas que não serão necessárias no momento. A título de nota, elas são: turismo interno, interior, emissor, receptor, nacional e internacional (ACERENZA, 2006, p. 55).

[111] **Tourist (or overnight visitor):** A *visitor* (*domestic*, *inbound* or *outbound*) is classified as a *tourist* (or *overnight visitor*), if his/her *trip* includes an overnight stay, or as a *same-day visitor* (or *excursionist*) otherwise. **Travel / traveller:** *Travel* refers to the *activity* of *travellers*. A *traveller* is someone who moves between different geographic locations, for any purpose and any duration. The visitor is a particular type of traveller and consequently tourism is a subset of travel. **Travel group:** A *travel group* is made up of individuals or *travel parties* travelling together: examples are people travelling on the same package tour or youngsters attending a summer camp.

de "negócios e profissional").[112] Além do "principal propósito", o mesmo documento classifica, para fins estatísticos, o tipo de produto turístico (pacote de viagem ou turístico), o tempo de duração no destino (visitante; visitante ou excursionista do mesmo dia; turista ou visitante noturno), origem e destino (e/ou multipontos/localidades visitados) o meio de transporte e tipos de acomodação (ONU, 2016, p. 32-36).

2.2 O Turismo como objeto de pesquisa nas Ciências Sociais

John Tribe[113] (1997), há duas décadas, vislumbrava a necessidade de diversificar as ferramentas de estudo do campo turístico, ao negar o caráter de disciplina para tais estudos. O título do seu artigo é sugestivo: *The Indiscipline of Tourism*. Tribe argumentou que o turismo não é um campo específico, pelo que não se pode estudá-lo como tal, unificadamente, estritamente como uma atividade com campo distinto (TRIBE, 1997, p. 17). Ao concentrar os estudos nesse sentido, os acadêmicos demonstram "nostalgia e insegurança" (TRIBE, 1997, p. 20). O turismo, para ele, não merece a tentativa de "um paradigma abrangente e uma teoria unificadora", porque há uma "desordem" a ser enfrentada, dado que "o estudo do turismo não é uma disciplina, mas dois campos distintos" (TRIBE, 1997, p. 17). "Mas essa distinção entre campos e disciplinas sugere simplesmente que alguém está testemunhando um objeto de estudo (campo) ao invés de uma forma de estudar (disciplina)" (TRIBE, 1997, p. 20).

O que Tribe propõe é uma abordagem concentrada nos aspectos comerciais do turismo (*business*) e nos aspectos não comerciais (non-*business*) (TRIBE, 1997, p. 1). Há demandas vindas da indústria e da academia, e pode haver colaboração entre ambos os campos para o melhor conhecimento do turismo (TRIBE, 1997, p. 19). Essa proposta de colaboração não deveria ser vista como mutuamente excludente, simplesmente eliminaria a divisão entre indústria e academia.

Acerenza (2006) contribui para compreendermos as implicações cruzadas do turismo nos campos da Economia, Geografia, Sociologia e da Psicologia, ao dizer não haver um consenso geral, nem em cada campo. Esses campos esclarecem aspectos

---

[112] As demais categorias são: férias, lazer e recreação; visita a amigos e parentes; educação e treinamento; saúde e cuidado médico; compras; trânsito; outras (ONU, 2016, p. 32).

[113] John Tribe é mestre e doutor pela Universidade de Londres. Foi professor de Turismo e Chefe de Pesquisa na Faculdade de Lazer e Turismo, Buckinghamshire New University. É editor-chefe de *Annals of Tourism Research* e editor do *Journal of Hospitality, Leisure Sport and Tourism Education*.

próprios, mas não consolidam uma teoria que "explique o fenômeno turístico em sua total magnitude" (ACERENZA, 2006, p. 14). Em 1911, Schullern zu Schattenhofen, em *Turismo y Economía Nacional*, definiu o turismo a partir da ótica da Economia como o "conceito que compreende todos os processos, especialmente econômicos, que se manifestam no fluxo, permanência e retorno do turista, dentro e fora de determinado município, país ou estado" (ACERENZA, 2006, p. 12, trad. nossa).[114] Mas somente após a Segunda Guerra Mundial os geógrafos trataram "da compreensão das relações entre o espaço e as atividades turísticas e as repercussões que estas relações têm sobre o território (ACERENZA, 2006, p. 13). É oportuna a definição do geógrafo francês J. L. Michaud:

> O turismo agrupa o conjunto de atividades de produção e consumo originadas por deslocamentos variados, de ao menos uma noite fora do domicílio habitual, cujo motivo é a recreação, os negócios, a saúde ou a participação em uma reunião profissional, desportiva ou religiosa (ACERENZA, 2006, p. 14, trad. nossa).[115]

A Sociologia se interessou pelo estudo do turismo após a Segunda Grande Guerra, focalizando as mudanças sociais dele decorridas. Na década de 1970, depois das sínteses teóricas e as primeiras tipologias, o estudo sociológico foi dividido por áreas temáticas: tipologia dos turistas, interações entre turistas e seus anfitriões, impactos sobre a sociedade receptora, a relação com as teorias de alienação, a inautenticidade da vida real apresentada aos turistas (ACERENZA, 2006, p. 15). Mas como o turismo resulta das motivações individuais, a Psicologia interveio na tentativa de compreender as condutas individuais que se convertem em condutas sociais, das quais a Sociologia se ocupava. O turismo nada mais era, como se constatou, que uma conduta humana produtora de um fenômeno psicossocial. Hoje a Psicologia pergunta pelos motivos por que uma pessoa viaja, tentando "explicar fatores psicológicos individuais e sociais que influenciam as motivações e as decisões para viajar, bem como o comportamento dos turistas" (ACERENZA, 2006, p. 15-16).

---

[114] [...] es el concepto que comprende todos los procesos, especialmente económicos, que se manifiestan en la afluencia, permanencia y regreso del turista hacia, en y fuera de un determinado municipio, país o estado.

[115] El turismo agrupa el conjunto de actividades de producción y de consumo originadas por unos desplazamientos variados de, por lo menos, una noche fuera del domicilio habitual, cuyo motivo es el esparcimiento, los negocios, la salud o la participación en una reunión profesional, deportiva o religiosa. Apud J. P. Lozato-Giotart, *Geografía del turismo,* Masson, Barcelona, 1990, p. 11.

Além das referidas disciplinas, Acerenza também apresenta as correntes de pensamento que discutem a importância ou a ameaça que o turismo representa. São elas as teorias compensatórias, que partem do princípio que a sociedade se rege pelo mérito, e o lazer e o descanso são merecidos. O ócio é uma compensação pelos esforços produtivos da vida humana.

As teorias humanistas entenderam que não haveria guerras no mundo se ele fosse conduzido "pelas mãos dos responsáveis pela atividade turística" (ACERENZA, 2006, p. 15-18). A aproximação levaria à melhor comunicação e ao diálogo entre os povos e as comunidades emissoras e receptoras adquiririam melhor compreensão entre si.

Por fim, as teorias de alienação, desdobramentos da Escola de Frankfurt, com suas críticas ao capitalismo, ao turismo de massa e sua indústria manipuladora, afirmando que o turismo serve para levar aos países menos desenvolvidos o que se produz de pior nos países emissores: destruição do meio ambiente, corrupção dos usos e costumes, difusão da prostituição e uso de drogas e outros problemas. Algumas dessas críticas foram retomadas nos anos 1980 pelos grupos e movimentos ambientalistas, levando, mais adiante, ao conceito de ecoturismo e turismo responsável (ACERENZA, 2006, p. 19-20). Giles Lipovetsky faz a mesma crítica ao dizer que o capitalismo é "capaz de aumentar as riquezas, de produzir e difundir em abundância bens de todo tipo", [mas] só consegue isso gerando crises econômicas e sociais profundas" (LIPOVETSKY, 2015, p. 11).

Com essa discussão, um movimento promovido pela *Internationale Tourismus-Börse Berlin* (ITB Berlin), envolveu 30 grupos ligados ao turismo em dez países, além do *Foro de las Iglesias*, para discutir problemas do turismo nos países do Terceiro Mundo. Foi neste contexto dos movimentos ambientalistas dos anos 1980 que surgiu o conceito de ecoturismo, visando ordenar políticas e regulamentações para o desenvolvimento das comunidades de destino. A Igreja Católica teve importante papel neste cenário. O Papa Paulo VI, na ocasião do Concílio Vaticano II,[116] se manifestou sobre o turismo "como fator válido na formação cultural moderna, vínculo de simpatia entre os povos e de paz internacional, experiência humana capaz de conduzir o espírito a suas mais elevadas escaladas, dignas do bendito olhar de Deus" (ACERENZA, 2006, p. 21-22, trad.

[116] O Concílio Vaticano II foi uma série de reuniões ecumênicas promovidas pela Igreja Católica e procurou modernizá-la e dotá-la para lidar com as novas questões globais e seus desafios. Foi convocado pelo Papa João XXIII em 1962 e concluído sob a autoridade de Paulo VI, em 1965. Reuniu mais de 2000 prelados e gerou 16 documentos. É considerado o principal evento da Igreja Católica no século XX.

nossa).[117] Admitindo o valor ecumênico do turismo, a Igreja Católica criou em Roma a Pastoral do Turismo, sendo reconhecida como membro efetivo do organismo que em 1975 se tornaria a Organização Mundial do Turismo, agência especializada da ONU[118] (ACERENZA, 2006, p. 22). São dignos de nota alguns parágrafos da Declaração final do IV Congresso Mundial da Pastoral do Turismo, ocorrida em Roma em 1990 (vide ANEXO F).

As definições de turismo, portanto, variam de acordo com o emitente da definição. A primeira tentativa de defini-lo, ainda antes da obra de Schattenhofen, foi feita por E. Guyes em 1905, mencionada pelo professor Luis Fernando Jiménez, e enfatizava a atividade como "fenômeno dos tempos atuais", decorrente da "crescente fusão das nações e países da sociedade humana, como resultado do desenvolvimento do comércio, da indústria e dos mercados e o aperfeiçoamento dos meios de transporte".[119] Em 1942, dois professores suíços, Walter Hunziker e Kart Krapf, iniciaram os estudos científicos do turismo.[120] A definição que propuseram para turismo, admitida pela *International Association of Scientific Experts in Tourism* (AIEST) aponta para o "conjunto das relações sociais e fenômenos produzidos pelo deslocamento e permanência de pessoas fora de seu local de domicílio", destacando que a motivação para tal deslocamento não seja comercial, isto é, a motivação não seja uma "atividade lucrativa principal" (ACERENZA, 2006, p. 26; trad. nossa).[121] Uma vez que a atividade lucrativa não seja a motivação primária, nota-se um direcionamento dessa definição para o tempo livre, o

---

[117] [...] factor válido en la formación cultural moderna, vínculo de simpatía entre los pueblos y de paz internacional, experiencia humana capaz de conducir el espíritu a sus más elevadas ascensiones, digna de la bendita mirada de Dios.

[118] A *United Nations World Tourism Organization* (UNWTO) inclui 154 países, 7 territórios e mais de 400 membros afiliados, representando o setor privado, instituições educacionais, associações de turismo e autoridades de turismo local. Disponível em <https://ajonu.org/2012/10/17/organizacao-mundial-do-turismo-omt/> e acessado em 21.06.2017.

[119] "Turismo, en el sentido moderno de la palabra, es un fenómeno de los tiempos actuales, basado en la creciente necesidad de recuperación y cambio de ambiente, el conocimiento y la apreciación de la belleza escénica, el goce del contacto con la naturaleza y es, en particular, producto de la creciente fusión de las naciones y países de la sociedad humana, como resultado del desenvolvimiento del comercio, la industria y los mercados y el perfeccionamiento de los medios de transporte" (Luis Fernando Jiménez G., *Apuntes de la cátedra sobre teoría turística,* Universidad del Externado de Colombia, Bogotá, 1982, in ACERENZA, 2006, p. 26).

[120] Em 1941 ambos fundaram, na Suíça, o Instituto de Investigações Turísticas na Universidade de St. Gallen, em Berna e, após a Segunda Guerra, fundaram a *International Association of Scientific Experts in Tourism* (AIEST).

[121] Es el conjunto de las relaciones y fenómenos producidos por el desplazamiento y permanencia de personas fuera de su lugar de domicilio, em tanto que dichos desplazamientos y permanencias no estén motivadas por una actividad lucrativa principal, permanente o temporal.

ócio, a recreação e a qualidade de vida, discutidas pelo autor para, então, introduzir os tipos de turismo. Dentre eles, turismo de massa, alternativo, de natureza, rural, ecoturismo, sustentável, até chegar a um conceito contemporâneo: o pós-turismo (ACERENZA, 2006, p. 48).

O conceito de pós-turismo[122] foi cunhado por John Urry (2011, p. 102)[123] e indica a passagem do velho turismo de massa, dos pacotes padronizados para o Mediterrâneo (que posteriormente se espalharam para outras partes do globo), para uma preferência do público por opções personalizadas. Certamente a emergência econômica de determinadas classes sociais, bem como suas práticas culturais, provocaram a necessidade de distinções e personalizações na oferta desses serviços, como explica o próprio Urry (2011, p. 102), apoiando-se também na teoria de Bourdieu da sobreposição dos campos e do capital cultural (v. Considerações teóricas e de método). Acerenza não concorda plenamente com a definição de pós-turismo, preferindo o recorte "fim do turismo de massa", em vez de "velho turismo" (ACERENZA, 2006, p. 50).

A mudança global na característica da cultura do turismo se deu no final do século XX, dos anos 1980 para 1990 (ACERENZA, 2006, p. 40). Os velhos pacotes de turismo de massa para o Mediterrâneo deixaram de atrair os turistas, então emergidos na cultura pós-moderna, e os mesmos já não queriam as opções anteriores, forçando uma mudança na cultura das operadoras, das agências e das próprias viagens e a escolha dos locais de destino (URRY, 2011, p. 101-2). A considerar o conceito de pós-turismo de Urry, os brasileiros envolvidos nas viagens objeto desta pesquisa não acompanharam a mudança da cultura, i.é., mantêm-se no "turismo moderno" de Urry, ou no "velho turismo" de Acerenza, embora a explosão dos roteiros de viagem em grupos para Israel-Palestina tenha ocorrido após os anos 1990-2000, com o melhor acesso aos pacotes internacionais baseados no dólar, além de dinâmicas internas do campo religioso (tratadas nos c. 5 e 6).

---

[122] O conceito de pós-turismo foi elaborado por Maxime Feifer (cfm. FEIFER, M. *Going Places*. London: Macmillan, 1985) como categorização contrastante do período do turismo de massa. No pós-turismo as preferências do consumidor são customizadas, orientadas pela experiência, atitudes e motivações de consumo e novas tecnologias. Outros autores admitiram e desenvolveram o conceito, como os britânicos John Urry e Chris Rojek, o mexicano Sergio Salinas, entre outros. Há ainda outros conceitos, como turismo pastiche (*pastiche tourism*, Keith Hollinshead) e turismo de colagem (*collage tourism*, do próprio Rojek). Para outros desdobramentos dentro desses conceitos, Natan Uriely, "Theories of Modern and Postmodern Tourism", in *Annals of Tourism Research* 24(4):982-985, october, 1997.

[123] John Richard Urry (1946-2016) lecionou na Lancaster University. Como sociólogo, se notabilizou por suas pesquisas e publicações nos campos da sociologia do turismo e mobilidade.

Abumanssur conclui a questão ao afirmar que "o 'turismo religioso' e o turismo de massas são crias siamesas de um mesmo processo histórico" (ABUMANSSUR, 2009, p. 3).

2.3 A viagem em si: da viagem peregrina ao turismo de consumo

Gilles Lipovetsky, filósofo e sociólogo que formulou o conceito de hipermodernidade[124] para traduzir a exacerbação das práticas de produção e consumo e o individualismo, e Jean Serroy, crítico de cinema, ambos professores na Universidade de Grenoble, fazem uma crítica ao "capitalismo artista", conceito que abarca o emaranhado de recursos aos quais o capitalismo lança mão ao lidar com as sensibilidades de um público esvaziado de sentimentos pelo próprio capitalismo, que vai em busca do preenchimento desse vazio na experiência emocional.

O turismo é tratado pelos autores. Num mundo saturado de dispositivos das naturezas as mais diversas, que vão da abstração estética ao *high tech*, passando pela gastronomia, as imagens do cinema e da internet, a arquitetura, o *design*, a espetacularização da vida promovida pelo interesse econômico e a moda, são as emoções, o que o "capitalismo artista" ou "criativo transestético" almeja, como na definição do termo:

> É o que chamamos de *capitalismo artista* ou *criativo transestético*, que se caracteriza pelo peso crescente dos mercados da sensibilidade e do "design process", por um trabalho sistemático de estilização dos bens e dos lugares mercantis, de integração generalizada da arte, do "look" e do afeto no universo consumista (LIPOVETSKY, 2015, p. 13; ênfases no original).

A obra "A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista", divide em quatro os períodos de estetização do mundo ou "quatro grandes modelos 'puros' que organizaram, ao longo da história, o processo imemorial de estilização do mundo" (LIPOVETSKY, 2015, p. 14). Em linhas gerais, partindo do primeiro, o chamado "primitivo", o trabalho de estilização ou de "artealização" do mundo, trabalho que "singulariza uma época ou uma sociedade", era o que humanizava e socializava os sentidos e os gostos (LIPOVETSKY, 2015, p. 15). À época ditada pela religião, "a

[124] Donde a nova fase de modernidade que nos caracteriza: depois do momento industrial produtivista, eis a era da hipermodernidade, a uma só vez "reflexiva" e emocional-estética (LIPOVETSKY, 2015, p. 14).

estruturação social e religiosa é que em toda parte regula[va] o jogo das formas artísticas [...] traduzindo a organização do cosmo, ilustrando mitos" (LIPOVETSKY, 2015, p. 16), de modo que embora manifestações estéticas, não fossem por isso periféricas, antes, centrais e necessárias à promoção das rotinas dinâmicas da sociedade que as comporta, criavam e conferiam sentido.

A segunda foi a era da "estetização aristocrática", marcada pela emancipação da arte em relação à fé institucionalizada, mirando uma abordagem estética da aristocracia, que a essa altura, na Idade Média, se serve dos grandes nomes das artes na composição de sua pompa. A terceira era, séculos XVIII e XIX, marcou a presença do capital moderno e das relações comerciais ditando demandas e conferindo *status* social. O último período ou era é o chamado transestético, conceito que traduz a abundância de opções e a convergência que se faz necessária para que a clientela não seja distraída, mas mantenha-se consumindo e experimentando sinestesicamente[125] novas sensações repetidamente. Nesta fase a arte encontra-se toda subjugada ao capital, que faz dela a maquiagem para disfarçar a ânsia pelo lucro.

> Cada vez mais desejoso, também, de descobertas, de exotismos, de viagens: o turismo, de acordo com a Organização Mundial do Turismo, se tornou, com seus 900 milhões de viajantes internacionais, a primeira indústria do mundo, representando quase 12% do PIB mundial. Nunca as exposições e os museus alcançaram tais recordes de visitantes (LIPOVETSKY, 2015, p. 61).

As 38 ocorrências da palavra turismo em sua obra, média de uma a cada vinte e três páginas, mostram como o turismo é atividade que ocupa o primeiro plano do interesse desse capital, como ferramenta para despertar sensações e estimular a elaboração de imagens e aguçar desejos por meio do *design*. E o aspecto religioso tem parte nisso. Explicando como a modernidade solapou a arte religiosa e os lugares de culto pelos símbolos laicos de expressão da espiritualidade, como os museus e galerias de arte, cinema, teatro, *shows* etc., afirmam os autores que

> a estética substituiu a religião e a ética: a vida só vale pela beleza, tanto que diversos artistas afirmam a necessidade de sacrificar a vida material, a vida política e familiar à vocação artística: trata-se para eles de viver para a arte, de dedicar sua existência à sua grandeza (LIPOVETSKY, 2015, p. 22).

[125] Sinestesia é um fenômeno neurológico que consiste na produção de duas sensações de naturezas diferentes por um único estímulo. É um termo que caracteriza a experiência sensorial de certos indivíduos nos quais sensações correspondentes a um certo sentido são associadas a outro sentido.

Nesse ponto é possível dizer que os autores atualizam os [antigos] campos da religião e da arte clássica (eles chegam mesmo a nomear "religião da arte") para a modernidade. Mas a "religião da arte" se extingue por força do capital, embora "a magia da vida do artista" se mantenha na hipermodernidade, quando a estética, o belo, a arquitetura e o urbanismo exigirão a reverência dos antigos devotos, agora convertidos em fieis consumidores.[126]

No dizer do geógrafo Milton Santos,

> Cada vez que as condições gerais de realização da vida sobre a terra se modificam, ou a interpretação de fatos particulares concernentes a existência do homem e das coisas conhece evolução importante, todas as disciplinas científicas ficam obrigadas a realinhar-se para poder exprimir, em termos de presente e não mais de passado, aquela parcela de realidade total que lhes cabe explicar (SANTOS, 2014, p. 18).

No entanto, o mesmo autor adverte noutro texto, que não é preciso perder-se em discussões semânticas que mudam os termos sem promover uma análise da questão. Consideramos, diante disso, que as condições socioeconômicas mudaram o perfil e a motivação dos indivíduos que viajam para Israel-Palestina, ou a Terra Santa dos cristãos. Esse turista quer ver os mesmos monumentos, as mesmas igrejas, os mesmos territórios que outros visitaram há mil, mil e quinhentos anos. A natureza da motivação nos parece ser a mesma, mas a natureza da experiência de hoje está envolvida, embalada em um pacote turístico que comporta outras interferências que não estavam nas experiências antigas. As entrevistas lançaram luz sobre essa hipótese, tanto no que se refere ao turista em si, como no quadro mais amplo da política internacional ou o apelo político que uma população cristã tem para cooperar na legitimação das pautas daqueles países receptores.

---

[126] "O capitalismo artista se apresenta como o sistema em que a inovação criativa tende a se generalizar, infiltrando-se num número crescente de outras esferas. Transformando o universo da produção por hibridização estética, ele remodela ao mesmo tempo a esfera dos lazeres, da cultura e da própria arte. É por isso que nossa perspectiva se aproxima mais das que salientam o deslocamento do capitalismo de produção para um capitalismo de tipo cultural. Nessa nova economia que repousa nas tecnologias de comunicação, no marketing, nas indústrias culturais e no turismo, a prioridade não se volta apenas para a fabricação material dos produtos, mas também para a criação de imagens, de espetáculos, de lazeres, de roteiros comerciais que possibilitam a distração e experiências excitantes" (LIPOVETSKY, 2015, p. 65).

2.4 A viagem como evento

É possível antever a força de um evento produzido para impressionar e gerar capital simbólico no exemplo dado por Luciana Martins em "O Rio de Janeiro dos Viajantes". A pesquisadora menciona o emprego feito por Greg Dening do termo *theatrum mundi*, que se refere ao "conjunto de atos simbólicos executados pelas nações expansionistas [...] para auferir soberania sobre as novas terras 'descobertas'" (MARTINS, 2001, p. 22). Para explicar o que chama de *theatrum mundi*, ela usa um exemplo do século XVIII, quando Fitzroy, o capitão do *Beagle*, com Darwin a bordo, ordenou aos subordinados retardar a entrada na Baía da Guanabara. Entrar na Baía da Guanabara a noite não causaria a mesma sensação produzida durante o dia numa encenação de ritual de poder: "Permanecemos fundeados a noite passada, pois o Capitão determinou que deveríamos *ver* o porto do Rio *e sermos vistos* em plena luz do dia" (MARTINS, 2001, p. 15; ênfases no original). A citação é de uma carta do próprio Charles Darwin à sua irmã Caroline.

As pesquisas no campo da Sociologia da Cultura feitas por Chris Rojek,[127] notadamente sobre cultura popular, celebridades e lazer colocam o turismo dentro de uma perspectiva mais ampla, mas não menos adequada ao nosso propósito. Ele pesquisou eventos cíclicos marcados na consciência global, como Jogos Olímpicos, Copa do Mundo, o Carnaval no Rio de Janeiro, e eventos decorrentes de catástrofes naturais, como o *Live Aid*, *Benefit Concert for Hurricane Katrina*, *Tsunami Relief*, e apontou a contradição dos mesmos.[128]

A participação em eventos dessa natureza apela a cidadania responsável, "com todas as implicações subsidiárias da autoestima, um comportamento válido e eticamente aceitável que isto implica" (ROJEK, 2013, p. vi). Por outro lado, são esses eventos que servem para causar danos às relações internas na sociedade onde eles ocorrem: desapropriações, limpeza social, restrição de mobilidade etc. Vimos esses aspectos negativos nas observações feitas por Acerenza. Para Rojek, tais eventos são "desenhados como pacotes para impulsionar publicidade", mixando sentimentos fraternos com

---

[127] Chris Rojek é professor de sociologia na *City University*. Tem lecionado nas Universidades de *Staffordshire*, *Nottingham Trent University* e *Brunel University*. Define-se como um sociólogo geral mas tem trabalhado enfaticamente sobre a sociologia cultural e o estudo das celebridades. É autor de diversas obras e artigos.

[128] Outros exemplos são *Sport Aid* (1986), *Nelson Mandela 70th Birthday Concert, Freedomfest* (1988), *Indian Ocean Tsunami Relief* (2010), e os cíclicos como a *Oktoberfests, Burning Man City*, eventos anuais de literatura, festivais de filme e teatro, exposições, Carnaval, *Mardi Gras* (Carnaval em Nova Orleans) entre outros.

conscientização, embrulhado no *glamour* que certas celebridades conferem a eles (ROJEK, 2013, p. vi) "e anunciados como expressões [aparentemente espontâneas] do 'poder das pessoas'", embora "sejam meticulosamente organizados, apoiados em métodos de excitação e persuasão sobre a cognição humana a partir de pesquisa de mercado, rigorosamente planejados e monitorados nos detalhes" (ROJEK, 2013, p. vii).

Vários desses elementos são análogos ao turismo, como a ideia de pacote, o trabalho com as emoções, a expectativa da experiência extraordinária. De fato, Rojek afirma que o turismo é parte dos eventos que dão título ao seu livro (*Event Power*): "Os eventos são um ramo das indústrias de hospitalidade, lazer e turismo" (ROJEK, 2013, p. 1), e que embora sejamos tentados a considerar inadequada a comparação entre eventos locais e internacionais, espontâneos, permanentes ou cíclicos, as diferenças não podem ser ignoradas em função da escala.

Rojek argumenta, baseado em pesquisas, que os eventos internacionais de grande projeção (e o turismo enquanto evento internacional permanente) servem de desculpa para uma higienização social (contenção de manifestações jovens, retirada de sem-teto, desapropriações, condução dos pobres para locais mais afastados dos pontos de fluxo intenso de turistas e autoridades etc.), além de serem bons laboratórios para testar medidas policiais de repressão, a que chama de "securitização" do evento, emprestando expressão de Stephen Graham.[129] Como exemplo, menciona os 3 mil militares envolvidos na "limpeza" do Rio de Janeiro, especialmente na favela da Rocinha, antecipando os eventos da Copa do Mundo de 2014 (ROJEK, 2013, p. 53-54).

Uma vez que os cidadãos não estão diretamente envolvidos no gerenciamento público (logística, segurança, comercialização etc.) dos grandes eventos cíclicos (que se repetem periodicamente), eventos são atualmente os melhores meios de manutenção regulada de controle (ROJEK, 2013, p. viii). Aplicando isso a situação de Israel-Palestina, à necessidade de garantir a segurança dos turistas constantemente, ao mesmo tempo em que se desenrola uma batalha relativamente silenciosa por ocupação de terra e controle da população palestina, compreendemos o valor inestimável que o turismo empresta aos interesses de Estado, diria a um programa de Governo. Esse programa de controle

[129] GRAHAM, S. *Cities Under Siege*. London: Verso, 2010. Graham afirma que as Olimpíadas de Londres em 2012 reuniram mais soldados que as guerras contra o Afeganistão e Iraque juntas, isso sem falar na infraestrutura de energia e tecnologia de ponta, civil e militar. O autor estima que o custo para prover segurança a cada atleta nos Jogos de Atenas em 2004 foi de £90.000 e em Londres foi de £59.000 por competidor.

populacional e ocupação territorial se repete mandato após mandato e é demonstrado exaustivamente na obra de Avi Shlaim (2004, sobre a política de expansão e ocupação territorial). A associação com o turismo é inevitável, embora sirva como álibi.

"Eventos são ecumênicos. Inconscientemente, eles exibem muitos elementos do evangelismo religioso e do velho estilo salvacionista" (ROJEK, 2013, p. ix). Servem para este fim a figura [messiânica] das celebridades, especialmente quando o tema é a injustiça global, a fome na África, os desastres naturais. Bono Vox, Madona, George Clooney, Angelina Jolie, Cameron Diaz estão entre os que emprestam poder à marca (ao *brand*, elaborado sobre o *slogan* da campanha), e transformam o evento no que deve realmente ser: uma experiência fora do campo ordinário, por isso exigem pessoas culturalmente definidas como extraordinárias, a fim de inspirar as pessoas ordinárias a deixarem sua zona de conforto.

As personalidades servem, ainda, para humanizar o evento (ROJEK, 2013, p. x), ou espiritualizar, se considerarmos a presença dos pastores, padres, bispos e apóstolos que encabeçam as caravanas cristãs na qualidade de líderes espirituais. A peregrinação de caráter e motivação espirituais do passado se torna, além de uma viagem de turismo como serviço vendido pelo capital, um evento. Um evento que ao unir pessoas com o mesmo objetivo dá a elas a sensação de força que não teriam se estivessem sós. "Os eventos aspiram à condição de uma festa com pessoas. Eles fornecem uma imagem forte e vencedora de um poder popular" (ROJEK, 2013, p. x). É como se o produto fosse embalado em um papel de presente chamado evento para que pareça ser mais do que realmente é, e justifique o preço, evidentemente. Citando Dean MacCannell,[130] reforça o "aumento de uma nova experiência mundial do consumidor" e fala de uma "autenticação ensaiada" dessas experiências de consumo nas quais o "ego bruto substituiu a personalidade" (ROJEK, 2013, p. xi; MACCANNELL, 2011, p. 24).

Ao longo da obra o autor apresenta exemplos de como os eventos são apropriados, redesenhados e manipulados com os conceitos supracitados para atingir os objetivos pretendidos pelos campos político e adjacentes. A ideia da "regulação moral" é, na verdade, esforços por disciplina, manipulação e controle, forças invisíveis de interesse do

[130] MacCannell pesquisou as implicações éticas do turismo, desde as estratégias de atração da propaganda até a experiência ética do próprio turista frente aos apelos de que o turismo, em tudo, é benéfico para todos.

governo, mais do que a aparente liberdade de expressão, como vendida nos anúncios e convocações para a suposta mobilização popular espontânea (ROJEK, 2013, p. 30).

2.5 A turismofobia: um problema recente

"Turismo mata a cidade". Essa advertência, quase um desabafo, está estampada numa placa amarela, cuja associação é inevitável com os avisos de "Perigo, material radioativo", encontrada no poste de um bairro na cidade de Barcelona, na Espanha. Ao lado da advertência, o desenho de uma caveira, o crânio tendo ao fundo, em vez dos clássicos ossos cruzados, dois paus de *selfie* com os devidos aparelhos celulares nas pontas, imagem que remete à prática comum (e por vezes fatal) nos últimos anos entre turistas. Há nisso uma questão de pesquisa relativamente recente, apropriada ao campo das Ciências Sociais, que tem sido chamado turismofobia (CAMPOAMOR, 2017).

O termo tem sido usado com referência ao furor de moradores de cidades turísticas com intenso fluxo de visitantes e o quase inevitável conflito entre visitantes e visitados. O que provoca a fobia é a superação da capacidade de determinada localidade em comportar o número exagerado de visitantes e equacionar os recursos públicos, como também as relações comerciais, entre ambas as populações. Por relações comerciais, entenda-se o custo de vida. A placa no bairro de Barcelona justifica-se: a cidade, em 2016, foi o 12º destino mais procurado do mundo e o terceiro na Europa, perdendo apenas para Londres e Paris. A equação a ser resolvida é a seguinte: a população local é de 1,5 milhão de habitantes e o público visitante naquele ano foi de 8 milhões.[131] O jornal britânico *The Independent* incluiu Barcelona em outro *ranking*; ela é a oitava cidade que mais odeia turistas (CAMPOAMOR, 2017). Amsterdã, capital da Holanda, com 800 mil habitantes, é a quarta cidade europeia mais visitada e a décima terceira no mundo. Recebe anualmente 8,7 milhões de visitantes estrangeiros e enfrenta as mesmas dificuldades das cidades mencionadas aqui. [132]

O caso de Barcelona é específico, pois a cidade entrou nos roteiros internacionais após das Olimpíadas de 1992; soma-se a isso a popularização de aplicativos de viagens,

---

[131] A Espanha recebe mais de 75 milhões de visitantes anualmente (PELLICER, 2017).

[132] Disponível em <http://uk.businessinsider.com/the-most-visited-cities-around-the-world-in-2017-2017-9/#14-milan-italy-84-million-international-visitors-17> e acessado em 06.12.2017. Agradeço a indicação do prof. Dr. Peter Demant.

como o *Airbnb*,[133] e os baixos custos de pacotes e voos. Mas as facilidades que os moradores encontram não são as mesmas para os turistas. Os alugueis subiram (estima-se ser quatro vezes mais rentável alugar para turistas, cfm. PELLICER, 2017) e o custo de vida aumentou, forçando moradores a se mudarem de lá, uma vez que os salários também não acompanharam o ritmo do crescimento do setor. Os turistas não deixam dinheiro na cidade, chegam em voos baratos, ocupam hotéis ou pousadas de baixo custo e alimentam-se "na rua" (CAMPOAMOR, 2017). Seria apropriado chamá-los de turistas do tipo transestético, segundo Lipovetski, ou pós-turistas, segundo Urry.

Uma vez que o comércio local abandona os interesses dos seus vizinhos e se volta para o interesse dos visitantes, ocorre a chamada "turistificação" (o exemplo de Barcelona serve de paradigma para qualquer outro ponto de interesse turístico) (CAMPOAMOR, 2017). A turistificação é o impacto sofrido pelos moradores a partir da orientação do comércio para os novos interesses. Edificações históricas têm servido como hospedarias (PELLICER, 2017; CAMPOAMOR, 2017). Em alguns casos o poder público tem interferido com maior fiscalização nos hotéis, na interdição ou limitação de trânsito pessoal a determinados pontos, como é o caso de Veneza, na Itália, que já ganhou um documentário e um rótulo: "Síndrome de Veneza", um drama produzido em 2012 na Alemanha por Thomas Tielsch. A Síndrome de Veneza parece ter intensidade próxima a Barcelona. Seus moradores fogem do centro da cidade, deixando-a para o "turismo depredador que sofre a cidade italiana e que devora, há anos, a própria sobrevivência do setor turístico" (CAMPOAMOR, 2017), segundo o documentário.

Em meados do século XX havia 175 mil moradores em Veneza, número que caiu para 50 mil hoje em dia e estima-se que até 2030 nenhum italiano more no centro da cidade em razão dos esperados 30 milhões de turistas anualmente. Parte desse problema vem do mar, assim como ocorre a Roma, Florência e a própria Barcelona: os imensos cruzeiros marítimos (mil por ano em Veneza), que poluem visualmente as cidades, contaminam as águas e despejam milhares de pessoas sobre os monumentos históricos. Na recém restaurada Fontana di Trevi, por exemplo, os turistas assentam no beiral da fonte, alimentam-se por ali e refrescam seus pés nas suas águas (CAMPOAMOR, 2017).

[133] Airbnb é uma comunidade digital que reúne pessoas oferecendo suas casas, apartamentos ou cômodos como hospedagem a turistas que procuram esse tipo de hospedagem alternativa. Há outras comunidades similares.

O problema também é enfrentado em Nova Iorque, tendo *Manhattan* como o destino preferido. As autoridades locais têm se empenhado na redistribuição dos atrativos a fim de atrair o fluxo para bairros mais afastados, descentralizando também a concentração de recursos financeiros para bairros como *Queens, Bronx, Brooklin e Staten Island*. Também na Islândia, a população de 332 mil habitantes sofre os impactos causados por 1,7 milhão de visitantes (2016) em busca do turismo de natureza e de aventura. Outros destinos alvo de turismofobia, ainda que em menor escala, mas não menos preocupante para a população, as cidades vizinhas e o poder público são Berlin, Toronto, Nova Orleans e o Sudeste asiático (PELLICER, 2017).

Um exemplo do mesmo fenômeno na Ásia é a Tailândia, especialmente a ilha Tachai, no Parque Nacional de Similan. A ilha foi aberta ao turismo em 2010 e atraiu estrangeiros de todo o mundo. Mas a atividade afetou desde os corais até a flora e o comportamento dos caranguejos. A solução foi fechar o acesso aos cerca de mil turistas que a visitam anualmente, deixando apenas os cerca de 70 moradores locais, até que a natureza se recupere sem a intervenção humana.[134]

Em Portugal, onde "o turismo crescem acima da média mundial" (MIRANDA, 2018), sendo responsável por 7% do PIB local, lisboetas se dão o trabalho de receberam turistas no aeroporto e manifestar em inglês e francês sua insatisfação com a presença estrangeira no país. O movimento "Lisboa Does Not Love" mantém perfis em redes sociais e oferece online imagens que podem ser impressas e afixadas em locais públicos para aqueles que querem se engajar no protesto contra o turismo de massa. As imagens ou cartazes são feitos em sete idiomas (português, francês, inglês, polonês, alemão, espanhol e italiano). Os problemas apontados são os mesmos: falta de educação do turista, elevação nos custos de produtos e serviços para os moradores da cidade e alta nos custos de moradias, além de depredação do patrimônio, sujeira e trânsito.

Paolo Russo, professor de Gestão Turística Urbana na Universidade Rovira i Virgili, argumenta que o problema todo é da gestão pública, da ineficiência daqueles que decidem sobre a urbanização, dos portuários, enfim, é a face do turismo que provoca o incômodo na população. Esta deveria acolher os turistas, mas não o faz porque a pressão

---

[134] A Tailândia recebeu cerca de 30 milhões de turistas em 2015 e esperava superar a marca dos 34 milhões em 2016. A atividade representa 10% do PIB do país. *Por qué Tailandia cierra al turismo una de sus islas más paradisíacas*. 17 de maio de 2016. BBC Mundo [Da redação]. Disponível em < http://www.bbc.com/mundo/noticias/2016/05/160517_tailandia_isla_turismo_am> e acessado em 09.08.2017.

aumentou e a cidade não se preparou para suportá-la. Professor de Geografia da *Universitat de Les Illes Balears*, Macià Blázquez, defende o turismo como uma "indústria abençoada [...] que não tem chaminé, porque presta serviços e não extrai recursos" (PELLICER, 2017), o que é uma avaliação simplista. David Bravo, arquiteto, especialista em espaço público e secretário do júri do Prêmio Europeu de espaço público urbano, juntamente com Francesc Muñoz,[135] concordam que o turismo deva ser tratado como uma indústria. Assim como os empreendedores locais pagam taxas que mantém a limpeza, o transporte público e a segurança dos próprios turistas e cruzeiristas, deve-se dar tratamento igual àqueles que querem lucrar com o negócio do turismo em vez de permitir que aproveitem do investimento coletivo realizado previamente (PELLICER, 2017).[136]

O turismo para Israel tem obtido bons resultados em relação aos países vizinhos, que sofreram nos últimos anos (certamente um reflexo das tensões civis). O Ministério do Turismo divulgou aumento de 4% em relação a 2015. No mês de junho de 2017 entraram 303.000 pessoas como turistas e visitantes, um aumento de 28,4% em relação a junho do ano anterior. No primeiro semestre de 2017 entraram em Israel 1,74 milhão de pessoas, um aumento de 26% em relação ao mesmo período do ano anterior. Cinco mil e quatrocentos brasileiros visitaram o país em junho de 2017, comparado a 2,6 mil do mesmo mês do ano anterior.[137] A cidade de Jerusalém segue no topo do interesse: 3,4 milhões de visitantes anualmente[138] (aqui incluem o número de visitantes internos), com

[135] Autor de *Urbanalización – Paisajes comunes, lugares globales* (Barcelona: Gustavo Gili, 2008) e professor de Geografia Urbana na Universidade Autônoma de Barcelona. O autor discute as dinâmicas urbanas em cidades que são roteiros turísticos do capital avançado e propõe o termo *territoriante*, em contraponto a habitante. Os cidadãos não são tratados como habitantes das cidades, mas como um elemento a mais na paisagem.

[136] Há contra-argumentos que sustentam ser o turismo o responsável por geração de riquezas e de empregos, estando embutido nesta atividade os recursos que pagam pelos serviços coletivos que desfrutam os turistas.

[137] As chegadas por via aérea superaram a 275 mil turistas, um aumento de 26% em relação a junho 2016 e um aumento de 27% em relação a junho de 2015. Entraram em Israel por terra e 28,6 mil turistas, sendo 24 mil vindos da Jordânia e cerca de 4,5 mil pelo Egito. Em junho de 2016 entraram em Israel 19,3 mil visitantes por dia, em comparação com 8.700 em junho do ano anterior. Estados Unidos lideram o número entre os estrangeiros (648.310 em 2016), seguidos da Rússia, França em Inglaterra. Fonte: Ministry of Tourist of Israel, 9 de julho de 2017. Disponível em <https://info.goisrael.com/en/visitors-tourists-arrivals-2017> e acessado em 09.09.2017. Ver também <http://www.travelweek.ca/news/israel-achieves-record-number-tourist-arrivals-2016/> e acessado em 09.08.2017.

[138] Disponível em <http://www.jewishvirtuallibrary.org/tourism-in-israel> acessado em 09.08.2017.

população de cerca de 720 mil habitantes, entre árabes (c. um terço) e judeus (os demais).[139]

À luz desses números e do fenômeno da turismofobia talvez possamos entender (ainda que não conclusivamente) o chamado mau humor dos judeus, reclamação recorrente entre turistas entrevistados (tanto no grupo entre os anos de 2011 e 2013 quanto no grupo de 2017) e os próprios judeus (conforme uma entrevista a um acadêmico de ascendência judaica). Duas situações são sintomáticas. A primeira aparece nas entrevistas já realizadas com turistas brasileiros a indicação de certa insatisfação com o tratamento diferenciado que receberam, se comparado com situações similares entre os palestinos. A segunda ocorreu com a filha de um pastor, líder de caravana, num hotel em Jerusalém. Ao tentar entrar no elevador onde um casal de judeus já estava, foi expulsa de lá por eles e orientada energicamente a tomar outro elevador. Era sábado (*shabath*), o dia do descanso no judaísmo, quando muitas famílias religiosas se hospedam nos hotéis. O judaísmo religioso não permite executar qualquer tarefa que configure esforço físico, para não caracterizar quebra do mandamento do descanso. Isso vai de um simples acionar um interruptor até dirigir um automóvel. Se os palestinos com maior frequência mostram sorriso no rosto para o mesmo número de turistas que judeus, espanhóis e italianos, talvez seja o caso de procurar no bolso das populações destinatárias a causa do mau humor no Oriente Médio tanto quanto na Europa. Mas não podemos fechar os olhos para as reclamações ocorridas entre os entrevistados sobre a "violência dos palestinos" no comércio. Os relatos repetem a reclamação de que são excessivamente incisivos e quando não conseguem vender, agridem verbalmente assustando os turistas.

Mas há que se precaver de conclusões precipitadas a esse respeito. John Urry também faz considerações sobre o olhar dos moradores sobre turistas, numa situação inversa ao mau humor dos judeus mencionado pelos nossos entrevistados. Ele apoia suas afirmações em estudos etnográficos realizados por Darya Maoz[140] sobre as "interações entre mochileiros de Israel e moradores da Índia". Esses estudos indicam três modos pelos quais os habitantes consideram os turistas, que "em grande parte [são vistos] como

---

[139] Andrea Wellbaum. *Aumento de população árabe em Jerusalém preocupa Israel*. 16 de maio de 2017. BBC Brasil.com. Disponível em <http://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2007/05/070516_diajerusalemml.shtml> e acessado em 09.08.2017.

[140] Professora sênior na *The College of Management*, na Universidade Hebraica de Jerusalém. In Maoz, D. (2006) 'The mutual gaze', *Annals of Tourism Research*, 33: 221–39.

‘pessoas superficiais, hedonistas e rudes, mal-educadas e facilmente enganadas’” (URRY, 2011, p. 205).

O primeiro modo é a cooperação, traço de habitantes que se veem “impotentes diante das demandas do turismo e procuram atender “sempre e incondicionalmente às necessidades dos turistas, e mudam seu estilo de vida e negócios de acordo com satisfazer esses ‘desejos’” (URRY, 2011, p. 205). Segue-se o modo “resistência velada”, uma resistência que se expressa quando “os moradores riem e fazem fofocas sobre turistas”, e se valem de encenação para parecerem agradáveis para se locupletarem dos estrangeiros. Por último, a “resistência aberta”, agressiva, com ataque ou confrontação verbal ou “instruções por escrito” contra turistas, considerados “ignorantes ou desagradáveis” e até proibindo a sua entrada. A sua pesquisa menciona explicitamente o texto “No Israelis” (trad. “Israelenses não”; URRY, 2011, p. 205).

Analisando friamente a causa da relativa antipatia desses cidadãos em relação a seus visitantes, a resposta pode estar no equilíbrio econômico local, i.é., do país receptor. Populações de países onde a economia se mostra segura, estável ou crescente, como a Israel, a Espanha e a Holanda, para ficar nos exemplos mencionados, não se dão conta do papel do turismo na movimentação da indústria, do comércio e dos serviços. Por outro lado, economias frágeis ou em frangalhos, como ocorreu a Grécia após a crise e dívida tornadas públicas a partir de 2009, revelam que a população pode ser sensibilizada a receber melhor seus turistas, mesmo quando estes chegam aos milhões.

Em 2016, já no período de recuperação da economia que havia se retraído absurdos 27%, oito em cada dez novos empregos na Grécia foram ocupados no setor turístico. O *Bank of Greece* reportou 23,5 milhões de visitantes em 2015, que deixaram € 14,2 bilhões, nada menos do que 24% do Produto Interno Bruto (PIB). Um ano depois, a SETE, confederação grega de turismo, reportou aumento para 27,5 milhões de novos turistas, “uma alta histórica” (SMITH, 2017). A baixa na procura por destinos como a Turquia, o Egito e a Tunísia, por conta da onda de terrorismo nesses países, foram apontados como a fonte principal desse incremento sazonal, como acredita Yiannis Retsos, chefe do Departamento de Turismo na Grécia. Por isso, o setor privado, em parceria com os órgãos públicos, se apressa na organização da infraestrutura e no oferecimento de opções além dos já tradicionais “praia e sol”. A população, ao contrário de suas congêneres, agradece e recebe bem os estrangeiros.

2.6 Turismo “militar”

Um tipo de atividade opcional de turismo que tem levado entre 15 e 25 mil estrangeiros anualmente a Israel é o que tem sido chamado de “turismo militar”. Há hoje cerca de meia dúzia de empresas oferecendo “minicursos de contraterrorismo e treinos semelhantes aos do exército de Israel” aos interessados que antes eram jovens judeus americanos celebrando *bar mitzvah* (cerimônia que marca a entrada do jovem a idade adulta), mas hoje “têm aparecido turistas do Brasil, Argentina, França, Itália, Rússia e China” (GUIMARÃES, 2017). O programa varia entre um treino de tiro que dura duas horas a um complexo simulado de atentado suicida a local público, ataque com facas ou missão de resgate de um avião desviado com reféns à bordo, como o que ocorreu em “um aeroporto em Uganda, em 1976, uma operação na qual o comandante da unidade morreu (era o irmão do atual primeiro-ministro, Benjamin Netanyahu)” (GUIMARÃES, 2017).

A tecnologia que Israel desenvolveu em termos de segurança pública e no campo militar está entre as mais avançadas do mundo. As relações entre Israel e diversas outras nações se dão nesse campo afim de atualizarem medidas, treinamento e equipamentos para a proteção de suas populações, além de uma cooperação nas ações contra terroristas. O *Institute of Counter-Terrorism* (ICT), em Herzliyya, Israel, oferece cursos e estudos sobre terrorismo em parceria com universidades, como a Universidade de Comillas, em Madrid. Pessoal da área de segurança e das tropas de elite brasileiras, como o paulista Grupo de Ações Táticas Especiais, o GATE, têm participado dessas rodadas de estudos e treinamento tático e técnico em Israel.

2.7 Pesquisas sobre o turismo no Brasil

Fruto da tese de doutoramento do prof. Mário Jorge Pires, que foi coordenador do Curso de Turismo na ECA-USP, “Raízes do Turismo no Brasil”, é uma das principais obras sobre o tema, e vai além da movimentação nacional, que nada mais é do que reflexo (tardio) da evolução do segmento no Velho Continente.

Resgatando a história das transformações mundiais necessárias à criação da um hábito ou cultura de viajar, Pires parte das viagens internacionais no século XVI, que eram indicadas para os filhos da “classe média inglesa [...] a fim de completar seus conhecimentos e ganhar experiência pessoal” (PIRES, 2002, p. 3), passando à procura

por centros termais no século XVII e à procura de estâncias costeiras na própria Europa, já no século XVIII. O surgimento das ferrovias e o desenvolvimento da navegação, com o vapor no século XIX, impulsionaram e forçaram a criação e consolidação de hospedagens, seguidas dos hotéis e a melhoria nos serviços. Com eles vieram as facilidades, como os *vouchers* e os *traveler's checks*, ambos criação do "pai do turismo moderno", Thomas Cook (PIRES, 2002, p. 18-19). Thomas Cook foi missionário e agente de uma Associação Batista que se envolveu na organização de um congresso antialcoólico em Leicester, tendo arrendado um trem para transportar 570 pessoas em uma viagem de 22 milhas entre aquela cidade e Loughborough. Percebeu a oportunidade e a tendência, viu potencial no empreendimento e tornou-se, anos mais tarde, o principal fomentador e empresário do ramo (PIRES, 2012, p. 18).

Mapa 1. O itinerário das viagens oferecidas por Cook: Egito, Nilo, Palestina, Turquia, Grécia e Itália.

Figura 2. Cartazes anunciando viagens da agência de Thomas Cook. O da direita é um pôster raro do sec. XIX (*Cook's Nile & Palestine Tours*), impresso pela primeira vez na década de 1870 e reimpresso entre 1901-1903. Observe no alto a informação sobre a estrada de ferro e ao fundo o porte do hotel.

Em 1841, Cook criou uma agência de viagens para atender ao público religioso, com itinerários que contemplavam os sítios arqueológicos e os lugares santos. Com a abertura do canal de Suez em 1869, ele inaugurou o *Cook's Eastern Tours* um ano depois. "Entre 1870 e 1883, Cook transportou 4.500 viajantes somente para a Palestina" (KHATLAB, 2015, p. 49). É razoável dizer que esse é o começo do turismo religioso para a Palestina, com características do turismo moderno, e que ele começou com o impulso dado por um missionário batista inglês.

O tema da pesquisa de Pires é o turismo no Brasil e o que se nota em sua obra, em linhas gerais, é que a dinâmica do desenvolvimento dessa atividade seguiu em ritmo menor ao antecessor europeu, a partir da chegada da família imperial, em 1808, e a abertura dos portos. Houve um pequeno impulso da atividade com a extração do ouro e as benesses distribuídas pela Corte aos vizinhos fluminenses do Vale do Paraíba, mas foi com a produção cafeeira que os fazendeiros do Oeste paulista tomaram o rumo da Europa, com a finalidade de educar seus filhos, visando o comércio e a própria ostentação nos costumes, fazendo com que se consolidassem os serviços e a infraestrutura hoteleira.[141]

2.7.1 O turismo como fenômeno

Outro pesquisador brasileiro é Panosso Netto,[142] que possui extensa obra contemplando as áreas filosófica, teórica e prática no campo do turismo. Sua tese de doutoramento (ECA-USP) foi ampliada e atualizada (2012) e nela o autor avaliou os estudos e teorias do turismo pós 1960, especialmente a teoria geral de sistemas e turismo. Aponta as vantagens (visão geral do todo, facilidade de estudar separadamente as partes, descolamento em relação a outros sistemas) e desvantagens (a fragmentação isola o objeto do estudo e minimiza a sua relação com um sistema maior, como o social) da teoria geral de sistemas e turismo (PANOSSO NETTO, 2012, p. 27).

Ele, então, propôs o conceito de *teorografia* para as pesquisas em turismo, termo grego que compreende *theoros* (= movimento, deslocamento) e *graphos* (= escrita). "Assim, desenvolvemos uma análise dos escritos acerca do movimento – o deslocamento

[141] A obra de Pires ainda lida com a presença de viajantes estrangeiros no período com fins de pesquisa e a hospitalidade.

[142] Alexandre Panosso Netto é Livre docente em Teorias do Turismo e e Coordenador do Programa de Pós-graduação em Turismo na EACH-USP e professor no Curso de Graduação em Lazer e Turismo.

humano – sobre o turismo" (PANOSSO NETTO, 2005, p. 20). Fazendo jus à rejeição a teoria geral dos sistemas nas pesquisas feitas em outros países, que "privilegiam a questão econômica", Panosso Netto indica o objetivo geral da pesquisa a partir da epistemologia a fim de "avançar sobre a fenomenologia para entender o turismo" (PANOSSO NETTO, 2005, p. 21).[143] Ele lança a base epistemológica a partir de uma filosofia que apreende o "turista como um ser histórico" e o turismo como experiência, "experiência no momento em que constrói esse 'ser' turista" (PANOSSO NETTO, 2005, p. 29). Com isso ele justifica a opção pela fenomenologia (em vez da teoria geral dos sistemas), não em confronto, mas como avanço no estudo do campo turístico, ao olhar o turismo como "experiência [que] é vivência e também história" e "essa experiência é fenômeno, então é correto dizer que o turismo é um fenômeno" (PANOSSO NETTO, 2005, p. 30,140).

Em texto mais recente, o mesmo autor, em conjunto com outros pesquisadores do campo turístico, insistiu no "embasamento filosófico sólido" e acrescentou a teoria crítica como alternativa aos estudos positivistas:

> Além disso, a Teoria Crítica estará preocupada com as relações de poder e admite a influência do pesquisador na coisa pesquisada – fato que o positivismo nega. A Teoria Crítica assume que valores morais e sociais interferem na maneira de pensar e na forma de construir conhecimentos (PANOSSO NETTO et al., 2011, p. 554,557).

O que Panosso Netto chama "crise na filosofia" decorre da credulidade excessiva na técnica para a solução das questões de ordem humana, que não leva em conta a sua real constituição e valores: "Mas isso [a solução técnica] não ocorre, pois o homem é feito também de valores humanos, idealistas, emotivos, filosóficos, que lhe são negados pela valorização extrema da razão utilitária. Isto significa um descrédito da filosofia" (PANOSSO NETTO, 2011, p. 547). A atenção se volta, então, para os aspectos fenomênicos do turismo e do turista.

Mas, "que tipo de fenômeno é o turismo?" (PANOSSO NETTO, 2005, p. 30), ele pergunta, ao que responde ser uma "experiência continuada", pois ao ir e voltar ao local de partida, mantém-se experimentando as memórias, numa "complexa e imbricada relação de intercâmbio de bens e serviços e de desejos objetivos e anseios subjetivos

[143] Seus objetivos específicos são: 1. Analisar algumas das principais teorias sobre o turismo; 2. Propor, por meio da Fenomenologia, uma análise do turismo que reconduza e enfoque o ser humano como sujeito único do fenômeno turístico e 3. Demonstrar a importância dos estudos turísticos com base na filosofia.

construídos por esse ser-turista-humano para si e de si mesmo". (PANOSSO NETTO, 2005, p. 30). A experiência do turista não é uma relação fria, fruto de um decreto ("o turismo não nasceu de um documento escrito, de uma teoria"), mas de vivências humanas, daí a importância de pesquisa-lo a partir da fenomenologia, que é sua proposta (PANOSSO NETTO, 2005, p. 31). Para Panosso Netto, a pouca atenção dada ao aspecto fenomênico das experiências no turismo reflete a pressão das relações no mercado de consumo (que visam resultados traduzidos em lucro) (PANOSSO NETTO, 2005, p. 96).

Panosso Netto cita outros autores, como Sergio Molina (cf. Panosso, criador da teoria do pós-turismo e sugestor da fenomenologia para estudo do turismo), G. Ingram e Z. A. Jovicic,[144] que também se utilizam da fenomenologia em suas análises do turismo a partir da perspectiva fenomenológica, "em função de ser um processo desenvolvido no tempo e no espaço" (PANOSSO NETTO, 2005, p. 93). Para eles, as relações históricas, sociológicas e econômicas, bastante utilizadas no estudo do turismo, não tocam fundo as "razões pessoais mais interiores do ser humano" (PANOSSO NETTO, 2005, p. 98). No Brasil, Antoine Pascal Marioli produziu uma dissertação intitulada "Ecoturismo em unidades de conservação: o método fenomenológico aplicado ao Parque Estadual da Cantareira – São Paulo", que Panosso Netto considera ser "um raro exemplo de estudo turístico realizado no Brasil com base na fenomenologia". Segundo o autor da pesquisa, a fenomenologia no estudo do turismo é uma "tendência global recente" (PANOSSO NETTO, 2005, p. 98-99).[145]

Para entender o motivo da abordagem fenomenológica aplicada ao turismo, Panosso Netto explica que o turista é um ser histórico e o turismo é experiência,

---

[144] Jovicic, Z. A plea for tourismological theory and methodology. In *Revue de Tourisme*, n. 3, 1988, p. 2-5. Ingram, G. Motivations of farm tourism hosts and guests in the South West Tapestry Region, Western Australia: A phenomenological study. *Indo-Pacific Journal of Phenomenology, 2*(1), 2002, p. 1-12. Molina, Sergio. *Conceptualización del turismo*. México: Limusa, 1991.

[145] Em linhas gerais, a fenomenologia investiga "o papel da religião em relação à cultura". A Fenomenologia da Religião emerge nos estudos históricos das religiões, "demarcando os limites entre a história e a filosofia, que graças à genialidade de Van der Leeuw, investiga o sentido da experiência religiosa propriamente dita" (BELLO, 1998, p. 11). "O método fenomenológico se mostra eficaz pela sua capacidade de remontar até às origens dos fenômenos e, portanto, não só descrevê-los na sua manifestação exterior, mas também evidenciar as fontes que os produziram" (BELLO, 1998, p. 12). Martin Heidegger e Edmund Husserl são dois dos grandes nomes da filosofia fenomenológica no séc. XX. Sobre o papel da fenomenologia na investigação das culturas, este último escreveu: "A fenomenologia, portanto, deve constituir-se como uma ciência que, partindo 'da auto-compreensão do mundo e de nós mesmos no mundo' pode submeter à crítica o fato de tal auto-compreensão se apresentar como óbvia, isto é, ser considerada obviamente universal, no sentido em que todos cheguem a pensar que têm fácil acesso a ela" (BELLO, 1998, p. 77). BELLO, Angela Ales. *Culturas e religiões – uma leitura fenomenológica*, 2ª ed. Bauru: EDUSC, 1998.

“experiência no momento em que constrói esse ‘ser’ turista’ (PANOSSO NETTO, 2005, p. 93). O turismo é uma experiência continuada, pois o turista, mesmo depois do retorno ao seu local de partida, mantêm-se recordando, revivendo as experiências passadas e se transformando pouco a pouco por essas memórias e desejos que o envolvem. Daí que o autor chama o turismo de “fenômeno turístico” (PANOSSO NETTO, 2005, p. 30).

> É importante destacar que o turismo não nasceu de um documento escrito, de uma teoria, mas sim de uma prática humana, de homens e mulheres que agiram em seus locais físicos, de sujeitos que experienciaram algo diferente do que estavam acostumados a experienciar e que estavam longe de seus locais de residência (PANOSSO NETTO, 2005, p. 31).

Para Panosso Netto, o processo em questão se dá menos pela memória material que os turistas trazem das viagens (quadros, fotos, passaportes coloridos de carimbos diversos), do que pelo envolvimento com a história dos locais visitados. A memória material não produz satisfação duradoura, pelo que se pode encontrar “pessoas viajadas”, no entanto, frustradas, porque não fizeram uma “reflexão no momento da viagem”, uma reflexão “sobre a própria experiência da viagem” (PANOSSO NETTO, 2005, p. 93-94).

> [...] ao visitar uma igreja antiga, não somente querer saber em que ano foi construída, mas tentar entender por que foi construída, como foi construída e o que representou para o povo que a construiu. Reflexões desse tipo modificam o sentido de qualquer viagem (PANOSSO NETTO, 2005, p. 94).

A essa altura, não apenas pela referência a igreja como destino ou ponto de visitação, mas pelo envolvimento emocional (fenomenológico) que essa reflexão pode gerar, temos um ponto de ancoragem em relação a presente pesquisa, que será melhor discutido quando tratarmos da apuração das impressões com os grupos que responderam as entrevistas.

> O fenômeno é o que possibilita o conhecimento humano [...] Assim, falar de fenômeno turístico significa dizer de uma ação que está acontecendo, que pode ser apreendida pela consciência e que tem uma essência em si [...] podemos dizer que quando alguém se refere ao fenômeno turístico deveria estar falando da manifestação de algo que suscita interesse científico e que pode ser estudado e analisado cientificamente (PANOSSO NETTO, 2005, p. 104).

É possível afirmar com Panosso Netto tal aspecto no turismo. A experiência do estar no lugar, do relacionar-se com pessoas (para além da memória material), tem, por exemplo, modificado o conceito dos brasileiros em relação aos povos visitados, israelenses e palestinos, como se pode constatar nos relatos dos entrevistados. Já mencionamos o caso do dito "mau humor dos judeus". A percepção em relação aos judeus, depois da viagem, "manteve-se a mesma" para 30% dos entrevistados, "mudou para melhor" em 26% dos casos, "mudou para muito melhor" para 4%, "piorou" para 26% e 22% disseram "voltei positivamente impressionado".

A mudança também ocorre em relação aos palestinos; vários entrevistados declararam ter mudado a opinião a respeito dos palestinos, antes retratados como cruéis terroristas, mas que depois da viagem compreenderam que essa noção não tinha embasamento na realidade. A percepção em relação aos palestinos, depois da viagem, "manteve-se a mesma" para 44% dos entrevistados, "mudou para melhor" para 33%, "mudou para muito melhor" em 4% dos casos, "piorou" para 11% e disseram "voltei positivamente impressionado" 4%. O índice "piorou" entre os judeus é maior e "mudou para melhor" também é maior para os palestinos.

Finalmente, sobre o *método* empregado por Panosso Netto e em nossa pesquisa, com entrevistas em momentos diferentes do período previsto, a utilização do método fenomenológico se mostra adequado uma vez que o turista permanece sendo influenciado por suas experiências. O turista "é o resultado de suas experiências vivenciadas não exclusivamente no ato da viagem, mas durante toda a sua vida – antes, durante e após a viagem" (PANOSSO NETTO, 2005, p. 141). Isso fortalece e justifica a nossa opção por entrevistas semiestruturadas antes e após as viagens feitas pelos brasileiros que são os sujeitos dessa pesquisa. Os resultados não são exatos, no sentido de poderem ser previstos, antecipados, porque trata-se de um "fenômeno complexo de relações objetivas e intersubjetivas, calcado no significado que o 'partir' em viagem representa para cada turista" (PANOSSO NETTO, 2005, p. 143).

O ponto de partida da análise ainda leva em conta os desejos subjetivos do turista e não somente os objetivos do pesquisador" (PANOSSO NETTO, 2005, p. 143). Panosso Netto admite, no entanto, que em função de ser pouco explorada, "até o presente momento" a opção pela pesquisa fenomenológica do turismo ainda é modesta, fazendo com que "*a análise sistêmica do turismo*" se constitua "*em um paradigma nos estudos*

turísticos [...] que melhor responde aos questionamentos do fenômeno" (PANOSSO NETTO, 2005, p. 143; ênfase no original).

2.8 O espaço como representação e significação

Thomas Gieryn defendeu[146] ser parte do labor científico a demarcação de fronteiras entre os saberes comum e científico. O historiador Kapil Raj[147] partindo dessa proposta, mencionou a história da medicina por alopatia e homeopatia no século XIX como exemplo prático para tal demarcação. Ambos os grupos (alopatas e homeopatas) tinham a mesma formação nas mesmas universidades, mas a interpretação que faziam dos diagnósticos era diferente e, por isso, os primeiros excluíram os segundos do status ou da legalidade para a prática da função (RAJ, 2016).

Raj também dá o exemplo de Jacques Benveniste, que publicou na *Nature* pesquisa sobre a memória da água. Criticado pela comunidade científica, foi evitado pelos editores da publicação, caindo no ostracismo. As decisões sobre o que é ou não científico passa pelo crivo dos "atores históricos". São decisões políticas e "pelo trabalho das elites, ou melhor, da elite da elite" (RAJ, 2016). Na própria historiografia, a datação hegemônica é eurocêntrica. O chamado "longo século" (séc. XIX), inicia na Revolução Francesa em 1789 e termina na Primeira Guerra, em 1914. Os marcos são fatos europeus, mas com menor significado para outros países e povos, uma vez que em outras regiões os eventos influentes foram outros, e.g., na Ásia, a decadência do Império Mogol e os safávidas no Irã; ou a influência da Guerra dos Sete Anos, que influenciou as relações entre Brasil e Argentina no Cone Sul (RAJ, 2016). Portanto, é possível atribuir um significado diverso a um conhecimento (fato ou saber) que orienta o sentido de uma tradição, quer legitimando ou deslegitimando atores, ou, noutras palavras, criando hierarquias.

Luciana Martins (2001) pesquisou os relatos de viagem produzidos por britânicos sobre a cidade do Rio de Janeiro entre 1800 e 1850. Ela lidou com as representações da cidade "como fragmentos de memória", representações dadas pelos artefatos "no processo de dar sentido às paisagens desconhecidas" para os europeus (MARTINS, 2001, p. 11), como indicou Kapil Raj ser o modelo eurocêntrico. Os artefatos analisados por

---

[146] GIERYN, Thomas. "Boundary-work and the demarcation of science from Non-science: strains and interests in professional Ideologies of scientists", *American Sociological Review*, 48, 1983, p. 781-795.

[147] Kapil Raj, pesquisador e professor de História da Ciência na *École des Hautes Études en Sciences Sociales* (Ehess), em Paris.

Martins eram as imagens gráficas, produções artísticas sobre as quais as impressões foram aplicadas, impressas, e deram a base para a pesquisa cuja intenção era "romper com as grandes dicotomias explicativas, segundo as quais o olhar para a natureza como paisagem [...] é classificado de 'romântico', enquanto o olhar que mede, que compara, que mapeia é classificado de 'racionalista' ou 'neoclássico'" (MARTINS, 2001, p. 16).

Para a autora, "o encontro com 'o outro' e as viagens de ida e vinda" informaram as paisagens produzidas pelos viajantes" (MARTINS, 2001, p. 17), destacando que o viajante era, "como hoje, indivíduo que pertencia a uma determinada classe social, a uma determinada família, rede de relações, religião" (MARTINS, 2001, p. 17). O "lugar", para Martins, ou a "paisagem carioca" era, para aqueles viajantes que aportaram aqui, o espaço a ser explorado, o espaço de onde levar "mercadorias e interesses diplomáticos" (saberes), "vistas e visões deste porto tropical" (MARTINS, 2001, p. 17).

Para balizar o trabalho no campo teórico, Martins se valeu dos conceitos de "geografia imaginativa" de Edward W. Said, "como tem sido adotado na interpretação de viagens e narrativas de viagens" (MARTINS, 2001, p. 28), e no conceito de "transculturação", concluindo com uma reflexão sobre "encontro cultural" (MARTINS, 2001, p. 18). "Esses elementos – o texto e o campo – são fundamentais para qualquer estudo que procure entender como as geografias imaginativas foram e são construídas" (MARTINS, 2001, p. 23).

O conceito de geografia imaginativa apareceu em Edward Said, em sua obra "Orientalismo" (1990). Said indicou que uma decisão do Concílio de Viena, em 1312, deu início a noção de um campo diferenciado sobre o qual se estabeleceu uma cátedra de "árabe, hebraico e sírio em Paris, Oxford, Bolonha, Avignon e Salamanca" (SAID, 1990, p. 60). Ele questionou qual o critério para determinar tal demarcação, uma vez que "até mesmo nas disciplinas mais tradicionais como a filologia, a história ou a teologia" a noção de campo pode variar inteiramente, inviabilizando uma definição objetiva: "Falar de uma especialização erudita como um 'campo' geográfico é, no caso do orientalismo, bastante revelador, posto que é pouco provável que alguém imagine um campo que lhe seja simétrico chamado de ocidentalismo" (SAID, 1990, p. 60), isto é, imaginar um campo já revela a ruptura, a diferenciação, porque pensa o outro, não o próprio.

Já falamos do turismo como processo de ir a um lugar e dele retornar e precisamos agora, portanto, fazer considerações sobre o lugar ou espaço, a consideração de uma

geografia ou paisagem de interesse para o turista, ainda que uma "geografia imaginativa", como conceituou Said.[148]

Embora amplamente citado nas pesquisas da relação Ocidente x Oriente, rejeitamos as considerações de Edward Said pelas razões que seguem. O orientalismo como invenção do Ocidente, como acusa o autor, envolve discurso acadêmico limitador que se serve dos textos e terras bíblicos, de comércio, de exército, ideias, entre outros elementos (SAID, 1990, p. 15-16). Em Orientalismo, Said argumenta, a partir da ocupação britânica do Egito (1882), que saber e poder servem-se mutuamente e ambos servem a construção narrativa e ao discurso que justifica a expansão colonial (portanto, fins do século XIX, início do século XX) (SAID, 1990, p. 42). O conhecimento que os britânicos tinham sobre o passado do Egito legitimou o domínio que exerceram no período da ocupação, como fica claro na interpretação de Said sobre a justificativa de Arthur James Balfour para a ocupação britânica do Egito:

> Os seus grandes momentos estão no passado; são úteis no mundo moderno apenas porque os impérios poderosos e atualizados tiraram-nos efetivamente da desgraça do próprio declínio e transformaram-nos em residentes reabilitados de colônias produtivas (SAID, 1990, p. 45).

Nas relações narrativas entre cristãos, israelenses e em menor grau os palestinos, essa ordem é invertida (ou subvertida). A matriz ideológica da religião, que é o grupo cristão aqui pesquisado (protestante/evangélico, v. c. 5), em linhas gerais, da própria cultura e concepção dogmática são, se não devedoras, inegavelmente dependentes e derivadas de culturas do Oriente, onde o cristianismo nasceu. Essas tradições religiosas se reconhecem assim. Portanto, parte das objeções chamadas por Said de orientalismo, por um lado, não seria aplicável a cosmovisão cristã, majoritária no Ocidente. Hoje, muitos desses religiosos brasileiros desejam a aproximação de tudo o que se nomeie "judeu" ou "judaico" e esforçam-se para se tornarem sua imagem e semelhança, em vez de se empenharem no contrário, isto é, na narrativa pejorativa de construção "do outro" como quer Said (1990, p. 13). Pensamos que o conceito de orientalismo deva ser reformulado para comportar o antiarabismo e críticas ao Islã, mas não a tudo o que provenha do Oriente. E, fazendo isso, a tese por completo deverá ser abandonada para dar lugar a um novo conceito ajustado aos fatos.

---

[148] A discussão de espaço neste ponto da presente pesquisa tem maior apoio da perspectiva sociológica e filosófica. Em "1 Questões Teóricas e de Método" a discussão está na perspectiva historiográfica.

Diferentemente dos cristãos reformadores do século XVI, como Martinho Lutero, que produziu textos contra os judeus,[149] os grupos evangélicos de hoje são receptivos a ouvir em vez de fazer as tais "descrições limitadoras" de Said. Querem parecer judeus e o fazem chegando ao extremo, usando indumentária religiosa de judeus (quipá, talit), instrumentos de culto (menorah, shofar) e edificando templo, como na zona Leste paulistana, reproduzindo o modelo arquitetônico de 3 mil anos, do Templo do rei Salomão, como o construído pela Igreja Universal do Reino de Deus (IURD).[150] Por outro lado, os mesmos cristãos evangélicos estão dispostos a fechar os olhos para árabes, e especialmente os palestinos, percebidos como invasores do território que é "direito do povo de Deus", os judeus, como alegam, baseando-se na narrativa bíblica (não distinguindo a diferença entre judeus bíblicos e israelenses modernos). Nem toda base para rejeição do outro seria a alegada superioridade ocidental de que Said se ressente.

É possível acompanhar a análise de Martins (2001) quando ela fala da imaginação daquele que descreve uma geografia a partir da própria experiência. Porém, no recorte que fizemos do cristianismo, em que consideramos uma parte determinada do setor evangélico (não todo ele), o orientalismo de Said não parece fazer sentido, é inapropriado como categoria para analisar a percepção que se tem do Ocidente em direção ao Oriente, a não ser que Israel não seja considerado um país oriental, mas um Estado colonialista no melhor estilo europeu ou norte americano. Isso seria um orientalismo às avessas (ou um bizarro ocidentalismo ocidental,[151] como parece ser o caso dos viajantes que vieram ao Brasil no século XIX. Os britânicos da obra de Martins "falam" (no dizer de Said) em vez dos cariocas, ocidentais dos trópicos, igualmente ocidentais, de modo que não houve orientalismo a ser observado naquela relação (apenas a "geografia imaginativa"). Houve,

---

[149] E. g., *Dos judeus e suas mentiras*. Porto Alegre: Revisão Editora, 1993. Texto original de 1543.

[150] O projeto foi criticado pelo rabino Henry Sobel. Para ele, o bispo Edir Macedo (fundador e presidente da IURD) é uma "boa pessoa", mas não deveria usar símbolos de outra tradição religiosa, pois isso confunde as pessoas. Disponível em <https://videos.bol.uol.com.br/video/simpatico-a-maconha-henry-sobel-critica-templo-de-salomao-0402CC9A346ED8895326> e acessado em 24.08.2017.

[151] Para uma discussão ampla sobre o tema, sugiro WEINBERG, Jacques A. *A pena, a tinta e o sangue: a guerra das ideias e o Islã.* Porto Alegre: Edipucrs, 2007. O livro apresenta as linhas de argumentação pró e contra o Islã, sendo os "orientalistas" e os "ocidentalistas", uns mais moderados e outros mais radicais (de ambas as tendências), além dos "inimigos" dentro do próprio sistema (ocidentalistas do Ocidente e orientalistas do Oriente).

tão somente, uma construção retórica "do outro", um "sistema de preconceitos"[152], presente à outras sociedades (CARDOSO, 1997, p. 117)[153]

Numerosos grupos entre os evangélicos apoiam irrestritamente as políticas israelenses de expansão nas áreas ocupadas na Palestina, em igrejas nos Estados Unidos, como a do Reverendo John Hagee, da *Christians United for Israel* (CUFI). Para o Rev. Hagee, é dever cristão apoiar a democracia. Sobre o turismo religioso, ele alega que o itinerário turístico dos cristãos norte-americanos que visitam a Terra Santa é orientado pelos judeus a cobrir regiões que tenham ligação (geográfica ou arquitetural) com passagens bíblicas (SPEAKMAN, 2012).[154] Turistas americanos nas terras bíblicas procuram sítios onde "o leite e o mel"[155] são evidentes. No entanto, não deveriam evitar sítios palestinos, onde também há tradição bíblica a ser visitada, como Speakman mostra no documentário.

Assim, na visão do Rev. Hagee como mostrada por Speakman, o turismo trabalha em favor de Israel, quando minimiza a importância dos palestinos e dos pontos turísticos em seus territórios. Mas esse "trabalhar para Israel" se dá no nível governamental, não entre as relações pessoais. Notamos uma relação amistosa entre ambos os povos, como entre os guias israelenses que entrevistei; eles negaram haver interferência do seu Governo nos roteiros e nas três viagens que fiz para a região, estive na Cisjordânia (Belém e Jericó). Numa dessas viagens cruzamos o *checkpoint* do Exército de Israel tendo o guia israelense escondido no fundo do ônibus, o que indica que judeus e palestinos relacionam-se, a despeito dos *checkpoints* (SPEAKMAN, 2010; PAGANELLI, 2014b). Mas, se

---

[152] O sistema consiste de três mecanismos. O primeiro é o da exclusão. Usando como exemplo o mito do Brasil pacífico, afirma-se que o povo da terra é não-violento e qualquer violência situada nos limites da nação é praticada por não-brasileiros, mesmo que o infrator seja nascido e registrado no país. Cria-se um dualismo entre "nós, os brasileiros pacíficos" e "eles, os outros violentos" que não cabem no discurso de afirmação preconceituoso de que "o povo brasileiro é pacífico e não-violento por natureza". O segundo mecanismo é a distinção entre o essencial e o acidental. Se em sua essência o povo brasileiro é não-violento, então, nenhum registro de violência nessa sociedade pode fazer parte da essência do povo, pois isso é antinatural. No entanto, havendo violência, ela é episódica, não-essencial, não-estrutural. É preciso "distingui-la" ou nomeá-la, "ou como se diz, é 'um surto', 'uma onda', 'uma epidemia'.". Por último, o mecanismo das máscaras, parecido com o primeiro, o da exclusão. Aqui ocorre a separação entre "nós" e "eles", sendo que cada um de "nós" pode, acidentalmente, estar entre "eles". Mas para que fique claro o mascaramento, é preciso dar uma identidade a uns e outros, para que a violência, quando vier, seja vista como efetuada ou provocada por um "não-brasileiro", o outro. No mecanismo das máscaras há uma tendência à diminuição; o violento é menos povo, é menos cidadão em relação àquele que não comete a violência (CARDOSO, 1997, p. 121; PAGANELLI, 2014a, p. 47-48).

[153] Marilena Chaui, "Senso comum e transparência". In *O preconceito*. Imesp: 1997, p. 117.

[154] V. ponto *1.6 Aporte historiográfico*, onde falamos sobre o documentário de Speakman.

[155] Figura de linguagem bíblica que indica a prosperidade e a fartura dos hebreus na Terra Prometida.

forem pegos, perdem suas licenças como guias (aqui há interferência do Governo), e essas licenças são caras e demandam intensos estudos num curso que dura dois anos.

O argumento usado por cristãos de que no passado aquele povo ou aquele local foram alvos de uma "hierofania" (no dizer de Eliade; v. n. 81) transfere para as mãos dos orientais (judeus), ainda que culturalmente ocidentais (caso consideremos a cultura israelense ocidentalizada), que passam a controlar tanto o saber quanto o poder. Demonstram isso a subserviência do reverendo Hagee a um campo político e, portanto, de poder (para escorar-me em Bourdieu). Reforça o meu argumento a fala de uma entrevistada.[156] Quando questionada sobre quais fatos a marcaram na Guerra dos 50 Dias (entre Israel e o Hamas, 2014), respondeu que foi "a morte dos cristãos" (que sequer foram envolvidos na Guerra!). Considerando que Israel venceu a guerra, então teria vencido os "cristãos", grupo do qual faz parte. Ainda assim, a entrevistada manteve o entendimento de Israel ser o "povo escolhido" e o seu representante durante a viagem, o guia israelense, ser capaz de "passar mais conhecimento" sobre os locais visitados, mesmo que na entrevista ela tivesse admitido "contradições" nas informações prestadas por ele e admitido, em seguida, que após a viagem, a percepção que ela tinha sobre os israelenses "piorou" sensivelmente em relação aos palestinos, que "se manteve a mesma".

Diferentemente de Said, que argumenta que o saber e o poder servem-se mutuamente, os trabalhos de Kapil Raj "se distanciam [dessa] concepção [...], pois enquanto ele compreende a relação entre saber e poder de maneira estrutural, eu procuro entender como essa relação se define de maneira conjuntural [...] há toda uma geometria do poder" (RAJ, 2016). Essa "geometria do poder" concebe "o movimento, as mudanças [...] historicamente falando" (RAJ, 2016), em vez de compreender a estabilização, como na sociologia. Da perspectiva da "nova historiografia", que pressupõe que "todo o conhecimento é local", Raj quer compreender o processo pelo qual algo local se torna universal, o que é possível quando admite que "o local é um lugar onde diferentes áreas de circulação se cruzam" (RAJ, 2016):

> [...] o local não seria algo fixo, estável, ameaçado pelo global, mas algo fluido, que se transforma constantemente. O que eu acho importante é ver como a novidade emerge [...] segundo a teoria da circulação, o local não é algo que está em guerra contra o global, nem que resiste a ele, mas o resultado histórico dos cruzamentos de diferentes áreas de

[156] Formação universitária e funcionária de uma igreja de porte médio na cidade de São Paulo; v. Anexo A para as perguntas.

> circulação [...] A ciência moderna pode ser completamente apropriada por todos os seres humanos e, portanto, é "ecumênica" (RAJ, 2016; RAJ, 2013, p. 338).

Como lidamos com narrativas e com construções imaginativas de viagens e de locais, é preciso notar outro elemento: o texto narrativo, que no caso já existe e é o texto bíblico, que suporta a construção ideológico-religiosa, contribuindo para a inversão da lógica de Said ao fazer o Israel oriental atrair apoio para si sem sequer ocupar território no Ocidente, num tipo de colonização virtual ou à distância (uma colonização imaginativa). Além dos dois exemplos anteriores (Rev. Hagee e a turista brasileira), o então candidato à presidência da República, Jair Messias Bolsonaro, um cristão, durante a organização de lançamento da sua candidatura em nível internacional, anunciou que "os grandes parceiros [de seu governo, se eleito] serão Estados Unidos, Europa e *Israel*".[157] Certamente o elemento "segurança" provocou a inclusão de Israel na lista de parceiros, mas não somente isso. Na sequência da matéria, a assessoria do candidato disse que se questionado pelos Estados Unidos, Bolsonaro denunciaria a esquerda brasileira "por ter se aproximado do Irã e permitido a abertura da embaixada *Palestina* em Brasília".[158] É preciso e possível ver na distinção que ele fez, a presença do elemento político, mas também o elemento ideológico com grossa camada de verniz religioso.

Outra questão a ser considerada é que Said acusa estritamente os eruditos ocidentais cristãos de orientalismo: "No Ocidente cristão, considera-se que ele [o orientalismo] começou a sua existência formal com a decisão do Concilio de Viena, em 1312, de estabelecer uma série de cátedras de 'árabe, grego, hebraico [caldeu] e sírio em Paris, Oxford, Bolonha, Avignon e Salamanca' " (SAID, 1990, p. 60). A essa declaração ele remeteu uma nota, chamando atenção para o 11º cânone do Concílio:

> A sugestão foi feita por Raymond Lull, que defendia o aprendizado de árabe como o melhor meio para a conversão dos árabes. Embora o cânone tenha ficado quase sem efeito, pois havia poucos professores de línguas orientais, sua aceitação indica o crescimento da ideia missionária no Ocidente. Gregório X tivera esperanças quanto a conversão dos mongóis, e frades franciscanos haviam penetrado nas profundezas da Ásia com seu zelo missionário. Embora essas

[157] Matias Spektor, Viagem internacional de Bolsonaro definirá rumos da campanha. In *Folha de São Paulo*. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/matiasspektor/2017/08/1912520-viagem-internacional-de-bolsonaro-definira-rumos-da-campanha.shtml> e acessado em 24.08.2017.
[158] Ibidem.

> esperanças não tivessem sido realizadas, o espírito missionário continuou a desenvolver-se (SAID, 1990, p. 35, n. 18).[159]

É de esperar que o desconhecimento que se tem sobre um campo do conhecimento leve a especialização na pesquisa, por isso a variedade e o interesse por pesquisar (conheço os argumentos sobre "interesses coloniais"). É preciso considerar ainda que também o Oriente manifestou interesse na divulgação de línguas orientais antigas. Quando esteve em São Petersburgo, D. Pedro II visitou o Instituto Lazarev, especializado na promoção desse conhecimento (KHATLAB, 2015, p. 122).[160, 161] O mesmo Imperador, em sua primeira viagem internacional, de passagem pela França, esteve em Montpellier, onde visitou a Academia de Medicina, "que na época [1872], era um grande centro de irradiação científica, e cuja fama datava do século XII. Muitos dos seus mestres que fundaram essa academia eram árabes e judeus" (KHATLAB, 2015, p. 106), uma cooperação que certamente diminui a força do argumento de Said.

A expansão missionária do cristianismo ocorreu desde o século I, do Oriente para o Ocidente. Se do passado recente até hoje se identifica viés imperialista rumo ao Oriente, não seria o caso de situar esse movimento como sendo a própria reação a um avanço histórico anterior (e milenar) vindo do Oriente, quando o cristianismo (e o próprio Islã no século VII) surgiu e iniciou tal avanço? Como classificou Waldomiro Piazza (1991), dos três monoteísmos (judaico, cristão e islâmico), somente o judaísmo não é expansionista (proselitista),[162] por ser uma religião étnica; já cristãos como muçulmanos querem expandir-se, converter pessoas, de modo que a especialização dos estudos linguísticos, como ocorrida no estabelecimento das cátedras nas principais universidades, como

---

[159] Prancis Dvornik, *The ecumenical councils* (Nova York, Hawthorn Books, 1961), p. 65-6, apud Said.

[160] Roberto Khatlab é historiador da religião e da relação Brasil-Oriente Médio, emigração e imigração libanesas. Reside em Beirute, no Líbano, onde é diretor do Centro de Estudos e Culturas da América Latina, na Universidade Saint-Esprit de Kaslik (Cecal-Usek).

[161] Há discussões sobre a Rússia ser um país Oriental ou Ocidental. Em termos geológicos, 75% do seu território está na Ásia; por outro lado, 78% da população habita o lado Ocidental do país, dentro da Europa. Já em termos linguísticos, o idioma russo pertence às línguas indo-europeias, sendo parte do grupo de línguas eslavas orientais. Anatoly Vishnevsky. *Replacement Migration: is it a solution for Russia?* United Nations Population Division, Department of Economic and Social Affairs, 2000, p. 6. Disponível em <http://www.un.org/esa/population/publications/popdecline/vishnevsky.pdf> e acessado em 06.12.2017.

[162] Piazza classifica as religiões em: a. Religiões de integração: dos povos primitivos, ameríndios, indígenas brasileiros, indochina, povos oceânicos, australianos e africanos. b. Religiões de servidão: antigo Egito, antiga Mesopotâmia, indo-europeus (celtas, eslavos, germanos etc.), antigos gregos e antigos romanos, religião dos semitas, dos cananeus, da antiga China, do antigo Japão, dos astecas, maias e incas. c. Religiões de Libertação: religião de Mani, Hinduísmo, Budismo, Jainismo, Taoísmo, Confucionismo. d. Religiões de Salvação: o Masdeismo, Judaísmo, Cristianismo e Islamismo.

apontado por Said, visa a esse movimento religioso de expansão que já ocorreu anteriormente ao imperialismo, ainda que possa ser associado a ele. O movimento de expansão cristã de modo algum foi (nem é) diferente do ocorrido no Islã que se expande rumo ao Ocidente ontem e hoje, incentivando e patrocinando estudos de cultura islâmica e língua árabe nas universidades europeias e nas Américas do Norte e do Sul[163] ou quando realiza obras sociais em bairros periféricos no Brasil.[164]

Said insistiu em que a demarcação geográfica de "uma metade inteira" do globo é uma excentricidade do erudito orientalista, que deveria aplicar-se a "um material *humano*", na "ampla variedade de realidades sociais, linguísticas, políticas e históricas" em vez de procurar fixar um território, o que revela que "o orientalismo é um campo que tem uma considerável ambição geográfica" (SAID, 1990, p. 60; ênfase no original). Tendo partido das considerações sobre o ocidental cristão (e sendo ele um palestino cristão), esqueceu-se de que esse é o modo de ver o mundo próprio da religião, isto é, de maneira dualista. Os gentios para os judeus, os incrédulos para os cristãos e os infiéis para os muçulmanos, e isso não somente em "uma metade inteira" do globo, mas onde quer que se encontrem "o outro", no planeta todo. Parece-nos, portanto, que a caricaturização do outro, daquele que é diferente e exótico, não é uma questão de lado num território global, mas uma questão meramente humana (embora perigosamente preconceituosa).

Parte dos seguidores do Islã apontam para os "cruzados cristãos" como portadores do mal (estou amenizando).[165] Uma parte dos grupos cristãos, por outro lado, olha para o Islã como um campo missionário, isto é, carentes de serem evangelizados; e assim por diante. A mesma delimitação imaginativa ocorre em outros campos: econômico (países de primeiro e terceiro mundo), político (partidos de direita e esquerda) etc., de modo que parece próprio do ser humano procurar uma identificação, até mesmo o apelo a "realidades sociais, linguísticas, políticas e históricas" proposta por Said.

---

[163] O deputado mineiro pelo Partido dos Trabalhadores (PT), Miguel Corrêa, apresentou (em 6.7.2011) a PL 1780/11 que altera a Lei nº 9.394 (de 20 de dezembro de 1996), a chamada Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "cultura árabe e tradição islâmica".

[164] Para uma investigação sobre a promoção de língua e cultura em universidades, RICHARDSON, Don. *Os segredos do Alcorão*. Camanducaia: Horizontes América Latina, 2007. Para obras de ação social promovidas por mesquitas no Rio de Janeiro, São Paulo e no Paraná, PEREIRA, João Baptista Borges (org.). *Religiosidade no Brasil*. São Paulo: Edusp, 2012. Para ações nos "âmbitos religioso, social, econômico e diplomático", veja Federação das Associações Muçulmanas do Brasil. Disponível em <http://www.fambras.org.br/historia> e acessado em 25.08.2017.

[165] Sugiro a consulta online a qualquer edição da revista *Dabiq*, produzida pelo Estado Islâmico, onde se pode ter uma ideia dessa caricaturização exacerbada, porém, existente.

2.9 O local como ponto da circulação do saber fluído

Em sua pesquisa, Martins (2001) apontou a questão do encontro cultural ou transculturação, para o que Kapil Raj dá boa contribuição e avança a discussão. Considerado um "pós-pós-colonialista" (RAJ, 2016), Raj faz um contraponto a Michel Foucault e Edward W. Said com sua "teoria sobre a circulação de conhecimentos [...] as relações entre ciências e outras modalidades de saber [...] assimetrias culturais na globalização e as concepções de centro e periferia na produção científica" (RAJ, 2016).

Para ele, interessam "as mudanças que são produzidas por um movimento" de circulação de ideias e práticas científicas. "Por que essas mutações ocorrem? Porque esses movimentos não são apenas físicos, mas também de meios, de campos diferentes" (RAJ, 2016), onde por campo, ele estenderá o conceito dado por Bourdieu, ao chegar a níveis mais estritos, como bairros ou comunidades vizinhas e até departamentos dentro de uma universidade: "Então se trata de uma circulação, e não de uma difusão ou de uma mera hibridização. Porque os objetos, os produtos, que nascem dessas interações não são nem metade uma coisa, nem metade outra, mas algo novo, diferente" (RAJ, 2016).

Para Raj, "o olhar dos historiadores das ciências voltou-se para as práticas, sejam as práticas materiais e sociais, sejam as práticas cognitivas, o *saber-fazer*" (RAJ, 2007, p. 155; ênfase no original), como a ciência que se faz hoje. Esse saber-fazer não é apenas transferido, tal qual mercadoria, porque isso exigiria a "réplica dos instrumentos [...] gestos, protocolos, civilidades da prova, regras e convenções sociais e morais…, ou a recomposição do equilíbrio entre todos estes elementos" (RAJ, 2007, p. 155). Em outras palavras, o conhecimento local, "manual", produzido, teria um vago sentido em outro local, conjuntura ou cultura, onde se privilegia o saber "intelectual", transferido passivamente. Assim, é impróprio dizer que "isso é ciência e isso é saber", já que ao encontro de ambos é que se dá ciência, "um conjunto de teorias, de conceitos, de práticas intelectuais, mas também manuais" (RAJ, 2016) e esse encontro ocorre num dado local.

Decorre dessa constatação ser uma falácia afirmar que o mundo teria assistido a ciência moderna sendo exportada, às vezes imposta violentamente, até conseguir o *status* de "paradigma de um discurso hegemónico do poder ocidental, uma formação discursiva através da qual o resto do mundo está ao mesmo tempo subjugado e relegado ao controlo do Outro binariamente oposto" (RAJ, 2007, p. 156; preservada a grafia original). Para reforçar seu argumento, Raj cita estudos recentes que insistem nessa narrativa, como um

estudo de Mathew Edney[166] sobre a exploração britânica do Sul da Ásia nos séculos XVII e XIX. Nele, Edney afirma que a "cultura cartográfica" britânica é fruto do esforço de uma elite britânica que organizou uma "arquitectura espacial que tem as suas raízes nas matemáticas e estruturas não indianas". "Para os britânicos na Índia" segue o autor, o seu trabalho de medição e observação em agrimensura representa o próprio fazer ciência. "Medindo a terra, impondo a ciência e a racionalidade europeias ao espaço indiano, os Britânicos distinguiam-se dos Indianos: eles faziam ciência, os Indianos não" (RAJ, 2007, p. 156), um discurso científico com fins de colonização, ou, em suas palavras, uma "relação íntima entre ciência e poder" (RAJ, 2007, p. 156).

A essa altura é importante observarmos que Weber, em certo sentido, havia aludido a esse sintoma embora defendendo a produção científica como coisa própria do Ocidente. Na área das ciências exatas, Weber menciona nominalmente as "provas racionais", "métodos de experimentação" e "o moderno laboratório" como condição *sine qua nom* ao desenvolvimento da "geometria hindu" e "as ciências naturais da Índia", que "embora de todo desenvolvidas sobre a observação", nada seriam sem a contribuição europeia (WEBER, 2003, p. 23). Weber relacionou outras contribuições do racionalismo ocidental às artes (música), na arquitetura, nas instituições de educação superior (que haviam na China e no Islã, mas sem "a busca racional, sistemática e especializada da ciência por parte de pessoal treinado e especializado"), "a organização de grupos políticos e sociais" até chegar ao capitalismo, todas circunstâncias devedoras do espírito racional e investigativo do homem ocidental (WEBER, 2003, p. 24-6).

Kapil Raj certamente ilumina o entendimento sobre como se deu, ao menos num caso específico, a tal contribuição racional do Ocidente. O autor dá outro exemplo ao ...

> mostrar que a história do desenvolvimento das ciências consideradas pela geografia não é apenas o resultado de trocas e acomodações intra-europeias mas, mais do que isso, de trocas activas, se bem que inscritas em relações de poder assimétricas, com as culturas científicas e técnicas de outros continentes (RAJ, 2007, p. 157).[167]

---

[166] *Mapping an Empire. The Geographical construction of British India, 1765-1843,* Chicago/Londres: The University of Chicago Press, 1997.

[167] Em outro lugar, ele argumenta que "não é surpreendente, então, que a história da ciência tenha se tornado um local de controvérsia no mundo pós-colonial, com historiadores nacionalistas pressionando a reivindicação de cientificidade por seus conhecimentos indígenas e maneiras de conhecer. Nas mãos de extremistas religiosos e políticos, isso levou a uma grande quantidade de falsificações históricas, se não puras e históricas" (RAJ, 2013, p. 340).

O conhecimento é transformado quando circula (RAJ, 2016). Embora houvesse alcançado seu apogeu no século XIX, "a presença britânica na Índia nunca excedeu dezenas de milhares de civis" (RAJ, 2007, p. 157), o que demandava o serviço da população local no apoio para as tarefas necessárias no comércio, na administração e na parte técnica. O comércio regional no continente e no Oceano Índico era vigoroso muito antes da chegada dos europeus à região, e não apenas localmente, mas alcançando o Oriente Próximo, África Oriental e outras partes da Ásia, como a vizinha China. Este foi o quadro encontrado pela *East India Company*.

No campo da agrimensura, Raj dá destaque à fabricação e utilização dos astrolábios por muçulmanos no Sul da Ásia, também sendo usado por astrônomos hindus ainda no "início do século XIV, para determinar coordenadas celestes e terrestres" (RAJ, 2007, p. 163), uma vez que parte das atividades econômicas de árabes e indianos era movida pelo caravanismo nômade.[168] Por fim, menciona "instrumentos massivos de medida edificados pela arte de pedreiro, que ainda hoje se podem ver em Jaipur, Delhi e Ujjain, testemunhos da circulação científica e técnica entre a Ásia central e o Sul da Ásia", introduzidos ainda no século XII pelos mongóis (RAJ, 2007, p. 163-4). Isso leva ao seguinte veredicto feito pelo autor:

> Em todo o caso, longe de ser uma *tabula rasa* geográfica que esperava a chegada dos Europeus para ser explorada e medida, a Ásia do Sul procedia correntemente à agrimensura e aos levantamentos assim como à sua representação; várias técnicas estavam em constante desenvolvimento através de processos de circulação e de adaptação negociada de *saber-fazer* e de instrumentos, processos intimamente ligados às culturas e às economias de regimes pré-coloniais. Deste ponto de vista, os fins e as técnicas da agrimensura não eram muito diferentes daqueles que eram conhecidos na Inglaterra na mesma época. Assim, o mesmo aconteceu com outras actividades coloniais, quando os Britânicos foram levados a apelar às competências indígenas para efectuar os seus levantamentos na Índia (RAJ, 2007, p. 164; ênfases e grafia originais).

Raj toma, ainda, a produção cartográfica, a fim de estabelecer o divisor de águas no que tange a produção de ciência nos moldes europeus e o que ele já chamou de saber-fazer local. "Os mapas só passaram a fazer culturalmente parte do *vade-mecum* do viajante terrestre a partir do século XIX" (RAJ, 2007, p. 159), já que os negócios dos

[168] V. Jonathan Lyons, *A Casa da Sabedoria*: como a valorização do conhecimento pelos árabes transformou a civilização ocidental. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

europeus, e dos britânicos em particular, estavam situados nas costas. Se necessitasse ir ao interior, poderia contar com informações dadas por outros viajantes ou missionários no caminho, ou mesmo guias locais. "Duas cartas excepcionais – como a de Jean-Baptiste Bourguignon d'Anville que publicou, em 1752, um mapa da Índia – baseavam-se na geografia antiga actualizada segundo os relatos de viajantes contemporâneos, já que os cartógrafos europeus raramente abandonavam o seu gabinete" (RAJ, 2007, p. 159).[169]

Essa produção cartográfica é mencionada por Raj como resultado de trocas "híbridas, decorrentes da circulação dos actores, *saber-fazer*, instrumentos, procedimentos" (RAJ, 2007, p. 170; grafia e ênfase do original), considerando ter havido grande quantia de mapas na Índia pré-colonial, o que evidencia a produção autóctone. A finalidade dessas cartas variava entre o uso militar, fiscal, mapas e globos cosmográficos e religiosos (como os mapas de peregrinação) (RAJ, 2007, p. 171). "Importa notar que nesta época a Índia havia permanecido mais de mil anos em contacto constante com o mundo islâmico e que o Norte da Índia era mesmo parte desse mundo" (RAJ, 2007, p. 171). Tanto a Grã-Bretanha quanto a Índia têm coleções de globos cosmográficos "amplamente baseado nos *Puranas*[170] [textos religiosos hindus ...] Pinturas jaina foram identificadas como mapas com rotas para peregrinações" (RAJ, 2007, p. 171).

Houve produção francesa e britânica de mapas preparados na Índia em 1770, "sob a direcção do francês Français Jean-Baptiste-Joseph Gentil (1726-1799)", mas esse amplo atlas composto por vinte e um fólios teve uma destinação à margem da habitual: "ilustrar a tradução de *Yin-i Akbari* por Gentil", a despeito de registrar "regiões praticamente desconhecidas dos Europeus (e ainda inacessíveis durante várias décadas)" (RAJ, 2007, p. 173). Mais nobre foi a destinação dada ao mapa da Índia desenhado por D'Anville para os franceses: "decorar os escritórios dos 'Messieurs les Commissaires du Roi à la Compagnie des Indes', em Paris" (RAJ, 2007, p. 173), em vez de servir para guiar a administração francesa na Índia.

---

[169] A essa altura, Raj remete uma nota de rodapé, na qual se lê: "Os jesuítas foram a única excepção a estas práticas. Desde o começo da sua acção missionária na China, que se propuseram como principal objectivo fazer o mapa do Império chinês. O atlas da China produzido pelos jesuítas durante a primeira metade do século XVIII foi o clímax deste empreendimento" (RAJ, 2007, p. 159, n. 11; grafia original).

[170] "O mais antigo e talvez o mais fascinante destes globos é o *Bhugola* de Ksema Karna – uma caixa esférica de cobre delicadamente trabalhada para representar as diferentes partes constitutivas do universo segundo as fontes purânicas, mas denotando uma influência ptolemaica (provavelmente um recipiente para especiarias)" (RAJ, 2007, p. 171).

Há outros exemplos de empenho por parte de ingleses e franceses para que se produzisse mapas, como o de Bengala, mas nunca destinados a servir "como utensílio administrativo ou militar". Fossem oportunistas querendo atrair o favor de governadores, fossem cartógrafos atendendo a encomendas, a produção de mapas era destinada a ilustrar a edição de obras, como "o segundo dos três volumes da obra de Robert Orme, *History of the Military Transactions of the British Nation in Indoostan from the Year 1745*", ou integrar coleções privadas de "membros do Parlamento ou de sociedades eruditas [...] diretores e altos funcionários da [East India Company]", ou meramente obter lucros, já que tais "objetos únicos eram altamente apreciados pela sua qualidade estética" (RAJ, 2007, p. 173). Em 1766, houve registro de "fuga de mapas", isto é, desvio interno, como o mapa de Calcutá, para revenda no mercado negro, e casos de pagamento de favores ou favorecimento de potências inimigas (RAJ, 2007, p. 174-5).

Raj conclui sua análise da seguinte maneira:

> Sustentar a ideia de que os colonizadores ocidentais se teriam servido da *sua* ciência moderna para melhor dominar as populações autóctones é permanecer prisioneiro do ponto de vista segundo o qual a ciência é um produto puramente ocidental, a linha de separação por excelência entre a Europa e o resto do mundo. Mais ainda, o estado-nação na Europa, a sua identidade, as suas instituições económicas e sociais, e até as maneiras de raciocinar histórica e antropologicamente, não foram uma simples produção dos países do Ocidente, mas antes o resultado de adaptações das suas instituições aos modos de organização das sociedades sobre as quais eles tinham estabelecido um domínio (RAJ, 2007, p. 176-7; ênfase e grafia originais).

Se o mapa despontou como instrumento de poder ou símbolo do saber Ocidental não foi por mérito britânico, francês ou de outra nação, Estado ou Império; primeiramente, por obra dos "contadores das aldeias" na Índia, que apoiavam o trabalho dos estrangeiros, somado ao trabalho dos "agrimensores indianos", da tradução dos textos já existentes e difundidos no subcontinente, textos "que tratavam da agrimensura e da astronomia" (RAJ, 2007, p. 177), e que foram reconfigurados no trânsito "entre os dois espaços" e sua própria ciência. Não foi de outro modo que surgiu o "mapa como instrumento de governo na Grã-Bretanha e, simultaneamente, no Império Britânico" (RAJ, 2007, p. 177). Esse o modo como por difusão ou transferência, por "processos de circulação dos homens e das práticas, das informações e dos saberes, dos instrumentos e dos objectos, que as ciências e as técnicas se desenvolvem" (RAJ, 2007, p. 177), para

então fazer surgir, como resultado do mesmo movimento, "objetos científicos, técnicas, nações, impérios, identidades nacionais" (RAJ, 2007, p. 179).

Raj rejeita a ideia da "emanação pura" da ciência moderna da Europa Ocidental para outras partes do planeta como o marco da "Grande Divisão entre o Ocidente e o Resto" em favor da ideia "de narrativas nacionalistas ou civilizadoras concorrentes que reivindicam a precedência no raciocínio científico para suas respectivas sociedades" (RAJ, 2013, p. 340). Muitos estudiosos pós-colonialistas "inspirados pelos escritos de Michel Foucault e Edward Said" reforçaram o coro contra a ciência Ocidental como "alienante e desumanizadora", "uma 'narrativa mestra' hegemônica do poder ocidental, uma formação discursiva através da qual o resto do mundo foi simultaneamente subjugado e relegado ao papel do Outro contrário à Europa" (RAJ, 2013, p. 340). Mas há outra opção a essa "compreensão tradicional e essencialista da ciência moderna", qual seja, na compreensão da ciência "como construção, manutenção, extensão e reconfiguração do conhecimento" (RAJ, 2013, p. 341).

> Esta nova escola de estudos demonstrou de forma convincente que a pesquisa científica não se baseia em um raciocínio lógico passo a passo, mas em um julgamento pragmático, muito parecido com o envolvido em práticas artesanais e, portanto, está localizado histórica e geograficamente (RAJ, 2013, p. 341).

O encontro ocorrido no campo, ou o encontro dos campos, supondo um diálogo com as categorias de Bourdieu, resultam em um "local de construção e reconfiguração do conhecimento" (RAJ, 2013, p. 343), assumindo "conhecimento" como o poder próprio (local ou estrangeiro; religioso ou econômico; político ou cultural etc.). Esse conhecimento ou poder se dá por circulação e levou o pós-positivismo e o pós-colonialismo ao equívoco de imaginar que os indígenas não tinham nada a oferecer ou com que negociar em sua "interação intercultural", quando na verdade havia "conhecimento, práticas, instrumentos, técnicas e serviços". Essa foi a moeda usada para manter "processos de encontro, poder e resistência, negociação e reconfiguração [...] na interação intercultural [...] concepção transformadora da circulação [e que] ao circular, as coisas, os homens e as noções muitas vezes se transformam" (RAJ, 2013, p. 343). Portanto, o conceito de circulação, que faz contrapartida a disseminação ou difusão, "mostra que ser colonizado e ter agência não é antitético", porque os indígenas, por

exemplo, não foram meros informantes a europeus intelectualizados que transformaram as informações em ciência: o processo não foi unidirecional (RAJ, 2013, p. 344).

Estamos apontando essas observações de Kapil Raj como modelos para compreendermos a dinâmica da circulação de saberes entre centro e periferia, pois tal modelo poder-saber também vigora no campo da religião, conforme pesquisamos. A hierarquia baseada no saber (ou saberes) deverá incluir a língua. Na Índia de Kapil Raj, a elite hindu que aprendia o persa era fortalecida em termos de "poder sobre a população nativa", pelo simples acesso a "saberes transnacionais, que eram saberes dos mongóis e que se tinham misturado aos saberes hindus e haviam sido codificados em outra língua, o persa" (RAJ, 2016). A mesma ocorrência é percebida no campo religioso brasileiro, entre os evangélicos, quando usam termos hebraicos e indumentárias da tradição judaica, não têm outra finalidade prática senão mostrarem-se mais conhecedores, íntimos do saber local de Israel.

É nesse sentido que Clifford Geertz, em "O saber local" (1997), fala sobre o "paradoxo do carisma". Embora as raízes do carisma[171] se encontrem longe do centro do poder, onde decisões são tomadas, e longe daqueles que têm o poder de decisão, entre aqueles que viajam em cortejos, o carisma surge afastado desse centro e com frequência surge distante dele, em pessoas "que desejam desesperadamente aproximar-se deste [poder]. A heresia [portanto] é fruto da ortodoxia também na política, e não só na religião" (GEERTZ, 1997, p. 215). Essa é a nossa hipótese nesta pesquisa, que mesmo distante do considerado centro de poder, Israel, evangélicos queiram demonstrar simpatia, por meio do apoio às causas israelenses e ao próprio povo, como manifestação de um carisma[172] a ser reconhecido pelo centro de poder oficial, no caso dos evangélicos, as decisões do Governo de Israel. Nesse caso, quem legitima o campo é o poder político (o que remete a Constantino quando oficializou o Cristianismo).

Conforme uma fonte entrevistada, há denominações evangélicas que negociaram a cessão de terrenos para que pudessem construir em Israel uma sede, uma igreja, e

---

[171] "Famoso conceito norte-africano: o *baraka*. O termo já foi comparado a inúmeros outros conceitos na tentativa de explicá-lo – mana, carisma, 'eletricidade espiritual'; trata-se de algo assim como um dom de poder sobrenatural que pode ser utilizado por aqueles que o recebem a seu bel-prazer, de uma forma natural e pragmática, com propósitos mundanos e o interesse próprio. [...] algo que um indivíduo simplesmente tem, como tem força, coragem, energia ou agressividade (GEERTZ, 1997, p. 204).

[172] O termo carisma é bastante utilizado no estudo das religiões, como também por Bourdieu (2011, p. 95), para referir-se ao aspecto que torna determinada instituição ou indivíduo atraente ao que chama "consumidores" dos "bens de serviços" da fé.

marcar presença nesse centro de poder. É o caso da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos dias norte-americana (os mórmons) e a brasileira Congregação Cristã do Brasil. O argumento que justificou a primeira foi o banco de dados e as pesquisas reconhecidamente amplas no campo da genealogia, e a segunda alegou (e certamente pode demonstrar) ter a maior orquestra sinfônica do mundo.

Após as considerações de método e teoria do capítulo 1 e o presente capítulo sobre questões do turismo e espaço, vamos escrever uma história das antigas peregrinações para o território estudado, Israel-Palestina. Nos primeiros séculos do surgimento do Cristianismo, poucos dos viajantes que empreenderam uma viagem desse porte e natureza deixaram registros. Dos registros que chegam até o nosso tempo, a maioria foi utilizada. À medida que os séculos avançaram, aumentou o número de peregrinos e de registros, o que nos forçou a identificar aqueles cuja relevância se pautava pela informação diferenciada, que suscitasse a percepção de alguma mudança no quadro político, cultural, religioso ou social.

Portanto, nos próximos dois capítulos cobriremos um extenso período até o século XIX para, em seguida, discutirmos o cenário que surgiu após o retorno dos judeus para a Terra Santa sob o Mandato Britânico, as implicações gerais desse novo quadro e entrarmos na história recente dos turistas brasileiros.

3 HISTÓRIA DAS PEREGRINAÇÕES – O PRIMEIRO MILÊNIO

Como são felizes os que em ti encontram sua força,
e os que são peregrinos de coração! – Salmo 84.5

O presente capítulo provê um apanhado de narrativas que servem para formar uma longa tradição internacional de peregrinações para a Terra Santa, conforme a fé daqueles que se interessaram por conhecer os locais onde profetas, apóstolos e messias passaram. Mas não somente esses: soldados também estiveram ali, além de gente comum, milhares, que anualmente partiam rumo à Jerusalém, um dos três maiores e mais solenes destinos para peregrinos, ao lado de São Tiago de Compostela e Roma (MARTINS, 1957, p. 9).

O que se procura aqui, portanto, é estabelecer uma longa tradição de viagens para os atuais Israel e Palestina ou simplesmente Terra Santa. A demonstração dessa tradição apoia a minha tese geral de que o turista moderno é o herdeiro direto da tradição dos peregrinos e o turismo para a região é a modernização das antigas peregrinações. Eu explorarei esses pontos no capítulo 5.

Com a pesquisa feita nas fontes já especificadas na Introdução é possível ver além dessa relação peregrino x turista ou peregrinação x turismo. Sendo um trabalho realizado no campo da História Social, o que justifica a adoção do presente trecho da pesquisa é que são resgatados costumes, modos, dinâmicas sociais, evolução da arquitetura (e como a arquitetura da Terra Santa influenciou a arquitetura europeia), a evolução dos serviços sociais, além de outros detalhes do dia a dia das populações, tanto locais como estrangeiras, que fizeram suas peregrinações ao longo de cerca de dezessete séculos cobertos nesses capítulos e cujas informações não têm sido apresentadas e exploradas na bibliografia nacional disponível. Essa é a contribuição desse capítulo e certamente haverá meandros das rotinas sociais mencionadas que merecerão aprofundamento e poderão ser explorados por outros pesquisadores oportunamente.

Por uma questão cronológica dividi esta parte em três períodos: o cristão, desde o século III; o árabe, a partir de c. 638 e finalmente o período pós Reforma Protestante, que nos levará até o século XIX, já no próximo capítulo. Em meados do século XIX observou-se uma modificação no quadro das peregrinações quando as viagens para a Terra Santa assumiram um caráter acentuadamente turístico devido aos avanços na tecnologia da navegação (invenção do navio a vapor). Daquele período em diante a pesquisa ganha

outro enfoque. Deixa de ser tão somente uma reconstrução ou resgate historiográfico e passa a desenvolver sua tese central, a ser explorada depois do Capítulo 4.

3.1 O período cristão

A queda de Jerusalém nas mãos dos romanos no ano 70, a demolição da cidade por Adriano em 135 e a mudança de seu nome para *Aelia Capitolina* prorrogou as peregrinações de judeus a Jerusalém somente para o século IV, quando foram autorizados a visitar as ruínas do Templo na cidade somente uma vez por ano (PARTIN, 1995, p. 18). Mas foi pelas mãos de cristãos e, posteriormente, de muçulmanos, que as peregrinações para o território IP tiveram grande parte de sua história escrita. E as motivações extrapolam o interesse religioso, refletindo, também, interesses políticos, econômicos, de exploração, intelectual ou por mero lazer, dependendo de quem o fez e de quando fez. No século XX, mais precisamente, questões estratégicas de interesse geopolítico, ligadas ao campo militar, bem como o interesse pelo acesso que a região propicia a bolsões de fonte energética, como o petróleo do Oriente Médio, foram duas das principais lentes pelas quais diversos Estados olharam para a região.

Segundo a história cristã, no século I, a partir da década de 30 A.D., assim que o cristianismo foi percebido como uma seita dentro do judaísmo, houve rejeição dos cristãos. Esses foram expulsos pelo *mainstream* religioso judeu por serem considerados agitadores religiosos. Mais tarde, no ano 70 A.D., os romanos cercaram e em seguida invadiram Jerusalém e destruiram o Templo e tudo à sua volta. Assim, os judeus que rejeitaram os primeiros cristãos foram expulsos pelas tropas romanas do General Tito e consequentemente impedidos de realizar frequentes visitas à principal cidade e centro de sua vida social e religiosa. Mas os cristãos foram mais rápidos em alcançar o favor do Imperador Constantino, cuja mãe, Flávia Júlia Helena (250-330), não só professou a fé cristã como patrocinou iniciativas que deram à cidade uma plástica arquitetônica característica. Aos favores de Helena são atribuídas, e.g., a construção da "cúpula *Anastasis* (ou 'Ressurreição') sobre o túmulo de Jesus e o *Martyrium*, uma basílica imediatamente à leste da *Anastasis*" (PARTIN, 1995, p. 18),[173] ambas em Jerusalém.

[173] Também é atribuída à Helena a construção de uma capela ao lado do suposto local de nascimento de Jesus, em Belém, na atual Cisjordânia. O local ainda preserva partes da construção no subsolo da Igreja da Natividade, como se pode constatar.

Partin especula sobre a possibilidade de ter havido peregrinações de cristãos nos primeiros séculos após o surgimento da Igreja. A origem desses peregrinos teria sido a Galileia, Cesareia (na costa do Mediterrâneo) e Pella (na região da atual Jordânia; ver Mapa 2). Nesses locais havia concentração de cristãos entre a comunidade. Como não há registros confiáveis a esse respeito, não especularemos. O que é apontado pelo pesquisador do judaísmo antigo, S. Minouni, em sua obra *Le judéo-christianisme ancien: Essais historiques* (Paris, 1998, p. 364, apud MARAVAL, 2002, p. 65), a partir da investigação de fontes literárias da Patrística (segundo ele, "difíceis de interpretar"), mas sem evidência arqueológica confiável, é que até no ano 135 houve a frequência de judeu-cristãos nas grutas onde se suspeitava ter sido colocado o corpo de Jesus Cristo.

Em 135, após a destruição de Jerusalém e a renomeação da cidade, Adriano construiu templos dedicados à tríade Júpiter, Juno e Minerva no local do Templo judeu; no ponto identificado como sendo a tumba de Jesus Cristo, ele construiu um templo em homenagem a Afrodite (MANSIR, 1999, p. 76). Taylor (1993, p. 339), em sua pesquisa arqueológica, admite ter havido trânsito de peregrinos cristãos no final do século III,[174] os quais procuravam pelos lugares simbólicos do nascimento, morte/sepultamento e ascensão de Jesus. Belém, Gólgota e a caverna de Eleona eram mirados por esses peregrinos, embora os sítios ainda fossem utilizados pelos habitantes vindos de diferentes partes do Império na realização de cultos pagãos.

Se a evidência arqueológica mais recente diz pouco a esse respeito (conforme indica Joan Taylor em sua obra sobre o assunto),[175] as fontes literárias parecem indicar que o bosque e a caverna próximos ao monte das Oliveiras foram anteriormente locais de culto a Tammuz-Adonis, e só depois apropriados pelos cristãos (TAYLOR, 1993, p. 339), que lhe deram o sentido religioso de acordo com sua crença. Segundo a autora, a tumba de Maria[176] foi construída no século V e não tem raízes judaico-cristãs, dando a impressão de ter sido feita apenas para satisfazer as expectativas dos peregrinos acostumados a ouvir histórias apócrifas sobre a morte da mãe de Jesus.

---

[174] Smith (2007, p. 7) reporta o mesmo: que havia trânsito de peregrinos cristãos em Jerusalém e arredores antes do ano 315, conforme os escritos de Eusébio de Cesareia, Jerônimo e Alexandre da Capadócia.

[175] Joan Taylor é professora de Origens do Cristianismo e de Judaísmo do Segundo Templo no *King's College* em Londres. Ela pesquisa a arqueologia dos lugares sagrados no cristianismo e as viagens para a Palestina ao longo dos séculos, com atenção especial aos seguintes locais: Gólgota, Getsêmane, Eleona, Nazaré, Cafarnaum e Belém, bem como sua geografia histórica.

[176] Taylor especifica a *Church of Mount Zion*, mas não diz que se trata da "Dormition" nem se ela fica no *Mt. Zion*. Há outras igrejas que homenageiam a Morte de Maria, até mesmo nos Estados Unidos.

Mapa 2. Terra Santa, localização das cidades e acidentes geográficos mencionados na pesquisa.

Do mesmo modo, Julie Ann Smith (2007), historiadora da Universidade de Sidney, defende ao lado de outros trabalhos que comenta que não havia o que chama de um mapa cristão. Imperadores, bispos, monges, peregrinos e peregrinas (SMITH, 2007, p. 1) foram eles os "cartógrafos" que reclamaram uma "Terra Santa cristã". Mas o mapa não surgiu do nada; foi traçado sobre um território, a Palestina, onde as paisagens eram o palimpsesto e no passado havia uma história religiosa judaica e uma pagã (os romanos, mas não somente esses) (SMITH, 2007, p. 2). Neste mesmo sentido, o título da obra de Rogers é sugestivo: *Inventing the Holy Land* (2011). Smith explica que a ressacralização local se deu por meio da liturgia e da arquitetura, dos edifícios, das capelas e tumbas de perfil

cristão que formaram ou reformaram a Jerusalém judaica (SMITH, 2007, p. 2) por meio de roteiros ou "mapas textuais": os relatos de viagem.[177]

3.1.1 O peregrino anônimo de *Bordeaux*

O início efetivo dos registros de viagens pelo território chamado *Terrae Sancta* recai, consensualmente, sobre a obra de um peregrino anônimo, supostamente cristão, vindo da região de Burdigala/Bordegala (Bordeaux, França), no século IV. No mesmo período, outra obra, também ocidental, espanhola, deixou um registro do itinerário percorrido e muito mais. Além das incursões militares feitas pelos romanos, as viagens rumo à Jerusalém no início da Era Cristã eram marcadas pelo caráter religioso; e não poderiam ser muito diferentes à época, visto que Jerusalém não tinha outro ponto forte pelo qual pudesse exercer atração. Ela não era produtora de bens em larga escala, não era militarmente avançada, não tinha uma população articulada politicamente, como, e.g., Meca teve séculos depois, não ficava entre as rotas principais do comércio internacional (PARTIN, 1995, p. 16). Nada além do apelo geográfico como corredor para o Norte da África e regiões do Oriente. Somente após o século XVI o apelo religioso arrefeceria, com o início das viagens de exploração e as críticas feitas pelos reformadores ao modelo de culto aos santos e a lugares e relíquias sagradas (NOONAN, 2007, p. 68).

A intensificação das viagens rumo à atual Israel ocorreu cerca de dois séculos após as primeiras conversões de pagãos ou bárbaros, de dentro do Império Romano, ao cristianismo. Embora os armênios, como povo, tenham se cristianizado anteriormente, não há registros de terem sido os primeiros peregrinos para os locais sagrados da religião cristã. Certamente a adesão dos romanos à nova religião provocou nos fieis o desejo de conhecer o território onde o seu Salvador nasceu, viveu e morreu, e como diz o dogma, ressuscitou.

O *Itinerarium Burdigalense* ("Itinerário de Bordeaux"),[178] também conhecido como o *Itinerarium Hierosolymitanum* ("Itinerário de Jerusalém"), é o mais antigo itinerário cristão conhecido. Foi escrito por um peregrino anônimo de Burdigala, atual Bordeaux,

---

[177] Smith informa que o *Onomasticon* de Eusébio, escrito c. 300, composto para servir como estudo bíblico, teve sua utilização como mapa dos lugares sagrados ou guia para os peregrinos, por conta de um mapa da antiga Judeia, agora perdido (SMITH, 2007, p. 8).

[178] O texto chegou a nossos dias em quatro manuscritos, copiados entre os séculos VIII e X. A primeira versão impressa data do século XVI e a última data do século XIX (SARTIN, 2014).

na França (HUNT, 2003). Ele relata a viagem do escritor à Terra Santa entre os anos de 333 e 334 (ELSNER, 2000), enquanto viajava por terra, cruzando o norte da Itália e o Danúbio rumo à Constantinopla e avançando pela Ásia Menor e Síria, até chegar a Jerusalém. Nas margens do relato ele dá informações superficiais sobre cada cidade por onde passou. Embora tenhamos conhecimento de um Itinerário anterior ao de *Bordeaux* (início do séc. III), o *Antonini Itinerarium*[179] (Itinerário do [Imperador] Antonio [Pio])[180] – maior e mais complexo, o *Itinerarium Burdigalense* é único ao combinar "dois gêneros textuais [...] porquanto esse não consiste simplesmente em uma lista com locais e distâncias, mas também uma descrição de locais da Palestina – o autor do itinerário, ademais, alude a passagens bíblicas quando trata da região" (SARTIN, 2014, p. 295).

O peregrino de *Bordeaux*, após registrar cada ponto de deslocamento e de pouso, concentrou-se no que viu em Jerusalém. É notável a (desproporcional) atenção dada aos monumentos judaicos, o templo e os edifícios de Salomão, e nem tanto a igrejas e basílicas. Elas existiam e ele as menciona, mas com menos ênfase. Como nos informa, tais edifícios foram construídos por ordem do Imperador Constantino, como a Igreja do Santo Sepulcro e, ao pé do Monte das Oliveiras, a Catedral das Nações (vide Tabela 1).

Tanto a Igreja do monte Sião, a Igreja da Natividade, em Belém, a Igreja do Santo Sepulcro como a Basílica ou Catedral das Nações, foram construídas por ordem de Constantino para comemorar quatro eventos conectados a Cristo.[181] Pela ordem, os eventos são: o dogma da pré-encarnação do Cristo cuja aparição a Abraão se deu na região de Mamre (no bosque de carvalhos de Mamre, Hebrom), o seu nascimento em Belém, a

---

[179] O *Itinerarium* é uma lista das principais estradas romanas com indicação dos locais de assentamentos de suas tropas. Sua forma básica deve ter sido organizada cerca de 150 anos depois da composição original e teria sido feita à mão nos tempos de Diocleciano (244–311). A pesquisa atual aponta 17 a descrição de rotas pelo Império Romano, além de vias laterais, todas públicas. Embora seja possível apontar imprecisões, mesmo assim é considerado uma importante obra pelos detalhes que traz <http://dictionary.sensagent.com/ITINERARIUM%20ANTONINI/de-de/>. Antoninus Pius (Titus Aurelius Fulvius Boionus Antoninus), Imperador romano nascido em 86, Lanuvium-Itália, e morto em 161. O *Itinerarium* é atribuído a ele, cujos excertos foram publicados na forma impressa pela primeira vez em 1600 (Edit. Surit.), com a primeira tradução para o inglês publicada em 1711. Trata da fundação de cidades do Império, suas leis e governo, de acordo com a política romana. In *Bibliotheca Britannica or A General Index to British and Foreign Literature*, vol. 1, Robert Watt. Edinburgh: Archibald Constable and Company, p. 36w.

[180] Não confundir com outro peregrino à Terra Santa, Antoninus Martir, este do século VI. Para o Itinerário do Imperador, G. Parthey e M. Pinder (eds.), *Itinerarium Antonini Augusti et Hierosolymitanum: ex libris manu scriptis ediderunt*. Berolini: Impensis Friderici Nicolai, 1848.

[181] Para Smith, havia uma comunidade cristã que se reunião no monte Sião e certamente uma edificação marcava o local de culto, sendo, portanto, anterior à edificação promovida por Constantino. Para ela, Eusébio também não é claro quanto a ordem do Imperador para a construção da Igreja da Natividade nem a do Monte das Oliveiras, isto é, a Catedral das Nações (SMITH, 2007, p. 18).

morte e a ressurreição no Gólgota e a Ascenção no Monte das Oliveiras (TAYLOR, 1993, p. 307). Cada uma das igrejas celebra um desses eventos religiosos na tradição cristã. Conforme o relato de Eusébio, em *Vita Constantini*, Helena a mãe do Imperador e Eutrópia, a sua sogra, empenharam-se em identificar os lugares exatos de tais acontecimentos para que os edifícios pudessem ser construídos e, assim, atrair a peregrinação dos cristãos e demais cidadãos romanos que pudessem manifestar interesse. Helena foi encarregada de vasculhar a região de Belém e do Monte das Oliveiras, enquanto Eutrópia cuidou de Mamre como parte de um programa constantiniano de erradicação do paganismo em favor da cristianização do Império (TAYLOR, 1993, p. 339). Com isso, indiretamente, temos identificado essas duas peregrinas no século IV que, a despeito da importância para o início de uma atividade que se tornaria intensa − as peregrinações cristãs para Jerusalém – não fizeram registros de seus itinerários. O próprio Constantino esperava poder visitar a Palestina numa peregrinação (Eusebio, *Vita Const.* ii. 72.2) e desejava ser batizado no rio Jordão (Eusebio, *Vita Const.* iv. 62. 2) (in TAYLOR, 1993, p. 308), o que nunca ocorreu.

O texto segue com registros do peregrino de *Bordeaux*, sobre aquilo que observou nas cidades de Betânia, Jericó, Belém (com basílica construída por ordem o Imperador, marcando o local do nascimento de Jesus Cristo), Betsur (ao Norte de Hebron), Tyribentus (na mesma região) e Hebrom, e a partida, seguindo a sua viagem. Este núcleo do *Itinerarium* está emoldurado nos registros de deslocamento e pouso até a Palestina e a partir dela, quando retornou para a Europa.

Jaś Elsner, historiador e pesquisador de arqueologia clássica na Universidade de Oxford, fazendo um comentário ao *Itinerarium*, deixa transparecer aparente surpresa ao constatar que apenas vinte e um anos depois de Constantino ter institucionalizado o cristianismo no Império, os principais locais na antiga Jerusalém já terem sido descaracterizados em relação a ação de Adriano, que anteriormente tinha desfigurado a cidade para, então, refundá-la, em 131,[182] como *Aelia Capitolina* (ELSNER, 2000, p. 181). Esse panorama geográfico da cidade pode ser resgatado pelo *Itinerarium*. Embora o *Itinerarium* tenha recebido críticas em alguns pontos de sua narrativa,[183] o autor peregrino dá detalhes valiosos para o entendimento da nova topografia da cidade e a

[182] PARTIN (1995, p. 18) datou em 131, como mencionei anteriormente.

[183] E.g., Laurie Douglass, A New Look at the Itinerarium Burdigalense, in *Journal of Early Christian Studies*, v. 4, n. 3, Fall 1996, p. 313-333.

comparação com relatos anteriores e posteriores, além de contribuir com o entendimento sobre a ação política dos próprios imperadores interferindo na arquitetura local. Penso que a essa altura a contribuição dos itinerários para o refinamento gradual da cartografia está clara para o leitor.

3.1.2 A peregrinação de Egéria (381 A.D.)

Na segunda metade do século IV, por volta do ano 381, ocorreu a peregrinação da freira espanhola Egéria (Etheria), cuja narrativa começa no meio de uma frase afirmando estar nas redondezas do Monte Sinai, na península do mesmo nome, pertencente ao Egito:

> [...] foram apontados, segundo as Escrituras. Enquanto isso, fomos a pé a um certo lugar onde as montanhas, através das quais estávamos viajando, abriram-se e se formou um vale infinitamente grande, bastante plano e extraordinariamente belo, e do outro lado do vale apareceu Sinai, o monte santo de Deus. (McCLURE, 1888, p. 1)

A parte anterior do seu itinerário se perdeu; nela deveríamos ler sobre a partida da Espanha até o ponto mencionado. McClure (1888, p. xvi, xvii), que traduziu e introduziu o texto do itinerário, assume que Egéria deve ter passado por Constantinopla, Antioquia e Jerusalém e alcançado o Sinai através de Suez ou Clysma, na terminologia original. Na região da península do Sinai, Egéria gastou algum tempo, depois de ter subido até o Nordeste da região onde hoje se situa o Cairo, procurando refazer a jornada dos hebreus na rota do êxodo, cruzando a região de Oeste à Leste.

A parada seguinte foi em Jerusalém, a partir de onde fez uma breve expedição ao monte Nebo (na Jordânia, associado à morte de Moisés), cruzando o vale do Jordão e passando por Jericó, na companhia de monges e clérigos. Tendo retornado a Jerusalém, partiu para o Norte, no vale do Jordão, onde conheceu a Igreja de Melquisedeque[184] e a região. Os supostos locais de nascimento do profeta Elias (Tisbi) e do túmulo de Jó em Carneas (ou Dennaba [região de Moabe, atual Petra]) foram dois dos destinos neste trecho da viagem.

Em Carneas, em uma igreja inacabada, o bispo local ofereceu um momento de comunhão espiritual e depois Egéria retornou a Jerusalém. A essa altura, nota-se

[184] Referência ao personagem misterioso que aparece no livro do Gênesis e na epístola aos Hebreus.

novamente que falta uma parte da sequência do texto, pois a narrativa está descrevendo a visão de grandes e altas montanhas na direção da Fenícia à esquerda (Noroeste), quando deveria ser à direita (da narradora). Isso nos faz compreender que Egéria não estava mais no ponto onde a narrativa foi interrompida. Egéria não especifica montes como o Tabor e o Hermon, pontos que não poderiam ficar de fora em seu documento por se tratar de uma verificação a partir do interesse em locais significativos para a tradição cristã: o Novo Testamento alude o Tabor como o local da transfiguração de Jesus (cf. Mateus 17) e quanto ao Hermon, além das referências nos Salmos do Antigo Testamento, foi aos pés dele que Jesus fez a declaração sobre a edificação da Igreja sobre a rocha (cf. Mateus 16), valendo-se das características da topografia rochosa do local.

Logo ela teria de voltar para casa, mas ainda disposta e desejosa por alcançar tantos quantos fossem os locais mencionados nas Escrituras e na história da Igreja, partiu de volta para Antioquia e de lá percorreu a região ao Norte e Nordeste da Palestina. Egéria manifestou expressamente o desejo de ir a Edessa (na atual Turquia) para orar no *martyrium* de São Tomé, o apóstolo.[185] A construção foi descrita como grande e belíssima, e havia sido reformada, ganhando nova arquitetura (*nova compositione*), tendo sido concluída em 372 pelo Imperador Valente (*Valens*, ou Flavio Julio Valente, 328-378).[186] A ansiedade de Egéria por estar ali e por ver tudo quanto fosse possível é o que chama a atenção de P. Maraval,[187] para quem "o lugar da peregrinação é o lugar onde se vê [alguém]" e "Egéria nos conta que é muito curiosa (*satis curiosa*) e, na prática, em cada uma de suas visitas exigiu que as coisas devessem ser mostradas a ela" (MARAVAL, 2002, p. 72).

Embora tenha marcante diferença em relação ao *Itinerarium Burdigalense*, a peregrinação de Egéria é de particular valor pela descrição que faz das rotinas litúrgicas, especialmente a que passou a existir em conexão com lugares sagrados (vide o próprio exemplo que acabamos de mencionar), a associação do culto com determinadas horas e objetos[188] em Jerusalém e ao calendário, como quando descreve as leituras e a menção de

---

[185] *Martyrium* é uma construção em memória ou em testemunho da fé cristã, associada a algum evento ou personagem.

[186] O nome pode orientar/facilitar a datação da peregrinação de Egéria.

[187] Pierre Maraval (1936-), historiador e especialista em Cristianismo dos primeiros séculos. Lecionou na Universidade de Estrasburgo de 1971 a 1998 e na Universidade de Sorbonne-Paris IV de 1998 a 2004, onde também foi professor emérito.

[188] Por exemplo, a veneração, às Sextas-feiras da Paixão, da Cruz Verdadeira (*the True Cross*), descoberta por Helena, mãe do Imperador.

determinadas passagens da Escritura lidas na Semana Santa e no Domingo de Ramos. Com isso, foi possível à Igreja na Europa daquele tempo comparar os procedimentos, como também é possível para as tradições atuais, como a tradição dos Episcopais (e a própria Igreja Romana) e Ortodoxas Russa e a Grega chegarem ao entendimento de que as práticas de hoje em suas igrejas são ecos bastante aproximados (ou repetem bem de perto) de uma das mais antigas descrições litúrgicas na região onde a Igreja se formou pela primeira vez (BREYER, 2007). Outras contribuições possíveis de serem extraídas do diário de Egéria[189] são as informações sobre a organização das igrejas (e a liturgia, como dito), a vida de monges e freiras, o uso corrente da Bíblia, a vida dos santos (ou mártires) e a (nova) tradição de seus cultos e descrições das igrejas em Jerusalém.

Nesse tempo (fins do séc. IV), sob a autoridade do Império, os bispos locais foram designados a identificar rigorosamente os sítios ligados à representação de passagens das Escrituras hebreias e cristãs ou a tradição oral que apontavam para os mártires (seus objetos pessoais, locais de nascimento ou morte e sepultamento). Sobre cada local identificado era erigida uma cripta, um monumento ou uma basílica. Houve um programa oficial custeado com recursos públicos para essa finalidade (MARAVAL, 2002, p. 67). As construções e reformas desses prédios foram frequentes nos três séculos seguintes, envolvendo Constantino, Teodósio II (e sua esposa Eudóxia) e Justiniano. Segundo Maraval, "uma variedade de peregrinos ricos" ia à Palestina encomendar e oferecer auxílio para essas construções (MARAVAL, 2002, p. 67). Com isso, diversos santuários, segundo as tradições judaico-cristãs, em Jerusalém, mas também em outras partes da Palestina, foram sumarizados por ondem de importância, numa verdadeira rota de visitações bastante apropriada para visitantes vindos de qualquer região, que contava com mosteiros para serviços litúrgicos e albergues para receber peregrinos (MARAVAL, 2002, p. 67).

Pelo final do século III, ao tempo quando Jerusalém se tornaria uma colônia romana e a Décima Legião *Fretensis* se instalara nos seus arredores como um acampamento militar, a nova população era, provavelmente, composta por uma mistura étnica bastante variada. *Aelia* era "habitada" pela tríade Júpiter, Juno e Minerva e havia um templo

[189] Mario Martins (1957, p. 126), além de ser uma obra rica em histórias de peregrinos portugueses para a Terra Santa, informa que Egéria escreveu *Itinerarium* ou *Peregrinatio*, e S. Valério de Bierzo produziu um resumo em forma de epístola, *Vita et epistola Beatissime Egerie laude conscripta fratrum bergidensium monachorum a Valério conlata*. In S. Valério, *Obras*, ed. R. Fernández Pousa. Madrid, 1942, p. 100-109.

dedicado a Vênus. A nova população imigrante trouxe suas divindades e em centros como Betesda havia santuários a Serápis,[190] piscinas conectadas nos seus arredores, certamente usadas para purificação, com afrescos e relevos, além de objetos dedicados à deusa. Uma escultura em ossos fora dedicada a deusa jovem, cuja representação a mostrava parcialmente vestida, aparece com folhas de parreira, com associações a Dionísio. Um mosaico foi encontrado próximo ao portão de Damasco, em 1901, dedicado a Orfeu. Tudo isso são indícios de que o panorama religioso de Jerusalém e arredores não foi mantido intacto para os peregrinos cristãos nos dois primeiros séculos da fundação da Igreja e podem levantar algumas questões sobre o apelo que as peregrinações exerciam sobre a consciência dos religiosos locais e estrangeiros (TAYLOR, 1993, p. 75,6).

3.1.3 Paula e sua filha Eustáquia (382 A.D.)

Combina com a informação dada por P. Maraval os detalhes de uma carta enviada por Paula, que vivia em Roma (WILSON, 1889) à destinatária Marcella. Paula havia sido uma matrona rica da alta sociedade romana, que era servida por eunucos (JEROME, 1887, p. iv), cuja família era nobre de longa ascendência. Ela foi profundamente tocada pela mensagem de Jerônimo de Estridão (347-420 A.D.), teólogo e historiador da Igreja. Quando decidiu abandonar os prazeres da vida que levava, tornou-se fervorosa discípula, juntamente com sua filha Eustáquia, de quem é dito ter sido a primeira jovem a fazer votos de castidade (WILSON, 1889, p. i). Decidida a enfrentar os perigos que uma viagem ao Norte da África e à Palestina reservavam, partiu rumo ao deserto.[191]

As descrições geográficas que Paula deu são superficiais, mas sua carta revela o que, afinal, chamaria a atenção de uma mulher devota, rica e abastada da alta sociedade romana na época. A carta a Marcella, uma mulher igualmente rica dos altos círculos sociais do coração do Império,[192] também fala da veneração à Cruz (tal como Egéria), a tumba, a pedra que lacrou o sepulcro de Jesus, a Igreja do Monte Sião, a coluna do flagelo

---

[190] Uma divindade sincrética helenística-grega da Antiguidade.

[191] A *Introdução* de Wilson diz "a journey to St. Paul and Anthony in the desert" (WILSON, p. ii). Sabe-se, hoje, da existência de um monastério de St. Paul, no deserto, na região do Egito. Jerônimo diz que Antônio e Paulo viveram no deserto.

[192] Para se ter uma ideia do nível de influência de ambas, o Procônsul de Jerusalém ordenou ao Pretório que oferecesse os melhores aposentos a Paula, ao que ela declinou em função do "verdadeiro espírito da peregrinação".

(veja Antoninus Mártir, adiante) e o Cenáculo (WILSON, 1889, p. i), que ainda hoje pode ser visitado, local da última ceia e do evento de Pentecostes entre os apóstolos.

Paula gastou sua fortuna com a caridade. Ao menos por três anos de sua estada em Belém, em uma apertada hospedagem, esforçou-se na construção de celas, casas e monastérios à beira da estrada nos arredores do local do suposto túmulo de José e Maria, para abrigar diferentes tipos de peregrinos, (JEROME, 1887, p. 16). Devemos deduzir que ocupar-se até o final da vida na construção dessas hospedagens, de conventos e mosteiros, é um indicativo de que o trânsito de peregrinos àquele tempo fosse intenso, o que demandaria o esforço, com o apoio pleno de Roma, como vimos quando tratamos da peregrinação de Egéria.[193] Paula foi exímia linguista, tendo aprendido o hebraico e podido cantar os Salmos na língua original.[194] Sua carta parece ter sido escrita durante os seus primeiros anos de residência em Belém, para onde foi morar por influência do retorno de Jerônimo de Roma para a Palestina, certamente. Depois de viver por cerca de 20 anos em Belém, morreu ali, aos 56 anos de idade, no ano 404 (WILSON, 1889, p. ii) e foi enterrada juntamente com sua filha Eustáquia "a um tiro de pedra de Belém" (POLONER, 1894, p. 21). Uma vez que tenha deixado Roma na primavera de 382 (e tendo morado em Belém por 20 anos), o período estrito de sua peregrinação durou dois anos.

3.1.4 Silvia (379-388 A.D.)

Contemporânea de Paula, temos o extenso registro da viagem de Silvia. Situar a data de sua peregrinação entre os anos de 379 e 388 só é possível a partir de acareação entre o que ela registrou ter visto e aquilo que omitiu (Igrejas e edificações, além de autoridades com as quais encontrou-se ou não) (BERNARD, 1891, p. 5). Sua língua era o latim, "desleixado e tedioso" (BERNARD, 1891, p. 9), mas com conhecimento suficiente de termos gregos a ponto de usá-los na explicação de situações apresentadas na correspondência que fez com pessoas da sua comunidade de origem (BERNARD, 1891, p. 5). A despeito disso, a sua obra é útil para "o estudante das antigas versões latinas da Bíblia, podendo encontrar ali diversas passagens preservadas, algumas das quais nós sequer conhecemos" (BERNARD, 1891, p. 8).

---

[193] Embora os peregrinos fossem muitos, a pequena produção de itinerários deve ser atribuída ao alto custo do suporte para registro, provavelmente o pergaminho, já bem conhecido à época.

[194] Cânticos parecem ter sido uma das atividades prediletas de Paula (WILSON, 1889, p. 11-13).

A identidade de Silvia também não é facilmente revelada, mas entre as possibilidades cogitadas, a mais plausível é associada a (Santa) Silvia de Aquitania, irmã de Rufino, prefeito de Páscoa quando o Império estava sob Teodósio I, o Grande (347-395).[195] Mas, diferente de Paula, a nossa peregrina não reúne traços tão severos de religiosidade, nem na linguagem, nem nos modos (BERNARD, 1891, p. 7). Apesar da simpatia pelos locais considerados sagrados e de interesse para os religiosos da época, Silvia reclama da inclinação do Monte Sinai (BERNARD, 1891, p. 13) e quando subiu o Monte Nebo, na atual Jordânia, aproveitou para descansar no lombo de um burro (BERNARD, 1891, p. 27). Neste ponto, o autor comenta que um verdadeiro asceta jamais dispensaria a oportunidade de ficar calado, em vez de reclamar, ou de "esmurrar o próprio corpo", para usar a linguagem paulina. No mais, a narrativa é bastante rica nos detalhes e informações sobre a região da península do Sinai: a cadeia de montanhas e seus arredores, o mosteiro de Santa Catarina, em atividade até hoje,[196] a região de Gosén, terra onde a tradição judaica atribui como residência dos hebreus durante os cerca de 400 anos anteriores ao êxodo, além de dados sobre a região da Mesopotâmia e seus rios.

3.1.5 Pedro, o ibérico (417–491 A.D.)

Aryeh Kofsky, acadêmico do Departamento de Estudos da Terra de Israel na *Haifa University*, chamou Pedro, o ibérico,[197] de pertencente ao "significante subgrupo no movimento de peregrinação em massa da Terra Santa desde o século IV até a conquista muçulmana" (KOFSKY, 1997, p. 209). Pedro era filho do rei Bosmarios da Ibéria. Aos doze anos de idade foi enviado por seu pai como "refém político" da corte de Theodosius II, em Constantinopla, a fim de atrair o apoio político contra a possibilidade de uma aliança pró Pérsia. Pedro esteve sob os cuidados do Imperador e de sua esposa Eudócia.

Com cerca de 22 anos de idade (c. 437), ele e seu companheiro e guia religioso João, o eunuco (cujo nome original era Mithradathes), a despeito das tentativas dos escravos da corte em dissuadi-los à força, fugiram para a Palestina. Na Terra Santa, Nabarnugios, seu nome original, passou a ser chamado Pedro (Petre), envolveu-se com a

---

[195] Essa associação é feita a partir da jornada de (uma tal) Silvia descrita na *Historia Lausiaca*, de Palladius (BERNARD, 1891, p. 6).

[196] O Mosteiro foi fundado pelo Imperador Justiniano entre 548 e 562 (DONNER, 1997, p. 119).

[197] Apesar do cognome "ibérico", Peter era original do Cáucaso (Geórgia), cuja região central era denominada o Reino de Iberia, do grego Ἰβηρία.

doutrina monofisista,[198] o que lhe causou problemas entre os cristãos (ortodoxos), como o impedimento de entrar em igrejas, como na *Anastasis* (ou Igreja da 'Ressurreição').

Ele mudou-se para Mayouma onde permaneceu em um mosteiro entre essa cidade e Gaza (KOFSKY, 1997, p. 209). É atribuída a ele a criação do primeiro mosteiro Georgiano em Belém. Quando Juvenal, o nefeu, assumiu o bispado de Jerusalém, Pedro não foi perseguido por ser "herege monofisita", e rejeitou a ordenação a bispo, sendo forçado a assumir como sacerdote em Mayouma (KOFSKY, 1997, p. 213-214).

Pedro não escreveu a seu respeito e o pouco que temos à disposição são fragmentos do que foi produzido em grego por John Rufus, seu sucessor em Mayouma. Sabe-se que no final de sua vida alcançou renome como místico, monge, fazedor de milagres, monofisista, vindo a ser um dos principais nomes do monasticismo palestino do século V (TCHEKHANOVETS, 2001, p. 454). A despeito do que Kofsky chamou de "significante subgrupo no movimento de peregrinação", isso se deve ao fato de Peter ter sido dos poucos peregrinos que não saíram da Terra Santa para retornar à sua terra natal, preferindo permanecer no local de suas peregrinações e ali mesmo chegar ao fim de seus dias.[199]

3.1.6 Theodosius (530 A.D.)

Por este tempo se desenharam os primeiros contornos para a passagem do Império Romano para o Império Bizantino.[200] Do século VI chega até nós *Theodosius (A.D. 530)* (THEODOSIUS, 1893), de quem não é dito muita coisa, além de ser *Archdeacon*.[201] *Theodosius* é um texto que se destaca dos anteriores pela estrutura diferenciada. Ele é precário em relação a peregrinação de Egéria, mas mantém o padrão da enumeração de diversas localidades, apontando as respectivas distâncias, como se estivesse ligando pontos geográficos, construções, tumbas, reservatórios de água, árvores mencionadas nas Escrituras e muito mais. Essas marcações servem para pesquisas no plano geográfico e arquitetônico da região, além de permitir a mensuração dos avanços tecnológicos.

---

[198] Doutrina que reconhece apenas a natureza divina de Cristo, mas não a natureza humana. Foi rejeitada no Concílio de Calcedônia em 451.

[199] O artigo de Tchekhanovets apresenta outros dois peregrinos da Igreja Georgiana, da mesma região do Cáucaso. Trata-se de David Garedjeli (da região de Garedji, a Leste da Geórgia; meados do século VI). David foi à Terra Santa, mas desistiu de entrar em Jerusalém quando subia para a cidade. Tomou três pedras no caminho (devolvendo duas delas depois) e retornou para sua terra de origem. O outro é Hilarion, o Ibérico, no século IX.

[200] Aqui, considerando a fundação de Constantinopla em 11 de maio de 395.

[201] Lit. *chefe dos diáconos* (arquidiácono), uma função na estrutura da Igreja (cf. Atos 6; 1Timóteo 3).

No que poderíamos chamar segunda parte da obra, suspende o rigor do diário de viagem e passa a fazer associações entre a tradição oral e as devidas passagens bíblicas. Mas é temerário dar crédito a tudo o que lemos em *Theodosius*, porque entre as afirmações que faz está, apenas para dar dois exemplos, a de que durante a flagelação de Jesus Cristo, ele teria se agarrado a um pilar na casa de Caifás (sumo sacerdote) e, devido a aflição a que foi submetido, "os braços, as mãos e dedos afundaram [no pilar] como se [o pilar] fosse de cera, e as marcas aparecem até hoje. Da mesma forma todo o seu rosto, queixo, nariz e olhos são impressos nele como se fosse cera"[202] (THEODOSIUS, 1893, p. 11; trad. nossa). Ocorre que essa tradição não tem ligação com qualquer porção do Novo Testamento, nem como uma possível interpretação de determinado trecho dos Evangelhos, onde estão as narrativas do flagelo do Cristo.

Outra informação que poderia ser colocada sob suspeita é a de que na cidade (da atual Turquia, às margens do Mar Negro) de "Sinope, naquele [dos apóstolos] tempo era chamado Myrmiciona, todos os moradores eram canibais; mas agora é tão grande a humanidade entre eles que se assentam nas ruas para receber peregrinos" (THEODOSIUS, 1893, p. 12). Essa é uma clara tentativa de fazer propaganda do Cristianismo como remédio para a transformação da violenta natureza humana, mas não há qualquer indício desenvolvido na história do pensamento cristão da época sobre casos de canibalismo que foram suplantados por piedade religiosa supostamente civilizada.

Depois da incursão por Israel, Theodosius partiu para o Egito, Capadócia e logo chega ao fim o seu relato de bordo.

3.1.7 Antoninus Martyr (500-530 A.D.)

O ambíguo relato do itinerário dos lugares sagrados visitados por Antoninus (WILSON, 1887) tem sido datado do início do século VI (500-530 A.D.). Sobre a pessoa do peregrino pouco se sabe, além do que era original da Placentia, Itália. As menções feitas ao seu nome carregam o título de mártir, mas nada é dito sobre o martírio. Wilson (1887, p. iii) acredita que fosse um sacerdote, mas o pintou como "ignorante e supersticioso". Há razões de sobra para isso.

---

[202] The pillar formerly in the house of Caiaphas, at which the Lord Christ was scourged, is now in holy Sion. This pillar at the bidding of the Lord followed Him; and as He clung to it while He was being scourged, His arms, hands, and fingers sank into it, as if it were wax, and the marks appear to this day.

A organização do roteiro percorrido é confusa e por vezes desconexa. Não há, em determinados pontos, a coerência interna que se espera de um viajante que está atento a uma ordem, tal quando se faz um diário de bordo, como em outros itinerários. Uma possibilidade de explicação é que tivesse composto a narrativa após o retorno para Placentia (WILSON, 1887, p. iii). O próprio Wilson suspeita que tivesse escrito o itinerário a partir de uma compilação de dados colecionados a partir da viagem de outros, não de primeira mão.

A descrição que dá dos lugares também é inverossímil, cheia de erros "facilmente detectados", "possivelmente adicionados no oitavo ou nono século" (WILSON, 1887, p. v). "Antoninus não é a testemunha mais confiável", sentencia Baruch Halpern, arqueólogo e professor de Estudos Judaicos na Universidade da Georgia. Comparando com o itinerário de Paula, a peregrina do quarto século, Antoninus indica a existência de uma fonte de água em Kafr Kanna, em desacordo com a informação dada pela peregrina, "que vê (Kafr) Cana de Nazaré" (HALPERN, 2006, p. 215).

> A essência nesta descrição é o fato de que o próprio Antoninus encheu o jarro com água e neles derramou vinho. No final do século sexto, então, um visitante tinha acesso direto tanto a [o sofá] de Jesus e aos jarros de água que Jesus tinha feito o milagre − dois deles somente, neste caso − sem dúvida de pedra, mas como nos conta João 2, apenas por verossimilhança." (HALPERN, 2006, p. 216)

Sobre o aspecto supersticioso do "autor", notei o encantamento que sentiu, tal como em Egéria, pela *holy cross*[203] e o momento quando era apresentada durante uma celebração. O peregrino diz que quando ela era trazida da câmara no interior do átrio da Igreja[204] para ser adorada e beijada, na mesma hora surgia uma estrela no céu e se punha acima do local onde a cruz era apoiada. Enquanto a adoração ocorria, com a estrela no alto – não sabemos como foi possível notá-la de dentro da igreja! – pequenas quantidades de óleo em frascos eram aproximadas da cruz para que recebessem dela o seu poder. Então o óleo fervia, chegando a borbulhar. "Quando a cruz é levada de volta para o seu lugar, a estrela também desaparece" (WILSON, 1887, p. 17). Isso aparentemente tem a

[203] V. comentário ao que a freia Egéria chama de *True Cross*.

[204] Há ausência de uma descrição sobre a que "basílica de Constantino" Antoninus está se referindo. Diz ser próxima ao Gólgota, podendo ser a Igreja do Santo Sepulcro, mas isso não é certo.

ver com o ponto geográfico em que Jerusalém fica e o horário que as missas eram realizadas.

Alguns dos lugares que constam do itinerário de Antoninus incluem a Palestina, o Egito, a Síria e a Mesopotâmia, de modo que este primeiro quadro das peregrinações para sítios na Palestina e Terra Santa, bem como Jerusalém, cobriu a passagem dos Impérios Romano para o Bizantino e incluiu a chegada de homens e mulheres em busca de lugares (incluindo os remotos, como o Monte Sinai) por onde passaram personagens com reconhecido destaque na história das religiões, cujas vidas são contadas na Bíblia, especialmente nos Evangelhos. No segundo plano, o interesse concentrou-se nas relíquias que poderiam, de algum modo, inspirar um encontro com o sagrado ou mesmo promover algum tipo de sinal (VIKAN, 1982, p. 6). A clara consequência desse movimento, notoriamente em Jerusalém e arredores, foi o

> vasto complexo de peregrinação com o estabelecimento de um 'circuito' de sítios, miríades de igrejas, capelas e relíquias, vastas casas de repouso e centenas de visitantes – todos os quais foram dramaticamente organizados em uma extensa rede de procissões nos mais importantes dias do calendário da igreja. (VIKAN, 1982, p. 6; trad. nossa)[205]

O início das peregrinações de cristãos de dentro do Império para a Palestina guarda uma razão política já conhecida. Os cristãos eram apontados pelos Imperadores romanos e pela população em geral como os bodes-expiatórios das mazelas do Império no terceiro século: instabilidade econômica, agitações civis, guerras, rebeliões, declínio moral, escassez e até desastres naturais e acidentes. O senso comum percebia o desequilíbrio social e a falta de harmonia como resultados de uma ofensa aos deuses. Como os cristãos tinham um Deus estrangeiro com costumes diferentes, certamente não estavam cumprindo suas obrigações e sacrifícios com os deuses romanos e o resultado parecia patente. Além disso, Constantino notou que os imperadores que perseguiram os cristãos haviam morrido prematuramente e isso tinha uma explicação: a divindade deles não aprovou os esforços para a erradicação do Cristianismo.

Constantino já havia estampado a cruz nos escudos de seus soldados na vitória obtida na batalha da Ponte Mílvia sobre seu rival ocidental Magêncio, em 24 de outubro

[205] Jerusalem was in effect one vast pilgrim complex with an established "circuit" of sites, myriad churches, shrines, and relics, vast hospices, and thousands of visitors — all of which were dramatically orchestrated into great city-wide processions on the most important days in the church calendar.

de 312. Ele raciocinou: esse Deus desejava ser cultuado. O apoio maciço do Imperador à construção de basílicas na Terra Santa, além de mosteiros e hospedagens para peregrinos, deve muito a esse raciocínio de Constantino[206] (TAYLOR, 1993, p. 197-198).

Pesquisadores recentemente têm apresentado trabalhos dando conta que a ideia de "sagrado" associada ao território IP foi uma construção realizada durante esse período do Império sob Constantino. Smith (2007, p. 3-4), concordando com Taylor (1997) e Elsner (2000) tem apontado para o fato de que a paisagem de Jerusalém (e arredores), bem como a sua topografia recebeu, propositalmente, novos significados de acordo com a leitura que sacerdotes, monges, bispos e especialmente os peregrinos faziam da "evidência história" ou da "imaginação geográfica".

Julie Ann Smith, que dá conferências sobre História na Universidade de Sidney, menciona trabalhos de outros pesquisadores explicando a sobreposição de tradições umas às outras. Por exemplo, menciona a resacralização do judaísmo em Jerusalém sobre a arquitetura e o desenvolvimento da liturgia cristã, bem como o inverso também: a reinterpretação dos significados dentro da paisagem local uma vez que cristãos partilharam os mesmos textos sagrados (e.g., a Bíblia Hebraica) (SMITH, 2007, p. 2).

A interpretação ("exegese", segundo Smith) feita pelos peregrinos sobre o que diz a Escritura pintou um quadro imaginário que serviu como fonte "mapográfica" da nova arquitetura topográfica, e esta foi investida de um caráter sagrado. Sobre esta provável localização que os peregrinos consideraram aproximada (ou mesmo exata), foram construídas capelas, basílicas, mosteiros, hospícios (hospedarias[207]), "martiryas", numa espécie de "colonização monástica" do terreno (SMITH, 2007, p. 4). A formação desses "centros episcopais" se completou com o desenvolvimento de liturgias específicas e personalizadas, de acordo com o que se supunha ter ocorrido naquele local, que, aos poucos, reafirmaram e consolidaram a ideia da "Terra Santa". O termo "Terra Santa" ocorreu pela primeira vez, a propósito, na literatura cristã (WILKEN, 1986, p. 300) entre os séculos II e III, com Justino (100-165) e Tertuliano (160-220).[208]

Assim, com a anuência de Constantino permitindo as iniciativas pontuais dos atores no campo religioso, temos a primeira investida bem-sucedida do poder público sobre o movimento cristão para fins políticos. Mas ainda precisamos reunir mais elementos para

---

[206] Taylor está se apoiando numa leitura da *História Eclesiástica* de Eusébio.
[207] Cf. FAINGOLD, 1999, p. 165.
[208] Justino usa a expressão denotando a "herança eterna", tal como prometida a Abraão, e Tertuliano a considera (Terra Santa) um paradigma espiritual sem uma concepção territorial específica.

organizar um quadro comparativo dos resultados ou mesmo para traçar quaisquer quadros comparativos com a situação encontrada no final do século XX e início do XXI.

3.2 A conquista persa e o período árabe-muçulmano

As evidências arqueológicas mais recentes mostram que nas sinagogas dos séculos IV a VI haviam representações artísticas que não eram características da cultura judaica propriamente dita. Esse dado pode indicar uma nova leitura do significado da arte e da iconografia religiosa durante o período ou até uma sobreposição de culturas, traduzida no arrefecimento do perfil judaico nos sítios religiosos locais, devido à ausência de indivíduos; isso pode apontar, ao menos, para a drástica diminuição no tamanho das comunidades.

Um exemplo dessas evidências dado por Taylor (1993, p. 55-6) é o fato de os judeus não parecerem se importar em representar Davi como Orfeu, ou mesmo ter símbolos zodiacais no piso de suas sinagogas, uma vez que o zodíaco era uma representação do cosmos (embora originário da cosmologia babilônica, não judaica). Sendo o cosmo um elemento presente em praticamente todas as mitologias, poderia ser incorporado ao judaísmo sem maiores danos. De outro modo, poderíamos interpretar essa situação (dos indícios arqueológicos apontados por Taylor) como demonstração do modo como povos vizinhos ou seitas internas ocuparam os locais de culto judaico para os seus próprios fins religiosos. Com isso – o que atestaria a tese de Taylor – até mesmo a arquitetura e a iconografia cristã deveriam ser passíveis de tal aplicação, ou seja, o cristianismo como herdeiro da tradição religiosa judaica, seria um sério e milenar equívoco.

Esse caldo primordial está situado na origem do desenvolvimento da tradição cristã encontrada nas representações arquitetônicas e iconográficas, servindo às demandas e ao apelo do Império Romano, depois bizantino, a que peregrinos rumassem à Palestina. Mas o quadro propício a essas peregrinações seria agravado com as conquistas estrangeiras no século VII. A 6 de maio de 614, os persas invadiram Jerusalém e atearam fogo à Basílica de *Anastasis* ou da Ressurreição (MANSIR, 1999, p. 203), construída no tempo de Constantino. Houve um massacre da população cristã na cidade, confirmado pela arqueologia, que mostra valas comuns no período que durou de 614 a 628 (AVNI, 2010, p. 35). Estima-se dez mil mortos, o equivalente ao total da população da cidade à época, o que nem mesmo fez do grupo cristão o minoritário em Jerusalém (AVNI, 2010, p. 44).

A visão comum (AVNI, 2010, p. 44) que se tem é que a invasão persa criou o cenário propício para a conquista árabe duas décadas depois, já que a cidade foi esvaziada de sua população, entre eles os cristãos, os maiores interessados na arquitetura ligada à religião. Kaegi Jr. (1969) apresentou a percepção dos primeiros escritos bizantinos a respeito do avanço do Islã sobre a Palestina. Suas duas principais fontes são um sermão do Patriarca Sofrônio de Jerusalém (no período de 634-638) e a *Doctrina Jacobi nuper baptizati*, de 634, produzida a apenas dois anos da morte do profeta Muhammad. Um resumo do levantamento feito por Kaegi Jr. pode ser o seguinte:

> A identificação do Império Romano com o quarto animal da profecia de Daniel não é incomum, mas é interessante ver os contemporâneos bizantinos, tanto cristãos quanto judeus, tentando tão precocemente enquadrar o novo fenômeno do Islã dentro de um esquema familiar que era a profecia apocalíptica de Daniel. Pelo que conheço, a *Doctrina Jacobi nuper baptizati* é a mais antiga literatura bizantina que se refere a Muhammad e à sua mensagem religiosa (ainda que de fato não o mencione pelo nome). Ela também é a mais antiga peça literária a aplicar um julgamento sobre o Islã (KAEGI JR., 1969, p. 142; trad. nossa).[209]

Entre as décadas de 630 e 640, já com os exércitos muçulmanos avançando, inicia-se um período de produção de sermões e apocalipses associando a ação estrangeira a profecias do Antigo Testamento hebraico ou com uma punição pelos pecados do próprio Império Bizantino, ou, mais especificamente, aos excessos do Imperador Constantino II (641-668). Anastasius, o Sinaíta (630-701),[210] abade do Mosteiro de Santa Catarina, na península do Sinai, é um dos autores que usou um sermão para criticar o Imperador, que trabalhava contra a ortodoxia católica e ao tratamento desprezível dado por ele ao papa Martin I (KAEGI JR. 1969, p. 142,3).

O *Apocalipse de Pseudo Methodius*, no século VII, considerou a conquista árabe como o cumprimento das profecias de Daniel e Jeremias e o sucesso do avanço árabe como a punição pelos pecados dos Impérios Romano e Bizantino, com destaque para a

---

[209] The identification of the Roman Empire with the fourth beast of Daniel's prophecy is not unusual, but it is interesting to see Byzantine contemporaries, whether Jewish or Christian, attempting so soon to fit the new phenomenon of Islam into the familiar scheme of Daniel's apocalyptic prophecy. To my knowledge, the *Doctrina Jacobi nuper baptizati* is the earliest Byzantine literary text which refers to Muhammad and his religious message (although it is true that it does not mention him by name). It is also the earliest Byzantine tract to place a judgment upon Islam.

[210] Anastácio Sinaíta ou Anastácio do Sinai foi um escritor, padre, monge e abade do Mosteiro de Santa Catarina, no Monte Sinai, que viveu no século VII.

licenciosidade sexual (KAEGI JR. 1969, p. 143). O mesmo pensamento foi adotado pelo "historiador" armênio Sébéos,[211] para quem as profecias de Daniel se cumpriam no advento do "Império Islâmico" (*Histoire d'Héraclius*, 1904). O que se seguiu imediatamente ao curso dos avanços empenhados pelos árabes foi a conquista dos territórios da Síria, Palestina, Mesopotâmia e Armênia.[212]

Se a conquista de Jerusalém pelos persas massacrou a população, mas manteve praticamente intocadas as suas construções – incluindo os edifícios de interesse religioso, como a evidência arqueológica tem indicado – (AVNI, 2010, p. 35-36,40) poderíamos supor que o elemento de atração para as peregrinações cristãs foi mantido. Mas isso não é totalmente verdadeiro.[213] Se os bairros mantiveram o *layout* cristão de monastérios e igrejas, a esplanada do templo e arredores ganhou perfil islâmico (AVNI, 2010, p. 44).

3.3 O período árabe (638-1099)

Persas e bizantinos disputaram por anos o controle de Jerusalém. Comandados pelo rei persa Chosroes Anushirvam, o avanço contra a presença bizantina se deu pela Síria, descendo contra Jerusalém. O cerco de 21 dias prosperou. Uma balista, engenhoca para arremesso de pedras, abriu passagem no muro da cidade e as tropas penetraram e em 614[214] a cidade caiu nas mãos dos sassânidas, o império persa pré-islâmico. O que veio pela frente foi uma ampla devastação. Igrejas, mosteiros e hospedarias incendiados e demolidos, mortandade de cristãos chegando a milhares (algumas fontes falam em

---

[211] Sébéos, em *Histoire d'Héraclius*, descreve as batalhas do imperador bizantino Heráclito frente ao avanço árabe na Armênia e é a primeira fonte não muçulmana a nomear Muhammad como profeta de Deus: "A cette époque, il y avait un des enfants d'Ismaël, du nom de Mahomet, un marchand; il se présenta à eux comme sur l'ordre de Dieu, en prédicateur, comme étant le chemin de la vérité, et leur apprit à connaître le Dieu d'Abraham; car il était très instruit et très versé dans l'histoire de Moïse. Comme l'ordre venait d'en haut, ils se rallièrent tous, sur l'autorité d'un seul, à l'unité de loi et, abandonnant les cultes de vanité, retournèrent au dieu vivant qui s'était révélé à leur père Abraham. Mahomet leur prescrivit de ne manger la chair d'aucun animal mort [naturellement], de ne pas boire de vin, de ne pas mentir et de ne pas forniquer". In Évêques, moines et empereurs (610-1054): *Histoire du christianisme,* des origines à nos jous. Jean-Marie Mayeur, Luce Pietri, André Vauchez, Marc Venard. Desclée, 1993, p. 78.

[212] Para aprofundar neste assunto, Walter Emil Kaegi, *Byzantium and the Early Islamic Conquests*. Canbridge University Press, 1995.

[213] Avni (2010, p. 43) sugere uma alternativa para as descrições históricas da destruição de edificações em Jerusalém: a rápida reconstrução das mesmas, eliminando indícios que a arqueologia moderna não consegue perceber.

[214] A data é incerta: 13 de abril, 15 de abril, 3 de maio ou 5 de maio. Até mesmo a duração do cerco varia entre vinte e vinte e um dias.

90.000); a Cruz Sagrada encontrada por Helena, venerada até esta data, foi levada para a capital do Império, Ctesifonte, como despojo de guerra, tendo sido trazida em 628 por Heráclito quando reconquistou a cidade das mãos de seus inimigos. No relato de *Antiochus* lemos: "Deus nos entregou nas mãos de nossos inimigos e caímos sob o domínio desta tribo abominável dos persas, que lidam conosco de todo modo, como querem" (CONYBEARE, 1910, p. 502-517).

Novamente, sob mãos bizantinas em 628, Jerusalém em breve seria cercada até que caísse sob novo controle, dessa vez pelos árabes. O avanço muçulmano começou pela tomada de Gaza na costa do Mediterrâneo e cidades menores, onde havia população árabe descontente com a perda de apoio pela administração bizantina (WILKEN, 1988, p. 234). Com o apoio obtido com essa população, a estratégia de avanço para conquistas maiores foi refinada e o caminho para Jerusalém foi facilitado. Em julho de 637 os exércitos árabes a alcançaram. Isolado, o bispo Sofrônio, um tipo de "prefeito" de Jerusalém, negociou com as tropas e rendeu-se.

A rendição assinada entre Sofrônio e o califa Rashidum Omar ibn al-Khattab, ou simplesmente Omar, garantia a manutenção do roteiro sagrado dos cristãos para igrejas, mosteiros e tudo o mais. Aos judeus foi oferecida nova condição de permanência e segurança na região.

3.3.1 Arculfo (c. 670 A.D.)

Um dos primeiros itinerários do período foi percorrido por Arculfo, um bispo francês, por volta de 670, de acordo com cálculos do dr. Tobler.[215] O período do trajeto de Arculfo durou cerca de nove meses, como o próprio texto afirma. O relato em si, originalmente gravado em tabletes de cera, não foi obra do próprio viajante. Os detalhes foram colhidos e as anotações foram organizadas por Adamnam, abade no Monastério de Hy, em Galloway, sudoeste da Escócia (ARCULFUS, 1895, p. xii,xiii,1).

Pouca coisa se sabe sobre as pessoas de Adamnam e Arculfo, que se encontraram e se conheceram depois que o barco que trazia Arculfo de volta para a sua terra natal ficou refém de uma tormenta e o arrastou para a praia, onde ambos se encontraram. Adamnam levou Arculfo para o seu monastério e por curiosidade solicitou que o viajante ensinasse

[215] Titus Tobler (1806-1877), topógrafo, especialista em Palestina, membro da *Societe de l'Orient Latin*. Autor de *Bethlehem in Palästina, topographisch und historisch ... geschildert*.

as Escrituras sob a luz e a partir das experiências que tivera na Terra Santa (ARCULFUS, 1895, p. xiii).

Adamnam relata que Arculfo fez a viagem com um guia, a quem chama Pedro. O itinerário foi extenso, incluindo os principais pontos de interesse a Oeste do Jordão, como Belém, Hebrom, Jericó, Gilgal e o Mar Morto. Ao Norte, Siquém, Monte Tabor, Nazaré, mar da Galileia (ou de Tiberíades) e as fontes do Jordão, a região hoje chamada Banias, ao pé do Hermon. A viagem ainda incluiu outras regiões fora de Israel, como Tiro, Damasco, Constantinopla entre outras partes que não nos interessam no momento. Inclui também histórias, tais como a "orientação divina" dada aos artífices de Constantino na identificação do lugar onde queria que Alexandria fosse edificada. Essa informação diz respeito ao ponto do relato onde ele diz que os artífices encontraram ferramentas reunidas em um monte entre dois mares. Constantino ordenou que ali fosse edificada a cidade porque isso era uma revelação divina, conforme ele entendeu.

> Ao saber disso, o Rei ordena imediatamente aos trompeteiros passarem pelo acampamento, soprando as trombetas e ordenando à força que movesse o seu acampamento, dizendo: "Retiremos deste lugar para edificar uma cidade no lugar que divinamente nos indicou" (ARCULFUS, 1895, p. 54,55; trad. nossa).[216]

Ainda de acordo com Arculfo, que viveu em Jerusalém entre 679 e 688, a Mesquita de Omar[217] à época era uma estrutura simples, apenas para oração, de forma retangular, feita de madeira e fora construída sobre as ruínas (das quais nada se fala) e poderia acolher 3000 pessoas em seus dias.

Entre as histórias que Arculfo contou a Adamnam está uma sobre a disputa ocorrida em Jerusalém entre judeus crentes e judeus descrentes. Este último partido negava-se a devolver aos primeiros um pano de linho medindo 8 pés de cumprimento (c. 2,4 m) que, como era alegado, havia coberto o corpo de Jesus e era considerado "sagrado" (ARCULFUS, 1895, p. 14).[218] Para resolver a disputa, foi chamado Mavias (ou Majuvias),

---

[216] On learning this, the King immediately orders trumpeters to pass through the camp, blowing their trumpets and ordering the force to move its camp, saying: "Let us remove from this place to build a city on the spot divinely pointed out to us"; and at the same time he had ships made ready, and crossed over with his whole force to the spot where the tools were found, as he knew that the place thus shown to him by their removal was that designed by God for the purpose.

[217] Isto é, erradamente chamada de a Mesquita de Omar, pois se sabe que foi construída pelo Califa Abd al-Malik, posterior a Omar.

[218] Pela descrição que se segue no relato, não me pareceu ser esta a peça que hoje conhecemos como Sudário de Turim. A peça que Arculfo descreve foi tecida em cores, vermelha de um lado e verde de

rei dos sarracenos,[219] o califa da Síria em 658 (morto em 680).[220] O califa ordenou que fosse feita uma enorme fogueira, chamou ambos os partidos e invocou em oração a que o próprio Senhor mediasse a contenda. Então, lançando o tecido na direção da enorme fogueira, o mesmo não foi sequer atingido pelas chamas; ao contrário, voou como um pássaro livre, repousando instantes depois nas mãos dos judeus crentes, que se alegraram exaltando o nome de Deus em alta voz (ARCULFUS, 1895, p. 14-15). Colocado num depositório, a peça de linho foi guardada numa igreja (não diz qual), onde as pessoas iam vê-la e quando era exposta, todos a beijavam – inclusive o próprio Arculfo.

A narrativa segue informando as características das edificações que Arculfo visitou e qual a sua localização. No Vale de Josafá, visitou a Igreja de S. Maria, supostamente construída sobre o túmulo da mãe de Jesus (embora a esse tempo já houvesse insegurança quanto à real localização de sua tumba). O monte das Oliveiras é mencionado com destaque para o fato de seu solo não ser propício para árvores além da oliveira e da parreira (ambas com significados religiosos para judeus e cristãos), e quando muito alguma grama e umas flores, ou seja, uma mensagem de que naquele solo, outra religião não daria seus frutos, pois a terra era santa apenas para cristãos e judeus.

Outros pontos visitados incluem o horto do Getsêmane, onde o Evangelho diz que Jesus foi traído com um beijo por Judas, a basílica do Monte Sião, incluindo um rascunho da sua planta (ARCULFUS, 1895, p. 20) localizada fora da cidade, onde o livro de Atos dos Apóstolos diz que Estêvão foi apedrejado, a Igreja da Ascenção, de onde Jesus teria subido aos céus após sua ressurreição, onde Arculfo diz haver uma pedra com as marcas dos pés de Cristo, iluminada por lâmpadas de alto brilho, com luz que entra pelas enormes janelas – além de ter a basílica uma abertura em seu teto para que os fiéis pudessem orar olhando o céu para onde, segundo a tradição, seu Senhor foi elevado.

A profusão de igrejas construídas sobre locais (não somente em Jerusalém, mas em Nazaré, Belém, Betânia e outros) onde se acreditava ter alguma ligação com personalidades da tradição cristã e judaica parece ter sido impressionante. O texto de Arculfo descreve a presença de igrejas construídas em lugares que guardavam alguma

---

outro, enquanto o Sudário tem aparência de pano cru. Arculfo ainda informou que a própria Maria, mãe de Jesus, fez a tecelagem.

[219] Modo como os cristãos chamavam os árabes ou muçulmanos na Idade Média, especialmente aqueles que eram da Península Ibérica (ou mouros).

[220] James Rose Macpherson, que traduziu e fez anotações a obra de Arculfo, indica que esse Califa aparece com o nome grafado como Mavius, Majuvias ou Navias; ainda Nauvias. Ele menciona Muavia como o fundador da dinastia Omíada, Califa da Síria em 658. Talvez Yezīd ibn Muāvia ou Muavyia.

relação com as pessoas de Davi, Jerônimo, os pastores do Oriente, Lázaro, além das quais mencionei acima, e dos seus respectivos sepulcros, esses marcando o local de sepultamento dos personagens que constam da tradição dos judeus. Com o tempo, a possível relação, ainda que tênue, consolidou-se, tornando-se uma forte tradição.

3.3.2 Willibald (c. 754 A.D.), o monge alemão

Cerca de um século depois de Arculfo um nome alemão surgiu na paisagem palestina. Considerado o primeiro alemão a peregrinar na Terra Santa (BENSINGER, 1971, p. 1),[221] cerca do ano 754, Willibald,[222] um monge cristão que se tornaria bispo de Eichstadt (e após a sua morte "São Willibald") cruzou terra e mar, acompanhado, inicialmente, por seu pai e seu irmão solteiro Wunebald, sua irmã Walpurga e alguns outros[223] (ANONYMOUS, 1895, p. 40). Seu pai, "Richard, ilustre por nascimento e propriedades" (ANONYMOUS, 1895, p. 39), pretendia ir somente até Roma conhecer a basílica de S. Pedro (WILLIBALD, 1895, p. 6)[224] e retornar; mas foi acometido por um mal súbito, faleceu na cidade de Luca, na Itália, e ali mesmo foi sepultado por seus filhos.

Willibald era sobrinho de "São Bonifácio, o apóstolo da Germânia" (WILLIBALD, 1895, p. vii) por parte de mãe. Duas histórias a seu respeito têm chegado até nós. Uma delas é o *Hodoeporicon* (que em grego significa itinerário ou jornada), escrito por um diácono que fez as anotações a partir das memórias do próprio bispo. A outra, *IItinerarium S. Willibaldi*, foi escrita por uma freira da abadia de Heidenheim, um mosteiro fundado por Bonifácio, o tio. Embora seja redundante em alguns pontos, trata-se de uma narrativa mais detalhada (WILLIBALD, 1895, p. xiii).

Tendo percorrido algumas regiões conhecidas na Itália (Roma, Nápoles, Monte Etna, Siracusa e outras), Willibald navegou pelo Adriático, tendo passado por Monemvasia, Chios, Samos, Éfeso Hierápolis, Patara, Mileto, Chipre, Pafos, Constantia,

---

[221] Bensinger informa que embora a peregrinação de Willibald não tivesse estimulado outros a fazerem o mesmo, no outono de 1064 houve o empreendimento no qual cerca de 7 mil alemães foram à Terra Santa (BENSINGER, 1971, p. 2).

[222] O *IItinerarium S. Willibaldi* é o único relato proveniente do século VIII.

[223] O *Hodoeporicon* não menciona a irmã e as demais pessoas que iniciaram a jornada com Willibald. Ela foi deixada em Roma e as demais pessoas não passaram da Alemanha ou Itália.

[224] O relato da jornada de Willibald apresentado aqui foi cotejado com a única outra narrativa que chega até nós, *The Itinerary of St. Willibald*, de autoria anônima, vinda do século VIII.

Damasco, Emesa (atual Homs, Síria) e, finalmente, Caná e o Monte Tabor são os dois primeiros pontos geográficos na Palestina.

O *Itinerário* ordena as localidades por onde Willibald passou[225], mas sem acrescentar informações relevantes sobre a geografia, sobre a arquitetura, sobre as populações ou coisas assim. Restringe-se a fazer associações comuns com passagens das Escrituras cristãs ou hebreias, e, quando muito, alguma curiosidade trivial. Se comparado ao material de Arculfo, este parece mais realista, não constando milagres nem superstições aparentes.

Quando Willibald e seu irmão chegaram a Jerusalém, foram ao lugar onde a "Cruz Sagrada" foi encontrada por Helena, mãe de Constantino. Havia uma igreja no local onde era considerado o próprio Calvário. Aqui uma surpresa. O texto diz que este lugar, "antigamente ficava fora de Jerusalém, mas quando Helena encontrou a cruz, providenciou que o lugar fosse arranjado de modo a que ficasse dentro da cidade de Jerusalém" (WILLIBALD, 1895, p. 19), talvez temendo ataques de estrangeiros. Assim, sob uma cobertura na lateral leste da Igreja, estão três cruzes de madeira (WILLIBALD, 1895, p. 19).[226]

Willibald descreve a aparência do sepulcro: foi escavado na pedra, acima do solo, sendo a base quadrada e a parte superior afunilada. Evidentemente, há uma cruz nas proximidades e uma "casa maravilhosa", com uma porta para o interior do sepulcro, onde as pessoas entram para fazer suas orações. No lado de fora, uma réplica da pedra que era usada para lacrar a sepultura segundo o costume dos judeus (v. Evang. Mateus 27.60).

Willibald visitou, ainda, a Igreja do Monte Sião, o Pórtico de Salomão e o Tanque de Betesda.[227] A essa altura do texto é mencionada uma lenda, segundo a qual uma coluna em uma das portas da cidade guardava a memória do lugar para onde os judeus quiseram levar o corpo de Maria; houve tumulto entre eles e os apóstolos que seguiam com o funeral. Na confusão, a resposta à oração dos apóstolos foi que os braços dos judeus foram

---

[225] Tibérias, Magdalena, Cafarnaum, Betsaida, Corazim, "Jor and Dan, the Jordan", os tanques de Merom, Cesarea de Filipe, o Monastério e a Igreja de S. João Batista, uma Festa da Epifania, Galgala (?), Jericó, o Monastério de S. Euthymius (descrito por Antoninus como *Kusr el-Yehûd*). Em Jerusalém, a Igreja e as cruzes no local chamado Calvário (Monte?), o jardim com o sepulcro de Jesus e a "casa maravilhosa".

[226] Esse "arranjo" feito por Helena é curioso, porque os Evangelhos dizem que Jesus fora crucificado "fora das portas da cidade". Mudar o local da cena deporia contra a narrativa tradicional.

[227] No texto *Pool of Probatica*. O Tanque de Betesda é o lugar onde os Evangelhos dizem que, na tradição judaica, de tempo em tempo, um anjo movia as águas e o primeiro doente que entrasse no tanque era sarado de qualquer doença (João 5.2).

paralisados e anjos foram enviados para receber o corpo de Maria e levá-la ao Paraíso.[228] A Igreja e a tumba de Santa Maria ficam logo na próxima parada de Willibald, no Vale de Josafá, entre Jerusalém e o Monte das Oliveiras. Em seguida, o viajante visitou alguns locais que faltavam,[229] partiu para Trípoli e Damasco, retornando a Jerusalém (diz o texto "pela quarta vez") e foi para Samaria, que antes era chamada Sebastia.[230]

Willibald, portanto, encerrou o que seria o período de maior presença do interesse cristão nos pontos geográficos e arquitetônicos na região da Palestina. Por ser um religioso fervoroso, seu itinerário em praticamente nada se compara ao *Itinerarium Burdigalense*. Não notamos informações relevantes que atualizassem dados sobre as populações e seus costumes, a política ou a economia. Do ponto de vista da história da tradição religiosa ele é rico, embora sejam questionáveis as declarações registradas por aqueles que tomaram as notas de suas memórias. Neste caso, a fenomenologia da religião teria bastante trabalho aqui até desvendar e identificar história, lendas e demais interferências possíveis na construção dessas memórias. Mas na abordagem histórica, ficamos ansiosos por mais dados que pudessem nos informar, por exemplo, sobre o aquecimento nas relações com os árabes, que a essa altura já ampliavam o seu domínio de maneira ostensiva.

É curioso notar dois grupos de textos, ainda que não equivalentes em tamanho. Um grupo, na minha opinião o maior, prioriza dados consistentes, descritivos e mais aproximados à realidade. Outro grupo concentra-se nas histórias místicas, nas superstições religiosas e aparenta entregar-se a novas histórias que requerem fé e cujos autores retornam para suas terras de origem com tais histórias exercendo uma espécie de papel revigorante da fé, como se a Terra permanecesse santa e intocável, tal e qual os dias dos apóstolos, discípulos e do próprio Cristo (ou Messias), no imaginário popular crédulo, evidentemente.

---

[228] A outra versão diz que o corpo de Maria foi sepultado fora da cidade e alguns dias depois, quando foram procurá-lo, o sepulcro estava vazio.

[229] Os locais foram: a Igreja da Ascenção, no Monte das Oliveiras, o Campo dos Pastores, a Igreja da Natividade em Belém, Técoa, a cidade do profeta Amós e onde Herodes matou os infantes, o Vale de Laura e o Monastério de S. Sabá; a pequena igreja onde Felipe batizou o eunuco, Gaza, a basílica de S. Mathias, a igreja de S. Zacarias em Hebrom. Ele voltou a Jerusalém, foi à Diospolis, a Igreja de S. Pedro em Jope, às margens do Mediterrâneo ("the Great Sea"), Tiro, Sidon, Trípoli (Líbano) e Damasco (Síria). Em Técoa, o relato da freira anônima, autora do texto, conta que Willibald esteve no local onde o eunuco etíope foi batizado por Filipe e "mudou sua pele", isto é, a cor negra (ele era africano da Etiópia) mudou para branca depois que seus pecados foram branqueados pela fé.

[230] Sebastia fora construída por Herodes, o Grande, depois chamado Augusto.

A relação desse par de comportamentos entre os peregrinos poderá ser comparada com o comportamento dos cristãos protestantes e evangélicos, como as entrevistas demonstram.

3.3.3 O Domo da Rocha

O ano de 691 trouxe um novo símbolo para coabitar a paisagem de Jerusalém ao lado dos edifícios cristãos e judaicos. O chamado Domo da Rocha ou *Qubbat As-Shakhrah*, foi construído entre os anos de 687 e 691 pelo Califa Omíada Abd al-Malik e se tornou uma referência em termos religiosos para toda a comunidade do Islã, além de ser um importante monumento religioso em termos arquitetônicos. O Islã, com o advento da dinastia Omíada (632-732 A.D.), cuja capital foi estabelecida em Damasco, deu a Jerusalém o seu maior desenvolvimento em termos de *status* religioso (GIL, 1992, p. 90). Desde que o Profeta do Islã havia mudado a *qibla*, a direção geográfica para as orações, de Jerusalém para Meca, no ano zero da Héjira (620 A.D.), os muçulmanos não davam a Jerusalém grande atenção como ocorreu após a construção do Domo da Rocha.[231] O Domo havia sido construído sobre a rocha onde uma tradição indicava que Muhammad teria feito sua reza antes da Ascenção (GRABAR, 1959, p. 38), uma questão consolidada na tradição muçulmana.

O acesso público ao Domo da Rocha ocorria somente às segundas e terças-feiras. Nos demais dias, o local era limpo e purificado com orações, queima de incenso e a Rocha era ungida.[232] No período Omíada, judeus e cristãos foram empregados em diferentes serviços no *Haram* (ELAD, 1999, p. 52). Para as tribos árabes em conflito, Al-Quds (Jerusalém) foi uma opção para a peregrinação anual do *Hajj* (GRABAR, p. 36).[233] Uma disputa no âmbito político muçulmano se seguiu, com Ibn al-Zubayr, Califa de Meca

---

[231] Gil (1992, p. 93, n. 18) aponta como motivo para a construção do Domo da Rocha por al-Malik, algumas versões que se contrapõem. Uma diz que a intensão era rivalizar com a Caaba, procurando afetar diretamente al-Zubayr, que liderava a população de Meca, para onde a peregrinação muçulmana (o *hajj*) acontecia. A tradição que se cristalizou no tempo dos Omíadas era que o verdadeiro Califa era o único que governava sobre Jerusalém e Meca. Outra versão acredita que o motivo era rivalizar em esplendor com as basílicas cristãs de Jerusalém. Por fim, o simples motivo porque al-Malik fez a obra foi atrair peregrinos muçulmanos para Jerusalém.

[232] A tradição monoteísta dizia que Abraão havia tentado oferecer seu filho em sacrifício cruento sobre a rocha de Moriá, vindo daí o alto grau de sacralidade do local para as três religiões abraâmicas.

[233] Grabar cita o texto em árabe de Al-Tabari, *Annales*, ed. M. de Goeje et al. Leyden, 1879-1901, v. 2, p. 781-783.

entre 680 a 692,[234] reconstruindo a Caaba, depois de ela ter sido destruída durante o primeiro cerco Omíada (GRABAR, p. 45).

O ponto aqui é que al-Zubayr reconstruiu a Caaba com características diferentes de como era na juventude de Muhammad, quando contou com a participação do próprio Profeta. Os valores muçulmanos e seus dogmas se estabelecem pela tradição e estas podem ser verificadas por meio da confirmação das fontes mais antigas e seguras. E havia uma tradição (atribuída a Aisha, terceira esposa do Profeta, e preservada por Al-Azraqi, mequense do século IX) que dizia que a configuração da Caaba estava como no tempo de Abraão (GRABAR, 1959, p. 45).

Os cidadãos de Meca reagiram, pois, a consequência natural da aparência do monumento era compreender que "Jerusalém era maior do que o Caaba, porque (Jerusalém) era o lugar para onde os Profetas emigraram (*mahajar Al-Anbiya*) e porque é a Terra Santa" (GRABAR, 1959, p. 45). Mas a adição de um novo centro (não necessariamente o mais importante) para peregrinação muçulmana condizia com os novos tempos da religião árabe sob a dinastia Omíada, situada na Síria e que controlava a Palestina e arredores. Isso não afetaria os fundamentos religiosos lançados pelo Profeta, não diminuiria a importância da peregrinação a Meca, centro religioso mais distante, mas teria um apelo importante para os antigos Povos do Livro, que poderiam ser atraídos a um ponto de convergência espiritual interessante e com desdobramentos, além de religiosos, políticos e econômicos.

3.3.4 Bernardo, o sábio (c. 870 A.D.)

Outro itinerário abreviado de Jerusalém que chegou até os nossos dias é de autoria de Bernardo, um monge, que partiu do Monte Garganus, a sudeste de Roma, juntamente com dois companheiros. Não fica claro se o Itinerário foi escrito em sua ida ou vinda de Jerusalém, apenas que estava na cidade e na região. A datação do Itinerário (870 A.D.) ou da descrição que faz da situação da cidade (a publicação atribuiu o ano 1090), é questionada pelos editores da versão em inglês. Mas chamou a minha atenção o fato de estarem no período da presença árabe na Palestina e o que ele anotou sobre uma ação contra a população cristã levada cativa. Nas suas palavras:

[234] O Califa, na tradição sunita, é um sucessor ou lugar tenente do profeta Muhammad e atua como guia da comunidade.

> Partindo [da cidade de] Barrium nós marchamos para o sul, por noventa milhas, até o porto da cidade de Tarento, onde encontramos seis navios, em que foram nove mil cativos dos cristãos de Beneventum. Em dois desses navios que traçaram pela primeira vez o caminho para a África foram [levados] três mil cativos; outros dois [navios], que saíram posteriormente, [foram] encaminhados nos mesmos moldes de três mil a Trípoli. (BERNARDO, 1893, p. 4; trad. nossa)[235]

Um parágrafo antes, Bernardo havia dito que a cidade de Barrium, Bari, a sudeste de Roma, era uma "cidade de Sarracenos", o que indica a presença maciça de muçulmanos na Itália quando da sua partida. Beneventum fica à Oeste de Bari e Bernardo diz que "antigamente" era ocupada pelo "povo de Beneventum", os cristãos (BERNARDO, 1893, p. 4). Se suas indicações dão o clima reinante na região, temos um indício de que a presença muçulmana na Itália, sede da Igreja Ocidental, além da população árabe em Jerusalém, pode ter provocado parte dos atritos que desembocaram na Primeira Cruzada (1096-1099). Seu embarque rumo a Alexandria foi num dos navios que levou número de cativos (cristãos) na ordem de três mil, viagem que durou trinta dias.

Do Norte da África, o que o peregrino conta, relativamente indignado, é sobre a burocracia entre os líderes árabes na expedição alfandegária. Além de cobrarem taxas elevadas para a permissão de viagem a cada trecho da jornada, desvalorizam em cerca de 50% a moeda estrangeira trazida por Bernardo, o que tornava a viagem dispendiosa. Somente depois de apresentar-se a um tal "patriarca Dom Michel, que pela graça de Deus mantinha as relações entre os bispos e governava a esses e aos monges por todo o Egito", é que conseguiu circular livremente pela região (BERNARDO, 1893, p. 5-6).

3.3.5 Mukaddasi, o hierosolomita "historiador" (946 A.D.)

A partir do relato de "Mukaddasi, o hierosolomita", surge um novo narrador dando o seu ponto de vista sobre Israel/Palestina: o povo árabe. Mukaddasi ou Muqadasi nasceu em Jerusalém no ano de 336 da Hégira (946 A.D.). Ele era filho de Ahmad e neto de Abu

---

[235] Setting out from Barrium we marched southward for ninety miles as far as the port of the city of Tarentum, where we found six ships, in which were nine Thousand captives of the Christians of Beneventum. In two of these ships which set out first on their way to Africa were three thousand captives; other two, setting out subsequently, conveyed in like manner three thousand to Tripoli.

Bakr. Abu Bakr "parece ter adquirido fama em toda a Síria como arquiteto" (MUKADDASI, 1890, p. iii; trad. nossa).[236] No prefácio de sua narrativa escreveu:

> Tenho devotado a mim mesmo a essa Ciência da Geografia que, aliás, da parte de outros, tem sido tão negligenciada; e, embora possa ser de maneira superficial, eu tenho constantemente estudado a arte da mesma, e tenho em mente escrever uma descrição [geográfica] de todos os países do Islã". (MUKADDASI, 1890, p. iv; trad. nossa)[237]

O relatório de Mukaddasi é amplo, variando entre descrições geográficas e arquitetônicas, além de peculiaridades sociais que por toda parte, nas terras do Islã, ele observou quando se envolveu na rotina dos príncipes, das cortes entre os juízes, na sociedade em geral. Ele pesquisou a tradição dos estudiosos entre os ascéticos e os filósofos sufis, entre os "retóricos e rapsodistas" (MUKADDASI, 1890, p. v), isto é, aqueles que faziam uso da retórica e da linguagem entusiasticamente.

Por todos os lugares procurou estabelecer moradia e aprender a cultura local, comer os pratos de cada povo, ouvir suas histórias, caminhar com eles e medir as distâncias entre localidades em cada região, falar os dialetos de cada nação, aprender as diferenças entre os climas e iniciar-se nos ritos secretos de cada seita religiosa, além de outras experiências (MUKADDASI, 1890, p. v); sem dúvida há muito exagero. É nesse sentido que o tradutor da obra escreve que, devido às inúmeras jornadas que Mukaddasi fez e o esforço que empenhou para compor uma obra sistemática, o resultado foi um livro completamente diferente. De fato. Se se registra no Ocidente "o primeiro itinerário descritivo de viagem de forma profissional, especialmente para o uso de turistas" em torno do ano 1845 (PIRES, 2002, p. 18), em Liverpool (o *Handbook of the trip*),[238] podemos dizer que no Oriente Médio Mukaddasi antecipou a novidade aos viajantes interessados em pelo menos oitocentos anos (ainda que o termo "turista" não fosse empregado à época).

O que a Sociologia da Religião no Brasil tem chamado de mercado da fé era, no tempo de Mukaddasi, algo realmente lucrativo. "A Terra Santa é verdadeiramente uma

---

[236] Shams ad DIn— 'the Sun of Religion'—Abu Abd Allah Muhammad, the son of Ahmad, the son of Abu Bakr the Architect, commonly known as Mukaddasi—the Hierosolomite — was born at Jerusalem in the year of the Flight, 336 (a.d. 946).

[237] "I have devoted myself to this Science of Geography, which, alas ! of others is now so neglected and though it may be in but a perfunctory manner, I have constantly studied the Art thereof, having it in mind to write a description of all the countries of Islam".

[238] A referência é de Acerenza, Miguel Ángel. *Administración del turismo: conceptuación y organización*. 2ª ed. México: Editorial Trillas, 1985, p. 45, apud PIRES, 2002.

mina de lucro, tanto para este mundo e no próximo [...] pois havia grande lucro decorrentes de transações mercantis com os sarracenos [árabes muçulmanos]". (MUKADDASI, 1890, p. vii; trad. nossa).[239]

Pelo texto de Mukaddasi notamos o árabe como língua predominante na região. A toponímia já está posta nessa língua, como pode-se verificar quando ele explica a divisão das Seis Províncias da Síria, dando o nome árabe e o correspondente anterior:[240]

> The Province of Syria we divide into six districts:
> 1. Kinnasrin — which is over against Akur (or Upper Mesopotamia).
> 2. Hims (Emesa).
> 3. Dimashk (Damascus).
> 4. Al-Urdunn (the Jordan).
> 5. Filastin (Palestine).
> 6. Ash-Sharah (Edom). (MUKADDASI, 1890, p. 8)

Mukaddasi faz uma breve, mas precisa, descrição das cidades e de seus líderes, nominando cada ponto com o nome árabe e o correspondente em hebraico ou grego. E a dominação árabe sobre a região não é observável apenas na mudança dos nomes das cidades, mas também, e de modo relevante, na mudança da capital da província. Historicamente, Jerusalém era a capital da Palestina, nos primeiros séculos da dominação romana, mas agora, como província síria, "a capital da Palestina" é Ar-Ramlah (Ramleh), nome dado por fazer referência ao tipo de solo arenoso onde a cidade estava localizada (MUKADDASI, 1890, p. 32). Ar-Ramlah fora fundada depois da conquista muçulmana pelo Califa Omíada Sulaiman, filho de 'Abd al Malik (A.H. 96-99, A.D. 715-718), e foi feita a capital da Palestina.

Embora o solo não fosse dos melhores, a cidade demonstrava certa sofisticação e era bem construída. Sua água era boa e abundante, como também seus frutos, e havia lugares sagrados em redor, como também aldeias e "cidades nobres".

À época, o comércio de Ar-Ramlah era próspero e era fácil sobreviver ali. Mukaddasi elogiou a mesquita local como fina e incomparável em relação a outras cidades do Islã. Ele mencionou o pão, dizendo que era "o melhor e o mais branco" e lembrou-se de citar os frutos novamente, dizendo serem "melados", isto é, doces. A cidade era murada e havia asilos que foram restaurados, certamente pelos muçulmanos.

---

[239] "[...] the Holy Land is truly a mine of profit both for This World and the Next".
[240] O mesmo valerá quando falar, mais adiante, os nomes dos portões de Jerusalém (p. 38).

Falou das hospedarias, das casas de banho e do restaurante, onde a comida era deliciosa e as casas, construídas com pedras cuidadosamente trabalhadas, eram espaçosas.

Ar-Ramlah media cerca de 2,5 km^2 e sua localização era de fácil acesso, pois se podia chegar facilmente às montanhas ou ao mar. Por ser a capital, como insiste o autor, havia boas árvores de figueiras e palmeiras e seus campos não necessitavam irrigação; seu solo era rico e frutífero – mesmo ele tendo dito que era arenoso.

Mas esse paraíso funcionava bem nas meias-estações. No inverno, Ar-Ramlah se tornava um pântano de lama e no verão, "uma caixa de areia e pó", onde a água não fluia, onde nada reverdecia e o solo não era úmido. Havia pulgas em abundância e as cisternas que retinham água da chuva eram profundas demais e também retinham sal, de modo que a população pobre e os visitantes desavisados sofriam com sede.

Pela descrição que deu, os portões de Ar-Ramlah eram bem conhecidos. Havia o

> Portão de Bom do Soldado (Darb Bir al 'Askar), o Portão da Mesquita Annabah, o Portão de Jerusalém, o Portão de Bila'ah, o Portão de Lydda (Darb Ludd), o Portão de Jaffa (Darb Yafa), o Portão do Egito (Darb Misr), e o Portão Dajun, que dá saída para a cidade de Dajun, que tem sua mesquita". (MUKADDASI, 1890, p. 3; trad. nossa)[241]

Ar-Ramlah era habitada majoritariamente por judeus samaritanos.[242] Mukaddasi se mostrou impressionado com uma mesquita que ficava no mercado da cidade, dizendo que "é ainda mais bonita e graciosa que a de Damasco" e era chamada de Al Abyad (Mesquita Branca, MUKADDASI, 1890, p. 3). Ele destacou a beleza e o requinte do púlpito, dizendo que não era encontrado nenhum outro mais fino, exceto o de Jerusalém. Havia um belo minarete construído pelo Califa Omíada Hisham ibn 'Abd al-Malik, o mesmo construtor do Domo da Rocha. O mármore usado na sua construção seria destinado a servir de coluna na igreja cristã de Bali'ah. Quando o Califa soube que os cristãos usariam colunas de mármore, ordenou que elas fossem entregues para a construção de sua

---

[241] Gate of the Soldier's Well (Darb Bir al 'Askar), the Gate of the 'Annabah Mosque, the Gate of Jerusalem, the Gate of Bila'ah, the Lydda Gate (Darb Ludd) the Jaffa Gate (Darb Yafa) the Egypt Gate (Darb Misr), and the Dajun Gate. Close to Ar Ramlah is the town of Dajun, with its mosque.

[242] Os samaritanos surgiram em meio ao povo judeu durante o exílio babilônico, exílio que se tornou medo-persa. Os persas, diferentemente dos babilônios, não mantinham os estrangeiros na capital do Império; eles trocavam o local de habitação dos povos conquistados a fim de preservar uma população em seus territórios. Com isso, houve casamentos entre judeus localizados na região central de Israel e estrangeiros trazidos pela administração imperial. Desses casamentos originou-se os samaritanos, que os judeus não consideram linhagem pura. Os samaritanos se consideram israelenses e hoje há uma pequena comunidade entre 700 e 800 samaritanos vivendo em Israel. É possível obter informações no site de uma instituição própria em <https://www.israelite-samaritans.com/> acessado em 31.01.2017.

mesquita ou ele ordenaria a demolição da Igreja em Lydda. O minarete, evidentemente, foi feito com o mármore (MUKADDASI, 1890, p. 32-4)[243] e com essas descrições que deu podemos perceber tanto o desenvolvimento arquitetônico, em certa medida estimulado e patrocinado pelas peregrinações, quanto o nível da relação entre cristãos e muçulmanos, especificamente algo como certa corrida para construir melhores e mais atraentes edifícios.

Jerusalém, já rebatizada *Bait-al-Makdis* em árabe, ou *lliya*, forma árabe de *Aelia* (*Capitolina*), como foi chamada nos tempos do Imperador Adriano, é descrita como uma grande cidade com clima agradável, onde "raramente neva" (MUKADDASI, 1890, p. 84). As construções de Jerusalém foram elogiadas por ele com "finas" e seu povo "casto". Nos mercados encontrou variedade e higiene; sua mesquita era das maiores e havia grande quantidade de construções religiosas. Os homens locais eram instruídos e doutos, razão pela qual ansiavam por mais instrução e suas ruas nunca estavam vazias de estrangeiros vindos para apreciá-la.

A esse respeito, Mukaddasi conta-nos uma história. Ele sentou-se na praça em Busrah,[244] e um homem elogiava as qualidades do Cairo. Nosso peregrino chamou a atenção para o fato de que sua cidade natal era ainda melhor que o Cairo: em espaço, em magnitude e produtividade, entre outras qualidades. Duvidaram haver uma cidade melhor que o Cairo, mas ficaram inseguros de perguntar pelo fato de saberem que Mukaddasi era um homem culto. Devido à sua insistência, alguém apostou um camelo contra a camela de Mukaddasi, e então ele revelou ser de Jerusalém, a única cidade que evoca o saber do mundo presente e estimula conhecimento do mundo porvir. Jerusalém era a mais excelente das cidades porque reunia as vantagens desse mundo e também as do próximo, onde seus filhos ansiavam pelas coisas da vida futura e isso superava as vantagens do clima, da beleza e qualquer outro adjetivo a ela atribuído, tais como a produtividade, a qualidade de seus frutos, tudo quanto Allah pudesse prover os homens com os prazeres deste mundo (MUKADDASI, 1890, p. 35-36).

Mas havia um senão. Como a própria *Torah* advertia – disse Mukaddasi – "Jerusalém é uma bacia de ouro cheia de escorpiões".[245] Por "isso", seus banhos públicos

---

[243] Nasir, cem anos depois, dirá que muitas das construções na cidade eram feitas desse material (KHUSRAU, 1888, p. 21).

[244] Não sabemos se Basra, no Iraque, ou Bosra, na Jordânia.

[245] A citação não é propriamente da *Torah*, os livros de Moisés, mas está no livro do profeta Ezequiel 2.6.

eram sempre muito sujos.[246] Então, se por um lado a paisagem ou o aspecto geral da cidade não tinha comparação, a infraestrutura e a falta de educação e cultura de judeus e cristãos em geral era uma lástima.

Se a água era um recurso escasso em regiões próximas, não era problema em Jerusalém. Aliás, Mukaddasi diz que em Jerusalém era mais fácil ouvir a chamada para as orações e encontrar água do que espaço para ficar; facilmente encontrava casas com uma ou até duas cisternas bem abastecidas (MUKADDASI, 1890, p. 39) e cisternas públicas a cada quarteirão. A área do Domo também comportava várias cisternas de tamanho considerável e então ele passou a fazer comparações com outras mesquitas (como a de Damasco) e a falar da sua beleza, aspectos, grandeza, colunas de mármore, medidas, os portões e tudo o que pudesse ser incluído num inventário, a fim de exaltar o período da fé do Islã na cidade de Jerusalém.

Outros pontos no registro são Siloé, Vale de Cedron, Monte das Oliveiras, Belém, sobre os quais fala resumidamente. De Hebrom,[247] dá descrição dos túmulos de Abraão, Isaque e suas esposas, além do aspecto geral da cidade e de vilarejos próximos. A certa distância de Hebrom há um monte de onde se pode ter uma vista do mar Salgado (MUKADDASI, 1890, p. 50-51).[248] Sobre a tradição a respeito dos túmulos serem dos três patriarcas e suas esposas, John Poloner, que esteve no recinto quinhentos anos depois, acrescentou que Adão e Eva também estavam sepultados ali, numa evidente mostra de como os anos e a crença ávida por novidades favorecem a consolidação de mitos (POLONER, 1890, p. 22).[249]

Gaza (*Giizzah*) é apresentada como uma grande cidade à beira do deserto, na estrada para o Egito, e nela também havia uma bela mesquita e um monumento do Califa Omar.

---

[246] Não há como saber se ele está indicando a sujeira física dos habitantes ou parodiando o aspecto moral do hierosolimitano, que ele sugeria ser moralmente tão sujo que até a água do banho era prejudicada por sua falta de qualidade moral.

[247] Na grafia original, respectivamente, temos: Sulwân, Wadi Jahannam, Jabal Zaitâ, Bait Lahm e Habrâ.

[248] Na tradução de Guy le Strange consta “Lake of Sughar (the Death Sea)”. A referência é a uma cidade no extremo sul do Mar Salgado e a ele próprio.

[249] No mesmo parágrafo, Poloner acrescenta que em Hebrom, “não muito distante dali”, i.é., da caverna onde tais personalidades foram sepultadas, ficava o Campo de Damasco, onde Adão e Eva foram criados. Observa-se, com essa afirmação, a declaração de uma crença popular, uma vez que a tradição religiosa no monoteísmo, a partir da leitura das Escrituras, não possui referência a um ponto geográfico específico. Além do mais, a suspeita sobre um possível lugar onde a Humanidade teria surgido, tanto nas tradições religiosas antigas do judaísmo quanto nas recentes investigações científicas, recaem sobre algum ponto na Mesopotâmia (região do Iraque, talvez) ou norte-nordeste da África, mas nunca na Palestina como o Catolicismo da época de John Poloner acreditava.

Gaza foi a cidade natal de Ash-Shafi'i, um "tradicionalista",[250] e nela estava o túmulo de Abd Manaf, avô do profeta do Islã.

Ascalon, Jafa, Arsuf, Neápolis (Siquém) Jericó, "a cidade dos gigantes [...] onde serpentes [chamadas *Tariyakiyyah*] e escorpiões são numerosos, e também pulgas" (POLONER, 1894, p. 55). Da água de Jericó, Mukaddasi diz ser a melhor e há bananas em abundância; havia boa produção de "índigo" (anil) na cidade e sua qualidade é "excelente" (POLONER, 1894, p. 69). Daí a próxima localidade é Amã, na atual Jordânia, que não nos interessa. Em seguida Lydda, onde há uma grande mesquita e uma igreja, da qual uma de suas portas se associa a uma tradição de que Cristo matará o Anticristo.

Ainda na região litorânea, Ecron, juntamente com outras cidades de menor importância, completam o detalhado relatório de viagem de Mukaddasi, bem como as explicações que deu sobre pesos e medidas, hábitos e costumes, as localidades e os minerais nelas encontrados (e informações topográficas), as distâncias entre os principais pontos dentro do território ao qual chama Província da Síria.

O Itinerário de Mukaddasi seguramente é o mais informativo relato produzido no período sobre a região, a população e os costumes e encerra esse período que cobrimos desde o início das peregrinações cristãs, passando a autorização do Império para que os judeus retomassem as peregrinações a região, chegando até o período das conquistas, com o domínio persa seguido do período muçulamano.

[250] A *Ash-Shafi'i* é atribuída a origem da *Eclectic School of Jurisprudence*, cujo sistema funde a Escola Histórica de Malik com os ensinos especulativos e mais filosóficos de Abu Hanifah.

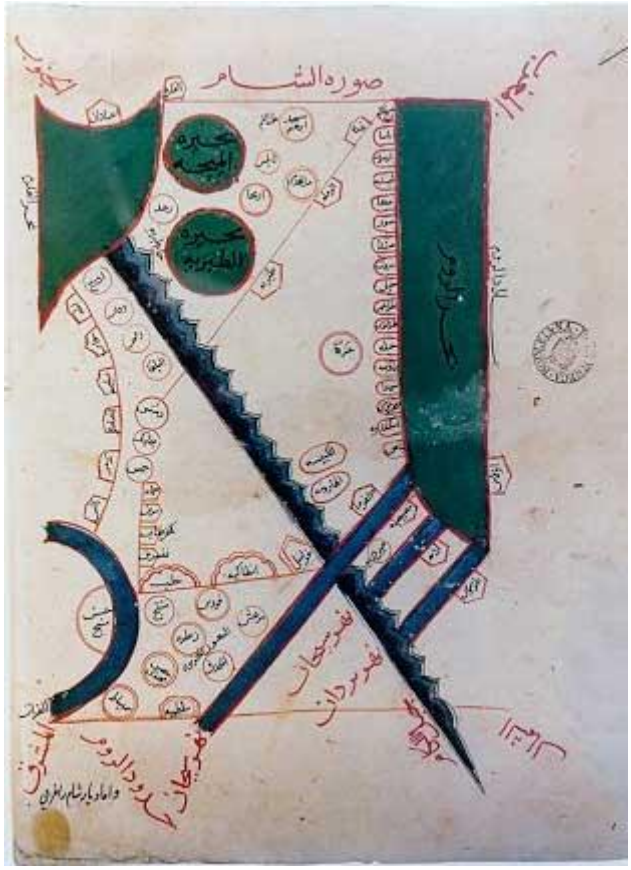


Figura 4. Ibrahim Ibn Muhammad Istakhri's Map of Syria (952 A.D.)
Os séculos 10 e 11 foram a era dos "Atlas do Islã", coleções de mapas que normalmente incluíam representações de 17 países islâmicos. Os árabes nunca consideraram a Terra de Israel, que eles chamaram de *Falastin*, como uma unidade geográfica ou política distinta, e mapearam-na como parte integrante da *ash-Sham*, isto é, a Síria, como no exemplo mostrado aqui. Jerusalém é representada por um dos círculos na parte superior do mapa, que se dirige para o sudoeste e é nomeado *Bayt al-Maqdis*, em hebraico *Beit HaMikdash*, o templo.[251]

[251] *Israeli Foreign Ministry* in <http://www.jewishvirtuallibrary.org/jsource/History/istakhirmap.html> em 20.02.2016.

4 HISTÓRIA DAS PEREGRINAÇÕES – O SEGUNDO MILÊNIO

A verdadeira peregrinação não é até Roma ou Compostela,
mas até os profetas, os salmos e os Evangelhos. – Martinho Lutero

4.1 Nasir-i-Khusrau (c. 1047 A.D.)

Cerca de cinquenta anos antes do início da primeira Cruzada, no ano de 1045 (437 A.H.), Nasir, nascido nos arredores de Bactro, no atual Afeganistão, um adicto voluntário dos prazeres mundanos, como se definiu, 42 anos de idade, conta que dormiu e teve a visão de um personagem aparentemente sagrado. Esta figura orientou-o a peregrinar até as cidades sagradas, Meca, Medina e Jerusalém. Um ano após a visão, nos dias de al-Mustansir, califa fatímida no Egito, ele partiu em jornada acompanhado do irmão e de um escravo indiano para uma viagem que durou sete anos (KHUSRAU, 1888, p. iv,vi,vii).

Nada muito relevante no breve texto, além de algumas notas que destacarei. Primeiro, o apontamento que fez sobre a produção de "tapetes de oração feitos de junco", realizada na cidade de Tiberíades, certamente para as orações dos muçulmanos e que eram vendidos ao preço de duas libras (ou cinco dinares "Maghribi"). Numa montanha no lado oeste da cidade, no alto dela, foi construído um castelo[252] com pedras lavradas, onde era possível ler em caracteres hebraicos uma inscrição dizendo que quando as pedras foram preparadas, "as Plêiades estavam à frente do sinal zodiacal do Carneiro". Considerando que os cristãos são chamados de "ovelhas" (referência a Jesus como "o Pastor"), podemos ter aqui a indicação de uma nova era dentro da leitura do horóscopo.

De interesse para peregrinos muçulmanos era o túmulo de Abu Hurairah, companheiro do Profeta do Islã, localizado fora da cidade, sentido Sul. Mas Nasir avisa que ninguém podia visitá-lo, porque a Tiberíades do século XI era uma região com certo contingente de habitantes xiitas e tão logo algum visitante aproximava-se (talvez um peregrino muçulmano sunita, reconhecido pelas distinções na indumentária), "os meninos iniciam um tumulto e levantam uma perturbação tamanha sobre ele, o que terminava em arremesso de pedras, alguns resultando em ferimentos" (KHUSRAU, 1888, p. 18-19). Então, Nasir partiu para Kafar Kannah ou Caná da Galileia.

[252] O tradutor anota que deveriam ser as ruínas do Castelo de Herodes, chamado no século XIX de "Kasr Bint al Malik", o Palácio da Filha do Rei.

Se em Tiberíades havia hostilidades entre sunitas e xiitas, mais adiante, na mesma obra, ele diz que em Jerusalém cristãos e judeus, "vindos de todos países gregos", visitam a Igreja da Ressurreição e a sinagoga que há ali (KHUSRAU, 1888, p. 23). A respeito de Jerusalém, Nasir entusiasmou-se com *'Ain Sulwan* (*the Spring of Siloam* [Fonte de Siloé]), na qual os visitantes acreditavam que seriam curados de suas dores mais terríveis quando nela se lavassem da cabeça aos pés. Havia no entorno da fonte outros edifícios com a finalidade de atender peregrinos, servindo-os com "poções e loções" e médicos que recebiam pagamento fixo (não diz por quem) a fim de atender as pessoas (KHUSRAU, 1888, p. 26). Mas o MS. foi interrompido neste ponto, deixando-nos sem as informações que completam essa parte do relato.

Não deve pairar qualquer dúvida de que, como adepto do Islã, Nasir gastou páginas e páginas com detalhes minuciosos do *haram*, a área que hoje chamamos esplanada das mesquitas: *Al Aksa* e Domo da Rocha. Ele deu atenção aos pilares de mármore colorido e suas medidas, aos inúmeros portões e até o telhado de madeira que *Al Aksa* tinha à época era "maravilhosamente esculpida" (KHUSRAU, 1888, p. 37). No entanto, chama a atenção que o telhado dos outros edifícios no *haram* eram de chumbo (KHUSRAU, 1888, p. 39). Nasir diz ter sido possível ver a Rocha (do Domo da Rocha), que era inclinada na direção da *Qibla*[253] (para o Sul), e seu formato parece ter sido moldado quando a rocha "ainda era macia como o barro, tem as marcas dos pés humanos, provavelmente os de Abraão e de Isaque, quando este esteve no local com seu pai (KHUSRAU, 1888, p. 47).[254] Sob o mesmo teto, em redor da Rocha, sempre havia homens reunidos, bem como peregrinos e devotos.

Uma das portas da área do *haram* é chamada *Bab as'Sakinah* (Portão da Shekiná ou da Presença [da glória de Deus]). Essa porta ou portão leva em direção a uma mesquita com vários *mihrâbs* (nichos de oração). A porta principal da mesquita impede a passagem dos comuns porque no seu interior estaria a Arca da Presença "que Deus fez alusão no Corão, foi colocada no seu interior, mas posteriormente foi levada pelos anjos" (KHUSRAU, 1888, p. 42-43). É interessante observar que as narrativas e itinerários de peregrinações do período cristão não demonstraram interesse na localização ou sequer

[253] A *Qibla* é a direção para a qual todo muçulmano dirige suas orações diárias, qual seja, a direção de Meca.

[254] É curiosa essa afirmação incluindo o nome de Isaque e não de Ismael, como a tradição mais recente tem adotado (Ismael, o ancestral dos árabes).

menção à Arca dos hebreus, que agora, no período muçulmano, reaparece no conjunto de crenças populares.

O último parágrafo sobre Jerusalém traz o seguinte registro: "Então, esses são os pontos turísticos que vi no Santuário Nobre da Cidade Santa, e anotei no diário que escrevi; e, por último, entre outras maravilhas que eu vi no Santuário da Cidade Santa foi a Árvore das Houris"[255] (KHUSRAU, 1888, p. 52; trad. nossa). De lá, partiu para Hebrom em 438 (A.H., 29 de abril de 1047 A.D.).

A caminho de Hebron, Nasir chegou a um vilarejo "que pertence aos cristãos, o qual eles têm na maior veneração e onde sempre há numerosos peregrinos de suas pessoas que vêm para cá para realizar sua visitação". O lugar é chamado *Bait al Lahm*, a conhecida Belém. Em Belém era realizado um festival e muita gente vinha para cá de todo canto de "Rûm ([Roma] ou Império Grego)". Nasir passou a noite no vilarejo (KHUSRAU, 1888, p. 53), por onde vemos a relativa ausência de hostilidades entre peregrinos de diferentes confissões de fé.

Nasir visitou Hebrom e fez boa descrição de algumas edificações locais. Em seguida, voltou para Jerusalém e juntou-se a um grupo e, guiados por Abu Bakr Hamadini, homem "de um semblante agradável e resistente", partiram em "15 de Dhla-l Ka'adah, no ano de 438 (14 de maio de 1.047 d.C.)" para o *Hijjâz* (KHUSRAU, 1888, p. 58). Três dias depois chegaram a *Ar'ar*,[256] "onde havia água corrente e árvores". Dali, partiram para a próxima etapa da viagem que durou dez dias, chegando a Meca numa ocasião quando não havia caravanas de peregrinos há um ano, onde os recursos eram escassos e todos andavam com medo dos beduínos árabes (KHUSRAU, 1888, p. 58-59). Em Meca ele ficou cerca de dois meses, retornando a Jerusalém em 5 de Muharram de 439 (A.H.) ou 2 de julho de 1047 (KHUSRAU, 1888, p. 59). Nesse ponto, Nasir diz que nada dirá sobre a peregrinação a Meca, mas quer concentrar-se na porção subsequente da viagem.

O primeiro destaque, então, vai para o que os árabes chamavam *Bai'at-al-Kumamah*, uma corruptela para o nome da Igreja da Ressurreição (*Anastasis*) em

---

[255] "Such, then, are the sights I saw in the Noble Sanctuary of the Holy City, and noted down in the diary that I wrote; and, lastly, among other wonders that I saw in the Sanctuary of the Holy City was the Tree of the Houris". Ainda hoje há uma animada discussão em torno do que seriam as "Houris", palavra árabe que aparece no Corão, e que tem sido interpretada, ora como a cor dos olhos negros das virgens no paraíso dos mártires, ora como a cor das uvas das quais será feito o vinho que os muçulmanos fieis beberão no mesmo paraíso. Se a menção a uma "árvore de Houris" nesta passagem pode lançar luz ao debate, que seja aproveitada.

[256] Local incerto, que o tradutor para o inglês sugere poder ser *Ar'air* ou provavelmente Aroer, no vale de Arnon (*Wadi Mojib*).

Jerusalém, para onde anualmente multidões acorrem "em grande veneração", incluindo o Imperador Bizantino,[257] ainda que o faça privadamente, a fim de não ser reconhecido (KHUSRAU, 1888, p. 59).

Durante o tempo em que o califa fatímida Al Hakimbi-amr-Allah (985-1021) governava o Egito, uma autoridade estrangeira esteve em Jerusalém.[258] Al Hakimbi, sabendo da sua presença, enviou o mensageiro dizer que tinha notícias da sua presença na cidade. O homem seria encontrado "sentado na mesquita (Jami') da Cidade Santa" e o mensageiro deveria informá-lo que Hakimbi o enviou a ele e que não deveria pensar que Hakimbi tivesse qualquer má intenção contra ele, mas que tivesse bom ânimo (KHUSRAU, 1888, p. 59). Ao mesmo tempo, o Califa "ordenou que a igreja (da Ressurreição) fosse entregue à pilhagem, o que aconteceu, e ela ficou em ruínas". Era o ano 1009. A Igreja da Ressurreição manteve-se assim até 1037, "quando o César de Bizâncio enviou embaixadores [ao Califa] com presentes e promessas de serviço e concluiu um tratado no qual ele estipulou permissão para custear as despesas de reconstrução da igreja, e esta foi, finalmente, realizada" (KHUSRAU, 1888, p. 60).[259]

Por fim, ele elogiou os aspectos arquitetônicos e decorativos da mesma Igreja, descrevendo seus arcos e colunas, além dos retratos de profetas e patriarcas e a cobertura que disse haver para cada uma das imagens, uma cobertura com verniz de óleo de *Sandarús*,[260] e nas faces de cada retrato "uma placa fina de vidro" definindo o seu contorno "e perfeitamente transparente" (KHUSRAU, 1888, p. 60).

4.2 O período das Cruzadas (1099-1187) e além

Os quase dois séculos entre 1099 e 1187 são uma mancha na história da humanidade, do Cristianismo e da ocupação da Terra Santa, além de outros centros atacados pelos exércitos Cruzados, como Constantinopla.

---

[257] Provavelmente Constantino IX Monomachos.

[258] Nasir diz apenas "Greek Caesar". Provavelmente se tratava de uma autoridade bizantina, como dirá mais à frente. O contexto aponta para a natureza religiosa dessa pessoa e do relato que se segue dando conta que seria encontrada numa mesquita.

[259] A igreja foi reconstruída a partir de 1037, sob Al Mustansir Billah, o oitavo califa fatímida, que concedeu esse privilégio ao Imperador Miguel IV, Pafagônio, tendo em consideração que este colocou em liberdade cinco mil cativos muçulmanos.

[260] Sandaracha: vermelho zimbro ou junípero.

Após uma preleção do papa Urbano II no Concílio de Clermont, em 27 de novembro de 1095, a multidão foi encorajada a libertar Jerusalém do controle muçulmano e colocá-la sob domínio cristão. Os Cruzados participariam como forma de penitência pelos pecados e assim receberiam o perdão da Igreja. A multidão acatou a sugestão e os pelotões foram compostos não somente de soldados da nobreza, mas também por aventureiros gananciosos, inescrupulosos e muitos outros movidos por razões as mais diversas.

Entre os objetivos anunciados estavam remover os muçulmanos do controle na Terra Santa e impedir o avanço do Islã, sanar o Cisma ocorrido em 1054 entre as duas alas da Igreja (Ocidental latina e Oriental grega) e proteger os peregrinos, tarefa que coube aos Cavaleiros Hospitalários (na Cruzada de 1113), aos Cavaleiros Templários (em 1118) e aos Teutônicos (séc. XII). Após as Cruzadas, esses Cavaleiros continuaram a servir como exércitos permanentes a serviço da Cristandade e dos interesses da nobreza, evidentemente.

Os resultados obtidos, no entanto, foram as derrotas que provocaram novas guerras e o enfraquecimento do feudalismo na Europa. Nobres proprietários de terras não retornavam e suas terras foram vendidas para os camponeses. A Europa abriu-se para novas ideias: arte, filosofia, ciência e literatura árabes. Houve incremento do comércio (novas rotas comerciais para transporte dos bens de consumo, seda, especiarias, perfumes do Oriente Médio), o crescimento das cidades e o Papa passou a ser visto como um Senhor Militar ou Senhor da Guerra e seu poder, influência e prestígio foram enfraquecidos.

A literatura sobre o período e tudo o que o envolve (motivações, alianças, "desvios" de objetivo, percalços etc.) é ampla, com teses, antíteses e sínteses. Embora em alguma medida a ação dos Cruzados diga respeito à presença cristã na Terra Santa, envolvendo a presença de peregrinos (ainda que se possa facilmente desmontar essa alegada motivação), não considerarei quaisquer comentários nesta pesquisa como fundamental para a sequência da presente história, além dos breves parágrafos anteriores com a finalidade de situar historicamente o nosso tema. A literatura acadêmica é farta e bem pesquisada, o que torna dispensável a minha atenção sobre esse movimento.

A despeito disso, há nomes e ocorrências oriundos do período que interessam a esse roteiro que ora construímos. Por ocorrências estou referindo-me a literatura, em especial um gênero literário próprio da tradição muçulmana chamado *Fada'il Bayt al-Maqdis* (ou *al-Quds*), ou Méritos de Jerusalém. "O gênero [literário] *Fada'il al-Quds* começou modestamente no período da dominação Fatímida em Jerusalém, no início do século 11.

Há três tratados *fada'il* datando desse período" (HILLENBRAND, 2000, p. 162). A tradição em si, isto é, a elaboração de uma controvérsia sobre as virtudes da guerra santa, do Corão e a importância dos lugares sagrados do Islã (entre eles Jerusalém e Meca), sua cosmologia e escatologia, até as origens da tradição que associa os judeus a Jerusalém, já existiam nos séculos VII e VIII. Esses *fada'il* (méritos) eram um ramo da literatura *hadit*, embora o livro mais antigo que se conhece em louvor a Jerusalém date do século XI (LIVNE-KAFRI, 1998, p. 165). A produção dos *fada'il*, que envolvia os acadêmicos dos séculos passados, não exigia a peregrinação para os lugares aos quais se queria atribuir os méritos (*fada'il*), portanto, embora haja uma tradição rica de obras sobre os sítios elogiados, não temos nele um gênero literário específico sobre peregrinações e itinerários.

4.2.1 Seawulf (1102-1103)

A história atribuída a esse peregrino data de julho de 1102 a setembro de 1103. É dito ter sido anglo-saxão. Seawulf foi um monge ou abade cristão. Há historiadores que o identificam como um *merchan* britânico (GARNETT, 2000, p. 1), enquanto que o tradutor da obra diz não ser possível afirmar que fosse um clérigo ou jurista, mas garantiu ser um homem piedoso (SAEWULF, 1892, p. viii). O seu nome também é incerto; pode ser um "nome de guerra", algo como "sea dog", já que "wulf" era uma terminação comum para nomes britânicos (SAEWULF, 1892, p. vii).

O que restou do documento em questão é um fragmento que começa abruptamente e cuja conclusão foi perdida. Além de outras, as seguintes datas e localidades são mencionadas no texto:

1102.	13 de julho, parte [do porto] de Monopoli, próximo a Bari [Itália]
	22 de julho, partida de Brindisi [sudeste de Bari]
	1º de agosto, chega à ilha de Cefalônia [sudoeste da Grécia]
	9 de agosto, desembarca em Corinto [próximo a Atenas]
	23 de agosto, chega a Negropont [Grécia]
	12 de outubro, navega até Joppa [Jafa, sul de Tel Aviv].
1103.	17 de maio, reembarcou em Joppa
	23 de junho, partiu em direção a ilha de Rhodes [atual Turquia].
	30 de setembro, chegou a Rodosto [mar de Mármara], a caminho de Constantinopla.

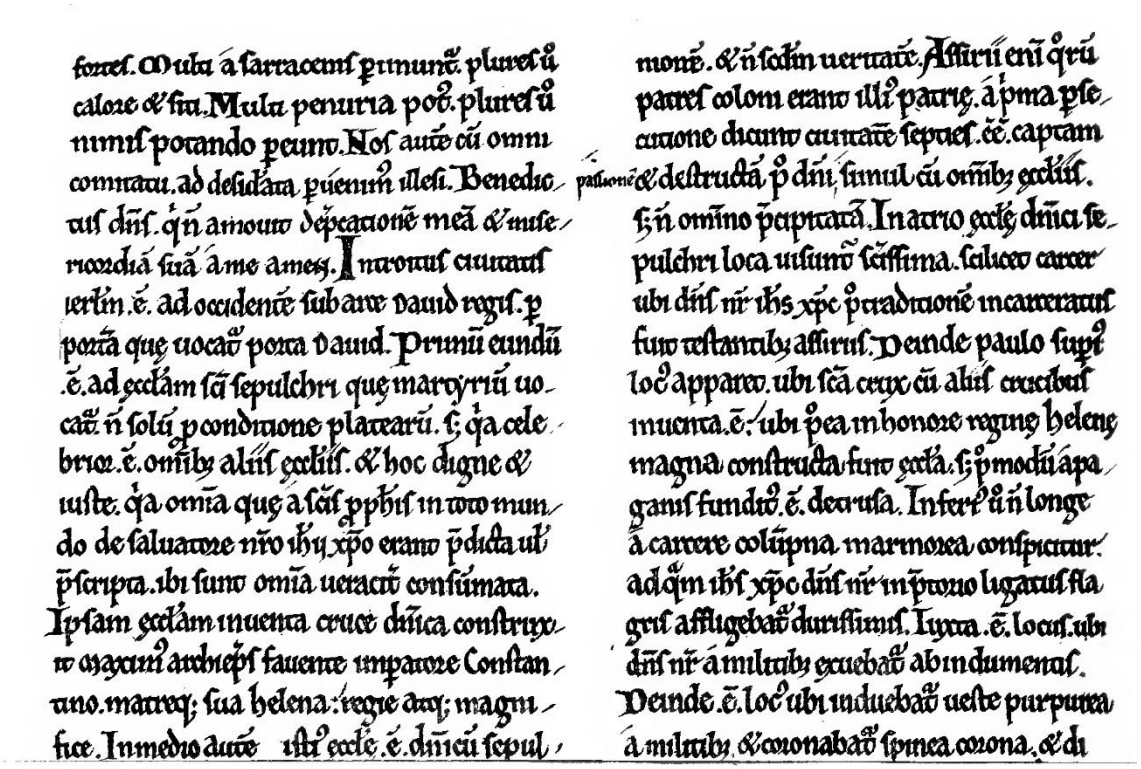


Figura 3. Fac-símile de uma porção do MS. de Seawulf, foto zincografada por *Cambridge Engraving Company*. A passagem no original refere-se às páginas 37-39 e o original encontra-se no *Corpus Christi College*, Cambridge, tombado como MS 111.

Seu "diário de bordo" resume-se a indicar brevemente os locais de embarque e desembarque, associando-os, quando muito, a fatos da história religiosa e secular, como dos eventos recentes. Nesse sentido, ele indica já haver conflito entre cristãos e turcos numa cidade "toda em ruinas, que é chamada St. Mary Mogronissi,[261] que significa *Long Island*. Neste lugar, os turcos haviam expulsado os cristãos de "Alexandria".[262] As edificações e igrejas indicavam ter havido ali uma comunidade de cristãos antes da presença turca (SAEWULF, 1892, p. 4).

Embora nosso interesse seja pelo que ele viu em terra, muito espaço foi gasto com os percalços e acidentes no mar devido ao mal tempo e a fúria das ondas. Logo após o desembarque em Jafa, alguém avisou ter ele se livrado de uma grande tempestade e, caso se demorasse mais a chegar, talvez jamais teria visto terra firme novamente. Na manhã seguinte, após o término do serviço religioso, ouviram grande gritaria e muito barulho das ondas vindas do mar. Correram para a praia e viram algo que disse jamais ter visto.

[261] Compare a semelhança entre as pronúncias. O tradutor para o inglês acreditou ser uma referência a *Macronisos*, que seria aplicado à atual ilha Kekova, no sudoeste da Turquia, de fato, uma ilha comprida (Long Island, μακπο-νησος, *transl.* macro-nesos).

[262] O nome correto é Alexandretta, atual Iskenderun, na Turquia.

As ondas cobriam a praia e escalavam pedras e colinas por perto, trazendo mercadorias em grande quantidade, pois provavelmente a embarcação trazia comerciantes, e viram também diversos pedaços do navio. Além disso, corpos de homens, mulheres e crianças, todos afogados, em grande número, ao menos mil, calculou. "A maior miséria em um único dia que nenhum olho jamais viu" (SAEWULF, 1892, p. 7-8; trad. nossa).[263]

Por terra os perigos não foram diferentes. Na viagem de dois dias para Jerusalém, Seawulf reclamou dos sarracenos,[264] sempre mentindo sobre tudo, espreitando os peregrinos nas montanhas, nas cavernas, prontos a atacar e a assaltar grupos pequenos ou qualquer um que se desgarrasse devido ao cansaço da viagem. Além do mais, feras, provavelmente leões, atacavam corpos dos viajantes a ponto de ser possível encontrar vários deles, na estrada e fora dela, insepultos (SAEWULF, 1892, p. 8).

Em Jerusalém, o autor do itinerário observou algo relevante para os peregrinos ainda hoje, como veremos. Os Evangelhos dizem que Jesus foi sepultado numa pedra escavada, num horto, fora da cidade. Adriano, em 135, fez reformas e mudanças radicais em Jerusalém e no Templo. Seawulf diz que ele "estendeu a cidade, tanto quanto a Torre de David, que anteriormente tinha alguma distância da cidade". Ele notou como era possível "ver do Monte das Oliveiras, [como] eram as paredes [no] extremo Oeste da cidade antigamente e quanto a cidade foi, mais tarde, estendida" (SAEWULF, 1892, p. 10; trad. nossa).[265] Fazendo isso, os locais da morte e sepultamento de Jesus passaram a figurar dentro dos muros da cidade, não mais fora, como Willibald deixou entrever em seu relato. A questão não permanecerá fechada, ao menos para os protestantes, como veremos mais à frente, quando falar sobre a expedição empreendida pelo General Gordon e a busca que fez a esses locais históricos.

Durante as Cruzadas, algumas chamadas "Ordens" se destacaram pela presença em Jerusalém. Fundada em 1099, uma dessas Ordens foi a dos Cavaleiros Hospitalares,[266] que fez do hospital próximo à Igreja Latina de Santa Maria a sua base. Próximo da Igreja

---

[263] A greater misery on one day no eye ever saw.

[264] Modo como os cristãos chamavam os árabes ou muçulmanos na Idade Média, especialmente aqueles que eram da Península Ibérica (ou mouros).

[265] E acrescenta: "O imperador chamou a cidade pelo seu próprio nome, *Aelia*, que significa a Casa de Deus". Não há confirmação sobre a fonte dessa tradução feita por ele, nem se havia registros do Imperador. "But the Emperor Adrian, who was called Helias, rebuilt the city Jerusalem and the Temple of the Lord, and extended the city as far as the Tower of David, which formerly had been some distance from the city; as anyone can see from the Mount of Olives, where the extreme west walls of the city formerly were, and how much the city was afterwards extended".

[266] Os Cavaleiros Hospitalares se tornaram uma ordem militar em 1118.

do Santo Sepulcro, o hospital funcionava junto ao mosteiro que, posteriormente, foi consagrado a São João Batista e Seawulf diz ter ido ao local onde ambos funcionavam (SEAWULF, 1892, p. 14).

Seawulf percorreu os pontos clássicos que um peregrino deveria visitar, fazendo as mesmas descrições que lemos em outros itinerários, ora associando textos das Escrituras, hora a tradições populares entre os católicos. O último ponto visitado foram as fontes do Jordão, "cujas águas eram brancas como leite, mais do que qualquer outro rio no mundo",[267] nascendo aos pés do "monte do Líbano" (referência ao Hermon, SEAWULF, 1892, p. 26; trad. nossa). De Jafa, ele partiria tranquilamente para casa, "na quarta-feira depois de Pentecostes",[268] mas quando iniciaram a navegação foram cercados por "vinte e seis navios sarracenos [que] apareceram", da frota do Almirante das cidades de Tiro e Sidom, que navegavam "em direção a Babilônia com um exército [a bordo] para ajudar os caldeus na tomada de guerra contra o Rei de Jerusalém" (SEAWULF, 1892, p. 27; trad. nossa).[269] Já era o calor das tensões que iniciaram no período.

Com a embarcação de Seawulf, outros dois navios de peregrinos navegavam próximos desde Jafa, mas percebendo a aproximação dos sarracenos, zarparam rapidamente, "deixando a nossa embarcação sozinha; pois estavam mais leves, e também pela força dos remos e escaparam para Cesárea" (SEAWULF, 1892, p. 28; trad. nossa).[270]

O saracens manobraram e cercaram o navio de Seawulf e fizeram uma saudação. Seawulf disse:

> Nossos homens, no entanto, estavam prontos para morrer por Cristo, e pegaram em armas; e, na medida que o tempo permitiu, o mastro de nosso navio foi fortificado com homens armados; no nosso Dromund[271] havia quase duzentos homens capazes de defendê-la. (SEAWULF, 1892, p. 27; trad. nossa)[272]

---

[267] The water of the Jordan is whiter and more like milk than all Waters [...].

[268] Talvez 17 de maio de 1103. Veja discussão sobre a datação da viagem em SEAWULF, p. v-vii.

[269] On the Wednesday after Pentecost, when we were sailing between Cayphas and Accaron, behold, twenty six Saracen ships appeared in sight, namely those of the admiral of the cities of Tyre and Sidon, going towards Babilonia with an army to assist the Chaldeans in making war upon the King of Jerusalem.

[270] [...] left our ship alone; for they were lighter craft, and by dint of rowing escaped to Csesarea.

[271] Dromund ou dromon. Uma espécie de embarcação.

[272] Our men, however, were ready to die for Christ, and seized their arms; and, as far as time permitted, fortified the turret of our ship with armed men; for in our dromund there were nearly two hundred men capable of defending it.

Por cerca de uma hora os ("inimigos") sarracenos reuniram-se em uma espécie de "conselho de guerra", ao fim do que um dos seus marinheiros subiu no ponto mais alto do mastro de seu navio para espiar o que havia e o que acontecia no interior da embarcação dos peregrinos. Depois de informados detalhadamente, "tudo o que estávamos fazendo" e "quando ele entendeu do marinheiro a altivez de nossa defesa, içou a vela e se lançou para o mar aberto". Tendo deixado de combater os peregrinos, Seawulf diz que "o nosso povo de Jope [Jafa], depois, capturou três desses mesmos navios e enriqueceram com o seu despojo" (SEAWULF, 1892, p. 28; trad. nossa).[273]

4.2.2 Peregrinos anônimos (séc. XI e XII)

Entre os séculos XI e XII, no calor das Cruzadas, um número (relativamente grande) de peregrinos partiu de suas terras de origem rumo à Palestina, ainda antes da queda do Reino Latino em Jerusalém. Aubrey Stewart (1894) reuniu oito relatos num volume, nem todos com histórias interessantes.

Os apontamentos trazidos pelos peregrinos não diferem muito entre si, nem em relação aos itinerários vistos até aqui. Como na maioria dos casos, tratam de descrições das estruturas dos prédios de igrejas, capelas, sepulcros, por vezes hospitais, distâncias entre Jerusalém e outras cidades, localização de rios e ribeiros, vales, montes etc. Sempre que possível, fazem associações com passagens da Bíblia, contos da tradição religiosa, equívocos sobre dados históricos; nada além disso, ao menos na maior porção dos textos.

Algo que fica patente em grande parte dessas narrativas é a separação entre as tradições cristãs que aparece em expressões como "capela pertencente aos gregos" e "capela pertencente aos armênios". Ainda hoje essa divisão prevalece e é possível comprar mapas em Jerusalém onde tal divisão aparece na determinação dos bairros na cidade velha. Em algumas igrejas onde não foi possível separar o controle do edifício, há horários determinados para o serviço religioso de uma e de outra tradição, chegando, nalguns casos, a três missas: romana, armênia e grega.[274]

---

[273] [...] exactly all that we were doing. And, when he understood from the sailor the stoutness of our defence, he hoisted sail and made for the open sea. Thus did our Lord by His grace deliver us that day from our enemies. But our people from Joppa afterwards captured three of those same ships and enriched themselves with their spoil.

[274] O Peregrino "V. 2" observa e se detém nessa divisão (STEWART, 1894, p. 27).

O sexto peregrino (chamado "V.2", que indica uma divisão interna na obra feita pelo autor), aponta primeiramente os franceses, dizendo que "são homens bélicos, exercitados nas armas, andam com a cabeça descoberta e são os únicos de todas essas raças que raspam a barba. Eles são todos chamados Latinos, porque usam a língua latina. Eles são católicos puros" (STEWART, 1894, p. 27; trad. nossa).[275] Mas também há os gregos, os sírios ("acostumados à guerra"), os armênios ("há um ódio irreconciliável entre eles e os gregos"), os geórgicos ("permitem que seus cabelos e barbas cresçam por muito tempo e usam chapéus de um côvado [ca. 45cm.] de altura"), jacobinos, nestorianos, e os latinos estão divididos em germanos, espanhóis, gauleses, italianos em "várias outras nações que a Europa produz" (STEWART, 1894, p. 29).

Os italianos são elogiados por suas leis, ordem, habilidade em praticamente todo tipo de luta e procedimentos no mar. Além disso, têm "duas casas religiosas, a saber, o Templo e o hospital", e são "abundantemente ricos", possuindo prédios em toda a Europa e usam a riqueza nas suas guerras. O peregrino chama a atenção para o modo como os Templários e os Hospitalários lutam lado a lado: Templários à direita na frente de batalha e os Hospitalários à esquerda. A essa altura da narrativa aparece a figura do patriarca de Jerusalém, o "pai da fé para os cristãos" (STEWART, 1894, p. 29-31).

O sexto peregrino nos fala da fauna como nenhum outro antes dele. Diz que foi possível ver "muitos animais", como leões, leopardos e "um animal feroz e superior chamado de onça, de cujo rugido nada pode estar seguro, e dizem que até o leão o teme" (STEWART, 1894, p. 34; trad. nossa).[276] Havia também babuínos, "que eles chamam de cães-selvagens, mais ferozes do que os lobos", e camelos e búfalos em abundância. Sobre a flora, diz haver "árvores belas de todos os tipos que crescem sobre a terra". Entre aquelas que nomeia estão as tamareiras, uma árvore chamada "árvore do Paraíso, com folhas acima de dois metros de comprimento e cerca de 30 cm de largura" (STEWART, 1894, p. 34; trad. nossa).[277] Essa árvore dá um fruto cuja largura é maior que o cumprimento[278] com gosto de mel. Há também limoeiros, "cujo fruto é ácido". Devido a explicação, notamos não haver limoeiros na região natal de nosso escritor. Também fala da tal "maçã

[275] They are warlike men, practised in arms, are bareheaded, and are the only one of all these races who shave the beard. They are all called Latins, because they use the Latin tongue. They are pure Catholics.

[276] [...] there are lions, leopards, and an exceeding fierce beast called na ounce, from whose rage nothing can be safe, and they say that even the lion fears him.

[277] [...] and the trees which are called trees of Paradise, which have leaves above two cubits long and half a cubit wide.

[278] Oblongo.

de Adão, nas quais os dentes de Adão são claramente vistos, cana de açúcar e arbustos que são semeados como o trigo, de onde o algodão é colhido" (STEWART, 1894, p. 34; trad. nossa).[279]

O sexto peregrino diz que há muito tempo não via nenhuma espécie de bálsamo, "exceto na terra de Jerusalém, e em Jericó, mas depois de tê-los visto os egípcios vieram e levaram os arbustos para o Egito e os plantaram em sua cidade de Babilônia [Cairo], que agora é o único lugar onde bálsamo é encontrado" (STEWART, 1894, p. 34,35; trad. nossa).[280]

Madeira de cedro também foi vista e seu fruto,[281] cujo tamanho era como a cabeça de um homem e apresentava três sabores: "um na casca, que é amarga; um abaixo da casca, na sua carne, que é insípido; e um no caroço, que é ácido" (STEWART, 1894, p. 35; trad. nossa).[282] Por fim, fala de um tipo de figueira que dá seus frutos, não entre as folhas, mas brotando do tronco. O seu relato encerra com notas sobre os diferentes nomes das cidades da região, o nome antigo usado no tempo dos judeus (ou antes, como no caso de Jerusalém: Jebus, depois Salém) e o nome posterior, dado pelos romanos ou mesmo por cristãos, como foi o caso de Lydda, que os cristãos rebatizaram como St. George.

O sétimo peregrino anônimo é também chamado de Pseudo Beda (século XII) e sua narrativa tem início em *Chebron*, que é Hebrom. À leste de Hebrom está o *Lake of Asphalt*, o Mar Morto, que pertence ao Diabo – nas palavras dele, pelo que quatro cidades superaram as demais em sua maldade: Sodoma, Gomorra, Seboim e Adama. Todas foram destruídas numa "inundação de ácido sulfúrico e afundaram naquele lago" (STEWART, 1894, p. 39; trad. nossa).[283] Tal ocorrência[284] parece ter corrido a região àquela época ou há pouco tempo, pois o peregrino "V. 2" também disse ter havido cinco cidades que, por causa de seus pecados, foram afundadas no *Devil's Lake*, que fica na fronteira da Palestina

---

[279] [...] called Adam's apple, whereon the marks of Adam's teeth may be right plainly seen. Also there are sugar-canes, and shrubs which are sown like wheat, from whence cotton is gathered.

[280] Of old there was no balsam in all the world save in the land of Jerusalem, and that was in Jericho. Afterwards the Egyptians came thither, took away the shrubs into Egypt, and planted Ihem in their city of Babylon/ which is now the only place where balsam is found.

[281] O peregrino faz a ressalva de que o cedro do Líbano é uma árvore mais alta, mas que não dá fruto, ao passo que o cedro da costa é menor, mas dá fruto.

[282] [...] one beneath the rind in the flesh, which is insipid; and one in the kernel, which is acid.

[283] [...] which went on in their wickedness, were burned up with a flood of sulphurous file and were sunk in that lake.

[284] A região fica na junção de placas tectônicas e é a mais abaixo do nível do mar em todo o planeta (mais de 420 m) e por conta disso fala-se ter havido um terremoto no passado que engoliu cidades, afundando também a crosta terrestre. Veja, sobre as placas, em <http://www.nasa.gov/multimedia/imagegallery/image_feature_708.html>.

com a Arábia (STEWART, 1894, p. 33). Pseudo Beda tem apreço pela onomástica e procurou dar o significado dos nomes de praticamente cada cidade na região, bem como as quarenta e duas estações de paradas dos peregrinos hebreus quando saíram do Egito em direção à Canaã (STEWART, 1894, p. 40s). Sempre que possível, fez associações com as passagens da Bíblia, bem como aos eventos que ela conta.

A narrativa segue os locais posteriores à entrada dos hebreus em Canaã, indo pela costa do Mediterrâneo a cidades como Tiro e subindo até Beirute e Damasco, depois retornando pelo caminho das fontes do Jordão, Jor e Dan, entrando novamente em Israel e passando pelas cidades mencionadas na história religiosa da região até chegar a Jerusalém, onde se deteve demoradamente nas descrições.

Os demais peregrinos apresentados na obra de Stewart nada acrescentam ao que já sabemos; repetem o mesmo modelo, fazendo descrições geográficas, dizendo o que ficava próximo ao quê, sempre que possível fazendo associações com os relatos bíblicos.

4.2.3 Benjamim de Tudela (1130-1173)

O itinerário mais notável do período vem do século 12. Aqui a nossa atenção se volta para um rabino chamado Benjamim, que ficou conhecido como Benjamim de Tudela (1130-1173), cidade no Norte da Espanha. Benjamim foi um viajante e escritor judeu-espanhol da Idade Média que escreveu livros importantes e descreveu a vida medieval em diversas partes do mundo, mas pouco se sabe sobre a sua vida.

Das obras de sua autoria, interessa-nos o *The Itinerary of Benjamin of Tudela*, publicado em 1907[285] pelo rabino Marcus Nathan Adler, que traz o itinerário original em hebraico, a tradução para o inglês, mapas e boa quantidade de notas sobre a jornada do rabino espanhol.

Além de escritor e viajante, parece que Benjamim comerciava algo nas viagens que empreendia. Ao chegar nalguma localidade,[286] procurava agrupamentos ou o lar de algum judeu, pois embora tivesse cultura e língua diferentes, guardava em comum com judeus

[285] A primeira edição do Itinerário é de 1840 e a segunda, de 1842. As vinte e três outras edições se baseiam em uma edição em Constantinopla de 1543 e outra Espanhola de 1556.

[286] São várias as regiões visitadas. Partindo de Zaragoza, seguiu pela Europa até o Oriente Médio, ao que chamou Ásia, aos países que hoje chamamos Líbano, Israel, Síria, Iraque, Irã, Arábia, Índia e China. Na volta, visitou o Norte da África e retornou para a Europa, encerrando o seu "diário de bordo" com menção a visitas a países da Europa: Alemanha, Boêmia, Eslavônia, Rússia e França.

do mundo todo o idioma religioso pelo qual podia aproximar-se e aproximar comunidades de diferentes regiões (BENJAMIN, 1907, p. xii) e absorver suas informações, tais como aspectos políticos, culturais, religiosos. Seus registros nos dão detalhes vívidos sobre distâncias, geografia, monumentos, população (etnografia) de vilas, cidades e aldeias, comentando e corrigindo comentários de outros autores dados como certos à época. Devido a sua cultura, mencionou autores, citou outros Itinerários, textos religiosos, breves histórias de reis e governantes, passagens históricas e textos da Torá etc.

Não temos como ter certeza se o que motivava a aproximação com judeus locais era, exclusivamente, a língua religiosa em comum ou o fato de que no século XII, "os árabes terem perdido muito do seu espírito marcial" (BENJAMIN, 1907, p. vii; trad. nossa),[287] devido a rivalidade anterior com os cristãos. A jornada de Benjamim ocorreu entre a primeira e a segunda Cruzadas, pois que foram "os maus-tratos, pelos seljúcidas, dos peregrinos cristãos para Palestina, que despertou a Europa cristã e levaram à Primeira Cruzada" (BENJAMIN, 1907, p. vii,viii; trad. nossa).[288]

O governo do Egito, quando Benjamim passou por lá, estava nas mãos de El-Did, o califa fatímida. Este colocou como seu vizir a Saladino, que em poucos meses, mediante a boa administração que fez, recuperou o Egito dos cinco anos de devastação que havia sofrido. Nesta época, o Sul do Mediterrâneo estava nas mãos dos francos (BENJAMIN, 1907, p. iv). "A deposição do califa fatímida na sexta-feira, 10 de setembro de 1171, e sua posterior morte, causou um pouco de tensão. Saladino continuou a governar o Egito como tenente" (BENJAMIN, 1907, p. x; trad. nossa).[289]

Adler comenta que Benjamin é dos poucos escritores da Idade Média a mencionar um poderoso rei-sacerdote cristão, Prester John (ou seria *priester* John?), rei sobre um povo vindo da Ásia Central[290] e que invadiu a Ásia Ocidental expulsando os muçulmanos

---

[287] "Mas já havia perseguição aos judeus, como diz, no Reino Mourisco de Cordova. Congregações judaicas na rota da Alemanha à Palestina eram dispersadas e desfeitas. Assim, não é improvável que sua jornada tivesse como objetivo a procura por segurança fora da sua terra natal e a clara demonstração do esforço para aproximar-se de judeus independentes, que não devessem fidelidade a outros estrangeiros" (BENJAMIN, 1907, p. xii). "[...] the Arabs had lost much os their martial spirit".

[288] It was the ill-treatment by the Suljuks of the Christian pilgrims to Palestine which aroused Christian Europe and led to the First Crusade.

[289] The deposition of the Fatimite Caliph on Friday, September 10, 1171, and his subsequente death, caused little stir. Saladin continued to govern Egypt as Nureddin's lieutenant.

[290] Eles eram ninguém menos que os infiéis, os filhos de Ghuz, ou Kofar-al-Turak, as selvagens hordas de mongóis de nariz achatado, das estepes Tártaras, que, em linguagem pitoresca de Benjamin, *adoram o vento e viver no deserto, comer pão e beber vinho, mas se alimentam de carne crua e não têm narizes – em seu lugar eles têm dois pequenos orifícios através dos quais respiram* (BENJAMIN, 1907, p. x; trad. nossa).

e seus exércitos. O Papa Alexander III, tendo conhecimento dessa situação, deu apoio e aliou-se a ele, dando esperanças aos cristãos sobre o domínio da Ásia (BENJAMIN, 1907, p. x). Adler diz que o Itinerário foi escrito nesse ambiente de confronto entre a cruz e o crescente e por isso também é importante para revelar o despertamento posterior do Islã, que tomaria lugar entre a segunda e a terceira Cruzadas (BENJAMIN, 1907, p. x).

4.2.3.1 A entrada de Benjamim à Terra Santa

Benjamim de Tudela chegou à Terra Santa de seus antepassados pela cidade de Acre, antiga Acco, onde disse encontrar cerca de 200 judeus, além de mais 200 em Casareia (Gate dos filisteus). Ao pé do monte Carmelo disse existir uma estrutura que os cristãos erigiram a S. Elias e no alto do monte estava o altar que aquele profeta consertou nos tempos do reinado de Acabe. Em Kako (a Queila bíblica), não havia judeus, como também em Sebastiya, mas em Lydda havia um judeu tintureiro (BENJAMIN, 1907, p. 19-20).

Siquém, sobre o Monte Efraim, é passagem para Nablus. Em Siquém não havia judeus, mas pela segunda vez no *Itinerário*, Benjamim menciona os Cuthim, mil dos quais viviam em Nablus (BENJAMIN, 1907, p. 20). A região situa-se no vale entre o Monte Ebal e o monte Gerizim. Os Cuthim[291] observavam apenas os escritos de Moisés e eram chamados de samaritanos. Tinham sacerdotes da ordem aarônica, os quais não se casavam com noivas samaritanas que não fossem das famílias sacerdotais. Esses sacerdotes ofereciam sacrifícios de holocaustos (ofertas queimadas) no monte Gerizim, onde afirmavam ser o próprio lugar do Templo (BENJAMIN, 1907, p. 20). Benjamim suspeitou que, apesar do conhecimento que têm da Lei de Moisés, esses cuthim não fossem descendentes de Israel, porque o alfabeto deles carecia de três letras, hê, hêth e ain, sendo substituídas pelo aleph (BENJAMIN, 1907, p. 21).

Sobre Jerusalém, nos disse que o edifício mais resistente é a Torre de Davi, embora o Templo de Salomão fosse o mais protegido, tendo trezentos cavaleiros aquartelados ali, realizando exercícios militares todos os dias. Outros soldados "vêm da terra dos francos

[291] Os chamados Cuthim eram os samaritanos que foram trazidos da Pérsia pelos assírios, depois de habitarem uma cidade mesopotâmica chamada *Cuthah*. Flavio Josefo escreveu que os judeus trazidos do exílio para Samaria foram assim rotulados porque vieram pela região chamada Cuthah, sendo chamados *cuthaioi* na língua grega e samaritanos na língua hebraica (*Antiguidades Judaicas*, IX, p. 288,290, apud V.J. Samkutty, *The samaritan mission in Acts*. London: T&T Clark, 2006, p. 62-63).

e das outras partes da cristandade, tendo assumido sobre si mesmos a responsabilidade de servir ali um ou dois anos até que seu voto se cumpra" (BENJAMIN, 1907, p. 22; trad. nossa).[292] É curioso notar que Benjamin informa ter Jerusalém apenas quatro portões: de Abraham, de David, de Sião e de Gushpat, que é o portão de Josafá (BENJAMIN, 1907, p. 22).

Do Monte das Oliveiras ele avistou o "mar de Sodoma, a uma distância de duas *parasangs*" (c. 12km). Próxima ao Mar de Sodoma está "a estátua de sal em que a esposa de Ló foi transformada; as ovelhas lambem-na continuamente, mas depois ela recupera a sua forma original" (BENJAMIN, 1907, p. 23; trad. nossa).[293] O ribeiro de Cedron está mais ao sul e Benjamim parece ter passado por ali na primavera, notando uma grande estrutura para captação de água da chuva que datava dos tempos bíblicos, ao que ele chamou "tempo dos nossos antepassados". Havia cisternas nas casas (BENJAMIN, 1907, p. 23).

Ao lado sul da velha Jerusalém estava o Monte Sião, onde se diz ter havido uma igreja. Uma das paredes dessa construção havia desabado há cerca de quinze anos e o Patriarca de Jerusalém contratou dois trabalhadores assalariados para restaurá-la. Era preciso usar pedras de um velho muro para restaurar as paredes da igreja. Mas num dia, curiosos sobre as ruínas de onde as pedras eram removidas, os dois trabalhadores resolveram entrar nas ruínas e ver o que havia ali. Encontraram pilares de mármore cobertos de prata e ouro, uma mesa de ouro com um cetro e uma coroa: era o sepulcro do Rei Davi. À sua esquerda encontraram o sepulcro do Rei Salomão, seguido pelos sepulcros de outros reis de Judá, dos quais nenhum homem conhecia a sua localização até aquele dia. Quando tentaram entrar nas câmaras, um vento forte soprou no lugar e os homens caíram no chão como mortos. Então ouviram uma voz dizendo: "Levantem-se e saiam daqui". Eles fugiram apavorados e contaram isso ao Patriarca, que contou ao rabino Abraham, o *Constantini*, o pio recluso, um enlutado de Jerusalém. O rabino e o Patriarca combinaram ir até o local no dia seguinte, levando consigo os dois homens. Esses, ainda assustados, recusaram-se a voltar ao lugar, alegando que o Senhor não desejava mostrar aquilo a homem algum, ao que o Patriarca deu ordens que o local deveria permanecer escondido da vista dos homens, e assim estava até os dias de Benjamim de Tudela. Essas

---

[292] [...] come from the land of the Franks and the other parts of Christendom, having taken upon themselves to serve there a year or two until their vow is fulfilled.

[293] [...] is the Pillar of Salt into which Lot's wife was turned; the sheep lick it continually, but afterwards it regains its original shape.

coisas foram ditas a Benjamin pelo próprio rabino Abraham (BENJAMIN, 1907, p. 24,25).

A próxima cidade do Itinerário, Belém, é chamada pelos cristãos de Beth-Leon, e fica a cerca de 24 km de Jerusalém. Pouco é dito sobre Belém, a não ser uns detalhes sobre estruturas e ruínas, sobre seus ribeiros e dois judeus que trabalham como tintureiros – o que parece ser uma das atividades nas quais os judeus do período mais tivessem se envolvido, haja vista as repetidas menções do viajante feitas a essa profissão. De lá, partiu para "a cidade de St. Abraham de Bron, que é Hebrom. A cidade velha sobre o monte está em ruínas, e no vale está o campo de Macpela" (BENJAMIN, 1907, p. 25; trad. nossa).[294] A igreja de S. Abraham serviu de local de culto para judeus durante o domínio muçulmano. Em Hebron há seis tumbas cuja construção ele atribuiu aos cristãos. As tumbas são "respectivamente chamadas de Abraão e Sara, Isaque e Rebeca e Jacó e Lia" (BENJAMIN, 1907, p. 25), remetendo aos patriarcas do povo judeu e suas esposas.

> Os guardiões [das tumbas] dizem aos peregrinos que ali estão os sepulcros dos Patriarcas, informação pela qual os peregrinos lhes dão gorjetas. Se um judeu vai até lá, no entanto, e dá uma gratificação, os guardiões abrem-lhes um portão de ferro, construído pelos nossos antepassados, e então é possível descer andando com os guardiões, segurando um candeeiro. Ele, então, chega a uma câmara, onde nada é encontrado, e uma câmara além, que está igualmente vazia, mas na terceira câmara estão seis sepulcros, os tais de Abraão, Isaque e Jacó, defronte aos de suas respectivas esposas, Sara, Rebeca e Lia (BENJAMIN, 1907, p. 25; trad. nossa).[295]

Em *Theodosius* encontramos menção a caverna, quando diz: "Daí para o Terebinto, que é chamado o carvalho de Mamre, são 2 milhas. Do Terebinto até a Caverna Dupla, onde os patriarcas descansam, são 4 milhas" (THEODOSIUS, 1893, p. 9).

A próxima cidade é Maressa e é chamada de Beit Jibrin, onde vivem três judeus.

> Quando os cristãos capturaram Ramlah, a Ramah dos antigos, das mãos dos muçulmanos, eles encontraram ali o sepulcro de Samuel, o ramatita, perto de uma sinagoga judaica. Os cristãos levaram os seus restos, enviaram-nos a Siló,

[294] [...] is St. Abram de Bron, which is Hebron; the old city stood on the mountain, but is now in ruins; and in the valley by the field od Machpelah.

[295] The custodians tell the pilgrims that these are the tombs of the patriarchs, for which information the pilgrims give Money. If a Jew comes, however, and gives a special reward, the custodian of the cave opens unto him a gate of iron, which was constructed by our forefathers, and then he is able to descend below by means of steps, holding a lighted candle in his hand. He then reaches a cave, in which nothing is to be found, and a cave beyond, which is likewise empty, but when he reaches the third cave behold there are six sepulchres, those of Abraham, Isaac and Jacob, respectively facing those of Sarah, Rebekah and Leah.

> e ergueram sobre eles uma grande igreja, chamada de São Samuel de Siló até aqueles dias (BENJAMIN, 1907, p. 26; trad. nossa).[296]

Encaminhando-se para o final do seu itinerário vem o registro de Rams ou Ramleh, onde também havia ruínas, um muro, de períodos aos quais Benjamim associou aos de seus ancestrais. Neles há escrituras gravadas nas pedras e nesta grande cidade vivem cerca de 300 judeus. Distante duas milhas havia um cemitério judaico que ele disse ser grande (BENJAMIN, 1907, p. 27). Depois estava Jafa, na costa do mar, onde morava um judeu tintureiro. No sentido de Ibelin ou Jabneh, há 30 km, ficava a Academia. Benjamim não deu detalhes do que seria a tal Academia; talvez tivesse usado categorias europeias e se estiver certo a Academia seria um local de instrução para o povo judeu, uma escola avançada de estudos rabínicos, um *yeshiva*. Mais 30 km adiante, Asdode dos *Philistines*, em ruínas e sem população de judeus. Distante 12 km está *Ashkelonah* ou *New Askelon*, cuja memória ele remeteu ao sacerdote Esdras, do período do exílio babilônico.

> Era originalmente chamada Bene Berak, 24 km da antiga ruína da cidade de Askelon. A New Askelon é grande e um lugar justo [*fair place*], para onde *merchants* vem dos quatro cantos, por estar situada de frente para o Egito. Cerca de 200 rabinos judeus vivem ali, liderados por R. Zemach, R. Aaron e R. Solomon; também há quarenta caraítas e cerca de 300 cuthim [ou samaritanos]. (BENJAMIN, 1907, p. 28; trad. nossa)[297]

Benjamim estava na região da atual Faixa de Gaza e essa grande comunidade de rabinos pode ser a mesma mencionada por Karen Armstrong (2009, p. 49) quando fala da presença de judeus em Gaza no século 17: “Ouvira falar de um jovem e talentoso [rabino] cabalista de Gaza”.

Finalmente, as cidades mencionadas são St. George ou Ludd; Zerin ou Jezreel; Saffuriya ou Sepphoris, onde estão os sepulcros de Rabbenu Hakkadosh, do Rabban Gamaliel e do R. Chiya, que veio da Babilônia e também de Jonas, filho de Amitai, o profeta. Tiberias, acima do Jordão, chamado de Mar de Quinerete. Em Tibérias viviam cerca de 50 judeus, liderados pelo R. Abraham, o astrônomo, R. Muchtar e R. Isaac. Nos

---

[296] When the Christians captured Ramlah, the Ramah of old, from the Mohammedans, they found there the grave of Samuel the Ramathite close to a Jewish synagogue. The Christians took the remains, conveyed them unto Shiloh, and erected over them a large church, and called it St. Samuel of Shiloh unto this day.

[297] Is was originally called Bene Berak. The place is four parasangs distant from the ancient ruined of Askelon. Nwe Askelon is a large anda fair place, and merchants come thither from all quarters, for it is situated on the frontier of Egypt. About 200 Rabbanite Jews dwell here, at their head being R. Zemach, R. Aaron, and R. Solomon; also about forty Karaites, and about 300 Cuthim.

arredores de Tibérias Benjamim disse haver águas quentes que borbulhavam. Dois dias de viagem para Tymin ou Timnathah, onde nos arredores estava a sepultura de Hillel e Shammai, grandes rabinos do primeiro século, e vinte sepulcros de seus discípulos. Outro cemitério apontado ficava em Almah. Benjamim visitou Bânias, no Norte, na fronteira entre Israel e a Síria, e, deixando *a* terra de seus antepassados para trás, seguiu para a Síria.

4.2.4 *Citez de Jherusalem* (1220)

Uma notável destruição das igrejas e, aparentemente das demais edificações na cidade de Jerusalém aparece em uma narrativa anônima do século XIII, originalmente publicada em francês antigo sob o título *Citez de Jherusalem*, dá conta da conquista de Jerusalém por Saladino em 1187 A.D., e foi escrita, provavelmente, em 1220 (CONDER, 1896, do prefácio em inglês). O autor deixa transparecer sua dificuldade em identificar os locais onde as igrejas deveriam estar, dizendo haver uma abadia nas imediações do Monte das Oliveiras e que "Jerusalém não fica muito longe daqui". A razão da destruição também foi dada: Saladino e os sarracenos haviam tomado Jerusalém e modificado sua paisagem em relação a antigos itinerários que o peregrino pode ter usado para se guiar (CONDER, 1896, p. 1-2). Na ocasião da estadia, Jerusalém estava novamente nas mãos do protetorado cristão, pelo que o Domo da Rocha, e.g., era usado como igreja e chamado de *Templum Domini* (CONDER, 1896, p. 13).

Embora não faça qualquer menção ao fato de ser um religioso com credenciais que davam acesso a áreas restritas, o autor de *Citez de Jherusalem* nos pareceu ter permissão para entrar a áreas dos templos e dos edifícios e dar um nível mais profundo de detalhamento sobre as partes internas dos mesmos. E depois de descrever aspectos do sepulcro de Jesus e da igreja de Santa Helena, onde disse que ela "encontrou a cruz, os pregos, o martelo e a coroa [de espinhos colocada em Jesus]", saiu para a rua próxima à rua das Ervas, a uma rua chamada Mal-quisinat.[298] "Nesta rua os alimentos eram cozidos e vendidos para os peregrinos, e eles lavavam as suas cabeças. Dali eles partiam para o Sepulcro" (CONDER, 1896, p. 11). Bem, um comércio de alimentos, e mais que isso, de animais também, se estabeleceu em função do ponto de encontro dos peregrinos, a ponto

[298] Mal-quisinat é uma forma francesa e irônica para "má cozinha", "má alimentação".

de Conder chamar o local de *Exchange*.[299] Depois do empenho de Constantino em demarcar com construções os pontos de interesse para a peregrinação, esta é a primeira vez que uma atividade comercial aparece relacionada às viagens feitas por religiosos à Jerusalém.

Aparentemente, o comércio estava nas mãos dos sarracenos. Eram eles que permitiam aos cristãos visitarem o Sepulcro de Jesus, acessado por uma rua lateral, não pela rua principal. Mas a visitação ocorria de maneira discreta, sempre pagando por isso: serviços, presentes e dinheiro, pago em trinta *bezants*, uma moeda de ouro cunhada no Império Bizantino. Isso não durou muito tempo, pois logo os cristãos foram excomungados (não deixou claro por quem), e os sarracenos não puderam mais lucrar com o negócio (CONDER, 1896, p. 16). O que permaneceu daquele tempo parece ter sido uma característica ainda hoje observável: o comércio localizado (como vimos) e a divisão da cidade por bairros. O que hoje chamamos "cidade velha" está dividida em bairros (v. Figura 7),[300] e já naqueles dias as ruas eram identificadas pela etnia: "Aqui morava a maioria dos sírios de Jerusalém, e as ruas eram chamadas judaicas", e também fala de "ruas latinas", isto é, onde estavam os monastérios e igrejas dessa tradição (CONDER, 1896, p. 25,28).

Figura 5. ***Matthew Paris' Map of Palestine***. Neste mapa produzido após 1.254, Jerusalém é o quadrado no canto superior direito com Acre maior ocupando o centro. A extensão das suas muralhas à

[299] "I will come back to the Exchange. Before the Exchange ..." indica haver um local determinado para o comércio.

[300] Os bairros são: judeu, armênio, muçulmano e cristão. A área do Templo completa a cidade velha.

esquerda mostra as fortificações construídas por St. Louis durante a sua Cruzada em 1.252-4. No canto superior esquerdo está uma clausura onde inimigos eram aprisionados. 35x45cm. *British Library Ms Royal* 14.C.VII, fols 4v-5v.[301]

Foto 1. *Hospício Armênio (2011)*. Nesta foto se vê a entrada do hospício (hospedaria) administrado pela igreja de tradição armênia, por onde percebemos a separação entre as tradições, mais claramente vista na divisão dos quatro bairros na cidade velha. Arquivo pessoal do autor.

A segunda parte de *Citez de Jherusalem*, intitulada *Of the Pilgrimages in the Holy Land*, é dedicada a apontar a localização de pontos e distâncias entre igrejas, cidades, árvores usadas como referência e no início aparece o que se chamava *Castle Pilgrim*, próximo à vila Cafarnaum, ao Monte Carmelo e a um local conhecido pela presença de eremitas latinos (CONDER, 1896, part II, p. 31). A continuação repete o modelo dos demais itinerários, indicando a cidade, as distâncias, seus arredores e o que o viajante vê e que associa a passagens das Escrituras.

[301] Disponível em <http://cartographic-images.net/Cartographic_Images/225.1_Palestine.html> e acessado em 12.07.2016.

4.2.5 Philippus Brusserius Savonensis *(c. 1350 A.D.)*

O relato atribuído a Philippus Brusserius Savonensis, ou somente Savonensis, envolve a complexidade própria dos textos similares de sua época, a época das Cruzadas. O tradutor para o inglês, J. H. Bernard, adverte que outros guias de viagens para a Terra Santa usavam expressões repetidas que foram encontradas em obras escritas antes e depois desta, o que complica a datação do presente texto (BERNARD, 1894, p. v). Do próprio autor não sabemos muito; talvez fosse um peregrino aproveitando a oportunidade de visitar a região como resultado de alguma ação dos Cruzados[302] e pode ser que fosse um padre ou bispo, pois são encontradas menções a sermões de sua autoria.

A recomendação inicial do autor é que toda peregrinação pela Terra Santa deva começar pela cidade de Nazaré, porque ela é a "cidade do Salvador" e, portanto, onde tudo deve ter o início (BERNARD, 1894, p. 1). A ideia por trás dessa recomendação aparentemente de caráter turístico nada mais é do que a tentativa de indicar como começar a prática ou a busca do perdão dos pecados, em outras palavras, alcançar a indulgência, uma inovação teológica em voga entre os cristãos da época. É notável encontrar repetidas vezes no texto as expressões "E há sim absolvição de dor e culpa" e "Há sim absolvição por sete anos e sete estações quaresmais"[303] (BERNARD, 1894, p. 5s.). Essa deve ter sido uma fórmula regular para as indulgências temporárias (cfm. texto latino *indulgentia septem annorum et septem guarentenarum*), distinta de uma indulgência plenária (*absolutio a poena et culpae*) (BERNARD, 1894, p. 5, n. 2).

Assim, o guia de Savonensis pode ter servido como opção para a obtenção dos privilégios prometidos pela Igreja, como estão ligados pelas estações quaresmais, uma vez que o peregrino percorresse os lugares sagrados mais importantes de se visitar (BERNARD, 1894, p. vi).

Embora o autor não tivesse um critério historiográfico rígido, nem é de esperar que tivesse, ele fez descrições de prédios e locais importantes, assim como os demais roteiros, e procurou demonstrar interesse pela história sem se distanciar muito das descrições

---

[302] Cfm. LYONS, Mathew. Pilgrims in a Strange Land. Published in *History Today*, v. 64, Issue 9, September 2014. Disponível em <http://www.historytoday.com/mathew-lyons/pilgrims-strange-land> e acessado em 03.08.2016.

[303] "And there is absolution from pain and guilt" e "There is absolution for seven years and seven Lenten seasons".

bíblicas, que para ele eram a base de suas afirmações. Sobre Jerusalém, por exemplo, ele comentou os diversos nomes que a cidade recebeu: primeiro ela foi chamada de Jebus, e então Salém. Esses dois nomes deram origem ao terceiro, Jerusalém. Então ela veio a ser chamada Hierosolima, Solima, Luz, Betel. Por último, *Aelia*, quando foi reconstruída e rebatizada por Adriano (BERNARD, 1894, p. 4,5).[304] Silva (2010, p. 31) informa que no período intertestamental (dos Macabeus) Jerusalém foi chamada Antioquia da Judeia.

A chamada "lenda do Anticristo galileu",[305] frequente na boca dos peregrinos na Idade Média, também sobreviveu por meio da narrativa de Savonensis. "O Mar da Galileia começa entre Betsaida e Cafarnaum. Quatro milhas de Betsaida está Corazim, na qual o Anticristo, sedutor do mundo, está sendo alimentado. Isso foi o que Jesus disse destas duas cidades: "Ai de ti, Betsaida! Ai de ti, Corazim!"[306] (BERNARD, 1894, p. 36), por onde vemos que o autor de *Guide Book to Palestine* considera amplamente sua cosmovisão religiosa cristã, e por isso não abre o leque de oportunidades para sabermos mais sobre o período, bastante agitado pelos atritos entre cristãos e muçulmanos.

4.2.6 *John Poloner (c. 1421 A.D.)*

Às vésperas da Reforma Protestante na Europa, surge um peregrino cuja descrição da Terra Santa aparece sob autoria de John Poloner. Sua nacionalidade, no entanto, era alemã, como argumenta dr. Tobler (v. n. 217), a partir do uso de milhas alemãs na indicação de distâncias entre localidades visitadas pelo autor e o cálculo de quanto elas

---

[304] A obra de Guy Le Strange (1890), a partir de Ms. árabes e persas do período em que Jerusalém esteve nas mãos dos árabes, apresenta uma explicação dada por um geógrafo árabe sobre os nomes da cidade. O geógrafo, Yakut, escreveu que a Cidade Santa é chamada Iliya porque este foi o nome da mulher que edificou Jerusalém (cfm. Yakut in *Geographical Dictionary*, iv. 592, apud STRANGE, 1890, p. 84). Ocorre que Strange explica (como sabemos) depois do Imperador Adriano ter expulsado os judeus da cidade, reconstruído-a e rebatizado de *Aelia Capitolina*, em 130 (cfm. o autor). Os árabes, quase mil anos depois, preservaram apenas o primeiro nome da cidade do modo como conseguiam pronunciar, Iliya (em vez de *Aelia*). Strange informa que Iliya não tem qualquer significado para os árabes, embora tenha dado ocasião para o surgimento de inúmeras lendas a seu respeito. Uma delas procura reconstruir uma genealogia com a finalidade de legitimar a tradição do Islã. Iliya significaria Bait Allah (a Casa de Deus), e que tem sido chamada assim depois da sua construção por Aram, filho de Sem, filho de Noé, irmão de Damasco, Emessa, Jordão e Filastin (ou Palestina) (cfm. Yak., i. 423, 424.) (STRANGE, 1890, p. 84)

[305] ARAV, Rami; FREUND, Richard A. *Bethsaida: A City by the North Shore of the Sea of Galilee*, v. 3. Kirksville: Truman State University Press, 2004, p. 274-5.

[306] The Sea of Galilee begins between Bethsaida and Capernaum. Four miles from Bethsaida is Chorazin, in which Antichrist, the world's seducer, is to be nurtured. It was of these two cities that Jesus said, 'Woe to thee, Bethsaida! woe to thee, Chorazin!'. Referência a passagem do Evangelho de Lucas 10.13.

equivaleriam em milhas italianas (POLONER, 1894, p. iii,32). Neste sentido, o texto repete medidas em pés e passos, especialmente quando descreve igrejas, capelas e altares, e tiros de pedra ou arremesso de pedra (e.g., POLONER, 1894, p. 6-7,17).

A data da peregrinação foi calculada a partir das indicações de festividades, como "véspera do dia de S. Thomas" quando passou pelo porto de Beirute e quando os árabes (sarracenos) estavam colhendo frutos no Monte das Oliveiras no dia de S. Jorge (23 de abril), ambos em 1422 (cfm. POLONER, 1894, p. iv,27).

Aubrey Stewart, o tradutor, acredita que parte da obra tenha se perdido, por dois motivos. Primeiro, porque o manuscrito a que teve acesso tem o início fragmentado: "A seguir, a descrição das portas que estavam na muralha da cidade de Jerusalém, e que são mencionadas no texto da Sagrada Escritura". (POLONER, 1894, p. 1; trad. nossa).[307] Segundo, porque falta uma descrição mais acurada do Santo Sepulcro, o que não faltaria no roteiro de qualquer viajante europeu, salvo se ele tivesse feito um capítulo à parte da obra principal (POLONER, 1894, p. v; comp. p. 4).

O itinerário percorrido contemplou a cidade de Jerusalém, sempre com destaques para seus Portões, como o Portão de Ouro, ali colocado desde os dias dos jebusitas[308] (POLONER, 1894, p. 1); os arredores e diversos sítios de interesse comum a outros devotos, a próxima cidade, que é Betânia, depois Belém, de Belém para o Vale de Hebrom, e as divisões na Terra Santa (ver a seguir) para, finalmente, partir rumo ao Egito, quando diz que o rei Herodes (ou Herodes, o Grande), nasceu em Ascalon, uma das cinco cidades situadas na região de Gaza (POLONER, 1894, p. 43); é mais comum ler sobre Herodes como idumeu (ou natural de Edom), região vizinha a Gaza.

Poloner retoma uma história, observada nos primeiros itinerários, dizendo ter passado próximo do "Portão da Rua dos Judeus, que olha para fora da cidade para o sul, [onde] há um lugar marcado no qual os judeus ensaiaram lançar mãos violentas sobre o glorioso corpo da Virgem, quando estava sendo levada pelos Apóstolos em seu enterro" (POLONER, 1894, p. 12-13; trad. nossa).[309] Ele insiste que naquele lugar houve uma

---

[307] Next follows the description of the gates which were in the wall of the city of Jerusalem, and which are mentioned in the text of Holy Scripture.

[308] De Jebus, os jebusitas eram os habitantes originais antes da conquista israelita. Ver *Philippus Brusserius Savonensis* para os nomes dados a Jerusalém ao longo dos séculos.

[309] Near the Gate of the Street of the Jews, which gate looks out of the city to the southward, there is a place marked at which the Jews essayed to lay violent hands upon the glorious Virgin's body, when it was being borne along by the Apostles for burial. [...] From the place of the aforesaid violent attempt at robbery (of the Virgin's body) ...

"tentativa violenta de roubo (do corpo da Virgem)" e também dá como certas todas as localizações de pontos ora associados a alguma pessoa cujo nome aparece na Bíblia ou evento ali ocorrido, incluindo os que não constam da Bíblia. Quando esteve em Beirute, no Líbano, disse que mediu duzentos e noventa passos rumo Leste, para fora do portão da cidade, e chegou ao lugar onde ocorreu a cena imortalizada de S. Jorge matando a serpente enrolada (POLONER, 1894, p. 27).

Nisso, percebemos a força das tradições católicas ao longo dos séculos, uma vez que peregrinos que passaram pelos mesmos lugares séculos antes nem sempre mencionaram ou fizeram as mesmas associações. Como era o período medieval, com predomínio da Igreja Católica e o seu pensamento religioso (ainda que em confronto direto recente com os muçulmanos), podemos deduzir que aquilo que foi uma suspeita no passado, consolidou-se em tradição indiscutível no tempo de John Poloner. Veja outros exemplos nas narrativas de Arculfo (c. 670 A.D.), feitas anteriormente.

A despeito da presente discussão entre judeus e palestinos sobre a historicidade do nome *Palestina*,[310] Poloner (ele viveu no séc. XV) lança uma luz. Falando sobre as divisões da terra entre doze tribos de Israel no Reino da Judeia, acrescentou haver outro reino chamado Samaria, cuja capital foi chamada Samaria ou Sebastia. "Ambos os reinos, juntos com a terra dos filisteus, eram chamados Palestina, que era apenas uma parte dele, assim como Saxônia e Lorraine são partes da Alemanha e a Lombardia e a Toscana são partes da Itália" (POLONER, 1894, p. 23, trad. nossa).[311] Poloner acrescenta haver, em seu tempo, três Palestinas. A primeira tinha a capital em Jerusalém, com seus montes em redor e a vida selvagem de Cades Barnea até o mar Morto. A segunda, com a capital em Cesarea Marítima, "com toda a terra dos Filisteus começando em Petra Incisa [atual Athlit[312]] e indo em direção a Gaza para formar a Terra Santa para o sul"; e a terceira Palestina, com capital em Bete-Seã, ao pé do monte Gilboa, que foi chamada Citópolis (POLONER, 1894, p. 23. Citópolis ou Scythopolis é a atual Beit Shean).

O itinerário de John Poloner foi escrito a partir de uma detalhada observação, a despeito de suas crendices religiosas, e foi acompanhado de um mapa em que ele dividiu

---

[310] Há grupos de judeus e não judeus em todo o mundo que defendem a ideia de nunca ter existido uma terra chamada Palestina e, portanto, não há um povo chamado palestino, e que esse nome foi criado no século XX.

[311] Both these kingdoms, together with the land of Philistim, were called Palestine, which was but a part thereof, even as Saxony and Lorraine are parts of Germany, and Lombardy and Tuscany are parts of Italy.

[312] Município de tipo agrícola situado na costa mediterrânica, aos pés do monte Carmelo, fundado em 1903.

toda a região em quadras, certamente para ajudar a localização dos pontos, e ainda mais para facilitar a composição do próprio desenho. Assim, ele diz que "a Palestina que é propriamente chamada Galileia ... está na quadra 37 ... sobre uma colina que no mapa eu tenho pintado de verde. [...] Samaria ... na quadra 53. [...] Eu tenho pintado a Judeia, seu campo e colinas de amarelo" (POLONER, 1894, p. 24). O mapa, no entanto, foi perdido, e uma reprodução a partir das descrições contidas na obra foi feita pelo dr. Tobler. Acreditava-se, à época da tradução de sua obra para o inglês, que o mapa de Poloner fora um dos primeiros feitos sobre a região (POLONER, 1894, p. iv).

Igrejas, conventos e monastérios na Terra Santa exerciam (e exercem) fascínio nas pessoas de fé a ponto de os peregrinos prepararem esboços ou rascunhos, especialmente da Igreja do Santo Sepulcro, a fim de levá-los para a Europa, ou onde quer que morassem, quando fizeram suas peregrinações. Os viajantes apresentavam esses esboços às autoridades religiosas a fim de que pudessem reproduzir na Europa a arquitetura original adotada nos edifícios em Israel (ARAD, 2014, p. 2). Essa tentativa de aproximar, por meio da produção idêntica das catedrais, certamente atribuía maior sacralidade ao novo edifício, e, com isso, transmitia maior autoridade religiosa. Mas com a eclosão da Reforma Protestante, as peregrinações tiveram seu ímpeto diminuído.

O artigo de Pnina Arad[313] nos dá uma ideia do hábito de construir edifícios religiosos na Europa a partir dos modelos visitados na Palestina. Um dos exemplos é William Wey, sacerdote e teólogo no *Eton College*, na Inglaterra, que recebeu permissão de Henrique VI para peregrinar pela Terra Santa, em 1457. Após o retorno, ele construiu uma pequena capela no monastério de Edington a partir de memórias que guardava do Santo Sepulcro (ARAD, 2014, p. 307-316).[314]

No período medieval, quando ocorreram as Cruzadas, o contato entre a Europa cristã e o Oriente Médio árabe-muçulmano, remodelou ambas as culturas, estimulou o comércio e um processo de reconfiguração da geopolítica nestes territórios, e promoveu o trânsito de ideias, de informações e de inovações. "Nossos modernos numerais arábicos se popularizaram no Ocidente graças, em larga medida, aos documentos e contratos de

[313] O artigo concentra informações e análises sobre os mapas produzidos pelos dois peregrinos.

[314] Além do peregrino William Wey, Arad registra a breve história do italiano Gabriele Capodilista, um nobre, membro de uma das mais ilustres famílias de Pádua, que fez sua peregrinação em 1458, sendo, posteriormente, ordenado a sacerdote na Bologna. As experiências de Capodilista na Terra Santa estão registradas no *Itinerario di Terra Santa*.

negócios assinados entre mercadores muçulmanos e seus colegas italianos" (LYONS, 2011, p. 46). O trânsito entre ambas as esferas culturais mexeu nos fundamentos da produção ocidental, nas artes, nos costumes, na alimentação, nas ciências, na astronomia, na literatura, na música, na filosofia, como conclui Jonathan Lyons, do Centro de Pesquisas sobre Terrorismo Global da Universidade Monash (Melbourne, Austrália) e ex-correspondente da Reuters:

> Para um mundo alienado da própria ideia de ciência por causa de seu foco na vida eterna, e separado por escolha e circunstância das grandes tradições intelectuais do mundo clássico, cálculos exatos e observações meticulosas estavam em falta [...] O Cânone da medicina, do médico e filósofo persa do século XI Avicena, tornou-se o principal texto dessa área no Ocidente por mais de quinhentos anos e a escola de medicina de Salerno, no sul da Itália, foi o centro da transmissão do saber médico muçulmano para a Europa (LYONS, 2011, p. 53,117).

4.2.7 *Mujir Ad Din (1496 A.D.),* o historiador palestino

Embora não tenha se deslocado de um país estrangeiro, é preciso fazer justiça ao conjunto de obras produzidas, como temos apresentado nesta pesquisa, com a finalidade de dar descrições as mais variadas, tanto da região da Terra Santa com Jerusalém no epicentro dos relatos como da cultura, religião, economia e comércio. Por isso registramos nessa altura a obra produzida originalmente em árabe, *al-Uns al-Jalil bi-tarikh al-Quds wal-Khalil* (*The glorious history of Jerusalem and Hebron*), ou simplesmente *Chronique de Moudjiî-ed-dyn*.

Mujir Ad-Din (1456-1522), o hanbalita[315], foi um *qadi* (perito na sharia) de Jerusalém, historiador palestino, cuja principal e mais extensa obra escrita foi uma crônica sobre Jerusalém e Hebrom, escrita em c. 1495. A relevância da obra está nos detalhes apresentados sobre ambas as cidades, a mais completa do período. De família influente e com sólida formação na lei e na tradição islâmica hanbalita, Mujir Ad-Din não é o peregrino no sentido como usamos nesta pesquisa, mas não deixa de ser um peregrino ao demonstrar interesse por locais, histórias e personagens reunidos nas demais narrativas feitas por viajantes vindos de outras partes, como temos visto. Diferentemente da maioria

[315] A linha hambalita é uma das quatro escolas ou ritos ortodoxos destinados a fixar as bases da lei religiosa e civil no Islã.

dos relatos anteriores, ele compôs seu texto sob a ótica muçulmana, mas sem deprezar elementos cristãos quando surgiram na paisagem das cidades descritas.

O historiador Donald P. Little (1995), especialista no período mameluco, pesquisou a obra de Ad-Din e avaliou a contribuição dada para o entendimento do período que compreende os séculos IX a XV e anterior, em que a primeira parte remonta a uma combinação da literatura *fada'il* (v. O período das Cruzadas – 1099-1187, anteriormente) e história pré-islâmica e islâmica de Jerusalém, extensivo a Hebrom (LITTLE, 1995, p. 239). Começando com "o achado da caverna", dá detalhes da localização, em Hebrom, da caverna onde foram sepultados os corpos de Abraão, Isaque, Jacó e suas respectivas esposas, Sara, Rebeca e Lea. Reuniu histórias correntes sobre o posicionamento de cada corpo na caverna, tipo de roupa, além de superstições e lendas a respeito das três famílias.

Ad-Din dedicou espaço para as histórias de outros antepassados do povo de Israel, como José, Ló, Jó, Jetro, Moisés, Davi, dando a suposta localização, às vezes com detalhes, de suas tumbas. Sobre a tumba de Davi, por exemplo, Mujir Ad-Din apresentou duas tradições sobre a sua localização. A primeira, na Igreja do Getsêmani, no vale a Leste de Jerusalém, que existe ainda hoje; a segunda, na Igreja no monte Sião, "que está fora de Jerusalém, no lado Sul, e é ocupada pela comunidade francesa: [onde] era de fato sua casa" (AD-DIN, 1876, p. 27). Este último local, como anotou, era muito reverenciado por cristãos como o túmulo de Davi, à época nas mãos dos muçulmanos da família palestina Dajani,[316] o que gerou "discussão" entre ambas as comunidades; ele não dá qualquer indício sobre o teor das discussões.

O segundo grande destaque da obra é a história da conquista de Jerusalém por Saladino, até a sua morte, além da perda do controle de Jerusalém pelos Ayubidas, às vésperas do período mameluco (c. 1260-1). Na segunda parte está a descrição física de Jerusalém, bairros, ruas, cemitérios, acidentes geográficos, além das histórias dos santuários de interesse para o Islã (LITTLE, 1995, p. 239). Relata a existência de madrasais (escolas corânicas), dá detalhes dos minaretes de Jerusalém, e *machhats* (capelas funerárias muçulmanas), o estado geral da cidade, igrejas e conventos, fontes, vales e vilarejos em redor de Jerusalém, e mercados.

De interesse para o Islã, Ad-Din fala nesta parte sobre um minarete na parte da cidade de Ramleh (al-Ramla?) que sobreviveu a ataques (somente uma fração da cidade

[316] Sobre o túmulo e a família, v. <https://en.wikipedia.org/wiki/David%27s_Tomb#Early_history>, acessado em 20.12.2018.

sobreviveu). O minarete foi considerado pelos peregrinos muçulmanos como "uma das maravilhas do mundo" por ser único em sua elegância e elevação. Os viajantes diziam não haver um igual e ele foi concluído em 12 de outubro de 1318 (AD-DIN, 1876, p. 206), no entorno de uma mesquita, que parece ser aquela que Ad-Din chama de "mesquita-catedral", localizada no lado Oeste da cidade, do lado de fora, onde havia um cemitério, tudo construído durante o reinado de El Malek-Mohammad Naser (em seguida, ele dá relatos das cidades vizinhas: Lydda, Jericó, Ascalon, Gaza, Nablus).

Embora se trate de fragmentos da obra original, são fragmentos longos, é uma história propriamente dita. Conta sobre a "terceira reconstrução de Jerusalém", a conquista por Saladino e da construção da mesquita de Al-Aqsa por Abd-al-Malik e a grandiosidade da obra. Sobre o seu telhado, por exemplo, diz que "foi coberto [por] sete mil e setecentas lâminas de chumbo [...] Tudo isso foi feito no reinado de Abd-al-Malik, filho de Merwan". Ele acrescenta que este príncipe se mudou, mas trezentos de seus escravos negros[317] foram mantidos em Jerusalém pois foram comprados para o santuário, com os fundos retirados do tesouro público (AD-DIN, 1876, p. 56).

A manutenção da mesquita era feita por dez judeus isentos do pagamento de impostos; estes tiveram vinte filhos. A família de judeus era responsável pela varrição da "poeira produzida no momento da peregrinação, durante o inverno e verão, e manter limpos os locais comuns ao redor do *Masdjed* [mesquita]" (AD-DIN, 1876, p. 56).[318] Também dez cristãos de uma só família detinham, hereditariamente, a responsabilidade por preservar os tapetes da mesquita, varrendo-os. Cabia a eles a limpeza dos dutos que traziam para os tanques a água usada nas purificações. Outros funcionários judeus tratavam dos vidros, lâmpadas, baldes, lustres e outros objetos do aparato decorativo da mesquita. Sobre esses funcionários não incidiam os impostos dos demais povos não submetidos ao Islã, "isenção [...] aplicável a si mesmos e seus filhos para sempre, como se fossem eternas, desde o tempo de Abd-al-Malik filho de Merwan e assim por diante" (AD-DIN, 1876, p. 57).

---

[317] Sobre escravos sob o Islã, v. BRAUDEL, Fernand. *Gramática das Civilizações*. São Paulo: Martins Fontes, 1989, p. 138. Ver tbm. KI-ZERBO, Joseph. *História da África Negra I*. Lisboa: Publicações Europa-América, s/d. HEERS, Jacques. *Escravos e domésticos na Idade Média*. São Paulo: Difel, 1983. DAVIDSON, Basil. "Os Impérios Africanos". In: *História em Revista (1300-1400). A Era da Calamidade*. Rio de Janeiro: Abril Livros / Time-Life, 1992, p. 142-165.

[318] Ils étaient chargés de balayer les saletés produites à l'époque du pèlerinage, pendant l'hiver et l'été, et de tenir en état de propreté les lieux comuns situés autour du Masdjed.

A terceira das quatro partes da obra contém biografias de notáveis, de governantes mamelucos desde o tempo de Saladino até a época do autor, Mujir Ad-Din, e governantes de al-Quds (Jerusalém). Constam da extensa lista, *sheiks*, emires e *qadis* (peritos na sharia). Finalmente, a quarta parte é uma história específica da cidade durante o reinado do sultão Qa'it Bay até o ano 1494-95 (LITTLE, 1995, 239).

4.3 A Reforma Protestante e a era das explorações

Um evento que marcou a sociedade europeia em geral e a comunidade cristã em particular no século XVI foi a Reforma Protestante ou simplesmente Reforma. Embora houvesse grupos com aspirações "reformistas" desde o século IX nos Alpes entre a França e a Itália, como os valdenses e os albigenses (ou cátaros), e em vários países europeus houvesse indivíduos como John Wycliffe (1328-1384), Jan Hus (1369-1415) ou Jerônimo (ou Girolamo) Savonarola (1452-1498), foi com o monge agostiniano Martinho Lutero (1483-1546), em 1517, que a questão eclodiu na Alemanha, espalhando-se pelos países em redor.

Com a Igreja Católica sendo combatida por dentro pelos monges como Lutero e outros e por fora pelos senhores de terra e monarcas ansiosos por livrar-se das amarras econômicas do Papa (e outros tentáculos, como a moral), a cristandade moveu toda a sua atenção e esforços (além de armas e a própria vida) a combater os novos hereges.

Do ponto de vista estritamente dogmático, a Reforma fez surgir o debate antes inexistente em torno da doutrina. Foi possível e necessário questionar, criticar e desenvolver o pensamento teológico e social a partir de pressupostos antes silenciados, como o indivíduo, que agora tem vez e voz (até então a coletividade se sobrepunha ao indivíduo). O Humanismo havia chegado ao interior das catedrais e dos monastérios.

Após romper com o poder de Roma, o monarca inglês Henrique VIII nomeou Thomas Cromwell (1485-1540) ministro para assuntos religiosos e instituiu a si chefe da Igreja em suas terras, demonstrando ceticismo no valor das instituições (já por influência do humanismo erasmiano). Para consolidar sua autoridade real e moral sobre a religião popular e suas superstições, Henrique VIII dissolveu mosteiros menores, alocando monges e freiras para os mosteiros maiores. Suas iniciativas provocaram uma rebelião, a qual foi chamada pelo historiador G. W. Bernard (2011) de "Peregrinação da graça", e a dissolução dos mosteiros no final da década de 1530 "foi um dos eventos mais

revolucionários da história inglesa" (BERNARD, 2011, p. 309).[319] Embora fossem grandes latifundiários, alguns mosteiros eram responsáveis por áreas essenciais da vida comunitária, como a saúde, a caridade, as artes, a educação e a intervenção contra o seu funcionamento não poderia deixar de provocar um drama na vida de uma população, estimada pelo autor em 500 mil pessoas (BERNARD, 2011, p. 309).

A Reforma Protestante criou um novo tipo de religioso, o racional, o teólogo, e minimizou a importância do místico supersticioso. O importante, agora, não eram as experiências pessoais, mas a produção intelectual, fosse na Reforma Protestante ou na sua contraparte católica, a Contrarreforma.[320] Na Inglaterra, a "Peregrinação da graça" (BERNARD, 2011, p. 309), que representou a revolta pelos benefícios que a Igreja estendia ao povo, acrescida da instabilidade provocada pela Reforma nas sociedades europeias, tradicionalmente cristãs, além do Islã rondando os territórios antes trilhados por peregrinos, desestimularia as peregrinações à Terra Santa, não só entre os ingleses, como se poderia pensar.

Mas os ingleses não desistiriam totalmente da Palestina e no século XIX um peregrino ligado a nobreza provocaria mudanças específicas ao longo dos anos no destino de milhões de peregrinos protestantes em relação aos católicos: o General Gordon. Antes disso, porém, alguns nomes bastante conhecidos visitariam a Palestina naquele século em que parece ter havido um interesse especial por viagens e peregrinações para a região.

4.3.1 O Visconde de Chateaubriand (1806-1807)

Na primeira década do século XIX, Francois-René de Chateaubriand, ou Visconde de Chateaubriand, empreendeu sua jornada por uma rota que seria seguida por outros viajantes, algo como um roteiro turístico pela paisagem circundada pela Antiguidade. Como escritor, ensaísta, diplomata e político francês, possuía habilidade com a língua francesa e soube retratar vividamente suas impressões sobre monumentos, paisagens e o que mais estivesse na memória de seus leitores sobre a Terra Santa e arredores. A obra

[319] "Havia cerca de 900 casas religiosas na Inglaterra, cerca de 260 para monges, 300 para cônegos regulares, 142 conventos e 183 conventos; cerca de 12.000 pessoas no total, 4.000 monges, 3.000 cônegos, 3.000 frades e 2.000 freiras. Se a população adulta era de 500.000, isso significava que um homem adulto em cinquenta estava em ordens religiosas" (BERNARD, 2011, p. 309).

[320] Para fazer frente a Reforma, o Papa Paulo III convocou o concílio na cidade italiana de Trento entre 1545 e 1563 e instituiu medidas que em conjunto ficaram conhecidas como Contrareforma.

que escreveu é "*Itinéraire de Paris à Jerusalém*, publicado em 1811, [e] registra de forma comovente e calorosa a presença franciscana dentro dos Santos Lugares" (VILLELA, 2015, p. 33). No caminho para Jerusalém, passou pela Grécia e Constantinopla, retornando pelo Egito, Tunísia e, finalmente, Espanha. Na Terra Santa, esteve em Jafa, Jerusalém, Belém, Jericó e Mar Morto (CHATEAUBRIAND, 2011, p. 5).

Como se tratasse de um erudito, emoldurou as descrições topográficas com citações de clássicos, desde Virgílio até Voltaire. Sua obra, no entanto, não foi uma tentativa de prover os leitores de novidades sobre a cartografia ou a arqueologia. Ela aproxima-se mais de uma reflexão sobre o passado cristão de boa parte das regiões onde esteve, a Antiguidade clássica e a comparação com a situação das sociedades em seu tempo, sempre com "vivas percepções morais e filosóficas" (CHATEAUBRIAND, 2011, p. 5).

O que reuniu de suas observações, além do próprio *Itinéraire de Paris à Jérusalem*, proveu material para seu outro trabalho, *Les Martyres*, épico cristão em prosa (CHATEAUBRIAND, 2011, p. 5).

4.3.2 Alphonse de Lamartine (1832-3)

Alphonse Marie Louis de Prat de Lamartine (1790-1869), ou simplesmente Alphonse de Lamartine, foi um poeta, escritor e político francês cujas obras, especialmente As Meditações Poéticas, influenciaram o Romantismo na França e além, tendo em Castro Alves e Álvares de Azevedo dois brasileiros que demonstram isso.

Lamartine realizou sua viagem estimulado pela leitura do itinerário de Chateaubriand, a quem considera um poeta realizado que descreveu Jerusalém como cavaleiro e peregrino: com a Bíblia e as Cruzadas nas mãos; ele, porém, o fez como filósofo e peregrino despertado e iluminado pelas lições que recebeu e com "as emoções do coração profundamente despertadas" (LAMARTINE, 1838, p. 3).

Sua produção não é elaborada como um tratado nem um diário de viagem. Admite simplesmente ter sido mais poético e filosófico, com anotações nem sempre diárias, mas impulsionado pela própria circunstância: ao descansar após o almoço, à sombra de uma palmeira, nas ruínas de um monumento ou ao entardecer à luz de um candeeiro ou algo assim, dentro de sua barraca escondido do vento ou da chuva ou num quarto de convento (LAMARTINE, 1838, p. 4). Registrou suas impressões sobre a religião, a história, as

maneiras, as tradições e os variados aspectos da vida natural (LAMARTINE, 1838, p. 3), característica que marca sua produção própria.

Tendo deixado a França a partir de Marselha em 20 de maio de 1832, partiu com sua esposa e uma filha em um navio de 250 toneladas chamado *L'Alceste*[321] e uma tripulação de seis homens, levando uma biblioteca com 500 volumes e suprimentos para uma viagem de dois anos, o que de fato demorou (LAMARTINE, 1838, p. 3; MIRROR, 1835, p. 237).

4.3.3 Herman Melville, o poeta do drama do Ocidente (1856-7)

O poeta, romancista e ensaísta norte-americano Herman Melville (1819-1891, protestante, autor do clássico *Moby Dick*), registrou suas impressões sobre a Palestina a partir das experiências de sua viagem ao Mediterrâneo entre o inverno de 1856 e 1857, quando gastou entre 6 e 7 meses na Terra Santa. O resultado é um clássico poema, *Clarel*, em que expressa uma intricada documentação da maior crise na civilização ocidental, o aparente esmagamento da religião revelada na era Darwin. A obra está dividida em quatro partes (*Jerusalem*, *The Wilderness*, *Mar Saba* e *Bethlehem*), com 150 cantos em mais de 18.000 linhas (MELVILLE, 1960, p. x, xiii, *Introduction*). Além disso, ele reclamou da má intenção dos judeus quando ajudados por uma norte americana que pretendia criar uma escola para ensinar técnicas agrícolas aos colonos. A escola faliu incontornavelmente. Os proprietários, Charles e Martha Saunders, protestantes que acreditavam ajudar os judeus a se estabelecerem na terra para apressar a vinda do Messias, confidenciou que os judeus eram muito "traiçoeiros": "Os judeus vinham, fingiam ser tocados e tudo, vestiam as roupas e depois desapareciam".[322]

---

[321] Na mitologia grega, Alceste é o nome de uma princesa reconhecida pelo intenso amor que tem pelo marido.

[322] Mr. Saunders a broken-down machinist & returned Californian out at elbows. Mrs. S. a superior woman in many respects. They were sent out to found an Agricultural School for the Jews. They tried it but miserably failed. The Jews would come, pretend to be touched & all that, get clothing & then—vanished. Mrs. S. said they were very "deceitful." Mr. S. now does nothing—health gone by climate. Mrs. S. learning Arabic from a Sheik, & turned doctress to the poor. She is waiting the Lord's time, she says. For this she is well qualified, being of great patience. Their little girl looks sickly & pines for home—but the Lord's work must be done. (Melville, Herman. *Journal of a Visit to Europe and the Levant*. Ed. H.C. Horsford. New Jersey: Princeton, 1955: 101-2, apud PERRY, 2004, p. 54).

4.3.4 Mark Twain e sua famosa sátira (1867)

Samuel Langhorne Clemens, ou Mark Twain, nasceu no Missouri em novembro de 1835. Em 1863, quando já desenvolvia uma carreira de escritor (e humorista, poderíamos dizer), adotou o pseudônimo "Mark Twain" que significa "duas marcas", termo usado na navegação quando se quer verificar a profundidade dos rios e que certamente reflete memórias de seu local de nascimento e primeiros trabalhos na vida profissional. O primeiro livro publicado em 1869 por Twain, *The Innocents Abroad*, é baseado nas memórias da viagem feita em 1867 pelo Mediterrâneo e Terra Santa. O cruzeiro oceânico no qual Twain embarcou foi o primeiro concebido especialmente para turistas (ACERENZA, 2006. p. 76). A obra, por sua vez, se tornou seu maior clássico e *best-seller*, tendo vendido mais de 100 mil cópias nos três primeiros anos do lançamento, mais de 70 mil somente no primeiro ano, quando se estabeleceu como escritor profissional (MELTON, 2002, p. 1)

Tendo navegado pelo Mediterrâneo, pelo Sul da Ásia Menor, atual Turquia, chegou a Jope (Jaffa). Subiu a Jerusalém, visitou o rio Jordão, o lago de Genesaré ou mar de Tiberíades, Nazaré, Betânia, Belém e outros locais que chamou "pontos de interesse na Terra Santa" (TWAIN, 1869, c. I).

Mark Twain não se entusiasmou tanto com a Terra Santa. Mencionou as costas estéreis da Galileia. Esteve no Monte Tabor e em Nazaré. Diz ter exultado "na poesia sobre a beleza questionável [do vale] de Esdraelon". Diz que teve discussões entre os lugares santos de Jerusalém, certamente por conta da identificação de locais exatos dos pontos religiosos. Banhou-se no Jordão e no Mar Morto, confessando-se imprudente caso sua apólice de seguro contra acidentes não previsse uma cláusula extra contra aventuras, e disse que trouxe tantos jarros da preciosa água de ambos os lugares que toda a região desde Jericó até as montanhas de Moabe sofreria com a seca naquele ano. Mas advertiu que a despeito dessas anotações parecerem incomuns, ele guarda com bastante estima "a parte de peregrinação da excursão" (TWAIN, 1869, c. LXI), talvez uma referência a algum aspecto introspectivo do autor. Depois de partir de uma Palestina "triste e sem sorriso", disse que "o belo Egito tinha poucos encantos" para ele e seus companheiros de viagem (TWAIN, 1869, c. LXI). Quando partiu pelo mesmo porto de Jope, navegou até "o próximo ponto de interesse para visitar [...] Alexandria", que disse poder alcançar em vinte e quatro horas (TWAIN, 1869, c. I). Fez ali uma passagem rápida e já estava pronto

para retornar para casa na América, ficando um ou dois dias em cada ponto que parasse (TWAIN, 1869, c. I e LXI).[323]

4.3.5 O príncipe Frederico, o herdeiro da Prússia, 1869

No tempo quando o paxá do Egito[324] Muhammad Ali investiu no plano de aumentar sua influência e controle sobre a Síria e a Palestina, obteve ajuda da França para modernizar seu exército. A marcha para a região começou no final de 1831 e em um ano as tropas já ameaçavam a capital do Império Otomano, Constantinopla. O Sultão Otomano Mahmud II recorreu a Rússia quando os ingleses se mostraram indecisos sobre apoiá-los ou não. Esta revolta de Muhammad Ali contra Mahmud II era uma "oportunidade para a Prússia prestar maior atenção aos assuntos do Oriente Médio" (BENSINGER, 1971, p. 4).

A assinatura do Tratado de Hünkâr-Iskelesi entre russos e turcos em 8 de julho de 1833, levantou suspeitas no departamento de relações exteriores britânico (Henry Palmerston era o secretário à época) de que os russos aumentariam a presença na região. Palmerston não havia dado importância a necessidade de o Sultão reformar e reequipar suas fileiras, mas ofereceu rapidamente apoio e instrução aos turcos. Palmerston enviou uma missão militar comandada pelo tenente-coronel Considine, mas os turcos não viram com bons olhos a ideia de os britânicos comandarem suas tropas e recorreram ao assessoramento militar da Prússia (BENSINGER, 1971, p. 4-5).

O confronto na região palestina ocorreu tendo se aliado os britânicos, os russos, os austríacos e os prussianos (alemães daqui em diante) e colocou fim a dez anos de ocupação egípcia. Acre foi o último posto a ser capturado e isso ocorreu em 3 de

---

[323] Embora tenhamos apresentado numerosas menções feitas a populações nas cidades palestinas, além do efervescente comércio e turismo na região, especialmente neste século XIX, Mark Twain dá uma interessante descrição sobre a paisagem inabitada na rota que percorreu indo para o Monte Tabor. Ele escreveu: "Fica solitário ... [numa] planície silenciosa [...] uma desolação [...] sequer vimos um ser humano em sua rota [...] dificilmente uma árvore ou um arbusto em qualquer lugar [...] Até mesmo a oliveira e o cacto, aqueles amigos esporádicos de um solo sem valor havia, nesse quase deserto país". "stands solitary ... [in a] silent plain .. a desolation .. we never saw a human being on the whole route .. hardly a tree or shrub anywhere. Even the olive tree and the cactus, those fast friends of a worthless soil, had almost deserted the country".

[324] Paxá é o pronome de tratamento dado entre os turcos aos governadores de províncias do Império Otomano, e correspondia ao título de "Excelência" usado no Ocidente.

novembro de 1840. Seguiu-se a restauração da Síria e da Palestina a Mahmud (BENSINGER, 1971, p. 6,7).[325]

O professor Gad Bensinger,[326] que pesquisou os interesses alemães na Palestina, considerou que tanto a ocupação egípcia quanto a restauração da região da Palestina aos otomanos, constitui-se na maior abertura para o fluxo de europeus desde as Cruzadas (BENSINGER, 1971, p. 7). Ainda sob o controle egípcio a população cristã foi grandemente tolerada pelas autoridades ocupantes.

> Os cristãos receberam direitos iguais; eles estavam isentos de dever militar; a atividade missionária foi permitida e, o mais importante, as potências europeias, pela primeira vez, foram autorizadas a estabelecer consulados em Jerusalém e em Damasco (BENSINGER, 1971, p. 7).[327]

Com isso, o caminho para a realização dos interesses alemães na região abriu-se. Dois anos depois da assinatura do tratado, desembarcou na Palestina o primeiro cônsul alemão para estabelecer-se em Jerusalém, o dr. Ernst Gustav Schultz. Era 1843 (BENSINGER, 1971, p. 7). Em seguida vieram os missionários alemães, em 1846, enviados por Samuel Gobat, que havia sido nomeado bispo pelo rei Frederico Guilherme IV da Prússia para servir na cidade de Jerusalém (BENSINGER, 1971, p. 17).[328]

Mas a força da presença britânica na Palestina foi maior e absorveu outros grupos. Os alemães tiveram que oficializar o início da "colonização" antes que fosse tarde, uma

---

[325] A frota aliada foi comandada pelo almirante Napier em direção a Alexandria e foi assinado um tratado restaurando a Síria e a Palestina aos Otomanos, em Alexandria, a 27 de novembro de 1840 e confirmado pelo Tratado de Londres para a Pacificação do Levante, em 18 de julho de 1841 (BENSINGER, 1971, p. 6-7).

[326] Gad Jacob Bensinger, PhD, nasceu em Holon, Israel. Foi um respeitado professor e ex-presidente do Departamento de Justiça Criminal da *Loyola University Chicago* e autor de diversas obras.

[327] Christians were granted equal rights; they were exempt from military duty; missionary activity was permitted and most importante, the European Powers for the first time were allowed to set up consulates in Jerusalem and in Damascus.

[328] O tema das peregrinações alemãs durante o século XIX a Palestina foi cuidadosamente pesquisado na Alemanha desde há muito tempo. Uma das primeiras obras publicadas sobre o assunto foi a de Titus Tobler, *Bibliographia geographia Palestinae*. Zunachst kritische Uebersicht gedrucker und ungedruckter beschreibungen der reisen in Heiligen Land (Leipzig: S. Hirzl, 1867). O trabalho de maior autoridade sobre peregrinações alemãs a Palestina foi a pesquisa de Reinhold Rohricht e Heinrich Meisner, *Deutsche Pilgerreisen nach dem Heiligen Lande* (Berlin: Weidmann Verlag, 1880). Uma edição condensada dessa obra foi publicada por Reinhold Rohricht em 1900. Os nomes dos peregrinos alemães listados no livro ocuparam mais de 200 páginas. In Gad J. Bensinger, "Palestine in German Thought and Action 1871-1914" (1971), cap. 1, n. 1, p. 1. *Dissertations.* Paper 1162. Disponível em http://ecommons.luc.edu/luc_diss/1162 e acessado em 21.01.2017. Além disso, o padre franciscano que serviu de guia para D. Pedro II na Terra Santa, frei Liévin de Hamme, era natural de Hanover. Profundo conhecedor da região, foi autor de um roteiro para peregrinos em visita a Terra Santa, escrito em francês e publicado com o título *Guide Indicateur des Sanctuaires et Lieux Históriques de la Terre Sainte* (FAINGOLD, 1999, p. 78, n. 103).

vez que “alguns indivíduos já estavam começando a sair [da Prússia] sem a devida autorização” (BENSINGER, 1971, p. 24). A solução “oficial” foi a compra de terras em Jafa e próximo a Haifa a partir de 1869 (BENSINGER, 1971, p. 25), um modelo que seria seguido pelas sociedades israelenses.

Os alemães fincariam o pé na região neste ano de 1869 na ocasião que Frederico da Prússia visitou a Palestina de passagem para o Egito, quando ocorreriam as cerimônias de inauguração do Canal de Suez. Acompanhado por uma guarda formada por cerca de 30 soldados, ele desembarcou no porto de Jafa na manhã de 3 de novembro. “No clímax da visita, ‘um grande pedaço de terra’[329] perto da Igreja do Santo Sepulcro foi oficialmente transferido para a Prússia – um presente do Sultão” (BENSINGER, 1971, p. 26,27).[330]

As armas da Confederação Alemã do Norte que acompanhava Frederico foram postas sobre o portão que dava acesso ao lote recebido num gesto simbólico muito representativo. Desde o século XIII, o Cristianismo dominava porções de terra de interesses estratégicos para os prussianos, e pela primeira vez desde as Cruzadas uma potência europeia era oficialmente titular de uma área importante na região (BENSINGER, 1971, p. 27). Na visita que fez ao local sete anos depois, D. Pedro II confirmou em seu diário a história da possessão do lote pelo Imperador, mas acrescentou, corrigindo a informação, que ele pagou por ele 20.000 francos (FAINGOLD, 1999, p. 130).

4.3.6 Dom Pedro II, o rei erudito que impressionou os judeus

Em 1876, a viagem de um soberano de perfil católico, foi realizada à Terra Santa. Refiro-me a comitiva encabeçada pelo Imperador do Brasil, D. Pedro II, conforme registro feito de próprio punho em seu diário de viagem (FAINGOLD, 1999, p. 17) à

[329] “A propriedade referida era a metade oriental do recinto conhecido como o Muristan. Originalmente pertencia aos Cavaleiros de São João. Quando Saladino ocupou Jerusalém, ele converteu o claustro do qual as freiras haviam fugido em um asilo, chamado em árabe ‘Muristan’, nome pelo qual toda a área foi desde então conhecida” (BENSINGER, 1971, p. 26, n. 78; trad. nossa). The property referred to was the eastern half of the enclosure that was known as the Muristan. It had originally belonged to the Knights of St. John. When Saladin occupied Jerusalem he turned the cloister from which the nuns had fled into an asylum, called in Arabic "Muristan", by which name the whole area has since been known.

[330] At the climax of the visit “a large piece of land” near the Church of the Holy Sepulchre was off icially transferred to Prussia - a gift from the Sultan.

bordo do vapor *Aquila Imperial*.[331] "D. Pedro II, [foi] o primeiro governante de um país latino-americano a visitar aquelas terras",[332] num dos acontecimentos locais mais marcantes da época. Um dos netos do Imperador, Dom Carlos Tasso de Saxe-Coburgo e Bragança, tendo visitado a Terra Santa em 1962, assim expressou-se sobre a relevância da visita, notadamente a presença da Imperatriz naquele país: "Para somente citar um exemplo, a Imperatriz D. Teresa Cristina, conforme o sublinham as crônicas locais, foi a primeira Imperatriz, depois de Santa Helena, mãe de Constantino, que pisava naquelas Terras, tão áridas e tão caras a todos os cristãos" (BRAGANÇA, 1966, p. 152).

O neto do Imperador, Dom Carlos Tasso de Saxe-Coburgo e Bragança, visitou a Terra em 1962 e escreveu que ainda naqueles dias (1962) a visita da comitiva deixava marcas; certamente num arroubo de exagero, escreveu que à época da visita do Imperador, seu avô, "vários soberanos o imitaram, como o Grão Mestre da Ordem de Malta, Frei Àngelo de Moiana, o Rei e a Rainha da Bélgica, Balduino e Fabíola [que] reinou entre 1951-1993, o Czar Simeão da Bulgária e outros" (BRAGANÇA, 1966, p. 151).

Sua comitiva era composta, entre outros, pela dama de honra da Imperatriz na Câmara Imperial dona Josefina da Fonseca Costa, a Imperatriz dona Tereza Cristina Maria e amigos do monarca, sr. Luis Pedreira de Couto Ferras, Visconde de Bom Retiro e o dr. José Ribeiro de Souza Fontes, que seria nomeado Visconde de Souza Fontes (FAINGOLD, 1999, p. 17), suas esposas e criadas. A visita a Terra Santa foi guiada pelo padre franciscano frei Liévin de Hamme, um alemão de Hanover, o "conducteur des pèlerins", como chamava a si (FAINGOLD, 1999, p. 25).

O monarca do Brasil entrou no território palestino pelo Norte, vindo de Beirute, e dirigiu-se ao sul cruzando toda a Palestina Otomana e subindo a Jerusalém por três vezes: na chegada, de volta de Jericó, a Leste, e de volta de Belém, ao Sul (FAINGOLD, 1999, p. 46), saindo pelo porto de Jafa rumo a *Port Said*, no Egito, 24 dias depois. Alcançou as margens do rio Jordão em 20 de novembro daquele ano, tempo quando as margens do

---

[331] Murilo de Carvalho informa que o navio americano se chamava *Hevelius*, e na partida do Brasil para os Estados Unidos foi comandado pelo capitão Markwell (CARVALHO, 2007, p. 160). O trecho dos Estados Unidos a Europa foi feito a bordo do vapor *Russia*, da *Cunard Line* (CARVALHO, 2007, p. 169). No ponto final, o Diário de D. Pedro II dá o nome de *Aquilla Imperial* a embarcação, o que pode indicar ter havido uma troca no trecho final da longa viagem. Bragança (1966, p. 151) concorda que a partida do Rio de Janeiro ocorreu a bordo do *Hevelius*.

[332] A afirmação está na página de apresentação a obra de Faingold (1999), escrita por Edmund Safdié, em página sem numeração.

Jordão eram consideradas pelos peregrinos a entrada da Terra Santa (FAINGOLD, 1999, p. 69-70; v. n. 71)

D. Pedro II visitou várias cidades e acidentes geográficos: Jenin, Nablus (ou Siquém), Nazaré, Belém, Mar Morto, o Lago Merom, a chapada de Djuran, Safed, Cafarnaum (Tell-Hum), o Lago Genesaré, Magdala, Betsaida, onde associou o local a planície onde Jesus disse[333] aos seus ouvintes para observar como cresciam os lírios no campo – ali D. Pedro colheu "boa porção" de lírios (FAINGOLD, 1999, p. 77). Também foi ao Monte Tabor, a aldeia de Daburieh, ao monte Carmelo, a Caifa, a Séforis, à gruta da Virgem em Nazaré, de onde escreveu ter guardado como lembrança algumas pedrinhas e que a missa ali celebrada o comoveu muitíssimo (FAINGOLD, 1999, p. 87). Sobre relíquias, pareceu ter fixação por levar pedrinhas, ramos e outros *souvenires*. Conheceu as ruínas da fortaleza de El-Fuleh, uma aldeia árabe no vale de Esdraelon (2 km a Leste de Afulah), Betânia e Betel (Beitine) e tantas outras aldeias e locais que são descritos com detalhes riquíssimos, associando, quando possível, a detalhes históricos, bíblicos, com medidas, alturas, distâncias e tudo o que curiosamente observou, nas paisagens, nos monumentos, nos edifícios (igrejas, tumbas, conventos, escolas, hospedarias etc.) e pessoas.

D. Pedro II fez croquis de muitas coisas e pessoas que viu, até mesmo de animais e pássaros (melros). Somente do mar Morto e do vale do Jordão foram feitos três desenhos de cada (FAINGOLD, 1999, p. 109). Num dos lugares às margens do Jordão ele viu peregrinos russos, parecidos com camponeses, realizando três banhos no Jordão. Reuven Faingold, que compilou as cartas da viagem de D. Pedro II, informa, em nota, que esses peregrinos eram da Igreja Ortodoxa Russa e em Jerusalém realizavam uma cerimônia religiosa chamada "ritual do fogo santo", na Igreja do Santo Sepulcro, ocasião quando tomavam os banhos rituais no Jordão e no mar Morto (FAINGOLD, 1999, p. 109, n. 235).

Além de visitar cidades e vilarejos, igrejas, monumentos históricos e arqueológicos, D. Pedro II encontrou-se com personalidades muçulmanas e cristãs, além de europeus residentes na região. Embora alguns jornais locais tivessem publicado reportagens e biografias do soberano brasileiro, o que despertou interesse na população, ele partiu sem fazer contato com a comunidade judaica em Jerusalém, surpreendendo e decepcionando-a, já que o aguardavam ansiosamente e pretendiam fazer homenagens ao Imperador cujo

[333] "Por que vocês se preocupam com roupas? Vejam como crescem os lírios do campo. Eles não trabalham nem tecem" (Mateus 6.28, Nova Versão Internacional [NVI]).

conhecimento do hebraico bíblico, como língua morta, superava a todos os intelectuais do seu tempo.

D. Pedro II havia empreendido a tradução de porções do Antigo Testamento hebraico (FAINGOLD, 1999, p. 41-42). Três meses antes de visitar a Terra Santa, D. Pedro II havia se encontrado com orientalistas da Universidade de São Petersburgo, na Rússia. Na visita à Biblioteca Imperial, pediu para consultar obras raras e "causou surpresa pela vastidão dos seus conhecimentos" (cf. Argeu Guimarães, In FAINGOLD, 1999, p. 31); a notícia já havia chegado até a Terra Santa.

4.3.7 General Gordon, o militar inglês inconformado com os católicos (1883)

De abril de 1881 a abril de 1882, o General Charles George Gordon, quando era Comandante dos *Royal Engineers* (um dos corpos do Exército Britânico) nas ilhas Maurício (Oceano Índico),[334] foi incomodado com a ideia de localizar o Jardim do Éden. Em novembro de 1882, voltando para a Inglaterra, rejeitou o convite do Rei Leopoldo II para assumir o comando do Congo belga. O General Gordon deixou a Inglaterra para um período de descanso e estudos, rumo ao Norte da África. Passando pela Terra Santa, ele fez ampla exploração geográfica de sítios religiosos, com o perfil do protestante inglês, o que o levou a trocar cartas com Sir John Cowell, da controladoria da família da Rainha Victória. Gordon reportou suas suspeitas e "descobertas" a respeito da verdadeira localização do sítio onde Jesus havia sido crucificado, morto e sepultado (MERYON, 2012, p. 3).

Uma formação geológica adjacente ao monte Moriá, em Jerusalém, com "uma clara imagem de enorme crânio humano na face da rocha" (MERYON, 2012, p. VII) o convenceu, e também a outros, de que havia descoberto o local da crucificação. Até julho de 1883, quando partiu da região pelo porto de Jafa, o General Gordon visitou, desenhou, fez anotações, analisou e escreveu oito cartas (é possível haver mais, pois algumas estão sem data) a um soldado amigo chamado Sir John Cowell.[335] Gordon morreu assassinado em Cartum, no Sudão, um ano após deixar Jerusalém.

---

[334] O General Gordon (1833-1885), também conhecido como Gordon Paxá ou Gordon Chinês, fez campanhas pela China e África. Nasceu em Londres em 1833 e morreu em Cartum, em 1885.

[335] As datas das cartas são: 15.11.1882, 18.01.1883, 20.01.1883, 5.03.1883, 8.03.1883, 20.03.1883, 27.04.1883, 7.05.1883, 25.05.1883, e uma para sua irmã escrita em 18.01.1883.

Em carta trocada com sua irmã em 18 de janeiro de 1883, Gordon afirma "sentir-se convencido de que a colina próxima ao Portão de Damasco é o Gólgota" (MERYON, 2012, p. 6). Da colina foi possível ver o Monte do Templo e "bastante poças de sangue [...] ali", e que (não é específico) "está coberto com túmulos de muçulmanos; há muitas cavernas rochosas; e jardins que o cercam" (MERYON, 2012, p. 6).[336]

A descoberta do suposto sítio do (novo?) Santo Sepulcro, no monte Caveira (ou Gólgota), pode ser posta sob suspeita por uma série de motivos que não cabem enumerá-los aqui, mas é inegável a influência que teve no desenvolvimento do turismo e na mobilização de peregrinos até hoje,[337] dividindo o interesse, os itinerários – e as receitas advindas do turismo – entre cristãos católicos e evangélicos, e ações pontuais de muçulmanos em sua panfletagem religiosa.[338] Os primeiros, os católicos, visitam a Igreja do Santo Sepulcro na cidade velha de Jerusalém, desde os tempos de Helena, mãe de Constantino (o que por si é um argumento forte em favor da tradição católica); enquanto que os segundos, os evangélicos, vão um pouco além (menos de um quilômetro), onde hoje funciona o protetorado britânico que controla o sítio onde o General Gordon identificou, como relatado nas cartas trocadas com Cowell em 1883, o Gólgota, o horto, o imenso reservatório de água, o lagar (veja a seguir) e a tumba escavada na rocha, tal como indicam os textos cristãos do Novo Testamento, como creem os evangélicos.

Foto 2. Fundos do cemitério muçulmano visto do Calvário de Gordon (Jerusalém), onde se lê "La ilah illa llah muhammadan rasulu allah" (a shahada,[339] placa maior) e "Cemitério mujahedin islâmico" (outra).

[336] [...] quite pools of blood are lying there. It is covered with tombs of Muslim; there are many rock-hewn caves; anda gardens surrounding it.

[337] O local é atualmente mantido por uma instituição de caridade britânica com sede no Reino Unido, *The Garden Tomb* (Jerusalem) *Association*. Home page em <http://www.gardentomb.com/>. Anualmente o local recebe mais de 250 mil visitantes.

[338] Entre os anos de 2011 e 2012, a administração de um cemitério para muçulmanos em Jerusalém pintou nas paredes do lado de fora do terreno: "Alá é o único Deus e ele não tem um filho". A inscrição deve ser lida por peregrinos cristãos em visita ao Santo Sepulcro descoberto pelo General Gordon.

[339] A *shahada* é uma confissão de fé e quer dizer "testemunho que não há divindade além de Deus, e testemunho que Muhamad é seu profeta".

Foto 3. Portão de Damasco hoje. Saída para o Calvário de Gordon (arquivo pessoal do autor).

Foto 4. Monte Caveira (Gólgota) hoje e reprodução de foto exposta pelo *The Garden Tomb* (Jerusalem) (arquivo pessoal do autor).

Fotos 5 a 7. À esquerda, local do Horto onde havia uma prensa de uvas; ao centro, entrada do reservatório de água necessária para a atividade agrícola do horto e à direita, foto exposta no local tirada dentro do imenso reservatório (arquivo pessoal do autor).

4.3.8 Guilherme II, rei da Prússia, Theodor Herzl e os primeiros sionistas (1898)

Quase trinta anos depois da visita de Frederico da Prússia a Palestina, no editorial de 11 de março de 1898 do *Die Welt*, Theodor Herzl declarou que era necessária uma solução para a "força destrutiva" do antissemitismo. Herzl esperava que o seu texto fosse lido pela Imperador Guilherme (William) II, e certamente foi, e que a leitura o levasse a aproximar-se mais das necessidades da comunidade judaica e a ver as próprias colônias agrícolas já estabelecidas na Palestina e entender que "por motivos humanitários tanto quanto políticos, as vítimas do antissemitismo precisam encontrar um novo lar" (BENSINGER, 1971, p. 144).[340]

Herzl já havia tentado influenciar o Imperador a apoiá-lo na criação de um protetorado, sugerindo que os judeus serviriam como importantes aliados na Terra Santa, e na reunião que teve em 23 de abril de 1896 com o Grão-duque Frederico de Baden, ele destacou a importância para tal apoio. Em sua sugestão, somente os judeus que não foram capazes ou não quiseram ser assimilados na Europa imigrariam para a Palestina; a imigração era um elemento para aplacar os partidos revoltosos; as comunidades organizadas nas novas colônias seriam um reforço na "ocidentalização do Oriente" (BENSINGER, 1971, p. 139).

O Grão-duque sugeriu a Herzl refletir sobre as vantagens dos alemães do ponto de vista político no Oriente, não somente na Alemanha, algo que seu interlocutor não havia pensado (BENSINGER, 1971, p. 145). Curiosamente, Guilherme II era extremamente interessado na arqueologia da região palestina, tendo presidido a Sociedade Alemã de Oriente e sendo pessoalmente um estudioso do assunto e admitindo ter tratado com o governo turco sobre assuntos nesse campo (BENSINGER, 1971, p. 146, n. 66).[341]

A resposta a Herzl veio em 1º de outubro com Guilherme II manifestando seu interesse numa reunião com Herzl e uma delegação sionista em Jerusalém (BENSINGER, 1971, p. 150). Guilherme II e sua comitiva deixaram Potsdam rumo à Palestina em 13 de outubro de 1898, tendo passado em Constantinopla antes, onde encontrou-se com Herzl

---

[340] In his first editorial on the subject on March 11, 1898, Herzl declared that anti-Semitism was a destructive force which needed a solution. The German Emper on his visit to Palestine would, the editorial hoped, see the Jewish colonies already established and would realize for humanitarian as well as political reasons that the victims of anti-Semitism must find a new home.

[341] V. *Kaiser's Memoirs*, trad. Thomas R. Ybarra. Nova Iorque e Londres: Harper and Brothers, 1922, p. 203.

numa situação constrangedora para este, que esperava ser recebido com seus correligionários, mas só o que conseguiu foi uma audiência pessoal.

Herzl e sua comitiva desembarcaram na Palestina em 26 de outubro de 1898 e ele encontrou-se com Guilherme II na sexta-feira, 29, "fora da escola agrícola judaica Mikveh Israel" (BENSINGER, 1971, p. 155). A escola agrícola ficava à beira da estrada de Jafa para Jerusalém e nessa estrada Guilherme II, vendo Herzl, aproximou-se dele, apertou sua mão e disse que a Palestina precisava de água, mas que via futuro no país. Em seguida cumprimentou algumas crianças que o aguardavam para cantar "Heil dir im Siegerkranz" (trad. *Ei! Você! Com a grinalda do vencedor*), cavalgou longamente (BENSINGER, 1971, p. 156).

Esta foi a única vez, em vida, que Theodor Herzl visitou a sua Terra Santa, o futuro Estado de Israel (STEWART, 1974, p. 18), título de sua obra prima.[342]

4.3.9 Henry Jackson van Dyke, o protestante que fugiu do moderno espírito turístico (1908)

Henry van Dyke (1852-1933),[343] começou sua vida pública como escritor e pastor presbiteriano nos Estados Unidos, tendo se formado em Princeton. Lecionou letras na Universidade de Paris e posteriormente foi designado por um amigo, o presidente Wilson, como ministro na Holanda e Luxemburgo em 1913.

Van Dyke informou que em seu tempo havia "uma dúzia de linhas de navio a vapor" que levavam interessados ao Oriente Médio (Palestina, Ásia Menor, Egito, Hermon, Líbano, deserto da Arábia), linhas oferecidas por agências de turismo já bem ranqueadas "no que eles chamam 'uma expedição religiosa *de luxo* à Palestina" (VAN DYKE, 1919, p. 4). É a efervescência do novel turismo religioso à região relatado na obra que foi publicada pela primeira vez em 1908.[344]

---

[342] Após sua morte, os restos mortais de Theodor Herzl foram transportados de Viena, na Áustria, para Israel. Seu túmulo fica no Monte Herzl (ou Har Hazikaron), onde é o Cemitério Nacional, no lado Oeste de Jerusalém.

[343] Não confundir com Cornelius Van Dyck (1818-1895), missionário protestante, americano de nascimento, holandês de origem e sírio de pátria, que foi ilustre professor de medicina em Beirute, no Líbano. Ele havia emigrado para a Síria em 1840 (KHATLAB, 2015, p. 147). D. Pedro II encontrou-se com ele em Beirute, em 13 de novembro de 1876.

[344] À luz do relato de uma missionária na Índia, de passagem a Palestina para descanso no ano de 1903, pode-se dizer que o turismo já era bem agressivo. Ao descer do navio francês *Orenoque*, de onde desembarcaria para botes que levariam os passageiros a terra firme, uma turba de árabes em busca

Mas como determinar os limites desse território tão procurado como Terra Santa? É a pergunta que faz, para a qual sua resposta imediata nos é relativamente familiar.

> Nações ferozes e poderosas, centenas de tribos, pisotearam esse canto cobiçado da terra, lutando por sua posse e a fúria de sua luta tem varrido os campos como o fogo varre. Templos e palácios desapareceram como tendas da encosta. O arado do estrago tem sido conduzido através dos jardins de luxo. As cidades levantaram-se e derrubaram-se sobre as ruínas de cidades mais antigas. Crosta após crosta de piedosa lenda tem sido formada sobre os vales profundos; e a tradição estabeleceu seus altares "sobre cada alta colina e debaixo de cada árvore verde. As reivindicações rivais de lugares sagrados são ferozmente disputadas por clérigos e estudiosos. É um pobre profeta que tem apenas um lugar de nascimento e um túmulo (VAN DYKE, 1919, p. 4-5; trad. nossa).[345]

Comentando a obra de Van Dyke, Stephanie Stidham Rogers, uma historiadora e acadêmica independente baseada na Flórida, observa que protestantes norteamericanos como Fosdick, Dwight Moddy e o próprio Van Dyke evitaram o contato excessivo com a "civilização" durante suas peregrinações na Palestina, procurando maior contato com a natureza, a fim de reproduzir o mais fiel possível a experiência ligada à natureza vivida por Jesus (ou ao menos o que imaginaram ser essa experiência). Para isso, examinaram montanhas, vales, rios, plantas, a fim de encontrar neles "poderosos sermões imutáveis sobre a vida de Cristo, ícones incorruptos da criação"[346] (ROGERS, 2011, p. 140).

Essa suposta experiência, para Van Dyke, é a marca distintiva do Cristianismo e o que deu o título a sua obra: *Out-of-doors*, fora das portas, isto é, fora das portas da religião institucionalizada, ou, mais especificamente, fora das portas do judaísmo da época de Jesus. Para conseguir isso, seria preciso esforçar-se, uma vez que a Palestina que encontrou oferecia linhas de trem para cada ponto de interesse turístico, hotéis, roteiros de compras e todo o conforto que a curiosidade do espírito moderno exigia.

---

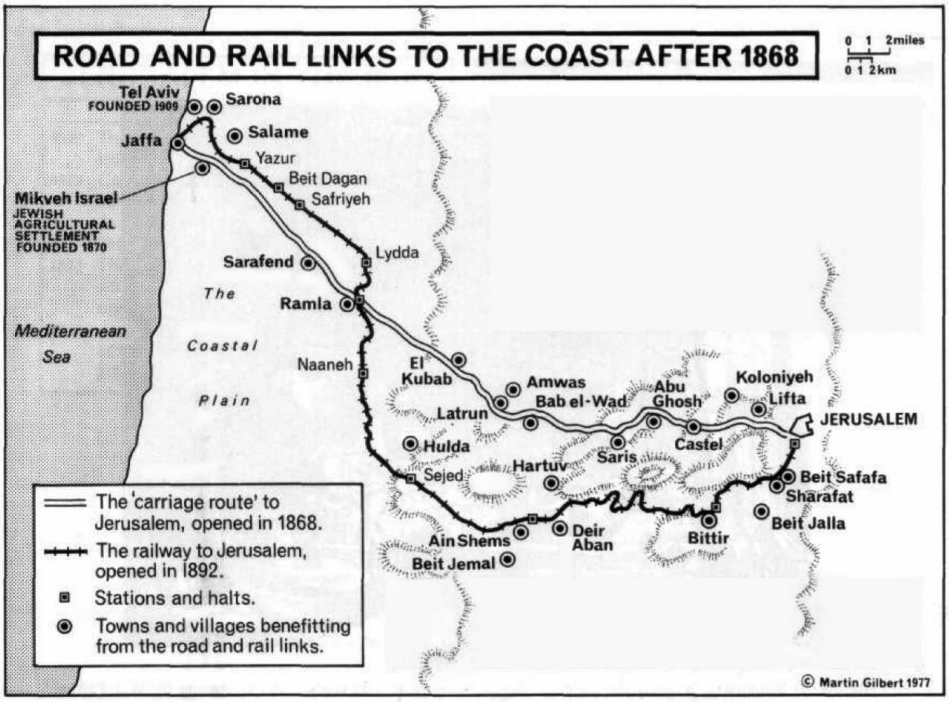
de hóspedes, tomava passageiros nos braços a fim de levá-los a hospedar-se nos hoteis para os quais trabalhavam, mesmo que a contragosto dos turistas: "Êles nos agarraram e, levantando-nos aos ares, nos puseram nos braços doutros lancheiros que nos esperavam embaixo" (MENSAGEIRO, 1949, p. 3).

[345] Fierce and mighty nations, hundreds of human tribes, have trampled through that coveted corner of the earth, contending for its possession: and the fury of their fighting has swept the fields as with fire. Temples and palaces have vanished like tents from the hillside. The ploughshare of havoc has been driven through the gardens of luxury. Cities have risen and crumbled upon the ruins of older cities. Crust after crust of pious legend has formed over the deep valleys; and tradition has set up its altars "upon every high hill and under every green tree". The rival claims of sacred places are fiercely disputed by churchmen and scholars. It is a poor prophet that has but one birthplace and one tomb.

[346] Protestants, thus conjured up new elusive altars for themselves and were able to boldly survey the hills and valleys and proclaim them as mighty unchanging sermons to the life of Christ, uncorrupted icons of creation.

No Canal de Suez (Egito), havia uma globalizada experiência de encontro com viajantes vindos da América do Norte, regiões da Europa e da Índia. Mas para o Van Dyke obstinado: "A Terra Santa que eu desejo ver pode ser encontrada somente escapando dessas coisas" (VAN DYKE, 1919, p. 5,13)[347].

Depois de ancorarem há quase dois quilômetros da costa de Jafa e serem recebidos por barcos vindos do porto local, os chefes das tripulações (que seriam os equivalentes modernos aos *tour leaders* que acompanham as caravanas) "identificam os passageiros *consignados às diferentes agências de turismo*, classificam a bagagem e abaixam-na para os barcos, embarcando com seus grupos" (VAN DYKE, 1919, p. 14, ênfase acrescentada)[348]. Era 1º de abril[349] e ele hospedou-se no *Hotel du Parc*, em Jafa, parte de um sistema lucrativo onde milhares de turistas passavam anualmente rumo a Jerusalém, de carruagem ou pela estrada de ferro,[350] gastando apenas quatro horas com três minutos de parada em Lydda, oito em Ramleh e dez em Sejed (VAN DYKE, 1919, p. 25).



Mapa 3. O mapa mostra ambas as rotas possíveis para se chegar a Jerusalém: a estrada, por onde ciruclaram carruagens ou a cavalo e a estrada de ferro mencionada no texto (GILBERT, 1987, p. 49).

---

[347] But the Holy Land which I desire to see can befound only by escaping from these things.

[348] The chiefs of the crews scramble on board the steamer, identify the passengers consigned to the different tourist-agencies, sort out the baggage and lower it into the boats.

[349] O ano é incerto, mas dentro de um período percebido. Ele menciona uma famosa expedição do Imperador alemão a Síria em 1898 (VAN DYKE, 1919, p. 59) e a primeira edição da obra é de 1908.

[350] Cerca de 40 quilômetros de trem ou 32 quilômetros de carruagem.

Figura 6/Foto 8. À esquerda, *The market-place, Bethlehem*. Ilustração de Harry Fenn (1838-1911) que compõem a obra de Henry Van Dyke, *Out-of-doors in the Holy Land*, 1908, p. 91. Retrata a praça onde funciona o mercado, roteiro turístico já na época na Belém palestina, e a torre da igreja da Natividade ao fundo. (Ms. Typ 192(6), Houghton Library, Harvard University. Compare o mesmo local com a foto à direita, tirada pelo autor (2011).

Além dos árabes nativos os quais observou no caminho de Jafa para Jerusalém, encontrou ainda "muitos viajantes, a cavalo, em carruagens e a pé, nativos e peregrinos, colonos alemães, sacerdotes franceses, monges italianos, turistas e exploradores ingleses" (VAN DYKE, 1919, p. 38; trad. nossa).[351] Aproximando-se de Jerusalém pelo vale Beit Hanina, no atual território palestino, encontrou um assentamento de judeus alemães em Kalonieh[352] (VAN DYKE, 1919, p. 38) e em seguida o vilarejo de Lyfta que hoje não existe, cujas pessoas têm má fama por terem vendido seus campos, jardins e olivais (VAN DYKE, 1919, p. 40).[353] Ao notar as primeiras casas de Jerusalém também viu hospitais, asilos e casas de caridade, além de outras "evidências da bondade dos Rothschilds na

[351] We meet and greet many travellers, on horseback, in carriages and afoot, natives and pilgrims, German colonists, French priests, Italian monks, English tourists and explorers.

[352] Kalonieh (colônia) tem sido identificaca com a bíblica Emaús, onde Vespasiano diz ter alocado 800 soldados. E. Schürer, *A History of the Jewish People*, 2º ed. rev., v. II (1891), p. 253-255.

[353] O autor não dá maiores informações, mas merece uma investigação se a venda ocorreu diante da empreitada sionista por compra de terras nos arredores de Jerusalém. V. <https://en.wikipedia.org/wiki/Lifta>.

direção do seu próprio povo, além de fileiras de casas recém construídas pelos colonos judeus (VAN DYKE, 1919, p. 40). No entanto, na parte central da cidade viu asilos, hospitais, conventos e igrejas, além de palácios das diferentes seitas cristãs (VAN DYKE, 1919, p. 41).

Da cidade, a descrição que fez foi bastante poética; van Dyke era um hábil escritor. Ele pintou uma Jerusalém paradisíaca, embora questionasse divergências em decorrência do credo religioso. Em seguida falou de mulheres que saiam ao final da tarde, sentavam-se sobre a grama, embaixo de árvores, para fazerem *picknick*, vestidas com sedas pretas e azuis e mantos negros cobrindo a cabeça. Elas fumavam cigarros e comiam doces, mas quando percebiam que estavam sendo observadas cobriam rapidamente a parte inferior de seus rostos (VAN DYKE, 1919, p. 57).

Do circuito turístico ele notou entorno do *Grand New Hotel* haver "lojas de curiosidades e agências de turismo", engraxates e jovens tentando fazê-lo "comprar fotografias ou lenços bordados ou lembranças em madeira de oliveira da Terra Santa" (VAN DYKE, 1919, p. 59-60).

> Soldados turcos em uniforme verde-escuro, sacerdotes gregos em vestes negras e chapéus em forma de funil, beduínos em mantos esvoaçantes marrom e branco. Judeus de rosto pálido com gabardinas de veludo e cabelos encaracolados, mulheres muçulmanas com roupas de seda multicoloridas e véus meio transparentes, turistas britânicos com capacetes de cortiça e guarda-chuvas brancos, camelos, burros, cabras e ovelhas se reúnem em pitoresca confusão (VAN DYKE, 1919, p. 60; trad. nossa).[354]

Na escorregadia rua David, havia lojas para todo tipo de gosto, desde "coisas estranhas para comer e vestir", até o variado artesanato: sapatos, panelas de estanho, potes de cobre, assentos de madeira, mesinhas e roupas de padrão estranho (VAN DYKE, 1919, p. 61). Havia uma rua chamada Cristã e os bazares dos gregos com modernas lojas de estilo mais sofisticado, próximas ao lugar onde os judeus rezavam ao entardecer das sextas-feiras lamentando a perda de seu Templo. Tudo isso levou o autor a aprofundar em sua mente a ideia de que aquela jamais foi a cidade do seu Salvador (VAN DYKE, 1919, p. 62), repetindo a impressão que o General Gordon tivera anos antes dele,

[354] Turkish soldiers in dark-green uniform, Greek priests in black robes and stove-pipe hats, Bedouins in flowing cloaks of brown and white, pale-faced Jews with velvet gabardines and curly ear-locks, Moslem women in many-coloured silken garments and halftransparent veils, British tourists with cork helmets and white umbrellas, camels, donkeys, goats, and sheep, jostle together in picturesque confusion.

certamente numa concepção romântica e infantil de que 1900 anos antes Jerusalém tivesse sido uma imensa capela a céu aberto. E ele descreveu sua decepção com as seguintes palavras: “Jerusalém se tornou para nós mais e mais um símbolo e epítome daquilo que é imutável e transitório, caprichoso e inevitável, necessário e insignificante, interessante e insatisfatório, na tragédia inacabada da vida humana” (VAN DYKE, 1919, p. 64; trad. nossa).[355]

A peregrinação de Van Dyke seguiu em direção Belém, prendendo-se demoradamente no Monastério de São Jorge, depois as ruínas de Gerasa, Nazaré, em Bânias, formando as cabeceiras do Jordão, próximo ao Hermon e daí para Damasco, na Síria. Embora o texto seja longo (e bem escrito), repete a maioria dos detalhes que já foram apresentados por autores nos séculos anteriores, com a diferença de que Van Dyke pintou o quadro de um circuito turístico montado em função dos peregrinos religiosos de judeus, cristãos e muçulmanos. Na obra de Van Dyke também fica mais evidente do que em outros autores antes dele a divisão grográfica das comunidades na velha Jerusalém, tanto no comércio quanto na composição dos bairros. Essa divisão foi melhor demarcada nas décadas seguintes e hoje pode ser notada numa visita a cidade ou por meio de mapas facilmente encontrados em suas lojas, como a seguir.

[355] Jerusalem becomes to us more and more a symbol and epitome of that which is changeless and transient, capricious and inevitable, necessary and insignificant, interesting and unsatisfying, in the unfinished tragi-comedy of human life.

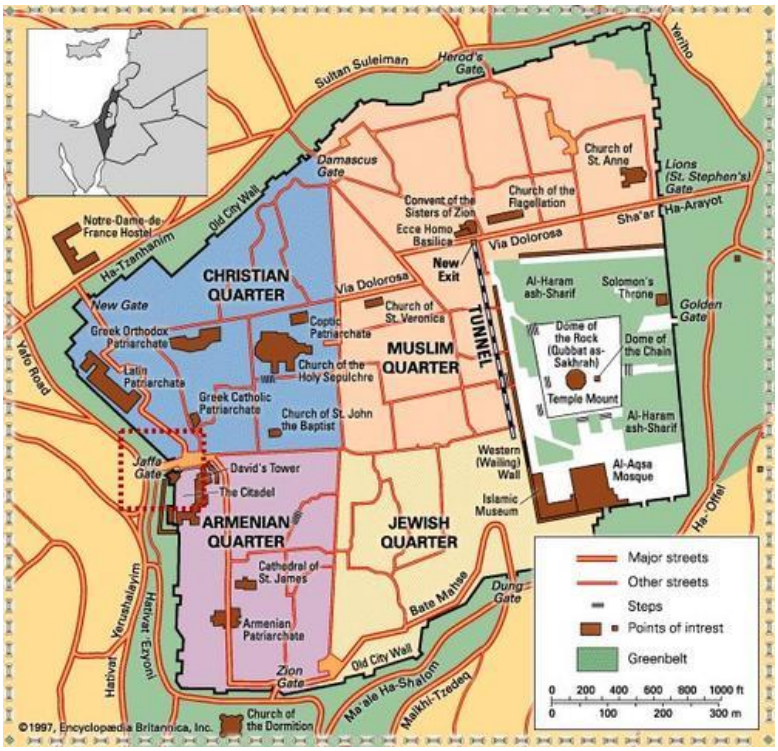


Figura 7. Jerusalém antiga. No mapa, os bairros (ou quarteirões) judaico, muçulmano, armênio e cristão.

Haveria muitos outros nomes que poderiam ser incluídos nesta pesquisa, mesmo nomes ilustres. Destacaria, por exemplo, Marco Polo, que visitou a região da Terra Santa no período dos Cruzados, tendo feito contato com os mesmos em Akko (ATHERTON, 2012, p.32). Mais tarde, na esteira da invasão do Egito por Napoleão (1798), uma safra de europeus visitou a Palestina: "exploradores e aventureiros, arqueólogos, tipificado por Johann Ludwig Burckhardt, que foi um dos primeiros Ocidentais a visitar Gerasa e que descobriu Petra [sul da Jordânia] em 1812" (ATHERTON, 2012, p. 32). Lady Hester Stanhope, uma aristocrata britânica que fugiu da vida nobre, assim como Paula e sua filha Eustáquia, para morar na Palestina; ela ficou conhecida por usar roupas masculinas e evitar usar o véu (ATHERTON, 2012, p. 32).

Em 1850, o criador de Madame Bovary, Gustave Flaubert, visitou a Palestina e o Egito. Sua impressão sobre Jerusalém foi negativa. Ele escreveu assim em seu diário: "Ela parece como se a maldição do Senhor pairasse sobre a cidade" (ATHERTON, 2012, p. 33). E artistas também estiveram ali. David Roberts (1839), que produziu uma enorme quantidade de litografias precisas sobre a Terra Santa; Edward Lear (1812-1863), tendo pintado uma série de finas aquarelas; o artista judeu-russo, Marc Chagall (1887-1985),

cujos trabalhos de tapeçaria podem ser vistos no *Israel Museum* e no *Knesset* e seus vitrais nas janelas da sinagoga Hospital Hadassah, em Ein Kerem (ATHERTON, 2012, p. 33).

Até aqui foram percorridos séculos de história contada por pessoas que visitaram ou mudaram-se e moraram no território hoje dividido entre palestinos e israelenses. Essas narrativas cobrem três períodos distintos de controle da terra, em circunstâncias e com finalidades diversas. Cada período permite estudos em planos próprios que vão da topografia à política, passando por aspectos da sociedade e dos costumes de cada época: cristã, árabe e por última otomana (e a seguinte, já com o moderno Estado de Israel).

Além das diferenças próprias de cada narrador, à medida que os relatos de viagem se sucedem, foi possível perceber as mudanças nos cenários, mudanças que foram promovidas pelos grupos majoritários na terra. A interferência inicial dos Imperadores romanos Adriano e Constantino, o longo período cristão, depois a entrada dos árabes e as modificações que promoveram especialmente na arquitetura. Costumes foram introduzidos, relações sociais foram experimentadas.

A nossa história trouxe-nos até o começo do séc. XX. Como foi possível entrever, especialmente nos casos citados dos peregrinos norte-americanos, como também na viagem do Imperador D. Pedro II, uma estrutura turística ganhou forma em meados daquele século. Ela foi fruto dos avanços tecnológicos. A partir dai, o interesse pela exploração das possibilidades comerciais aproximou-se das rotinas antes vistas como motivadas exclusivamente pela religião, ao menos até a narrativa em que percebemos o interesse da coroa alemã em estender sua presença e influência política para a região.

A relação entre política x economia x religião dá um rótulo para a presente pesquisa. Como funciona e como se relacionam as diferentes esferas nessa equação? Essa é uma das perguntas para a qual queremos resposta. Assim, devemos considerar que desde Constantino essa relação manifestou-se possível, dado o investimento que aquele Imperador fez na demarcação de territórios ou pontos turísticos para os primeiros peregrinos, como pudemos demonstrar no Capítulo 3. O mesmo se repetiu no período da dinastia Omíada (623-732 A.D.), quando Jerusalém recebeu maior desenvolvimento do que a própria Meca (GIL, 1992, p. 90) por motivos igualmente religiosos, econômicos e políticos.

Consequentemente, não parece ter sido diferente quando a invenção do navio a vapor e o incremento de rotas marítimas, a criação de estradas de ferro e a rede de hotéis, hospedarias e mercados agitaram a vida e aguçaram o interesse de muita gente.

5 ESSES EVANGÉLICOS, QUEM SÃO E O QUE PENSAM?

O estranhamento, no olhar e na atitude,
é fundante e fundamental nas demandas pelo sagrado.
É esse estranhamento que torna necessária a estrada.
– Edin Sued Abumanssur

Neste capítulo vamos focalizar mais de perto o elemento humano da pesquisa. Mas isso implica fazer uma investigação um tanto quanto subjetiva. Indivíduos, por si, são seres complexos; estudá-los em sociedade é tarefa complicada e fazer tal estudo com indivíduos sob a luz da religião ou de qualquer ideologia é fator complicador adicional, pois envolve elementos da fé (ou elementos fenomenológicos), cujas interpretações dadas por esses sujeitos podem variar muito. Por vezes também se observa a percepção desalinhada que pesquisadores (e muitas vezes os jornalistas) demonstram em seus textos quando tentam nomear ou tipificar aspectos do campo religioso; refiro-me aos protestantes e aos evangélicos em geral, que serão arrolados neste capítulo. Para nós que estamos inseridos num desses grupos e temos trânsito entre outros setores dessa população será consideravelmente mais fácil, caso a linguagem e a familiaridade com o tema não nos traiam.

Estamos cientes da ampla e profunda discussão acadêmica sobre as variadas especificidades do que hoje é chamado neopentecostalismo; o próprio termo tem sido questionado.[356] Neste capítulo não nos envolveremos nessa discussão. A fim de criar um vínculo estrito com a pesquisa sem nos perdermos em explicações secundárias, propomos identificar as raízes das ideias e dos conceitos nascidos e trazidos da Europa por cristãos (aqui usamos "cristãos" genericamente por questão metodológica até que aclaremos as suas subdivisões), quando os pais fundadores dos Estados Unidos se mudaram para a

[356] As opções são múltiplas: iso-pentecostalismo (sociologia argentina), pseudo-pentecostalismo (Washington Franco), pós-pentecostalismo (Paulo Siepierski). V. Gerson Leite de Moraes, "Neopentecostalismo – um conceito-obstáculo na compreensão do subcampo religioso pentecostal brasileiro". In *Revista de Estudos da Religião*, junho/2010, p. 1-19. Para neopentecostalismo, Ricardo Mariano, *Neopentecostalismo: os pentecostais estão mudando.* São Paulo [Dissertação]: FFLCH-USP, 1995. No campo dos estudos da religião, especialmente a sociologia da religião, tem sido atribuída a criação do termo neopentecostal a Ricardo Mariano, *Neopentecostais, sociologia do novo pentecostalismo no Brasil.* São Paulo: Loyola, 1999. Porém, Tácito da Gama Leite Filho, em *Seitas neopentecostais*, col. Seitas do nosso tempo v. 3. Rio de Janeiro: Juerp – Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1991, utilizou o termo anteriormente. O termo aparece em "Los Carismas", in *Concílium – revista internacional de Teología*, n. 129, novembro de 1977. Agradeço a Gedeon Alencar por esta última indicação.

América do Norte e, posteriormente, quando o Brasil começou a receber missionários enviados da Europa e dos Estados Unidos, no século XIX, durante o período do Segundo Reinado. Fazendo isso, proveremos ao leitor um roteiro intelectual por onde correram as ideias que 1) compuseram o campo religioso brasileiro, que é o nosso objeto, e 2) deram origem a uma teologia cristã com viés sionista, expressão à primeira vista paradoxal.

Assim, tracemos o mapeamento dessas ideias, crenças e suas distinções.

5.1 O trânsito das ideias

O germe do que estamos chamando sionismo cristão e o impulso ao turista cristão brasileiro para que viaje a Israel, hoje, tem ligação direta, em primeiro lugar, com o trânsito ou a migração de uma visão, por assim dizer, teológica e as novas maneiras de interpretar fatos históricos, do século XIX em diante, pelas lentes da religião.

A Cristandade, resultado de "profundos processos históricos e espirituais, representava a fusão da cultura, da política e da religião" (SANTANA, 2017, p. 24), havia sofrido uma divisão no século XVI com a Reforma Protestante.

> A Reforma Protestante constituiu-se em um movimento religioso do século XVI, cujo *locus* temporal foi a Europa e depois o mundo. Sempre com os olhos na eternidade, possibilitou o surgimento de uma nova sociedade. Criou e nutriu, por derivação, sobre as premissas cristãs, formas democráticas, sociais, educacionais e econômicas. Este movimento produziu o "homem reformado", que, sob Deus, o alimentava e o definia (SANTANA, 2017, p. 28; ênfase no original).

Com a Reforma, a religião, em Estados como Alemanha e, posteriormente Holanda, se tornou questão nacional; uma nação se identificava como católica ou como protestante, ou um modelo híbrido, como inicialmente fez a anglicana Inglaterra de Henrique VIII,[357] que mais tarde ganhou ares protestantes e gerou nomes importantes da história da Igreja e das missões.

[357] A separação entre a Igreja da Inglaterra e o papado romano não ocorreu pela Reforma, mas porque o rei Henrique VIII (1491-1597) teve rejeitada pelo papa a sua vontade de separar-se da esposa Catarina de Aragão para unir-se a Ana Bolena. Evidentemente, haveria questões de outras ordens, como divergências políticas, mas a questão amorosa foi o mote. Henrique rompeu laços com Roma, tornou-se chefe da Igreja da Inglaterra e nomeou Thomas Cranmer (1489-1556) como ministro dos assuntos religiosos da Igreja. Assim, depois da morte de Henrique, os ares da reforma luterana sopraram sobre a Igreja da Inglaterra (SHELLEY, 2018, p. 287-293).

Mendonça dividiu em "pelo menos três as reformas protestantes no século XVI" (MENDONÇA, 2008b, p. 155).

> A Reforma luterana, iniciada por Lutero, em 1517, com ênfase na justificação pela fé; a Reforma calvinista, implantada pelo francês João Calvino, a partir de 1536, na cidade de Genebra, com ênfase na predestinação e na graça irresistível; a Reforma anglicana, marcada pela independência da Igreja da Inglaterra do poder do papado, iniciada com o rei Henrique VIII, a partir do ano de 1534, e retomada mais tarde por seus sucessores (MENDONÇA, 2008b, p. 155).

Cada uma dessas reformas marcaria o perfil nacional nos Estados europeus onde o protestantismo foi estabelecido em lugar do catolicismo, segundo Mendonça, um dos pioneiros no estudo do protestantismo no Brasil. "A Reforma de Lutero, Zwínglio e Calvino alcançou, além da Suíça, a França, Holanda, Escócia [com John Knox, dando origem a Igreja escocesa reformada] e parte da Alemanha" (MENDONÇA, 2008b, p. 156). Mais tarde, o protestantismo moderno, não abrindo "mão da pretensão de cristianizar a vida [...] buscou sempre aliar-se aos Estados e sacraliza-los" (MENDONÇA, 2008b, p. 44).

A partir da eclosão da Reforma de Lutero, foram discutidos pontos de doutrinas antes consolidados no cânone romanista. Uma vez rompidos com Roma, os protestantes precisavam chegar a um acordo sobre o novo e correto entendimento doutrinário e as regras de prática para a vida pública nos seus diversos aspectos. Esse foi o mote em que se deram, paulatinamente, as separações ou o divisionismo dentro da seara protestante, a começar com o grupo que veio ser conhecido por protestantes reformados ou simplesmente reformados. Ulrich Zwínglio (1484-1531) divergiu de Lutero sobre um aspecto da Santa Ceia do Senhor.[358] Este entendia que a presença de Cristo nos elementos, o pão e o vinho, era real; Zwínglio entendeu serem os elementos um memorial, haja vista um versículo da Escritura dar apoio a ambas interpretações.[359] A partir dessa divergência, nascia "a histórica separação entre luteranos e reformados" (MENDONÇA, 2008b, p. 156), exemplificando o mecanismo que se repete até hoje a partir de interpretações divergentes de outros pontos do texto das Escrituras. O próprio luteranismo sofreria

---

[358] Segundo os Evangelhos, a Santa Ceia foi instituída por Jesus a partir da celebração da Páscoa judaica em substituição a essa, sendo, para os cristãos, uma celebração que remete à morte de Jesus e que envolve e renova a comunhão do cristão com o corpo místico da Igreja.

[359] "E, tendo dado graças, partiu-o e disse: '*Isto é o meu corpo*, que é dado em favor de vocês; *façam isto em memória de mim*'." (1Corintios 11.24; ênfases acrescentadas. Texto da Nova Versão Internacional).

fratura que originou o pietismo, um rompimento com o formalismo luterano provocado por Philipp Jacob Spener (1635-1705). Para Spener, a religião deveria contemplar aspectos pessoais, como santificação e experiências religiosas e menos ênfase nos aspectos formais do luteranismo, com documentos como confissões e credos, próprios também do calvinismo,[360] outra ala dos protestantes (MENDONÇA, 2008b, p. 45).

No século XVIII, em Halle, Alemanha, Nikolau Ludwig von Zinzendorf, posteriormente Conde Zinzendorf (1700-1760) e Friedrich von Watteville (1700-1777)[361] produziram e publicaram o "Tratado para a conversão dos pagãos" (BOSCH, 2007, p. 309). As ideias expressas nesse contexto promoveram os primeiros esforços para a conversão de outros povos entre os alemães, o que ficaria conhecido como missões (ver a seguir nota sobre David Jacobus Bosch).

> A insistência da ortodoxia [luterana] em um vínculo estrutural entre igreja e Estado significava que todos os habitantes de um determinado território deveriam, pelo menos nominalmente, ser considerados cristãos. Os pietistas e morávios [ligados a Zinzendorf] rechaçaram esse ponto de vista e colocavam a ênfase em decisões pessoais. Não se poderia ver [...] o trabalho missionário como obrigação do governante [...] isso constituía um avanço importante, determinador de toda a compreensão subsequente de missão [...] Os arautos do evangelho deveriam sair sob a direção de Cristo e do Espírito e conquistar não-cristãos para sua fé sem levar em conta quaisquer interesses políticos ou coloniais (BOSCH, 2007, p. 310).

Embora tivesse se fixado em Genebra, na Suíça, entre os seguidores das ideias do reformador francês João Calvino (1509-1564), os calvinistas, o zelo espiritual e também dogmático e político recebeu o nome de puritanismo, ganhando impulso nas igrejas da Inglaterra e da Holanda, ambas potências marítimas, e Escócia (BOSCH, 2007, p. 312-3). O puritanismo seria o movimento que deixaria traços profundos na formação das treze colônias americanas, como observa McGrath, reitor do *Wycliffe Hall*, na *Oxford University*: "Apesar do puritanismo ter sido uma força teológica e política importante na

[360] O calvinismo, que não se constitui uma denominação, trata-se de uma abordagem teológica que influencia protestantes em mais de uma denominação particular, com predominância entre os presbiterianos.

[361] Ambos, Zinzendorf e Watteville, foram herdeiros das ideias de Philipp Jacob Spener. Mendonça (2008, p. 26) atribui a ascensão do misticismo nas tradições protestantes à excessiva horizontalização da religião, seja durante a era do "evangelho social", na "teologia liberal" e na "Teologia da Libertação"; certamente cabe a indicação do pietismo reagindo ao excesso de ortodoxia no sistema luterano.

Inglaterra do início do século 17, seu desenvolvimento mais expressivo se deu no Novo Mundo" (McGRATH, 2007, p. 193).

Investigando a influência das ideias escatológicas[362], milenaristas[363] e dispensacionalistas[364], Rocha (2017), que escreveu tese a partir de obras de autores cristãos sobre escatologia, fundamentalismo religioso e identidade nacional nos Estados Unidos, mapeou o itinerário intelectual[365] das interpretações de mundo no arraial protestante, isto é, cristãos que haviam rompido com o catolicismo de Roma. Entre as pessoas de fé há uma diferença entre o que se crê e o que se pratica, adverte o autor, de modo que, diferente do que alguns autores indicaram, a esperança cristã depositada na vida além não cria uma "apatia política", antes, convoca ao engajamento a fim de "construir o reino de Deus na terra" (ROCHA, 2017, p. 65).[366] Entre os resultados da Reforma destacam-se a sensação de êxito entre os luteranos alemães e a convicção de estarem vivendo o período derradeiro na história bíblica do milênio, em que Deus daria plena vitória aos fiéis sobre o mal e sobre os inimigos de Deus, enquanto que entre os anglicanos ingleses, viam a Inglaterra como a "nação eleita" (ROCHA, 2017, p. 69-70) e, portanto, com promessas e destinos específicos.

Bosch observa que no pensamento de Calvino, "o Cristo exaltado à direita de Deus era eminentemente o Cristo ativo. Em certo sentido, Calvino subscrevia uma escatologia que se encontrava em processo de cumprimento. Ele empregava o termo *regnum Christi* (o reinado de Cristo) nessa acepção" (BOSCH, 2007, p. 313).

Bosch traçou os eixos da "teologia missionária puritana" a partir de suas fontes e lá está a escatologia: "O ideal teocrático vinculava-se estreitamente ao modo como os

---

[362] A escatologia é um dos dez temas da Teologia Sistemática, notadamente o ramo que investiga as questões relacionadas ao fim individual (como a morte física e o destino da pessoa) ou aos tempos do fim (destinos de salvos e perdidos, eventos políticos, religiosos e cataclísmicos).

[363] Em linhas gerais, o milenarismo ou milenarianismo é um movimento que surge em comunidades oprimidas, motivadas por um sentimento amplo de salvação porvir, a qual é ou pode ser abreviada pela ação de resistência social e política coletiva, podendo, eventualmente, promover alguma espécie de messias ou salvador. Há vários exemplos no judaísmo antigo, na Europa medieval, como no catolicismo popular brasileiro, mas também entre grupos cismáticos norte-americanos. A expressão deriva do texto de Apocalipse 20, onde o autor fala de um período de paz que durará mil anos.

[364] Dispensacionalismo: ver nota 30.

[365] Por intelectual leia-se teologias, dogmatismos e demais conjuntos de ideias da mesma natureza. O autor indica que essas mudanças na abordagem da escatologia refletem os ambientes políticos e sociais de um grupo em determinado tempo, mais do que produtos de reflexão teológica (ROCHA, 2017, p. 66-7).

[366] "Anabatistas do século XVI, Homens da Quinta Monarquia do século XVII, os seguidores de Antônio Conselheiro e uma série de outros exemplos ao longo da história devem nos fazer repensar a noção de que os que aguardam o retorno de Cristo o fazem apenas com orações e leituras da Bíblia" (ROCHA, 2017, p. 66).

primeiros calvinistas viam a conexão entre missão e escatologia. A rígida distinção de pré-milenarismo e pós-milenarismo,[367] que caracterizou épocas posteriores (em especial, o fim do século 19 assim como o século 20) ainda não existia" (BOSCH, 2007, p. 315-17). No recorte que o autor faz do período de 1640 até início do século XIX não sobressaem os debates acirrados sobre escolas escatológicas porque cronologicamente a escatologia seria discutida em meados do século XIX (como de fato o foi). Isso não significa dizer que o puritanismo (e posteriormente o metodismo) e o pietismo não consideravam a escatologia. Consideravam, tanto que Bosch indica na "relação entre missão e escatologia" a expectativa, entre outras, da "adesão, em grande escala, de *judeus* e gentios à igreja verdadeira; e a firme convicção de que a Inglaterra recebera um mandato divino para conduzir a história a seu fim designado nessas questões" (BOSCH, 2007, p. 317, ênfase acrescentada). O papel dos judeus, isto é, do futuro Estado de Israel, seria o ponto de virada na escatologia dispensacionalista dos séculos XIX e XX.

Calvino compreendia a escatologia em três fases, acreditando que ele mesmo vivia na segunda fase. Os puritanos admitiram o esquema de Calvino atualizando o tempo, de modo que eles estariam vivendo o tempo final do segundo estágio:

> Isso explica por que eram bem mais otimistas e confiantes do que Calvino. Estavam convencidos de que já viviam nos últimos dias. De maneira lenta, mas segura, cresceu a convicção de que o último e eminentemente exitoso ataque de Deus às forças do Anticristo seria lançado a partir das praias da América do Norte e de que os santos puritanos [como se chamam os protestantes e evangélicos em geral, não no sentido Católico] desempenhariam um papel central nesse drama final da história (BOSCH, 2007, p. 317).

Soma-se a isso o papel de agravamento em questão social e psicológica que a Rebelião Irlandesa de 1641 exerceu sobre os domínios ingleses e puritanos: "a Irlanda, as Índias ocidentais e as colônias americanas". "Em face desta crise [...] surgiu uma convicção entre os puritanos que a civilização cristã estaria se aproximando de sua fase final. Contudo, esta situação foi vista como um sinal que logo conduziria para um período de novas promessas e, portanto, um novo paraíso na terra" (ZATERKA, 2004, p. 40-1), tema eminentemente escatológico. Assim, os avanços da ciência (a autora cita a invenção da imprensa e da pólvora (*sic*), além das viagens de descobrimento) ganharam especial

[367] V. n. 27.

atenção dentro da escatologia puritana como sinais evidentes ou anunciadores da proximidade do tempo esperado dentro da esperança cristã.

Do lado católico (ou nos países católicos), as ações não eram muito diferentes. Cercados pelos muçulmanos desde a Ásia, Oriente Médio e Norte da África, os europeus encontraram nos mares o caminho das Índias e das Américas. Saber da existência de milhões de pagãos nessas regiões se tornou motivo adicional para a cristianização dos mesmos, além do impulso escravista, de natureza econômica; um mercado rentoso, que no século XVIII, como se estima, envolveria a venda de 20 a 40 milhões de negros (BOSCH, 2007, p. 280). Assim, uma vez que o "papa possuía a autoridade suprema sobre todo o mundo, incluindo o pagão" (BOSCH, 2007, p. 280), podia outorgar aos conquistadores portugueses e espanhóis, em princípio, "autoridade plena sobre todos os territórios que já tinham descobertos assim como sobre aqueles que ainda descobririam" (BOSCH, 2007, p. 280). Além do poder político, cabia a esses promover a evangelização, isto é, cuidar dos assuntos eclesiásticos, caracterizando a "origem do direito do padroado (*patronato real*, em espanhol)" (BOSCH, 2007, p. 280, ênfase no original. O padroado vigorou no Brasil a Proclamação da República, em 1889). A esse mecanismo híbrido, Inácio de Loyola (1491-1556) chamou "missão", e a seus seguidores, bem como a si, "missionários" (BOSCH, 2007, p. 281).[368]

No tenso campo político e comercial, esses países europeus disputavam os mares e as terras no Novo Mundo. Dez anos após a chegada na América dos primeiros puritanos ingleses, os "Pais Peregrinos", um grupo de "calvinistas que lutava para 'purificar' a Igreja Anglicana de heranças do catolicismo em seus ritos e estrutura" desembarcou com a mesma retórica da analogia da saída dos hebreus do Egito em busca da "Terra Prometida" (ROCHA, 2017, p. 71-2). Era dogmática a retórica da condenação da perversão moral e da apostasia sendo punidas com castigo divino, convidando ouvintes aos valores condizentes com "o sonho de uma nação cristã dos pioneiros puritanos".[369] Também estava presente nos sermões puritanos a ideia de "'povo eleito' guiado por Deus

[368] David Jacobus Bosch (1929-1992), missiólogo e teólogo da Universidade de Pretória. Ele fez uma ressalva sobre a utilização apropriada do termo "missão", que seria adequado (não anacrônico), no período colonial. Os termos próprios durante o medievo eram "propagação da fé", "pregação do evangelho", "proclamação apostólica", "promulgação do evangelho", "estender a fé", "expandir a igreja", "implantar a igreja", "propagação do reinado de Cristo" e "iluminar as nações" (BOSCH, 2007, p. 281).

[369] Essa retórica ficou conhecida como *jeremiad*, referência ao modo como o profeta hebreu Jeremias anunciava as condenações e convidava seus ouvintes a uma purificação espiritual e moral.

para a 'Nova Canaã'" e as devidas bênçãos a esse povo (ROCHA, 2017, p. 73). Isso remetia ao modelo social do Israel antigo, conforme o Antigo Testamento. "Essa perspectiva já era compartilhada e alardeada por vários puritanos e se tornou ainda mais forte após a Revolução de 1640"[370] (ROCHA, 2017, p. 74).

O arrefecimento da Revolução Inglesa deu esperança aos puritanos desembarcados na América consolidarem suas crenças de que realmente foram eleitos por Deus a ponto de – e aqui vemos a reconciliação entre a política e a religião, numa flagrante negação do espírito da Reforma – Cotton Mather, ministro puritano de Massachusetts, falar da "Nova Inglaterra como 'uma descoberta secreta' de Deus para se tornar a Nova Jerusalém" (ROCHA, 2017, p. 75). Do lado propriamente religioso, os despertamentos espirituais (avivamentos) do século XVIII tiveram à frente George Whitefield (1714-1770) e Jonathan Edwards (1703-1758), este considerado um dos maiores pensadores dos Estados Unidos, além de John Wesley (1703-1791). "Edwards tinha uma perspectiva da história como progresso, um progresso marcado por crescentes avivamentos que culminariam no Milênio".[371] "No contexto da crescente onda pós-milenarista, um número cada vez maior de porta-vozes se convenceu de que o milênio começaria no Novo Mundo, muito provavelmente em algum lugar da Nova Inglaterra (BOSCH, 2007, p. 364).

Como Rocha demonstrou, a esperança futura, a utopia,[372] não cria apatia política (ROCHA, 2017, p. 65), mas os triunfos da razão humana e as conquistas obtidas levaram à crença de que era possível abreviar o tempo presente ou acelerar a chegada do futuro, isto é, a vitória final esperada "de fora", como intervenção de Deus. Isso tem sido chamado de "secularização do Milênio" (ROCHA, 2017, p. 80).[373] Tal esperança também

---

[370] A rigor, a Revolução Inglesa apenas começou em 1640, e pode ser dividida em fases, como a Revolução Puritana e a Guerra Civil (de 1640 a 1649); a República de Oliver Cromwell (de 1649 a 1658); a Restauração da dinastia dos Stuart, com os reis Carlos II e Jaime II (de 1660 a 1688); e por fim, a Revolução Gloriosa, que encerrou o reinado de Jaime II e instituiu a Monarquia Parlamentarista. Disponível em <http://historiadomundo.uol.com.br/idade-moderna/revolucao-inglesa.htm> e acessado em 19.01.2018.

[371] George M. Mardsen, *Fundamentalism and American Culture*. 2ª ed. New York: Oxford University Press, 2006, p. 197. Apud ROCHA, 2017, p. 78.

[372] Sanchez Vásquez (2001, p. 355), pertinente neste ponto, menciona a utopia anabatista: "Um ponto intermediário e fundamental entre as utopias modernas e pré-modernas, cristão, ocorre quando se tenta conjugar, em um novo modelo utópico, seus reinos respectivos: o humano, terreno, e o divino, celestial. Trata-se da utopia anabatista de Thomas Münzer, no século XVI".

[373] Ver Rocha (2017, p. 81, n. 75), o conceito de "aceleração do tempo" de Robespierre. Também Reinhart Koselleck. Abreviação do tempo e aceleração – um estudo sobre a secularização. *In.* KOSELLECK, Reinhart. *Estratos do tempo: estudos sobre história*. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-Rio, 2014. p. 145-188 (cf. ROCHA, 2017, p. 80, n. 72)

mudou o conceito de salvação, esta não mais passiva, mas realizada na ação humana. Por isso o engajamento da direita evangélica na causa sionista fará sentido a partir do século XX, pois ao aliarem-se e trabalharem para acelerar as pautas do Estado de Israel, os cristãos sionistas acreditam estar apressando a vinda do messias para os judeus ou a volta do seu Cristo, entendido como sendo a mesma pessoa. Ao envolvimento em ações políticas visando o fim escatológico pretendido, Rocha chama "pós-milenarismo esclarecido".

No final do século XX, o cenário mais amplo de nossa pesquisa, o Brasil receberia essas ideias, de início, por meio da literatura. Nos Estados Unidos, o principal nome a ser lembrado na lucrativa safra de autores que exploraram as ideias escatológicas foi Hal Lindsey, com o sucesso de vendas *The Late Great Planet Earth* (ainda em catálogo pela Zondervan/HarperCollins Publishers; lançado no Brasil por Ed. Mundo Cristão com o título "A Agonia do Grande Planeta Terra", 1981; a obra tem coautoria com C.C. Carlson). As estimativas de vendas giram em torno de 30 milhões de exemplares (ROCHA, 2017, p. 208-9), sendo o livro de não-ficção mais vendido na década de 1970.

> Suas obras [H. Lindsey] posteriores também tiveram enorme sucesso, com vendas na casa dos milhões. Lindsey é um dos poucos autores a ter, simultaneamente, três livros na lista dos mais vendidos elaborada pelo *The New York Times*. As ideias de Lindsey foram disseminadas através dos mais variados suportes – até mesmo revistas em quadrinhos – e *The Late Great Planet Earth* também recebeu uma "versão documentário" (1979) para os cinemas, que contava, além dos comentários de Lindsey, com a narração do renomado ator/diretor Orson Welles (ROCHA, 2017, p. 209).

Para se ter uma ideia de como essas ideias são permeáveis, o ex-Presidente Ronald Reagan (1911-2004) alarmou a imprensa, além de lideranças cristãs e judaicas, com suas declarações sobre a crença no Armagedon[374] e no fim do mundo.[375] Ao menos onze vezes

[374] Armagedon é um termo da Teologia para representar um futuro (e final) confronto bélico.

[375] Eleito em 1980, Reagan veio na esteira de um avanço público dos evangélicos: "A crise na reputação do Cristianismo liberal norte-americano no final da década de 1960 foi interpretada de modo geral como uma indicação da necessidade do surgimento de uma nova forma de fé cristã com mais credibilidade pública. Em 1976, os Estados Unidos se viram no "Ano dos Evangélicos", com um cristão evangélico (Jimmy Carter) ocupando a presidência e um interesse sem precedentes por parte da mídia no evangelicalismo, associado a um envolvimento cada vez maior dos evangélicos na atuação política organizada" (McGRATH, 2007, p. 272).

e a diversas pessoas, o ex-Presidente teria feito menção a isso.[376] A expressão "eixo do mal", usada por Georg W. Bush, seria uma adaptação da expressão de Reagan para "Império do mal", referência a antiga União Soviética.[377]

A produção literária brasileira, alimentada pela produção norte-americana, traduziu outras obras de Hal Lindsey, como *The 1980s: Countdown to Armageddon*, de 1980,[378] que ficou vinte semanas na lista dos mais vendidos do *The New York Times*,[379] e outras, como a aclamada série *Left Behind*, de Tim LaHaye e Jerry B. Jenkins, que vendeu mais de 80 milhões de exemplares pelo mundo,[380] dando origem a quatro produções cinematográficas, estrelada por Nicolas Cage (como Rayford Steele). *Left Behind* é uma ficção apocalíptica baseada em ideias dispensacionalistas (Dispensacionalismo, v. n. 30). Originalmente, a obra literária que deu origem ao filme é composta por dezesseis livros, dos quais treze foram lançados no Brasil pela Editora Hagnos, de propriedade de um cristão batista. Entre as produções nacionais, o clássico a ser destacado é "Israel, Gogue e o Anticristo", do pastor pentecostal Abraão de Almeida (Rio de Janeiro: CPAD). A editora estima que desde a 1ª edição em 1978 a obra vendeu mais de 1 milhão de exemplares[381] (a 18ª impressão, edição revista e ampliada, de 2014, teve tiragem 1.000 exemplares).

---

[376] "Ronald Reagan said it as Governor and as President, in his home in the White House, over lunch, over dinner, in the car and over the phone, to religious leaders and lobbyists, to his staff, a Senator and even to People magazine. On at least 11 occasions Ronald Reagan has suggested that the end of the world is coming, and it may be coming soon." John Herbers, Religious leaders tell of worry on Armagedon view ascribed to Reagan, October 21, 1984. In *The New York Times*. Disponível em <http://www.nytimes.com/1984/10/21/us/religious-leaders-tell-of-worry-on-armageddon-view-ascribed-to-reagan.html> e acessado em 24.01.2018.

[377] Ibidem.

[378] Lançado no Brasil por Ed. Mundo Cristão (1980) com o título "Os anos 80: contagem regressiva para o juízo final".

[379] Paul S. Boyer. *When time shall be no more*: *prophecy belief in modern American culture*. Cambridge: Harvard University Press, 1992. Apud ROCHA, 2017, p. 37.

[380] Disponível em <https://www.publishersweekly.com/pw/by-topic/industry-news/religion/article/71026-lahaye-co-author-of-left-behind-series-leaves-a-lasting-impact.html> e acessado em 24.01.2018.

[381] Um gerente da editora alegou não haver números confiáveis, dado que só recentemente esse controle começou a ser feito com maior rigor. Mesmo 1 milhão de cópias vendidas é número exagerado considerando a população brasileira em 1980 (dois anos após o lançamento do livro) de 121,2 milhões (IBGE) e os evangélicos sendo 7.885.846 milhões (Anuário Estatístico do IBGE). Escatologia é tema que atrai a poucos num tempo quando a literatura era artigo de luxo entre os pentecostais.

5.2 O Destino Manifesto: a versão secularizada de um anseio religioso

Se no campo religioso havia vigor espiritual na América, entre os menos religiosos havia "traços de um processo de secularização, embalado pelos ideais iluministas" (ROCHA, 2017, p. 81). Isso se deu com a autonomização de setores da economia em relação à influência da igreja ("comércio, guerra e, em parte, a política"). Weber já havia identificado a gênese da vocação secular na Reforma por meio da tradução que Lutero fez de termos gregos e hebraicos para o alemão *Beruf*: "Já não resta dúvida de que na palavra alemã *Beruf* e talvez mais claramente ainda na palavra inglesa *Calling* está pelo menos implícita uma conotação religiosa de uma tarefa confiada por Deus" (WEBER, 2003, p. 67).

O pensamento alinhado aos ideais de Thomas Jefferson e Benjamin Franklin, a "linha jeffersoniana", via o cristianismo passível de ser "transformado em uma religião puramente civil e razoável" (ROCHA, 2017, p. 82). Tanto Jefferson quanto Locke apoiavam-se na razão humana, entendendo que a Bíblia afirmava as mesmas coisas que a razão.[382]

Esses anseios por progresso e futuro benfazejo, realização de promessas divinas e estabilidade social e alhures é o ponto em que ocorre a hibridização entre religião e política, grosso modo, na sociedade norte americana. Os *Pilgrim Fathers* viam-se como o "Novo Israel de Deus", herdeiros das promessas feitas aos antigos hebreus, caso "obedecessem a lei divina" e se abstivessem do mal (ROCHA, 2017, p. 83). Juan Campo[383] (1998), que vê a cultura norte-americana profundamente ligada a "processos de movimento"[384] (CAMPO, 1998, p. 40), organiza seu artigo em três campos para os diferentes grupos de peregrinos na cultura norte-americana, sendo o dos religiosos, o da religião civil e da religião cultural (CAMPO, 1998, p. 40), que analogicamente segue o

---

[382] Rocha não diz explicitamente, mas é possível identificar as raízes da noção (hoje chamada evangélica) norte-americana que orientará os esforços da direita protestante no século XX em direção a Israel em falas de presidentes que refletem esse anseio coletivo, como no discurso de 4 de março de 1805, proferido por Thomas Jefferson. "É importante observar que, apesar de sua perspectiva deísta, Thomas Jefferson afirmou em vários momentos a importância da religião para o bom funcionamento da sociedade e constantemente evocava a proteção de Deus e utilizava a retórica do 'povo eleito' e do 'Novo Israel'" (ROCHA, 2017, p. 82, n. 78; trad. do autor).

[383] Juan Eduardo Campo é professor de História das Religiões, Estudos Islâmicos e Estudos Globais e Internacionais na *University of California*, em Santa Barbara e desenvolve pesquisa em estudos comparativos sobre peregrinações na modernidade a partir de pesquisas realizadas no Egito, Arábia Saudita, Índia, Malásia, México e nos Estados Unidos.

[384] A expressão é de Sidney E. Mead, em um ensaio de 1963, cf. CAMPO, 1998, p. 41.

raciocínio de Rocha. Campo retrocede até Colombo, que em sua busca por um caminho a Índia tentou alcançar Jerusalém, o alvo das peregrinações cristãs no medievo, e em seguida avança até os *Pilgrim Fathers*, nos quais também enxerga as expressões comuns para referirem-se ao Novo Mundo e como elas enfatizavam quadros bíblicos como "Terra da Promessa", "a nova Sião", "a cidade sobre a montanha"[385] (CAMPO, 1998, p. 40). Não apenas a cultura daquele país tem sido impulsionada por esse mecanismo, mas a sua "identidade tem sido atada a conceitos de movimento e busca" (READER, 2007, p. 225), que se mostra, e.g., na exploração do Oeste, na tradição mórmon no século XIX, em busca de um novo começo e um centro sagrado (que culminou na criação de *Salt Lake City*, Utah, onde está a maior concentração mórmon no país), e que em tempos modernos podem ser vistos na paisagem americana que atrai peregrinações seculares a *Disneyland*, *Graceland* e Montanhas *Rushmore* (READER, 2007, p. 225).

Quando estourou a Revolução Americana, em 1776, os protestantes pensaram que se tratava de uma ação divina. Jon Butler,[386] historiador de Yale, notou isso. Os filhos dos avivamentos ocorridos no século XVIII, além de oficiais das igrejas protestantes, viam na Revolução um evento indicador do início do Milênio. "Alguns cristãos conseguiram compatibilizar o otimismo secular no progresso com sua escatologia pós-milenista – herdeira da influência de [Jonathan] Edwards". "Para os pós-milenaristas, as reformas sociais e as conquistas da ciência culminariam na volta de Cristo" (MENDONÇA, 2008b, p. 132). A Revolução Francesa também foi incorporada aos sermões populares com viés escatológico como elemento igualmente indicador do advento do Milênio (ROCHA, 2017, p. 83).

Desse modo, surgiram "duas tradições de pensamento sobre as relações entre política e religião nos EUA". Uma, a jeffersoniana; a outra, bastante influente na Nova Inglaterra, "via no cristianismo um elemento essencial e positivo para a vida nacional [e a] união da nação [...] em torno da obediência a princípios morais divinamente inspirados (e revelados)" (ROCHA, 2017, p. 84). Além disso, ambos os grupos viam a própria nação como depositória de uma missão a ser desempenhada no âmbito internacional:

---

[385] Referência a uma fala de Ronald Reagan, mas que não é citação da Escritura; antes, citação de John Winthrop em pé no convés do Arabella, em 1630. John Winthrop foi advogado puritano inglês, líder dos ingleses na fundação da Província da Baía de Massachisetts, na Nova Inglaterra, e seu Governador por doze anos.

[386] Jon Butler, *Awash in a sea of faith: christianizing the American people*. Cambridge: Harvard University Press, 1992, p. 216.

"expectativa majoritária norte-americana era de fundo pós-milenarista" (ROCHA, 2017, p. 85), ou seja, os avanços industriais, coloniais e de qualquer outra natureza seriam parte da missão nacional delegada por Deus.

Junqueira diz que após o sucesso da Revolução, brotou um espírito nacionalista intenso e teve origem o "mito de que os Estados Unidos são vencedores e, por isso, têm como 'dever' defender a sociedade que construíram por um 'desígnio ditado pela providência', em alguns casos, devem também defender a humanidade em geral" (JUNQUEIRA, 2001, p. 10). Expressões como "nação eleita", "novo Israel de Deus", nação redentora/salvadora" serão frequentes nos discursos políticos e religiosos, bem como na literatura, além da bastante conhecida expressão *Manifest Destiny* (ROCHA, 2017, p. 85), ou seja, duas versões do mesmo discurso: uma versão religiosa e outra política e secular.[387]

O experimento do "novo Israel de Deus" dos *Pilgrim Fathers*, tornado uma realidade, somado à onda de otimismo com a suposta missão, foi reforçado com a "segunda onda de grandes avivamentos espirituais" no início do século XIX (ROCHA, 2017, p. 86). O pós-milenarismo de Jonathan Edwards gradativamente se transformou num Milênio nacionalizado, ao ponto de Timothy Dwight, pregador avivalista, chamar os norte-americanos de "essa raça escolhida" (ROCHA, 2017, p. 86).

A esse respeito podemos evocar o trabalho de Peter Berger, na mesma linha de Weber, Durkheim (como Bourdieu), ao notar que "não basta, portanto, dizer que a sociedade está radicada na atividade humana. Deve-se dizer também que a sociedade é a atividade humana *objetivada*, ou seja, que a sociedade é um produto da atividade humana que atingiu o *status* de realidade objetiva" (BERGER, 2009, p. 24; ênfase no original). Por objetivada, Berger está se referindo ao modo como entende os três momentos ou passos no "processo dialético fundamental da sociedade" (BERGER, 2009, p. 16), que são a exteriorização, a objetivação e a interiorização. A atividade humana, física ou intelectual, exterioriza o próprio "ser humano sobre o mundo" (BERGER, 2009, p. 16), então se dá a objetivação, que "é a conquista por parte dos produtos dessa atividade [...] de uma realidade que se defronta com os seus produtores originais como facticidade exterior e distinta deles" (BERGER, 2009, p. 16); finalmente ocorre a "interiorização",

[387] Arthur Schlesinger Jr. (*Os ciclos da história americana.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992) considerou que a partir de meados do séc. XIX um novo ingrediente surgiu nesse cenário: a "crença no excepcionalismo da nação e na inviolabilidade da missão dos norte-americanos" (cf. ROCHA, 2017, p. 85), sendo que o calvinismo estaria na origem de ambas as ideias.

que "é a reapropriação dessa mesma realidade por parte dos homens, transformando-a novamente de estruturas do mundo objetivo em estruturas da consciência subjetiva. É através da exteriorização que a sociedade é um produto humano" (BERGER, 2009, p. 16).

Nesse quadro, a coercitividade da sociedade não deve ser considerada meramente a capacidade de "pôr na linha" cada indivíduo ou atividade desviante; antes, "a coercitividade fundamental da sociedade está [...] no seu poder de se constituir e impor como realidade" (BERGER, 2009, p. 25). E de onde vem essa realidade? Berger responde que a religião, ainda que "empreendimento humano", (BERGER, 2009, p. 38), provê "uma qualidade de poder misterioso e temeroso, distinto do homem e, todavia, relacionado com ele", qualidade que "pode ser atribuída [...] às objetivações da cultura humana" (BERGER, 2009, p. 38), ou seja, a uma tradição religiosa exitosa e sedutora. "Achar-se numa relação 'correta' com o cosmos sagrado é ser protegido contra o pesadelo das ameaças do caos" (BERGER, 2009, p. 40). Consequentemente, essa "relação correta" dará ocasião a novo processo constitutivo da ordem social, a legitimação, usado por Berger em ampliação ao modo como Weber utilizou. E "por legitimação se entende o 'saber' socialmente objetivado que serve para explicar e justificar a ordem social. Em outras palavras, as legitimações são as respostas a quaisquer perguntas sobre o 'porquê' dos dispositivos institucionais" (BERGER, 2009, p. 42).

Aplicando os elementos sistemáticos a fatos históricos, Berger leva em consideração o processo de secularização na sociedade norte-americana, dizendo que nesta, o fato de a igreja ocupar "posição simbólica mais central" (BERGER, 2009, p. 120-1) do que na sociedade europeia, se deve à secularização da própria igreja. A objetivação da sociedade norte-americana, tendo sido calcada na visão de mundo gêmea dos "eleitos" (entre religiosos) e do *Manifest Destiny* (entre secularizados), facilitou ao conjunto da sociedade secularizar-se (ou tornar a religião algo cultural), de modo que a igreja, como não ofereceu resistência ou fez frente a esse processo, manteve sua estrutura de plausibilidade.[388] Berger já havia advertido que "empiricamente, as instituições estão sempre mudando à medida que mudam as exigências da atividade humana sobre as quais

[388] "Uma das proposições fundamentais da sociologia do conhecimento é a de que a plausibilidade, no sentido daquilo que as pessoas realmente acham digno de fé, das ideias sobre a realidade, depende do suporte social que estas ideias recebem" (BERGER, 1973, p. 53).

elas se baseiam" (BERGER, 2009, p. 49), e nos Estados Unidos isso se observa com facilidade na cultura, em jargões, em pronunciamentos do Governo.[389]

No contexto que foi formado, as dificuldades enfrentadas pela nação norte-americana foram vistas como condição *sine qua non*, como castigos de Deus necessários para aperfeiçoar o seu povo, reproduzindo o acordo de Deus com o antigo Israel (conforme interpretação do texto "Deus corrige a quem ama", Epístola aos Hebreus 12.5-8; ROCHA, 2017, p. 87). A Guerra Civil ou de Secessão (1861-1865) foi interpretada a partir da perspectiva de que as batalhas enfrentadas pelo "Novo Israel" eram pela propagação da verdade e da democracia, que viria por meio do expansionismo, i. é, a retomada da terra para Deus e seu povo, como nas Cruzadas. Todo aquele que resistisse às investidas do "povo eleito" seria caracterizado como inimigo do próprio Deus e de seus planos, num processo de demonização do outro, tal como chamar de "eixo do mal" a líderes e nações no Oriente Médio que impediam os planos norte-americanos.

A partir desse quadro de ideias, o expansionismo, as guerras, a ampliação do poderio bélico entre outros, as maneiras de intervenção seriam justificadas pelo mito impresso no pensamento nacional que serviria como embalagem para ações (e motivações) de ordem econômica, política ou mesmo religiosa (evangelizadora, por exemplo). Nisso, Rocha adverte para o fato de não podermos esvaziar certa crítica a ação desses homens do poder que o mito impõe a "uma sociedade visceralmente marcada pela fé nas 'verdades da tradição judaico-cristã'" (ROCHA, 2017, p. 89).[390]

No final do século XIX, quando os efeitos dos avivamentos ocorridos cem anos antes e naquele mesmo século haviam cessado, a "nação redentora" precisava de elementos do repertório religioso para fazer frente a secularização:

> Crescimento econômico, expansão para o oeste, poderio bélico, funcionamento das instituições políticas, benefícios materiais da modernidade (como ferrovias, luz elétrica, desenvolvimento da produção do aço permitindo um surgimento sem precedentes de novas metrópoles) (ROCHA, 2017, p. 90).

---

[389] Cultura: letras de músicas de cantores e bandas seculares com frequência apelam ao vocabulário gospel; jargões: a inscrição no dólar *In God WeTrust*; nos pronunciamentos do Governo, como demonstramos neste capítulo, e também no atual governo Donald Trump, repetidas vezes apela-se a moral cristã.

[390] A esta altura é oportuno destacar a distinção entre os protestantes norte-americanos e os brasileiros. Lá, a relação entre os protestantes e o Governo é incomparavelmente mais próxima do que aqui, onde a Igreja Católica historicamente ocupou essa posição e os evangélicos (ver conceituação mais adiante) despontaram no cenário político só em finais do séc. XX.

Esses avanços trouxeram "novos estilos de vida" bem distintos da herança calvinista puritana dos Pais Fundadores (ROCHA, 2017, p. 90). Então, "o final do século XIX viu surgir um movimento religioso – o fundamentalismo – e uma perspectiva escatológica pré-milenarista – o dispensacionalismo – que viriam a colocar em cheque o otimismo norte-americano" (ROCHA, 2017, p. 91) dentro desses círculos influentes (fundamentalista, pré-milenista). As novas perspectivas propostas pelo dispensacionalismo, associadas ao espírito e às convicções centenárias de "povo eleito", "novo Israel de Deus" e a versão secular dessas ambições, o *Manifest Destiny*, parecem ter se juntado e produzido uma nova combinação dos elementos simbólicos da tradição judaica, que encontrou apogeu na proclamação do Estado de Israel em 1948.

Esse evento coroou as variadas convicções e expectativas pelas quais o povo vinha sendo alimentado no campo político, religioso ou pela literatura[391] que, como vimos há pouco, desembocou no Brasil, alimentando uma geração de novos crentes, no momento de crescimento dos evangélicos no país, especialmente os pentecostais, que adotariam as ideias pré-milenistas e dispensacionalistas, ambas de olho nos acontecimentos envolvendo Israel.

Uma breve nota é necessária antes de passarmos ao próximo tópico. A linha de raciocínio oferecida sobre a maneira de pensar o desenvolvimento dos fatos em Israel e como evangélicos norte-americanos o interpretam:

1) Não significa homogeneidade. Desconhecemos homogeneidade em qualquer sistema (religioso, político, econômico etc.). Uma analogia pertinente é o próprio Estado de Israel, onde há leis baseadas na ortodoxia rabínica (a minoria da sociedade) e essas leis regem a vida da maioria que não segue os preceitos da religião desses judeus[392].

2) Apesar de os judeus norte-americanos historicamente terem procurado apoio na esquerda liberal ao invés de procurar entre os evangélicos pode representar a má

---

[391] É dessa época a obra *The fundamentals: a testimony to the truth* (ou simplesmente *The fundamentals*, Os fundamentos. Vem daí o termo fundamentalista). "Os Fundamentos" são uma coleção de artigos de teologia que visava fazer contraponto ao liberalismo teológico da época. Não por acaso, Lyman Stewart, o empresário que patrocinou o projeto que teve início em 1909, era presbiteriano e dispensacionalista. Mais de 3 milhões de volumes foram distribuídos gratuitamente a ministros evangélicos, missionários, professores de teologia e outros formadores de opinião.

[392] Uma sugestão de leitura sobre isso é o artigo de Yossi Beilin, PhD, que serviu em vários cargos no Knesset e em postos do governo israelense, o último dos quais foi ministro da justiça e assuntos religiosos. Disponível em <http://www.al-monitor.com/pulse/originals/2018/07/israel-cyprus-marriage-bastard-jewsih-law-conservative.html#ixzz5MML6x12n> e acessado em 26.07.2018.

compreensão dos judeus sobre o modo como os evangélicos se inclinam para as questões judaicas. O apoio que pentecostais têm devotado a eles e mesmo a recente percepção do Governo de Israel sobre a importância do apoio cristão às pautas israelenses é facilmente demonstrável. O olhar dos judeus nos últimos anos tem se movimentado na direção dos evangélicos, como temos indicado e ainda o faremos. Até 1977, o sionismo em Israel era predominantemente de esquerda. A aproximação com os fundamentalistas e demais correntes inclinadas ao judaísmo e ao sionismo é algo próprio do atual governo do Likud de Netanyahu, não por coincidência a nossa pesquisa investiga o turismo que serve a esses interesses, o qual (o turismo) cresceu na virada para o século XXI.[393]

3) O apoio de parte da população evangélica às pautas do Estado de Israel não significa, como no ponto 1, consenso entre todos os evangélicos e podem ou não refletir percepções sobre o Holocausto, como também convicções vindas da Teologia. Aliás, não nos espantaríamos se alguma pesquisa demonstrasse que boa parte dos evangélicos não soubesse nada sobre o Holocausto.[394]

4) Sendo os protestantes fundamentalistas um centro de gravidade dos Republicanos e os judeus maciçamente democratas (não hegemonicamente), a percepção desses cristãos, especialmente os brasileiros, suprime posicionamentos políticos em função das convicções religiosas (ou teológicas). Os resultados das entrevistas deixarão isso mais claro no próximo capítulo, i.é., a alienação entre ambos os campos, político e religioso, na formulação da cosmovisão cristã brasileira. Evangélicos que se alinham ao pensamento estatológico pré-milenista esperam mudanças radicais, fruto da intervenção divina. É parte do bojo dispensacionalista tais expectativas, de modo que afirmar que para esses cristãos crer que judeus mudarão imediatamente o posicionamento político ao verem o Messias vindo nas nuvens não é mero exagero.

---

[393] Nesse sentido, é esclarecedora a citação de Michel Gherman: “Se por um lado tais reflexões estão relacionadas a questões religiosas, por outro as referências políticas também são importantes, já que movimentos evangélicos frequentemente usam símbolos judaicos e sionistas e se postulam defensores do Estado de Israel e da causa sionista” (GHERMAN, 2009, p. 57).

[394] Não é raro encontrar pastores dizendo que o brasileiro Osvaldo Aranha deu o “voto de Minerva” na reunião da ONU que estabeleceu o apoio a fundação do Estado de Israel, quando na verdade não houve empate naquela votação. Aranha teve importante papel no ocorrido, uma vez que costurou nos bastidores o maior apoio aos interesses dos judeus. Disponível em < https://internacional.estadao.com.br/blogs/gustavo-chacra/de-1947-a-2011-o-brasil-na-criacao-de-israel-e-da-palestina/> e acessado em 26.07.2018.

5.3 Os protestantes no Brasil

Que os portugueses católicos foram os primeiros europeus a se estabelecerem definitivamente no que viria a ser o Brasil, não duvidamos. Sobre serem os primeiros a descobri-lo, há discussão em curso.[395] Antes de os puritanos (calvinistas ingleses) tentarem a liberdade de culto na Nova Inglaterra, os huguenotes[396] (calvinistas franceses) enfrentaram uma tentativa fracassada de inserir o protestantismo europeu no Brasil, ainda no século XVI. A despeito do Tratado de Tordesilhas de 1494 e da bula papal *Inter Cetera*,[397] que dividiam os territórios descobertos entre espanhóis e portugueses, o rei francês Francisco I disse "desconhecer a cláusula do testamento de Adão que reservava o mundo unicamente a portugueses e espanhóis" (SANTANA, 2017, p. 39). Se os portugueses não tinham em mãos um testamento adâmico, tinham armas. E as armas foram usadas para expulsar os 400 franceses huguenotes, encabeçados pelo vice-almirante Nicolas Durand de Villegaignon (1510-1571), até então simpatizante dos calvinistas, que haviam se estabelecido numa ilha da baía de Guanabara, sob a promessa de Villegaignon de que na recém descoberta terra desfrutariam liberdade religiosa que Henrique II, da França, não concedia.

Na baía de Guanabara, Villegaignon proclamou-se "em breve *rei da América*" (AZZI, 2008, p. 137; ênfase no original). Ele liderava uma das duas expedições autorizadas pelo líder do partido huguenote francês e protetor dos mesmos, Almirante Coligny (1519-1572), e pelo próprio João Calvino (1509-1564). A primeira expedição desembarcou na baía do Rio de Janeiro em 11 de outubro de 1555 (a segunda no início de 1556) e batizaram a ilha onde ancoraram de "Forte Coligny" (SANTANA, 2017, p. 42). Mas a admiração de Villegaignon por Calvino e suas ideias sofreu inesperado revés, "a ponto de dizer publicamente que as tinha abandonado em relação a Calvino e à Igreja

---

[395] Ver SANTANA, 2017, p. 39, esp. n. 49.

[396] Huguenotes. A origem do termo é controversa. Há quem remeta ao líder político suíço Hugues Besançon. Outra linha, liderada por Bernard Cottret, biógrafo de Calvino, indica vir do francês *eidguenot* (trad. confederados). Owen Roche escreveu que "huguenot" deriva da junção de flamengo e alemão para grupos que estudavam a Bíblia secretamente na região francesa, os "Huis Genooten" (trad. colegas de casa) ou na região alemã-suíça, os "eid genossen" (trad. colegas de juramento). Finalmente, huguenotes poderia indicar o local de culto dos protestantes franceses, chamado Torre de Hugon, em Tours.

[397] Juan Lara, *Vaticano mostrará la Bula papal que dividió América entre España y Portugal*. EFE/El Nuevo Herald, 12.12.2011. Disponível em <http://www.elnuevoherald.com/noticias/curiosidades/article2014993.html> e acessado em 26.01.2018.

Reformada" (SANTANA, 2017, p. 44). O passo seguinte foi perseguir, ele mesmo, os calvinistas das duas primeiras expedições, além da terceira, chegada a Guanabara a 10 de março de 1557 (SANTANA, 2017, p. 46).

Villegaignon intimou-os a abandonar a fé reformada. Parte do grupo retornou a França, parte foi morta a mando do próprio Villegaignon (executados e lançados ao mar), e num dos casos, a execução de João Bouller contou com o auxílio do padre José de Anchieta[398] (SANTANA, 2017, p. 46-49). Todo o episódio ficou conhecido como a Tragédia da Guanabara, em que foram feitos os primeiros mártires do protestantismo em solo americano.

Novas tentativas dos protestantes de penetrar no país consistentemente aconteceriam três séculos mais tarde em outras circunstâncias, já durante o Segundo Reinado, com D. Pedro II. Lilia Schwarcz demonstrou haver no Brasil uma percepção favorável ao Imperador entre os campos político e econômico, ao menos durante a primeira metade de sua longeva carreira política. Isso podia ser atestado por comentários elogiosos feitos pela imprensa da época, já descontada a relativa liberdade de imprensa que o Imperador permitia. O Brasil era "considerado o ponto central da civilização do Novo Mundo" e sobre ele recaiam expectativas positivas. Devia isso a D. Pedro II, aquele que "pacificou e lhe deu a prosperidade" observada publicamente e que iria além disso pelas mãos "de seu monarca", diferentemente da situação geral na América Latina (SCHWARCZ, 1998, p. 176-177).

Pedro II empenhou-se pessoalmente no desenvolvimento cultural e educacional no país,[399] tendo como influência modelos europeus, como "da Academia Real de Ciências de Lisboa, fundada em 1779" (SCHWARCZ, 1998, p. 849). O país já tinha duas faculdades de Direito, fundadas em 1827 por seu pai, uma em Olinda e outra em São Paulo (SCHWARCZ, 1998, p. 178). Em 1838, formou-se o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (o IHGB), que reuniu a "elite econômica e literária carioca [... e a] partir da década de 40, os românticos brasileiros" (SCHWARCZ, 1998, p. 178).

Sendo o país "uma ilha de letrados num mar de analfabetos" (CARVALHO, 2007, p. 56), é preciso reconhecer a influência europeia na educação e formação dos costumes

---

[398] João Bouller havia fugido para a capitania de São Vicente, tendo sido recebido pelos portugueses que cuidavam se tratar de um católico.

[399] Se para disseminar cultura e educação ou para aproximar apoiadores, é discussão à parte; havia ca. 80% de analfabetismo à época. Como mencionou Murilo de Carvalho, havia um "uma ilha de letrados num mar de analfabetos" (CARVALHO, 2007, p. 56).

de Pedro II. Por essa via, não apenas foi despertado o seu interesse pelas artes e pela ciência, como o envolvimento com o estudo de culturas e línguas ditas exóticas, que era próprio das classes mais altas e dos viajantes daquele continente no momento em que o Imperador se projetou regional e internacionalmente (ou foi projetado pelos interesses do presbiteriano norte americano James Fletcher, v. a seguir). À época, a Europa era a meca da cultura e o sonho de consumo da elite brasileira (v. 2.7) (PIRES, 2002, p. 196-204).

Por trás desse cenário e trânsito entre viajantes e estudantes, entre cultura e economia, estão os traços protestantes que permeiam as relações e a influência sobre um Imperador educado pelos livros. Schwarcz registrou que a primeira viagem internacional do Imperador, em 1871, foi a hora de "finalmente visitar o mundo que o imperador só conhecia por meio dos livros" (SCHWARCZ, 1998, p. 537). Roderick J. Barman (1999), historiador canadense, autor de *Citizen Emperor*, lembrou que D. Pedro não estava sozinho: "O grupo que liderava o Brasil durante a primeira metade do século XIX havia sido, em sua maior parte, educado na Europa, e tomava França e Inglaterra [uma república e uma monarquia] como modelos do que o Brasil deveria ser" (em entrevista por e-mail para ELIAS, 2012, p. 19).

Viajantes que faziam pesquisas no país durante aquele período, alemães e britânicos e os educados franceses não eram, senão, os luteranos, anglicanos e calvinistas, o que dá sentido a conclusões como a que o historiador carioca Rodrigo Elias tirou às críticas feitas ao modo de governar de D. Pedro II:

> Se houve críticas de Freyre e Holanda ao modo "protestante" e até mesmo uma "espécie de calvinismo político", há quem considere que ele tenha "Ajustado ao meio e ao momento pelo qual passava o mundo. D. Pedro ajudou a incutir no Brasil princípios até então praticamente inéditos por aqui. Princípios considerados, na época, "civilizatórios", que hoje qualificamos como "republicanos": respeito ao interesse público, despersonalização da política, meritocracia. Nem por isso deixamos de ser mestiços, festivos ou adeptos do improviso. A excepcionalidade de D. Pedro II teria servido apenas para dar uma contrabalançada na receita (ELIAS, 2012, p. 19).

Embora "a monarquia [fosse] um Estado religioso, um Estado católico",[400] D. Pedro II não coibia a liberdade religiosa e havia protestantes em seu redor, como o reverendo metodista norte-americano Daniel Parish Kidder, "considerado pioneiro do

[400] Cfm. Profª. Drª. Angela Alonso, em entrevista *A proclamação da República*. Disponível em <encurtador.com.br/wFR27> e acessado em 06.12.2017. Univesp TV, 2013.

protestantismo no Brasil", que ficou no país entre 1836 e 1842 "na qualidade de missionário metodista" (SCHWARCZ, 1998, p. 385). Ele trabalhou como vendedor de Bíblias,[401] fez esforços pela protestantização do Brasil, protestantização que à época era associada ao "desenvolvimento econômico, científico e tecnológico" (VIEIRA, 1980, p. 63), "em franca contradição com as atitudes mentais" latino-americanas: "Os protestantes tendiam a organizar suas vidas em torno de um propósito, o que não era a tendência da sociedade latino-americana [...] com mais confiança na sorte do que na disciplina" (MENDONÇA, 2008b, p. 50).

Outro nome conhecido no período é James Cooley Fletcher, pastor presbiteriano. O reverendo Fletcher veio para o Brasil em 1851 como agente da *American and Foreign Christian Union* e da *American Seamen's Friend Society*, ambas sociedades protestantes, ficando no país até 1854.[402] Fletcher "defendeu interesses do Brasil no exterior, relacionou-se com políticos eminentes e com o próprio Imperador" (FERREIRA, 1992, p. 77) e como membro do IHGB "conviveu com D. Pedro II" (SCHWARCZ, 1998, p. 385). Além disso, dois dos amigos do Imperador, Louis Pasteur e Ernest Renan, eram adaptados "à rígida moral calvinista da família Scheffer" (BESOUCHET, 1993, p. 250).[403] Mas a aproximação do Imperador e do país aos modos da cultura protestante foi mais vasta.

5.3.1 Os "tradicionais": presbiterianos, luteranos, anglicanos, batistas, metodistas e Kalley

A pesquisa de Edson d'Avila[404] contextualiza a acusação contra os protestantes de instigação da Guerra do Paraguai para trazer dos Estados Unidos um grupo de Confederados que havia lutado na Guerra da Secessão (D'AVILA, 2006, p. 82;

---

[401] As associações entre igrejas para envio de missionários e as sociedades bíblicas, tanto europeias (como a britânica) quando a norte americana, foram descritas por Mendonça como esforços ecumênicos entre as diferentes denominações protestantes para a propagação do Evangelho a povos considerados pagãos. V. "O pensamento ecumênico: contradições e história", in MENDONÇA, 2008b, p. 153-192, esp. p. 188.

[402] Retornou ao Brasil em 1855, ficando apenas mais um ano. Junto com o político Tavares Bastos, foi responsável por influenciar o Governo brasileiro a implantar uma linha a vapor entre o Rio de Janeiro e Nova Iorque.

[403] A afirmação de Besouchet não é propriamente que Renan e Pasteur eram calvinistas, mas adaptados ao calvinismo da família Scheffer (não sabemos quem são) e, educados na França e cristão que eram, não estranhamos uma possível influência.

[404] Dissertação sobre o pentecostalismo e a política no século XX.

VIEIRA, 1980, p. 72). Bispos e padres temiam uma invasão protestante em solo católico, mas a elite, aliada a políticos progressistas (e a padres maçons,[405] animados com uma visão moderna para a sociedade), apoiava as ideias modernizadoras dos protestantes contra o retrógrado modelo papista ultramontano. Esses protestantes são hoje conhecidos como tradicionais: presbiterianos, luteranos, anglicanos, batistas[406] e metodistas, em distinção dos pentecostais (v. à frente). Os tradicionais, portanto, são cristãos do ramo protestante que romperam com a Roma católica a partir do século XVI, e provém de países como a Alemanha, França e Inglaterra, majoritariamente.

Durante a Guerra do Paraguai, Fletcher empenhou-se numa propaganda pró-Brasil nos Estados Unidos,[407] como também na viabilização da construção de uma linha férrea que levaria os Confederados ao sul do país. Em 1865 foi "aprovada a lei de subsídio para construção [dessa] linha a vapor", visando o transporte dos "imigrantes vindos do sul dos EUA" (D'AVILA, 2006, p. 82). O turismo no período se beneficiou do desenvolvimento desse modelo de transporte, mas parece que a origem ou impulso para a sua implantação não foi por razões recreativas.

Júlio Andrade Ferreira (1912-2001), historiador e teólogo presbiteriano, informa que a inserção do protestantismo luterano no país durante o Reinado se deu quando Karl Wilhelm von Theremin, pintor e desenhista estabelecido no Rio de Janeiro (serviu como cônsul do Governo prussiano até 1817 na Bélgica), pretendeu atender seus compatriotas em suas necessidades espirituais. Com isso, justificou a fundação, em 1827, de uma igreja luterana, a Comunidade Protestante Luterana, que nos primeiros dez anos reuniu-se em

---

[405] "Os padres não estavam prestando atenção a encíclica papal contra a maçonaria, continuou Blackford. De fato, afirmou: "o cura da Igreja Catedral em São Paulo" (o missionário referia-se provavelmente a Frei Joaquim do Monte Carmelo, cônego da Catedral de São Paulo, que era conhecido como um maçom exaltado), falando com um amigo de Blackford, fizera uma afirmação que era típica dos padres maçons da época" (VIEIRA, 1980, p. 278).

[406] Por questões metodológicas estamos ajustando os anglicanos "da Alta Igreja (*High Church*)" e os batistas ao grupo protestante, embora em geral ambos não aceitem o rótulo "protestante". Os demais grupos, surgidos na Reforma e pós-Reforma, "aceitam a denominação geral de evangélicos" (MENDONÇA, 2008, p. 78). Mendonça indica que o termo "evangélico", deriva dos *evangelicals* (ou movimento evangelical), surgido nos países de tradição protestante e designa a "ala mais conservadora do protestantismo" (Ibidem), especialmente nos Estados Unidos e Brasil. Para Matos, até por volta da década de 1930 "os protestantes latino-americanos se denominavam 'evangélicos'" indistintamente, sendo depois aplicado protestantes às igrejas históricas "de linha teológica progressista" e evangélicos às igrejas conservadoras (MATOS, 2008, p. 31). Na Alemanha, os luteranos se chamam *Evangelische kirche*.

[407] Escreveu, em coautoria com Kidder, *Brasil and the Brazilians Portrayed in Historical and Descriptive Sketches.* 6ª ed. Boston: Little, Brown and Company, 1866. A obra foi amplamente divulgada nos Estados Unidos.

casas particulares, dada a proibição dos cultos no vernáculo e construções com aparência de igreja, conforme vedado pelo artigo 5º da Constituição.[408] Em Petrópolis, onde morava o Imperador, a igreja Luterana foi fundada em 1845, tendo como pastor o dr. Frederico Lippold, botânico, que deu aulas a D. Pedro II (FERREIRA, 1992, p. 71).

O padre e historiador João Fagundes Hauck (1922-2009), autor de "A Igreja no Brasil no século XIX", indica que o "Tratado de Comércio e Navegação", de 1810, marcou o período da imigração alemã para o Sul, Santa Catarina e Rio Grande, promovendo a chegada de cerca de 4.800 pessoas até 1830[409] (HAUCK, 1992, p. 239). Para o próprio século XIX, Hauck estimou em ca. 1700 imigrantes alemães por ano no país e sendo um tratado feito com os ingleses, não podemos subestimar a chegada de anglicanos e batistas[410] entre esses imigrantes. O missionário e historiador Duncan Alexander Reily (1924-2004; REILY, 1984, p. 45) informa que desde o século XVII (1642, 1654 e 1661) já havia tratativas pela presença de anglicanos em solo brasileiro com garantias de prática religiosa, ainda que estrita. O Tratado de Navegação de 1810 advertiu o Governo brasileiro sobre a escravatura, apontando a tendência a ser seguida.

Anos após a fundação da Comunidade Luterana, ainda no reinado de D. Pedro II, um incidente revelaria um presbiteriano no círculo próximo ao Imperador. Entre os alemães protestantes do Sul, um pequeno grupo, os *muckers* (modo pejorativo como eram chamados os fanáticos), tiveram problemas com o Governo por causarem atritos com parte da população.[411] Isso fez com que os políticos liberais se afastassem, uma vez que viam nos protestantes parte da solução para o problema socioeconômico de substituição da mão de obra escrava por estrangeiros nas lavouras do país (VIEIRA, 1980, p. 52). Em 1873, a existência do grupo tornou-se amplamente conhecida. Um destacamento do Exército foi enviado para a região e no confronto morreu o Cel. Genuíno Sampaio. A

---

[408] O artigo diz: "A religião Católica Apostólica Romana continuará a ser a religião do império. Todas as outras religiões serão permitidas com seu culto doméstico ou particular, em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior de templo". Cf. *Constituições do Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1948, p. 35.

[409] A primeira lei de imigração era de 1813 e concedia certa autonomia para as províncias ajustarem a possibilidade de imigração de não católicos.

[410] Vieira (1980, p. 24) relaciona a obra de A. R. Crabtree sobre os batistas no país entre os anos de 1881 a 1906, portanto, no final do reinado de D. Pedro II, além de outras obras sobre os batistas em períodos posteriores.

[411] Dirigidos por Jacobina Mentz Maurer, "esse grupo começou a se desenvolver em 1872, na vizinhança da colônia de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul. Sua existência tornou-se conhecida em 1873, quando uma série de atos foram praticados pelos mesmos contra outros alemães que eram 'descrentes'." (VIEIRA, 1980, p. 53).

situação não ficou pior por conta da interferência do Ministro da Justiça, dr. Manuel Antônio Duarte (VIEIRA, 1980, p. 53), que era presbiteriano e, certamente, pessoa próxima ao Imperador (a primeira igreja presbiteriana no país data de 1865; D'AVILA, 2006, p. 80).

Para Hauck (1992, p. 241), o ano de 1835 é o marco da inserção do protestantismo no país. Naquele ano a Conferência Geral da Igreja Metodista Episcopal nos Estados Unidos enviou Fontain E. Pitts para analisar o quadro missionário brasileiro (v. D'AVILA, 2006, p. 76) e como a avaliação foi favorável, Justin R. Spaulding foi enviado ao Rio de Janeiro. Em 1837, o metodista Daniel Kidder foi enviado em caráter de missão (protestantismo de missão suplantando o protestantismo de imigração).[412] Com a chegada de James Cooley Fletcher em 1851, teve início o trabalho de evangelização dos brasileiros (D'AVILA, p. 79), diferentemente do modo como os colonos europeus agiam, especialmente entre a sociedade carioca.

No novo modo de abordar a população, isto é, tentando a conversão dos nativos, destacou-se Robert Reid Kalley (1809-1888). No tempo quando os metodistas enviados pela Sociedade Bíblica Americana trabalhavam como colportores, vendendo Bíblias e evangelizando a população homem a homem, Kalley[413] desenvolveu um trabalho específico de ensino das Escrituras, incomodando a Igreja Católica oficial. Até então, os protestantes haviam aberto escolas, as quais eram consideradas uma alternativa ao ensino dos jesuítas para educação dos filhos da elite. Mas agora distribuíam Bíblia e ensinavam sua versão da religião cristã.

O dr. Kalley, após formar-se na Escócia em 1829, aceitou emprego como médico de bordo, indo a Bombaim, na Índia, a Funchal, na Ilha da Madeira, quando sentiu a necessidade de médicos para o Oriente (MATOS, 2003, p. 11). Em 12 de outubro de

---

[412] Os escritores do campo da teologia evangélica distinguem entre protestantismo de imigração, a vinda ao Brasil de colonos ingleses (anglicanos e episcopais) e alemães (luteranos), estabelecidos especialmente no sul do país, cujos cultos eram realizados na língua de origem dos colonos; e protestantismo de missão, aquele que trouxe da Europa e dos Estados Unidos os presbiterianos, metodistas, batistas entre outros, os quais fizeram proselitismo entre os brasileiros e seus cultos foram realizados no vernáculo. O primeiro culto protestante em língua portuguesa realizado no país aconteceu na Igreja Evangélica a 11 de julho de 1858, por Robert Kalley. "Mais tarde, em 18 de setembro de 1863, passou a chamar Igreja Evangélica Fluminense. Ela é considerada uma igreja genuinamente brasileira porque se destinava a trabalhos com nativos e seus serviços eram oficiados na língua pátria" (MATOS, 2003, p. 19).

[413] Alderi Souza de Matos, historiador oficial da Igreja Presbiteriana do Brasil, teólogo e escritor, escreveu amplo artigo sobre Kalley e José Batista dos Santos, pastor congregacional, publicou uma versão da história dos congregacionais no Brasil em edição comemorativa dos 150 anos daquela igreja no país.

1838, chegou a Funchal onde aprendeu o idioma português que seria útil e determinante anos depois, quando tomou a decisão de vir para o Brasil.

Embora sendo "um incrédulo e agnóstico", foi a observação do comportamento resignado e esperançoso durante o tratamento de uma paciente cristã que o levou a refletir e considerar as proposições do cristianismo. Interessou-se pelo cumprimento de "profecias relativas aos judeus e à Palestina" (BATISTA DOS SANTOS, 2006, p. 71) e foi movido a estudar as Escrituras; tal estudo o levou à fé e a conhecer a Palestina, onde esteve por três vezes, fazendo estudos comparativos das profecias e, mais tarde, tornou-se evangelizador dos judeus.[414] Na primeira viagem, a partir da Inglaterra, em 1851 (25 anos antes da viagem de D. Pedro II à região), sua primeira esposa Margaret faleceu, no início de 1852 (BATISTA DOS SANTOS, 2006, p. 71). Os conhecimentos adquiridos naquelas terras seriam do interesse de D. Pedro II quando Kalley se estabeleceu em Petrópolis e se tornou seu vizinho.

Kalley trabalhou como médico missionário na Ilha de Malta por dois anos e por mais dois anos na Palestina (1850-1852). Em Safed, trabalhou com grupos de judeus, nestorianos[415] e muçulmanos que haviam se convertido ao cristianismo. No final de 1852, Kalley casou-se com Sarah Poulton Wilson (1825-1907), a quem conheceu no funeral de sua primeira esposa. Sarah era sobrinha de um líder congregacionalista na Inglaterra e sua "família também tinha ligações com os Irmãos de Plymouth [surgidos na Igreja Anglicana; v. Tabela 2] por intermédio de outro tio de Sarah, John Morley" (MATOS, 2003, p. 16).

Kalley e outros protestantes escoceses que trabalhavam na Ilha da Madeira foram perseguidos pelo grupo liderado pelo cônego Carlos Telles de Menezes, no início da década de 1840. Kalley era o principal alvo dos ataques. "Estima-se que mais de dois mil evangélicos deixaram a sua ilha na perseguição de 1846" (MATOS, 2003, p. 14-5).[416]

---

[414] Posteriormente, um filho seu, adotivo, João Gomes da Rocha, médico radicado na Inglaterra, foi missionário entre os judeus. Escreveu o livro "Lembranças do Passado", que são as memórias do trabalho do pai.

[415] Os nestorianos, seguidores de Nestório, patriarca de Constantinopla, no séc. V, foram considerados um grupo herético pela igreja primitiva. Foi por meio deles que Muhammad, o profeta do Islã, conheceu e elaborou a crença de que Jesus não era filho de Deus, crença que foi condenada pelo Primeiro Concílio de Éfeso em 431.

[416] Rodrigues (2016, p. 32), especialista nas relações entre a Ilha da Madeira e os britânicos, contesta historiadores protestantes, dando uma perspectiva político-econômica, em vez de religiosa, para a perseguição: "Não há, contudo, qualquer suporte documental isento que nos permita afirmar que na residência de Kalley chegaram a assistir 600 ou mais pessoas ou para garantir que ultrapassaram o milhar aqueles que chegaram a ouvir as suas leituras e explicações, ou ainda que eram às centenas

Outra leva desses "calvinistas" ("calvinistas", porque originários da igreja presbiteriana escocesa) refugiou-se nos Estados Unidos, em 1853, "estabelecendo-se nas cidades de Springfield e Jacksonville, no Estado de Illinois" (MATOS, 2003, p. 15). Esse foi o grupo que contribuiu com Kalley no início do trabalho evangelístico no Brasil, especialmente devido ao conhecimento do idioma, adquirido na Ilha da Madeira.

No inverno de 1853-4, o casal Kalley foi visitar os refugiados madeirenses nos Estados Unidos. Passando por Nova Iorque e visitando a Sociedade Bíblica Americana, souberam que o rev. James Cooley Fletcher, "pastor presbiteriano que trabalhava no Rio de Janeiro para a Sociedade de Amigos dos Marinheiros Americanos" (MATOS, 2003, p. 17), havia solicitado o envio de apoio humano para auxiliar no trabalho como colportores. Kalley voluntariou-se e veio para o país. Partiram de *Southampton* em 9 de abril de 1855 e chegaram ao Rio de Janeiro em 10 de maio daquele ano.

Visitaram alguns locais no Estado e depois que foram a Petrópolis, vendo a cidade e a comunidade de colonos alemães protestantes que residia ali, decidiram por fixar residência na cidade, entendendo que a população era propícia a evangelização. A residência que alugaram era do sr. Alexander Fry, estava ocupada por James Webb, embaixador americano, e chamava-se "Gernheim" (Lar muito amado). O imóvel situava-se próximo à casa do Imperador, no bairro suíço, Schweizerthal. Os Kalley fizeram amizade com autoridades brasileiras, incluindo D. Pedro II, "de quem se tornou grande amigo" (BATISTA DOS SANTOS, 2006, p. 75,77).

Como já mencionamos, Kalley pretendia, como de fato aconteceu, fazer discípulos entre os brasileiros. Ensinando as Escrituras em sua própria residência, chegou a batizar "duas senhoras de alta posição, Gabriela Augusta Carneiro Leão e sua filha Henriqueta Soares do Couto, [...] em Petrópolis no dia 7 de janeiro de 1869. Dona Gabriela era irmã do marquês do Paraná e do barão de Santa Maria" (MATOS, 2003, p. 19). De tão intensa que foi sua atividade, o clero católico sentiu-se incomodado, havendo pressão do núncio, intervenção do Governo Imperial e da Legação Britânica.[417]

---

aqueles que, quase de uma só vez, fugiram, emigrando, por motivos religiosos. É certo, sabemo-lo porque existem provas documentais, que isto sucedeu, mas nunca atingindo os valores precipitadamente avançados por alguns autores".

[417] Mediante pressão do núncio, o Governo Imperial fez chegar à Legação Britânica um comunicado com diversas queixas contra Kalley, tais como propaganda de doutrinas contrárias à religião do Estado e tentativa de conversão de católicos à fé protestante. Kalley formulou uma série de quesitos sobre as suas atividades e apresentou-os simultaneamente aos melhores juristas da época, os drs. Joaquim Nabuco, Urbano S. Pessoa de Melo e Caetano Alberto Soares. Os pareceres foram altamente satisfatórios e, no dia 16 de julho, Kalley enviou à Legação Britânica uma resposta ao comunicado do

No período de março de 1865 a julho de 1871, Kalley contou com a colaboração do rev. Richard Holden, que foi o seu primeiro pastor-auxiliar, e pode fazer a terceira viagem mais prolongada à Europa e à Palestina. Ele ausentou-se por dois anos e meio, de dezembro de 1868 a junho de 1871 (MATOS, 2003, p. 20). A experiência anterior de Kalley na Palestina interessava ao Imperador, que em 28 de fevereiro 1860 havia ido à casa de Kalley pedir mais informações (VIEIRA, 1980, p. 121). Como estava de cama, Kalley não recebeu o monarca, mas enviou carta em 1º de março de 1860 (ROCHA, s/d, p. 115-6). Dias depois Kalley deu conferência sobre o tema para a família imperial, na residência da mesma (VIEIRA, 1980, p. 121). A visita imperial foi repetida em 6 de março e "falou com muito agrado, demorou-se quasi duas horas" (ROCHA, s/d, p. 116; mantida a grafia original). Neste contexto do interesse do Imperador por aquilo que Kalley pudesse contribuir sobre o conhecimento da Terra Santa, Vieira demonstra o papel de Kalley influenciando decisões sobre a questão da liberdade religiosa, dos direitos dos não católicos (ou acatólicos) e das liberdades civis no Brasil, e nesse contexto indica a relação do Imperador, em particular, com a Igreja luterana na cidade de Petrópolis, e com os políticos progressistas no pais.[418]

Finalmente, há que considerar em perspectiva mais ampla, outras influências que o Imperador recebeu em seu círculo mais próximo, como a do "General José Inácio de Abreu e Lima (1796-1869) [... que] visitara os Estados Unidos e adquirira grande respeito pela Bíblia e adotara um conceito ecumênico do Cristianismo" (FERREIRA, 1992, p. 79). Sendo General, é razoável considerarmos uma troca de ideias com o Imperador sobre essa "visão ecumênica". David Gueiros Vieira também deu vislumbre sobre um Pedro II

---

ministro do Governo e uma carta particular ao cônsul William Stuart, explicando as suas atividades e os tipos de pessoas que frequentavam as suas reuniões. Concluiu que a liberdade por ele exercida estava dentro dos limites da lei. Acrescentou que, caso o Governo insistisse nas suas tentativas de silenciá-lo, se sentiria no direito de publicar os motivos para tanto e fazê-los conhecidos em todos os países de onde o Brasil esperava colonos (MATOS, 2003, p. 20). Isso seria um duro golpe nas tentativas da elite e dos políticos progressistas de trazer, para o Brasil, mão de obra especializada para a lavoura.

[418] A figura de Robert Kalley na sociedade carioca, o centro do poder da época, não deve ser menosprezada. O satírico "Semana Illustrada", uma espécie de *Charlie Hebdo* do Império, que não perdoava as ambiguidades dos políticos, da igreja e da elite, saiu em defesa de Kalley sobre a perseguição incitada pelos bispos e padres contra ele, na publicação de 4 de dezembro de 1864, p. 1658, lemos: "O Dr. Kalley é um ministro anglicano que gosta de fazer leituras da Bíblia em reuniões que celebra no interior de uma casa particular. É um direito que ninguém pode contestar. A propaganda não é obrigada. Só vai ouvil-o quem quer. Só se dá por convertido (convertido a que?) quem de facto por tal se apregoa. [...] Mas entenderão alguns vadios incitados pela propaganda ultramontana que agora se desenvolve entre nós que devião insultar, apedrejar, finalmente, reduzir a pó o Dr. Kalley. Como era natural e justo a policia não consentio. É necessário que o direito da fé não mate outro direito tão precioso como o da liberdade individual" (foi mantida a grafia original).

diferente de seus antepassados católicos, pois diz que ele frequentava pouco a missa (VIEIRA, 1980, p. 36).

Somados, esses detalhes criaram o que Gilberto Freyre chamou de modo "protestante" ao referir-se a D. Pedro, durante conferência "por ocasião do centenário de nascimento do Imperador, em 1925 [em que] criticava D. Pedro II por ter assentado o governo do país nas bases equívocas da imitação dos mores [Morris?] da Inglaterra vitoriana e da importação do liberalismo" (FELDMAN, 2013). A associação com o protestantismo foi além, como no contraste com a liturgia do catolicismo:

> Dom Pedro II foi o primeiro a desdenhar da coroa; e a apresentar-se de sobrecasaca e de cartola preta aos olhos do seu povo, desejoso de um governo não só paternal como majestoso. E à testa da monarquia brasileira, igreja manuelina a pedir missas solenes mais do que sermões moralistas, ele nos dá esta ideia melancólica: a de um pastor protestante a oficiar em catedral católica. Na verdade ele não oficia: o litúrgico lhe parece desprezível. Apenas sermoniza, moraliza, prega – tudo isso mediocremente (FREYRE, 2015, p. 122).[419]

Se não se apegava ao liturgismo católico, também era consciente de não poder prender-se a ortodoxia protestante, porque, afinal, era homem público, fazendo questão de demonstrar alguma imparcialidade, como na ocasião da introdução do espiritismo francês no país, não por ele, mas com sua anuência. Fernandes, em "As Origens do Espiritismo no Brasil" (2008), pesquisou as relações discretas entre os adeptos da nova religião, a família do monarca e os que lhe eram próximos: "[...] nossos magistrados, o Imperador D. Pedro II e a princesa Isabel, a população, o clero, os jornais, enfim, todo mundo queria saber ou algo falar dessa doutrina que aqui chegava com pretensões de ficar" (FERNANDES, 2008, p. 77). Na mesma obra, a nota 117, se não nos fala do humor da Princesa, revela os bastidores da religião na Corte:

> D. Pedro II recebeu alguns espíritas que o procuraram por terem sido vítimas de perseguições da parte da polícia, que por sua vez estava "a cumprir ordens" do clero. A princesa Isabel soube das reuniões espíritas e manifestou interesse, pedindo a amigos para que fizessem certas perguntas aos espíritos para ela (FERNANDES, 2008, p. 77).

[419] Também em Gilberto Freyre (1926), "A Propósito de Dom Pedro II". *Revista do Norte*, fase 2ª, n. 1, p. 5-23.

Em sua primeira viagem internacional, em locais onde havia sinagogas, como Nova Iorque e São Francisco,[420] ou na segunda viagem, na mítica sinagoga *Bevis Marks*,[421] em Londres, ou estando em São Petersburgo ou em Samaria, D. Pedro II fez questão de visitá-las e travar contato próximo com os líderes locais (considere-se o caráter não-oficial das três viagens internacionais). No estrangeiro ele não era o Imperador laico, mas o brasileiro Pedro de Alcântara, de tradição católica, mas aberto ao diálogo. Na Ásia Menor (atual Turquia) e na Palestina, visitou os colégios americanos dirigidos por protestantes. O que o levou à região foi a curiosidade despertada pelas traduções que fazia de passagens da Bíblia, mas não deixamos de notar a devoção intensa, nas participações em missas ainda nos primeiros horários do dia.

Internamente, com a Igreja Católica formada por clérigos indisciplinados e com fraco preparo intelectual (CARVALHO, 2007, p. 151),[422] aquém do espírito ávido por conhecimento, era natural que D. Pedro II não se encantasse pela ladainha paroquial da religião majoritária, cujos oficiais recebiam seus vencimentos de um Imperador que valorizava a *res publica*. No entanto, no episódio conhecido como a "questão religiosa" (BARMAN, 1999, p. 253; BESOUCHET, 1993, p. 247s.; SCHWARCZ, 1998, p. 684), Pedro II, que normalmente procurava neutralidade nas decisões como homem público, decidiu contra a Igreja.

As reformas que o Imperador quis promover tinham características de uma reforma nos moldes liberais europeus protestantes, privilegiando a meritocracia ou ao menos o círculo próximo, "'os artistas do imperador', os literatos e acadêmicos que circundavam o monarca [e] constituíram um grupo singular que acumulava prêmios e cargos de destaque na política do Segundo Reinado" (SCHWARCZ, 1998, p. 241), isto é, grupo diverso do clero local. Ao impedimento da reforma política na primeira metade da década de 1870 (reforma que teria perfil protestante), Barman viu uma subordinação aos dogmas da Igreja (BARMAN, 1999, p. 253). Se mostrava um comportamento autônomo em relação aos costumes, também mantinha o interesse na preservação dos mesmos costumes; se tinha interesse pela disciplina moral que a religião provia, também estava

---

[420] V. Murilo de Carvalho, 2007, p. 164-5.

[421] "O novo rabino da comunidade de Lisboa é o brasileiro Natan Peres(1974), antigo aluno da Yeshiva (seminário) de Petrópolis (RJ) e da Yeshivat Mir de Jerusalém. Recebeu a semihá (ordenação) do Chacham Pinchas Toledano. Atendeu anteriormente as comunidades de Manchester, Londres (na mítica Bevis Marks visitada por D. Pedro II), Amsterdã e agora Lisboa. Substitui ao rabino Eliezer Shai Di Martino." Informada dada pelo historiador Paulo Valadares em entrevista concedida em 18.06.2017.

[422] V. Roderick J. Barman. *Citizen Emperor*, 1999.

pronto a aceitar o trânsito de ideias e a abertura ampla para a ciência, a despeito das características restritivas da religião oficial (BARMAN, 1999, p. 253; BESOUCHET, 1993, p. 34). Enfim, a ambiguidade marcou sua carreira.

Se D. Pedro II foi ambíguo na política, foi independente na religião. Participar de todas as celebrações do calendário católico era seu papel como monarca entre uma população vinculada a tal tradição. Se no quarto simples de Hotel Bedford, em Paris, onde morreu a 5 de dezembro de 1891, tinha à cabeceira um crucifixo pequeno, vemos nisso algo natural para um monarca de ascendência católica no final do século XIX. A nosso ver, Besouchet foi quem melhor articulou a presença do crucifixo à cabeceira no final da vida e os esforços por acondicionar à própria vida e função o que havia absorvido do estudo dos clássicos, como Tácido, Zenão, Platão, Virgílio, Horácio, Fénelon, Lucrécio, Heródoto, Marco Aurélio (a quem foi comparado), além dos contemporâneos, como Darwin, Renan, Wagner, Pasteur e tantos outros: "No profundo de seu ser, o Imperador procurava uma conciliação entre o irracional da fé e o cientificismo de suas crenças. 'Sou religioso', confessava, 'porque a moral, condição da inteligência, é a base da ideia religiosa'." (BESOUCHET, 1993, p. 34).

Quando o Imperador morreu no exílio, as chamadas denominações protestantes históricas (presbiteriana, anglicana, metodista, batista e congregacional), já estavam instaladas no país e em crescimento. Embora os cristãos da ala protestante possam ser identificados em grupos minoritários como temos indicado ao mencionar calvinistas, puritanos, pentecostais, entre outros, é preciso estabelecer que publicamente, como na literatura, eles serão reconhecidos e tipificados amplamente como 1) protestantes, 2) reformados e/ou 3) evangélicos. Esses são os três grupos, diríamos, mais populares ou melhor reconhecidos pelo senso comum, grosso modo. Desses três grupos ou movimentos sairão todos os demais a seu próprio tempo, excetuando-se os anglicanos e batistas que, como já dissemos, rejeitam essa hierarquização ou cronologia.

No entanto, é preciso insistir que tais tipologias não são estanques em praticamente nenhum momento histórico. É o caso dos próprios batistas. Embora não se reconheçam como frutos diretos da Reforma luterana, mas originários da Igreja da Inglaterra, onde ocorreu uma "tentativa de unidade doutrinária essencial [que] viria a ser o conhecido movimento 'evangelical'" (MENDONÇA, 2008b, p. 178), vem daí os batistas no século

XVIII.[423] "O nome 'evangelical' originou-se no seio da ala dominante da Igreja da Inglaterra, a chamada ala evangélica que refletia o movimento metodista do século XVIII" (MENDONÇA, 2008b, p. 178).[424] Note que Mendonça fala em "movimento metodista", que ainda não era a instituição Metodista que se formaria. Esse movimento acrescentou elementos que não estavam presentes nos setores reformados calvinistas nem puritanos, do qual John Wesley, o pai do metodismo, é expoente. Esses elementos são a pregação com ênfase na ideia de conversão (que durante o período das missões pegaria carona na expansão colonial), a ideia de esforço pela santidade, as experiências místicas espiritualistas (como o "coração aquecido", fundamental aos metodistas) e a maior flexibilização da hierarquia (Wesley, pregador itinerante, falava a carvoeiros na entrada das minas e em reuniões domésticas, mas prezava pela organização [método]).

Essas ideias, em maior ou em menor medida, permearam os esforços dos movimentos de despertamento espiritual tanto na Inglaterra quando na América, bem como no movimento missionário, que visava levar o Evangelho a povos pagãos, na esteira da revolução comercial (ou mercantilista). Em linhas gerais, foram esses protestantes (anglicanos calvinistas e puritanos ou da ala metodista) que fundaram as treze colônias, alinhando relativamente a teologia em ambos os continentes. A bem da verdade, no lado religioso da questão, os puritanos queriam maior liberdade de culto que não foi encontrada na Inglaterra, o que proveu um dos impulsos para partirem ao novo lar. Se posteriormente teve início o movimento missionário no velho e, posteriormente, no novo continente, aqui equaciona-se uma questão: não foi à toa que o chamado pai das missões modernas e missionário nas Índias, William Carey (1761-1834), era batista.[425] Em outras

---

[423] Há maior complexidade nessa gênese batista, que por questão metodológica não cabe discussão aqui. Vieira (1980, p. 23-4) indica boas referências para este segmento cristão. Eu indicaria duas obras mais recentes: Israel Belo de Azevedo, *A Celebração do Indivíduo*. São Paulo: Ed. Vida Nova, 2004 e Betty Antunes de Oliveira, *Centelha em restolho seco, uma contribuição para a história dos primórdios do trabalho batista no Brasil*. São Paulo: Ed. Vida Nova, 2010.

[424] McGrath propõe data anterior ao uso de "evangelicalismo": o século XVI, "quando foi usado para se referir aos escritores católicos que desejavam voltar a crenças e práticas mais bíblicas do que aquelas associadas à igreja no final do período medieval. Foi usado especialmente na década de 1520, quando os termos *évangelique* (francês) e *evangelisch* (alemão) começaram a ganhar preeminência nos escritos do início da Reforma. Nos dias de hoje o termo é usado de maneira ampla para se referir a uma tendência transdenominacional na teologia" e se configura pela "autoridade e suficiência das Escrituras", "singularidade da redenção pela morte de Cristo", "necessidade de conversão pessoal" e "urgência de evangelismo" (McGRATH, 2007, p. 269).

[425] "Em termos históricos, a gênese das agências missionárias é com frequência remontada à obra de Carey, publicada em 1792: *Enquiry into the Obligation of Christians, to use Means for the Conversion of the Heathen* [Uma investigação sobre a responsabilidade de os cristãos usarem meios para a conversão dos pagãos] e a subsequente fundação da Sociedade Missionária Batista". Eddie Arthur, "O

palavras, o quadro das divisões em denominações fica definido: dos calvinistas vieram os presbiterianos, dos puritanos vieram os batistas, do movimento de santidade de Oxford, onde estudava Wesley, os metodistas, além dos anglicanos e da ala congregacional.

Finalmente, cabe indicar que desses movimentos saíram os missionários que desembarcaram no Brasil, via de regra, produzindo maiores divisões e mais denominações.

5.4 Os Pentecostais e Neopentecostais

Com a expulsão de Pedro II do país e do Reino, em 1889, teve início a República. Vinte anos depois, chegaram ao Brasil, vindos dos Estados Unidos, os pioneiros do chamado movimento pentecostal: um italiano e dois suecos.[426]

Pentecostes é uma palavra que apareceu na versão grega da Bíblia hebraica (*Septuaginta* ou versão dos LXX). Ela refere-se à festa realizada no quinquagésimo dia depois da *pessach*, a páscoa judaica. Na tradição cristã do Livro de Atos, o quinto livro do Novo Testamento (c. 2.1-13), diz que os discípulos de Jesus estavam reunidos em oração no quinquagésimo dia depois da Páscoa, quando viram línguas semelhantes a pequenas labaredas de fogo pousarem sobre as cabeças uns dos outros. Seguiu-se a experiência mística do falar em línguas estranhas ou glossolalia (gr. *charismata*) e o fenômeno foi atribuído a experiência do enchimento com o Espírito Santo. Essa experiência foi observada em outros momentos da história da Igreja, já a partir do segundo século com Montanus (c. 150), entre os Pais da Igreja (entre eles Agostinho e outros), no período pós-Reforma e entre o movimento de John Wesley. A partir do século XX,

---

Futuro das Agências Missionárias", in *Martureo* – Centro de Reflexão Missiológica, 2018, p. 4. Disponível em <https://www.martureo.com.br/o-futuro-das-agencias-missionarias/> e acessado em 08.02.2018. Para William Carey, *An Enquiry Into the Obligations of Christians, to Use Means for the Conversion of the Heathens* (Londres: Carey Kingsgate Press, 1961), acessar <http://www.wmcarey.edu/carey/enquiry/ anenquiry.pdf>. "Antes de 1900, fundaram-se, nos Estados Unidos, 81 agências missionárias. Durante as quatro décadas subsequentes, 1900-1939, formaram-se outras 147. A próxima década, 1940-1949, registrou a criação de 83 sociedades, seguidas por 113 novas agências durante a década de 1950-1959, 132 no período de 1960-1969 e outras 150 nos dez anos seguintes" (BOSCH, 2007, p. 395).

[426] Luiggi Francescon, que fundaria a Congregação Cristã no Brasil, e Daniel Berg e Gunnar Vingren, pioneiros das Assembleias de Deus.

tornou-se um movimento[427] com proporções bastante consideráveis, atraindo mais de 500 milhões de pessoas ao redor do planeta.[428]

Assim como o calvinismo, o pentecostalismo se tornou uma abordagem teológica dentro do protestantismo. O pentecostalismo clássico, que a despeito da rígida e ampla institucionalização ainda é chamado "movimento pentecostal", privilegiava, desde o início, as manifestações visíveis de êxtase, como a *glossolalia* (falar em línguas desconhecidas) e as curas divinas. Olhando mais detidamente, essas marcas são aprofundadas, como destaca Leonildo Campos,[429] nas seguintes ênfases:

– a necessidade de conversão/novo nascimento, em relação direta com a missão de caráter proselitista;
– a santificação, decorrente do contato com o movimento *holiness* e o movimento metodista de John Wesley;
– cura divina, que Campos atribui a uma particularidade relacionada a doenças sofridas por Charles Parham (v. a seguir);
– a volta de Jesus à Terra para inaugurar o milênio, que como vimos, compunha a narrativa desde os *Pilgrim Fathers*;
– retorno do Espírito Santo na forma de um "batismo de fogo", "coisa que provocariam sinais físicos particularmente, o falar em línguas desconhecidas" (CAMPOS, 2012, p. 155), fruto, ao menos em parte, do trabalho de Parham com seus alunos.

Estes são os principais elementos distintivos do movimento pentecostal em seu período clássico (como os estudiosos do campo têm chamado), dado que na implantação no Brasil, outros fatores de ordem teológica e eclesiástica foram herdados dos batistas, portanto, de ampla natureza entre o protestantismo tradicional. A respeito da teologia e da própria eclesiologia (doutrina que investiga a ordem na igreja e no culto), Enéas

---

[427] Alencar (2010; 2013) é obra de referência para compreender a conjunção entre a vinda dos missionários suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren para o Brasil, com a mensagem pentecostal, encontrando determinada situação econômica do final do Ciclo da Borracha, onde trabalhares dos seringais do Norte migram para o Sudeste em busca de trabalho e levam consigo a nova fé, até se tornar o Movimento Pentecostal.

[428] *Pew Research Center, Religion and Public Life.Global Christianity – A Report on the Size and Distribution of the World's Christian Population*. Disponível em <http://www.pewforum.org/2011/12/19/global-christianity-exec/> e acessado em 06.02.2018.

[429] Utilizaremos o texto de Leonildo Silveira Campos por se tratar de uma reconhecida autoridade no estudo do pentecostalismo brasileiro e norte americano. O prof. Leonildo lecionou nos Programas de Pós-graduação em Ciências da Religião nas Universidades Metodista e Mackenzie e é autor de diversos artigos e livros.

Tognini (1914-2015), respeitado teólogo brasileiro de origem batista, disse que "noventa por cento das doutrinas dos grupos evangélicos [v. tipificação adiante] são idênticas. Diferem apenas dez por cento".[430] Isso referencia a proximidade e a natureza mesma das diferentes denominações de origem norte-americana, herdeiras que foram do cristianismo europeu.

Embora não mantivesse vínculos com o catolicismo, a ala tradicional do protestantismo presente no Brasil desde o século XIX repetiu com os pentecostais a aversão anterior da igreja Católica em relação aos protestantes, quando estes se aproximaram da população. No início do século XX, os pioneiros do pentecostalismo surgiram, em 1910 e 1911, e nos próximos anos foram rejeitados e perseguidos[431].

Considerando a longa história, é possível associar a gênese do movimento pentecostal que desembarcou no Brasil ao movimento popularizado, em grande medida, por John Wesley, de origem anglicana com orientação calvinista. Wesley fez inovações doutrinárias no calvinismo anglicano, introduzindo o esforço humano pela santidade, a individualização da experiência mística (MENDONÇA, 2008b, p. 52) e a relativa flexibilização das estruturas hierárquicas, quando organizou sociedades distritais autônomas; com o passar dos anos, essas sociedades deram origem às sedes da Igreja Metodista. Pregador anglicano proibido de pregar fora dos púlpitos da igreja, Wesley passou às pregações ao ar livre (v. ALENCAR, 2013, p. 107-8), que seriam práticas frequentes no pentecostalismo norte-americano e no brasileiro do século XX até na década de 1990, pelo menos.[432] A sua resposta à intimação a que deixasse de anunciar o Evangelho nas portas das mineradoras da Inglaterra é bastante conhecida:

> Permita-me agora dizer-te meus princípios sobre esta questão. *Eu vejo o mundo todo como minha paróquia*; e o que quero dizer com isto é que, em qualquer lugar que eu esteja, julgo adequado, correto e meu sagrado dever declarar, a todos que estiverem desejosos de ouvir, as

---

[430] TOGNINI, Enéas. *Eclesiologia, a doutrina da igreja*. São Paulo: Arte Editorial, 2010. A declaração consta da contracapa do livro.

[431] Alencar menciona "teólogos antipentecostais em décadas passadas" que chamavam os pentecostais de "vômito de Satanás". "Reforma protestante e pentecostalismos no Brasil: agora são outros quinhentos?", in *Reforma protestante e Pentecostalismo: convergências e* divergências. Manaus: FBN; Vitória: Ed. Unida, 2017, p. 94, n. 163.

[432] A IURD comprou a TV Record em 1989, ditando a tendência da midiatização seguida por outras denominações. A partir da década de 1990, inspirados pelos tele evangelistas norte-americanos (como Rex Humbard e Jimmy Swaggart) e pela IURD que crescia em audiência e atração de novos membros, pastores brasileiros como Silas Malafaia, Jabes Alencar, José Wellington e outros, investiram em programas de televisão, o que aumentou o alcance da pregação evangelística e diminuiu o esforço pelo evangelismo de rua ou ao ar livre.

> boas novas da salvação. Este é o trabalho para o qual, eu sei, Deus me chamou; e estou certo de que suas bênçãos atendem a isso. Grande encorajamento eu tenho, portanto, para ser fiel no cumprindo da obra que ele me incumbiu (WESLEY, 2009, p. 102, ênfase acrescentada).

Mendonça reconheceu ter sido a riqueza do metodismo de Wesley que forneceu o liberalismo dentro das novas correntes evangélicas e os elementos da marca milenarista do pentecostalismo, marca milenarista que deve ser entendida, desde já, como fonte e dogma escatológico que desembocará no sionismo cristão (cf. cap. 1), e que alimentará o apoio irrestrito dos evangélicos a Israel. Diferentemente de algumas correntes dentro das igrejas protestantes tradicionais, no pentecostalismo "não se crê mais no aperfeiçoamento constante da humanidade na história (pós-milenismo), mas em sua regeneração ahistórica (pré-milenismo)" (MENDONÇA, 2008b, p. 53). Esse pré-milenismo, próprio do fundamentalismo, é que racionaliza a história, interpretando-a linearmente em eras ou dispensações sucessivas (doutrina dispensacionalista), eras que culminarão, como creem, na derrota dos inimigos de Deus e de seu povo e no advento do Cristo no milênio. "É a mais estranha filosofia: quanto pior, melhor" (MENDONÇA, 2008b, p. 98) cujas implicações nem mesmo os pentecostais compreendem.[433]

No primeiro parágrafo do artigo de Campos (2012), ele adverte sobre a incontornável necessidade de compreender os traços religiosos dos norte-americanos quando estudamos o pentecostalismo. Mais à frente, constata ter sido John Wesley o pregador que forneceu "métodos práticos e formas devocionais para se obter o aperfeiçoamento espiritual após a conversão" (CAMPOS, 2012, p. 156). Isto tomaria forma nas primeiras comunidades que lá tiveram contato com o "método" (de onde vem o nome da igreja, Metodista, e do movimento, metodismo), ou seja, as comunidades constituídas, mas também os grupos que se formavam por outras razões, como as reuniões de avivamento ou as reuniões para estudo, como no *Bethel Healing Home*, de Charles Parham.

> Assim, o pentecostalismo pode ser visto com o olhar da continuidade, pois os Estados Unidos seguiu por picadas abertas por outros movimentos religiosos cristãos que o antecederam: o pietismo alemão,

[433] À última pergunta do questionário para turistas que foram a Israel-Palestina de 2011 em diante, em 100% dos casos, os entrevistados disseram esperar ver "ambos os povos na mesma terra", palestinos e israelenses, caso ocorra "um hipotético acordo de paz", em desacordo com o dogma dispensacionalista que em geral prevê os judeus retornando e recebendo a Terra como herança, conforme a interpretação judaico-cristã da promessa.

> o revivacionismo anglo-saxão e os movimentos de santidade. [...] na América Latina, o pentecostalismo seguiu caminhos batidos pela religiosidade popular católica [...] (CAMPOS, 2012, p. 156-7).

Posteriormente, os grupos a quem os missionários norte-americanos destinavam seus esforços, como a população brasileira quando recebeu os primeiros metodistas, bem como batistas e presbiterianos, teriam contato com os métodos de Wesley. Os pioneiros do pentecostalismo iniciado por aqui reforçariam esse traço, uma vez que haviam entrado em contato com essa "nova" forma de protestantismo ainda nos Estados Unidos.

> [...] William Durham (1873-1912) [...] a partir de Chicago passou a se opor à solução teológica de três etapas (conversão, santificação e batismo com o Espírito Santo) de Seymour, propondo apenas duas etapas resultantes da união das duas primeiras em uma só. Do círculo de seguidores de William Durham, que em 1907 organizou a North Avenue Mission, saíram Louis Francescon, Daniel Berger [*sic*] e A. Gunnar Vingren, que iniciaram a propagação do pentecostalismo no Brasil (CAMPOS, 2012, p. 159).

O pentecostalismo brasileiro recebeu o germe do movimento vindo dos Estados Unidos, mas nacionalizou-se ao longo das décadas para, então, constituir-se em diversas e novas instituições (denominações) descentralizadas em relação à formação original. A sua importância enquanto movimento social se observa no fato de que, em seus pouco mais de cem anos de propagação, contar mais de 500 milhões de seguidores em todo o mundo.[434]

Os elementos marcadamente pentecostais apontados há pouco, sob a perspectiva de Campos, não são exclusivos do pentecostalismo. Do ponto de vista da religião, *strictu senso*, há similaridades no sufismo (Islã), no xamanismo,[435] entre os quacres, os *shakers*, os mórmons etc. (CAMPOS, 2012, p. 147). Na matriz protestante, esses elementos foram cultivados dentro dos movimentos de santidade (*holiness*), no pietismo alemão, no

---

[434] *A Report on the Size and Distribution of the World's Christian Population*. Disponível em <http://www.pewforum.org/2011/12/19/global-christianity-exec/> e acessado em 06.02.2018.

[435] "O que caracteriza o xamanismo é o emprego de 'técnicas' para evocar o êxtase ou visão, como tambor e o canto, e o simbolismo de certos objetos, como o mastro, que representa o eixo da terra, e os ossos de pássaro, que representam os espíritos subjugados pelo xamã. O êxtase mesmo consiste em uma viagem do xamã pelas esferas celestes, à cata dos espíritos responsáveis pela enfermidade de seu cliente ou para arrancar dos seres superiores as informações de que precisa para atender as consultas recebidas. Como se vê, trata-se de um fenômeno inverso do que ocorre no 'transe mediúnico', pois neste são os espíritos que se apossam do médium e lhe ditam as suas ordens". (PIAZZA, 1991, p. 24)

reavivacionismo anglo-saxão, ao que Leonildo Campos chamou "pentecostalismo pré-pentecostal" (CAMPOS, 2012, p. 161). Concorda com ele Mariano:[436]

> [...] o pentecostalismo, herdeiro e descendente do metodismo wesleyano e do movimento *holiness*, distingue-se do protestantismo, *grosso modo*, por pregar, baseado em Atos 2, a contemporaneidade dos dons do Espírito Santo, dos quais sobressaem os dons de línguas (glossolalia), cura e discernimento de espíritos (MARIANO, 2005, p. 10, ênfases no original).

Se tratando da raiz norte-americana do movimento pentecostal que migraria para o Brasil, são nomes e lugares conhecidos como fundantes o controverso Charles Fox Parham (1873-1929) e William Joseph Seymour (1870-1922), as cidades de Topeka, no Kansas, e Los Angeles, na California, e as datas 1901 e 1906 (CAMPOS, 2012, p. 147). Os eventos em Topeka e em Los Angeles constituem-se em referência global reconhecida, ainda que não exclusivamente, pois há registros de erupções de natureza pentecostal em outros continentes sem vínculo aparente com o movimento norte-americano.

Os nomes de Parham e Seymour (1906) são os mais lembrados. O primeiro, por alguns anos foi pastor metodista, leva crédito como um dos iniciadores da busca pelos sinais visíveis da presença do Espírito Santo, nos Estados Unidos, a partir da leitura que fez do Livro de Atos 2.1-13. Foi Parham, o diretor do seminário bíblico *Bethel Healing Home*, que teria associado "experiências extáticas, com manifestações de transes e glossolalias" com o "batismo com o Espírito Santo" (CAMPOS, 2012, p. 153). Entre as "doutrinas consideradas estranhas pelos americanos" e defendidas por Charles Parham está a "crença de que os anglo-saxões seriam descendentes das dez tribos perdidas de Israel após o exílio na Assíria" (CAMPOS, 2012, p. 147). Notamos, novamente, a tentativa de aproximação com o povo do Israel bíblico e a tradição judaica, tendência que cresceria não muito tempo depois.

O segundo nome, William Seymour, era filho de ex-escravos da Louisiana, iniciou a vida religiosa na igreja batista, mas mudou-se para a Igreja Metodista Episcopal. Como aluno na escola de Parham, teve contato com o pentecostalismo e levou o movimento para Los Angeles, onde começou reuniões num templo abandonado da Igreja Metodista Africana da cidade, em abril de 1906 (CAMPOS, 2012, p. 157-8). Essa igreja,

---

[436] Ricardo Mariano é doutor em sociologia pela Universidade de São Paulo, professor do Departamento de Sociologia da USP e realiza pesquisas na área de sociologia da religião, focando especialmente o movimento pentecostal e neopentecostal no Brasil, além de temas afins.

obviamente, de maioria negra e imigrantes pobres que, na passagem para o ano de 1906, chamou a atenção do *Los Angeles Times*, que publicou matéria chamando a atenção para uma "nova seita de fanáticos" (CAMPOS, 2012, p. 157).

> Influenciados por Los Angeles, se espalharam primeiros pelos Estados Unidos, depois para a Europa, Ásia, América Latina e África. Porém, diferentes dos demais missionários [batistas, presbiterianos e metodistas], contratados e mantidos por agências e instituições interessadas na expansão do campo religioso norte-americano, os missionários pentecostais [...] saíam da "*American Jerusalem – Azuza Street*" (CAMPOS, 2012, p. 148, ênfase no original).[437]

A historiografia que lida com a ascendência do movimento pentecostal brasileiro considera sua gênese no Oeste dos Estados Unidos (Texas e Califórnia) no início dos anos 1900, mas também com reuniões importantes de avivamento havidas em Chicago, ou seja, no Leste. O impulso mais forte ao pentecostalismo brasileiro veio desse circuito e resultaram em duas novas denominações: a Congregação Christã do Brasil, que passou a Congregação Cristã no Brasil[438] (CCB) em 1960, e a Missão da Fé Apostólica, que passou a Igreja Evangélica Assembleia de Deus[439] (AD) a partir de 1918 (ALENCAR, 2010, p. 11). A primeira foi fundada em 1910 por um presbiteriano calvinista de origem italiana (uma igreja valdense), Luigi Francescon (1866-1964), nascido na província de Udine (PEREIRA, 2012, p. 364). Francescon chegou ao Brasil pelo Sul-Sudeste (Paraná e São

---

[437] "*American Jerusalem – Azuza Street*", como Campos indica, é expressão de Vinson Synan, in *The Holiness-Pentecostal Tradition: Charismatic Movements in the Twentieth Century*, 2ª ed. Grand Rapids, William B. Eerdmans Publishing Company, 1997. Conferindo a obra, constatei que "*American Jerusalem – Azuza Street*" é o título do capítulo 5 do livro (p. 84), o que é significativo para o contexto da presente pesquisa. Sobre *Azuza Street*: é o endereço em Los Angeles para onde o grupo se mudou depois das primeiras reuniões em uma casa, na *North Bonnie Brae Street, 214*, Los Angeles, em 1906, onde Seymour pregou suas mensagens antes de mudarem-se para o prédio na rua Azusa. V. SHERRILL, John L. *Eles falam em outras línguas*. São Paulo: Arte Editorial, 2005.

[438] Esta denominação não promove a produção historiográfica e registros a seu respeito por questões dogmáticas. Valdeci Ferreira, um de seus membros, mantém por sua conta um *blog* com documentação histórica variada. Key Yuasa produziu tese sobre a Congregação Cristã no Brasil, defendida na *Faculté Autonome de Théologie Protestant de l'Université de Genève*, em 2001, cuja versão em inglês está depositada no Banco de Teses da Universidade de São Paulo: *Louis Francescon: a theological biography (1866-1964)*, nº reg. 001286018. A informação sobre os nomes: Congregação Christã do Brasil, oficializado em convenção de 1936 e mudado em 1960, "por questões internas", para Congregação Cristã no Brasil, está disponível em <http://comumccb.blogspot.com.br/p/ccb.html> e foi acessado em 26.01.2018.

[439] Três trabalhos amplos e atuais sobre a AD são: ALENCAR, Gedeon Freire de. *Matriz pentecostal brasileira: Assembleias de Deus – 1911-2011*. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2013. ALENCAR, Gedeon. *Assembleia de Deus: origem, implantação e militância (1911-1946)*. São Paulo: Arte Editorial, 2010. FAJARDO, Maxwell Pinheiro. *Onde a luta se travar – Uma história das Assembleias de Deus no Brasil*. Curitiba: Prismas, 2017.

Paulo), com a CCB sendo fundada em 1910.[440] A segunda foi fundada por dois missionários batistas de origem sueca, Gunnar Vingren (1879-1933) e Daniel Berg (1884-1963), um ano depois do início do trabalho de Francescon (ALENCAR, 2010, p. 11). Ambas, CCB e AD, são reconhecidamente as primeiras igrejas pentecostais no Brasil, dando origem a uma taxonomia variada: pentecostalismo clássico (A. Mendonça e R. Mariano), pentecostalismo de primeira onda (Paul Freston), pentecostalismo histórico (Jesus Hortal), pentecostalismo tradicional (Ari Pedro Oro) entre outras.[441]

A fase seguinte se evidenciou nas divisões que deram origem a novas denominações a partir do final da década de 1940, quando começaram a chegar ao país os missionários que realizavam reuniões de avivamento em tendas de lona, como o californiano Harold Willians[442] (1946) e em seguida Raymond Boatrigh (1952). Esse modelo ou movimento dos cultos realizados em tendas foi o berço, no Brasil, da Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ) em 1951 (FRESTON, 1993, p. 66), versão brasileira da *International Church of the Four Square Gospel*, fundada em Los Angeles por Aimee Semple McPherson,[443] em 1923. Nas reuniões feitas nas tendas, destacou-se o nome de Manoel de Mello (1929-1990), um diácono da AD que com carisma na oratória e ousado ao orar pedindo a cura de enfermos, foi presença naquele ambiente.

O pernambucano Mello[444] não ficaria muito tempo associado aos missionários norte-americanos e lançou suas campanhas na chamada Cruzada Nacional de Evangelização, embrião do que em 1955 deu ocasião a fundação de sua própria igreja, O Brasil Para Cristo (FRESTON, 1993, p. 66), provavelmente a primeira igreja evangélica fundada por um brasileiro a partir da realidade local. Seis anos depois, em março de 1962, David Martins Miranda (1936-2015), um paranaense de origem católica, começou uma das maiores igrejas dentro do cenário pentecostal brasileiro, a Igreja Pentecostal Deus É Amor (MENDONÇA, 2009, p. 36). Freston (1993, p. 66)[445] observa que as três

---

[440] As primeiras reuniões lideradas por ele aconteceram em Santo Antônio da Platina, no norte do Paraná. Depois, com a vinda para São Paulo, fundou a sede paulista no bairro do Brás, onde está até hoje.

[441] Isael de Araújo de Moraes. *História do Movimento pentecostal no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2016, v. c. 24.

[442] Esboço biográfico em Mary Willians, *Memórias – Harold Willians*. São Paulo: Editora Quadrangular, 1997.

[443] Duas obras sobre a autora são: *Aimee, sua vida, sua obra*. São Paulo: Ed. Quadrangular, 1992. McPHERSON, Aimee Semple. *A história de uma vida*. New York: Boni and Liveright, 1927.

[444] Para a biografia autorizada, ver a obra da jornalista Valéria A. de Mello, *Missionário Manoel de Mello, vida e obra*. São Paulo: s/ed., 2006.

[445] Paul Freston é sociólogo, um dos mais influentes pesquisadores do pentecostalismo, especialmente em sua relação com a política. Sua tipificação nas chamadas três ondas é um marco no estudo do

denominações dessa "onda" são paulistas e cobrem as décadas de 1950-60, tendo o ponto fora da curva, a Casa da Bênção, iniciada em Belo Horizonte, no ano de 1964, pelo Missionário (posteriormente Apóstolo) Doriel de Oliveira (1939-2016).[446] Além de outras denominações de menor expressão, cabe pontuar a Igreja de Nova Vida, fundada em 1960 pelo missionário canadense Robert McAlister, após deixar a AD, investindo em um projeto mais flexível do ponto de vista da rigidez doutrinária (FRESTON, 1993, p. 96). A Nova Vida está na base de algumas igrejas que surgiram no período seguinte.

Dessa segunda geração de igrejas surgiram denominações, as quais empregaram novas ênfases e desenvolveram especificidades que falaremos mais.[447] De longe, a mais pesquisada na Academia e que recebe maior destaque, certamente pela presença midiática forte e por ser proprietária de um canal de TV, é a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). Fundada por Edir Macedo, em 1977, no Rio de Janeiro, ela inclina o eixo para o lado carioca nesta chamada "terceira onda" (FRESTON, 1993, p. 66). Em seguida, surgiu a Igreja Internacional da Graça de Deus, de R. R. Soares, em 1980. Soares, cunhado de Macedo da IURD, saiu desta igreja após uma cisma, traço inegável do protestantismo. Então vieram a Igreja Apostólica Renascer em Cristo (1986) a Igreja "Cristo Vive (Rio, 1986) [...] Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (Goiás, 1986) e Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo (São Paulo, 1994)" (MARIANO, 2005, p. 32),[448] e podemos acrescentar a Bola de Neve Church[449] (1999).

---

campo pentecostal brasileiro, embora Peter Wagner tivesse usado o termo "Third wave" em 1988 em seu livro *The Third Wave of the Holy Spirit*, cf. Ed Stetzer, "The third wave: the continualist movement continues: what is the Third Wave Charismatic Movement?", 23.10.2013, In *The Exchange* [*Christianity Today*]. Disponível em <https://www.christianitytoday.com/edstetzer/2013/october/third-wave.html> e acessado em 14.02.2018.

[446] Para a história de Doriel de Oliveira e da Casa da Bênção, BRUNELLI, Walter. *Casa da Bênção, a construção de uma identidade interpentecostal* [dissertação em Ciências da Religião]. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2011.

[447] Na década de 1960 houve alguma agitação no pentecostalismo norte-americano. Isso se deve à declaração de um pároco episcopal (protestante histórico) da cidade de Van Nuys, na California, em 1959, de ter sido enchido com o Espírito Santo e falado em línguas, o principal sinal evidente do pentecostalismo (McGRATH, 2007, p. 273). Notícias como essa podem disparar uma busca ou renovação do Espírito nas igrejas locais e nas brasileiras, embora não explique totalmente uma "onda". A influência dos avivamentos são uma analogia interessante a ser investigada.

[448] Outras igrejas e datas que perpassam o que foi exposto: em 1930 surgiu a Igreja de Cristo, no Nordeste e em 1932, também no Nordeste, a Igreja Adventista da Promessa. Nos anos 1940, fruto de uma cisão, surgiu a Igreja do Avivamento Bíblico, praticamente todas surgidas em circunstâncias sociais e econômicas que lembram características encontradas os Estados Unidos no final do século XIX.

[449] MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg Albuquerque. *A grade onda vai te pegar: marketing, espetáculo e ciberespaço na Bola de Neve Church*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

5.5 A hibridização entre igrejas de diferentes tradições cria o "evangélico" brasileiro

Como indicamos na primeira nota do presente capítulo, há algumas tentativas de enquadrar ou tipificar o campo religioso que envolve o pentecostalismo e o que tem se convencionado chamar neopentecostalismo, ainda que nem todos os autores subscrevam esse neologismo. De longe, a "teoria das três ondas", de Paul Freston (1993), foi a mais citada nos estudos realizados nas duas últimas décadas e meia, mas textos recentes apontam o cansaço ou incapacidade da teoria de Freston para dar conta da proporção que o fenômeno pentecostal/neopentecostal assumiu. Mariano, optou por "pentecostalismo clássico, deuteropentecostalimo e neopentecostalismo" (MARIANO, 2015, p. 23,36). O mesmo autor admitiu, como temos enfatizado, que nem todas as igrejas nascidas após a década de 1970 podem ser rotuladas como "neopentecostais", pois nem todas subscrevem a totalidade dos traços desse último grupo (MARIANO, 2015, p. 27).

Entre as igrejas da "terceira onda", a IURD se notabilizou ao atacar o dogma católico da veneração dos santos, apontado como idolatria e, portanto, contrário ao entendimento geral sobre o que a Bíblia diz. É emblemático do período o episódio conhecido como "o chute na santa", envolvendo o bispo da IURD, Sérgio von Helde, em 12 de outubro de 1995 (data em que os católicos celebram a padroeira, segundo sua fé, cuja imagem foi chutada pelo bispo em programa na TV). Outra frente de ataques da IURD foram as religiões de matriz afro. Silva (2012) analisou ambos os aspectos.

Sobre dois temas, idolatria (visando católicos) e possessão demoníaca (visando umbandistas e candomblecistas), a IURD se projetou no final do século XX. As demais denominações aplicavam-se a outros temas e segmentos, como público jovem (Renascer em Cristo e Bola de Neve) e empresários (ADHONEP). Em comum, essas igrejas da "terceira onda" abandonaram os temas caros ao pentecostalismo histórico e promoveram a Teologia da Prosperidade (TP), que dá ênfase na possibilidade de riqueza material advinda da bênção de Deus, que começou a receber atenção nas igrejas da "terceira onda", mas aos poucos penetrou em outras denominações da tradição pentecostal, como também entre as igrejas tradicionais.

Há um capítulo inteiro dedicado a esse tema na obra de Mariano (2005, p. 147-186) onde ele define o que chama de Teologia da Prosperidade.[450] Em Campos encontramos a

[450] Chamamos de Teologia da Prosperidade o que nos EUA, local de sua origem, além desse nome, é rotulado por seus críticos de *Health and Wealth Gospel, Faith Movement, Faith Prosperity Doctrines,*

indicação de que é preciso associar o período a virada que o discurso dessas igrejas sofreu: "A IURD é um tipo de religião que se adapta melhor a um contexto de globalização e internacionalização da cultura e da *economia*" (CAMPOS, 2012, p. 162, ênfase acrescentada). A IURD, com relativa frequência, introduziu inovações, tanto no discurso quanto na liturgia. Mariano considera o surgimento da "controversa" IURD o que justifica a tipologia, pois ela é "a principal igreja neopentecostal" (MARIANO, 2015, p. 34). Configura-se, neste quadro, descontinuidade entre pentecostalismo clássico e o que veio depois, seja neopentecostalimo, pós-pentecostalismo ou o nome que se queira dar ao fenômeno.

Atrai-nos a expressão de Pino Lucà Trombetta,[451] "quarto cristianismo" (TROMBETTA, 2015, p. 13), sendo o primeiro o pentecostalismo clássico, o segundo a partir dos anos 1950, em terceiro o das igrejas surgidas desde os anos 1980 (TROMBETTA, 2015, p. 12) e, por fim, essas novas expressões que se configuram "com referência a um estilo, a uma atitude espiritual *transversal às várias igrejas* que, por suas características inovadoras, poderia ser distinguida do Cristianismo de matriz europeia (católico, ortodoxo e protestante)" (TROMBETTA, 2015, p. 12, ênfase acrescentada). É a essa "transversalidade" que nos referimos quando dissemos há pouco que novas ênfases surgidas no seio das novas igrejas (e.g. TP) penetraram em maior ou menor medida outras confissões.[452]

Entre os elementos distintivos desse "quarto cristianismo" estão, em primeiro lugar, o fator econômico já destacado por Campos e confirmado por Trombetta: "Em minha opinião, um primeiro fator pode ser identificado na estrutura das igrejas [...] que se apresentam como autênticas, fundadas por um 'empresário do espírito'" (TROMBETTA, 2015, p. 21). E, de certo modo, seguindo o que Campos considerou a facilidade dessas

---

Positive Confession entre outros Reunindo crenças sobre cura, prosperidade e poder da fé, essa doutrina surgiu na década de 40. Mas só se constituiu como movimento doutrinário no decorrer dos anos 70, quando encontrou guarida nos grupos evangélicos carismáticos dos EUA, pelos quais adquiriu visibilidade e se difundiu para outras correntes cristãs (MARIANO, 2005, p. 151). Evidentemente, ao longo do capítulo Mariano acrescenta outros aspectos.

[451] Pino (Giuseppe) Lucà Trombetta é doutor em sociologia do Departamento de Ciências da Educação da Universidade de Bolonha, Itália e realizou pesquisa sobre pentecostalismo no Brasil e na África.

[452] E.g., Ricardo Mariano e Alberto da Silva Moreira apontam uma relação de oito medidas tomadas pela AD em Imperatriz (MA), em tese uma igreja do pentecostalismo clássico, para evitar a evasão, todas as medidas orientadas pelo modelo da IURD. Entre elas, "adotar a Teologia da Prosperidade nas pregações, sorteando veículos nos cultos; realizar ritos semelhantes aos da Igreja Universal [...] promover *shows gospel* para arrecadar fundos [...] introduzir um sistema de metas e planejamento empresarial na gestão denominacional". "Expansão, diversificação e transformação do pentecostalismo no Brasil". In TROMBETTA, 2015, p. 57.

igrejas de transitarem *pari passu* com o tempo de "globalização e internacionalização da cultura", Trombetta aponta "a sua capacidade [delas] de oferecer uma cosmologia na qual convivem em sintonia, reforçando-se às vezes, modernidade e tradição, racionalidade e psiquismo atávico" (TROMBETTA, 2015, p. 22). A criatividade dos produtores de bens de serviços religiosos do "quarto cristianismo" ergue-se sobre os elementos distintivos da fase anterior: teologia do domínio (os fiéis terão domínio sobre o mal), guerra espiritual contra o diabo, gestão de igrejas em moldes empresariais, tele evangelismo, abuso das técnicas de *marketing*, espetacularização dos cultos e da música gospel (MARIANO, 2015, p. 50), além do lançamento de candidaturas políticas de nomes ligados à igreja, como já demonstrou Freston. "Alguns críticos argumentam que o movimento [desse período] apresenta o evangelho em termos que não fazem nenhuma referência ao arrependimento e perdão, acusações estas que foram apresentadas de maneira particularmente enérgica depois da Conferência de Guerra Espiritual em Sidnei, Austrália, em 1990" (McGRATH, 2007, p. 273).

Sendo o protestantismo uma "religião altamente intelectual", o neopentecostalismo (ou pentecostalismo autônomo de Mendonça) configura-se uma descontinuidade do protestantismo e do próprio pentecostalismo: "[...] as massas desintegradas necessitam de coisas objetivas, como ritos e símbolos (Bíblia, dogma, história sagrada, ritos dos dias santos e outras realidades simbólicas"[453] (MENDONÇA, 2008b, p. 36). O neopentecostalismo e as igrejas por ele influenciadas procuram não apenas um novo simbolismo, mas uma nova materialidade para a fé e o culto. Por isso os símbolos e objetos artefatos do Antigo Testamento hebraico e da cultura judaica estão presentes no pensamento neopentecostal. Isso vale para as novas igrejas tanto quanto para as igrejas da tradição pentecostal clássica e as tradicionais: toda aquela que flertou com o modelo neopentecostal adotou os símbolos judaicos em seus cultos, especialmente a *menorah* (espécie de candelabro com sete braços). Mas não somente ela. Marta Francisca Topel,[454] acrescenta *shofar* (chifre de carneiro usado como instrumento de sopro), "réplicas da Arca da Aliança e passagens escritas em hebraico" (TOPEL, 2011, p. 36), mas faz uma

[453] Ver também: "Para ele [Mendonça], a explosão de novos movimentos religiosos utilitaristas, a acomodação do cristianismo em uma sociedade em que os valores se articulam ao redor do mercado, apresenta-se como uma das principais formas de identificar continuidades em meio a tantas rupturas". Leonildo Silveira Campos in MENDONÇA, 2008, p. 21, da Apresentação.

[454] Antropóloga, professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos Judaicos e Árabes, (USP).

ressalva: “as pesquisas [...] demonstram que não existe o princípio de profanar uma religião se a ela se acrescentam (ou se com ela se misturam) símbolos e rituais de outras religiões” (TOPEL, 2011, p. 36).

Segundo a tradição judaico-cristã, originalmente feita por Moisés, a *menorah* ficava no Tabernáculo do deserto e depois foi feita uma mais esplêndida para o Templo em Jerusalém. Na tradição cristã herdeira da Reforma Protestante do séc. XVI, no entanto, o objeto não tem relação com qualquer aspecto da fé, uma vez que os símbolos e tipos religiosos do judaísmo foram ressignificados (ou atualizados), ou melhor dizendo, encontraram seu ápice e realização no evento Jesus.[455] Ignorando a tradição, o neopentecostalismo restaurou os antigos signos do judaísmo como forma de lançar aspectos materiais inovadores na sua nova tradição, aspectos que são investidos de maior sacralidade e poder dentro da nova burocracia da fé ou “gestão dos bens de salvação”[456] (BOURDIEU, 2011, p. 32). Decorre daí o entusiasmo com tudo o que se pode ser associado a tradição judaica, como por exemplo a “Fogueira Santa de Israel”,[457] uma marca de sucesso criada pela IURD, que por sua força midiática, influenciou boa parte do campo neopentecostal.

Salvo os aspectos explicativos da natureza da violência,[458] ausentes nessas práticas evangélicas, essa apropriação que as correntes neopentecostais fazem dos elementos judaicos ajustam-se a teoria mimética de René Girard (1990), uma vez que essas igrejas recriam em suas narrativas os mesmos elementos que na tradição teriam outro significado, para outro contexto e outro povo (no caso, o povo judeu).

Bourdieu chamou essa manipulação dos símbolos de “*recepção seletiva* que implica necessariamente em uma *reinterpretação* [...] Quanto maior for a distância econômica, social e cultural entre o grupo dos produtores [judaísmo antigo], o grupo dos divulgadores [líderes evangélicos] e o grupo dos receptores [parte dos evangélicos atuais],

---

[455] Para substituir a luz emitida pela *menorah* no interior do tabernáculo/templo, a tradição cristã leu como decisiva a afirmação de Jesus “Eu sou a luz do mundo” (Evang. João 8.12 e 9.5). Para um estudo sobre esse aspecto, PAGANELLI, Magno. *Introdução do estudo da tipologia bíblica – a interpretação dos símbolos, tipos e figuras do Antigo Testamento*. Santo André: Geográfica Editoria, 2015.

[456] Remeto, aqui, aos conceitos de Igreja e profeta/seita de Bourdieu (2011, p. 58 *passim*).

[457] A Fogueira Santa de Israel é um ritual realizado pela IURD, transmitido pela televisão, e procura despertar a fé nas pessoas, como é alegado pelos realizadores. Entre os cristãos de outras denominações não alinhadas a teologia da Igreja Universal, é motivo de chacota, por assemelhar-se a um amuleto ou crendice desnecessária.

[458] A obra de René Girard, *A violência e o sagrado* (1990), traz o núcleo da teoria mimética desenvolvida pelo autor. Segundo ele, a teoria mimética ou teoria imitativa é uma explicação da violência no comportamento humano e da violência na cultura humana.

tanto mais ampla a reinterpretação" (BOURDIEU, 2011, p. 51; ênfases no original). Em decorrência,

> a forma que a estrutura dos sistemas de práticas e crenças religiosas assume em um dado momento do tempo (a religião histórica) pode afastar-se bastante do conteúdo original da mensagem e só pode ser inteiramente compreendida por referência à estrutura completa das relações de produção, de reprodução, de circulação e de apropriação da mensagem (BOURDIEU, 2011, p. 52).

Ou seja, os elementos e eventos próprios do judaísmo antigo são reinterpretados na nova conjuntura socioeconômica dos evangélicos brasileiros (como também entre os norte-americanos), cujos significados são aplicados (e nosso ver forçosamente) à situação atual, "afastando-se [...] do conteúdo original", como destacou Bourdieu.

A influência da mensagem neopentecostal sobre as demais igrejas foi observada por Mariano quando tratou das "igrejas históricas renovadas". Tais igrejas "renovadas" derivam de cisão em igrejas protestantes a partir da década de 1960 que se reorganizaram, apresentando-se como "renovadas", por admitir a crença do pentecostalismo clássico. Ocorre que, "conforme as idiossincrasias do pastor [em uma igreja] local, várias das inovações teológicas identificadas com o neopentecostalismo" (MARIANO, 2005, p. 48) são assimiladas, de modo que se configura a permeabilidade fácil das denominações. É preciso advertir sobre o equívoco de afirmar que apenas as novas igrejas formadas por cisão assimilaram os elementos do neopentecostalismo, porque também se observa a presença da mesma *menorah* e outros elementos judaicos em igrejas confessadamente tradicionais.[459]

Se o pentecostalismo havia se distanciado do protestantismo pela ênfase na cura divina,[460] o neopentecostalismo rompeu num aspecto com o último ao dar espaço

---

[459] Aqui, recorro a uma observação pessoal quando compareci a uma palestra na sede da Igreja Presbiteriana do Brasil, em Pinheiros (IPB-Pinheiros, na capital paulista, igreja protestante e tradicional), dirigida pelo Rev. Arival Dias Casimiro (que, a propósito, anunciou caravana a Israel e Turquia entre 1 a 16 de outubro de 2018). No vídeo do link (de 13.12.2015), é possível notar uma mesa ao lado direito do púlpito. Sobre a mesa, um *talith* sendo usado como toalha (o que é um flagrante desrespeito ao símbolo religioso judaico) e a *menorah*, usada como elemento decorativo, o que indica o que temos dito sobre a permeabilidade das crenças. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=yOUDS5TwgaM> e acessado em 13.02.2018.

[460] Mendonça atribui como causa social da simpatia pela doutrina da cura divina a "cultura de pobreza" instalada no Brasil no final da Era Vargas no período pós Segunda Guerra (MENDONÇA, 2008, p. 135).

secundário a Bíblia, usando-a de "forma mágica", que Mendonça chama "livre exame",[461] e na necessidade de "práticas mágicas, objetos com poderes especializados [pedras do Mar Morto, água do Jordão etc.], correntes espirituais e mesmo alguns deuses estranhos ao cristianismo"[462] (MENDONÇA, 2008b, p. 102). De fato, *Mamón*,[463] enquanto deus, exigirá seu próprio culto e para tanto é necessário aparato próprio: vocabulário (ganha-ganha da TP), significados ("afirmação do mundo" em detrimento da expectativa do mundo vindouro do pentecostalismo clássico; MARIANO, 2015, p. 36), simbolismo material (objetos do culto judaico): "Não são, portanto, Igrejas, mas clientela de bens de religião obtidos magicamente" (MENDONÇA, 2008b, p. 139).

Se o pentecostalismo é analisado como fenômeno religioso de "longa duração", tendo surgido há mais de cem anos, o neopentecostalismo, que emergiu no Brasil na década de 1970, "em oposição", é o fenômeno ainda visto como de "curta duração" (CAMPOS**,** 2012, p. 144). Embora o neopentecostalismo não adote a ênfase do discurso escatologista do calvinismo (povo eleito) e do pentecostalismo clássico (volta de Jesus) (MARIANO, 2015, p. 57, item 4), nem por isso deixa de ter uma escatologia, porém, com nova significação. Enquanto o pentecostalismo clássico aguarda o paraíso no céu junto a Jesus, a escatologia neopentecostal aguarda uma vitória final na terra, de preferência a posse de uma Terra Prometida, à semelhança dos Pais Peregrinos, sendo essa posse não mais que um efeito da TP. Se a Escritura diz que judeus herdarão, com segurança, território definido e terão prósperas bênçãos asseguradas, é nessa motivação econômica que os neopentecostais se fiam.

Além disso, os elementos do culto judaico do Antigo Testamento foram incorporados em bloco no culto desse "quarto cristianismo" e, assim, como Mariano demonstrou haver trânsito entre discursos e elementos entre as variadas igrejas, o aparato simbólico do judaísmo forma um híbrido com a vocação política das igrejas protestantes e flerta com o dispensacionalismo de base pentecostal clássica, de modo que não haverá rigor metodológico que comporte o fluxo de temas que infestam esse campo religioso,

---

[461] O que Mendonça chama "livre exame" nada tem a ver com a liberdade individual de leitura das Escrituras promovida pela Reforma Protestante. Antes, se refere a prática de abrir a Bíblia e ler o primeiro texto que saltar aos olhos, interpretado como indicativo de comunicação direta e individualizada com o Deus da Bíblia.

[462] E acrescentará "novenas, bênção da água (água-benta), óleo, flores, chaves etc." (MENDONÇA, 2008, p. 139).

[463] Referência às riquezas a partir da fala atribuída a Jesus, quando este as chamou de *Mamón* (Mateus 6.24).

não mais protestante, pentecostal ou neopentecostal. Estende-se, desse modo, um imenso guarda-chuva sob o qual se reúne o "evangélico":

> [...] o termo evangélico, na América Latina, recobre o campo religioso formado pelas denominações cristãs nascidas na e descendentes da Reforma Protestante europeia do século XVI. Designa tanto as igrejas protestantes históricas (Luterana, Presbiteriana, Congregacional, Anglicana, Metodista e Batista) como as pentecostais (Congregação Cristã no Brasil, Assembleia de Deus, Evangelho Quadrangular, Brasil Para Cristo (*sic*), Deus é Amor, Casa da Bênção, Universal do Reino de Deus etc.) (MARIANO, 2005, p. 10).

Em resumo, os indivíduos chamados "evangélicos" estão presentes nas diferentes igrejas, cujo surgimento se deu em períodos e conjunturas históricas variadas, mas que sendo contemporâneos, sentem-se atraídos pelos mesmos apelos econômicos elaborados pela Teologia da Prosperidade e pela mesma necessidade de aparato simbólico religioso providenciado pela reabsorção dos elementos judaicos ou de qualquer outro elemento comprovadamente judaico e/ou israelense. Há um interessante indício dessa hibridização que envolve signos hebraicos na cosmovisão (agora chamando de) evangélica, e esse indício aparece no nome dado às diversas caravanas que anunciam grupos de turistas para a Terra Santa. Veja o texto do anúncio veiculado no maior jornal das ADs, Mensageiro da Paz (n. 1243) lá em setembro de 1990:

> Excursões especiais à Terra Santa
> Israel/Egito/Grécia
> "andando por onde JESUS andou..." vamos à TERRA SANTA viver juntos a história de Cristo, sob a orientação de PASTORES EVANGÉLICOS. Não perca a oportunidade de reavivar a sua fé.
>
> CARAVANA EVANGÉLICA EM ISRAEL III
> Líder: Pr. Ézio Pereira da Silva (Brasília)
>
> PROGRAMA CONVITE À ISRAEL
> Líder: Irmão Vicente Goulart (Curitiba)
>
> CARAVANA ESPERANÇA
> Líder: Pr. Geziel Gomes (Rio)
>
> CARAVANA SHALON
> Líder: Pr. Guilhermino Cunha
>
> Sky Turismo (RJ).

Excursões Especiais à
TERRA SANTA
ISRAEL/EGITO/GRÉCIA
"andando por onde JESUS andou..." vamos à TERRA SANTA viver juntos a história de Cristo, sob a orientação de PASTORES EVANGÉLICOS. Não perca a oportunidade de reavivar a sua fé.
CARAVANA EVANGÉLICA EM ISRAEL III
LÍDER: Pr. Ézio Pereira da Silva (Brasília) Saída: 25/09/90 - Tel.(061)562-5139
PROGRAMA CONVITE À ISRAEL
LÍDER: Irmão Vicente Goulart (Curitiba) Saída: 27/09/90 - Tel.(041)266-7366
CARAVANA ESPERANÇA
LÍDER: Pr. Geziel Gomes (Rio) Saída: 11/10/90 - Tel.(021)396-8829
CARAVANA SHALON
LÍDER: Pr. Guilhermino Cunha (Rio) Saída: 23/10/90 - Tel.(021)262-2430
RESERVAS TEL.: (021) 262-9677
Com o Irmão Sebastião ou escreva para:
SKY turismo
Av.: Rio Branco, 181/8º andar - Centro - Cep. 20040 - Rio de Janeiro - RJ.

Figura 8. Conotação judaizante no título da caravana do pr. Guilhermino Cunha

No texto do anúncio, os nomes das caravanas formadas por pastores da ala pentecostal na década de 1990 ainda eram nomes neutros ("caravana evangélica", "caravana esperança") se comparados ao nome da caravana formada pelo renomado pastor Guilhermino Cunha, presbiteriano, portanto, um protestante reformado, ou seja, um tradicional. Até certo ponto há razão de ordem administrativa para a diferenciação. As igrejas protestantes históricas (batistas, metodistas, presbiterianas) não ordenam pastores sem sólida formação acadêmica em Teologia (curso bacharel livre, duração de quatro anos). O aprendizado das línguas originais das Escrituras (hebraico e grego) está implícito. Ao contrário, a essa época (anos 1990), algumas igrejas pentecostais começavam a exigir curso de nível básico em Teologia, com duração máxima de dois anos e menor rigor acadêmico. É razoável considerar que a formação acadêmica mais sólida em Teologia, nas diferentes denominações evangélicas, trace a tênue linha entre as igrejas que adotam vocabulário, simbolismo e liturgia com elementos judaicos, e aquelas que conhecem a cultura (e as línguas originais), porém não fazem desse conhecimento a base de sua cosmovisão religiosa. Este é o caso das igrejas protestantes e mesmo o pentecostalismo clássico (embora não primassem por formação acadêmica, nem por isso rejeitaram os estudos bíblicos, como demonstrou ALENCAR, 2013, p. 109-115).

Apesar das diferenciações entre protestantes e pentecostais não serem estanques, como informamos, empiricamente isso se demonstra, e.g., na tradição educacional de

grupos protestantes tradicionais e na ausência da mesma tradição entre o "quarto cristianismo". A Faculdade Teológica Batista de Perdizes e a Universidade Presbiteriana Mackenzie (ambas em São Paulo) e a Universidade Metodista (S. Bernardo do Campo) sinalizam essa distinção[464] e o esforço pela educação. Onde estão os quadros educacionais reconhecidos oficialmente, ligados às novas igrejas do "quarto cristianismo"?[465] Não há. O autoproclamado apóstolo Agenor Duque, líder da Igreja Apostólica Plenitude do Trono de Deus, mandou aplicar uma estrela de Davi como decoração no piso do púlpito em sua sede em São Paulo; no que tange a formação teológica compatível com grupos evangélicos, tem sido demonstrado[466] haver uma estrutura no mínimo suspeita, não reconhecida pelo órgão competente do Estado, nem pela associação que reúne mais de 170 instituições de educação teológica da América Latina e Caribe.[467]

Luís Wesley de Souza[468] pesquisou o desenvolvimento de liderança autóctone nas ADs e observou uma "a filosofia com que se 'desenhou' na AD feita a partir do simples,

---

[464] As três denominações mantêm seminários e faculdades tradicionais em praticamente cada região do país.

[465] A bem da verdade, a Igreja Internacional da Graça de Deus, de R. R. Soares, criou a Associação da Graça de Deus (AGRADE), e oferece cursos bíblicos e teológicos, curso de música, curso de idiomas e curso de direitos da igreja e gestão eclesiástica. A IURD, que surgiu três anos antes e reúne maior patrimônio, não tem cursos; a Renascer em Cristo apresentou uma "Escola de Profetas" que serviu para reforçar sua teologia particular, estranha aos parâmetros de denominações clássicas, por também enfatizar os elementos judaicos da Bíblia. A própria ideia de "profeta" remete a isso.

[466] Oliveira pesquisou a igreja de Agenor Duque e sua esposa, bispa Ingrid Duque, e dedicou onze páginas à questão da formação teológica na IAPTD. Embora Duque ostente títulos de bacharel e mestre em Teologia, além de um doutorado *Honoris Causa* em Ciência e Filosofia da Religião (2017, p. 53), a instituição de sua formação, Fatecamp, encerrou suas atividades após a morte de seu reitor, Bruno Pereira da Silva, que mantinha trânsito entre líderes como os bispos Samuel e Manoel Ferreira e o ex-deputado Eduardo Cunha, entre outros. Os títulos de doutor *Honoris Causa* (conferido também ao bispo Samuel Ferreira da AD Brás) eram atribuídos pela Fatecamp com finalidade propagandística, a fim de elevar o *status* do pastor de uma grande igreja midiática e com isso capitalizar com a adesão de novos matriculados. Os cursos servem para reforçar as crenças particulares e corporativas dessas denominações, em geral focalizando aspectos judaizantes do Antigo Testamento. O Novo Testamento, em geral, é usado para reforçar (inclusive nas pregações) a autoridade do "profeta", "do ungido do Senhor". A título e exemplo, entre as disciplinas oferecidas estão "Como Enfrentar Críticas", "Formação da Igreja Empresa" e "Direito da Igreja Comercial" (OLIVEIRA, 2017a, p. 56). Hoje a IAPTD mantém sua própria instituição de ensino teológico, a Faculdade Teológica Plenitude (Fatep). Agradeço esses destaques apontados a mim pela autora da pesquisa.

[467] Associação Evangélica de Educação Teológica da América Latina, AETAL, fundada em 1968 na cidade de Campinas (SP), é vinculada ao *International Council of Evangelical Theological Education* (ICETE), reunindo aproximadamente 1.000 escolas teológicas em 117 países, totalizando mais de 100.000 alunos.

[468] É professor catedrático de Missão e Evangelismo na *Emory University*, em Atlanta, onde também fez pós-doutorado em Teologia Prática e Práxis Religiosa. É doutor em Estudos Interculturais pela *E. Stanley Jones School of World Mission & Evangelism* pelo *Asbury Theological Seminary*.

pelo simples e para o simples (não necessariamente "iletrado")", [469] e que mostrou tendência a uma formação mais contida entre os pentecostais, que entendiam que formação mais rigorosa poderia afastar os líderes das pessoas.

O que estamos tentando demonstrar é que se o termo "evangélico" parece genérico, do ponto de vista objetivo da pesquisa ele se caracteriza ou delineia com especificidade. "Evangélico" comporta as vertentes protestantes (ou tradicionais), pentecostais (clássicos) e as novas igrejas de "segunda" e "terceira onda" (neopentecostais ou quarto cristianismo). Vemos aqui a clara convergência entre polos distantes dentro desse campo. As primeiras confissões e igrejas a se instalarem no Brasil foram alimentadas, como demonstramos na parte inicial do presente capítulo, pela narrativa e pela teologia vindas do Norte, marcadas pelo calvinismo e pelo avivamento metodista/pentecostalismo. Por outro lado, as novas igrejas, as neopentecostais como a IURD, que exerce influência sobre igrejas menores e sobre pastores (MARIANO, 2005, p. 48) romperam com a tradição letrada, por assim dizer.

O que brota dessas duas vias é um evangélico que absorve as duas situações: por um lado, a tradição do texto, do evangélico intelectualizado cujo perfil que é alimentado e refinado por meio do conhecimento da geografia, da história, da arqueologia e até do "andar por onde Jesus andou"[470] (no caso dos mais simples); por outro lado, entre as igrejas da nova tradição, o que as atrai é a magia supersticiosa da presença no "centro do mundo" (M. Eliade), do contato com o objeto ou a presença pessoal no local carregado

---

[469] Não tive acesso direto ao texto. Essa observação foi passada em mensagem de texto pelo próprio autor (13.02.2018). "In considering the development of leaders, the tendency in many places is to look for intelligent young men who show promise and to train them. With keen anthropological insight, Melvin L. Hodges observes that it is important to be attentive to indigenous patterns of leadership and invest oneself in the training of natural leaders who will enjoy the acceptance and respect of the community (1953:42). These leaders are often older and without seminary or Bible school training, but too much schooling can separate a promising leader from the people. A moderate amount of schooling for respected local leaders is usually, in this view, a much better investment. Training needs to be physically accessible, decentralized, and offered within short time frames to accommodate those who have to provide for families. Hodges' observation is a match with the AOG way of valuing the native and natural leader, which opened the way for the existing indigenous method of work" (Copyright © September 2003 Luís Wesley de Souza). *The Assemblies of God in Brazil: Lessons in Indigenization* (As Assembleias de Deus no Brasil: Lições em Autoctonia). To be published by Emeth Press as *A study of the process of indigenization of classical Pentecostalism in Brazil from 1910 to 2010, and implications for mainline Protestantism*. Alencar (2013, p. 37) trabalhou com a longa história e indicou que no pentecostalismo das ADs, a "educação teológica nasce informal [... e] vai se formalizando até se tornar compulsória para o exercício ministerial".

[470] A expressão "pisar onde Jesus pisou" ou sua equivalente "andar por onde Jesus andou" são recorrentes nas entrevistas realizadas.

de *mana* (E. Durkheim), da "oração forte" no Monte Carmelo.[471] O resumo dessa situação é um grupo social heterogêneo do ponto da composição por diferentes camadas socioculturais, movidos ou atraídos por uma experiência comum, de natureza confessadamente religiosa (v. cap. sobre entrevistas), pois se baseia numa tal tradição. Nesse sentido, assemelham-se aos antigos peregrinos, embora estejam envoltos na tipificação de turistas em ambiente criado pelo capital, como demonstramos (c. 1 e 2). Se hoje trazem água do Jordão e pedras do Mar Morto, na Idade Média eram palmas de Jerusalém. D. Pedro II trouxe de pedrinhas a ramos de plantas. Mas não podemos negar, e insisto, que nunca a curiosidade e a afinidade com as coisas de Israel foi tão forte e tão longe. Nem os palestinos, tendo em seu território vários sítios e cidades da tradição bíblica (judaica e cristã), conseguem emplacar algo de sua cultura no interesse dos cristãos brasileiros.

5.6 Em síntese, as diferentes conjunturas e os diferentes evangélicos

O apanhado historiográfico apresentado anteriormente reuniu autores que demonstraram o papel de diferentes fatores e conjunturas na introdução do protestantismo no Brasil do século XIX, na formação do campo pentecostal no início do século XX e os desenvolvimentos havidos, até que na virada para o século XXI encontramos um quadro variado. Grupos de afinidade com os primeiros protestantes hoje convivem com os neopentecostais, além de adotarem parcialmente seus discursos e símbolos.

Não pode haver dúvida de que a formação étnica do Brasil no século XIX teve papel relevante na formação do campo religioso protestante.[472] Demonstram Vieira (1980), Mendonça (2008b), Campos (2012) *et. al*. No entanto, há análises que associam os interesses políticos do Governo brasileiro na passagem dos séculos XIX para o XX como agentes que interferiram no campo religioso, da qual não concordamos totalmente.[473] Dentro de tal análise, a fundação da CCB teve a seu favor, no primeiro plano, a imigração,

---

[471] Entre os turistas que acompanhei, houve alguns que levaram dezenas, senão centenas de pedidos de oração para o Monte Carmelo, no norte de Israel. Lá, fizeram uma oração e em seguida atearam fogo nos bilhetes de papel, numa clara tentativa de associar o fogo e o local ao evento relatado na Bíblia Hebraica (cf. 1Reis 18) em que o profeta Elias faz descer fogo do céu para exterminar os falsos profetas.

[472] *Italianos e o Protestantismo Brasileiro: A Face Esquecida pela História da Imigração* (in PEREIRA, 2012).

[473] É preciso cautela e a consideração de que, quando Francescon chegou ao Brasil, havia uma comunidade italiana formada, de modo que a CCB não foi criada em função da conjuntura ou do interesse do Governo brasileiro, mas, em vez disso, como resultado da política de imigração e branqueamento, segundo a análise que considera tal abordagem.

regida por questões da política, que facilitavam a vinda de imigrantes cuja fé era a mesma encontrada aqui, preferencialmente os europeus, majoritariamente italianos. Havia, segundo esse entendimento, quatro ordens de fatores para a preferência ou favorecimento nacional da imigração de italianos:

1. fator de ordem economicista, pela substituição da mão de obra escrava na agricultura;
2. fator de natureza racial, embutida no projeto de branqueamento do país;
3. fator de conotação cultural, para facilitar a aproximação de uma população etnicamente semelhante (em detrimento da, e.g., distante comunidade japonesa, que só começaria a sua imigração no início do séc. XX)
4. fator de ordem religiosa, visando o fortalecimento do catolicismo nacional.[474]

Entre essas conjunturas, a análise sociológica do período seguinte, que comporta o pentecostalismo, indica alguns fatores que fomentaram a força do movimento. Entre eles estão a Guerra Civil nos EUA, a libertação contemporânea dos escravos, as tensões raciais, a crise na agricultura (no norte do Brasil, isso ocorreria com o fim do Ciclo da Borracha, cf. ALENCAR, 2010, p. 73-75) e a mobilidade social em direção às cidades do Norte dos EUA em processo de industrialização (CAMPOS, 2012, p. 148).

A relativa carência de segurança entre o povo pobre, saído das áreas rurais em direção aos centros urbanos e aos territórios à Oeste daquele país, beberia da fonte dos movimentos de santidade que operavam "dentro de um contexto urbano e industrial" (CAMPOS, 2012, p. 150), enquanto os grandes avivamentos que o precederam haviam atingido as regiões rurais e fronteiriças. As cidades, no entanto, se mostrariam ambientes de aprofundamento de crises dadas as condições econômicas impostas pela industrialização. Foi nesse contexto, com indica Campos, que se formaram igrejas autônomas,[475] surgidas a partir do interior da Igreja Metodista e moldadas pelo apelo do

[474] Essa exposição foi feita pelo Antropólogo prof. dr. João Baptista Borges Pereira (aula 7, 02.04.13) no âmbito do curso "Estudos histórico-sociológico do campo religioso brasileiro", parte do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, na Universidade Presbiteriana Mackenzie.

[475] O nome das igrejas é bastante revelador: "Church of God (Cleveland, 1886); United Holy Church of America Inc. (1886); Fire Baptized Holiness Church (1898); Pentecostal Holiness Church (1899); Pentecostal Union (1901)" (CAMPOS, 2012, p. 150).

movimento de santidade (*holiness movement*), preparando o campo religioso para a virada pentecostal propriamente dita.

Isto posto, a suposição de haver condições marcadamente econômicas na fomentação do turismo que ora investigamos, foi apontada por Certeau (como já delineamos em 1.4 e na conclusão do ponto 2.3) dentro de um quadro de referência da desesperança, em que a população lança mão da suposta segurança no céu quando se perdem as garantias e seguranças na terra (CERTEAU, 1982, p. 34). Panosso Neto, já citado (c. 2) que pesquisa o campo do turismo, afastou-se dos modelos utilizados em outros países que levam em conta a teoria geral dos sistemas que "privilegiam a questão econômica" (PANOSSO NETTO, 2005, p. 21), por entender sua insuficiência para avaliar esse fenômeno social. Em sua consideração, as relações históricas, sociológicas e econômicas, bastante utilizadas no estudo do turismo, não tocam fundo as "razões pessoais mais interiores do ser humano" (PANOSSO NETTO, 2005, p. 98), e é com essa posição que avançaremos, tendo realizado as entrevistas e conferido a tendência indicada por aquele autor. Para reforçar nossa posição, retomo a conclusão de Abumanssur que argumentou ser a motivação pessoal do turista independente do mercado, e que as viagens no século XX, com cunho capitalista e consumidor, "só vieram a se tornar 'turismo religioso', quando o volume de pessoas envolvidas alcançou uma escala que tornasse economicamente viável o planejamento e os investimentos na área" (ABUMANSSUR, 2009, p. 4).

O turismo religioso realizado por evangélicos brasileiros não foi movido nem orientado exclusivamente por fatores de ordem política ou econômica como o turismo de lazer, nem mesmo a mobilidade social tem sido impeditiva, como era no século XIX, quando somente a elite podia participar; isso será demonstrado no próximo capítulo. A prática da peregrinação antiga e medieval já demonstra que personagens de diferentes camadas sociais foram movidas pelos mesmos interesses na Terra Santa (e.g. 2.1 Conceitos e tipologias ou CONDER, 1896, p. 16). O que os formatos modernos do turismo proveram, isso sim, foram mecanismos que facilitaram a massificação da atividade, mas não criaram algo novo. Seguindo Abumanssur (2009, p. 3), nem mesmo o caráter consumista do turismo moderno ou a injeção do capital na atividade (Acerenza e Lipovetsky) teriam alterado o fenômeno.

Assim, insistimos, o turismo religioso não é orientado por tais fatores; existe independente deles e podemos dizer que, quando muito, acompanhou as formatações da

oferta de pacotes quando teve início o turismo de massa. Outro indício dessa peculiaridade são as caravanas de pastores formadas ainda precocemente ao *boom* entre 1990 e 2000 (v. c. 6), quando fatores econômicos foram estabilizados: antes disso os grupos já eram numerosos.

Temos dito isso sem perder de vista a proposta da pesquisa, que é a investigação do papel que evangélicos brasileiros que vão a Israel e a Palestina no intricado "conflito IP" ou na "questão Palestina", expressão que consideramos excludente e carregada de paixão política. Está claro e demonstrado (por outras pesquisas inclusive) que a cultura evangélica, o *layout* das igrejas, o aparato simbólico das mesmas e o discurso se alterou significativamente. Para tomar um exemplo, na Idade Média a arquitetura das basílicas na Terra Santa era copiada para a Europa (v. c. 4), mas os originais eram da mesma tradição, ou seja, de mesma matriz cristã; hoje isso não acontece, pois se copia a tradição alheia.

6 O TURISMO DE CRISTÃOS BRASILEIROS PARA ISRAEL-PALESTINA

Da linda pátria estou bem longe;
Cansado estou.
Eu tenho de Jesus saudade; Oh! quando é que eu vou!
Passarinhos, belas flores
Querem me encantar.
Oh! terrestres esplendores!
De longe, enxergo o meu lar.

"O exilado", Justus H. Nelson
(trad. *Old Folks at Home*. In Salmos e Hinos n. 403)

No capítulo anterior traçamos o perfil do grupo social tipificado como "evangélico". Para tanto, indicamos quem são os protestantes históricos e, em linhas gerais, como pensam, fazendo o mesmo com os evangélicos e suas alas pentecostal e neopentecostal. Indicamos haver permeabilidade entre os grupos no que diz respeito a determinadas características próprias de um grupo que podem ser encontradas no outro, sem qualquer prejuízo para a identidade principal, que seria a identidade cristã protestante (diferenciando, aqui, do católico).

Neste capítulo nos concentraremos na história dos brasileiros que foram à Palestina, a Terra Santa dos cristãos. Começaremos pelo século XIX, com três casos identificados na pesquisa (todos católicos), indo pelo século XX com os protestantes e evangélicos, pentecostais e neopentecostais. Procuramos cercar cada um com o seu próprio contexto religioso e trazer a história até o ponto cronológico da nossa pesquisa, como indicado no Capítulo 1 (Aporte historiográfico). A enumeração dos nomes não se pretende exaustiva. Fizemos o registro de uma amostra de nomes representativos entre as diferentes tradições, como presbiterianos, pentecostais e batistas, além de poucos neopentecostais, para compreendermos a evolução do segmento turístico pesquisado. Consideramos como dado significativo o pioneirismo de determinada pessoa dentro do seu grupo, a produção realizada (literatura) ou a exposição ou representatividade pública do nome indicado.

Em seguida, apresentamos as informações sobre o funcionamento das chamadas caravanas à Terra Santa, como são organizadas e formadas e o seu funcionamento, os agentes e os papeis de cada um. Dosamos as informações coletadas com os resultados consolidados das entrevistas à medida que avançarmos sobre os diferentes aspectos cobertos pela investigação. Afinal, "sem investigação sobre os agentes ativos e passivos da memória e seus papeis sociais [...] os escribas e escrivães, feiticeiros, líderes políticos e religiosos, arquivistas [...] testemunhas autorizadas [...] turistas [...] debilita-se o estudo

da memória" (MENESES, 1992, p. 18). Entremeada ao texto está a tabulação dos dados quantitativos da pesquisa conforme proposta original do projeto de pesquisa, as quais constam dos ANEXOS A–E.

Por fim, resgatamos um aspecto histórico das relações diplomáticas entre os três povos, brasileiros, judeus e palestinos, qual seja, os episódios análogos da crise do petróleo e a votação da Resolução 3376 da ONU, situando-os em nosso contexto e atualizando o estado dessa relação frente ao que expusermos até àquele ponto do capítulo.

6.1 Sobre as primeiras viagens de brasileiros para Israel-Palestina

Enquanto o protestantismo penetraria no país somente em fins do séc. XIX, a ala católica presente no país guardava a imagem e o imaginário vindos de séculos de peregrinações e especulações sobre a terra "de Nosso Senhor Jesus Cristo" conforme a expressão popular. Paulo Valadares, genealogista de ascendência judaica que lida com cristãos novos no Brasil, tem entre seus ascendentes nomes dos primeiros brasileiros a visitarem o "Eretz Yisrael" (*hb.* Terra de Israel, como judeus se referem a Israel).[476] Nós o entrevistamos.

> Até o final do século XIX, o Eretz era apenas um sertãozão nos confins do Império Otomano, visitado apenas por sacerdotes católicos (alguns deles de origem cristã-nova) e aristocratas e por judeus. O santista Frei Patrício de Santa Maria, franciscano, irmão de Bartolomeu de Gusmão (um Maschiach falhado),[477] viveu em Jerusalém. D. Pedro II foi visitá-lo [...] Viagem documentada (por diário e algumas fotos nas vizinhanças). O Monsenhor Joaquim Pinto de Campos (1819-1887), pernambucano, também foi a Jerusalém, escreveu um livro massudo e aborrecido ("Jerusalém")[478] – mas é um documento importante. O meu

[476] Em geral, Eretz Yisrael indica "a terra" referindo-se a toda ela. A nomenclatura do país nvolve complicações de ordem ideológica ou partidarista. Falar de Estado de Israel antes de 1948 é anacrônico, asism como Palestina antes do Mandato antes de 1917 ou entre 1948 e 1988, quando Arafat proclamou o Estado da Palestina. Daqui em diante, procuraremos um meio termo ou associaremos o nome, quando possível, ao personagem a que se refere. Ex., D. Pedro II não iria a Palestina, mas a Israel ou Terra Santa, nomenclatura quase monopolizada por cristãos, católicos ou protestantes.

[477] Alguém sobre quem há, entre os judeus, expectativa de que seja o Messias aguardado, mas que chega ao fim da vida sem que algo ocorra ("falhado") a esse respeito.

[478] Está disponível online em <https://bit.ly/2PtPFdX> e foi acessado em 19.06.2017. A obra *Jerusalem*, de Joaquim Pinto Campos. Lisboa: Imprensa Nacional, 1874, é de um texto prolixo, verborrágico. Porém, traz muitas e únicas informações, como as ligações financeiras entre o Império Português e Israel, como as histórias do Hospício de Jerusalém e do Síndico dos Santos Lugares. Paulo Valadares comentou sobre isso: "No Sertão, captando dinheiro, ficava um homem importante, chamado "Síndico dos Santos Lugares". O patriarca dos Dantas baianos ficou rico administrando estes fundos. Minha mãe chegou a

> tetravô [na verdade trisavô] Padre João Batista de Carvalho Daltro (1828-1910) e o nosso primo Cônego Dr. João de Matos Freire de Carvalho (1865-1946). O caminho não era diferente: ia até a "Itália" e dali chegava-se ao *Eretz*. Havia no Nordeste (no caso Sertão da Bahia), um "Síndico dos Santos Lugares", um leigo que arrecadava dinheiro para cuidar do túmulo de Cristo.[479]

Há alguns pontos aqui que exploramos melhor na entrevista. O Padre Daltro (João Batista de Carvalho Daltro) "formou-se [padre] em Salvador e em 1853 foi para a Itália e dali ao *Eretz* para visitar os 'Santos Lugares'." Sobre o Padre Daltro, o entrevistado disse: "Ele foi o primeiro sergipano a visitar Jerusalém. Segundo o memorialista Edilberto Campos[480]: "(...) *parecia um britânico, alto, claro, avermelhado, cabeça redonda, fala macia e cantante* [...]" (VALADARES, 2018, p. 191, ênfase no original). Antes de partir do Brasil, Padre Daltro esteve à frente das paróquias de Nossa Senhora do Pilar e Bomfim, em Salvador, Nossa Senhora do Amparo do Riachão e em Lagarto, entre os anos 1874 e 1910. "Recebeu os títulos de cônego (1879), monsenhor camareiro secreto do Papa (1898) e arcipreste (o padre mais velho de um bispado). Organizador e conciliador na vida eclesiástica, pertenceu a última geração dos padres antes da 'romanização' da Igreja." (VALADARES, 2018, p. 191), i.é., maior ingerência de Roma nos assuntos locais.

O sobrinho do Padre Daltro, primo de Valadares, foi o Cônego Dr. João de Matos Freire de Carvalho[481] (1865-1946), fez o mesmo percurso do tio ao formar-se na Universidade Gregoriana de Roma. "Ele fazia questão do Doutor", acrescentou Valadares. O Padre Daltro, após passagem pela Itália em 1853, fez a primeira viagem a Israel. Ele morreu em 1910, depois do que teria sido a sua segunda viagem a Israel com o sobrinho, este nascido em 1865.

---

ver o "Boi do Dízimo" pastando no quintal sergipano – era parte deste patrimônio". "Boi do Dízimo" era o imposto cuja cobrança era terceirizada e pago ao Governo sobre a propriedade do gado.

[479] Entrevista concedida pelo historiador Paulo Valadares em 18.06.2017. Sobre o fato de um padre ter filhos, Valadares comentou o seguinte: "Eu descendo do Padre Daltro. Era o período anterior a 'romanização' da Igreja Católica. É claro que eles (os filhos) não eram legitimados; mas no caso do meu bisavô João Batista (filho do Padre) recebeu o nome e um pedaço de suas terras".

[480] CAMPOS, Edilberto de Souza. "João Batista de Carvalho Daltro e João de Matos Freire de Carvalho". Em: *Crônicas da passagem do século*, v. 3. Aracaju: […] 1968, apud VALADARES, 2018, p. 191.

[481] "Cônego Dr. João de Matos Freire de Carvalho (11 de setembro de 1865 – 14 de junho de 1946), formado na Universidade Gregoriana de Roma (com a tese "*Parochos extravagantes os dos Brasil*", 1926), inaugurou a matriz de Sant´Ana, buscou mudar o nome da cidade de Simão Dias para Anápolis, em homenagem a sua trisavó Ana de Menezes. Visitou Jerusalém, como o tio, Padre Daltro. Vigário em Coité (Paripiranga). Participou de momentos políticos importantes, como a direção religiosa do sepultamento do Padre Olímpio Campos, senador e presidente de Sergipe, assassinado pelos adversários políticos. É pai de: (a) "*Antunes do padre João*" e mais dois filhos que desconheço os nomes" (VALADARES, 2018, p. 191, n. 257, ênfase no original).

Sobre o Sindicato dos Lugares Santos na Bahia, Valadares indicou a seguinte citação:

> [...] *Esta comissão, cujo fim é agenciar esmolas para a conservação dos Santos Lugares em Jerusalém, tem a sua sede no prédio que possui a rua dos Barbonos* [no Rio de Janeiro], *conhecido sob o nome de Hospício de Jerusalém. Este prédio tem duas casas pequenas annexas. Possue a comissão mais 7 hospícios para residência de seus esmoleres e tem alguns escravos a seu serviço* […] *os religiosos da Terra Santa são da Ordem dos Franciscanos Observantes, e tem por Superior o geral da mesma ordem em Roma* […] (O APOSTOLO, 1870, p. 220; preservada a grafia e ênfase originais).

No capítulo anterior nos demoramos com a história do primeiro Monarca a peregrinar por Israel, D. Pedro II, e lidamos com tudo o que envolveu a sua viagem, que era muito desejada por ele. A Princesa Isabel, filha de D. Pedro II, teve três filhos com Gaston d´Orléans, príncipe francês, também reconhecido como Conde d´Eu. O primogênito do casal foi Pedro de Alcântara (1875-1945), seguido de Luís de Orleans e Bragança (1878-1920) e o caçula Antônio (1881-1918). Dom Luís, o segundo, o "Príncipe Perfeito", herdou a vocação política da família (há quem proteste que D. Pedro II tivesse essa vocação), embora nunca tivesse conseguido levar adiante as ideias de retomada do papel de sua família na política brasileira.

D. Luís e D. Antônio alistaram-se como voluntários entre os aliados na Primeira Guerra. O caçula da Princesa Isabel morreu num acidente com um avião militar inglês e D. Luís, de saúde frágil, acabou a Guerra ainda mais debilitado fisicamente. Ele contraiu uma tuberculose óssea, falecendo em 1920, aos 42 anos de idade. E foi a saúde, de certo modo, que também o levou a visitar a Terra Santa por onde o avô passara algumas décadas antes. Sua biografia foi escrita pela historiadora Teresa Malatian, onde encontramos uma breve anotação que aproxima D. Luís a seu avô: a viagem a Palestina.

> A Palestina foi visitada em março de 1905 num giro de curta duração. Além de buscar mudança de clima num momento de debilidade física, é bastante provável que seguisse conselhos da mãe para visitar o Santo Sepulcro e solicitar intercessão divina para sua cura. A viagem durou cerca de cinco dias e seguiu o roteiro turístico tradicional: Jerusalém, Betânia, Jericó, lugares santos para o catolicismo, além de uma mesquita, cuja beleza admirou. Apesar das referências à Bíblia, a peregrinação não provocou comentários indicativos de grande devoção. Suas impressões registram interesse pelos lugares importantes para a cristandade como Jericó, além da decepção com o Santo Sepulcro por ali encontrar ex-votos extraordinários, grande movimento de turistas e

> mendigos esmolando que o chocaram profundamente [...]" (MALATIAN, 2010, p. 67).

Dom Carlos Tasso de Saxe-Coburgo e Bragança[482] iniciou um artigo informando que na ocasião de sua passagem pela Palestina, as viagens para a região haviam se tornado populares em função da ida do Papa Paulo VI para lá, em janeiro de 1964. "Vários soberanos o imitaram, como o Grão Mestre da Ordem de Malta, Frei Ângelo de Moiana, o Rei e a Rainha da Bélgica, Balduino e Fabiola, o Czar Simeão da Bulgária e outros" (BRAGANÇA, 1966, p. 151; mantida a grafia original). Tendo visitado a Terra Santa em 1962, Dom Carlos assim se expressou sobre a relevância da visita, especialmente pela presença da Imperatriz naquele país: "Para somente citar um exemplo, a Imperatriz D. Teresa Cristina, conforme o sublinham as crônicas locais, foi a primeira Imperatriz, depois de Santa Helena, mãe de Constantino, que pisava naquelas Terras, tão áridas e tão caras a todos os cristãos" (BRAGANÇA, 1966, p. 152).

À época quando os primeiros brasileiros, com muita dificuldade, começaram a viajar para a Palestina, europeus desfrutavam vibrante onda turística, com serviços de transporte e hotelaria prestados por Thomas Cook (*Thomas Cook & Son*), que em 1869 inaugurou o *Cook's Eastern Tours*, como vimos no Cap. 2. A *Thomas Cook & Son* divulgava Israel como destino turístico. Guilherme II, da Prússia, e sua esposa, em 1898, hospedaram-se no *CMJ Israel's Heritage*,[483] que foi de propriedade do barão teuto[484] Plato Ustinov, avô do ator Peter Ustinov. Vimos que uma estrada de ferro conduzia turistas que chegavam de navio do porto de Jafa e os levava até Jerusalém, desde 1868 (v. Mapa 3).

Após uma lacuna de tempo entre a viagem de D. Luís, em 1905, começam a ir para Israel os primeiros pastores evangélicos brasileiros.

6.2 Os primeiros pastores brasileiros a irem para Israel

A ebulição turística entre os evangélicos, observada a partir dos anos 1990, começou modesta no longínquo ano de 1928, com um pastor presbiteriano, erudito

---

[482] Barão de Bordonha e Valnigra, é o atual chefe do ramo Saxe-Coburgo e Bragança, um dos ramos da família imperial brasileira.

[483] Home page do hotel disponível em <https://www.cmj-israel.org/heritage-centres> e acessado em 02.09.2018.

[484] Região da Alemanha que falava uma língua indo-europeia.

preocupado com as causas sociais e com o diálogo mais amplo entre os diferentes ramos da Igreja evangélica.

6.2.1 Erasmo Braga (1877-1932)

Diferentemente do que há na literatura recente, o ex-pastor Caio Fábio não é o "pioneiro às viagens a Israel" (OLIVEIRA, 2017b, p. 114), nem individualmente, nem com grupos. Até onde conseguimos informações confiáveis, o primeiro nome de um evangélico que aparece entre os que foram a Israel é o do pastor e intelectual presbiteriano Erasmo de Carvalho Braga (1877-1932). Embora a viagem de Braga a Israel se devesse a outra razão que não o interesse por peregrinação ou turismo, o seu apreço pela história e a cultura judaica ficam à vista no fato de ter escrito "um ensaio histórico-social intitulado 'Os judeus no Brasil', que mais tarde foi traduzido para o inglês e publicado em um periódico judaico de Cincinnati, nos Estados Unidos" (MATOS, 2008, p. 172).[485] Sem pretender o rigor de uma tipologia, poderíamos dizer que com Braga teve início a primeira geração de evangélicos brasileiros que foram conhecer Israel pessoalmente, numa época de escassa comunicação e produção literária sobre aquele país.

Desde 1924 o nome de Erasmo Braga figurava entre os participantes brasileiros e latino-americanos em conferências internacionais em nosso continente, bem como na Europa e finalmente no Oriente Médio. Em 1926, em viagem à Europa, Braga participou de quatro conferências, sendo uma delas em Rättvik, Suécia. A reunião do Comitê do Concílio Missionário Internacional (COMIN), entre 17 a 25 de julho, tratou da "transferência de responsabilidade das missões de evangelização para as igrejas nacionais, relações raciais, questões trabalhistas, educação religiosa e preparativos para a reunião de Jerusalém" (MATOS, 2008, p. 275).

O longo Concílio Missionário Internacional aconteceu entre 24 de março a 8 de abril de 1928, no Monte das Oliveiras, em Jerusalém. Erasmo Braga figurou como único brasileiro na delegação sul americana formada por sete delegados: Samuel G. Inman (EUA), John A. Mackay (suíço de origem, atuou como missionário no Peru e no México; seu nome está ligado a Associação Cristã de Moços, ACM), H. T. Marroquín (México) e

---

[485] Erasmo Braga, The Jews in Brazil. *The American Israelite*, Cincinnati (29-10-1908), pág. 1. Júlio de Andrade Ferreira, autor da primeira história da Igreja Presbiteriana no Brasil, indica que aos 19 anos, Braga "frequentou uma sinagoga em São Paulo e podia ler o Antigo Testamento em hebraico". *Apud* Matos, 2008, p. 172, n. 144.

os metodistas Gabino Rodriguez (Argentina), Hugh Clarence Tucker (embora estivesse representando o Brasil, era missionário norte-americano) e Robert Elphick (Chile) (REILY, 2003, p. 257). Em Jerusalém, "Erasmo foi escolhido para ser um dos três membros latino-americanos do Comitê do COMIN e foi responsável pela integração definitiva da América do Sul, especialmente o Brasil, nas atividades daquela organização" (MATOS, 2008, p. 279).

Em termos de posicionamento social das igrejas evangélicas, "Jerusalém 1928 se tornou famosa por causa de sua ênfase na 'mensagem cristã' e no envolvimento social, o que [...] produziu uma forte reação dos líderes missionários da Europa continental, especialmente alemães" (MATOS, 2008, p. 278).[486] Na viagem com o rev. Tucker, Braga e ele passaram pela Síria, Turquia, Egito, Grécia e Itália (MATOS, 2008, p. 279). Como fruto da viagem, Erasmo Braga escreveu "A ressurreição da Palestina", um relato da viagem.

Algumas anotações[487] desse relato saltam à vista. Por exemplo, entre a presença de "tribos muçulmanas conquistadoras, cavaleiros armados de couraça, luzindo os brazões da cavalaria medieval, procissões de peregrinos das três grandes religiões monoteístas: mosaismo, o cristianismo e islam; mas, no mundo objetivo ferem a vista *sinais quase sacrílegos de uma secularização iminente da Terra Santa*" (BRAGA, 1944, p. 164, ênfase acrescentada; foi preservada a grafia original). Suas palavras, por certo, revelam a expectativa do brasileiro, quiçá do cristão estrangeiro, quando desembarca naquelas terras esperando encontrar, se possível, até mesmo as pegadas dos apóstolos.

Sobre o acesso ferroviário, Braga informou que "durante a guerra", certamente a Primeira Grande Guerra (1914-1918),[488] foi criado um "serviço ferroviário entre o Egito e a Palestina [...] ao longo do trajeto que faziam as caravanas, desde a mais remota antiguidade, entre a Ásia e o vale do Nilo" (BRAGA, 1944, p. 166). Ou seja, decerto houve ampliação da malha ferroviária existente (v. Mapa 3), mas seria preciso questionar essa ampliação "durante a guerra" (para servir a mobilização das tropas?). No século anterior Cook já oferecia para os europeus seus serviços de turismo para a Palestina e o

---

[486] A questão tratada girou em torno do "conceito do reino de Deus" inclinando para o evangelho social (e reduzindo-o a uma mensagem social) ou destacando as questões da mensagem ao anúncio de Cristo, com baixa ênfase na presença pública da Igreja (MATOS, 2008, p. 276).

[487] O texto deriva de conferência pronunciada ao tomar posse como sócio efetivo da Sociedade de Geografia, no Rio de Janeiro, a 5 de setembro de 1928, cf. nota da ed. (BRAGA, 1944, p. 163).

[488] De fato, Braga mencionou a 'Campanha vitoriosa do general [britânico Edmund] Allenby, associando-o a essa guerra (BRAGA, 1944, p. 174).

Nilo, como Braga indicou ser o itinerário dessa nova linha férrea. Portanto, podemos considerar, hipoteticamente, que a ampliação da rede ferroviária visando o turismo pode ter sido aproveitada pela potência britânica para fins bélicos durante a Guerra, o que seria razoável, mas não temos documentação que comprove. Os turcos tentaram construir um ramal ferroviário de Beersheva, sul da região, para atacar os ingleses no canal de Suez, no Egito, como informou o autor (BRAGA, 1944, p. 170).

Em observações de ordem social e econômica, Braga admirou-se de que "foi a grande guerra o fator maior que vai produzindo as modificações radicais e definitivas no Oriente Próximo" que são o "colapso dos sistemas de filosofia e religião, que se vão tornando incompatíveis com a vida na era presente [...] O Oriente, pitoresco, de *tarbush* e longos hábitos talares[489] vai rapidamente desaparecendo" (BRAGA, 1944, p. 171, ênfase no original). A modernidade se impõe.

> Os transportes aéreos são no oriente mais regularmente utilizados que entre nós. As agências de turismo, as companhias 'express', as numerosas empresas de autônibus e de carros de passageiros organizados com mais flexibilidade e de acordo com ideias ultramodernas, fazem inveja a quem conhece a dificuldade em obter informações, bilhetes, reserva de lugares nas nossas burocráticas estradas de ferro (BRAGA, 1944, p. 172).

Para Braga, o aspecto ou "fator social e econômico mais inquietador" na vida palestina decorre do Pacto de Versailles, expresso na declaração de Balfour, para "o estabelecimento de uma pátria nacional para o povo judaico" (BRAGA, 1944, p. 173). Ele deu um breve histórico dos acordos para esse "estabelecimento", falando da nova era do sionismo, quando o associa "a campanha vitoriosa do General Allenby" (BRAGA, 1944, p. 174), das "colônias judaicas antes da guerra" serem "meros estabelecimentos de iniciativa privada, que desde 1880 atraíram para a Palestina os judeus perseguidos em outras terras" e, assim, houve criação de "grandes latifúndios nos férteis vales de Esdraelon e de Jezrael, ao norte, adquiridos pelo 'Jewish National Fund'" (BRAGA, 1944, p. 174-5). A declaração de Balfour data de 1917 e a Paz de Versalhes, de 1919. Eventualmente, a declaração de Balfour foi incorporada à constituição do Mandato Britânico em 1923, e não sem longas tergiversações.

---

[489] *Tarbush* é um pequeno chapéu de feltro, típico da indumentária muçulmana e mais próprio dos turcos, introduzido por decreto sultanal no Império Otomano, nos anos 1820 como símbolo da modernização, substituindo o turbante. Hábitos talares eram usados por magistrados, clérigos e sacerdotes; vestimentas que vão até os calcanhares.

Por outro lado, mencionou a reação dos nativos árabes, chamando-os de "este senhor da terra por direito de conquista", que agora "sente-se deslocado e reage contra o intruso que chega, vestido à europeia, com maquinismos modernos, bolsa cheia de ouro, laboratório bem provido de reativos, e cria maravilhosos pomares" (BRAGA, 1944, p. 175).

> O árabe mussulmano reclama perante o ocidente, cúmplice do judeu nessa expoliação, e argumenta da forma seguinte: "Se o israelita volta à Palestina porque esta é a terra de seus maiores desde a conquista, então deixam-nos ocupar a Península Ibérica onde por mais tempo estiveram nossos antepassados *por droit de conquête".* (BRAGA, 1944, p. 176; preservada a grafia original)

No mais, o autor menciona outros aspectos da modernidade aos poucos trazidos do Ocidente com a implementação de assentamentos judaicos, colônias agrícolas e construções modernas e magníficas de "Tel-Avix, perto de Jaffa" e Jerusalém e a oposição dos árabes manifesta nas palavras de ordem "abaixo os Ingleses" (BRAGA, 1944, p. 177; preservada a grafia original).

6.3.2 Rev. Benjamim Moraes Filho (1911-1984)

Benjamim Moraes Filho foi um jurista e livre-docente de Direito com passagem pela vida pública da cidade de São Paulo, bem como figura proeminente dentro da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB). Matos, historiador oficial da IPB, fornece alguma informação a seu respeito:

> Em 4 de dezembro de 1965, foi convidado pelo governador Negrão de Lima a assumir o cargo de Secretário da Educação do Estado da Guanabara, desempenhando a tarefa com dedicação quase exclusiva. Até o término de sua gestão, em agosto de 1967, mais de sessenta escolas foram inauguradas e outras quarenta ficaram em andamento. Criou a Divisão de Educação Religiosa, os Cursos de Férias e a Escola Integrada. Sua atuação nessa pasta levou-o a ser convidado pelos governos da França, Alemanha, Estados Unidos e Israel para visitar esses países. Criou o Conselho Estadual de Cultura e redigiu seus regimentos, sendo também redator da revista *Regesta*, veículo de publicação de todos os atos do Conselho de Educação. [...]
> Recebeu convites para fazer conferências em todo o Brasil e em 55 países de todos os continentes. O domínio de 12 idiomas – português, espanhol, inglês, francês, italiano, alemão, latim, grego, hebraico, esperanto, sueco e russo – foi fator relevante que lhe facilitou sobremaneira a participação nessas conferências. [...]

> Presidiu o Conselho Penitenciário do Rio de Janeiro e o Centro Cultural Brasil-Israel. (MATOS, 2018)

As informações sobre a viagem do Rev. Benjamim Moraes Filho à Terra Santa não foram encontradas na bibliografia disponível. No entanto, na entrevista de Caio Fábio (já mencionada), fomos informados que o rev. Benjamim Moraes,[490] da Igreja Presbiteriana de Copacabana, não somente foi a Israel, como levou outro conhecido pastor daquela denominação, o polêmico Rev. Nehemias Marien.[491] Fabio diz que Benjamim "foi antes da maioria das pessoas, mas não significou nada [em termos de produção literária ou desenvolvimento desse tipo de turismo]. Nesse tempo muitos pastores foram a Israel".

Procuramos a família e as filhas do rev. Benjamim disseram nada saber sobre essa viagem. Segundo Matos (2018), desde 4 de dezembro de 1965 Benjamin Moraes era Secretário de Educação do então Estado da Guanabara e Presidente da SBB.[492] Na biografia em homenagem a Benjamim Moraes, Barbosa (1981) informa que como "conferencista, desde 1969, da ESG – Escola Superior de Guerra, notadamente sobre os temas Ética Moral e Religião, dentre outros, deixou, igualmente, suas pegadas nas Américas, na Europa, Ásia e África, seja como conferencista, seja como participante de Congressos" (BARBOSA, 1981, p. XIII). Então, Barbosa menciona que Benjamim Moraes fez conferência em Jerusalém, sem dar o ano específico (apenas "desde 1969") nem indicar qual teria sido o evento.

---

[490] O livro de Luis Antonio Giraldi, quando fala do 1º Concurso Bíblico Nacional, em 1966, promovido pela Sociedade Bíblica do Brasil (SBB), informa que que tal concurso foi inspirado nos "concursos bíblicos internacionais, que vinham sendo promovidos de três em três anos, desde 1958, pelo governo de Israel" (GIRALDI, 2015, p. 120). Benjamin Moraes foi Secretário de Educação do então Estado da Guanabara e Presidente da SBB. Foram inscritos para a primeira fase do concurso 1.124 candidatos, 722 homens e 402 mulheres, pertencentes a 34 denominações evangélicas, católicas e judaicas.

[491] Antes conhecido como o "Pastor da Bíblia", ganhou fama de polêmico, porque se adiantou na defesa da união homoafetiva, em uma época em que essas questões não eram discutidas na Igreja. Também se envolveu com uma defesa de doutrinas espíritas, de modo que pareceu estranho a seus pares. "Nehemias Marien faz profissão de fé espírita", disponível em <https://www.ultimato.com.br/revista/artigos/260/nehemias-marien-faz-profissao-de-fe-espirita> e acessado em 04.09.2018.

[492] Giraldi também informa que o Rev. Rodolfo Garcia Nogueira, que foi presidente da Sociedade Bíblica do Brasil, foi também um dos preletores e juízes do 3º Concurso Bíblico Internacional, promovido pelo Governo de Israel, mas não se diz se chegou a ir àquele país.

6.3.3 Nehemias Marien (1932-2007)

O nome do reverendo Nehemias Marien foi mencionado pelo entrevistado Caio Fabio como tendo sido um dos pastores presbiterianos que foi a Israel ainda no final dos anos 1960, no mais tardar início dos anos 1970. Foi dito na entrevista que Marien foi "midiático", i.é., fez muita divulgação de suas viagens. No entanto, na década de 1980 a frequência de suas idas começou a diminuir, porque ele teria tido problemas em Israel, mais especificamente "problemas com os guias". Entramos em contato com a Igreja Presbiteriana de Copacabana (RJ), mas foi dito que ninguém da época do Rev. Nehemias, nem familiares nem secretários(as) preservam vínculo com a igreja e não há registros de suas viagens.

6.3.4 Nilson do Amaral Fanini (1932-2009)

Pastor bem conhecido por seu envolvimento com meios de comunicação (foi proprietário da TV Rio, posteriormente adquirida pela TV Record), Nilson do Amaral Fanini esteve à frente de igrejas do segmento batista, como a Primeira Igreja Batista de Niterói (PIB), entre 1954 e 2005. O informante indicou que Fanini foi a Israel, mas que "não criou qualquer relacionamento com o lugar, nem levando grupos". Apuramos que Fanini esteve entre as 100 celebridades mundiais, em janeiro de 1992, durante a criação do "Bosque da Gratidão",[493] em Israel, com a plantação de 100 árvores, onde recebeu um relógio de ouro em comemoração ao aniversário de Israel. O site[494] da PIB Niterói indica que o evento também marcou a comemoração dos cem anos da igreja carioca (O JORNAL BATISTA, 2014, p. 10). Em entrevista com a sra. Helga Kepler Fanini,[495] viúva do pastor, soubemos que Fanini foi quatro vezes a Israel, três das quais acompanhado da própria esposa. Segundo ela, Fanini teria ido à primeira Cruzada Evangelística em Portugal, acompanhado de Valdívio de Oliveira Coelho, pastor batista da Bahia. Apuramos que em 4 de outubro de 1964, Fanini e o pastor Valdívio entregaram ao presidente de Portugal

---

[493] "Bosque da Gratidão". Provavelmente seja a parte do Museu do Holocausto em Jerusalém, o *Yad Vashem*, onde fica a Avenida dos Justos. No local, há dezenas de árvores plantadas em homenagem a pessoas de diversas nacionalidades que lutaram pela defesa dos judeus ao longo do tempo.

[494] Disponível em <http://ibmemorial.blogspot.com/2009/09/o-ministerio-cristocentrico-do-pr.html> e acessado em 04.09.2018.

[495] Por telefone, em 05.09.2018.

uma Bíblia.[496] Em seguida, ambos visitaram o seminário do pregador batista Charles Spurgeon, em Londres, e de lá esticaram a viagem até Israel.

6.3.5 Profª. Iolanda Anversa e Profª. Gerda de Burgo

Há décadas, o Governo de Israel promove concursos bíblicos em países onde mantém suas embaixadas.[497] Giraldi (2015), em sua obra sobre a história da Bíblia no Brasil, informa sobre a realização do 1º Concurso Bíblico Nacional, em 1961, promovido pela Sociedade Bíblica do Brasil (SBB), órgão do qual Giraldi foi diretor executivo de 1984 a 2005. Tal concurso foi inspirado nos "concursos bíblicos internacionais, que vinham sendo promovidos de três em três anos, desde 1958, pelo governo de Israel" (GIRALDI, 2015, p. 113), a fim de comemorar o aniversário de dez anos da nação, e sendo promovido pelo canal de televisão *Israel Broadcasting Corporation*.[498] A campeã nacional do concurso, vencido "no dia 25 setembro de 1961, [foi] a Sra. Iolanda Anversa (1917-2010), membro da Igreja Adventista do Sétimo Dia, [que] embarcou para Israel a fim de representar o Brasil no Segundo Concurso Bíblico Internacional, patrocinado pela Sociedade de Cultura Hebraica" (GIRALDI, 2015, p. 113).

> O vencedor desse Concurso bíblico, que consistia em responder perguntas sobre a Bíblia, seria considerado o maior conhecedor do Livro Sagrado no mundo. [...] Poucos dias depois, a Sra. Iolanda Anversa retornou ao Brasil, trazendo a medalha de ouro recebida em Israel pela sua vitória no Concurso Bíblico Internacional. (GIRALDI, 2015, p. 113).[499]

---

[496] Disponível em <https://bit.ly/2NWML0E> e acessado em 04.09.2018.

[497] Em 2018, o embaixador de Israel em Angola, Oren Rozenblat, lançou em Luanda, a capital do país, o Primeiro Concurso Internacional de Bíblia. Disponível em <https://bit.ly/2palQUk> e acessado em 03.09.2018.

[498] Disponível em <https://www.maisrelevante.com.br/2018/08/adventistas-que-venceram-concursos.html> e acessado em 04.09.2018.

[499] O site <http://www.criacionismo.com.br/2010/05/exemplo-de-amor-biblia.html> informa que a sra. Iolanda também havia vencido o concurso feito em 1958 somando, assim, duas medalhas de ouro. Não pudemos apurar a veracidade da informação. Acessado em 04.09.2018.

Foto 9. Sra. Iolanda Anversa é cumprimentada pelo embaixador de Israel, Yosef Tekoah.

O segundo Concurso Bíblico Nacional aconteceu em 1971, dez anos depois do primeiro. Desta vez, os inscritos deveriam ser "leigos", isto é, não membros ativos nem oficiais em igrejas evangélicas, católicas ou sinagogas (GIRALDI, 2015, p. 126). Para o segundo exame do concurso, realizado na noite de 28 de agosto, estava dr. Benjamim Moraes, presidente da SBB, como membro da mesa julgadora (GIRALDI, 2015, p. 126).

A prova final foi realizada na noite de 31 de agosto de 1971, no Teatro Municipal da Guanabara, com a mesa julgadora da prova final composta por, entre outros, o Rev. Nehemias Marien, o Rev. Rodolfo Garcia Nogueira (professor do Seminário Episcopal) e pela Profa. Iolanda Anversa da Silva, vencedora do Segundo Concurso Bíblico Internacional. "No final, sagrou-se vencedora a Profª. Gerda de Burgo, adventista, representante do Estado do Paraná. Os cinco finalistas foram premiados com viagens. A campeã, Profª. Gerda de Burgo, recebeu como prêmio uma viagem à Palestina" (GIRALDI, 2015, p. 126) no mesmo ano.

6.3.6 Alcebíades Pereira Vasconcelos (1914-1988)

Até onde pudemos apurar, entre os pentecostais, bem como entre os presbiterianos, os primeiros a irem a Terra Santa foram os pastores, ainda que com algum sacrifício porque eram homens pobres; isso na década de 1970. Sendo assim, a iniciativa para os primeiros grupos pentecostais viajarem não surgiu do interesse turístico, mas por conta de um evento internacional que ainda hoje é realizado em diferentes países, a Conferência

Mundial Pentecostal (*Pentecostal World Conference*).[500] Segundo o informante,[501] o Comitê organizador da Conferência Mundial Pentecostal havia convidado o pastor Alcebíades Pereira Vasconcelos (1914-1988),[502] para integrar o Comitê Consultivo da edição da Conferência em Seul, na Coreia, em 1973. Vasconcelos foi pastor das ADs em quatro capitais: Belém (PA), São Luiz (MA), Manaus (AM) e Rio de Janeiro (RJ), onde também foi diretor de publicações na CPAD e presidente da CGADB. Era homem culto, tinha "português castiço", tinha estudado hebraico, grego e aramaico (ARAÚJO, 2007, p. 893), era fluente em inglês e em espanhol (o que era raro entre pastores pentecostais à época) e bem articulado, o que faria com que a igreja brasileira fosse representada no evento, podendo atrair maior participação regional nas próximas edições da Conferência.

Vasconcelos participou do Congresso de Lausanne (Suíça), em 1974 e foi membro do Comitê Organizador do Congresso de Evangelização Mundial do mesmo evento (ARAÚJO, 2016, p. 894). Além disso, frequentava as concorridas Cruzadas do pastor batista norte-americano Billy Graham (1918-2018) e por certo desfrutou bom trânsito e certo prestígio entre lideranças internacionais nesses eventos. Como membro do Comitê Consultivo das CMP e representante do Brasil, Alcebíades Vasconcelos teria convidado outro pastor, Emiliano Ferreira da Costa (?-1985, 5º presidente do Templo Central da AD em Fortaleza-CE) para ir a Conferência em Seul e de lá seguiram para Israel. Como resultado de seu apreço pelo país, Alcebíades Vasconcelos escreveu e publicou em 1970 o livro "Israel, o milagre do século XX" (edição hoje esgotada; vide Foto 10).

A filha do pr. Vasconcelos acrescentou[503] o seguinte relato:

> Em julho de 1969 ele viajou pela primeira vez a Israel com finalidade de escrever o livro "Israel, Milagre do Século XX" (CPAD). Em 1973 visitou Israel ao participar de atividades de organização da Conferência Mundial Pentecostal (o diácono Francisco Coelho, que era empresário em Manaus, patrocinou a viagem). Por problemas de doença do Missionário Lawrence Olson, ele passou a liderar grupos de turistas, a pedido deste missionário. A empresa que promovia as viagens chamava-se *US Travel* [em funcionamento até hoje]. O livro não foi

[500] A 6ª edição da Conferência Mundial Pentecostal foi realizada em Jerusalém, em 1961. O tema foi "Pentecoste em Jerusalém de ontem e de hoje". Depois, a 17ª ed. ocorreu em 1995 na mesma cidade sob o tema "De Jerusalém... para todos os povos".

[501] Além da bibliografia, as informações sobre o pr. Alcebíades foram coletadas em entrevistas cedidas por Hadna-Andy Vasconcelos, filha do mesmo, o filho Hiel Levy, o sobrinho Alcebíades Sobrinho e Caio Fábio, este já arrolado anteriormente.

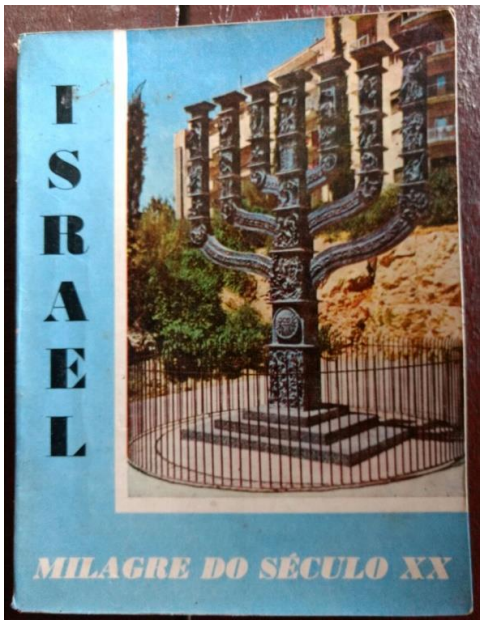
[502] Sua biografia foi escrita pela filha Hadna-Andy Vasconcelos Lima: "Alcebíades Pereira Vasconcelos, Estadista e embaixador da obra pentecostal no Brasil", e publicada pela CPAD, 2003.

[503] Em troca de email em 10.03.2018.

> atribuído ao pastor Alcebíades, que não recebeu direitos autorais. Foi uma espécie de reportagem encomendada pela CPAD.

De fato, a obra não registra seu autor específico, apenas os nomes dos integrantes do grupo que visitou Israel na orelha do livro: Altomires Sotero da Cunha, Alcebíades Pereira Vasconcelos, José Pimentel de Carvalho e Geziel Nunes Gomes (VASCONCELOS, 1970, da orelha do livro). A entrevistada nos disponibilizou uma explicação da razão para o livro, em primeira pessoa por seu pai, nos seguintes termos:

> Em julho de 1969 o senhor diretor executivo da CPAD incumbiu-me de escrever um livro sobre Israel e eu lhe disse: "É possível escrever um livro sobre Israel com base exclusivamente na Bíblia, porém já temos bons livros no mercado que dificilmente podem ser superados. O ideal seria escrever um livro baseado também em observações e pesquisas in loco, isto é, em Israel para ter dados atuais junto aos bíblicos, procurando mostrar o quanto estes se cumprem infalivelmente." Ele então idealizou uma viagem a Israel, e, em julho de 1969 saímos do Rio – Paris – Stockholm, onde passamos 8 dias hospedados pela Igreja Filadelfia (éramos eu, o diretor e mais 2 pastores) e dali à Israel, permanecendo 11 dias lá. Como fruto desta viagem escrevi o livro: "Israel, Milagre do Século XX", tal livro foi vendido pela CPAD." O diretor era Altomires Sotero da Cunha e um dos outros dois pastores era Geziel Nunes Gomes.



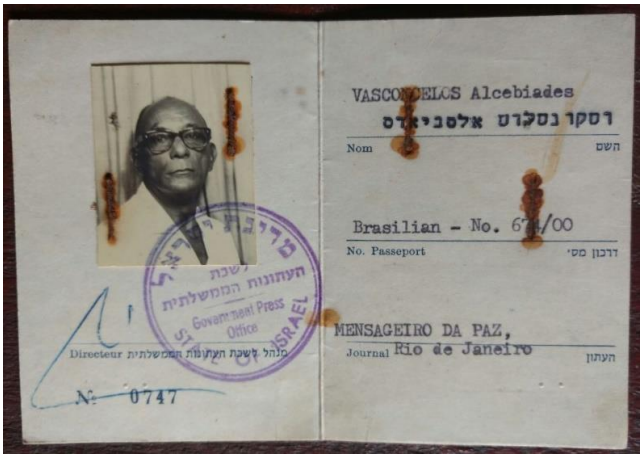


Foto 10. Capa do livro "Israel, milagre do século XX".
Foto 11. Passaporte do pr. Alcebíades Vasconcelos carimbado pelo Governo de Israel, fornecido por sua filha.

6.3.7 Irland Pereira de Azevedo (1934-)

Este carioca com vida acadêmica produtiva, pastor emérito da PIB de São Paulo e professor de História da Igreja e de Teologia, esteve à frente de onze grupos em viagens a região, como ainda hoje o faz. Sua primeira viagem foi feita em 1974, depois de participar do congresso Aliança Batista Mundial, que ocorre de quatro em quatro anos. No ano de 1974, esse Congresso aconteceu na cidade de Estocolmo, na Suécia, e de lá foi a Israel com um pequeno grupo de pastores, onde esteve por quatro dias. Depois, retornou em 1987 e após isso esteve mais nove vezes no país, sendo a última vez em outubro de 2017.

A condução de grupos aconteceu a partir de 1987, juntamente com o falecido pr. Edelto Barreto, que cuidava da parte administrativa, enquanto Azevedo se ocupava da parte cultural, conforme nos relatou em entrevista. Ele se recordou de estar em Jerusalém em 1992, quando a cidade comemorou os seus 3 mil anos de existência. Teria ido a convite de líderes judeus em São Paulo, porque, segundo o entrevistado, os judeus "chegaram à conclusão de que evangélicos são amigos de Israel. [Mas] Nunca [foi em uma viagem] oficialmente".

Irland de Azevedo diz não ter produzido uma obra para o grande público, embora produza material didático para aqueles que integram as suas caravanas, dando informações culturais, históricas e teológicas.

6.3.8 Enéas Tognini (1914-2015)

Entre os batistas, o pastor Enéas Tognini, chamado de um dos primeiros geógrafos bíblicos no Brasil, foi o fundador da Igreja Batista do Povo (SP) e líder do movimento de renovação espiritual dentro da denominação. Ainda antes do pr. Irland, Tognini foi o primeiro a empreender uma série de viagens a Terra Santa. Consequentemente, a partir das suas viagens, Tognini escreveu duas importantes obras da literatura acadêmica evangélica, as únicas disponíveis por anos sobre o tema: "Geografia da Terra Santa v. I" (1ª ed. 1978) e "Geografia das Terras Bíblicas e o Dilúvio v. II" (1ª ed. 1980). Tognini foi oito vezes à Palestina, segundo informou sua secretária Dilma[504], tendo chegado pela

[504] Em entrevista por telefone em 04-5.09.2018.

primeira vez em 19.10.1975[505] e a última vez em 1997. A filha Dinéa o acompanhou por duas vezes. "A primeira peregrinação durou sete dias; as duas últimas, dez dias cada uma" (TOGNINI, 1980, s/n; da Introdução).

O autor indicou na obra que a esposa Nadir foi em uma das ocasiões, como também os amigos Isaac Bomfim, José Carlos Oliveira, Dr. Josué Lira e esposa, Eliaquim Diniz, Osvaldo Mônaco e esposa, Miguel Pimental e esposa, Benedito Vilela e esposa e os pastores Glycon Terra Pinto e esposa, Oswaldo Santos, Marcio Valadão, Benjamin Maia, Estevão Christmann, Antonio Carlos (Ticarlos), José Ramos Santos, Jair Pereira Pinto, Antonio Barbosa Lima e esposa, Carlos Alberto Bezerra (TOGNINI, 1980, s/n).

6.3.9 Estevam Ângelo de Souza (1922-1996)

Outro pastor próximo ao grupo de Vasconcelos, Estevam Ângelo de Souza (1922-1996), da AD no Maranhão, foi à Conferência Mundial Pentecostal, em Londres, em 1976.[506] As notícias de viagens como essas se tornavam eventos entre as igrejas no Norte brasileiro. Exemplo disso foi observado quando o pastor Emiliano Ferreira da Costa, pastor da AD em Fortaleza (CE), precisou ir à igreja de São Luiz (MA), e certamente a outras sedes da igreja, contar sobre as coisas que viu e mostrar fotografias de sua viagem em 1974, pois ainda não dispunham de *slides*, e para prestar contas pelas colaborações recebidas, uma vez que para esses pastores fazer essas viagens era preciso levantar fundos entre as igrejas, fazer "campanha financeira para poder ir".

A viagem de Estevam Ângelo ocorreu em 1976, tendo a CMP de Londres como ponto de passagem. Estevam Ângelo, posteriormente, foi à outra edição da CMP, em 1995, realizada em Jerusalém. Nesta viagem foram, ainda, os pastores Paulo Belizário, Firmino da Anunciação Gouvêa (AD-PA), e cerca de outros 30 pastores formando o grupo. Dentre eles estavam José Pimentel de Carvalho (1916-2011), da AD em Curitiba e outros pastores do Rio de Janeiro. Eles permaneceram aproximadamente doze dias em Israel e retornaram ao Brasil pela Europa, numa configuração turística tal qual as caravanas de hoje fazem.

---

[505] Tognini escreveu uma carta para a espoca assim que chegou a Israel, informando que estava tudo bem, segundo contou sua secretária Dilma após ter se informado com a filha do pastor, Dinéa.

[506] Informações colhidas em entrevista com o filho do pr. Estevam, Benjamin de Souza, em 21.02.2018.

O pastor Alcebíades viajou devido a ajuda de um empresário de Manaus e o pastor Estevam Ângelo recebeu ajuda financeira de algumas outras igrejas, voltando posteriormente para prestar contas a elas. Eram claramente outros tempos, uma vez que hoje a situação está radicalmente invertida: as viagens se tornaram fonte de renda para muitos pastores que as fazem com regularidade, num modelo comercial que detalharemos adiante.[507]

6.3.10 Caio Fabio d'Araújo Filho[508]

Caio Fabio d'Araújo Filho foi quem primeiro massificou as viagens para Israel a partir do Brasil. Após firmar-se na fé cristã aos 18 anos de idade, relatou desejo de ir a Israel por prestar atenção ao pai, que acompanhava os fatos sobre o povo judeu, "como o retorno [das comunidades], a fundação em 1948, a Guerra de 1967, a [Guerra] do *Yom Kipur* em 1974". Tendo conhecido um senhor armênio que morava em Jerusalém, "na rua dos profetas, no centro da cidade", o pastor Samuel Doctorian, numa de suas vindas ao Amazonas, estimulou Caio a conhecer "a terra". Deu dicas, disse para ir só, sem grupo. Como não tinha meios, guardou os conselhos até que veio "a primeira viagem em 77 [que] foi extraordinária, uma viagem do coração [...] fiz todo o país de ônibus." De Dã até Berseba não havia limitação de ônibus, judeu ou palestino. Dependendo do local a ser visitado, pegava um ônibus de uma etnia ou de outra, "carregando dicionários bíblicos para parar nos lugares e conferir a geografia e a história e tudo o mais".

Caio Fabio começou a fazer amigos locais a partir da segunda viagem e, então, começou a levar grupos formados na maior parte por membros da Igreja Presbiteriana Betânia, da qual era pastor. As viagens levavam de 20 a 30 dias pelas condições de transporte naquele tempo. A partir daí, tinha a obrigação do ensino, por causa dos grupos. "Não aceitava guias do tipo mercantilista, que fica (*sic*) tentando saber qual a formação do grupo para só falarem os mitos religiosos que o grupo gosta". Com isso ficou amigo de boa parte dos guias que chamou "bem informados, dos melhores".

Na década de 1990, começou a levar "jumbos cheios de pessoas, um jumbo e meio ou dividir o grupo em dois ou três aviões, chegando lá com 500 a 600 pessoas. Grupos

---

[507] Outros pastores pentecostais cujos nomes foram mencionados nas entrevistas por terem ido a Israel são: Lawrence Olson (sueco, trabalhou nas ADs brasileiras), Emiliano Ferreira da Costa, Firmino da Anunciação Gouvêa e Paulo Belizário.

[508] Entrevistas realizadas entre 1-14.09.2017.

menores era de 280 a 300 pessoas [e, com isso se] plantou milhares de árvores na região de Ein Karem". Em função disso (ele calcula ter levado perto de 5 mil pessoas ao longo dos anos), disse ter sido capa de uma edição do *The Jerusalém Post*,[509] um diário israelense publicado em inglês, fundado por Gershon Agron, em 1932, que curiosamente foi lançado originalmente como *The Palestine Post.*

Questionado sobre tentativas de aproveitar-se da expressividade que tinha à época, respondeu que "nunca houve tentativa de ingerência [...] Nunca aceitei um único convite da Embaixada Cristã em Jerusalém [ICEJ], que me convidava todos os anos para falar nos seus grandes eventos [...]". E acrescentou: "Além do que eles têm uma escatologia americana, pré-milenista e triunfalista que põe Israel no centro hermenêutico da escatologia humana". Justificou que o interesse dele nas viagens e em levar pessoas é pessoal, pois lhe "dá alegria [...] ver achados arqueológicos novos" e sugeriu que eu entrevistasse pessoas que viajaram com ele, pois ele "tem vergonha de ser colocado entre o pacotão, o bazarzão de gente" que conduz esses grupos, referindo-se aos pastores que hoje em dia lideram as caravanas.

Caio Fabio disse que, estando em Israel, procura entrevistar desde arqueólogos, pessoal ligadas às Ciências Políticas, pacifistas, rabinos, a especialistas em cabala, especialistas em essênios e em culturas daqueles dias, e adverte que "não existe nenhuma visão escatologicamente especial em relação a Israel" (como vimos, especialmente no Cap. 5), como uma repentina manifestação messiânica que faça dos judeus o povo especial da noite para o dia, como setores da igreja cristã consideram.

Quanto à percepçãos que os próprios habitantes do Estado de Israel têm, que ele chama "visão política da região [ela] sofreu alterações enormes no curso desses quarenta anos". Ele disse ter visto

> Israel vir da social democracia refinada, dos pais da nação, dos fundadores, e vi ainda os *kibutzim* serem modelos de comunas no ambiente social democrático de Israel [... e] vi as alterações no curso dos anos na mentalidade dos [membros] do exército. Vi pessoas mudarem de posição. Vi amigos extremamente sociais democratas generosos e humanistas, no curso dos anos, irem ficando reticentes e duros, alguns irem perdendo a fé.

[509] Tentamos localizar a edição online, mas sem sucesso.

Para ele, a juventude judaica mudou do "espírito sabra", que se oferecia ao sacrifício em favor do povo e da terra ("se preciso fosse"), para uma juventude mais interessada em fazer uma revolução, só que essa no campo da tecnologia de ponta e coisas afins, não pela exaltação étnica e proteção aguerrida de territórios.

Em 1989, uma amiga dele se ofereceu para abrir uma agência de viagens, por ser a pessoa que mais levava pessoas a Israel e o fluxo justificava a abertura e manutenção de uma agência.[510] A esse tempo, ele disse treinar centenas de pastores para que também conduzissem grupos. Além disso, levou padres, bispos e acadêmicos cristãos de todos os matizes. Depois da longa ausência da cena pública, Caio Fabio voltou a levar grupos para Israel desde 2004. Sobre agências, é oportuno pontuar a observação de Frossard:

> Determinadas agências surgiram especificamente para atender o segmento evangélico, outras apareceram para atender o mercado em geral, mas ao longo de sua história começaram a ter uma procura por parte dos evangélicos ou os próprios donos possuem algum vínculo com alguma igreja evangélica, o que fez com que acabassem empreendendo nesse nicho de mercado" (FROSSARD, 2013, p. 118).

6.3.11 Edir Macedo

Outro nome de grande expressão na rota para Israel é o fundador da IURD, o carioca Edir Macedo, bispo primaz da denominação proprietária da TV Record. Mariano informa que o bispo Edir Macedo fez a sua primeira viagem pessoal a Jerusalém no ano de 1980 e, já no ano seguinte, 1981, deu início às peregrinações conduzindo caravanas de brasileiros. Desde as primeiras vezes que levou seus grupos, anunciou que em 1997 comemoraria na Terra Santa o aniversário de vinte anos de sua igreja.

A penetração de Macedo entre oficiais do Governo de Israel é notável. Numa de suas idas, recebeu homenagem do prefeito da cidade de Jerusalém, Ehud Olmert, numa viagem que levou consigo nada menos que 2300 pessoas (MARIANO, 2005, p. 64, n. 28). Numa jogada de marketing da fé, construiu uma réplica do Templo de Salomão na

---

[510] Caio Fabio negou querer ser dono de agência e aconselhou que essa amiga criasse o negócio. Ela concordou e fundou a *D'Ávila Tour*. Durante dez anos eles cuidaram das suas viagens, tendo o Caio levando até três grupos por ano, além de outros mais de cem pastores que levavam, a cada quinze dias, um grupo de seguidores. Então, os "lacaios", conforme disse, começaram a procurar aquela senhora, ao que Caio a desaconselhou a fazer negócios. Mas "ela resolveu organizar uma viagem para [os "lacaios"], e eles faliram a empresa dela, dizendo para ela ir pagando tudo adiantado que depois eles acertavam. Fizeram uma despesa de duzentos e não sei quantos viajantes, todos pagos por ela antecipadamente, tudo. Conclusão, ela quebrou".

cidade de São Paulo, tendo trazido 40 mil metros quadrados de pedras[511] de Hebron, na Cisjordânia, as pedras usadas para revestir o templo. Não conseguimos entrevista com o bispo Macedo, mesmo após insistirmos demoradamente.

6.3.12 Valnice Milhomes[512]

Missionária de origem batista, Valnice Milhomes rompeu com a sua tradição e se tornou uma líder do chamado movimento apostólico dos doze, sendo ela mesma tornada uma apóstola.

"Minha primeira viagem a Israel foi por motivos espirituais, sim, mas em decorrência de uma experiência sobrenatural". Como missionária, essa maranhense de Carolina atuava na África do Sul desde janeiro de 1971, sendo a primeira brasileira enviada à África pela Convenção Batista Brasileira, órgão que agrega o maior número de igrejas dessa tradição. Foi na África do Sul que participou por uma semana de uma conferência chamada Escola de Ministério, com o pregador avivalista norte-americano Morris Cerullo, em Pretória.

Em 9 de fevereiro de 1985, a "experiência sobrenatural" mandava que ela voltasse ao Brasil, mas antes fosse a Israel. Cerullo havia dito que repetiria em Israel a mesma conferência dada em Pretória e Valnice conseguiu uma das poucas vagas reservadas a cristãos da África do Sul. Em novembro do mesmo ano a missionária foi a Israel. Após a semana de conferências, Valnice passou pela África do Sul apenas para finalizar seu período ali, regressando definitivamente para o Brasil. Anos depois ela daria início a uma denominação própria, a Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo, INSEJEC.

Em 1987 retornou a Israel, "convidada por um pastor que estava fazendo caravanas" (possivelmente Caio Fabio), e então concebeu seu próprio modelo de grupos, que não fossem tomados pela correria típica dos turistas que vão ao país. Valnice empenhou-se em realizar um roteiro no qual pudesse realizar como que um congresso, no qual a cada lugar visitado fosse feito um estudo aprofundado sobre diferentes aspectos, especialmente aspectos espirituais, geográficos e a sua relação com a fé. Mas ela destacou que entre essas questões estavam as profecias ligadas "a restauração do Estado de Israel", e este

---

[511] Disponível em <https://www.universal.org/blog/2017/08/01/40-fatos-interessantes-sobre-o-templo-de-salomao-que-voce-precisa-conhecer/> e acessado em 11.09.2018.

[512] Entrevista concedida em 15.03.2018. As questões aplicadas na entrevista estão arroladas no Anexo G.

perfil de discurso se tornou marcante em alguns grupos, especialmente os neopentecostais, como indicamos no Cap. 5. Seus congressos, então, foram chamados "Congressos proféticos", e ela estima ter realizado ao menos vinte e seis desses congressos naquele país.

A apóstola informou ter levado alguns milhares de pessoas, às vezes duas vezes por ano, a partir de 1989, quando mantinha programa na TV e podendo mobilizar grande número de turistas, devido ao alcance desse meio de comunicação. Segundo ela, muitos pastores que hoje organizam caravanas teriam começado e aprendido com o seu modelo. Valnice foi pioneira a envolver brasileiros na celebração da Festa dos Tabernáculos (*Sukkot*) em Israel, sendo que o também apóstolo René Terra Nova, ex-batista como Valnice, a sucedeu na liderança desses grupos que iam para a Festa anual. Para Mariano:

> O MIR[513] assume uma postura de defensor de Israel, por isso, seu principal líder, Renê Terra, tornou-se presidente no Brasil da Embaixada Cristã Internacional de Jerusalém (fundada no Brasil em 2012). [...] responsabilidade de contribuir para o retorno dos judeus à sua terra de 'origem' ou à terra prometida, além de levantar fundos para ajudar os assentamentos israelenses na Palestina, promover a ida de caravanas para conhecer Jerusalém e participar da Festa dos Tabernáculos. Essa postura é chamada pelo MIR de "Visão de Israel". (MARIANO, 2005, p. 116)

Valnice reuniu-se e foi homenageada pelo Ministério do Turismo de Israel, e disse na entrevista que o órgão promove viagens para apresentar o país e suas atratividades a líderes evangélicos brasileiros; como ela começou "muito cedo" a conhecer o país, tem dispensado os convites. A organização de suas caravanas fica a cargo da agência israelense Gênesis Turismo, cujo CEO é Kurt Kaufman, "uma pessoa bem relacionada com as autoridades", afirmou.

Perguntamos sobre o apoio financeiro de cristãos a setores sociais israelenses, Valnice confirma: "sempre cooperamos com ofertas bastantes [...] e, através de amigos cristãos em Israel e a Embaixada Cristã Internacional em Jerusalém.[514] Essas são as duas

---

[513] MIR, Ministério Internacional de Restauração, cujo presidente é o apóstolo Terra Nova. Terra Nova criou uma agência para conduzir as Caravana dos Tabernáculos, a New Gênesis Operadora de Viagens. Disponível em < http://www.genesisviagem.com.br/caravana-dos-tabernaculos-apostolo-rene-terra-nova/> e acessado em 05.09.2018.

[514] A Embaixada Cristã Internacional de Jerusalém (ICEJ, v. Cap. 1) tem como Embaixador Nacional o Apóstolo Renê Terra Nova. Disponível em <https://www.cityisrael.net/copia-city-1> e acessado em 05.09.2018.

organizações com as quais cooperamos, inclusive levantando fundos para trazer judeus da União Soviética (*sic*).”

Além das viagens com grupos grandes, Valnice Milhomes também fez viagens com grupos pequenos para orar pela nação, no sentido como ela entende ser o cumprimento das profecias bíblicas em favor dos atuais judeus e do Estado de Israel. Em momento algum da curta entrevista ela mencionou a Palestina ou os cristãos palestinos.

6.3.13 Hernandes Dias Lopes

É provável ser o pastor presbiteriano de maior expressão pública atualmente no Brasil. Hernandes Dias Lopes fez a sua primeira viagem a Israel no ano de 1986, tendo sido levado a Israel pelo rev. Caio Fabio, conforme informou em breve entrevista para esta pesquisa. À época ainda era pastor solteiro, chegando a cidade de Vitória (ES), onde pastoreou a Primeira Igreja. Já levou caravanas por dez vezes consecutivas e ainda hoje realiza viagens à frente de grupos.

6.3.14 Júlio Andrade Ferreira (1912-2001)

O Rev. Júlio Andrade Ferreira, conhecido escritor entre os presbiterianos, fez sua primeira viagem em 1992 e a partir dela escreveu a crônica “Quarenta Dias”, que foi a duração exata da viagem realizada junto de sua esposa, além da participação do rev. Marcelino e sua esposa Nati. “Quarenta Dias” relata a extensa viagem que incluiu passagens por países da Europa. Em suas palavras: “O primeiro circuito: Zurique, Genebra, Roma. O segundo circuito: Estrasbourg, Paris, Londres, Colônia. O terceiro: Terra de Israel. O quarto: Portugal, estando em Lisboa, Queluz, Mafra, Sintra, Barreiro, Beja, Moura, Évora” (FERREIRA, 1992, p. 1). No período em Israel, Ferreira foi guiado por Moshe Biran, “um judeu plenamente qualificado para a tarefa” (FERREIRA, 1992, p. 7). O relato de 26 páginas, além da capa, datilografado, dá detalhes de sua observação pessoal associada ao conhecimento de um homem culto e estudioso que quis apenas aproximar seus leitores do que viu: castelos, palácios, paisagens, cidades, templos, museus, monumentos, ruínas, curiosidades e informações arqueológicas. A viagem de

"quarenta dias" começou em 30 de abril e em 8 de junho o casal retornou ao Brasil, tendo partido de Portugal.[515]

6.3.15 Jabes Guedes de Alencar[516] e Silas Malafaia

Um dos líderes mais influentes do grupo pentecostal durante as décadas de 1990-2000, Jabes Guedes de Alencar fez dezoito viagens até a data da entrevista. Da primeira vez que pode ir, contou com uma agência de viagens que, aproveitando a audiência do programa de TV promovido pela igreja do pastor, ofereceu as passagens para que pudesse conhecer Israel sem gastos, como uma troca de favores: ele se tornaria guia para novos grupos e divulgaria isso em seu programa de TV. Como condição, o pastor Jabes Alencar ainda pediu uma passagem para outro amigo pastor, o midiático Silas Malafaia.

O grupo em que foram acomodados, e que liderava a caravana, era formado por presbiterianos da cidade de S. José do Rio Preto (SP). O ano era 1996. A companhia aérea foi a *Aeroflot*, da Rússia e o percurso incluiu a Ilha do Sal, o Havaí, Chipre[517] e Egito. Alencar acredita que um dos grandes promotores desse tipo de caravanas foi o empresário Nilceu Saito, da Travel Club Viagens Bíblicas,[518] com quem a parceria durou doze anos (com doze viagens).

Além do trabalho das operadoras, Alencar disse também ser assertiva a abordagem do Governo de Israel:

> É difícil o mês que eu não tenho um pedido pro Cônsul, vice-Cônsul estar aqui na igreja pra fazer um trabalho divulgando a Terra de Israel, convidando os brasileiros pra irem. Esse mês mesmo eu tive dois convites pra ir a Israel de graça pelo Governo de Israel. Eles têm interesse de que isso seja divulgado entre os líderes, porque o líder [evangélico] está levando gente.

---

[515] Agradecemos ao Arquivo Histórico Presbiteriano, na pessoa da bibliotecária Flavia Serra de Souza, bibliotecária, que nos cedeu uma cópia do texto.

[516] Entrevista realizada em 08.08.2016.

[517] Disse haver em Chipre uma igreja que foi dirigida por Barnabé, um dos primeiros apóstolos da Igreja (cf. Livro de Atos), e a mesma igreja também teria recebido Lázaro, a quem Jesus, segundo os Evangelhos, teria ressuscitado.

[518] Também um dos pioneiros das viagens para a Disney, pela Concorde. A Travel Club teve as atividades encerradas depois da morte de Saito e pode-se ver *online* uma série de processos judiciais contra a empresa.

Segundo Alencar, há razões econômicas e políticas envolvidas nesse apreço dos cristãos. As razões econômicas são favoráveis a Israel, país bem-sucedido tecnológica e economicamente, com o que concorda Topel:

> No imaginário destes indivíduos e de suas lideranças é fácil identificar alguns estereótipos sobre a comunidade judaica local, entre os quais se destaca a posição privilegiada de seus membros na hierarquia socioeconômica do País. Os judeus são vistos como uma minoria que "deu certo", isto é, como um grupo que conseguiu inserir-se com sucesso na estrutura de classes e na distribuição de prestígio da sociedade maior. Este, provavelmente, seja outro componente que explicaria a judeofilia das igrejas neopentecostais. (TOPEL, 2011, p. 44)[519]

Esse interesse na aproximação com os judeus também diz respeito a legitimidade do direito à terra conforme a narrativa judaica, i.é., as memórias que as comunidades cristãs procuram e buscam nas viagens que empreendem para a Palestina. Ulpiano Meneses[520] produziu artigos nos quais lidou com as memórias em disputa na capitalização de dividendos em conflitos: "Quanto às práticas, os segmentos anteriores já deixaram várias pistas. Acrescente-se, agora, a necessidade de examiná-las como estratégias e formas de negociação, capazes de estabelecer equilíbrios entre memórias em conflito". (MENESES, 1992, p. 20)

A percepção hipotética sobre os guias serem tendenciosos pareceu clara a Alencar, que disse ter presenciado episódios de hostilidade mútua da parte de palestinos e de israelenses em relação à presença do outro. Nas primeiras viagens, Alencar disse que sabia pouco sobre os palestinos. Porém, quando começou a notar a mudança de controle de certas cidades como Jericó e Belém, simbólicas para cristãos evangélicos, de uma viagem para a outra percebeu a existência do conflito. Embora dissesse não tomar parte, manifestou simpatia com o povo palestino por sua hospitalidade e admitiu que eles são usados politicamente pelas nações árabes.

Devido a maior audiência de seus programas semanais na TV, Silas Malafaia, o amigo que Alencar levou pela primeira vez, foi um grande promotor dessas viagens, tendo

---

[519] Marta Francisca Topel é graduada em Sociologia na *Universidad de Buenos Aires*, Mestre em Sociologia e Antropologia Social pela *Hebrew University of Jerusalem*, doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas e pós-doutora pela *Hebrew University of Jerusalem*.

[520] Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses, entre inúmeras outras atribuições, foi professor emérito na FFLCH e Diretor do Museu Paulista da USP.

liderado caravanas anuais bastante numerosas. No entanto, alegando dificuldades em sua agenda, ele não pode conceder uma entrevista.

É razoável considerar que este período marca a transição para o que seria a terceira geração[521] de evangélicos que viajam para Israel-Palestina. Com a divulgação massiva em programas de TV das saídas de caravanas guiadas por pastores conhecidos nacionalmente na grande mídia, houve um incremento no setor, visto no surgimento de operadoras de viagens, algumas mencionadas aqui, e especializadas em levar grupos para "a Terra Santa" – este é o *slogan* para vender o sonho da viagem. Adiante veremos como opera esse mercado. Antes, podemos apontar o que seriam, grosso modo, os brasileiros na Terra Santa em sua terceira geração. Alguns nomes já foram mencionados anteriormente, mas segue um panorama:

René Terra Nova (já visto), no senso comum, tem sido apontado como o maior mobilizador de turistas evangélicos brasileiros para a Terra Santa. Frossard (2013, p. 146), que realizou duas pesquisas sobre as caravanas de Terra Nova (entre outras), calculou que Terra Nova leva grupos até 25 vezes maiores que os demais pastores. A tese de Frossard (2013) concentrou-se detidamente nos grupos conduzidos por Terra Nova, de modo que remetemos àquele texto para aprofundamento nas suas especificidades. Oliveira registrou o ano de 1996 como sendo o início das celebrações das festas judaicas do *Shabat*, Tabernáculos, *Hanukah* (OLIVEIRA, 2017b, p. 115) nas igrejas de Terra Nova, o MIR. Tanto a participação dos fieis nas festas, como o envolvimento de Terra Nova e o MIR em ações pró-Israel são chamados "Visão de Israel" (OLIVEIRA, 2017b, p. 116), algo como uma ideologia marginal ao protestantismo histórico acrescido de viés sionista.

A imprensa evangélica nacional noticiou que o apóstolo Renê Terra Nova foi homenageado com um título de Honra ao Mérito por ser o organizador de caravanas anuais à Terra Santa. A honraria foi concedida pela *Knesset Christian Allies Caucus*,[522]

---

[521] A entrevista fornecida por Ubiratan Martins, fundador e proprietário da operadora de turismo US Travel, identificou outros nomes de pastores desse grupo de segunda geração que podem ser apontados: José Pimentel de Carvalho (1916-2011), Manoel Ferreira (1932-), José Wellington Bezerra da Costa (1934-), José Leôncio (1924-2002), Isaac Martins Rodrigues (1926-2008) e Divino Boaventura. Segundo Ubiratan Martins, entre outros, esses foram realmente pioneiros nos anos 1970-1980.

[522] Home page disponível em <http://cac.org.il/site/about/> e acessada em 11.09.2018.

órgão que visa construir relacionamento estreito com líderes cristãos ao redor do mundo com o Estado de Israel.[523]

Outras lideranças evangélicas que organizaram caravanas nesse período foram o Missionário R. R. Soares da Igreja Internacional da Graça de Deus, a cantora gospel Mara Maravilha,[524] o cantor gospel Kleber Lucas,[525] o pastor e Deputado Federal Marco Feliciano,[526] o humorista Dedé Santana,[527] o apóstolo Valdemiro Santiago,[528] da Igreja Mundial do Poder de Deus, o Ministério Diante do Trono, que além das caravanas para congressos, em 2014 esteve em Israel para a gravação de CD,[529] retornando em 2018, o casal Estevão e Sonia Hernandes com o cantor gospel Thalles, que encontrei pessoalmente no Monte Carmelo em novembro de 2011, o apóstolo Rina, da Igreja Bola de Neve (alguns desses nomes constam do Cap. 5), além de outros formatos de viagem, como a formada por 447 membros da IURD, vindos de vários países da Europa, como Portugal, Espanha, França, Guadalupe, Bélgica, Holanda, Luxemburgo, Alemanha, Itália, Suíça e Rússia,[530] para uma celebração em Israel.

A midiatização das caravanas é a marca mais sobressalente desses grupos em anos recentes. Na parte teórica do turismo já foram introduzidas as especificidades desse tipo de turismo. No campo da religião, os contornos assumidos são os do segmento do neopentecostalismo, e na linha do tempo, o maior incremento é o volume de turistas por grupo, discutido em 2.2, quando falamos do turismo de massa, dos pacotes padronizados.

Vejamos, agora, a profissionalização desse setor.

6.4 A profissionalização da atividade

A partir desse ponto do capítulo, utilizaremos com maior frequência os dados consolidados colhidos nas entrevistas realizadas, conforme proposta original do projeto de pesquisa. As informações visam lançar luz sobre as dinâmicas, as rotinas, os

---

[523] Disponível em <https://noticias.gospelmais.com.br/terra-nova-homenageado-congresso-israel-caravanas-pais-49249.html> e acessado em 11.09.2018.
[524] Disponível em <https://bit.ly/2Ni4Id3> e acessado em 05.09.2018.
[525] Disponível em <https://bit.ly/2Q8Pl5y> e acessado em 05.09.2018. A viagem apresentada ocorreu em agosto de 2017 e no vídeo Kleber Lucas anuncia uma caravana para abril de 2018.
[526] Disponível em <https://bit.ly/2CyVJ3l> e acessado em 05.09.2018.
[527] Disponível em <https://bit.ly/2NO4c3y> e acessado em 05.09.2018.
[528] Disponível em < https://bit.ly/2NQttdA> e acessado em 05.09.2018.
[529] Disponível em <https://bit.ly/2NPU8an> e acessado em 05.09.2018.
[530] Disponível em <https://bit.ly/2oH84bI> e acessado em 05.09.2018.

mecanismos e demais aspectos envolvidos na formação e funcionamento das caravanas, a realização da viagem, passando pelos agentes envolvidos e a experiência individual do turista, seja ela religiosa, social, comercial, política ou outra, quando houver.

O inventário geral da pesquisa contabiliza 68 entrevistados, que responderam a 88 entrevistas, assim composto: 68 turistas, sendo 27 evangélicos e 11 católicos (descartados posteriormente[531]); 10 líderes (pastores); 5 guias israelenses; 1 guia palestino; 4 profissionais do Turismo; 3 membros de corpo diplomático (dois israelenses e um palestino) e outros 7 entrevistados que auxiliaram na compreensão de algum aspecto das questões envolvidas. Dos 27 evangélicos, selecionamos um grupo de dez que seguiu em caravana para IP em 2017 e os entrevistamos três vezes: antes de embarcarem, após o regresso e um ano depois da viagem, a fim de identificar possíveis mudanças de percepção em relação ao conflito, aos povos envolvidos e aos demais aspectos da questão. Sobre os demais entrevistados, os 17 turistas, estes participaram de viagens a IP entre os anos de 2011 a 2013.

A situação geral dos 27 entrevistados é a seguinte. Idade entre 17 anos (3%), de 20 a 30 anos (3%), de 31 a 40 anos (30%, a maior faixa), de 41 a 50 anos (26%), de 51 a 60 anos (19%) e acima disso, 19%. Solicitados a definir o próprio nível social em termos de classe, resultou em 96% de "classe média" e apenas 4% definindo-se como pertencente a "classe baixa". O nível de escolaridade é assim composto: Fundamental completo (3%), Nível médio completo (22%), Nível médio incompleto (7%), Superior completo (41%), Superior incompleto (3%) e Pós-graduação (22%).

A totalidade dos entrevistados (100%) pertence a uma igreja evangélica e o tempo de pertencimento declarado varia entre 3 e 43 anos e até mesmo "a vida toda". Ocupam algum tipo de cargo na igreja 89% e não ocupam 11%. Do total, 59% se definiu de tradição pentecostal e 33% de tradição renovada, i.é., igreja protestante tradicional que aderiu ao pentecostalismo ou movimento do Espírito.

6.4.1 As operadoras de turismo

Chegamos ao período recortado para a pesquisa tendo traçado o pano de fundo histórico (mais amplo e imediato) e da cultura religiosa envolvida. Passaremos para as

[531] Inicialmente foi previsto incluir o ramo católico na entrevista, mas devido a amplitude da pesquisa isso foi revisto por sugestão da banca.

entrevistas feitas com profissionais do turismo, turistas e outros interessados na atividade que estão envolvidos na dinâmica desses campos. Em certos momentos recorreremos a informações identificadas em entrevistas feitas com os próprios pastores (não somente com os profissionais do setor), quando entendermos que lançam luz para compreendermos os trâmites da formação de uma caravana até que ela vá e volte, incluindo as relações internacionais envolvidas.[532]

Com o incremento na divulgação das caravanas nos programas de TV, a procura por pacotes começou a crescer. Os primeiros pastores que haviam ido em pequenos grupos ou mesmo sozinhos, desde os eventos relacionados aos concursos sobre a Bíblia (promovido no Brasil pelo Estado de Israel), passaram a formar pequenos grupos, ainda nas décadas de 1960 e 1970, como informou Ubiratan Martins, fundador da US Travel Turismo. Depois, nas décadas de 1980 e 1990, houve um considerável aumento no volume de pessoas interessadas e que realizaram a viagem. "Isso culminou, depois do Plano Real, eu creio, com certa explosão dos grupos, já pelos anos 2000", segundo Martins. A pesquisadora Frossard (2013, p. 151), que defendeu tese sobre essas caravanas, concorda que a estabilidade da moeda brasileira foi um dos motores para o aumento desse turismo.

Ubiratan, que montou a primeira caravana com destino a Israel em 1979, atendeu ao convite do então pastor da Assembleia de Deus em Campinas, hoje bispo Manoel Ferreira, e como consequência ficou conhecendo de outros líderes "que nunca haviam tido acesso a este tipo de programação", pelo que Martins se define como "um pioneiro neste mercado". A formação de grupos já havia começado entre o final dos anos 1970 e início dos 1980, "e, ao contrário do que se pensa, eram grupos grandes, [tendo] em média 50 participantes cada". Segundo um entrevistado, profissional do setor e pastor, um grupo com quinze turistas viabiliza comercialmente uma caravana. Martins enfatiza que "muitos [grupos da época] eram compostos de pastores que procuravam compreender melhor os conhecimentos teológicos com a realidade de Israel e toda a região bíblica". Já os grupos formados atualmente, a composição tem um pastor como líder espiritual, que determina os itinerários a serem percorridos (o pastor dá a palavra final sobre o roteiro) em função dos interesses dos grupos que procura atrair, sendo os demais integrantes do grupo, em sua maioria, membros das igrejas.

---

[532] Os entrevistados considerados aqui foram Ubiratan Martins, fundador da *US Travel* (entre os dias 2-7.02.2018), Ricardo Paiva, fundador da Essence Turismo (em 16.02.2018), além dos já citados.

Sondado sobre a remuneração oferecida, o entrevistado negou que os pastores que se oferecem como líderes para guiar seguidores afiram lucro, argumentando que "existem benefícios oferecidos por companhias aéreas e toda a indústria do Turismo, através de secretarias de fomento [...] trata-se de compartilhar benefícios sem prejudicar o custo do viajante". Na entrevista a Frossard (2013, p. 361-2), quando questionado se pastores pagavam por suas viagens, o mesmo entrevistado relativizou: "Quando você fala em pagar, você está falando em qual moeda? Se você traz para mim 100 mil reais de lucro, você me trouxe 100 mil. E você participa do negócio junto comigo, usufruindo desse negócio, você pagou ou teve isso de graça?". Em nossas entrevistas, no entanto, apuramos com líderes de grupos e estes confirmaram ser possível receber por cada integrante do grupo o quanto o líder julgar a capacidade econômica de seus seguidores. Isso pode ser feito à base de troca por passagens que serão usadas para contemplar familiares e amigos ou para vendê-las e reter o valor alcançado, ou além, incluindo no preço de cada pacote valores bastante variáveis, como mencionado por um líder e operador entrevistado. Segundo ele, isso pode variar de US$ 100 a US$ 1.000 por pessoa ou R$ 5.000,00, se tiver quem pague, fora algumas passagens de cortesia e o franqueamento das despesas de hospedagem e alimentação durante todo o percurso da viagem.

Sobre os preços para participar de uma viagem como essas, ele sofre variações por vários fatores, como qualquer outra viagem internacional: preço do dólar, ida pela Europa, ida diretamente para a região, passando por Dubai e retornando pela Jordânia até entrar em Israel, ou Europa e Egito antes de Israel, ida e volta pela Europa (por capitais como Roma, Paris, Amsterdam), com passagem pela Turquia (onde também há pontos de interesse para cristãos evangélicos). As hospedagens também são fator que alteram o preço dos pacotes, enfim. Tudo isso o pastor que encabeça o grupo deverá considerar, somado ao poder econômico do grupo que pretende alcançar, antes de aplicar a sua taxa pelos serviços que irá prestar como líder.

Obtivemos com o organizador da caravana[533] a qual selecionamos dez turistas para entrevistá-los em 2017 as informações sobre as condições e preço. Cada interessado pagou até a data da viagem R$ 400,00/mês (ou menos, caso preferissem). Após a viagem, poderiam parcelar em até 18 meses o saldo. O valor total do pacote era de R$ 9.500,00, valor proposto em 2016, começando os pagamentos em agosto de 2016. O grupo viajou

[533] Informações dadas por telefone em 30.01.2018 por Gilmar Ferreira Costa, que organizou e realizou a viagem.

em julho 2017, por 12 dias, roteiro incluindo Egito + resort no Mar Vermelho e Israel. O voo foi via Etiópia (capital Adis-Abeba). Foi concedida uma passagem de bônus para o pastor e o grupo se formou com 30 pessoas. O diretor da Essence Turismo ofereceu para o pastor organizador, independente do preço, uma passagem gratuita para grupo de 20 pessoas e duas gratuidades para grupo de 30 pessoas.

Como introduzimos na justificativa (1.5), a questão do Plano Real, na visão de Ubiratan, nos "anos 2000, abriu uma nova janela para os turistas menos religiosos, porém com interesses em conhecer a Terra Santa". Antes disso, os grupos eram formados na maioria por pastores ajudados pelas igrejas e o aumento na composição dos grupos com membros leigos se deu no início anos 1990. Ricardo Paiva, fundador da Essence Turismo, que começou no ramo com Ubiratan e está há c. 34 anos operando, diz que no "final da década de 1980 a 1990 só quem tinha poder aquisitivo bom [ia a Terra Santa]". Ele diz ter recorrido ao Banco ABN AMRO e conseguido financiamento em até doze meses. Os interessados pagavam o que podiam até a semana do embarque e financiavam o saldo, o que aumentou o potencial da oferta para grupos menos endinheirados, já que desde os pioneiros do mercado, no final dos anos 1970, até os dias atuais, a indústria do Turismo voltou-se de forma agressiva para este segmento "Terra Santa" [não somente para evangélicos] já que também a Igreja Católica tem cada vez mais se aprofundando no cristianismo com viés judaico e, assim, criando um interesse cada vez maior junto seus adeptos", avalia Ubiratan.

Há muito tempo que o Ministério de Turismo de Israel mantém "políticas de fomento nos países em que tem representação consular". Parte dos profissionais entrevistados avalia como positiva essa aproximação com os líderes brasileiros, embora o reflexo no crescimento do mercado seja inexpressivo. Para Ubiratan, o "crescimento se dá exclusivamente às empresas de Turismo que investem cada vez mais no mercado religioso". O Ministério do Turismo pode, eventualmente, auxiliar em alguns pedidos feitos pelas operadoras, "mais com relação a material visual e impresso [...] mas é importante observar que Israel é um pedaço da Terra Santa e não toda a Terra Santa [que] inclui Egito, Jordânia, Israel. Cada um destes países tem suas políticas institucionais".

Por fim, Ubiratan lembra que a "presença recorde de brasileiros [ocorreu] nos anos 1990-2000, [com] média de 35 mil [turistas brasileiros] por ano. [Enquanto isso, a] presença média de americanos: 1 milhão por ano. Destes 35 mil brasileiros, cerca de 5

mil são peregrinos, [o] restante são executivos, estudantes e judeus brasileiros que visitam parentes e amigos".

Por isso, na sua avaliação,

> existe um mercado enorme para a Terra Santa, [mas] falta competência e interesse da indústria de Turismo nestes segmentos, pois são poucos [os] que atuam realmente com profissionalismo [o] resto são pequenos grupos que aparecem, [de] onde se percebe que a indústria do turismo religioso no Brasil ainda não existe. Os que fazem [o trabalho] são pequenos com pouca estrutura etc.

Os demais aspectos relacionados às caravanas serão vistos em seguida, sendo que o envolvimento das operadoras, como no trabalho dos guias que acompanham os grupos.

6.4.2 Órgãos Oficiais do Estado de Israel no Brasil

O Cônsul de Israel em São Paulo é Dori Goren[534] (ISRAEL, 2017).[535] O relatório sobre o turismo para Israel assinado por ele traz informações que foram aproveitadas nesta pesquisa.

Segundo o relatório, o turismo para Israel em 2017 bateu recordes. Foram cerca de 3,6 milhões de turistas de todo o mundo para o país, gerando uma receita de $ 20 bilhões de shekels [c. US$ 5,555 bi],[536] somente do turismo de entrada, o que demanda "cerca de 40 mil empregos por mês em hotéis turísticos, 8,3% a mais do que no ano anterior" (ISRAEL, 2017).

No primeiro semestre de 2017, o *ranking* de países de origem a enviar seus turistas tem Estados Unidos com 716 mil chegadas, em segundo lugar, a Rússia com 307 mil visitantes, em terceiro a França, com c. de 284 mil visitantes, seguida pela Alemanha, 202 mil e o Reino Unido, com 185 mil visitantes. Com a abertura de uma nova rota aérea a partir de Xangai, houve aumento de 46% no turismo da China para Israel em relação ao ano anterior (e aumento de 139% em relação a 2015). Outros países dignos de nota:

---

[534] Por alegada questão de segurança, o Consulado não nos recebeu para entrevistas. Os dados apresentados aqui são oficiais e foram obtidos por e-mails trocados em 18.01.2018 com Renata Vuono (Marketing) e Carolina Dias (Relações Públicas) do escritório do Ministério do Turismo de Israel em São Paulo. Parte das informações estão disponíveis no site oficial do Ministério do Turismo em <https://info.goisrael.com/en/visitors-tourists-arrivals-2017>, acessado na mesma data.

[535] Arquivo no formato Word recebido por e-mail em 18.01.2018. Os dados também estão disponíveis em <https://info.goisrael.com/en/visitors-tourists-arrivals-2017> e foram acessados em 05.09.2018.

[536] US$ 1,00 para $ 3,6 shekels, câmbio informado por brasileiro que estava em Israel em 06.07.2018.

Ucrânia, com 137 mil visitantes; China, com 105 mil; Itália, 93 mil; Polônia, 85 mil; Canadá, 75 mil (estatísticas de dezembro de 2017, publicadas em janeiro de 2018). O gasto médio por país em compras no comércio (não incluso voos; 1º sem/2017. Valores por turista/dia) são: Indonésia (US$ 310), Coréia do Sul (US$ 277), Japão (US$ 251), Cingapura e China (US$ 241), México (US$ 238), Argentina (US$ 220) (ISRAEL, 2017).

Não estranha Netanyahu, Primeiro-ministro de Israel, ter feito em 2017 a primeira visita de um premiê israelense à América Latina em busca de apoio político, só não tendo passado pelo Brasil em função da instabilidade política envolvendo o então presidente Temer, cuja permanência no cargo era incerta na ocasião (KRESCH, 2017), embora saibamos haver outras pautas comerciais entre Israel e a região. Até mesmo a imprensa evangélica, que se espera ser tendenciosa em favor de Israel, percebeu a vocação de Netanyahu procurando aproximar evangélicos brasileiros contra a Palestina. O título do artigo é sintomático: "Governo de Israel pretende usar interesse de evangélicos do Brasil por locais sagrados como arma política contra a Palestina" (CHAGAS, 2013). Ainda segundo o artigo, o prefeito de Jerusalém, Nir Barkat, afirmou o seguinte sobre os turistas brasileiros: "Ter vocês aqui é o melhor ataque e defesa que poderíamos ter".

O documento publicado pelo Ministério do Turismo de Israel no Brasil aponta Jerusalém como sendo a cidade mais visitada pelos turistas que chegam a Israel (78% de todos os turistas). Em seguida, "Tel Aviv-Jaffa ocupa o segundo lugar, com 67% de todos os turistas que visitaram o país e em terceiro lugar, a área do Mar Morto com 49%. A área da Galileia, incluindo a cidade de Tiberíades (Tibérias) e o Mar da Galileia, recebe 35% de todos os turistas". Nas entrevistas que fizemos com 27 turistas brasileiros, quando perguntados sobre "Que locais tinha mais interesse?", obtivemos o seguinte quadro: o túmulo de Jesus (29%), o Muro das Lamentações (12%), o Mar Morto (12%), Jerusalém (12%), além da Igreja da Natividade em Belém, "o local do Êxodo, o Egito e o Monte Sinai, o Mar da Galileia (12%), o Getsêmane (12%), o Museu do Holocausto, o "local onde Jesus nasceu". No quesito religião, o Ministério do Turismo informa a seguinte composição: 54% cristãos (25% visitam como peregrinos. Do total, 39% são católicos, 33% protestantes e 22% ortodoxos russos), 21,7% judeus e outras religiões ou não afiliados. 41% dos turistas estão em regresso, ou seja, já visitaram Israel e 29,8% fazem parte de um grupo organizado (ISRAEL, 2017).[537]

[537] Frossard (2013, p. 147) apresentou os seguintes dados em tese anterior: "dos 2,8 milhões de turistas que Israel recebeu em 2010, 60% eram cristãos. Do Brasil, especificamente [...] 80% eram evangélicos

A nossa hipótese, refletida no referencial teórico, de que o campo político utiliza o turismo (especialmente o religioso, mas não exclusivamente) algo como massa de manobra para apoiar a narrativa do país se expressa na declaração do Ministro do Turismo, Yariv Levin, constante do relatório: "O meio milhão de turistas que vieram a Israel neste ano [de 2017] são meio milhão de embaixadores a mais para Israel em todo o mundo e nossos representantes leais nas redes sociais, e isso também é um contributo decisivo para a imagem de Israel", ou seja, contributo é o capital político que espera auferir de cada turista que pisa no país. No entanto, advertimos e demonstraremos que o tratamento dado pelas populações locais, israelense e palestina, interfere diretamente no volume desse capital, não sendo explorado tanto quanto o Ministro Levin imagina e sugere. Em termos relativos, os palestinos obtêm maiores ganhos políticos.

O Diretor Geral do Ministério do Turismo, Amir Halevi, atribui o recorde nos números a ações de "marketing contínuo", a "construção de submarcas" e "turismo de nicho", "incentivos financeiros para companhias aéreas que abrem novas rotas para Israel", entre outras. A "marca" é o Estado de Israel e as "submarcas" são aspectos "de nicho", como a vida noturna, o turismo culinário, o esporte, a história, a arqueologia etc.[538]

Ao contrário dos problemas enfrentados por países receptores, como apontados por Pellicer (2017) e Rojek (2013, p. vi) (v. 2.5), Halevi diz: "Trabalhamos também para melhorar a infraestrutura turística, com o princípio principal de *manutenção e limpeza de sites existentes*" (ênfase acrescentada). I.é., Israel faz o trabalho de prevenção sobre danos em patrimônios públicos (não apenas a recuperação), explorando-os positivamente, e reduzindo danos no meio ambiente causados por excesso de visitantes.

Além dessas ações, o Ministério investiu em formadores de opinião, pessoas influentes para que promovam a imagem (marca) de Israel. "O ministério acolheu quase 3.000 líderes de opinião, celebridades, blogueiros, estrelas de internet, atores, esportistas, produtores e jornalistas de todo o mundo" (ISRAEL, 2017). Equipes de televisão de

---

e 20% eram católicos [...] cerca de 40 mil fieis evangélicos brasileiros embarcaram no ano de 2010 com destino a Israel".

[538] Além disso, há diversas campanhas, como a Campanha *City Break*, que promove "férias em Israel com base em duas experiências de férias diferentes e complementares nas cidades de Jerusalém e Tel-Aviv". A campanha de Inverno em Eilat, um balneário ao sul do país. A campanha dos três milhões de turistas a desembarcarem em Israel, imprimindo o recorde histórico. Também, o lançamento da primeira campanha de rede social na China sobre Baidu e WeChat, visando atividades e hospedagens de celebridades chinesas e líderes de opinião para construir a marca israelense entre o público chinês. (ISRAEL, 2017)

muitos desses países, como da Romênia, Índia e China, estiveram no país para filmar programas de TV sobre Israel. Nesse sentido,

> Houve também um foco no mercado latino-americano [...]. O Ministério hospedou equipes de TV de telenovelas da Colômbia e do México, uma equipe de câmeras do Brasil, estrelas da telenovela [...] cantores hispânicos [...]. Como resultado das atividades de hospedagem, *Israel recebeu uma grande exposição na mídia latino-americana, incluindo as mídias sociais*. Além disso, uma série de episódios de uma telenovela mexicana serão produzidos em Israel e partes de um filme brasileiro serão filmadas em Israel. (ISRAEL, 2017; ênfase acrescentada)

Apuramos que o filme brasileiro mencionado era o filme "Nada a Perder", biografia do bispo Edir Macedo, da IURD. Ainda na categoria hospedagem, o relatório diz que Israel hospedou "jornalistas influentes de, entre outros, *BBC Travel*, *Food and Wine*, *Travel and Leisure Magazine* e Folha de S. Paulo, que foram hospedados em Israel e estiveram entre aqueles que escreveram favoravelmente sobre o país como um destino turístico atraente na moda" (ISRAEL, 2017). Por fim, a ambivalência. O Ministério hospedou o que descreveu como "convidado proeminente em 2017", a *socialite* "Perez Hilton (*sic*) [certamente a *socialite* norteamericana Paris Hilton], que chegou com sua família para a semana *Gay Pride* em Tel Aviv, conquistando uma cobertura muito positiva entre os meios de comunicação direcionados ao setor LGBT nos EUA", e por outro lado, "também hospedou mídia cristã" (ISRAEL, 2017), duas comunidades rivais.

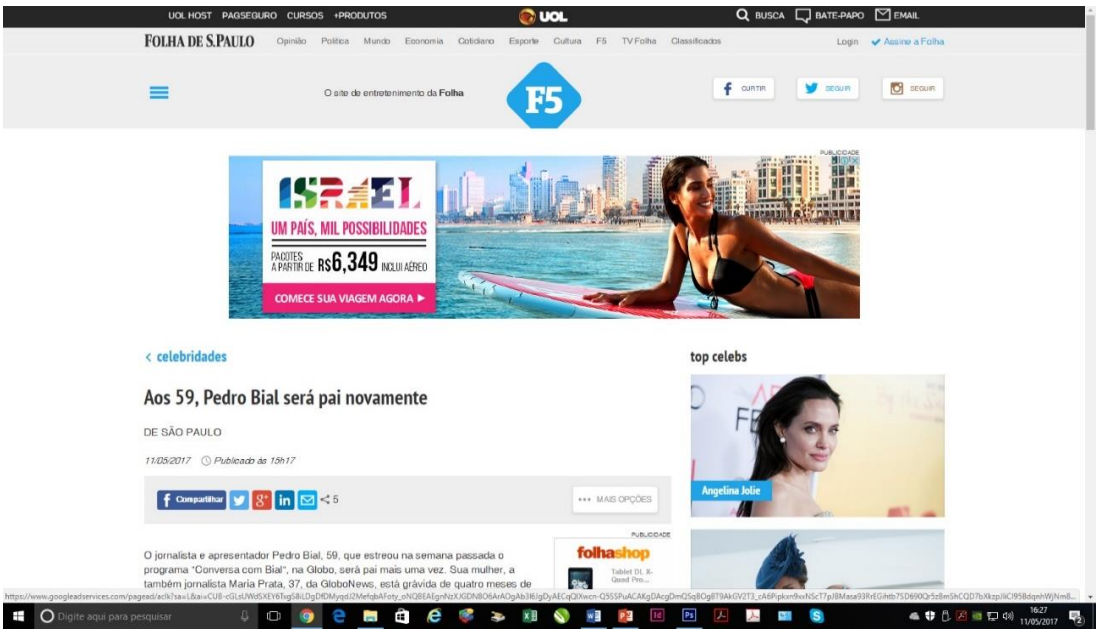


Figura 9. Anúncio da marca Israel em anúncio no site da Folha de S. Paulo. Tela capturada em 11.05.2017.

A essa altura podemos dizer que alguns paradoxos são identificados quando confrontamos esse relatório com os resultados de nossas entrevistas. Quando perguntados "o que o levou a fazer a viagem?", os entrevistados, incluindo pastores, podendo dar respostas livres, não mencionam a percepção de uma ação de *marketing* ou propaganda feita por entidades oficiais do Governo. A predominância das respostas sobre o que motivou a viajar é: "Conhecimento" (20%); "Curiosidade" (19%); "Curiosidade de conhecer o que sempre ouvi, pisar por onde Jesus pisou"; "Vontade de fazer uma viagem internacional e conhecer a cultura onde Jesus viveu" (12%).[539] E à pergunta mais direta "Você já percebeu alguma ação de propaganda oficial israelense estimulando os cristãos brasileiros a visitarem a Terra Santa?", obtivemos como resposta "sim" (15%), "não" (81%) e "não lembro" (7%). É possível que esses 15% que responderam "sim" não soubessem dizer quando nem como houve essa propaganda.

Um entrevistado, pastor e líder de caravanas, acrescentou espontaneamente o seguinte:

> Eu recebi o Cônsul de Israel aqui na minha sala. Primeiro vieram dois representantes do consulado. [Perguntei] O que aconteceu? Eles disseram: "A gente tinha uma impressão estranha de vocês cristãos. A gente achava que protestante, evangélico e católico era a mesma coisa". Não existe uma boa relação entre catolicismo romano e Israel. Mas não é o caso da igreja evangélica. A igreja evangélica sempre honrou Israel, aquela história de "orar pela paz de Jerusalém", os crentes gostam de Israel, por causa da Bíblia – conhecem mais a Bíblia, os católicos não conhecem. Isso dá uma abertura maior, o camarada usa *quipá*, quer

[539] Respostas textuais de menor expressão foram: "Acompanhar esposo (não tinha curiosidade nem vontade), mas gostei", "Em primeiro lugar o desejo conhecer Jerusalém"; "Andar na terra onde Jesus andou"; "Vivenciar a Bíblia"; "Crescimento em conhecimento e espiritual"; "O filho quer conhecer a casa do pai"; "História de Jesus"; "Desejo de conhecer a Terra Santa"; "Um sonho"; "Conhecer a história bíblica"; "É um país bíblico"; "Desde criança eu ouço muito falar em Israel [...] e eu sonhava um dia chegar àquela terra e andar por onde meu Salvador caminhou"; "Desejo muito grande de conhecer Israel [...] o berço de todo acontecimento que gerou aquele livro, especialmente o Novo Testamento"; "Conhecer lá, mas o interesse principal de se montar um grupo pra lá era financeiro para o programa de televisão, mas sem dúvida nenhuma quando a gente leva pessoas pra lá a gente aufere resultados interessantes, como ganhar membros [para a igreja desse pastor], as pessoas passam a conhecer, gerar conteúdo pra TV, então são vários interesses juntos"; "Gostaria de conhecer o lugar que creio está na Bíblia"; "Já tinha uma vontade antes de conhecer Israel, e depois estudando..."; "O estudo de teologia. Estudando a Bíblia tive vontade e curiosidade de conhecer Israel e ver como é hoje"; "Desejo que tinha e questões acadêmicas", "Adoro história e gosto muito de estudar e ver as questões culturais e tem a questão espiritual"; "Curiosidade, a gente faz teologia... e por turismo também"; "Era um sonho. Eu sempre fui evangélica, desde criança, tudo o que a gente ouve desde que a gente nasceu é baseado na Bíblia, então acredito que a maioria das coisas aconteceram ali então eu sempre tive vontade de conhecer. Então, era um sonho realizado"; "Conhecer a cidade. Conhecer fisicamente a história que a gente conhece através da Bíblia".

> cantar música de Israel, aquelas danças, [é] apaixonado por Israel, que é uma espécie de judaísmo, cristianismo judaizante. Mas quando aqueles dois representantes vieram aqui, o Jaime e o Jorge, do Consulado, [disseram] "a gente vê que vocês gostam de viajar pra lá".

O entrevistado contou que organizou uma reunião para "aproximar pastores, para levar um grupo para Israel". Tal reunião aconteceu, segundo afirmou, "com a presença do Cônsul na casa do dono das Lojas Marisa, no Morumbi, o Jacques [que é] um judeu, uns rabinos e o presidente do Hospital Albert Einstein, empresários; a segunda reunião foi no clube A Hebraica, com a presença de Salomão Schwartzman, da Rádio Cultura". Na reunião, se cogitou a promessa de levar os pastores a conhecer Yitzhak Rabin e conhecer uma rota fora da rota do turismo. "A intenção dessas reuniões era estimular pastores a continuar levando pastores a Israel". As reuniões aconteceram, segundo o entrevistado, c. 2011. Pouco depois, o entrevistado disse sobre os mesmos senhores do consulado:

> [falando sobre assentamentos judaicos e dos jantares promovidos por John Hagee; v. 1.8 e 2.8] Então vamos lá, deixa eu falar sobre isso. Sobre isso eu também fui procurado aqui, pela mesma equipe que veio falar de turismo, [que] voltou aqui pra falar comigo sobre ajuda aos judeus vindos da Etiópia. Há hoje uma grande massa de judeus negros vindos da Etiópia, que estão em assentamentos judaicos. Eles precisam... eles fazem um cálculo de quanto custa a anuidade escolar de cada menino, de cada adolescente, de cada jovem. Então eles estão levantando recursos pra manter, pra botar na escola e pra criar assentamentos. Eles estão precisando de infraestrutura completa, que envolve saúde, educação e moradia. Eles estão construindo moradias para esses que estão voltando, esses judeus etíopes. Eles queriam dinheiro, eu não tinha pra dar porque eu tenho minhas prioridades aqui. Eles pediram se eu pudesse... eles queriam até falar com a igreja, se a gente poderia arrumar colaboradores pra dar mensalmente uma oferta.[540]

À pergunta se a propaganda "surtiu efeito sobre você? Por quê?", a resposta foi "não" (12%), ou disse saber da "oportunidade da *alyyia* para jovens trabalharem e

[540] Judeus etíopes ou *falashas*, ou como se autodenominam "Beta Israel". *Falashas* é termo pejorativo que significa "exilado" ou "estranho". Vivem na Etiópia há 3 mil anos e em 1975 foram reconhecidos pelo Estado de Israel como descendentes das tribos perdidas, mas encontram dificuldades de assimilação na sociedade israelense atual. Em 1985 o serviço secreto de Israel, Mossad, em cooperação com a CIA, resgataram 7.700 judeus etíopes numa operação aérea que ficou conhecida como Operação Moisés. Em 1991, durante a Guerra Civil na Etiópia, mais 14.200 *falashas* foram resgatados de avião para Jerusalém, operação apelidada de Operação Salomão (referência bíblica à suposta esposa etíope de Salomão, a rainha de Sabá, atual Etiópia).

moraram lá" (12%). Um pastor, que organizou três caravanas para Israel, respondeu espontaneamente:

> Não, porque nós já estávamos fazendo com uma empresa. Eles [do Consulado] ofereceram [vantagens] mostrando lugares que só eles poderiam mostrar, indo pra lugares que não são turísticos. Comentaram até a respeito de uma base aérea subterrânea no deserto, que eles poderiam levar a gente pra conhecer, talvez nem todo mundo do grupo, mas algumas pessoas. E prometeram também encontros em locais políticos de lá [...] tipo conhecer algum ministro ou o Primeiro Ministro, dependendo do grupo, ir com um grupo de pastores lá conhecer. Mas não sei se isso era "papo".

Por fim, para além das ações de *marketing* do Ministério do Turismo, estão questões que poderíamos chamar de culturais. Sendo o turista brasileiro, especialmente o evangélico, afeito a aspectos da vida, cultura e religião judaicas, esperávamos uma resposta mais positiva sobre o contato e percepção em relação ao povo local. À pergunta "A sua percepção em relação aos judeus depois da viagem", obtivamos o seguinte quadro: "manteve-se a mesma" (30%), "mudou para melhor" (26%), "mudou para muito melhor" (4%), "piorou" (26%) e "voltei positivamente impressionado" (11%). Os que acrescentaram espontaneamente "Imaginava um povo mais religioso" somaram 11%. Um pastor entrevistado acrescentou por conta própria:

> Piorou, piorou. A visão minha dos judeus era uma. Eu achava um povo santo, um povo zeloso e voltei de lá com raiva deles. Um povo sem vergonha, que quer tirar o seu dinheiro, que não tem nada de fé, que o negócio deles é a religiosidade e a grana, e "sai daqui porque a terra é minha", "entra aqui, deixa seu dinheiro e vai embora". Essa é a impressão que eu tenho deles. Até gostava de judeus.

Embora tenhamos visto haver um trabalho dos órgãos oficiais do Governo de Israel para atrair turistas e apoiadores, formadores de opinião que conheçam, compreendam, confirmem e repliquem as suas narrativas (política, histórica etc.), em seu benefício, o quadro resultante das entrevistas é que o efeito dessa propaganda não chega na base, i.é., na massa de turistas. Surte apelo apenas nos líderes (se é que isso se concretiza), do ponto de vista econômico, dos lucros que podem auferir, e para mostrarem aos membros de suas igrejas e caravanas a "os lugares por onde Jesus andou".

O trabalho macro de propaganda parece consumir poucos recursos e está direcionado para essas lideranças, sejam culturais, religiosas, jornalistas entre outras, primeiramente nos países europeus, depois a nova onda asiática, e em menor medida na

América Latina, sendo o Brasil um país não tão importante quanto possa parecer à primeira vista; vimos que os argentinos e mexicanos aparecem na lista de bons consumidores em Israel. Sendo um país maciçamente cristão (católico ou evangélico), em número de chegadas por país em 2017, o Brasil é apenas o 16º colocado em um *ranking* de setenta países, com 54,8 mil chegadas, atrás de países menores, como a Romênia e a Holanda.

A região também é afetada por fatores externos ao campo oficial ou diplomático pela imprensa internacional. Tratamos desse aspecto na entrevista com o sr. Ubiratan. Na entrevista, perguntamos "como é o relacionamento com os árabes que vivem na região", pois ele é um judeu, mas depende economicamente desse turismo. Ele disse ser "muito complexo, porém a população em sua maioria absoluta sempre desejou e deseja paz e boa convivência". O "problema sempre são as minorias, os líderes religiosos extremistas de ambas as partes [que] promovem, incentivam [e] instigam o ódio. A imprensa potencializa. O público mundial compra esta ideia de 'ódio árabe israelense'. O assunto é complexo para quem não conhece a região e avalia somente através da grande mídia".

Ele reclama que "existe uma constante névoa de instabilidade em Israel, especialmente criada pela mídia que faz de Jerusalém o centro do Oriente Médio, e isto também afasta a ideia de ser aquela região um destino constante para a indústria do Turismo". E dá um exemplo: "uma reportagem no Jornal Nacional dizendo que 'aumenta a tensão no Oriente Médio' [...] derruba todos os projetos" e reclama que "existe uma insensibilidade na mídia quanto a isto [...] não observam que assustam as pessoas [já que a] Imprensa precisa de sensacionalismo e Jerusalém é o centro de tudo. Os anunciantes exigem audiência, audiência precisa de 'bombas' noticiosas". E acrescenta: "Se ficar no lenga-lenga de balas perdidas no Rio [de Janeiro] ninguém assiste"

Estando a violência brasileira mais próxima (no caso o Rio de Janeiro), "afeta mais o brasileiro. É a indústria da audiência através da notícia aterrorizante. Rio já virou assunto banal". Ele arrisca alguns números: "Morre no Oriente Médio, por ano, [por] assassinato ou em conflitos, como na Síria e Iraque, cerca de 1000 por ano. Morre em São Paulo, capital, [num] fim de semana normal, cerca de 150 por fim de semana, só capital de SP!" – um exagero gritante do entrevistado se considerados os dados de um levantamento recente que aponta c. 17 mortes por fim de semana na capital paulista.[541]

[541] Um amplo levantamento foi realizado pela Folha de S. Paulo em 2017, usando informações dos boletins de ocorrência da base de dados bruta da Secretaria da Segurança Pública de São Paulo de 2016. O

Mas Martins fez uma ressalva sobre os números dados: "[Considere a] Notícia, não se preocupe com o fato [i.é., os dados] e sim com o local. Jerusalém, Nova York, Paris, Londres. São notícias quentes. Brasil? Colômbia, Peru, Paraguai, Venezuela, quem quer saber? Quantos morrem assassinatos por ano na África?".

Na mesma linha, um dos guias israelenses entrevistados, ao ser solicitado que dissesse algo que pudesse nos interessar, independentemente das perguntas feitas, disse ser "difícil mostrar a realidade de Israel, porque os meios de comunicação mostram geralmente atos isolados de violência, sem contexto, e as pessoas no estrangeiro pensam que Israel é perigoso". Disse que só quem visita o país consegue ver que a realidade é outra, "que Israel é um país muito seguro e confortável para os turistas".

6.4.3 Órgão Oficial do Estado da Palestina no Brasil

Do lado palestino, a maneira de lidar com o turismo é bem diferente. No que tange a ações planejadas e objetivas para desenvolver o Turismo, atrair recursos e apoiadores para a chamada causa palestina, o escritório de representação no Brasil, bem como a própria Autoridade Palestina, não estão à altura dos israelenses. A exceção é o atendimento. Com certa facilidade, conseguimos uma entrevista com o sr. Ibrahim Mohamed Khalil Alzeben, Embaixador da Palestina no Brasil.[542]

Depois de apresentar os dados sobre o turismo de brasileiros para a região, perguntamos o que isso representava para o Estado da Palestina e o que o Governo dele tem feito para atrair e receber essas pessoas. Para o Embaixador, o turismo é "nervo vital" na economia palestina. Mais do que criar infraestrutura, disse estarem interessados em criar "uma atmosfera" para receber bem os turistas e poder mostrar outros aspectos da vida local, como religioso, político e cultural, já que considera que "o turismo é nossa história". Também pelo turismo se pode mostrar lado do sofrimento do povo. Em primeiro lugar apontou o "roubo do nosso território, a mudança violenta do meio ambiente e dos lugares arqueológicos".

---

critério é similar ao usado internacionalmente, que contabiliza homicídios, lesões corporais seguidas de mortes e latrocínios (assaltos seguidos de morte), mas exclui mortes praticadas por policiais em confrontos. A média de mortos na capital é de 7,25 por 100 mil habitantes. Considerando 12 milhões de habitantes, chegamos a 870 mortes em 2016, o que dá a média de 16,73 mortes por fim de semana. Disponível em <http://temas.folha.uol.com.br/mapa-da-morte/introducao/mapa-da-morte-em-sp-vai-da-suecia-ate-o-mexico-locais-dos-crimes-se-repetem.shtml> e acessado em 07.09.2018.

[542] Entrevista ocorrida em 21.02.2018.

Sobre o aspecto econômico, informou que os brasileiros não deixam recursos nas cidades palestinas porque não pousam nos hotéis nem comem em seus restaurantes: "levam sanduíches" e retornam para dormir em Israel, o que não abastece o setor hoteleiro. Nesse sentido, ele considera que o turista em geral não faz uma viagem para sofrer desconforto, mas para descansar, e se ele percebe que terá de passar por situações desconfortáveis, por barreiras (como os *check points*) e tudo mais, ele não se anima, não se sente à vontade e, então, não consome.

Essa fala inicial da entrevista, no entanto, é praticamente tudo o que o representante oficial palestino tinha a dizer e o fez abruptamente, quase em tom de desabafo. Seu Governo não realiza qualquer trabalho objetivo de divulgação do Turismo, não reúne dados oficiais, não mantém qualquer tipo de informação ou estatística que pudesse fornecer, de modo que as perguntas seguintes revelaram isso. Quando dissemos haver em Belém um antigo curso sobre Turismo desde 1996,[543] que forma guias turísticos, perguntamos se a Autoridade Palestina trabalhava em parceria com eles ou se dava algum apoio na formação dos guias turísticos, ele revelou insegurança ao dizer simplesmente que o curso "seguramente conta com apoio do Governo local. É importante mostrar nossa versão". Emendamos a pergunta sobre haver alguma exigência da AP com relação a credenciamento ou licença para ser guia, não soube dizer se há algum curso e se limitou a dizer que "são credenciados".

Os cristãos brasileiros são muito próximos da visão norte-americana sobre a história de Israel. Assim, tendem a serem pró-Israel em suas crenças. Perguntamos como ele via esse aspecto e como trabalham para apresentar aos brasileiros a versão palestina da história: "Duas coisas que não discuto: gosto e religião. Colonos atacam Nablus porque acreditam que Deus deu aquele pedaço de terra a eles; como vou discutir isso? Como vou discutir dogmas?".

No entanto, foi interessante notar a amenidade (ou seria discurso diplomático?) em duas respostas. Sabemos que os pontos turísticos cristãos, como a Igreja da Natividade, recebem boa atenção da Igreja que controla o edifício e suas dependências e dissemos supor que o Governo local dá alguma atenção. Então questionamos como são tratados os

---

[543] Referência ao programa para guias turísticos do *Bethlehem Bible College*, em Belém (Cisjordânia), curso coordenado por Haytham Dieck, com quem fizemos contato na tentativa de obter alguma informação relevante. O BBC foi fundado por Bishara Award entre 1979-80 e atualmente é dirigido por Salim Munayer. A página do curso de Turismo está disponível em <https://bethbc.edu/blog/tag/tourism/> e foi acessada em 15.09.2018.

pontos turísticos, como as ruínas da sinagoga em Jericó ou o suposto túmulo de José em Nablus, que os colonos israelenses procuram aproximação, e a resposta foi: "A história de Israel tem setenta anos, a Palestina tem dois mil anos. É de vital importância atender e cuidar desses santuários, porque é parte fundamental de nossa história. Queremos dar livre acesso a todos aos lugares sagrados das religiões".

A Figura 11 é mais objetiva do que a resposta do Embaixador. Ela demonstra que a União fez uma doação de R$ 792.000,00 em 25.01.2018 "ao Estado da Palestina para a restauração da Basílica da Natividade, na cidade de Belém",[544] por meio da Medida Provisória (MP) n. 819, da mesma data. Na declaração dada por Paulo Valadares (segunda nota deste Capítulo), o historiador informou sobre "um homem importante que ficava "no Sertão, captando dinheiro [...] chamado 'Síndico dos Santos Lugares'". Ao nosso ver, a MP 819 reedita a prática centenária, que vigora ao menos desde o século XIX, de arrecadar recursos aqui alegando serem destinados ao restauro de edifícios de interesse de peregrinos.[545]

DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO

Publicado em: 26/01/2018 | Edição: 19 | Seção: 1 | Página: 1
Órgão: Atos do Poder Executivo

MEDIDA PROVISÓRIA Nº 819, DE 25 DE JANEIRO DE 2018

Autoriza a União a doar recursos ao Estado da Palestina para a restauração da Basílica da Natividade.

O PRESIDENTE DA CÂMARA DOS DEPUTADOS, no exercício do cargo de PRESIDENTE DA REPÚBLICA, no uso da atribuição que lhe confere o art. 62 da Constituição, adota a seguinte Medida Provisória, com força de lei:

Art. 1º Fica a União autorizada a doar recursos ao Estado da Palestina para a restauração da Basílica da Natividade, na cidade de Belém, Estado da Palestina, no valor de até R$ 792.000,00 (setecentos e noventa e dois mil reais).

Parágrafo único. A doação a que se refere o **caput** será efetivada por meio de termo de doação firmado pela União, por intermédio do Ministério das Relações Exteriores, e correrá à conta de dotações orçamentárias do referido Ministério.

Art. 2º Esta Medida Provisória entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 25 de janeiro de 2018; 197º da Independência e 130º da República.

RODRIGO MAIA
Marcos Bezerra Abbott Galvão
W. Moreira Franco

Figura 11. Medida Provisória no. 819, de 25.01.2018, autorizando a doação pela União de R$ 792.000,00 ao Estado da Palestina para a restauração da Basílica da Natividade.

[544] Disponível em <https://bit.ly/2pb7ZgE> e acessado em 15.09.2018.

[545] A Justificativa constante da Nota Descritiva (fev/2018) para a MP n. 819/2018, assinada pelo consultor legislativo João Victor Scherrer Bumbieris diz: "O requisito da relevância decorre de que, para o Estado brasileiro, a participação na empreitada [restauro da Basílica] seria uma oportunidade ímpar, que não se repetirá em longo horizonte temporal, de se associar a um 'projeto de grande importância histórica, política, cultural, religiosa e turística, em especial para os cristãos de todo o mundo e certamente do Brasil', em resposta a 'reiterados convites do presidente palestino e do ministério para Assuntos Cristãos' desse país, com o qual o Brasil nutre relação de amizade" (BUMBIERIS, 2018, p. 5). A nota informa que a Basílica da Natividade é Patrimônio Mundial (UNESCO) e nela encontram-se presentes três denominações cristãs: greco-ortodoxa, armênia e católica romana.

Por fim, dissemos haver ONGs engajadas na causa Palestina, que realizam o trabalho de levar turistas até o país para que conheçam a situação e se tornem formadores de opinião em seus países de origem.[546] Então, perguntamos qual o papel das ONGs religiosas, como a PACE em Ramallah (*Palestinian Association for Cultural Exchange*, do saudoso Adel Yahya), e no Brasil, como o Instituto Jerusalém do Brasil (dirigido pelo prof. Ali el-Khatib), que promove turismo de aventura na Palestina. Quisemos saber se há alguma sintonia entre esses agentes e suas programações. A resposta foi: "Damos apoio a todas as instituições. Queremos evitar que esse conflito se torne religioso. Gostaríamos que os brasileiros nos ajudassem".

De fato, com tamanho improviso dos órgãos oficiais, resta aos palestinos esforçarem-se para que os turistas que os visitam em sua terra sejam encantados pela hospitalidade, como disse o Embaixador. E em nossas entrevistas e nas três viagens ao território palestino pudemos confirmar que, na prática, isso tem acontecido. Das perguntas feitas aos entrevistados, uma delas indagava se "já percebeu alguma ação de propaganda palestina estimulando os cristãos brasileiros a visitarem pontos turísticos na Palestina." Responderam "não" 89% e "não lembro" 11%. Perguntamos "Como acha que a diplomacia brasileira lida com ambos os povos?", e obtivemos as seguintes respostas orientadas: "de maneira justa" (15%), "de maneira desequilibrada para o lado de Israel" (22%), "de maneira desequilibrada para o lado palestino" (24%, empate técnico), "realmente como 'um anão diplomático" (7%), "não sei" (37%), esta última resposta a que se sobressai e revela parte do desconhecimento das relações bilaterais entre Brasil e Palestina.

O aspecto que confirma a primeira fala do Embaixador Ibrahim, sobre a receptividade do seu povo aos turistas, se confirma na pergunta "A sua percepção em relação aos palestinos depois da viagem foi...", para a qual tivemos o seguinte quadro: "manteve-se a mesma" (44%), "mudou para melhor" (33%), "mudou para muito melhor" (4%), "piorou" (11%) e "voltei positivamente impressionado" (4%). O quadro comparativo é favorável aos palestinos, sendo que a imagem dos israelenses "piorou"

[546] Como mencionamos em 1.6, alguns deles são o *Ecumenical Accompaniment Programme in Palestine and Israel (EAPPI)*, o *Alternative Tourism Study-Group Centre* (ATSG), ONG criada em 1995 sobre o lema do "turismo justo", e o *Kairos Palestine*, um movimento cristão palestino recém-criado, a partir da publicação conjunta com o ATSG, do *Kairos Document*, que convocam turistas usando o *slogan* "Come and see" (Venha e veja).

mais acentuadamente se comparada a imagem que os brasileiros têm dos palestinos. Portanto, se em termos de organização e programas objetivos para atrair a atenção do turista brasileiros o Estado de Israel é melhor organizado que o Estado da Palestina, as interações entre as populações são sensivelmente mais negativas na relação judeus-brasileiros do que entre palestinos-brasileiros, uma vez que estes últimos capitalizam socialmente melhor com praticamente nenhum investimento de *marketing* e baixo apelo a narrativas religiosas, uma vez que o imaginário cristão remete a Israel e seu povo, não à Palestina e aos palestinos. No próximo ponto teremos mais a dizer sobre isso.

Tabela 3. Percepção em relação ao povo local depois da viagem

Sua percepção da viagem em relação a	Israelenses	Palestinos
Manteve-se a mesma	30%	33%
Mudou para melhor	26%	33%
Mudou para muito melhor	4%	4%
Piorou	26%	11%
Voltei positivamente impressionado	11%	4%

A seguir, vamos demonstrar o resultado do contato e conhecimento que os brasileiros tiveram com aquelas sociedades visitadas e o conhecimento prévio da situação entre IP.

6.5 Interações sociais e outras informações

Outro aspecto que a pesquisa procurou esclarecer foi o grau de interação que ocorreu entre brasileiros com as sociedades locais israelense e palestina e o nível de informação que os brasileiros têm sobre parte da história e das demandas atuais de ambas as sociedades. As respostas revelam alguma oscilação em pontos onde esperávamos maior precisão. Vejamos.

Conheceu judeus ou israelenses? “Sim” (93%), “Não” (7%). Interagiu com eles? “Sim” (70%), “Não” (26%). Foi positivo? “Sim” (59%), “Indiferente” (6%), “mais ou menos” (3%). Conheceu palestinos? “Sim” (70%), “Não” (30%). Interagiu com eles? “Sim” (41%), “Não” (37%). Foi positivo? “Sim” (30%), “Não” (11%),[547] “Indiferente”

[547] Uma entrevistada alegou “abordagem agressiva no comércio, tentativa de comprar pagando em camelo”, i.é., o palestino tentou comprar a entrevistada para seu harém.

(7%). Houve relatos de agressão contra dois turistas do grupo em lojas de palestinos e ouvimos de um entrevistado que "Eles [os palestinos] são muito capitalistas, por dizer assim. Se não comprássemos nada, eles até chamavam a gente de pão duro."

Tabela 4. Amostra do resultado das interações com populações locais

	Sim	**Não**	**Indiferente**	**Mais ou menos**
Conheceu judeus ou israelenses?	93%	7%	—	—
Interagiu com eles?	70%	26%	—	—
Foi positivo?	59%	6%	—	3%
Conheceu palestinos?	70%	30%	—	—
Interagiu com eles?	41%	37%	—	—
Foi positivo?	30%	11%	7%	—

Perguntados se compraram em lojas de: "judeus" (19%), "palestinos" (3%) ou "ambos" (74%). Se "Gostou da experiência?", "sim" (67%), "não" (19%). Dada a possibilidade para justificar a resposta, houve informações diversificadas (consolidados os pontos centrais):

"Gostei de comprar com os árabes, porque estimulam a pechinchar"; "Por conhecer a cultura de lá por meio das coisas que eles vendem"; "Eles são muito espertos"; "Estilo um tanto quanto agressivo, nós não estamos acostumados a isso"; "Fiz uma boa compra, a negociação foi boa"; "Os palestinos são mais parecidos com a gente, são mais amorosos [...] os judeus são mais fechados [...] mas a experiência foi boa dos dois lados"; "Com os judeus sim, com os palestinos não. Eles são muito agressivos"; "Você é só mais um turista, então, faz a sua parte que eu faço a minha. Você é muito melhor recebido em Belém do que em Jerusalém, isso é fato"; "Gostei mais da experiência com palestino do que com judeu. O preço é melhor. Como eles são árabes eles gostam de negociar; com judeus é aquele preço e acabou". "Querem levar vantagem em tudo, espertalhões,

grosseiros mesmo". "Palestinos, eles são mais mal humorados", "Achei um pouco caro", "Eles [os judeus] pressionavam muito pra gente comprar. Dos palestinos o que eu não gostei... quando eu falei que não ia comprar, ele ficou bravo comigo", "Eles tratavam a gente bem", "Muito agressivos. Xingavam", "Os dois não atendem bem, mas o [árabe], acho que ele atende pior. Ele desdenha da gente assim. Não trata bem, são mais grosseiros no comércio".

Perguntados se "Comeu em restaurantes de judeus", "sim" (7%), de "ambos" (93%). O embaixador da Palestina havia dito que os turistas "levam sanduíches" para comer em seus territórios ou visitam rapidamente sem realizarem o pernoite. Pelo alto índice que respondeu "sim" a ter comido em restaurante palestino, os turistas entrevistados podem ter se lembrado de comida palestina em algum local na cidade de Jerusalém (o que não é comum para esses turistas). Mas estando na Palestina, parece-nos difícil que coma lanche; devemos acrescentar, pela experiência das três viagens que fizemos, que nessa altura da viagem (e se tiverem vindo do Egito), muitos estão enfastiados do tempero e optam por carregar pacotes de bolacha ou algum tipo de bebida que sustente melhor, o que se encaixa na categoria "levam sanduíche". Outrossim, sem o pernoite, o gasto considerável com restaurante fica, de fato, descartado.

Perguntados se "Gostou da experiência?" nesses restaurantes visitados, responderam que "sim" (59%), "não" (26%), "não lembra" (3%), "mais ou menos" (11%). As justificativas foram: "Não gostei da comida palestina, muito cominho. Gostei da culinária dos judeus. A árabe é muito condimentada. Gostei do pão israelense"; "Palestinos: muito amorosos, me senti assim em casa apesar daquela coisa que colocam pra gente sobre a Palestina, eu me senti muito bem naquele lugar"; "Por conhecer a comida deles, para abrir minha mente, aspecto cultural, de ambos"; "A comida lá é boa, principalmente a palestina. Gosto mais da comida palestina do que a comida israelense. A comida israelense tem muito cominho". "Difícil comer algo com tempero igual durante doze dias", "Não gostei da comida", "A gente conheceu vários tipos de temperos, de comidas. Eu gostei".

Sobre informações gerais, dada a proximidade dos cristãos em relação a Israel, esperávamos melhor conhecimento da história do país. A pergunta múltipla escolha sobre "quando foi fundado o Estado de Israel" revela o seguinte: "1939" (7%), "1948" (59%), "1967" (11%), respondeu "não sei" (11%), respondeu "não lembro" (7%). Um entrevistado acrescentou "Eu sei que é 40 e alguma coisa... não lembro". A data correta

é 1948, acertado por 59% dos entrevistados. Por outro lado, há uma percepção realista ligeiramente majoritária quando o assunto é "os judeus que aí estão, em relação aos judeus da Bíblia, são". As respostas em múltipla escolha foram dadas nas seguintes proporções: "exatamente os mesmos" (7%), "descendentes deles" (15%), "o mesmo povo, mas em uma conjuntura completamente nova e diferente" (52%), "não têm nada a ver um com o outro" (15%), "inimigos da paz a região" (7%) e "não sabe" (3%). Um entrevistado acrescentou: "Como turista, deveria ser melhor recebido. Eles acham que nós somos loucos", referindo-se à crença de que Jesus é o Messias.

Deslocando para o lado oposto, a pergunta "Os palestinos que aí estão são" também revelaram uma percepção realista ligeiramente majoritária entre os entrevistados: "descendentes dos filisteus da Bíblia" (7%), com um acréscimo de "eu diria que eles são oriundos de Ismael", "uma mistura de etnias/povos árabes" (52%), com um comentário que "uma parte deles é descendentes dos filisteus, a turma de Gaza, mas não se pode falar isso dos demais, eles têm outras ascendências", "antigos moradores e trabalhadores legítimos na terra" (15%), "descendentes de judeus" (3%), "inimigos do povo de Deus" (11%) e responderam "não sabe" (11%).

Uma das perguntas sobre o conflito foi "O que os palestinos reivindicam é...", e o resultado foi bastante distribuído, revelando certo senso positivo em relação aos palestinos, especialmente na primeira opção: "a divisão justa da terra" (30%), "a expulsão de todos os judeus da região IP" (34%), "o retorno às fronteiras anteriores a 1967" (19%) e "Não tenho a menor ideia" (34%). Por outro lado, a pergunta 35, "O que sabe e qual a sua posição em relação à Guerra dos 50 dias em 2014?", responderam "Nada sabe" (93%) e "Não soube responder" (4%), com acréscimos dignos de nota: "Já não sabia que ela dura 50 dias", "isso me marcou" e "a morte dos cristãos" – quando a guerra foi entre palestinos e israelenses!

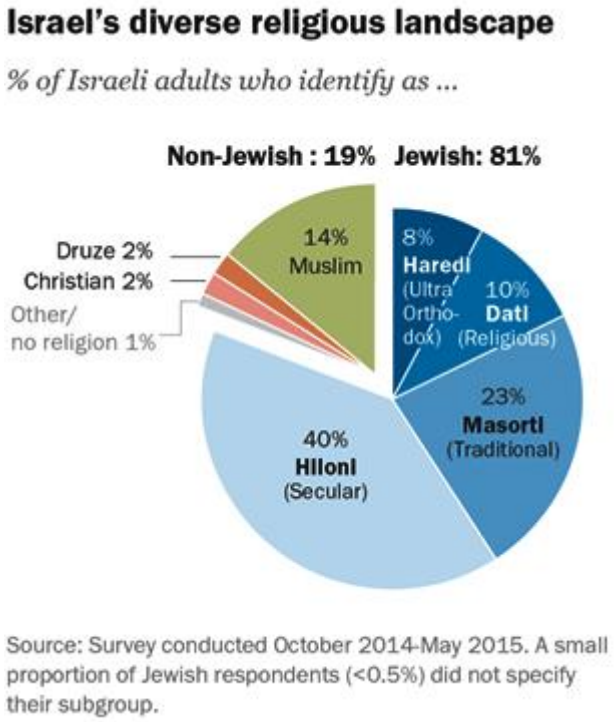
A entrevista também contemplou a opção religiosa das duas sociedades, ambas em múltipla escolha. "Qual a religião dos palestinos?" gerou as seguintes respostas: "muçulmanos na maioria" (63%), "radicais islâmicos na maioria" (11%), "cristãos e muçulmanos" (15%), "várias religiões são permitidas" (7%) e "não sabe" (4%). Do outro lado, "Qual a religião dos judeus?", "judaísmo na maioria" (78%), "judaísmo bíblico, messianismo" (11%) e "várias religiões são permitidas" (11%).

Tabela 5. Percepção do turista brasileiro em relação à religião local

Religião dos palestinos	"muçulmanos na maioria" (63%)	"radicais islâmicos na maioria" (11%)	"cristãos e muçulmanos" (15%)	"várias religiões são permitidas" (7%)	"não sabe" (4%)
Religião dos judeus	"judaísmo na maioria" (78%)	"judaísmo bíblico, messianismo" (11%)	"várias religiões são permitidas" (11%)	—	—

Se é possível uma comparação com os dados do PEW (2016), o campo religioso de Israel está dividido de seguinte diferente do que entendem os entrevistados:

Gráfico 1. Panorama da diversidade religiosa em Israel



Para a questão "Quais pontos turísticos bíblicos ficam nos territórios palestinos?", as respostas livres mostram o seguinte quadro: "Não sabe" (26%), "Monte da Tentação (próximo a Jericó)" (6%), "Belém" (44%), "Jericó" (18%), "Igreja da Natividade" (29%), "as antigas muralhas de Jericó", "O túmulo de Raquel está num ambiente judeu, mas em Belém, então eles muraram a parte", "Jope", "A parte de Zaqueu", "Mar da Galileia", "o

Túmulo de Jesus", "Tanque de Betesda" [que fica em Jerusalém], "Campo dos pastores" (19%), "O local do templo antigo", "O local do verdadeiro batismo de Jesus do lado da Jordânia", "Nazaré", "Betânia".

Sobre a experiência social, perguntamos "poderia lembrar coisas que surpreenderam você na sua experiência com os palestinos ou com o 'lado palestino' da viagem? (economia, comércio, religião, sociedade etc.)", as respostas (consolidados os pontos centrais) variaram, revelando percepções distintas:

"Surpreendeu a pobreza"; "O povo"; "a rixa que eles têm um com o outro"; "o paredão" [o Muro construído por Israel]; "achei eles meio estranhos [...] no sentido de um povo que nem são judeus. São contra os judeus, também não são muçulmanos"; "eles é (*sic*) como cigano assim [...] são muito agressivos na venda"; "eles não têm esse ódio todo de Israel" [isso dito pelo guia espiritual do grupo]; "arquitetura, bem acabada. Vida normal"; "A própria sociedade [...] fomos muito bem recebidos pelos palestinos"; "acho que é um povo muito sofrido [...] pela mídia a gente ouve que eles são péssimos, mas constatando lá dentro, a gente não teve medo de ficar [com eles]"; "Eu pude perceber que a gente é estimulado, não sei se há um cunho de verdade, pelos guias judeus, de que a compra, toda compra, toda compra que a gente faz, até sem querer, leva o que necessita, mas pra ajudar um pouco, é que precisa da ajuda de quem visita o território palestino"; "Eles estão completamente sitiados [isso] me deixou impressionado. Eles são muito agradáveis, mas você vê que eles vivem numa total pobreza, não têm anda. Vivem sitiados mesmo, numa condição terrível"; "A única impressão que eu tive é que eles querem vender a lojinha deles, a comida [...] O resto é [impressão] de pobreza. Eu tinha um estereótipo muito negativo [antes da viagem], fiquei sensibilizado". "A sociedade. Os palestinos, eles não têm muita educação. Belém é muita desorganização, cidade mais suja"; "Os palestinos parecem menos organizados do que o lado judaico"; "A harmonia entre os três ramos do cristianismo no cuidado da Igreja da Natividade"; "Eu gostei, porque eles atendem a gente bem e o que me surpreendeu foi que eu imaginava que era totalmente diferente, que eles eram um povo agressivo, né? Rude. Não é assim, eles não são assim. Eles são bem-educados. É claro que tem os prós e os contras, mas eles são... a maioria são muito educados e tratam a gente muito bem quando a gente vai pra lá. Eu gostei"; "Percebo que eles são muito unidos. Eu me senti assim um peixe fora d'água, não sei se pelas vestes, ou porque a gente fala alto"; "Achei muito, deve ser a economia

deles, muito bagunçados, sujo o lugar, desorganizado eu achei eles bem relaxados. Até os restaurantes eram muito sujos."

Em comparação, a mesma pergunta em relação do lado de Israel derivou as seguintes respostas (consolidados os pontos centrais):

"Judeus ortodoxos são muito sérios, passam ar de arrogância, ar de superioridade" [falando da consciência de serem povo eleito]; "comércio: a forma como eles recebem"; (o entrevistado destacou o cuidado com a segurança, pois não conseguiu tirar uma foto com uma policial); "a cultura"; "o patriotismo que eles tinham" (acrescentou serem mais alegres do que os palestinos; receberam muito bem; a sociedade bastante avançada, desenvolvida); "a forma como os judeus criam os seus filhos". Outro reclamou que o povo israelense não recepciona bem o turista, é meio ignorante: "Acho que poderia melhorar mais"; "sociedade muito ordeira, pessoal pacato, pessoal meio desconfiado, bom, amável"; "os jovens são militares, servem o país". Um entrevistado achou estranho "ver o pessoal armado no hotel: "Nós não temos esse costume aqui [no Brasil]: armado aqui é bandido"; "mulheres servindo ao Exército"; "Famílias fazendo *pic-nic*, a maneira de eles orarem, a leitura..."; "Experiência ruim quando chega a sexta-feira. Eu me sinto um lixo quando chega a sexta-feira [...] a gente fica meio tratado como alguma 'coisa' "; "Quando a gente estava com o povo judeu, o guia falava que a gente não pode olhar nos olhos deles. Mas quando a gente estava andando no meio do povo judeu, a gente percebia que isso não era verdade, porque a mulherada falava assim: 'nossa! Da onde eles tirou (*sic*) isso?', porque parecia que eles iam entrar dentro da gente. Não sei se a cultura é assim mesmo, mas a cultura deles é meio machista"; "Eu gosto de pensar na economia de Israel. O espírito nacionalista, eles acreditam no país deles"; "Em Jerusalém eu achei o comércio muito organizado"; "Senti o povo judeu mais receptivo, a cidade mais organizada". Admirou a economia: "Pelo tempo que existe o país, é um país muito avançado"; "Aquelas roupas fechadas. Percebi que se acham muito superiores. Se acham muito certos e tudo o mais. Eles percebiam que a gente era cristão então 'tipo' eles acham que Jesus é o messias, entendeu?"; "O que me surpreendeu é que eles são assim... muito cuidadoso com a religião deles, sabe? O jeito, o porte deles se portarem (*sic*), de eles falarem sabe? Eles tomam muito cuidado. Eu acho até que mais que a gente. Eles têm muito temor, aqueles que têm, né? Claro. Isso aí me surpreendeu, porque eu não pensei que era do jeito que era, sabe? Eu tinha outra ideia. Mas eu achei assim... eles respeitam dia, hora, 'tudo essas coisas'. Então isso daí é muito importante, principalmente pra Deus

é?”; “Religiosamente falando, eles são bem, é... pelo menos lá no Muro das Lamentações, os que estavam ali são bem reverentes. Com relação a religião deles. A cidade é muito organizada, muito limpinha. Talvez isso seja comum no exterior. Como foi o primeiro lugar que eu fui no exterior, então não sei comparar, mas em relação aqui ao Brasil isso eu pude ver. E a questão de segurança também, que eles são bem focados nisso, e é preciso também... a cidade é muito mista [religiosamente]. A gente pensa numa coisa, mas chega lá a gente vê totalmente diferente. Tem de tudo lá”; “Eles são um povo meio que assim isolados, não se relacionam muito. As vezes no hotel, eles passavam por você e não cumprimentavam, não eram pessoas simpáticas. A gente até brincava com alguma criança, mas não tinha assim uma reciprocidade, não tinha. Que eu posso dizer? Eles são neutros. E comércio, tem alguns lugares que a gente é taxado de gente que gosta de enganar, eu achei estranho.”.

Contemplamos perguntas com perfil mais específico sobre o conflito, se sabiam da “existência, no presente ou no passado, de algum grupo terrorista judeu”, e ouvimos “não” (100%), com uma adição de “acredito que deve ter existido, mas deve existir”. Para o lado palestino, “sim” (41%) e “não” (52%). Um entrevistado acrescentou dizendo ter lembrado o atentado nas Olimpíadas de Munique,[548] na Alemanha, mas não soube dizer o nome. Aos que responderam “sim”, ter se lembrado, foram indagados a dizer livremente “qual”: “Hamas” (19%), “Jihad palestino [Islâmica]” (4%) e Fatah (4%).

Por fim, perguntamos se o entrevistado “conhece o movimento BDS”[549]: “não” (100%), o que expõe a completa falta de envolvimento desses turistas em questões, digamos, primárias sobre o conflito, uma vez que o movimento BDS é internacional, mobilizando apoiadores para a causa palestina para que, por meio de boicote a produtos, empresas e serviços, principalmente se estiverem envolvidos na ocupação dos assentamentos em territórios reivindicados pelos palestinos, para que o faturamento dessas empresas israelenses sejam afetados e, com isso, a economia de Israel sofra danos, com a finalidade de inibir, basicamente, a ampliação dos assentamentos.

[548] Também citado como o “Massacre de Munique” ou “Tragédia de Munique”, tratou-se de um atentado terrorista contra a equipe olímpica de Israel, durante os Jogos Olímpicos de 1972. Naquele 5 de setembro, onze integrantes israelenses foram feitos reféns pelo grupo terrorista palestino denominado Setembro Negro.

[549] Ver n. 21 ou 1.3 Ambiente geográfico e cenário sócio-político.

6.6 O trabalho dos guias locais

Parte importante do trabalho turístico, seja turismo individual ou em grupo, é feito pelos guias locais. Cada grupo que sai do Brasil rumo à IP é acompanhado pelo pastor, líder carismático (também chamado líder espiritual da caravana), cuja imagem foi usada para atrair pessoas na formação do grupo. A operadora responsável pela venda e administração do pacote faz com que um *tour leader* acompanhe cada grupo. Quando há caravanas muito numerosas, como as que vão para a Festa dos Tabernáculos (com centenas de integrantes), o número de *tour leaders* e de guias locais e motoristas no país receptor aumenta proporcionalmente. A função do *tour leader* é facilitar o trânsito em aeroportos, apoiar os pastores líderes e os guias locais em questões burocráticas, de logística ou operacionais, dando dicas durante o *check in* em aeroportos e hotéis, restaurantes, conferir se o grupo não se dispersa na passagem de um ponto turístico para outro antes de avançarem etc. Os *tour leaders* não têm custos na viagem, nem de passagens, nem de hospedagem, alimentação, água etc. São, em geral, paparicados pelos donos de lojas e desfrutam de certas regalias nesses estabelecimentos e nos restaurantes, embora em, alguns casos, tenham de sentar-se à mesa separadamente do grupo – o que não significa que terão comida menos sofisticada, ao contrário, são tratados como cooperadores do comércio local.

Os guias locais, diferentemente dos *tour leaders*, têm um papel mais proeminente. Além de serem os olhos, boca e nariz dos turistas em terras estrangeiras, por outro lado, eles são os representantes do país receptor. São eles que dão as informações de primeira mão para turistas e em geral gozam de relativa credibilidade. As informações são de caráter histórico, geográfico, arqueológico, social, econômico, literário, curiosidades, lendas, entre outras. É evidente que os guias sabem o poder de influência que têm sobre a formação da opinião nos turistas com quem trabalham.

As entrevistas dão conta dessas nuanças. Dos diferentes grupos entrevistados, o grupo dos guias foi o que ofereceu maior resistência, particularmente o palestino, mas não menos que o israelense (imaginamos ser por questão de segurança de seus empregos/licença para trabalharem). Conseguimos as cinco entrevistas com esses últimos, mas com os primeiros apenas um guia concordou em responder aos nossos questionários (v. Anexos D e E). Mesmo assim, a maioria das respostas dadas pelos israelenses foram sempre muito monossilábicas, concisas. Apenas um deles, um senhor,

nos enriqueceu o conhecimento de sua função dando bons detalhes, que relataremos. No mais, a nossa experiência adquirida nas três viagens nos colocou em contato direto e constante com guias de ambos os lados, o que nos dá boa noção para mediar e avaliar as respostas dadas, quando necessário. Dos entrevistados, a média de tempo de experiência na profissão é de cinco anos, mas um deles já está nisso há vinte e dois anos e cobre geograficamente todo o país.

Israel sabe a importância dos guias e está bem organizado para fazer desse agente um representante de primeira linha em sua "marca", como diz o relatório mencionado (ISRAEL, 2017). Apenas para ter uma ideia da atenção dada a esses agentes, Israel lançou um curso para guias de turismo que trabalham no país com grupos de chineses,[550] considerando a alta demanda recente. O curso é requisito indispensável para se tornar um guia credenciado, e é exigente.

> Dura cerca de 2 anos e consiste em aulas ministradas em classe e viagens semanais nas quais se conhecem os lugares turísticos em Israel, geografia, história (da Terra Santa), religiões (judaísmo, cristianismo, islamismo, druidismo, bahai), geografia, arqueologia, geologia, fauna, flora, botânica, zoologia, povos que vivem em Israel, enfim, tudo que possa importar para os mais variados grupos de turistas. [resposta dada pelo guia entrevistado]

O conteúdo dos cursos, oferecidos por várias instituições no país, está distribuído e chega a durar oitenta dias, incluindo viagens, podendo chegar a oitenta e cinco dias. "Vinte anos atrás o curso se estudava nas tardes, três dias na semana [...] e um dia inteiro de passeio de estudos". Passados duas décadas, hoje "durante o curso, chega-se a fazer 80 viagens e a conhecer entre 400 e 500 sítios arqueológicos, museus etc. O Governo de Israel ajuda alguns guias com bolsas [incluindo guias que falam português], uma vez que o curso é muito caro". Um dos guias disse que esse custo é equivalente a R$ 25 mil, com duração de dois anos. O guia palestino que nos atendeu tem onze anos de experiência na profissão e trabalha em Belém, Jericó e Nablus. Ele nos informou que o Governo Palestino oferece treinamento de dois anos e exige ao menos uma língua além do árabe e diplomas que comprovem formação (sem especificar até que nível).

---

[550] Em 2018, um curso de primeira classe foi realizado para 40 guias de turismo da China que atuam como líderes de turnê para grupos turísticos chineses. O curso, que os familiarizou com os sites turísticos e a história de Israel, foi projetado para ajudar os guias turísticos israelenses de língua inglesa com tradução e explicações para os grupos chineses. O curso foi concebido para lidar com a crescente escassez de guias turísticos de língua chinesa em Israel, devido ao crescimento do turismo na China. (ISRAEL, 2017)

Os guias israelenses apreciam o turista brasileiro evangélico, porque este "tem mais tendência ao estudo das raízes e fontes da história". "Com relação ao conflito Israelo-palestino", como informou um dos guias entrevistados, "eu noto que o público evangélico é muito fiel a Israel, apoia muito Israel, de uma forma quase total". Outro disse que "os evangélicos apoiam Israel no conflito e expressam enfaticamente seu amor pelo povo de Israel. O motivo é a forma de ver a realidade relacionada às profecias bíblicas e os ensinos das igrejas a [esse] respeito". Um terceiro guia confirmou essas percepções. "Os grupos católicos são mais indiferentes em relação ao conflito", acrescentou. "Os católicos em geral têm maior conhecimento a respeito da religião judaica e [sabem] que não acreditamos em Jesus como Messias, e não tentam, como os evangélicos, nos convencer a nos converter". Outro guia disse que "a história do povo judeu é complexa. Geralmente o povo evangélico tem um conhecimento sobre a história, sobre a Bíblia, no caso muito conhecimento", no que foi endossado por outro guia. "Em muitos casos, a maioria das vezes tem um *desconhecimento* sobre a realidade de hoje em dia, especialmente com relação com os países vizinhos, povos vizinhos" (ênfase acrescentada por nós).

Sem que fizéssemos qualquer menção, uma crítica do rev. Caio Fabio ao nível da maioria dos pastores brasileiros foi repetida por um dos guias, o mais falante, como segue:

> Tem algum líder do grupo, pastor que... eles pretendem ser a estrela do grupo. Isso acontece muito. Então você dá um passo para trás e deixa ele falar, porque, bom... eu, como guia, não preciso ser a estrela do grupo. Se ele quiser a estrela, deixa, e você deixa ele falar. Então, se ele falar coisa que têm muitos erros, especialmente datas históricas, processos históricos, de reis, que são bastante complicados, misturam uma coisa com a outra, você deixa. Não é sua função corrigir ou falar pro pastor. Mas acontece isso só em algumas ocasiões. [resposta dada pelo entrevistado]

Note a tentativa de amenizar a situação no final, quando, depois de ter dito que "isso acontece muito", conclui com um "mas acontece isso só em algumas ocasiões".

Questionamos todos eles sobre se o Governo de seus países interfere com o trabalho dos guias, tanto para ajudar como para dificultar o trabalho. Quase todos foram taxativos em dizer que o Governo de seus países não interfere no trabalho dos guias. Apenas destaque para dois comentários. Um de que a credencial de um guia, emitida pelo Governo (de Israel), é renovável anualmente e é exigido que o guia faça pelo menos um curso de atualização e aperfeiçoamento para manter o nível de informação satisfatoriamente. Sabemos, por experiência própria devido às viagens que participamos,

que os guias israelenses não podem cruzar os *check points* para o lado palestino, sob pena de perderam suas credenciais. Para intimidarem, é alegado ser uma questão de segurança. O outro comentário é que "a sensação dos guias é que o Governo não ajuda. Há muitos guias ilegais e padres que guiam e não há suficiente controle. Em geral o Governo e os empresários investem muito pouco em turismo e Israel está sem infraestrutura satisfatória".

O guia palestino, que também não considera haver qualquer tipo de interferência do Governo na sua atividade, reconhece a ajuda na divulgação do turismo, inclusive seu Governo participa de feiras internacionais, como a *World Travel Market Latin America* (com edição em São Paulo em 2019) e ABAV Expo Internacional de Turismo 2018 (com edição em São Paulo em 2018).

Questionamos se os cristãos brasileiros tinham informações corretas sobre o seu povo ou se ficavam surpresos quando conheciam um judeu ou palestino pela primeira vez. Um disse que "muitos [brasileiros] não sabem que nós judeus não acreditamos em Jesus como Messias e ficam surpresos". Outro guia israelense destacou que muitos brasileiros não sabem distinguir entre judeu e israelense. "Acham que judeu é quem nasceu em Israel ou teve algum ancestral nascido no país. Há muita falta de informação quanto a isso. Muitos não sabem que existem árabes muçulmanos e cristãos e pessoas de outras religiões que são israelenses." O guia palestino disse perceber os brasileiros divididos sobre a realidade sócio-política dos palestinos, mas que a alegria e o bom acolhimento dos brasileiros torna amistosa a relação, inclusive em nível diplomático. Ele ressaltou o medo que os brasileiros sentem em relação aos territórios palestinos e destacou a falta ou a má informação a esse respeito, de onde vemos predominar estereótipos. A reclamação também procede do lado israelense: "já ouvi comentários negativos e informações distorcidas feitas por turistas. Normalmente a mídia apresenta informação distorcida. As vezes a escola apresenta. Por exemplo, tem escolas, livros e sites que ensinam que a capital de Israel é Tel Aviv, quando na verdade é Jerusalém". Outro reclamou do estereótipo do judeu que é sempre rico e acrescentou que há judeus pobres em todo o mundo, lá inclusive. Também ouvimos sobre o que chamou de "argumentos anti judaicos clássicos, ensinados antigamente pela Igreja católica como o [que diz que o] Holocausto é o castigo de Deus aos judeus por não reconhecerem a Jesus Cristo" ou, como no caso anterior, "que os judeus dominam a economia ou o mundo".

Na parte final das entrevistas com guias, fizemos duas perguntas de caráter político. O lado palestino se furtou a responder a ambas as perguntas. Primeiro, perguntamos aos israelenses se acreditavam ou se tinham informações de que a Palestina tentava distorcer as informações sobre Israel para turistas brasileiros. Um respondeu: "Vemos que a Autoridade Palestina tenta distorcer as informações de maneira geral. Não sei dizer se há alguma política pública específica para distorcer as informações para turistas brasileiros, mas acredito que não". Outro disse que a Palestina, como Estado, não deve interferir, mas comentou saber de

> [...] algumas situações, especialmente em Belém, onde você pega um guia local, normalmente um guia cristão, ele tenta mostrar também um pouco o lado político do conflito, que não tem nenhum problema. Mas acho que deve chegar à certo limite onde o conflito não passa a ser a principal informação, porque o turista foi procurar a informação cristã, o local do nascimento de Jesus etc. [resposta do entrevistado]

O entrevistado considera que essas informações "não ajudam em nada o turista, porque a maioria dos turistas não tem todas as informações, todo o panorama para julgar que é assim ou não é assim.". Outro mais exaltado sentenciou:

> A Palestina não existe como Estado, então vou falar dos Palestinos e seus simpatizantes. Existe uma guerra de opinião pública e como na guerra prática eles não podem ganhar, os palestinos fazem tudo para deslegitimar o Estado de Israel e desinformar. É a política deles sempre, parte da narrativa histórica deles que rejeita a existência de Israel e os direitos históricos do povo judeu nesta terra. [resposta do entrevistado]

Por fim, perguntamos aos guias israelenses como viam o interesse do Governo de Israel em que os brasileiros visitassem e conhecessem melhor a situação na Cisjordânia. Um disse achar indiferente a posição do Governo de Israel "quanto a lugares administrados pela Autoridade Palestina, mas que incentiva e tem interesse que os turistas visitem lugares administrados por Israel dentro do que *você chama* de Cisjordania,[551] como por exemplo Shilo" (ênfase acrescentada por nós). Um foi enfático ao dizer que "O Governo de Israel não tem interesse especial que os brasileiros ou turistas em geral visitem a Cisjordânia", o que se alinha ao documentário de Speakman (2010; nossa resenha em PAGANELLI, 2014). Outro guia enfatizou que "a Autoridade Nacional

[551] Note o "você chama Cisjordânia". Essa é uma ressalva típica quando se quer reforçar a narrativa do lado de Israel para não reconhecer a legitimidade dos territórios onde palestinos estão, especialmente a Cisjordânia, que esse grupo ideológico reclama como sendo Judeia e Samaria.

Palestina tem, claramente, uma agenda política contra Israel. Exemplo: pressão junto a UNESCO para apagar os laços históricos judaicos em Jerusalém"; na verdade, entre ambos os povos há grupos mais acirrados que trabalham no desfazimento da memória do outro lado. Um terceiro se negou a responder, alegando que a questão "envolve vários aspectos políticos e geopolíticos" e pediu para manter a sua identidade em sigilo (o que reforça, pelo lado israelense, a percepção negativa já demonstrada pelos guias palestinos para não nos atenderem nas entrevistas por receio de algum prejuízo em seus empregos/atividades). Mas o guia israelense mais falante deu uma resposta bem incisiva:

> Não acho que o Governo de Israel se interesse especialmente que o turista conheça a realidade da Cisjordânia. Nós estamos vivendo nesses últimos anos, obviamente dois anos que está esse governo que inclui o partido da direita e partidos religiosos da direita, que eles estão tentando de algum jeito mudar a realidade que se vive até agora na Cisjordânia e mudá-la em outra direção. Se o turista conhecesse mais a fundo o que está acontecendo, acho que ele seria muito mais crítico dessas políticas do Governo, que elas não são muito bem vistas fora de Israel.

Essa é a percepção particular desse guia e não reflete a opinião plena da sociedade (que varia em função de conjunturas, ideologias e jogos políticos), nem mesmo a opinião de outros guias entrevistados.

Agora veremos o outro lado, i.é., a percepção que os turistas brasileiros tiveram dos guias israelenses e palestinos durante as viagens que realizaram. Do questionário com 58 perguntas, dez eram objetivamente sobre o trabalho dos guias locais. A primeira pergunta introduzia o entrevistado no cenário e questionava o conhecimento sobre se havia tensão entre IP na ocasião da viagem. Responderam "sim" (70%), "não" (19%), "não sei" (4%) e "não lembro" (7%). Se sabiam da existência de conflitos entre IP quando viajaram, "sim" (70%), "não" (7%). As justificativas livres, consolidadas pelas mais expressivas, foram: "Os guias influenciam [negativamente] a gente em relação aos palestinos". "O que eu sei é que mais de 2 mil pessoas morreram, o 'Hamá' foi o inimigo direto contra Israel. O Egito também participou, mas depois de um tempo teve um cessar fogo por conta do Egito. Se Israel não tivesse o poder militar que tivesse hoje estaria totalmente destruído. Mandaram mais de 2 mil mísseis para Israel e se eles não tivessem a aparelhagem que têm hoje, de ataque e defesa, estariam completamente [ex]terminado (*sic*)".

Falando objetivamente sobre os guias, perguntamos se consideraram que o que o(s) guia(s) disseram durante o seu trabalho foi relevante, considerando primeiramente o guia

palestino, e as respostas foram: “sim” (55%), “muitas coisas sim, algumas não” (26%), “algumas coisas sim, muitas não” (7%), “nada a responder” (7%) e “considerou pouco tempo para avaliar” (3%). Perguntamos, numa escala de 0 a 10, que nota daria para o trabalho do guia palestino, e as notas dadas foram: “10” (19%), “7” (26%), “8” (33%), “9” (7%). “6” (11%) ou simplesmente “foi positivo” (4%).

Então perguntamos, considerando uma escala de 0 a 10, que nota daria para o quesito “verdade” daquilo que ouviu do guia palestino, as notas foram: “5” (7%), “6” (4%), “7” (22%), “8” (33%) “9” (3%) e “10” (11%). Quisemos saber das coisas que ouviu e/ou viu do guia palestino, o que mais chamou a sua atenção positiva e/ou negativamente, e o resultado consolidado das respostas livres é:

“A forma como eles recebem os turistas”; “O guia palestino foi bem sincero, mas ele puxou a sardinha para o lado dele no que tange a forma de apresentar a cidade, o roteiro que nós íamos fazer”; “Ele puxa para o lado palestino na ideia de que ‘o que você viu antes talvez não fosse verdade’”; “Ele frisava que a história era da forma como eles colocavam”; “Eu acho que eles sabem o que é falado e o que é apresentado do lado judeu”. Outro disse que o guia palestino procurou, por exemplo, valorizar a Igreja da Natividade mais do que as que estão em Israel “porque foi lá onde o menino Jesus nasceu”.

Outras respostas incluíram: “Tudo me chamou atenção”; disse que foi fazer compras e “eles iam puxando e eu fiquei agoniada”; o guia israelense disse “para tomar muito cuidado”; o guia palestino “achei ele muito mal-educado [...] falava mal dos brasileiros”; “eu chorei, chorei, chorei, não comprei mais nada”. Entrevistado disse que não se lembrava do guia porque “foi muito rápido”; “Zelo pela sua terra, tradições”; “Positivo: ele carregou a bandeira brasileira”; “eles são, em relação aos judeus, eles são bem mais carentes, têm mais necessidades. Em outras palavras: eles são pobres. Tem uma discrepância”; “Uma das coisas que a gente escuta muito bem é que eles são tidos como violentos, e há uma injustiça de que eles sejam impedidos de entrar numa terra que pertence a eles, principalmente no Templo, na área do templo, eles não têm toda a liberdade de ir e vir, e hoje eles são vigiados 24 horas, inclusive há uma parede, o muro, assim, separando o território. Que a causa é que eles são extremamente violentos e não têm qualquer respeito pelo povo de Deus no lugar sagrado [...] isso é o que se mostra, mas a impressão que eu tenho é que na verdade eles têm feito por merecer isso. No dia a dia a gente percebe que sempre que tiveram a oportunidade de estarem no território judeu com

mais liberdade, eles sempre surpreenderam causando atrocidades. É o que nós temos visto"; "Ele sabia bastante Bíblia, isso chamou a minha atenção.".

Continuando, "Positivo foi o primeiro dia que ela trouxe bastante informação geográfica, cultural. Mas quando ela tomou conhecimento do nosso roteiro, aí ficou meio conflituosa a relação". Comentando sobre a orientação dada pelo guia israelense, disse: "Negativamente a questão mesmo de tomar cuidado com os palestinos, porque eles gostam de extorquir, né? Pra agente tomar cuidado até mesmo com relação a pegar dinheiro e se for assim uma quantia elevada, tomar cuidado. Eles pagam da mão da gente mesmo e saem. Então é como se fosse um roubo." Outro disse: "Esse guia tinha muito cuidado pra gente entender [bem o que era dito]. Profissionalismo". "É, eu acho que negativamente, porque eles falam uma coisa, quando chegam lá eles mudam. Eles falam assim: 'Olha, a gente vai visitar lá em Jericó, a árvore de Zaqueu subiu'. Quando chega lá em Jericó [eles dizem]: 'Olha, era igual a essa, ou parece ou é parente'. Ficava umas coisas assim muito vagas...".

Concentrando-nos sobre o lado do guia israelense, as mesmas perguntas foram repetidas. Considera que o que o(s) guia(s) israelense disse durante o seu trabalho foi relevante? "sim" (81%), "não" (3%), "muitas coisas sim, algumas não" (11%). Um entrevistado acrescentou: "reparei que o guia judeu sempre tentava criticar as circunstâncias palestinas defendendo o lado dele, e os guias palestinos, quando a gente esteve do lado deles, eles citaram coisas deles, eles defendiam o lado deles, mas sem entrar em conflito com o outro lado". E outro disse: "Tendencioso, suas fontes e informações são questionáveis. Nos tempos de Jesus não se chamava a terra de Israel, só depois de 1948".

A segunda pergunta, numa escala de 0 a 10, que nota daria para o trabalho do guia israelense, as notas foram: "10" (22%), "9" (19%), "8" (41%), "7" (15%), "6" (3%). Numa escala de 0 a 10, que nota daria para o quesito "verdade" daquilo que ouviu do guia israelense? Nota "5" (7%), "6" (7%), "7" (22%), "8" (26%), "9" (19%) e "10" (15%).

Tabela 6. Avaliação do trabalho dos guias locais

Notas	5	6	7	8	9	10
Trabalho do guia palestino	—	11%	26%	33%	7%	19%

Quesito "verdade" guia palestino	7%	4%	22%	33%	3%	11%
Trabalho do guia israelense	—	3%	15%	41%	19%	22%
Quesito "verdade" guia israelense	7%	7%	22%	26%	19%	15%

Por fim, perguntamos das coisas que ouviu e/ou viu do guia israelense, o que mais chamou a sua atenção positiva e/ou negativamente, e 12% disse não lembrar. Um entrevistado teve lembrança positiva: "ele era um judeu convertido com muitas informações". Na verdade, o guia ao qual esse entrevistado se refere é precisamente o guia entrevistado por nós, que disse que os católicos não insistem, assim como os evangélicos, para que eles, judeus, se convertam. Provavelmente ele se fez parecer evangélico para evitar incômodo.

Os entrevistados livremente acrescentaram os seguintes comentários: "[o guia] Lembrou a história de Oswaldo Aranha, isso representou a gratidão que eles tinham com o Brasil". Estando no mar da Galileia, "tocaram o hino nacional e hastearam a bandeia do Brasil junto" (sabemos ser isto uma rotina com todos os países que visitam o local, hasteamento da bandeira e tocar o hino nacional); "mostrou muito conhecimento histórico, passava verdade. Apesar de como ele era judeu, ele era muito tendencioso sobre a negatividade do cristianismo". Outro considerou negativamente a forma áspera como se conduzia com o próprio público. O guia "falou da existência de uma Igreja Presbiteriana"; "firmeza do que falava"; "Sabe muito de história"; "parte histórica e arqueológica"; "O amor pela terra"; "Teve um determinado momento que ele, falando da política do país, ele colocou que algumas coisas ele também não concordava, mesmo ele sendo um israelense. Como nós aqui, estando no nosso Brasil, não concordamos com muitas coisas que o nosso Governo nos impõe. Eu achei muito importante, porque na colocação dele, o que ele fez, eram algumas coisas que a gente também pensava e ele só veio concluir aquilo [...] foi muito interessante essa conversa, ele abrindo o coração dele e a gente entendendo algumas coisas"; "Achei Jerusalém um pouco caída. Se comparar

com o que a gente tem em São Paulo, seria no máximo, no máximo Osasco, Praia Grande sem praia".

Outro entrevistado destacou a riqueza de detalhes e associação que o guia fez entre sítios arqueológicos com os textos bíblicos. Mas também houve reclamações: "Ela não tinha muita paciência em explicar. A gente tinha muita vontade de ouvir e ela não tinha muita vontade". "A tradição deles, como eles vivem. Como eles estudam, o tempo antes de eles irem pra faculdade eles vão para o Exército...".

6.7 Informações adicionais e entrevistas finais

Para completar o quadro das entrevistas com turistas, consolidamos as perguntas e respostas que não se enquadraram completamente até aqui e as últimas entrevistas previstas com o grupo de dez turistas que embarcaram em 2017.

Perguntamos aos entrevistados que locais tinham mais interesse e a possibilidade de respostas era livre; obtivemos as seguintes: "Túmulo de Jesus" (29%), "Cenáculo" (20%), "Jerusalém antiga" (20%), "Muro das Lamentações" (12%), "Mar Morto" (12%), apenas "Jerusalém" (12%), "Igreja da Natividade" (12%), "Local do Êxodo" (12%, embora fique no Egito), "Egito e Monte Sinai" (12%), "Mar da Galileia" (12%), "Getsêmane" (12%). Outros lugares lembrados foram: "Museu do Holocausto", "Local onde Jesus nasceu", "Conhecer Israel, porque desde a minha adolescência [...] quando me converti [...] comecei a sonhar com Israel", "Do Eilat ao sul de Israel e termina no Morte Hermon, no norte de Israel", "ver Jerusalém de uma outra forma, a cultura deles [...] eu comprei até um mapa", "Belém, pra ver os lugares sitiados", "Israel é interessante, sempre quando a gente está lá aprende alguma coisa", "Em Jerusalém, mesmo tendo passado por um episódio de ataque, ainda assim eu me senti segura lá. Uma cidade, aparentemente, sem preconceito algum, não tive nenhum problema de andar por lá, e me senti segura, então eu gostei muito de lá", "Num todo, Jerusalém", "Jerusalém, porque é uma cidade que traz, assim, eu queria conhecer pra ver os lugares que houve os milagres, que Jesus passou, aquela parte de lá."

Perguntados onde sentiu-se mais à vontade, ouvimos: "Jerusalém" (18%), "Muro das Lamentações" (18%), "Rio Jordão" (12%), "Todos os lugares" (12%), "No Túmulo vazio" (12%), "Cafarnaum", "Mar da Galileia", "Igreja próxima ao Tanque de Betesda", "Tanque de Betesda", "Getsêmane", "Monte das Oliveiras, local da multiplicação dos

pães e os peixes", "Betsaida, Belém", "Eu tenho uma observação muito importante: Eu tinha muito receio de conhecer Belém. E confesso que eu fui mais bem recebido em Belém do que em Jerusalém". "Cenáculo", "Jerusalém, a cidade antiga... cidade alegre", "Via sacra [Dolorosa], "Sepulcro", "em Jericó", "Todos os lugares", "Túmulo".

Sobre o interesse pessoal na região, perguntamos como o entrevistado mantinha-se informado: "por meio de amigos" (4%), "por meio da mídia (web, TV) (48%), "ouvia comentários na igreja" (4%), "não tinha informação" (7%), "não me preocupava com isso" (1%). E com que frequência se informava: "Esporadicamente" (19%) e menos de 10% "Diariamente" (muitos deram de ombros sobre a pergunta).

Procurando estabelecer um paralelo com os critérios usados nas análises de narrativas dos itinerários pesquisados na parte inicial da pesquisa, perguntamos sobre o que trouxeram da viagem, ou seja, além de presentes para pessoas do convívio, que objetos trouxeram para recordação pessoal ou memória. Segundo Meneses, "o estudo do corpo e da cerimônia como traços mnemônicos, por exemplo, [...] o estudo dos objetos [...] sobre cultura material, tem significativamente desprezado a problemática da memória [...] para a configuração da identidade, eventualmente mediada pelos objetos" (MENESES, 1992, p. 18). Vimos como na Idade Média as igrejas na Europa reproduziam os aspectos arquitetônicos das igrejas na Palestina, como também as relíquias eram adotadas como memória religiosa e afetiva e auxiliavam na formação da crença e das narrativas.

As respostas dadas variaram. Primeiramente, dos judeus os turistas trouxeram "enfeites" ("camelinhos"), "roupas" (12%), "lembrancinhas", "bandeira de Israel", "aliança em ouro escrita com caracteres hebraicos" (12%), "mapa de Israel" (12%), "lenço para cobrir os ombros", "quipá" (12%), "fotos", "bolsas", "*menorah*" (12%), "um rolo, pedra com as Tábuas da Lei, arca da aliança, "escultura de cacho de uva carregado em Escol", "*mezuzah*", "foto panorâmica da Esplanada das Mesquitas", "*souvenires*". "Um exemplar da Bíblia de Jerusalém com capa de madeira de oliveira, bonés, chaveiros, cálice, sais do Mar Morto, cremes, candelabro, roupas, par de brincos, camiseta, xícaras, taça de alabastro, tâmara, vaso, mapas".

Do lado palestino, além de presentes para pessoas do convívio, os objetos trazidos para recordação pessoal foram: "Lenços", "porta-copos", "tapetinhos", "miniaturas", "cálices de Santa Ceia de madeira de acácia", "pulseiras", "echarpes", "sapatos", "blusa", "imã de geladeira".

Fazemos aqui três observações que essas duas relações de objetos materiais demonstram. Primeiro, eles expõem o fato de que a afeição maior dos turistas se dá com os aspectos étnicos que sejam comprovadamente judaicos, seja da cultura (ex. “quipá”, “bandeira de Israel”), seja da tradição bíblica/religiosa (“um rolo, pedra com as Tábuas da Lei, arca da aliança”, “escultura de cacho de uva carregado em Escol”). Mesmo assim, a porcentagem de pessoas que trouxeram esses objetos é baixa. Segundo, como se pode notar, os objetos de uso pessoal pouco ou nada têm a ver com a devoção religiosa. São peças para uso cotidiano, tanto do lado de Israel quanto do lado da Palestina: “enfeites” (“camelinhos”), “roupas”, “fotos”, “bolsas”, “bonés”, “chaveiros”, “porta-copos”, “tapetinhos”, “miniaturas”, “pulseiras”, “blusa”, “imã de geladeira”.

A terceira observação é de caráter econômico. Embora 96% dos entrevistados tenha declarado pertencer a “classe média” e apenas 4% declarado pertencer a “classe baixa”, essa faixa da classe média não consome como um turista em situação confortável, não enche malas com produtos importados, como os que vão à Nova Iorque. Aliás, a maioria do que foi declarado ter sido comprado em IP pode ser encontrado em lojas no Brasil. Na cidade de Belém pode-se comprar joias em ouro 14 quilates com preço atraente e sem pagar taxas (o que já é avisado pelas operadoras de turismo ainda no Brasil), e mesmo assim não consta esse item das declarações dadas. A única menção a joias foi uma aliança de ouro com “caracteres hebraicos”, que foi comprada em Israel. O mesmo ocorre do lado de Israel. Ao sair da cidade de Tiberias, o trajeto do ônibus passa, obrigatoriamente, por uma loja que vende diamantes, a *Caprice Diamonds & Jewelry*. Em nenhuma das três viagens vi algum turista fazer qualquer aquisição e na declaração das entrevistas sequer foi mencionada.

A loja que mais vende objetos é a *Yardenit* (*The baptismal site on the Jordan River*), que fica anexa a um ponto do rio Jordão onde os grupos celebram o batismo, à semelhança do que teria feito Jesus, segundo os Evangelhos. Trata-se de uma loja com produtos que vão de chaveirinhos a peças em ouro e prata de valor expressivo. Mas em nossas viagens, observamos as pessoas olhando sem nada levar ou, quando muito, levar lembranças de peças a preços baixos, como de fato foi relatado: “chaveiros”, “porta-copos”, “tapetinhos”, “miniaturas”, “pulseiras”, “imã de geladeira”.

As duas perguntas dessas primeiras entrevistas foram sobre amenidades. A primeira foi: “Sabendo que há locais bíblicos em Israel e na Palestina, onde você moraria se tivesse oportunidade?”, ao que responderam: “em Israel” (70%) (dois mencionaram Tel Aviv) e

"não moraria entre nenhum dos dois povos" (30%). A segunda pergunta, "Num hipotético acordo de paz, que resultado você gostaria de ver", 100% das respostas foi "ambos os povos em paz",[552] mesmo com os evangélicos brasileiros sendo, como foi demonstrado, amplamente favoráveis a Israel e às suas questões.

Finalmente, as entrevistas com os dez turistas selecionados em 2017, entrevistados antes e depois da viagem, e um ano após aquela experiência. A sondagem com os turistas um ano após a viagem serviria para saber se a presença na região os moveria, de alguma maneira, a um engajamento em favor de um ou de outro povo, i.é., qual o papel político efetivo, palpável e prático que o conhecimento da situação *in loco* pode provocar nos evangélicos brasileiros que vão até esses dois destinos. Fizemos perguntas em quatro direções sensíveis à nossa proposta (vide ANEXO H, p. 393), começando por saber se houve alguma mudança significativa na vida pessoal do turista, como casamento ou divórcio, desaparecimento de entes queridos, novas direções religiosas, mudança para outra igreja, perda de fé ou outra ocorrência e 100% deles relatou não ter havido nada relevante em suas vidas e rotinas.

A segunda pergunta foi dividida em tópicos sobre atualidades, sobre o cotidiano sócio-político em Israel, e visava saber se o entrevistado passou a acompanhar o noticiário de Israel e da Palestina. O primeiro ponto era sobre a mudança que os Estados Unidos fizeram da Embaixada norte-americana de Tel Aviv para Jerusalém. As respostas são reveladoras de que os turistas entrevistados não passam a acompanhar atentamente a movimentação política nem mesmo de um fato que provocou ondas de debates, discussões e até protestos como a mudança da embaixada. A transcrição das respostas traz as seguintes declarações: "Não há necessidade, só vai criar mais conflitos entre os judeus e palestinos"; "A declaração de considerar Jerusalém como capital e mudar a embaixada só provoca mais discórdia e tensão entre dois povos"; "Quanto ao Trump ter mudado a embaixada, somente questões políticas, não alterando em nada as questões religiosas. Acredito que para Israel será bom no aspecto segurança; qualquer atentado na Capital certamente EUA irá investigar também"; "Não estou muito a par desses assuntos, mas o pouco que entendi é que o Presidente Trump quer paz entre os dois povos. Mas essa decisão está, na verdade, ascendendo a chama da guerra, infelizmente. A mudança da Embaixada de Tel Aviv para Jerusalém apoia o que os EUA querem e Israel também,

[552] As outras opções dadas eram: "só Israel na terra", "só os palestinos na terra" ou "indiferente".

de Jerusalém ser a capital de Israel"; "Ouvi falar algumas coisas, contudo, não acompanhei muito; sei apenas que a embaixada mudou para Jerusalém e esta foi reconhecida como capital"; "Não sei responder ainda pois realmente não tenho estado muito atenta as notícias"; "Considero a decisão do Trump inteligente"; "Não me envolvo com esse negócio de política, costumo não me apegar" e "aparentemente é um ato apenas provocativo, no entanto o Congresso dos EUA, aprovou em 1995 lei que previa o reconhecimento de Jerusalém como capital de Israel e a consequente mudança da embaixada, ação postergada por presidentes anteriores. Portanto entendo o ato como legal, mas poderia ter sido realizado de forma paulatina diante da complexidade da causa, evitando assim alimentar mais revoltas e conflitos violentos".

A segunda pergunta procurou aprofundar um pouco mais, pois se tratou de uma questão mais velada do grande público, que foi a votação da Lei da Nacionalidade na *Knesset*. As respostas, agora mais abreviadas, variam entre as seguintes: "Deva trazer conflitos, gerar mais desunião do que já existe. A desigualdade crescerá ainda mais. Os povos que vivem nesta terra devem fazer o máximo possível para entrar em acordo, cada um com a sua fé"; "A nova lei diminui a possibilidade de harmonia entre a convivência dos povos que vivem no Estado e tenta colocar os judeus num patamar acima"; "Esta lei fortalece os judeus como povo de Israel"; "Novas leis sobre nacionalidade de Israel, melhor seria um plebiscito"; "Acredito que seja boa a nova lei da nacionalidade, porque eles são a minoria no seu próprio país e, assim, seriam reconhecidos como proprietários legítimos, como judeus, sendo que a maioria da população é muçulmana"; "Não sei sobre isso"; "Não sei nada disso" e "A mera imposição não é suficiente para resolver o conflito. [...] uma mediação de interesses, evitando combates sociais e civis".

A última parte da pergunta se moveu para o nosso cenário interno, procurando verificar a atenção dada a parlamentares brasileiros que se mostraram apoiadores de Israel ou da Palestina. No caso, mencionamos o então candidato a Presidência da República, Jair Messias Bolsonaro, que é abertamente favorável ao estreitamento dos laços entre Brasil e Israel, tendo, ele mesmo, ido ao país e sido batizado no rito cristão no rio Jordão. Perguntamos qual a opinião dos entrevistados sobre as declarações do candidato Bolsonaro sobre Israel, e obtivemos respostas igualmente evasivas: "Conforme respondido na questão anterior, não há porque o Brasil se interferir em questões de um povo que já vive em conflito"; "Quanto às declarações do Bolsonaro, vejo também companheiros políticos. Se quiser mudar a embaixada brasileira para Jerusalém, não viria

nada de mudanças ao povo brasileiro"; "As declarações do candidato Bolsonaro eu sou a favor. Temos muito o que aprender com eles e ele apoia os EUA nas decisões e propostas de paz com os palestinos"; "Não ouvi falar nada, mas vou pesquisar; fiquei curiosa"; "Também não sei sobre isso"; "Esse homem [Bolsonaro] é um farsante, ele usa uma máscara. Ele é um farsante, comunista, anticristo" e "Fundamentou com palavras seus interesses em defender a democracia e se posicionar contra qualquer ditadura ou terrorismo. No entanto, valeu-se do conhecimento superficial que o conflito Israel-Palestina envolve apenas uma disputa entre quem tem direito de fato e terroristas que querem retirar a força".

A terceira pergunta tentou identificar algum outro modo ou meio pelo qual o turista entrevistado pudesse acompanhar as recentes ocorrências entre israelenses e palestinos, e não foi surpresa constatar que nada mudou a respeito de um envolvimento ou melhor atenção às questões que movimentam a agenda de Israel ou da Palestina. A consolidação das respostas traz o seguinte quadro: "Acompanhei muito pouco, mas a minha opinião permanece a mesma de viverem sem conflitos"; "Somente tenho acompanhado o que sai na mídia. Minha opinião permanece a mesma"; "Acabei me interessando mais sim, porém, somente quando há comentários na mídia, sem obsessão para informação. Acho que são países que poderiam se ajudar e [se] tornassem uma potência, mas por questões pequenas não [o] fazem. A única opinião nova [é] que Israel é mais subdesenvolvido que imaginara"; "Sim, com certeza. Não a fundo, mas sempre que tem alguma notícia sobre Israel, procuro prestar mais atenção e me inteirar do assunto. Não formei nenhuma opinião sobre essa questão, mas sou a favor da paz entre os dois países. Fiquei triste de presenciar esse conflito"; "A visão mudou, pois comecei a observar mais. São dois países importantes em relação a História da Bíblia, contudo, sofrem demais pela posse de Jerusalém, que é de Israel. Contudo, os palestinos lutam por este território, briga entre judeus e muçulmanos. Posso afirmar que é política, territorial e religiosa, principalmente para nós cristãos. Não costumo acompanhar muito os noticiários, mas sempre que ouço ou vejo algo sobre Israel, presto mais atenção"; "Não acompanhei notícias sobre a região"; "Não acompanhei. Lá foi muito terrível, eu sofri muito lá [houve tensão em função de ataques com facas durante a viagem]" e "Sim. Despertou interesse em conhecer melhor a origem e desdobramentos de uma história de grande relevância para a humanidade. Não formei opinião nova, continuo a favor de Israel."

Finalizando a última rodada de entrevistas, perguntamos diretamente sobre o papel do turista num possível engajamento ou militância em favor de algum país ou Governo (Você considera que ter estado naqueles países contribuiu para que você se engajasse mais na questão do conflito?), e então pudemos apurar com segurança que, entre o grupo que acompanhamos no último ano, a viagem, a presença na terra entre os povos, o empenho do Ministério do Turismo ou o alegado carisma do povo palestino, segundo o Embaixador entrevistado, nenhum desses agentes tem conseguido mover o olhar e mobilizar este grupo específico em favor de suas pautas e agendas. As respostas obtidas foram: "Entendo a dificuldade de Israel em lidar com a expulsão de sua terra, perseguições e necessidade de retomar. Mas hoje, na minha opinião, não há espaço mais para tanta guerra e sofrimento. Apesar de ter a percepção de que os palestinos têm um comportamento mais agressivo, eu acredito que mesmo assim, hoje, eles devem buscar pelo entendimento e convivência"; "Sim, conhecer de perto ver um pouco como convivem e suas culturas reforçou a opinião de que somente um tratado de paz definitivo pode ser capaz de manter estes povos em harmonia"; "[Ter] Estado em Israel chama minha atenção, mas não [para] as questões de conflitos. Sei que esta não é a melhor alternativa para solução de qualquer desavença. Não me engajo mais ou menos [desde a] minha viagem"; "Sim, com certeza. Não tinha ideia da dimensão do conflito. E é lamentável"; "Sim, pelo fato que ter tido o privilégio de estar lá, entender um pouco mais da cultura, costumes e rituais. Comecei a ver com outros olhos"; "Contribuiu para muitas coisas, mas não na questão do conflito"; "Não mudou nada" e simplesmente "Não".

6.8 Retornando ao cenário mais amplo

Podemos identificar uma ligação entre esses evangélicos turistas que entrevistamos e a história das peregrinações e seu papel no apoio a judeus (um pouco menos ou nenhum apoio aos palestinos). Em termos históricos, os evangélicos têm procurado apoiar a comunidade judaica e, posteriormente, o Estado de Israel em nível institucional, por meio de apoio dos grupos com determinada visão escatológica. Clorinda Minor (v. 1.4) havia se mudado dos Estados Unidos para as proximidades de Jafa por volta de 1853. Ela era do ramo adventista entre os cristãos e os adventistas acreditavam estar apressando a vinda

do Messias ao cooperar com a restauração da vida cotidiana na Palestina.[553] No ramo pentecostal, "os pioneiros [...] na Palestina vieram da Missão da Fé Apostólica. A primeira pessoa a se sentir chamada para lá foi a irmã Lucy M. Leatherman, que experimentou o pentecostalismo nos mesmos moldes dos demais frequentadores de [rua] Azuza" (SILVA, 2017, p. 279), como vimos no capítulo anterior. Silva, que esteve na região em 2015 participando do programa da *EAPPI* (v. c. 1.3) defende que "nos primeiros passos das missões pentecostais na Terra Santa, a presença feminina foi determinante, como parece ter sido também em Los Angeles" (SILVA, 2017, p. 279) no avivamento da *Azuza Street*. Os que vieram do pentecostalismo norte-americano para o Brasil foram homens, como já destacamos. Mas

> a missão pentecostal, que se aventurou em Israel e na Palestina já em seu nascedouro sofreu diversas influências do crescente sionismo cristão e da consequente leitura dispensacionalista e pré-milenista da Bíblia, enxergando os acontecimentos que envolvem Israel como sinais dos tempos e mesmo desdobramentos dos planos escatológicos de Deus. (SILVA, 2017, p. 279)

Essa vertente pentecostal e a neopentecostal se apoiam maciçamente na "leitura dispensacionalista e pré-milenista da Bíblia". "A Igreja Universal do Reino de Deus [neopentecostal], ao lado da Congregação Cristã no Brasil [pentecostal clássica], são denominações brasileiras que se estabeleceram em Israel" (SILVA, 2017, p. 279). Meio século após a adventista Clorinda Minor,

> A trajetória do pentecostalismo na Palestina começou ainda nos tempos do Império Otomano, em meados de 1908, com a partida de Lucy Leatherman. Depois, outros nomes, predominantemente femininos, vão aparecendo, como A. Elizabeth Brown, Charles Leonard, Archibald Forder, Paul Joyner, Florence Bush, Yumna Malick, Lauda Radford, Vida Baer, Pearl Lovesy, Saul Benjamin, Roy Whitman, John Warton, Serena Hodges, Ida Beck, Vera Swarztrauber, George Carmichael, Hanna Suleiman, B. D. Hatfield, George M. Kuttab, e Margareth Gaines" (SILVA, 2017, p. 280).

[553] Os Adventistas do Sétimo Dia se formaram da união de dissidentes de igrejas nos Estados Unidos em meados do séc. XIX. O ex-combatente de guerra William Müller (vem dele o nome original do movimento: mileritas), estudioso entusiasmado com profecias sobre o fim dos tempos, Joseph Bates (envolvido na causa abolicionista, não provinha de qualquer igreja, mas se tornou o viajante que levou a mensagem sobre a guarda do sábado, por isso "do Sétimo Dia"), Tiago White, da denominação Conexão Cristã e Ellen White, vinda da Igreja Metodista. À exceção de Müller, que morreu em dezembro de 1849, são considerados os fundadores da IASD.

Desses nomes, Newberg[554] aponta os esforços de Lucy Leatherman, Anna Elizabeth Brown e Charles Leonard como fundamentais para o desenvolvimento da base palestina do pentecostalismo (NEWBERG, 2008, p. 14).

> A simpatia com as ideias sionistas, contudo, era evidente, inclusive sob a perspectiva de uma leitura bíblica que favorecia ideologicamente o movimento. Teologicamente, a presença de pentecostais na Palestina era facilmente associada aos sinais escatológicos da volta de Cristo" (SILVA, 2017, p. 280).

Desse grupo inicial de pentecostais, foi "a irmã Brown [quem] estabeleceu uma base missionária na Palestina e outros avanços vieram a partir de lá" (SILVA, 2017, p. 280). Contudo,

> A missão foi severamente testada e perdeu a força durante a Revolta Árabe de 1936-39, a Segunda Guerra Mundial e a Crise de Partição de 1947. Com a Guerra de 1948, os missionários pentecostais fugiram do campo de batalha e a maioria de seus clientes foi arrastada na diáspora palestina. Depois de 1948, uma tentativa valente foi feita para sustentar a missão, mas acabou perdendo sua vitalidade. (NEWBERG, 2008, p. 14)[555]

Nem por isso os evangélicos tradicionais nem os pentecostais deixaram de marcar presença na região e atuar em parcerias, como nos casos dos empreendimentos de G. Douglas Young (v. c. 1.4) com seus institutos.[556] Além de Young, outro grupo pentecostal a fazer missão na Palestina foi a Igreja de Deus (*Church of God*).

> Depois de 1948, a Igreja de Deus (de Cleveland, Tennessee) estabeleceu uma missão ativa na Cisjordânia, com estações em Belém, o Monte das Oliveiras e a aldeia de Aboud. Liderada pela indomável Margaret Gaines de 1964 a 1999, a Igreja de Deus conseguiu desenvolver uma liderança indígena que continua a sustentar uma

---

[554] Dr. Eric Newberg, Ph.D. pela *Regente University*, é Diretor Associado do Programa de Doutorado na *Oral Roberts University* e professor de Estudos Históricos e Teológicos na mesma Universidade.

[555] The mission was severely tested and lost traction during the Arab Revolt of 1936-39, World War II, and the Partition Crisis of 1947. With the War of 1948 the Pentecostal missionaries fled from the field of battle and most of their clients were swept away in the Palestinian Diaspora. After 1948 a valiant attempt was made to sustain the mission but it eventually lost its vitality. (trad. nossa)

[556] Newberg acrescenta que "Em 1958, as Assembleias de Deus Americanas decidiram eliminar gradualmente os missionários americanos e transferir a estação missionária em Jerusalém para uma assembleia messiânica judaica, sob os auspícios do Rev. Zeer W. Kofsman, um missionário pentecostal judeu patrocinado pelas Assembleias de Deus francesas" (NEWBERG, 2008, p. 14). "Although beyond the scope of this study, the demise of the mission will be briefly sketched. In 1958 the American Assemblies of God decided to phase out their American missionaries and transfer the mission station in Jerusalem to an indigenous messianic Jewish assembly, under the auspices of the Rev. Zeer W. Kofsman, a Jewish Pentecostal missionary sponsored by the French Assemblies of God. (trad. nossa)

> presença Pentecostal Palestina vital na Cisjordânia. (NEWBERG, 2017, p. 5)[557]

Eric Newberg registrou uma nova tipologia para esses pentecostais, que são chamados de "filossemitas", como também de "sionismo pentecostal" (NEWBERG, 2008, p. 16). Topel fala em "judeofilia" (TOPEL, 2011, p. 41). Newberg (também reproduzido por Silva) diz que os missionários pentecostais na Palestina funcionavam como

> jornalistas a serviço de uma ideologia e assim forneciam informações culturais para alimentar um imaginário pré-concebido. O sionismo cristão, que beirava um filossemitismo (apego exacerbado e exaltação do povo judeu) já fortemente presente na teologia e na cosmovisão dos cristãos evangélicos e protestantes em geral, também foi abraçado no pentecostalismo. (NEWBERG, 2008, p. 15; SILVA, 2017, p. 281)

Pelo trabalho que fizeram, Newberg os igualou a corretores/operadores (*brokers*), uma vez que mantiveram os pentecostais norte-americanos informados dos últimos acontecimentos na região, como para atualizar um relógio imaginário da aproximação do Messias e do fim dos tempos, sempre inclinados para o lado israelense:

> Eles influenciaram as visões pentecostais do projeto sionista e a resistência árabe na Palestina. Eles funcionaram como figuras significativas na adoção da metanarrativa pentecostal, o discurso das chuvas tardias.[558] Eles fizeram uma contribuição teológica significativa para inclinar os pentecostais para longe da teologia substituta, também conhecida como supersessionismo, a visão de que a igreja substituiu Israel no plano redentor de Deus. (NEWBERG, 2008, p. 15)[559]

---

[557] Led by the indomitable Margaret Gaines from 1964 to 1999, the Church of God succeeded in developing an indigenous leadership that continues to sustain a vital Palestinian Pentecostal presence in the West Bank. (trad. nossa)

[558] "Chuvas tardias" ou temporã é uma expressão utilizada pelo profeta bíblico Joel (2.23) e é interpretada na tradição pentecostal como o derramamento do Espírito como sinal da proximidade do Messias no final dos tempos.

[559] They influenced Pentecostal views of the Zionist project and Arab resistance in Palestine. They functioned as significant figures in the espousal of the Pentecostal metanarrative, the Latter Rain Discourse. They made a significant theological contribution in tilting Pentecostals away from replacement theology, also known as supersessionism, the view that the church has superseded and replaced Israel in the redemptive plan of God. (trad. nossa). O supercessacionismo é comum entre os presbiterianos calvinistas, p. ex., que não consideram que a Bíblia defenda dois planos de Deus para dois povos, um para Israel e outro para a Igreja, sendo esta última como uma atualização do povo que, na verdade, seria um só. Israel, como alvo da ação de Deus, já não existiria. O povo da fé é a Igreja, que aceita os judeus que reconhecem a Jesus como Messias.

Essa apreciação pelos judeus entre os cristãos se registra, em partes, por conta de um sentimento de "responsabilidade histórica pelo horror do holocausto" e, mediante isso, os pentecostais acabam por ignorar "os direitos civis dos árabes residentes na Palestina há séculos e alimentaram a antipatia cultural aos muçulmanos" (SILVA, 2017, p. 281), e com isso silenciaram a possibilidade de um diálogo e "subverteram a comunicação intercultural e o entendimento inter-religioso" (NEWBERG, 2008, p. 17).[560] E de fato, o resultado observado é que "pelas estatísticas atuais, os pentecostais são uma parcela ínfima entre os 2% de cristãos em Israel e nos territórios palestinos. Sendo assim, a missão pentecostal na Palestina parece ter falhado, tanto do ponto de vista proselitista, quanto de serviço" (SILVA, 2017, p. 281).

Esse impulso proselitista não é percebido entre os grupos protestantes clássicos (ou tradicionais), mas entre os pentecostais (SILVA, 2017, p. 282) e neopentecostais e como ponto inicial para devotar tal apoio, muitos "relatam que receberam orientações por intermédio de sonhos, visões etc., sobre como deveriam agir para ajudar Deus em seu propósito de restabelecer seu povo – os judeus – à Terra Prometida" (SILVA, 2017, p. 282). Essa característica de uma ação sobrenatural aparece, p. ex., nas palavras da entrevistada Valnice Milhomes (v. adiante). Também foi identificada por Frossard na declaração feita pelos donos da Vernissage Turismo que "em 2008 [...] mudaram o foco da empresa, por meio de um 'chamado divino', fruto da leitura de um trecho bíblico" (FROSSARD, 2013, p. 121).[561]

Outro aspecto observado nas entrevistas é que o apoio dado pelos evangélicos a Israel também ocorre por outros meios, "que vão desde dedicar orações e ofertas, passando por plantar cedros no (*sic*) Líbano, cultivar novilhos vermelhos, elaborar plantas do terceiro templo e até ações mais diretas, como ajudar na imigração de judeus de todas as partes do mundo para Israel" (SILVA, 2017, p. 282).

Como exemplo, Silva menciona Robert Stearns, da Assembleia de Deus, que lidera o multi movimento *Eagles'Wings*[562] e que "estabeleceu o *Dia Internacional de Oração pela Paz em Jerusalém",* realizado no primeiro domingo de outubro [...] outros nomes do

---

[560] [...] subverted the intercultural communication and inter-faith understanding (trad. nossa).

[561] O depoimento diz: "Em 2008, através de um chamado de Isaias 43:6, os empresários entenderam o turismo religioso como uma missão e decidiram criar a Terra Santa Viagens [...] a Terra Santa Viagens promove viagens de peregrinação [a] Israel e tudo o que se relaciona ao estudo bíblico, sempre orientada por estas palavras: "Direi ao Norte: Dá! E ao Sul: Não retenhas! Trazei meus filhos de longe e minhas filhas das extremidades da terra" (Isaias 43:6)". (FROSSARD, 2013, p. 121)

[562] Disponível em <https://eagleswings.org/pt/robert-stearns/> e acessad em 10.09.2018.

pentecostalismo que se posicionaram abertamente favoráveis a Israel são Jimmy Swaggart e Pat Robertson" (SILVA, 2017, p. 282; ênfase no original), conhecidos pastores midiáticos norte-americanos. Outro movimento de mesma natureza é *Empowered21*,[563] liderado por Billy Wilson, presidente da *Oral Roberts University*, e George Wood, presidente das AD's nos EUA, que promove congresso anual que celebra o Domingo de Pentecostes. "Em 2015, a conferência foi em Jerusalém, e contou até mesmo com a presença de cantores gospel brasileiros, como Ana Paula Valadão" (SILVA, 2017, p. 283). Procuramos Valadão para entrevistá-la no final de março de 2018 e sua assessoria informou que ela ficaria um mês em Israel para a edição do Congresso e a gravação de um DVD de sua banda, a Diante do Trono.

Há iniciativas pró-Israel e de expansão da presença dessas igrejas no cenário regional vindas de outras partes do globo. C. Sullivan,[564] como Silva (2017, p. 284), apurou que a *Pentecostal Assemblies of Canada* plantou uma missão em Israel, hoje chamada *King of Kings Community Jerusalem*. Sullivan a apresenta como "a maior igreja evangélica em Israel" (o que foi confirmado por um entrevistado que morou em Jerusalém), tendo sido convidada a ser instalada no país pelo próprio Governo de Israel, e em 1981 foram enviados para essa tarefa o pastor Jim Cantelon, sua esposa Kathy e seus três filhos (SULLIVAN, 2013, n. 16; VISIONLEDD, 2018). O alvo da *King of Kings* é "revelar a face verdadeira de Yeshua (Jesus) para Israel e todas as nações" (SILVA, 2017, p. 284). Seu atual presidente, Wayne Hilsden, foi ordenado pela igreja canadense e declara ter a missão de viajar pelo mundo anunciando a restauração de Israel, além de trabalhar com organizações como *Aliyah Ministries Network* e com a *Ebenezer Emergency Found*. Ambas as organizações são cristãs e sionistas, e auxiliam na imigração de judeus para a Terra Santa" (SULLIVAN, 2013, p. 3-4; SILVA, 2017, p. 284). Há outras organizações trabalhando na mesma direção, segundo apontam ambos os autores.

Michel Gherman[565] fez pesquisa de campo por dois anos, entrevistando vinte pessoas (GHERMAN, 2009, p. 71) para contar a história da inserção de duas igrejas

---

[563] Disponível em <http://empowered21.com/> e acessado em 10.09.2018.

[564] Formado pela *Providence University College*, Canadá. É escritor e pesquisa crítica textual, linguística e filosofia.

[565] Michel Gherman é Mestre em Antropologia e Sociologia pela *Hebrew University of Jerusalem* e Doutor em História Social na Universidade Federal do Rio de Janeiro. É Co-coordenador do Núcleo Interdisciplinar de Estudos Judaicos e Árabes na mesma Universidade e pesquisador do Núcleo de Estudos da Política da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. O artigo referenciado, com modificações feitas posteriormente, é parte da dissertação de mestrado do autor, defendida na *Hebrew University of Jerusalem* (2008).

evangélicas brasileiras em Israel, a IURD e a CCB. Destaco duas observações interessantes sobre as diferentes etapas e ambiguidades da implantação dessas igrejas em solo israelense. Primeiro ele chamou a atenção para a "consolidação de grupos religiosos em um mundo cada vez mais fragmentado e diversificado" (GHERMAN, 2009, p. 57). Isso passa pela adoção por esses cristãos de símbolos judaicos, a defesa "do Estado de Israel e da causa sionista" (GHERMAN, 2009, p. 57) como verdadeiros apoiadores. "Conceitos como 'Terra Santa' e 'Povo Escolhido' são repetidos diversas vezes pelos pastores em sermões e rodas de oração. O Estado de Israel se torna assim um exemplo de benção divina" (GHERMAN, 2009, p. 58). Para Gherman, nessa perspectiva "o 'Povo de Israel' e o Estado de Israel passam por um processo de santificação dentro das igrejas pentecostais", o que explica a atração exercida pelo Turismo, como ainda a compra de objetos e símbolos judaicos naquele país, que passam a ser usados no Brasil, pública ou privativamente, "dando a eles um tipo de propriedade mágica" (GHERMAN, 2009, p. 58). Mais do que isso, "esta afinidade traz resultados econômicos e políticos, como o vigoroso incremento de turismo do Brasil para Israel e o aparente apoio político dado a Israel pelos políticos das igrejas pentecostais" (GHERMAN, 2009, p. 58), apoio este já destacado por nós.

Percebemos que, ao ampliar o escopo das relações entre esses grupos, a massa narrativa ganha um ponto adequado que favorece o entendimento de que esses cristãos alcançaram um novo patamar ou *status*. Esse escopo envolve: cristãos pentecostais e neopentecostais e o povo judeu em sua relação com o Estado de Israel, a aproximação não só dos pontos de contato da fé e da religião tradicionais, ambas as origens, judaica e cristã, na mesma terra e a aproximação das relações macro na economia (como o turismo e o comércio) e na política (manifestações públicas oficiais do Governo, apoio de políticos brasileiros da bancada evangélica, reuniões de caráter oficial).

Gherman diz que "os fiéis pentecostais passam por uma conversão coletiva", adquirindo nova identidade e "devem se tornar parte de um novo tipo de 'nação'" (GHERMAN, 2009, p. 58), ou seja, sentem-se incorporados ao Israel imaginário que foi idealizado por eles mesmos. A isso, Gherman compara a um "renascimento [que] preenche junto ao fiel uma nova etnicidade" (GHERMAN, 2009, p. 58), vendo-se como "parte do 'Povo Escolhido'" (GHERMAN, 2009, p. 58) e "num processo similar, os fiéis pentecostais também convertem os judeus modernos e o moderno Estado de Israel a uma perspectiva bíblica" (GHERMAN, 2009, p. 58), ficando excluídas quaisquer

possibilidades de apoio a quem quer que seja, por mais privilegiado que pareça. Os palestinos, ainda que parte seja cristã, são vistos sob as lentes do Estado de Israel e do sionismo. As decisões e declarações do Estado serão as adotadas por esses grupos acriticamente.

Brevemente, o segundo destaque na pesquisa de Gherman é o choque que os brasileiros tomam quando vão morar em Israel para implantarem suas igrejas e se deparam com a dura realidade local que desconstrói as narrativas ilusórias construídas em terras brasileiras. Ao descrever a cosmovisão pentecostal e neopentecostal sobre Satã, Gherman alude a uma versão brasileira dessas crenças, entremeadas por um viés afro-brasileiro da guerra espiritual (v. 5.5) e "forças malignas" (GHERMAN, 2009, p. 67) próprios do pentecostalismo brasileiro. Ele menciona um desses momentos em que os responsáveis pela construção de um prédio da CCB em Jerusalém sofrem resistência. "O Estado não dá permissão para construir uma nova igreja e então Israel é visto por membros da Igreja como 'o Estado Judaico que nega Cristo pela segunda vez'." (GHERMAN, 2009, p. 68). Outro fiel acrescenta sua percepção sobre o conflito: "Você pode não conhecer todos eles, mas boa parte dos judeus aqui [*judeus convertidos*] são Exus com máscaras de fiéis. Quem mais seria contra o desenvolvimento da CCB na Terra Santa? Só o Exu..." (GHERMAN, 2009, p. 68; acréscimo e ênfase no original).

Gherman parece ressentir-se e alega antissemitismo nos momentos de crise, como, e.g., os brasileiros se frustram quando as expectativas do "processo de santificação" falham. Ele cita três falas que demonstram isso. Primeiro, quando em contato com cidadãos e autoridades israelenses, um brasileiro em situação ilegal reclama: "Explique pra mim porque, porque deixamos os judeus virem para o Brasil? Eles compram prédios e bairros; fazem muito dinheiro por lá. Qual é o problema de nos deixar vir aqui, abrir nossa Igreja e fazer nosso trabalho?" (GHERMAN, 2009, p. 65). Depois, tendo trabalhado, o brasileiro alega calote: "Aqui em Israel é muito comum que judeus não paguem salários para os empregados não-judeus. É sempre o mesmo; nós trabalhamos e os judeus não pagam. Você não percebe a escuridão nos olhos deles? Esse tipo de judeus nunca aceitarão [*sic*] Jesus, e são a maioria" (GHERMAN, 2009, p. 65). Por fim: "Um membro que ouviu outro expressando seus sentimentos sobre os judeus disse: "Eu o ouvi falando [*outro fiel*] que 'Eles [*judeus*] são porcos! Eles são imorais e impuros!'", ao que Gherman advertiu: "Você sabe onde está? Cuidado, pois eu também sou judeu!'" (GHERMAN, 2009, p. 65).

6.9 Apoiadores brasileiros e o uso de outros recursos para atrair apoio cristão

Tomando esse cenário que acabamos de descrever, é pertinente juntar outros elementos de nossa pesquisa, como a transcrição de uma entrevista feita com o diretor da Missão Amigos de Sião (mencionada em 1.4). O nome oficial é Associação Internacional de Missões aos Israelitas (AIMI). A AIMI é a versão brasileira da *International Board of Jewish Mission* (IBJM),[566] por sua vez fundada pelo Dr. Jacob Gartenhaus, um judeu austríaco convertido ao cristianismo. A AIMI foi trazida para o Brasil pelo pastor norte-americano Thomas L. Gilmer (hoje presidente emérito), em 1973 e hoje é capitaneada pelo pastor batista Alexandre Dutra (há dezoito anos no grupo), com reuniões semanais na sede da igreja, no bairro paulistano do Ibirapuera.

Sua equipe é formada por duas famílias em tempo integral em São Paulo (as dos prs. Gilmer e Dutra), duas famílias em Portugal (uma com vínculo empregatício e outra com vínculo encerrado) e três voluntários em Israel. Entre 25 e 40 pessoas se reúnem semanalmente. Dutra define seu grupo como evangélico, de tradição batista, bíblico, com a missão de "levar as igrejas a orarem por Jerusalém, a defenderem Israel e a falarem de Jesus" (conforme os três compromissos dos grupos Amigos de Sião (v. Figura 10). Nas reuniões ...

> oram pela paz em Jerusalém, cantam em hebraico, traz[emos] notícias de Sião, o que está acontecendo com os judeus em Israel, no Brasil e no mundo, e tendo sempre um estudo com uma temática judaico-messiânica. E depois faz[emos] o *kidush*,[567] que aí já é uma cerimônia judaica que envolve o pão [...] e o cálice, e também tem uma confraternização. [transcrição da fala do entrevistado]

Dutra diz que há interesse em criar novos grupos de amigos de Sião, mas falta "mão de obra" para fazer as cerimônias corretamente e "não brincar de ser judeu [... mas] dar

---

[566] Home page disponível em <https://www.ibjm.org/> e acessada em 12.09.2018. A página conta a história do dr. Gartenhaus que, tendo se mudado para Nova Iork, reconheceu Jesus como Messias aos vinte e poucos anos de idade após ler o texto de Isaías 53. Ele foi perseguido e espancado por amigos e abandonado pela família, tornando-se, em seguida, "um embaixador para o seu próprio povo [e] estabelecendo o ministério da IBJM". Eram duas as finalidades de seu trabalho: ajudar e equipar as igrejas a alcançarem os judeus e demais povos com o evangelho e ver as igrejas locais estabelecidas dentro e perto das comunidades judaicas. A sede mundial da IBJM fica em Chattanooga, Tennessee, e está presente em 18 países.

[567] *Kiddush*, literalmente, "santificação", é a bênção recitada sobre o vinho ou suco de uva para santificar o *shabat* (sábado) ou uma festa judaica.

um testemunho cristão para o judeu de um modo geral", i.é., promovendo a aproximação do judeu com o entendimento que o grupo tem de que Jesus é o Messias esperado por eles, sem interferir na cultura judaica. "Agora, quando a cultura invalida [o dogma cristão], como Jesus disse 'com as vossas tradições invalidais a Lei de Deus', então nós somos contra".

Figura 10. Frente e verso do cartão de fidelidade/compromisso dos Amigos de Sião: "orar, defender, compartilhar"

Indagado sobre haver semelhança entre o trabalho dos Amigos de Sião e o trabalho do *American Institute of Holy Land Studies*, de George Douglas Young (v. 1.4), de oferecer cursos diversos, Dutra alega ser diferente, porque eles esperam testemunhar de Jesus, mas sabe ser proibido o proselitismo em Israel.[568] Admite que no Brasil os Amigos de Sião não pressionam judeus por sua conversão, preferindo o convívio com a comunidade judaica e a participação em seus eventos. E fala com orgulho dessa convivência, mencionando terem sofrido um "atentado terrorista" na própria igreja, tamanha a aproximação com a comunidade judaica, ao que acrescentaríamos a semelhança visual.

Entre as igrejas evangélicas, os Amigos de Sião procuram "conscientizar as pessoas, informar e edificar" os pares da herança e raízes judaicas, tomando o cuidado de não "judaizar" os costumes cristãos, que temos apontado, "e o dever e o compromisso que a igreja tem de pregar o evangelho a toda criatura, começando em Jerusalém, primeiro ao judeu, e também ao gentio", diz, citando o texto do livro cristão de Atos 1.8, no Novo Testamento.

[568] Refere-se a Lei de Aliciamento à Mudança de Religião (*Enticement to Change of Religion*), de 1977. Lei antimissionária que prevê que tentativas de proselitismo oferecendo dinheiro são puníveis com até cinco anos de prisão ou uma multa.

Sobre “defender”, Dutra diz, “aí já é uma questão mais do sionismo cristão, que já é uma linha escatológica pré-milenista, pré-tribulacionista e tal, dispensacionalista, quero dizer, não tem como desassociar uma coisa da outra pr’agente”. Para Dutra, o cristão pode ser um presbiteriano, que não são dessas orientações mencionadas, e mesmo assim trabalhar na evangelização dos judeus. A vantagem dos dispensacionalistas, segundo defende, é que há maior “similaridade” quando tratam “da Bíblia” com os judeus, somado ao fato de não se definirem como “antinomistas”, i.é., não rejeitam a Lei de Moisés e suas especificidades, que são as “leis de identidade” (como o *shabat*, *brit milah* [circuncisão] etc.), mesmo no caso de um cristão decidir viver por esta Lei, “se ele pode, se ele é capaz de fazer, e se ele não entende ser isso um requisito obrigatório pra salvação...”. No caso do judeu, Dutra defende que ele pode ou não manter suas tradições, mas faz a ressalva de que deixar as suas tradições levaria esse judeu convertido a “perder no evangelismo”, pois a descaracterização dele em relação a cultura judaica o distanciaria da comunidade que, agora, seria seu alvo na tentativa de apresentar o Messias.

Foto 12. Reunião dos Amigos de Sião: não se observa qualquer símbolo cristão, como uma Bíblia aberta ou a cruz. Foto retirada da página do grupo no Facebook

Os Amigos de Sião no Brasil já mantiveram uma base em Israel com três missionários. Um deles viveu em um *kibutz*, retornou ao Brasil por problemas de saúde. Outro, foi com visto de turista, depois de passar tempo estudando na Inglaterra, e a cada três meses saía de Israel e retornava em seguida, até completar dois anos de serviços e o

terceiro, em situação semelhante ao segundo, ficando seis meses apenas. O próprio pastor Dutra ficou em estágio por seis meses como turista em Israel, tendo ido e voltado a Jordânia e Egito cada vez que o visto vencia.

A temporada em Israel apresentou a Dutra a possibilidade de permanência no país por meio de trabalhos voluntários, residindo em *kibutzim* e *moshav*.[569] Três jovens brasileiros ligados aos Amigos de Sião fizeram essa opção de trabalho voluntário num hospital infantil para crianças especiais. Um teria permanecido por seis meses, depois mais nove meses e outro ainda estaria no país, ficando hospedado no *moshav Yad Hashmona*.[570] A filha de um casal que frequentou reuniões da AIMI, que trabalhava em uma companhia aérea em São Paulo, interessou-se pelo trabalho voluntário e hoje "trabalha pra um braço do Governo [de Israel] que cuida de voluntários. Ela era aqui [*sic*], começou aqui com a gente, sempre tiveram um vínculo com Israel, já visitaram Israel como casal". Essa jovem trabalha na coordenação e encaminhamento de estrangeiros que vão para Israel servir como voluntários.

Dutra remete a origem desse trabalho voluntário ao fim do viés socialista nos *kibutzim*, quando os membros começaram a sair para procurarem outras ocupações e criou-se uma lacuna nessas associações e a solução foi trazer pessoas de fora que também pudessem atender as necessidades sociais em outras áreas, como o cuidado de idosos, veteranos de guerra, crianças (como citado) etc. O Governo apoia essas ações "liberando vistos". "Quem ajuda [financeiramente] são as instituições que se interessam pelo voluntário [...] a pessoa tem que pagar sua passagem de ida e de volta [...] ela produz, mas ela tem moradia e alimentação", que são providos nos *moshavim*. Mais à frente, na entrevista, ele mencionou ter conhecido um secretário da "KKL, que é o Fundo Nacional Judaico, na questão do reflorestamento dos desertos, através da plantação de árvores e criação de bosques." Por esse fim, Amigos de Sião liderou uma campanha nacional de arrecadação de fundos que foram doados. "Não chegou a ser um bosque, porque depois foi fragmentado". Segundo Dutra, a KKL (*Keren Kayemet LeIsrael*) enviou um

---

[569] O *moshav* é uma comunidade rural cooperativa, como os *kibutzim*, mas que combina fazendas geridas privativamente e coletivização de serviços, como a comercialização de produtos e algumas vezes indústria leve. Nos *kibutzim*, tudo é coletivizado ou socializado.

[570] *Yad HaShmona* é um pequeno *moshav* localizado no centro de Israel, nas montanhas da Judeia, próximo a Jerusalém, sob a jurisdição do Conselho Regional de *Mateh Yehuda*. Em 2016, abrigava uma população de 246 integrantes. Conhecemos o local e um de seus membros, Salo Kapusta, que foi nosso guia durante a segunda viagem ao país, em 2012. Home page em <http://www.yadha8.co.il/en/> e acessado em 12.09.2018.

representando ao Brasil para relacionamento com evangélicos, "porque todos *tavam* plantando árvores lá, menos os evangélicos". Posteriormente, outros grupos tiveram envolvimento com essa ação de reflorestamento, mas não sem antes os Amigos de Sião terem sido os pioneiros nesse tipo de ajuda.

A essa altura da entrevista, mencionamos a questão das doações de terreno feitas pelo Governo de Israel para líderes evangélicos apoiadores de Israel que trabalham como embaixadores em seus países, formadores de opinião, levando grandes quantidades de turistas para o país.[571] O entrevistado disse achar difícil conseguir terrenos em Israel, "primeiro, porque são escassos" e porque, uma vez comprados, ainda assim pertencem ao Estado, segundo alegou. Mas ele fez uma ressalva ao indicar uma grande Igreja Mórmon (no Brasil, Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias). Os mórmons, cuja população mais concentrada e a sede mundial estão na cidade de *Salt Lake City*, em Utah, Estados Unidos, desenvolveram um dos maiores bancos de dados genealógicos do mundo, por causa de exigências de suas doutrinas de fé, e isso é útil à comunidade judaica por razões étnicas. Então, como acredita o entrevistado, essas informações serviram como moeda de troca para a implantação da igreja no país.

Dutra também mencionou a CCB, grupo pesquisado por Gherman (2009). A CCB tentou comprar um terreno para a sua sede, mas houve uma negativa. A moeda de troca, segundo Dutra, foi o argumento de que a CCB tem a maior orquestra de músicos do mundo, o que interessaria a Israel.[572] A autorização foi dada, vedando-se apenas a construção de prédio. A CCB, segundo disse, ocupou o terreno com uma tenda, onde realiza suas reuniões. Outro nome que apareceu na entrevista foi o de Meno Kalisher, "pastor israelense que pastoreia a igreja que o [missionário da Igreja Batista Regular] Randy Cook fundou em Israel", tendo trabalhado com uma extensão do *Master College*, de John MacArthur (pastor calvinista norte-americano), num polo de estudos bíblicos no *Yad Hashmona*. Os alunos do *Master College* dos Estados Unidos iam para Israel, onde permaneciam por seis meses cursando disciplinas como arqueologia, história, cultura judaica, entre outras. Meno Kalisher participou de eventos da Chamada da Meia-Noite no Brasil (v. 1.4), um dos grupos pioneiros no apoio irrestrito a Israel, sendo de posição pré-milenista dispensacionalista fortemente marcada. Segundo Dutra, o grupo de Kalisher

[571] Essa informação foi conseguida em outra entrevista mencionada à frente.

[572] O entrevistado deu a entender que Israel quer em seu solo aquilo que for maior e melhor desses grupos sociais e religiosos, algo que suspeitamos ser falso.

tentou adquirir um terreno, mas por serem judeus messiânicos, não teria conseguido, por "ter também a pressão [contrária] dos ortodoxos".

Segundo Dutra, as igrejas existentes e legalizadas em Israel, "são igrejas antes de [19]48. Em [19]48 elas são oficializadas". Nesse ano, após a Guerra da Independência, o Ministério do Interior solicitou às igrejas cristãs que fizessem "uma relação de quantas existem e onde estão" e que essa relação fosse entregue ao Ministério. "Alguns ficaram com medo, algumas denominações, omitiram. A Convenção Batista colocou tudo, até ponto de pregação [quem] se reunia na casa [de um membro] eles relacionaram, e entregaram [a lista]. Oficializaram tudo." E acrescentou sobre as demais igrejas: "E os outros, que estão saindo da clandestinidade, não saíram", que por medo, não relacionaram suas atividades no país: "Os caras perderam força". Dutra informou que depois de 1948, da safra de igrejas legalizadas, nada mais mudou. A cada nova cidade iniciada no país, é dada autorização para construir uma sinagoga ou mesquita, mas não uma igreja, de modo que os novos grupos evangélicos se reúnem em casas ou escritórios, mas não em edificações com aspecto exterior de igreja. A maior AD no país, e.g., funciona em um antigo cinema, dentro de uma galeria, a chamada "Igreja do Pavilhão", acrescentou.

No entanto, apuramos em outra entrevista[573] que representantes oficiais do Governo de Israel fizeram doações de terrenos a apoiadores de Israel, a líderes evangélicos ao redor do mundo, como os que temos relacionado aqui, que têm se mobilizado para ampliar o apoio a Israel, e levando caravanas numerosas de turistas. Um exemplo disso foi a doação de um terreno em Israel ao autodenominado apóstolo colombiano Cesar Castallanos, líder do movimento que congrega o Apóstolo René Terra Nova. O informante reportou estar presente durante a *Convención Internacional de la Misión Carismática 2014*,[574] quando o Embaixador de Israel Yoed Magen e o Gran Rabino Alfredo Goldsmidt (líder da comunidade judia na Colômbia à época) foram recebidos pelo apóstolo Castellanos. Na ocasião, como relata o informante, o Embaixador Magen fez a doação do terreno a Castellanos como reconhecimento público pelo apoio ao Estado de Israel. O informante acrescentou que isso tem sido feito com outros líderes e mencionou saber de doação feita

[573] Entrevistas concedidas por um pastor informante em 01.09.2017 e 04.09.2018 e gravadas. Esse informante disse que há gravação feita do momento da doação e informou que um conhecido seu guarda essa gravação. Tentamos acesso ao vídeo, mas não conseguimos retorno às tentativas de contato feitas com o pastor indicado.

[574] Veja partes do evento disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=HrHQVbTdZOg> e acessado em 02.09.2017.

a David Yonggi Cho, que é pastor da *Yoido Full Gospel Church* e supervisiona uma rede de igrejas com 800 mil membros na Coreia do Sul.

Procuramos saber do entrevistado sobre o relacionamento dos Amigos de Sião com árabes e palestinos, Dutra disse que "a Missão Batista está dos dois lados lá. Tem igreja entre os muçulmanos, árabes, árabes muçulmanos e entre os judeus. Os batistas sempre foram pra tudo mundo [todos], por isso é a maior agência missionária no mundo é... quem mais faz missão do Brasil pro mundo? Batista." Nesse ponto, respondeu como um pastor batista, que é, responderia, mantendo distância de seu perfil como membro dos Amigos de Sião. Na sequência, falou de parcerias com outros grupos que apoiam Israel, como "Chamada da Meia-Noite" e "Judeus por Jesus", e destacou a filosofia dos Amigos de Sião, sintetizando-a assim:

> A nossa filosofia ministerial, ela não é assim de ser tão agressiva. É mais aquilo que a gente entende no Novo Testamento de 'ide, pregai o evangelho a toda criatura' [...] sendo testemunha e falando, vivendo e demonstrando amor prático em relação ao judeu. Porque os Amigos de Sião são amigos de Sião, não são só amigos de judeus que creem em Jesus. Somos amigos [também] dos judeus que não creem em Jesus. Nós somos amigos do judeu que é ateu, que nem crê em Deus, porque a gente entende que, como é um grupo minoritário, muito perseguido, e perseguido por razões fundamentais que nós cremos – que eles nos deram a Bíblia, nos deram os patriarcas, nos deram os profetas, nos deram os apóstolos e, sobretudo, Jesus, nós temos uma dívida com esse povo. E quando nós ouvimos Deus falando pro profeta Isaias: 'Consolai! Consolai o meu povo! Assim diz o Senhor', lá em Isaias 40[575], quem que pode consolar Israel? Aquele que tem o Consolador. Quem tem o Consolador? A Igreja e Jesus Cristo. Tá entendendo? Então a gente atua também nessa linha de consolação, de defesa de Israel, dentro daquilo que a gente pode, né? Não quer dizer, já entrando num viés um pouco da política, que tudo o que Israel venha fazer na área da política seja correta (*sic*), mas, nos erros que as autoridades representantes do povo tomam como escolhas e decisões, a gente pode não concordar, mas a gente não vai deixar de orar pelo povo porque decisões tomadas de forma errônea podem afetar de qualquer forma o povo judeu, mesmo [tomada] pela própria liderança judaica, e aí tem [aquele versículo[576]] 'orai pela paz em Jerusalém'.

Finalmente, falou-se dos grupos formados para turismo. Amigos de Sião repete o antigo modelo de Young, apoiados pelo Moriá Center de Israel,[577] de grupos que vão ao

[575] Isaias 40.1.
[576] Salmo 122.6.
[577] A Moriá Center mantém uma representante no Brasil e parceria com o Museu de Arqueologia Bíblica da UNASP, o maior da espécie na América Latina.

país com propósitos turísticos, mas fazem cursos de arqueologia e Bíblia. O pacote inclui aulas certificadas, dadas por professores da Universidade Hebraica de Jerusalém. Os turistas visitam *tells* arqueológicos em uma experiência de campo com os profissionais que trabalham em Israel.

6.10 A relação conturbada entre turismo e política de Israel e Brasil

O papel do turismo na relação entre o Estado de Israel, o Estado da Palestina e o Brasil vai além de uma nota de rodapé na História. Há quatro décadas houve um episódio que merece uma breve consideração a respeito, dados os agentes envolvidos e os seus desdobramentos.

Após a Guerra dos Seis Dias, em 1967, em que se enfrentaram Israel, Egito, Síria e Jordânia (OREN, 2005; SHLAIM, 2000), os países ocidentais se viram diante do que ficou conhecido como a crise do petróleo. Países da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP), como Arábia e Iraque, boicotaram países que apoiaram Israel contra os povos árabes no fornecimento de matéria prima (ZAVERUCHA, 2018, p. 30; OLIVEIRA, 2015, p. 4). Houve reação no Ocidente entre os países da América Latina, que passaram a adotar uma posição pragmática e economicista, distanciando-se do apoio dado a Israel anteriormente, em que "dos 33 (trinta e três) votos a favor da partição, treze (13) eram países da América do Sul, Central e Caribe (OLIVEIRA, 2015, p. 2).[578]

No entanto, Oliveira[579] argumenta que a partir da década de 1960, à época da entrada na ONU de países africanos e asiáticos recém-descolonizados, o Brasil inclinou a sua posição diplomática em direção aos palestinos (OLIVEIRA, 2015, p. 3). A relação Brasil-Iraque manifestou-se em pressão decisiva e desestabilizou a presença do Brasil na região dentro do âmbito da crise petrolífera. O Iraque fornecia mais da metade do petróleo consumido no Brasil (FARES, 2007, p. 134).[580] Outros importantes setores da economia nacional consideravam as relações com o país médio oriental positivas (FARES, 2007, p.

[578] "De los 33 (treinta y tres) votos a favor de la partición, trece (13) eran de los países de América del Sur, Central y Caribe" (trad. nossa).

[579] Luciana Garcia de Oliveira é pós-graduada em Política e Relações Internacionais na Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESP), mestre pelo Programa de Estudos Árabes e Judaicos do Departamento de Línguas Orientais da Universidade de São Paulo (DLO-USP), pesquisadora associada do Centro de Estudos Hannah Arendt e do *Interdisciplinary Research Network on Latin America and the Arab World* (RIMAAL).

[580] Seme Taleb Fares é doutor, mestre e graduado em Relações Internacionais e pós-graduado em Gestão Legislativa pela Universidade de Brasília (UnB).

134-5; OLIVEIRA, 2015, p. 4), de modo que o viés econômico falou mais alto do que o viés diplomático nessa relação bilateral, ao ponto de o Brasil aceitar certas exigências com coloração política (de perfil pan-arabista) feitas pelo Iraque, que se sobrepuseram aos interesses econômicos brasileiros. Essa guinada colocou a questão da Palestina na mesa da diplomacia brasileira, conforme Fares:

> O chanceler Saraiva Guerreiro, em 1979, por exemplo, viu-se obrigado a se defrontar com o chanceler do Iraque [...] que exigia, sem grandes formalidades, a abertura do escritório em Brasília da Organização para a Libertação da Palestina (OLP). Diante do alto grau de dependência brasileira do petróleo iraquiano, o que seria um pedido político pareceu [...] mais uma imposição externa. [...] O papel de líder na defesa do pan-arabismo no Oriente Médio e no mundo era almejado com perseverança pelo Iraque [...] as relações brasileiro-iraquianas influenciaram sensivelmente a postura do Brasil quanto à questão palestina. (FARES, 2007, p. 135)

A posição da diplomacia brasileira, de amenidades em relação àqueles países, já era percebida em ocorrências como a de 1963, quando Israel "insistiu para que o Brasil transferisse a sua representação diplomática de Tel Aviv para Jerusalém, afirmando, por sua vez, que quatro países da América Latina já haviam feito isso: Venezuela, Uruguai, Guatemala e Panamá" (OLIVEIRA, 2015, p. 3).[581] O Brasil se manifestou favorável à internacionalização da cidade mantendo sua posição, refletindo um gesto amistoso em relação aos países árabes. A crise do petróleo marcou o rompimento da posição histórica do Brasil. Em relação aos países membros da OPEP, desde a crise do petróleo que outros países da América Latina haviam igualmente adotado posição semelhante à brasileira (OLIVEIRA, 2015, p. 4), por onde a questão Palestina passou a fazer parte da agenda na região entre os países envolvidos no "movimento terceiro-mundista", como rotulou Zaverucha[582] (2018, p. 30).

E então, quando houve a votação da Resolução 3379 na ONU, em 1975, que tratava da questão sionista como forma de discriminação e racismo, considerado por Zaverucha "o ápice da animosidade política contra Israel" (ZAVERUCHA, 2018, p. 34), tanto o Brasil quanto o México se posicionaram favoráveis ao *status* contrário ao sionismo

---

[581] Más tarde, em 1963, el gobierno israelí insistió que Brasil transfiriera su representación diplomática de *Tel Aviv* a Jerusalén, afirmando a su vez que cuatro países de América Latina ya ló habían hecho: Venezuela, Uruguay, Guatemala y Panamá. (trad. nossa)

[582] Jorge Zaverucha é mestre e doutor em Ciência Política pelas Universidades Hebraica de Jerusalém e de Chicago e professor titular do Departamento de Ciência Política da UFPE.

(OLIVEIRA, 2015, p. 2). "O texto saiu vencedor por 72 a 35 e 32 abstenções"[583] (ZAVERUCHA, 2018, p. 34).[584] Paralelamente, a Organização para a Libertação da Palestina (OLP) inaugurava escritórios de representação na Cidade do México em 27 de novembro de 1975, e em Brasília (com anuência de Yasser Arafat), provocando revolta na comunidade judaica na região (OLIVEIRA, 2015, p. 2) e a politização da diáspora palestina. Harry Pavony, presidente do *The Free Sons of Israel*, uma organização judaica sediada em Nova Iorque, enviou carta em 27 de novembro de 1975, para o presidente mexicano Echeverría, "deplorando sua decisão de permitir a abertura de um escritório da Organização para a Libertação da Palestina na capital mexicana", advertindo que "um escritório no México só pode servir [...] como um ponto adicional a partir do qual eles poderão lançar atividades terroristas" (DUPLANCHER, 2011, p. 143).[585] Do mesmo modo, entidades judaicas de caráter cultural lançaram manifestos contra o Brasil e o México, convocando os judeus em ambos os países a que se mobilizassem localmente para esclarecer o verdadeiro significado e sentido do sionismo para os judeus (OLIVEIRA, 2015, p. 7).

Desses episódios, o desdobramento que nos interessa em relação ao Turismo é o boicote da comunidade judaica e seus simpatizantes nos Estados Unidos a destinos turísticos, tanto no México como no Brasil. O cancelamento inicial de postos turísticos em uma semana bateu a casa dos 30 mil para voos e hospedagens em hotéis no México, o que representou prejuízo estimado em torno de 25% para o país (OLIVEIRA, 2015, p. 7) já em 1975. Oliveira apontou cancelamentos por uma grande colônia judaica dos Estados Unidos de destinos no Brasil, especialmente no Rio de Janeiro, para o verão de janeiro de 1976 (OLIVEIRA, 2015, p. 7). Isso equivaleu a quatro voos *charter*, representando prejuízo da ordem de US$ 500 mil somente na capital carioca (OLIVEIRA,

---

583 A ONU revogou a Resolução 3376 por meio da Resolução 4686, de 16.12.1991. Disponível em <http://www.un.org/documents/ga/res/46/a46r086.htm> e acessado em 14.09.2018. "[...] simbólicamente, en 16 de diciembre de 1991, todos los países latinoamericanos, excepto Cuba, revocaron la Resolución 3379, que equipara sionismo con una forma de racismo" (OLIVEIRA, 2015, p. 16).

584 O texto de Zaverucha segue analisando o voto brasileiro da perspectiva dos interesses nacionais de desenvolvimento no Governo de Ernesto Geisel.

585 "Deploramos su decisión de permitir la apertura de una oficina de la Organización para la Liberación Palestina en la capital mexicana. Una oficina en México sólo puede servir a la PLO [siglas en inglés] como un punto adicional desde el que podrán lanzar actividades terroristas. Mientras estuvo en Israel, señor, sus palabras amistosas para ese país contribuyeron a que la comunidad judía mundial sintiera que se produciría un cambio en la política mexicana. Sin embargo, sus declaraciones pro árabes nos han decepcionado. Por tanto, le exhortamos a que rechace arrodillarse al chantaje petrolero y a las demandas de la PLO por tener cuarteles generales en México." (trad. nossa)

2015, p. 8), efeito colateral do voto antissionista do Brasil. São Paulo também foi afetada no setor turístico, com cerca de mil cancelamentos de reservas para os hotéis Sheraton e Intercontinental naquele ano, em reação por parte dos judeus norte-americanos.

Outras manifestações contrárias por parte de cidadãos e entidades foram notadas no país, especialmente no Ministério das Relações Exteriores, que teria registrado acúmulo de correspondências protestando. Cerca de duzentos manifestantes judeus protestaram em frente à Embaixada brasileira em Tel Aviv, levando faixas com dizeres do tipo "Brasil traidor", "Brasil, sabemos que tem um governo racista – Israel não", "Brasil, por suas veias também corre o petróleo árabe" e "Brasil, justiça sim, interesses econômicos não" (OLIVEIRA, 2015, p. 10).[586] Na esteira desse conturbado ambiente diplomático vieram as manifestações públicas de grupos sociais, universitários e políticos, que se solidarizavam com a causa palestina. Na década de 1980, o então presidente do Partido dos Trabalhadores (PT), Luís Inácio Lula da Silva, fez discursos pela causa palestina expressando o apoio de seu Partido a grupos que representam a diáspora palestina na Argentina e no Brasil (OLIVEIRA, 2015, p. 14-5). "A palavra Palestina' havia se convertido em um símbolo da luta contra qualquer injustiça social e estava presente nas manifestações pelas *Diretas Já!*" (OLIVEIRA, 2015, p. 12, ênfase no original).[587,588]

Quando se tornou presidente do Brasil por dois mandatos, o Governo de Lula da Silva manteve a posição pró-Palestina, mantendo a simpatia por aquela comunidade. Na visita ao país em 2010, pernoitou em Belém (FLINT, 2010), provocando estranheza em alguns. Em Israel durante a mesma viagem, houve "recusa brasileira de incluir no programa uma visita ao cemitério militar de Jerusalém, onde Lula depositaria flores no túmulo de Theodor Herzl, pai do sionismo" (NINIO, 2010), irritando de vez os vizinhos dos palestinos.

---

[586] "[...] pancartas que decían "Brasil traidor", "Brasil, sabemos que tiene un gobierno racista – Israel no", "Brasil también por sus venas fluye el petróleo árabe" y "Brasil, justicia sí, interesses económicos no" (trad. nossa).

[587] La palabra Palestina se había convertido en um símbolo de la lucha contra cualquier injusticia social y estuvo presente en las manifestaciones por las *Diretas Já!* (trad. nossa).

[588] A título de nota, Oliveira elencou outros grupos e movimentos sociais que empenharam apoio a causa palestina, além do Partido dos Trabalhadores (PT), como o Partido Comunista de Brasil (PC do B), a União Nacional dos Estudantes (UNE) e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As identidades sociais e seus papeis correspondentes são dados ao indivíduo pelos outros [...] Deus se torna, assim, o outro mais confiável e definitivamente importante. – Peter Berger

Ao longo dos capítulos anteriores, fizemos constar dois grandes blocos de informações distintos, porém, diretamente relacionados. Uma porção de toda a pesquisa diz respeito ao aspecto historiográfico narrativo, da construção de uma linha do tempo, de uma cronologia das viagens milenares, bem como aquelas feitas nas últimas décadas, de cristãos vindos de diversas as partes do planeta, majoritariamente o Ocidente, em busca de pontos geográficos e arquitetônicos em Israel e na Palestina.

Resgatamos dezenas de nomes de personalidades pouco conhecidas e públicas, de donas de casa a monarcas, de religiosos a escritores sarcásticos, de muçulmanos, cristãos, judeus e de árabes, todos movidos por razões e apelos contingentes. Consideramos positiva a contribuição que essa narrativa pode dar para o conhecimento do tema e como ponto de partida para novas pesquisas e abordagens, haja vista dois aspectos que se destacam.

Primeiro, a bibliografia pesquisada não encontra documentos no vernáculo. Toda ela foi publicada no passado em outras línguas que o brasileiro médio em geral não tem acesso. O conhecimento dessa história e algumas das especificidades focalizadas, acreditamos, poderá ser útil para pesquisadores iniciantes, estudantes de história, cultura, turismo, economia, teologia e outros, mas também para o simples interessado e amante da temática.

Segundo, nas pesquisas feitas sobre brasileiros cristãos que foram para a mesma região, a oportunidade que tivemos de dar o pontapé inicial para a escrita da história (citando título da obra de Michel de Certeau) das peregrinações, posteriormente passando ao turismo feito por esses brasileiros, algo que, segundo nos consta, não havia registro formalizado, ao menos do modo como fizemos (vide as Cronologias apresentadas nos elementos pós-textuais). Isto constitui a nossa contribuição para o conhecimento desse campo.

A outra porção de texto contém o aparato teórico-metodológico, o conteúdo técnico próprio da pesquisa. Nessa porção, discutimos as bases empíricas da pesquisa, o aporte

teórico para suportar e orientar os recursos metodológicos, com as considerações devidas que foram apropriadas da História, da Sociologia, do Turismo, pelos quais pudemos crivar os dados da literatura pesquisada, os dados oficiais fornecidos pelos Governos e também os discursos elaborados pelos 68 entrevistados que nos atenderam.

Portanto, como indicado em "1.5 Aporte historiográfico: justificativa", da produção do discurso na perspectiva historiográfica (VIDAL, 2014), a pesquisa identificou e construiu o seu próprio espaço conforme indicado nos procedimentos de análise (CERTEAU, 1982, p. 66), diferenciando-se de outras abordagens e das suas hipóteses, espaços e procedimentos próprios. Fazendo assim, produziu um discurso, que procurou juntar as variadas peças investigadas numa narrativa coesa e linear, transportando-a da região da cultura para a história (CERTEAU, 1982, p. 79).

Consideramos que a proposta inicial da pesquisa tenha sido alcançada de acordo com o projeto proposto, acatando as críticas propostas em banca. Procuramos fazer os ajustes e correções indicados. À medida que as hipóteses emergiam no texto, fosse por uma citação bibliográfica, fosse por um dado ou advinda da apuração das entrevistas, apontamos o que confirmava ou não tais hipóteses. Consolidaremos, a seguir, o estado no qual as nossas hipóteses chegaram ao fim dessa pesquisa e dar as nossas considerações finais a todo o projeto.

Em 1.3, Ambiente geográfico e cenário sócio-político, propusemos a hipótese, caso se confirmassem os indícios, de que o turismo de brasileiros cristãos para Israel e para a Palestina é sobremodo importante para ambos os países frente à opinião pública internacional, em face do conflito e suas demandas colaterais, como a formação de uma opinião púbica que sustente o apoio a um ou a outro lado. Há um capital político nesse jogo entre o interesse turístico-religioso de brasileiros e as vantagens político-econômicas que Israel e Palestina podem auferir. Não há inocentes no campo das relações internacionais e demonstramos o investimento que é feito por Israel para captar a maior parte desse contingente a seu favor.

As declarações oficiais apresentadas dão conta desse aspecto presente na visão que o país tem de como é importante trabalhar para aproximar turistas brasileiros e mostrar o melhor da terra (usando uma expressão corrente entre os próprios turistas quando se referem a Israel). A entrevista com o Embaixador da Palestina foi esclarecedora, não deixando dúvida de que o seu país não é um *player* significativo no mesmo terreno das

políticas de fomento e apoio ao turismo, atuando o Estado da Palestina como coadjuvante ao contar passivamente com o carisma do seu povo para cativar os visitantes. Por outro lado, há o engajamento de grupos civis em favor dos palestinos, que militam em favor da promoção internacional da causa palestina, seja por meio de boicotes, seja por meio da condução de interessados para verificar a situação do povo *in loco*, além de outras iniciativas, como a produção de documentários cinematográficos, eventos entre estudantes etc.

Do lado de Israel, que conta com a simpatia dos religiosos brasileiros, parte desses religiosos, os evangélicos da pesquisa, têm sido movida por uma narrativa bíblico-teológica que construiu no seu imaginário algo como uma aliança, baseada em uma expectativa de que o Israel das páginas do *Tanakh* ou Antigo Testamento foi um reino teocrático ressurgido em 1948 na Palestina onde hoje estão judeus e israelenses. Há uma dificuldade entre os evangélicos em diferenciar os descendentes de uma etnia e as atuais conjunturas e perfis sociais, religiosos, e econômicos do moderno Estado de Israel. Neste sentido, consideramos que o turismo entre parte desses evangélicos não favorece fortemente o seu apoio ao país, por dois simples motivos. Primeiro, pelo que foi apontado nas entrevistas, que a sociedade em Israel não se mostra amistosa, amigável e acolhedora. Sendo uma sociedade moderna, é significativamente mais individualista e hostil a um espírito servil, diferentemente da sociedade palestina, menos moderna e, por isso, menos individualista e mais acolhedora. Segundo, porque ao visitarem sítios palestinos e tomar contato com a realidade daquela população, parte desses turistas fica sensibilizado pela precária situação da sociedade, especialmente do ponto de vista econômico, mas não menos em relação à questão que envolve a construção do Muro que os separa de Israel. Nesse particular, o turista brasileiro enxergou o ser humano por trás das narrativas contrárias aos palestinos, de que são terroristas ensandecidos procurando eliminar Israel do mapa. Isso foi demonstrado em termos percentuais no capítulo anterior.

Ainda com relação à opinião formada pelos turistas que visitam ambos os países, as entrevistas pós viagem, uma em seguida ao retorno e outra um ano depois disso, serviram para comprovar, a partir do grupo pesquisado e acompanhado pelo período de um ano (e em menor grau pelos demais entrevistados), que não há, propriamente dito, um engajamento político, social, sequer religioso, significativo, por parte dos evangélicos que frequentam igrejas, sem que estes tenham qualquer outro trânsito por onde possam ter

conhecimento das questões do conflito, e.g., a possibilidade de um desses turistas ligarem-se a uma ONG ou a frequentarem um curso superior que toque as questões. Caso contrário, serão sempre alimentados pelas informações rasas e enviesadas que são ventiladas pelos próprios pastores, eles mesmos detentores de pouca informação, como apontado por um dos guias.

O comportamento e/ou percepções que os turistas têm a respeito do conflito e os resultados da propaganda e das ações da diplomacia de cada país, portanto, produzem pouco ou nenhum efeito mensurável, num determinado espaço de tempo, que possamos considerar significativo para a causa de um ou de outro povo.

Levando em conta que 26% dos turistas considerou que a sua percepção em relação ao povo de Israel depois da viagem piorou, enquanto que em relação aos palestinos apenas 11% deram a mesma resposta; e considerando que a percepção mudou para melhor para 26% dos turistas em relação a Israel e 33% em relação a Palestina, nos convence de que o saldo positivo do turismo pende para o lado palestino, mesmo que estes não sejam proativos e engajados política e economicamente ao ponto de fazerem frente a esses esforços empenhados pelo Estado de Israel. Israel aufere benefícios econômicos, isto sim, mas não capitaliza a totalidade do apoio que espera desses evangélicos, que sejam como "embaixadores a mais para Israel em todo o mundo e nossos representantes leais nas redes sociais", como advogou o Ministro do Turismo, Yariv Levin (ISRAEL, 2017).

Em 1.7, quando da delimitação do objeto, consideramos a hipótese de partida que tanto o Estado de Israel quanto a Autoridade Palestina procuram ser amistosos aos turistas brasileiros, uma vez que, em hipótese, os evangélicos seriam virtuais agentes formadores de opinião no cenário internacional. Naquele ponto, mencionamos eventos realizados com formadores de opinião, tal como o *Christian Media Summit*, pelo Governo de Israel. Também mencionamos no último capítulo que "jornalistas influentes", como do jornal Folha de S. Paulo, "foram hospedados em Israel e estiveram entre aqueles que escreveram favoravelmente sobre Israel como um destino turístico atraente na moda" (ISRAEL, 2017). Diante do exposto até aqui, tais eventos devem ser considerados extensões, como de fato o são, do esforço oficial pelo Turismo. Grosso modo, seria a tentativa de aproximar turistas não religiosos, assim como os evangélicos, pastores e agências de turismo já utilizam seus mecanismos para incentivar o seu nicho.

Uma questão sobre essa abordagem a jornalistas e formadores de opinião é até que ponto o efeito pretendido se converte em fato. Deixando de lado os benefícios

econômicos, que certamente são positivos para Israel, da perspectiva do apoio político e do engajamento, uma vez que esse turista alcançado pelos textos ou pronunciamentos desses formadores de opinião vá a Israel, voltará com a mesma sensação dos evangélicos, i.é., tendo mudado a percepção em relação ao que foi promovido e apresentado como "destino turístico atraente na moda"? Pensamos que não, que esse turistas, igualmente brasileiro (e poderia ser de qualquer outra parte do planeta), sentirá incômodo pelas mesmas questões que incomodam os evangélicos, que hoje vive numa sociedade dita laica, e consome a mesma cultura que é comum a todos: vive, trabalha, mora, estuda, se informa nos mesmos lugares e meios.

Seguimos o trabalho metodológico da pesquisa (v. 1.9) atentos ao cumprimento do que foi proposto, sendo a revisão bibliográfica a fim de levantar um cenário apropriado e prover contexto para a pesquisa, escrevendo uma história das peregrinações que desaguaram no turismo moderno onde o tema está localizado. Desde a montagem do projeto da pesquisa, seguindo Certeau (1982), aceitamos o desafio na questão do método que "é encontrar na própria informação histórica o que a tomará pensável" (CERTEAU, 1982, p. 88). As hipóteses levantadas eram pensáveis, o que possibilitou a estruturação e desenvolvimento adequado como propusemos, podendo concluir os trabalhos.

Em apoio ao nosso referencial teórico, mencionamos Clifford Geertz (1997, menção feita em 2.9 O local como ponto de circulação do saber fluído), quando dispõe sobre o "paradoxo do carisma", que embora as raízes do carisma se encontrem longe do centro do poder, onde decisões são tomadas, e longe daqueles que têm o poder de decisão, o carisma surge afastado desse centro e com frequência surge distante dele, em pessoas "que desejam desesperadamente aproximar-se deste [poder]. A heresia [portanto] é fruto da ortodoxia também na política, e não só na religião" (GEERTZ, 1997, p. 215).

Propusemos a hipótese de que os evangélicos, distantes do centro de poder que é Israel, esforcem-se por demonstrar simpatia, apoiando Israel e seu povo e esperando certo grau de reconhecimento do centro de poder oficial. Desde meados do século XX, como no caso de George Douglas Young, e no Brasil, com Terra Nova e Edir Macedo e outros, empenham-se em aproximar-se de autoridades do Governo de Israel, que é aquele que legitima o campo religioso, por ser o poder político. Na ocasião, remetemos a uma analogia entre Constantino, quando oficializou o Cristianismo no Império Romano.

Em acréscimo a isso, ao tratarmos dos Órgãos Oficiais do Estado de Israel no Brasil (6.4.2), por hipótese consideramos que o campo político utiliza o turismo (especialmente o religioso, mas não exclusivamente) como massa de manobra para apoiar a narrativa do país, como já exploramos nestas considerações. O exemplo mencionado foi a enfática e reveladora declaração do Ministro do Turismo, Yariv Levin, quando disse que "O meio milhão de turistas que vieram a Israel neste ano [de 2017] são meio milhão de embaixadores a mais para Israel em todo o mundo e nossos representantes leais nas redes sociais, e isso também é um contributo decisivo para a imagem de Israel" (ISRAEL, 2017). O contributo dado pelos "representantes leais" é a moeda de troca, o capital político que Israel espera auferir no campo das relações internacionais, no plano da construção de sua narrativa.

No entanto, a pesquisa identificou uma ambivalência nessa disputa pelo capital político. Embora Israel seja quem mais investe no Turismo e no turista, devido ao tratamento dado pelas populações locais, os palestinos obtêm relativamente maiores ganhos políticos que Israel. Poderíamos ser mais específicos ao dizer que, em termos gerais, como pode ser observado na consolidação das entrevistas, os palestinos conseguem lucrar com o investimento feito por Israel, e esse lucro ocorre na proporção direta da perda de capital sofrida por Israel. Sendo assim, devemos considerar três pontos finais a partir dessas últimas constatações.

1. Que o papel do turismo brasileiro e/ou apoio evangélico ao conflito IP se dá à margem de uma tentativa do Governo de Israel de cooptar apoio. Tal apoio existe, mas tem se formado dentro e por conta de desenvolvimentos naturais no interior do campo religioso, que é a igreja evangélica. Esse apoio não se dá em decorrência de quaisquer ações políticas de Governo, que por sinal não são sequer percebidas à altura do que espera o órgão do Ministério do Turismo, nem por pastores, nem por seus membros ordinários, e sequer pelos agentes e operadores de turismo. Dizendo de maneira explícita, 1) a propaganda que Israel faz não chega ao seu destinatário; 2) mesmo havendo fomentação do turismo, aqueles que conhecem a realidade local em ambos os povos, não voltam tão encantados quanto se esperava e 3) desenvolvem certa simpatia pelos palestinos, algo que antes não existia.

2. Era de esperar que, segundo a teoria dos campos de Bourdieu, o campo religioso procurasse aproximação do campo político para obter legitimidade e consolidasse o seu próprio poder e narrativa. Isto confere autoridade aos seus oficiais e autentica suas crenças

e teorias/teologias da comunidade evangélica que adota o discurso dispenscionalista, milenarista e escatológico. Entre os neopentecostais, reforça o discurso de prosperidade e poder público nesta vida, e não no mundo vindouro. Acontece que o que foi constatado no ponto anterior sinaliza uma subversão nesse aspecto particular da teoria de Bourdieu, qual seja, a comunicação entre esses dois campos, o político e o religioso. Se no primeiro momento esses evangélicos se voltaram para os judeus na Palestina pré 1948, movidos que foram por suas próprias convicções e expectativas, no momento em que essa aproximação dos evangélicos foi percebida pela liderança política judaica, o campo político submeteu-se ao primeiro campo, o religioso, ao avaliar a possibilidade de ser ele o maior beneficiário de uma negociação de bens subjetivos, como o capital social e político em questão.

3. Sem entrar nos méritos e movimentações próprias de interesse econômico, mas atendo-nos exclusivamente aos limites teóricos propostos, as ações políticas de Israel são realizadas em busca e captação dos personagens religiosos da Igreja, i.é., observamos um movimento contrário ao esperado, segundo prenuncia a teoria. Temos de dizer, por fim, que a pesquisa inverte a teoria de Pierre Bourdieu. A Teoria dos Campos ou das Trocas Simbólicas, ao menos no particular entre política legitimadora (Israel) e religião em busca de legitimação (igreja/evangélicos) inverte a posição privilegiada da política como campo de poder que procura a legitimidade e/ou apoio no campo religioso. Ousaríamos dizer que há, portanto, um furo na Teoria dos Campos, já que por décadas Israel tem procurado os cristãos (evangélicos e até católicos) para que se tornem os legitimadores e apoiadores internacionais e os formadores de opinião em benefício do país, na guerra de narrativas travada no cenário internacional, nas cortes, nos órgãos que reúnem nações, fóruns, na imprensa, na literatura, no cinema, entre outros. Essas últimas instâncias mencionadas, imprensa, literatura, cinema compõem o campo da cultura na Teoria dos Campos, e ficam, agora, sob suspeição de que também estejam comprometidas caso algum pesquisador possa pesquisá-lo adiante. Há indícios a serem investigados, como a tentativa de aproximação que o Ministério do Turismo de Israel faz das estrelas *pop*, como Madona, entre outros,, comunidades LGBT (haja vista a Parada Gay em Tel Aviv), os "Pinkwashing", os chineses (força turística em ascenção no país) e até muçulmanos progressistas.

Quando vemos que o Primeiro Ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, tomando seu tempo para gravar vídeos felicitando os brasileiros (especialmente cristãos) por seu

Natal; o Governo brasileiro, na figura do Presidente Michel Temer, convocando líderes evangélicos para reunião, a fim de conseguir apoio para pautas políticas; os partidos negociando apoio com esses mesmos líderes evangélicos em época de campanha, recomendamos uma reconsideração da Teoria das Trocas Simbólicas que tem indicado o campo religioso como subalterno em relação ao campo político, esperando deste a força para seus próprios discursos e a confirmação de suas expectativas de natureza variada, como prosperidade, poder secular e ascensão pública e política. É nesse sentido que a epígrafe que abre essas Considerações faz sentido, como também é nesse sentido que Peter Berger, de quem tomo emprestado a última citação, diz que:

> Logo se verá que a área de legitimação é muito mais ampla do que a da religião, a partir de como estes dois termos foram definidos aqui. Existe, no entanto, uma importante relação entre os dois. Podemos descrevê-la dizendo simplesmente que a religião foi historicamente o instrumento mais amplo e efetivo de legitimação. Toda legitimação mantém a realidade socialmente definida. A religião legitima de modo tão eficaz porque relaciona com a realidade suprema as precárias construções da realidade erguidas pelas sociedades empíricas (BERGER, 1985, p. 45).

REFERÊNCIAS

Livros, excertos, teses e dissertações

ACERENZA, Miguel Ángel. *Conceptualización, origen y evolución del turismo*. México: Trillas, 2006.

AD-DIN, Moudjîr. Históire de Jérusalem et. D'Hebron. Depuis Abraham jusqu'a la fin du XVe siècle de J.-C. Fragments de la Chronique de Moudjîr-ed-dyn. Trad. árabe para francês por Henry Sauvaire. Paris: Chez Ernest Leroux, ed., 1876.

ALENCAR, Gedeon. *Assembleia de Deus: origem, implantação e militância (1911-1946)*. São Paulo: Arte Editorial, 2010.

ALENCAR, Gedeon. *Matriz pentecostal brasileira − Assembleia de Deus (1911-2011)*. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2013.

ANONYMOUS, *The Itinerary of St. Willibald*, trad. Rev. Canon Brownlow. In The Library of the Palestine Pilgrims' Text Society. London: Palestine Pilgrims' Text Society, 1895.

ARAÚJO, Isael de. *Dicionário do Movimento Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

ARCULFUS, *The Pilgrimage of Arculfus in the Holy Land (About the Year A.D. 670)*, James Rose MacPherson, B.D. (trad.). In The Library of the Palestine Pilgrims' Text Society. London: Palestine Pilgrims' Text Society, 1895.

ARMSTRONG, Karen. *Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*, trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ATHERTON, Elizabeth (ed. *et all*). DK Eyewitness Travel Guide: Jerusalem, Israel, Petra & Sinai. London: Dorling Kindersley, 2012.

AZZI, Riolando *et al*. *História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo* – Primeira Época – Período Colonial. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

BARBOSA, Lecínio Leal. *Benjamin Moraes – traços para o perfil de sua vida e obra*. Revista da Faculdade de Direito da UFG, v. 5, n. 1-2, 1981, p. IV-XVI.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo.* Lisboa: Edições 70, 1979.

BARMAN, Roderik J. *Citizen Emperor – Pedro II and the making of Brazil, 1825-1891*. Stanford (California): Stanford University Press, 1999.

BATISTA DOS SANTOS, Rev. Geraldo. *Sesquicentenário do Congregacionalismo Brasileiro 1855-2005*. João Pessoa: JRC, 2006.

BENJAMIN. *The Itinerary of Benjamin of Tudela,* critical text, translation and commentary by Marcus Nathan Adler. London: Oxford University Press, 1907.

BENSINGER, Gad J. Palestine in German Thought and Action 1871-1914 (1971). *Dissertations.* Paper 1162. Disponível em http://ecommons.luc.edu/luc_diss/1162 e acessado em 21.01.2017.

BERGER, Peter L. *Um rumor de anjos, a sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural*, col. Antropologia 4. Petrópolis: Editora Vozes, 1973.

BERGER, Peter L. *O dossel sagrado, elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulus, 2009.

BERNARD, J. H. (trad.). *Guide Book to Palestine* (Circ. A.D. 1350). London: Palestine Pilgrims Text Society, 1894.

BERNARD, John W. *Pilmigrage of S. Silvia of Aquitania to the Holy Places (Circa 385 A.D.)*. London: Palestine Pilgrims Text Society, 1891.

BERNARDO. *The Itinerary of Bernard the Wise (A.D. 870)*. Inclui *How the City os Jerusalem is Situade (circ. A.D. 1090?)*, trad. J. H. Bernard. London: Palestine Pilgrims' Text Society, 1893.

BESOUCHET, Lídia (1993). *Pedro II e o Século XIX*, 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

BONDER, Nilton. *Tirando os sapatos, o caminho de Abraão, um caminho para o outro*. Entrevistas de Tania Menai. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

BOSCH, David J. *Missão transformadora, mudanças de paradigma na teologia da missão*, 2ª ed. São Leopoldo: EST/Sinodal, 2007.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*, introdução, organização e seleção Servio Miceli, trad. Sérgio Miceli, Silvia de Almeida Prado, Sonia Miceli e Wilson Campos vieira, 7ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

BOWMAN, Glenn. *Redemption Mapeamento da História:* Escatologia e Topografia no Itinerarium Burdigalense *'em Jerusalém: a sua santidade e centralidade ao judaísmo, cristianismo e islamismo* (ed. Lee I. Levine). New York & Jerusalem: Continuum Imprensa e Magness Imprensa, 1998. p. 163-187.

BRAGA, Erasmo; AMARAL, Epaminondas Melo do (Org.). "A ressurreição da Palestina", in *Religião e cultura*. São Paulo: União Cultural Editora, 1944.

BRANDÃO, Luis Alberto. "Espaços-limite na literatura contemporânea. In JASINSKI, Isabel. *Literaturas em transito, teorias peregrinas*. Curitiba: UFPR, 2015, p. 15-34.

CAMPOS**,** Leonildo Silveira. **"**As Origens Norte-americanas do Pentecostalismo Brasileiro: Observações sobre uma Relação Ainda Pouco Avaliada", in PEREIRA, João Baptista Borges Pereira (org.). *Religiosidade no Brasil*. São Paulo: Edusp, 2012.

CARDOSO, Ruth et. al. *O preconceito.* São Paulo: Imesp [Imprensa Oficial do Estado], 1997.

CARVALHO, José Murilo de. *D. Pedro II*, ser ou não ser. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CERTEAU, M. *A escrita da história*, trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, pp. 23-119.

CHATEAUBRIAND, François-René. *Itinéraire de Paris à Jérusalem*. Trad. A. S. Kline. Poetry In Translation (www.poetryintranslation.com), 2011. ISBN-10: 1518853412; ISBN-13: 978-1518853418

COLLINS, Michael; PRICE, Matthew A. *História do cristianismo, 2000 anos de fé*. São Paulo: Ed. Loyola, 2000.

COLLINS-KREINER, Noga. KLIOT, Nurit; MANSFELD, Yoel; SAGI, Keren. *Christian Tourism to the Holy Land, pilgrimage during security crisis* [Israel: University of Haifa]. Burlington: Ashgate Publishing, 2006.

CONDER, C. R. *City of Jerusalem* (1220 A.D.). Trad. from the Old French with notes by C. R. Conder. London: 1896.

D'AVILA, Edson. *Assembleia de Deus no Brasil e a política: uma leitura a partir do* Mensageiro da Paz [dissertação em Ciências da Religião]. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista, 2006.

DAFLON, Claudete. "Pontes não levam a lugar algum: sujeitos em trânsito nas narrativas contemporâneas". In JASINSKI, Isabel. *Literaturas em transito, teorias peregrinas*. Curitiba: UFPR, 2015, p. 109-129.

DE MAISTRE, Xavier. *Viagem à Volta do Meu Quarto seguido de Expedição Nocturna à Volta do Meu Quarto*. Lisboa: Edições Tinta-da-China, 2015.

DEMANT, Peter R. Comentário feito a mim, por meio de troca de e-mails durante o processo de orientação para a pesquisa, 26.11.2017.

DONNER, Herbert. *História de Israel e dos povos vizinhos – dos primórdios até a formação do* Estado, 6ª ed. São Leopoldo: Sinodal/EST, 1997.

ELAD, Amikam. *Medieval Jerusalem and Islamic Worship: Holy Places, Ceremonies, Pilgrimage*, 2ª. ed. Leiden, Boston, Köln: Brill, 1999.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ETTE, Ottmar. "Posfácio. Em direção a uma poética do movimento: literaturas sem residência fixa. In JASINSKI, Isabel. *Literaturas em transito, teorias peregrinas*. Curitiba: UFPR, 2015, p. 277-292.

FAINGOLD, Reuven. *D. Pedro II na Terra Santa*, Diário de viagem – 1876. São Paulo: Sêfer, 1999.

FELDMAN-BIANCO, Bela (org.). *Antropologia das sociedades contemporâneas* - métodos. São Paulo: Global Universitária, 1987.

FERNANDES, Paulo César da Conceição. *As origens do Espiritismo no* Brasil: razão, cultura e resistência no início de uma experiência (1850-1914), Dissertação em Sociologia. Brasília: UnB, 2008.

FERREIRA, Júlio A. *Religião no Brasil*. Campinas: Luz para o Caminho, 1992.

FREYRE, G. Dom Pedro II, imperador cinzento em terra de sol tropical. In: *Perfil de Euclides e outros perfis*. São Paulo: Global Editora, 2015.

FRESTON, Paul. *Protestantes e política no Brasil: Da Constituinte ao Impeachment* [Tese apresentada ao Departamento de Ciências Humanas do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp]. Campinas: Unicamp, 1993.

FROSSARD, Miriane Sigiliano. *Caminhando por terras bíblicas: religião, turismo e consumo nas caravanas evangélicas brasileiras para a Terra Santa*. Tese de doutoramento em Ciências da Religião, defendida na Universidade Federal de Juiz de Fora, 2013.

GEERTZ, Clifford. *O Saber Local*. Petrópolis: Vozes, 1997.

GIL, Moshe. *A history of Palestine, 634-1099*. Cambridge: Cambridge University Press. 1992. Disponível em https://books.google.no/books?id=M0wUKoMJeccC&lpg=PP1&hl=no&pg=PA92#v=onepage&q&f=false e acessado em 13.05.2016.
and Historical Essays on Ancient Israel in Honor of William G. Dever; Seymour Gitin, J. Wright and J.P. Dessel (eds.). Winona Lake, Indiana: Eisenbrauns, 2006.

GIRALDI, Luis Antonio. *Semeadores da Palavra: personagens que tiveram participação decisiva na divulgação da Bíblia no Brasil*, 2ª ed. Tamboré: Sociedade Bíblica do Brasil, 2015

HAUCK, João Fagundes *et alii*. *A Igreja no Brasil no século XIX: segunda época*, 3ª ed. (História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo. Tomo II/2). São Paulo: Paulinas; Petrópolis: Vozes, 1992.

HILLENBRAND, Carole. *The Crusades: Islamic Perspectives*. New York: Routledge, 2000.

HISTOIRE D'HÉRACLIUS, par l'Évêque Sébéos. Traduzido do armênio para o francês com notas de Frédéric Macler. Paris: Imprimerie Nationale, Ernest Leroux (ed.), 1904.

HUNT, E.D. *Holy Land Pilgrimage in the Late Roman Empire AD 312-460*. Washington: Dumbarton Oaks, 2003.

ISRAEL, Tourist Information. *Visitors & Tourists Arrivals 2017*. Ministry of Tourism, 2017.

JASINSKI, Isabel. *Literaturas em transito, teorias peregrinas*. Curitiba: UFPR, 2015.

JEROME, St. *The Pilgrimage of the Holy Paula*, trad. Aubrey Stewart. London: Palestine Pilgrims' Text Society, 1887.

JONES, Lindsay (editor in chef). *Encyclopedia of religion* [Mircea Eliade], V. 10, 2ª ed. New York: Macmillan Reference, 2005, 14 v.

JUNQUEIRA, Mary A. *Estados Unidos: a consolidação da nação*. São Paulo: Contexto, 2001.

KHATLAB, Roberto. *As viagens de D. Pedro II, Oriente Médio e África do Norte, 1871 e 1876.* São Paulo: Benvirá, 2015.

KHUSRAU. *Diary of a Journey Through Syria and Palestine*, por Nasir-i-Khusrau (c. 1047 A.D.), trad. do persa por Guy le Strange. In The Library of the Palestine Pilgrims' Text Society. London: Palestine Pilgrims' Text Society, 1888.

LAMARTINE, Alphonse de. *A pilgrimage to The Holy Land;* comprising recollections, sketches, and reflections, made during a tour in the East, in 1832-1833, v. 1. Fouth American Edition. Philadelphia: Carey, Lea, and Blanchard: 1838.

LIMA, Hadna-Andy Vasconcelos. *Alcebíades Pereira Vasconcelos, Estadista e embaixador da obra pentecostal no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. *A estetização do mundo:* Viver na era do capitalismo artista; trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LISBOA, Karen Macknow. *Mundo novo, mesmo mundo;* viajantes de língua alemã no Brasil (1893-1942). São Paulo Hucitec, 2011.

LOPES, Edson. *Fundamentos da teologia escatológica*. São Paulo: Mundo Cristão, 2013.

LYONS, Jonathan. *A casa da sabedoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

MACCANNELL, Dean. *The ethics of the Sightseeing*. Los Angeles: University of California Press, 2011.

McGRATH, Alister E. *Teologia Histórica - Uma introdução à História do Pensamento Cristão*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

MALATIAN, Teresa. *D. Luís de Orleans e Bragança: Peregrino de Impérios*. S. Paulo: Alameda Editorial, 2010.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais, sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*, 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2005.

MARIANO, Ricardo; MOREIRA, Alberto da Silva. "Expansão, diversificação e transformação do pentecostalismo no Brasil", In MOREIRA, Alberto da Silva; TROMBETTA, Pino Lucà (orgs.). *O pentecostalismo globalizado*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2015.

MARTINS, Mário. *Peregrinações e livros de milagres na nossa Idade Média*, 2ª ed. Lisboa: Edições Brotéria, 1957.

MARTINS, Luciana de Lima. *O Rio de Janeiro dos Viajantes*, o olhar britânico (1800-1850). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

MATOS, Alderi Souza de. *Erasmo Braga, o protestantismo e a sociedade brasileira: perspectivas sobre a missão da igreja*. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.

McCLURE, M.L.; FELTOE, C.L. *The pilgrimage of Etheria*. Translations of Christian Literature, Series III, Liturgical Texts. London: Society for Promoting Christian Knowledge / London: The Macmillan Company, 1888.

MELTON, Jeffrey Alan. *Mark Twain, Travel Books and Tourism* – the tide of a great popular movement. London: The University of Alabama Press, 2002.

MELVILLE, Herman. *Clarel, a Poem and Pilgrimage in the Holy Land*. Ed. Walter E. Bezanson. New York: Hendricks House, 1960.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *Protestantes, pentecostais & ecumênicos, o campo religioso e seus personagens*; 2ª ed. reformulada e definitiva. Organização da edição de textos por Leonildo Silveira Campos. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2008a.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *O celeste porvir, a inserção do protestantismo no Brasil*. São Bernardo do Campo: Edusp, 2008b.

MENDONÇA, Emilio Zambon. *Igreja Pentecostal "Deus é Amor: origens, características e expansão* [Dissertação em Ciências da Religião]. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista, 2009.

MERYON, Rosalind. *General Gordon on Golgotha, Gordon's letters to Sir John Cowell 1883*. Jerusalem: The Garden Tomb Publish, 2012.

MOREIRA LEITE, Miriam Lifchitz. *Livros de viagem (1803-1900)*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MORRIS, Benny. *Um Estado, dois Estados: soluções para o conflito Israel-Palestina*. São Paulo: Editora Sêfer, 2014.

MUKADDASI, *Palestina under the Moslems: a description of Syria, including Syria and Holy Land (From A.D. 650 to 1500)*. Translated from the Works of The Medieval Arab Geographers by Guy Le Strange, with maps and illustrations. London, 1890.

NEGRÃO, Lísias Nogueira (org.). *Novas tramas do sagrado: trajetórias e multiplicidades*. São Paulo: EDUSP/Fapesp, 2009.

NEWBERG, Eric Nelson. *The Pentecostal Mission in Palestina, 1906-19048 – A Postcolonial Assessment of Pentecostal Zionism*. A Dissertation Presented to the Faculty of the School of Divinity Regente University in Partial Fulfillment of the Requirements for the Degree Doctor of Philosophy in Renewal Studies, 2008.

NEWBERG, Eric N. "Diverse Contours of Pentecostalism in Israel/Palestine". In SYNAN, Vinson; YONG, Amos Yong (eds.). *Global Renewal Christianity: Europe and North America Spirit Empowered*, v. 4. S/l: Oral Roberts University d/b/a Empowered 21, 2017

NOONAN, Thomas. *The Road to Jerusalem: Pilgrimage and Travel in the Age of Discovery*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press in Association with the Library of Congress, 2007.

NUNES, Edson de Oliveira, (org.). *A aventura sociológica*, objetividade, paixão improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

OLIVEIRA, R. C. *O trabalho do antropólogo*, 2ª ed. São Paulo: Unesp, 2000.

OLIVEIRA, Priscilla Luciane Bastos, *A espetacularização da fé na Igreja Plenitude do Trono de Deus* [Dissertação em Ciências da Religião]. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2017(a).

OLIVEIRA, Liliane Costa de; COSTA, Renilda Aparecida. O "Pentecostalismo judaizante", in Daniel Barros de Lima, Gedeon Freire de Alencar, Marina Santos Correa (orgs.), *Reforma Protestante e Pentecostalismo: convergências e divergências*. Manaus: FBN / Vitória: Editora Unida, 2017(b).

ORO, Ari Pedro. *Transnacionalização religiosa* – fluxos e redes. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.

PAGANELLI, Magno. *O Corão, a violência e a Interpretação do Hamas*. Curitiba: Editora Prismas, 2017.

PANOSSO NETTO, Alexandre. *Filosofia do turismo: teoria e epistemologia*. São Paulo: Aleph, 2005.

_____, Alexandre; LOHMANN, Guilherme. *Teoria do turismo: conceitos, modelos e sistemas*. São Paulo: Aleph, 2012.

PEREIRA, João Baptista Borges (org.). "Italianos no protestantismo brasileiro: a face esquecida pela história da imigração", in PEREIRA, João Baptista Borges. *Religiosidade no Brasil*. São Paulo: Edusp, 2012.

PERRY, Yaron. *British Mission to the Jews in Nineteenth-century Palestine*. New York: Routledge, 2004a.

PIAZZA, Waldomiro O. *Religiões da Humanidade*, 2ª. ed. Ampliada. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

PIRES, Mário Jorge. *Raízes do Turismo no Brasil: hóspedes, hospedeiros e viajantes no século XIX*, 2ª ed. Barueri: Manole, 2002.

POLONER, John. *John Poloner's description of the Holy Land (Circa 1421 A.D.)*, Aubrey Stewart (trad.). London: Palestine Pilgrims Text Society, 1894.

REILY, Duncan Alexander. *História documental do protestantismo no Brasil*, 3ª ed. São Paulo: Aste, 2003.

ROCHA, Daniel. *Fim dos tempos nos Estados Unidos: escatologia, fundamentalismo religioso e identidade nacional em Hal Lindsey e Tim LaHaye (1970-1980).* Tese (doutorado) em História, Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Belo Horizonte, 2017.

RODRIGUES, André Figueiredo; AGUIAR, José Otávio (orgs.). *História, religiões e espiritualidade: da antiguidade aos recortes contemporâneos, novas abordagens e debates sobre religiões.* São Paulo: Humanitas, 2016.

ROGERS, Stephanie Stidham. *Inventing the Holy Land*: American Protestant pilgrimage to Palestine, 1865-1941. Lanham, Maryland: Lexington Books, 2011.

ROJEK, C. *Event power*: *How Global Events manage and manipulate*. London: Sage, 2013.

SAEWULF (1102, 1103 A.D.). Trad. J. Canon Brownlow. In The Library of the Palestine Pilgrims' Text Society. London: Palestine Pilgrims' Text Society, 1892.

SAID. Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*; trad. Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SAID. Edward W. *A questão da Palestina*. São Paulo: Edusp, 2012.

SANCHEZ VASQUEZ, Adolfo. *Entre a realidade e a utopia: ensaios sobre política, moral e socialismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

SANTANA, Wilson. *A Reforma Protestante e o Brasil: memorial 500 anos, uma nova biblio-historiografia*. Goiânia: Editora Cruz, 2017.

SANTOS, Milton. *Por uma Geografia Nova: da crítica da Geografia a uma Geografia crítica*, 6ª ed., Coleção Milton Santos, v. 2. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

SCOFIELD, C. I. *A Bíblia Sagrada com as referências e anotações de Dr. C. I. Scofield*. Flórida: Imprensa Batista Regular do Brasil, 1983, pp. 3,4.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do Imperador*: *D. Pedro II, um monarca nos trópicos.* São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SHELLEY, Bruce L [rev. R. L. Hatchett]. "Maldição sobre a coroa – A Igreja da Inglaterra", in *História do Cristianismo.* Rio de Janeiro, Thomas Nelson Brasil, 2018.

SHLAIM, Avi. *A muralha de ferro, Israel e o mundo árabe*, trad. Maria Beatriz Penna Volgell. Rio de Janeiro: Editora Fissus, 2004.

SILVA, Clarisse Ferreira da. *O comentário (Pesher) de Habacuc, a comunidade de Qunran reinterpreta o passado* [col. Judaica]. São Paulo: Humanitas, 2010.

SILVA, Vagner Gonçalves. "Concepções religiosas afro-brasileiras e neopentecostais: uma análise simbólica", in PEREIRA, João Baptista Borges. *Religiosidade no Brasil*. São Paulo: Edusp, 2012, p. 219-256.

SILVA, Wallace de Góis. "Pentecostais e(m) Terra Santa: do discurso sionista à presença na Palestina e em Israel. In David Mesquiati de Oliveira, Ismael de Vasconcelos Ferreira, Mawell Pinheiro Fajardo (orgs.). *Pentecostalismo em perspectiva*. São Paulo: Edições Terceira Via, 2017, p. 279-289.

STEIL, Carlos Alberto. Peregrinação, Romaria e Turismo religioso: raízes etimológicas e interpretações antropológicas. In: ABUMANSSUR, Edin S. (org.). *Turismo religioso:* ensaios antropológicos sobre religião e turismo. Campinas: Papirus, 2003.

STEIL, Carlos Alberto. *Peregrinação e turismo religioso:* sujeitos, objetos e perspectivas. In: STEIL, Carlos Alberto; GRABURN, Nelson; BARETTO, Margarita. (Org.). Antropologia e turismo. Novas abordagens. Campinas: Papirus, 2009.

STEIL, Carlos Alberto & CARNEIRO, Sandra de Sá (Orgs.). *Caminhos de Santiago no Brasil:* Interfaces entre Turismo e Religião. Rio de Janeiro: Contracapa, 2011.

STEWART, Aubrey (trad.). *Anonymous Pilgrims, I-VIII (11th and 12th centuries).* London: Palestine Pilgrims' Text Society, 1894.

SWATOS JR., William (org.). *On the Road to Being There:* Continuing the Pilgrimage-Tourism Dialogue. Leiden: Brill Academic Press, 2006

TAYLOR, Joan E. *Christians and the Holy Places,* The Myth of Jewish-Christian Origins. Oxford: Clarendon Press, 1993.

THEODOSIUS. *Theodosius (A.D. 530)*. Trad. J. H. Bernard. London: Palestine Pilgrims Text Society, 1893.

THOMAS, Rhodri (ed.). Accommodating the spiritual tourist: the case of religou retreta houses, in *Small firms in tourism: international perspectives*. London: Elsevier, 2004.

TOGNINI, Enéas. *Geografia das Terras Bíblicas e o Dilúvio*, v. II. São Paulo: Ed. Louvores do Coração, 1980.

TOGNINI, Enéas. *Enéas Tognini – a autobiografia*. São Paulo: Hagnos, 2006.

TORRÃO FILHO, Amilcar. *A arquitetura da alteridade,* a cidade luso-brasileira na literatura de viagem (1783-1845). São Paulo: Hucitec, 2010.

TRIBE, John. The indiscipline of tourism. In *Annals of Tourism Research*, v. 24 n. 3, p. 638-657, 1997.

TROMBETTA, Pino Lucà. "Religião sem fronteiras: o crescimento do pentecostalismo" (trad. do italiano: Angelica Maria Ayres da Silva e Alberto da Silva Moreira). In MOREIRA, Alberto da Silva; TROMBETTA, Pino Lucà (orgs.). *O pentecostalismo globalizado*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2015.

TWAIN, Mark. *Innocents Abroad*. London: American Publishing Company, 1869.

URRY, John; LARSEN, Jonas. *The Tourist Gaze 3.0*. California: SAGE Publications Inc., 2011.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo* [Col. A obra-prima de cada autor, texto integral]. São Paulo: Martin Claret, 2003.

WESLEY, John. *O diário de John Wesley, o pai do metodismo* [ed. compacta]. São Paulo: Arte Editorial, 2009.

WILLIBALD, *The hodoeporicon of Saint Willibald (Circa 754 a.d.),* trad. Rev. Canon Brownlow. In The Library of the Palestine Pilgrims' Text Society. London: Palestine Pilgrims' Text Society, 1895.

WILSON, Charles W. *The Holy Places Visited by Antoninus Martyr (circ. 500-530),* Aubrey Stewart (trad.), in The Library of the Palestine Pilgrims' Text Society. London: Palestine Pilgrims' Text Society, 1887.

WILSON, Charles W. *The Letter of Paula and Eustochium to Marcella (386 A.D.),* Aubrey Stewart (trad.). In The Library of the Palestine Pilgrims' Text Society. London: Palestine Pilgrims' Text Society, 1889.

VALADARES, Paulo. *A "gente de Palmares" e os outros: sobrevivências judaicas em Sergipe*. São Caetano: Lura Editorial, 2018.

VAN DYKE, Henry. *Out-of-doors in the Holy Land: Impressions of Travel in Body and Spirit*. New York: C. Scribner's Sons, 1919.

VASCONCELOS, Alcebíades. *Israel, milagre do século XX*. Rio de Janeiro: CPAD, 1970.

VIEIRA, David Gueiros. *O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil*, 2ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1980.

VIKAN, Gary. *Byzantine Pilgrimage Art*. Washington, D.C.: Dumbarton Oaks, Trustees for Harvard University, 1982 (p. 6).

VILLELA, Clarisse Martins. *Hospícios da Terra Santa no Brasil*. Tese apresentada a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2015.

ZATERKA, Luciana. *Filosofia experimental na Inglaterra do séc. XVII: Francis Bacon e Robert Boyle.* Estudos seiscentistas. São Paulo: Associação Editorial Humanitas: Fapesp, 2004.

Artigos, ensaios, periódicos e documentários

ABUMANSSUR, Edin Sued. *Religião e turismo.* Texto de palestra realizada para a *Planet Work*, no Rio de Janeiro, em setembro de 2009. Disponível em <https://www.academia.edu/17249505/Religi%C3%A3o_e_Turismo> e acessado em 09.02.2018.

ALTMANN, Walter. *Lutero − Defensor dos Judeus ou Anti-Semita?* Exercícios a partir de Textos de Lutero. In *Estudos Teológicos*, v. 3, n. 1, p. 74-82. São Leopoldo: EST, 1993. Disponível em <http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/931/903> e acessado em 28.01.2016.

ARAD, Pnina. ‘As If You Were There’: The Cultural Impact of Two Pilgrims’ Maps of the Holy Land, in *Visual Constructs of Jerusalem*, ed. Bianca Kühnel, Galit Noga-Banai, Hanna Vorholt. Turnhout: Brepols, 2014, p. 307-316.

ARTHUR, Eddie. “O Futuro das Agências Missionárias”, in *Martureo* – Centro de Reflexão Missiológica, 2018. Disponível em <https://www.martureo.com.br/o-futuro-das-agencias-missionarias/> e acessado em 08.02.2018.

AVNI, Gideon. The Persian Conquest of Jerusalem (614 c.e.) — An Archaeological Assessment. In *Bulletin of the American Schools of Oriental Research*, nº 357 (Fev/2010), p. 35-48. Publicado por The American Schools of Oriental Research. Disponível em http://www.jstor.org/stable/27805159 e acessado em 21.03.2016.

BARBOSA, Lecínio Leal. *Benjamin Moraes – Traços para o perfil de sua vida e obra*. Revista da Faculdade de Direito da UFG, v. 5, n. 1-2, 1981, p. IV-XVI.

BERNARD, G. W. The dissolution of the monasteries. In *History* [The Historical Association and Blackwell Publishing Ltd.]. V. 96, issue 324. Oxford: Blackwell Publishing, 2011. P. 390-409.

BOURDIEU, Pierre. The Social Space and the Genesis of Groups. In *Theory and Society*, Vol. 14, nº 6 (nov. 1985), p. 723-744.

BRAGANÇA, Dom Carlos Tasso de Saxe-Coburgo e. “Dom Pedro II Peregrino na Terra Santa. In *Digesto Econômico*, São Paulo, n. 190, jul/ago 1966. *Vozes*, 8 de agosto de 1966. Ver. I.H.G.B., v. 271, 1966.

BREYER, Chloe. *Egeria and the Holy Week Liturgies − One woman's travel diary and the difference it made*. In Slate Magazine, abril de 2007. Disponível em http://www.slate.com/articles/life/faithbased/2007/04/egeria_and_the_holy_week_liturgies.html em 19.02.16.

BUMBIERIS, João Victor Scherrer. Consultoria Legislativa. *Medida Provisória N. 819, de 2018*. Nota Descritiva, fevereiro de 2018.

CAMPO, J. “American pilgrimage landscapes”. In *Annals of the American Academy of Political and Social Sciences*, issue 558, “Americans and Religions in the Twenty-First Century”, julho de 1998, p. 40-56. Published by: Sage Publications, Inc. in association with the American Academy of Political and Social Science. Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/1049103>.

CAMPOAMOR, Jaime. *Turismofobia: Barcelona y otras ciudades en pie de guerra contra el turismo de masas*. 1º de junho de 2017. BBC Mundo. Disponível em <http://www.bbc.com/mundo/noticias-40107507> e acessado em 09.08.2017.

CHAGAS, Tiago. Governo de Israel pretende usar interesse de evangélicos do Brasil por locais sagrados como arma política contra a Palestina, in *Gospel Mais*, 04.03.2013. Disponível em <https://noticias.gospelmais.com.br/israel-evangelicos-brasil-arma-contra-palestina-50622.html> e acessado em 16.09.2018.

CONYBEARE, Frederick. Antiochus Strategos' Account of the Sack of Jerusalém in A. D. 614. In *The English Historical Review*, v. 25, n. 99 (jul 1910), p 502-517. Oxford University Press. Stable URL: http://www.jstor.org/stable/549886

COSTA, Bruno Balbino Aires da; BARRETO, Sonní Lemos. A história em cena: os espaços na trama dos historiadores, in Sérgio Ricardo da Mata, Helena Miranda Mollo e Flávia Florentino Varella (orgs.). *Anais do 3º Seminário Nacional de História da Historiografia*: aprender com a história? Ouro Preto: Edufop, 2009.

DUPLANCHER, Arturo Magaña. *Presiones y decisiones en política exterior: dos momentos de México ante el conflito árabeisraeli.* Relaciones Internacionales, nº 17, 2011, p. 123-152.

ELIAS, Rodrigo. *Pedro II, o estranho. Contradições de um monarca republicano*. Revista de História da Biblioteca Nacional. Ano 8, n. 86, novembro de 2012.

ELSNER, Jaś. *The Itinerarium Burdigalense:* Politics and Salvation in the Geography of Constantine's Empire. *The Journal of Roman Studies,* vol. 90 (2000), pp. 181-195. New York: Society for the Promotion Published of Roman Studies.

FARES, Seme Taleb. *O Pragmatismo do Petróleo: As relações entre o Brasil e o Iraque.* Revista Brasileira de Política Internacional, nº 50, 2007.

FELDMAN, Luiz. (2013), "Um Clássico por Amadurecimento: *Raízes do Brasil*". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 28, nº 82, pp. 119-140. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52582015000401131#B20 > e acessado em 26.01.2018.

FERREIRA, Júlio Andrade. *Quarenta Dias: viagem à Europa e à Israel* (1992). Ensaio datilografado, não publicado. Museu Presbiteriano Rev. Júlio A. Ferreira, Campinas (SP).

FLINT, Guila. "Palestinos elogiam decisão de Lula de pernoitar em Belém". In *BBC Brasil*, 03.03.2010. Disponível em <https://bbc.in/2NS5RZ4> e acessado em 16.09.2018.

FRANCO, Stella Maris Scatena. Relatos de viagem: reflexões sobre seu uso como fonte documental. In JUNQUEIRA, Mary Anne, FRANCO, Stella Maris Scatena (orgs.). *Cadernos de Seminários de Pesquisa*, v. 2. São Paulo: Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo/Humanitas, 2011, p. 62-86.

GARNETT, Margaret Elizabeth. *The longed-for place*, Seawulf and twelfth-century pilgrimage to the Holy Land. Williamsburg, Virginia: 2000.

GHERMAN, Michel. *Deus e Diabo na Terra Santa - Pentecostalismo brasileiro em Israel*. Porto Alegre: WebMosaica Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall v.1 n.1 (jan-jun), 2009, p. 56-71.

GIUMBELLI, Emerson. *Turismo Religioso, Gospel e Políticas Culturais:* notas sobre articulações entre religião e cultura no Brasil. Texto apresentado na 29ª Reunião Brasileira de Antropologia. Natal: 2014.

GHERMAN, Michel. *Deus e Diabo na Terra Santa - Pentecostalismo brasileiro em Israel*. Porto Alegre: WebMosaica Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall v.1 n.1 (jan-jun), 2009, p. 56-71.

GRABAR, Oleg. The Umayyad Dome of the Rock in Jerusalem, in *Ars Orientalis, the arts os Islan and the East*, vol. 3, p. 33-62. Freer Gallery of Art, Fine Arts Department, Smithsonian Institution, University of Michigan, 1959.

GUIMARÃES, Maria João. *Turismo militar em Israel oferece a simulação de atentados a julgamentos do Hamas*. In Público, 18.07.2017. Disponível em <http://publico.uol.com.br/mundo/noticia/turismo-militar-em-israel-da-simulacao-de-atentados-a-julgamentos-do-hamas-1779426> e acessado em 17.08.2017.

GUTIN, Haim. *Com crescimento de 82% em visitantes brasileiros, Turismo de Israel lança nova campanha institucional*. Disponível em

http://www.mercadoeeventos.com.br/site/noticias/view/70527 e acessado em 26.01.2016.

HUMMEL, Daniel G. A "Practical Outlet" to Premillennial Faith: G. Douglas Young and the Evolution of Christian Zionist Activism in Israel. In *Religion and American Culture: A Journal of Interpretation*, v. 25, Issue 1, p. 37-81. California: The Center for the Study of Religion and American Culture, 2015.

KAEGI JR., Walter Emil. Initial Byzantine Reactions to the Arab Conquest. In *Church History*, vol. 38, nº 2, jun./1969, p. 139-149. Publicado em parceria com Cambridge University Press American Society of Church History Stable. Disponível em http://www.jstor.org/stable/3162702 e acessado em 21-03-2016.

KOFSKY, A. Peter the Iberian: Pilgrimage, Monasticism and Ecclesiastical Politics in Byzantine Palestine. In *Liber Annuus* 47 (1997), p. 209-222.

KRESCH, Daniela. “Netanyahu inicia primeira visita de um premiê israelense à América Latina”. In *Folha de S. Paulo*, Mundo, 11.09.2017. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2017/09/1917354-netanyahu-inicia-primeira-visita-de-um-premie-israelense-a-america-latina.shtml> e acessado em 11.09.2017.

LITTLE, Donald P. Mujīr al-Dīn al-ʿUlaymī's Vision of Jerusalem in the Ninth/Fifteenth Century. In *Journal of the American Oriental Society*, v. 115, n. 2 (Apr.-Jun. 1995), p. 237-247. Publicado por American Oriental Society, DOI: 10.2307/604667. Disponível em http://www.jstor.org/stable/604667. Acessado em 23.12.2016.

LIVNE-KAFRI, Ofer. *The Muslim Traditions ‘In Praise of Jerusalem’* (*Fada’il al-Quds*): diversity and complexity. Ann. Inst. Univ. Orient. 58:1-2 1998, p 165-192.

LUTHER, Martin D. *Von den Juden und ihren Lügen*. Wittenberg: Hans Lufft, 1543. Disponível em http://www.vho.org/aaargh/fran/livres8/MartinLuther.pdf e acessado em 1º.02.2016.

MALTZ, Judy. Spreading the Good Word (From Israel) Why the Israeli Government Is Courting Christian Journalists, 23 de agosto de 2017. In *Haaretz*. Disponível em <https://www.haaretz.com/israel-news/.premium-1.808364> e acessado em 17.10.2017.

MANSIR, D. F. C. *Voices from Jerusalem, recommendations for the Religious and Civil Governance of Jerusalem*. The Union Institute Graduate School Cincinnati, Ohio, 1999.

MARAVAL, Pierre. The Earliest Phase of Christian Pilgrimage in the Near East (before the 7th Century). In *Dumbarton Oaks Papers*, n. 56. Ed. Alice-Mary Talbot. Published by Dumbarton Oaks Research Library and Collection Washington, D.C., Issue year 2002. www.doaks.org/etexts.html

MATOS, Alderi Souza de. *Robert Reid Kalley, pioneiro do protestantismo missionário na Europa e nas Américas*. São Paulo: Fides Reformata, VIII, n. 1, 2003, p. 9-28.

MATOS, Alderi Souza de. *Rev. Dr. Benjamim Moraes Filho*. Biografia do Rev. Benjamim Moraes Filho, escrita em 4 páginas para um próximo livro de MATOS [ainda não publicado] e recebida por mim em troca de email em 01.03.2018.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. *A História, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais*. Rev. lnst. Est. Bras, n. 34. São Paulo: USP, p. 9-24, 1992.

MENSAGEIRO DA PAZ. *Uma viagem pela Palestina* [trad. João Farias da Silva], parte I, ano XIX n. 10, 2ª quinzena de maio de 1949. Rio de Janeiro: CPAD, 1949.

MENZIES, William. *As origens teológicas do moderno Movimento Pentecostal***.** In Revista Manual do Obreiro, ano 28, n. 33, jan/fev/mar de 2006. Rio de Janeiro: CPAD.

MINISTÉRIO do Turismo de Israel. E-mail trocado em 30 de janeiro de 2018 com Renata Vuono (Depto. Marketing), em que foram passadas estatísticas oficiais do turismo em 2017, além dos projetos turísticos em andamento e declarações oficiais.

MIRANDA, Giuliana. "Destino da moda, Portugal vive alta de preços e começa a nutrir turismofobia. In *Folha de S. Paulo*, caderno Mundo, 22.04.2018. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/04/destino-da-moda-portugal-vive-alta-de-precos-e-comeca-a-nutrir-turismofobia.shtml> e acessado em 27.04.2018.

MIRROR. *The Mirror of Literature, Amusement, and Instruction*: containing original essays; historical narratives; biographical memoirs; manners and customs; topographical descriptions; sketches and tales; anecdotes; select extracts from new and

expensive Works; poetry, original and selected. The spírit of the Public Journals, v. XXV. Londres: J. Limbird, 1835.

MOFTAH, Lora. *Jerusalem Muslim Tourists:* Increase In Visitors From Indonesia, Turkey Amid Israel Tourism Downturn, em <http://www.ibtimes.com/jerusalem-muslim-tourists-increase-visitors-indonesia-turkey-amid-israel-tourism-1873012>, de abril de 2015, acessado em 15.09.2015.

NINIO, Marcelo. "Brasileiro não visita túmulo e sofre boicote". In *Folha de S. Paulo*, Mundo, 16.03.2010. Disponível em <https://bit.ly/2NKwsYc> e acessado em 16.09.2018.

NORA, Pierre. Entre memória e história, a problemática dos lugares, trad. Yara Aun Khoury para *Proj. História*, São Paulo. 10.dez.1993. In: *Les lieux de memoire.* I La Republique, Paris, Gallimard, 1984, p. XVIII- XLII. Editions Gallimard, 1984.

O APOSTOLO, 3 de julho de 1870, ano V, n. 28. Rio de Janeiro: Typ. do Apostolo, 1870.

O JORNAL BATISTA, Órgão Oficial da Convenção Batista Brasileira ano CXIV, ed. 31, domingo, 03.08.2014.

OLIVEIRA, 2015. "Sanaúd! y Diretas Já! El pragmatismo responsable en la cancillería y la historia de las alianzas de los movimentos políticos palestinos y brasileños em Brasil y América latina (1973-1991)", In *Reporteres de Cemoan* n. 20 – Centro de Estudios de Medio Oriente y África del Norte. Escuela de Relaciones Internacionales – Universidad Nacional Heredia, Costa Rica. Julio de 2015, p. 7.

ONU. *International Recommendations for Tourism Statistics 2008*, Compilation Guide. Department of Economic and Social Affairs, Statistics Division. New York: United Nations, 2016.

OREN, Michael B. "The Revelations of 1967: New Research on the Six Day War and Its Lessons for the Contemporary Middle East: What Lessons Does One Learn For The Present From The June War Of 1967?". in: *Israel Studies* 10, 2, 2005, pp. 1-14.

PAGANELLI, Magno. With God on Our Side [Resenha]. In *Malala*, n. 3, v. 1, dez/2014. Boletim do Grupo de Trabalho Oriente Médio e Mundo Muçulmano (GTOMMM), vinculado ao Laboratório de Estudos da Ásia (LEA), da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), Universidade de São Paulo (USP), 2014, p. 128-135.

PANOSSO NETTO, Alexandre; NOGUERO, Félix Tomillo; JÄGER, Margret. Por uma Visão Crítica nos Estudos Turísticos. In *Turismo em Análise*, v. 22, n. 3, dezembro de 2011.

PARTIN, Harry B. (Harry Baxter). *Pilgrimage to Jerusalem: Jewish, Christian, Muslim*. Encounter, 46 no. 1, Winter, 1985, p. 15-35. Publication Type: Article.

PELLICER, Lluís. *Turismofobia: la cara menos amable de uma industria millonaria*. Economia, 28 de maio de 2017. Barcelona: El País. Disponível em <https://economia.elpais.com/economia/2017/05/27/actualidad/1495908161_850351.html> e acessado em 09.08.2017.

PERRY, Yaron. John Steinbeck's Roots in Nineteenth-Century Palestine. In *Steinbeck Studies*, v. 15, n. 1, Spring 2004b, p. 46-72 (article). Published by The Martha Heasley Cox Center for Steinbeck Studies. DOI: https://doi.org/10.1353/stn.2004.0018 accessado em 12 de julho de 2017.

PEW. *Israel's Religiously Divides Society, Deep gulfs among Jews, as well as between Jews and Arabs, over political values and religion's role in public life*, mar/2016. Religion & Public Life. Disponível em <http://www.pewforum.org/2016/03/08/israels-religiously-divided-society/> e acessado em 07.09.2018.

PINTO, P. M. O "Umbigo" do Mundo. In *Visão História*, 01 jul. Lisboa: Impresa, 2017.

RAJ, Kapil. Conexões, cruzamentos, circulações: A passagem da cartografia britânica pela Índia, séculos XVII-XIX, In *Cultura* [Online] Revista de História e Teoria das ideias, v. 24. Disponível em <http://cultura.revues.org/877>, acessado em 01.10.2016; DOI : 10.4000/cultura.877, 2007, p. 155-179.

_____. *Beyond Postcolonialism …and Postpositivism:* Circulation and the Global History of Science. Isis, v. 104, n. 2 (June 2013), p. 337-347. Published by: The University of Chicago Press on behalf of The History of Science Society. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/10.1086/670951> e acessado em 20.06.2017.

_____. *Circulação não é fluidez* [entrevista com Kapil Raj, concedida a Matheus Duarte], v. 9, n. 1, junho de 2016. Boletim da Sociedade Brasileira da História da Ciência. Disponível em < http://www.sbhc.org.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=944> e acessado em 08.06.2017.

READER, Ian. Pilgrimage growth in the modern world: meanings and implications. In *Religion* 37, issue 3. Elsevier, 2007, p. 210-229. Disponível em <https://www.sciencedirect.com/journal/religion/vol/37/issue/3>.

RINSCHEDE, Gisbert. Forms of religious tourism. Universitgt Regensburg, Germany. In *Annals of Tourism Research*, vol. 19, p. 51-67, 1992.

RODRIGUES, Paulo Miguel. *A Questão Kalley numa perspectiva política e a importância de esclarecer equívocos (1838-1846): uma primeira abordagem*. Universidade da Madeira; Faculdade de Artes e Humanidades; Centro de Investigação em Estudos Regionais e Locais, 2016.

SARTIN, Gustavo H. S. S. *ITINERARIUM BURDIGALENSE UEL HIEROSOLYMITANUM IItinerário de Bourdeaux ou de Jerusalém): texto latino, mapas e tradução comentada*, in Scientia Traductionis, no. 15, 2014. Florianópolis: UFSC, p. 293-379.

SMITH, Helena. “Tourism is our lifejacket': debt-stricken Greece gets record number of visitors”. In *The Guardian*, 01/07/2017. Disponível em <https://www.theguardian.com/business/2017/jul/01/tourism-is-our-lifejacket-debt-stricken-greece-gets-record-number-of-visitors> e acessado em 08.02.2018.

SMITH, Julie Ann. “My Lord’s Native Land”: Mapping the Christian Holy Land. In *Church History*, vol. 76, nº 1, mar/2007, p. 1-31. Cambridge University Press. Acessado em http://www.jstor.org/stable/27644922 em 16.03.2016.

STEWART, Desmond. Herzl’s Journeys in Palestina and Egypt, In *Hournal of Palestine Studies.* V. 3, n. 3 (Spring, 1974), p. 18-38. California: University of California Press em parceria com Institute for Palestine Studies. DOI: 10.2307/2535890. Disponível em http://www.jstor.org/stable/2535890 e acessado em 23.01.2017.

SULLIVAN, Charles. *Pentecostals and Israel, the connection between Pentecostals, Christian Zionism, Judaism and the State of Israel.* In Middle East Affairs, Politics, 06.july.2013. Disponível em < https://charlesasullivan.com/4226/pentecostalism-and-israel/#easy-footnote-bottom-16-4226> e acessado em 07.01.2018.

TCHEKHANOVETS, Yana. Early Georgian Pilgrimage to the Holy Land, in *Liber Annuus 61* (2011) 453-471.

TOPEL, Marta Francisca, A inusitada incorporação do Judaísmo em vertentes Cristãs Brasileiras: algumas reflexões. In *Revista Brasileira de História das Religiões*, ANPUH, ano IV, n 10, maio de 2011.

UNWTO, World Tourism Organization. *Tourism Highlights 2015 Edition*, Annual Report.

UNWTO. *Glossary of tourism terms*, last update: February 2014. Disponível em < http://cf.cdn.unwto.org/sites/all/files/Glossary+of+terms.pdf> e acessado em 21.06.2017.

VISIONLEDD, *About Jim Cantelon* [Presentation]. Disponível em <https://www.visionledd.com/wp-content/uploads/2013/01/Jim-Cantelon-Speaker-Profile-2013.pdf> e acessado em 11.09.2018.

WEINDENFELD, Adi; RON, Amos S. *Religious needs in the tourism industry*. 2008. Published in: Anatolia, An International Journal of Tourism and Hospitality Research (2008), Vol. 19, No. 2, pp. 357-361.

WILKEN, Robert L. Early Christian Chiliasm, Jewish Messianism, and the Idea of the Holy Land. In *The Harvard Theological Review*, vol. 79, nº 1/3, Christians among Jews and Gentiles: Essays in Honor of Krister Stendahl on His Sixty-Fifth Birthday, jan-jul/1986), p. 298-307. Cambridge University Press on behalf of the Harvard Divinity School. http://www.jstor.org/stable/1509423 em 16.03.2016.

WILKEN, Robert L. *Byzantine Palestine: A Christian Holy Land*. The Biblical Archaeologist, vol. 51, nº 4 (Dec., 1988), p. 214-217,233-237. The American Schools of Oriental Research. <http://www.jstor.org/stable/3210073> acessado em 16.04.2016.

ZAVERUCHA, Jorge. “O que houve em 1975 na ONU?”. In *Antissemitismo & Antissionismo*. Cadernos CONIB, n. 5, maio de 2018. São Paulo: Confederação Israelita do Brasil, 2018.

Documentários

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *Michel de Certeau: história, cotidiano e linguagem*, parte 1. Documentário apresentado no Centro de Extensão da Universidade

Federal de Campina Grande durante os dias 24 e 26 de setembro de 2011. Pet História, 2012a. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=2SXmcTMcDnk> e acessado em 28.01.2016.

_____. *Michel de Certeau: história, cotidiano e linguagem*, parte 2. Documentário apresentado no Centro de Extensão da Universidade Federal de Campina Grande durante os dias 24 e 26 de setembro de 2011. Pet História, 2012b. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=jZm-i5N_pF8 e acessado em 30.01.2016.

_____. *Michel de Certeau: história, cotidiano e linguagem*, parte 3. Documentário apresentado no Centro de Extensão da Universidade Federal de Campina Grande durante os dias 24 e 26 de setembro de 2011. Pet História, 2012c. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=vxrt_60BhG0 e acessado em 31.01.2016.

_____. *Michel de Certeau: história, cotidiano e linguagem*, parte 4. Documentário apresentado no Centro de Extensão da Universidade Federal de Campina Grande durante os dias 24 e 26 de setembro de 2011. Pet História, 2012c. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=z8xv_oY9Zo4 e acessado em 08.02.2016.

SPEAKMAN, Porter. Rooftop Productions, *With God on our side – documentary*. Dirigido por Porter Speakman Jr., 2010, 82", USA.

VIDAL, Diana. *Michel de Certeau, vida e obra*. Documentário. Atta Mídia e Educação: 2014. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=21PXfrJCojQ> e acessado em 27.01.2016.

Lista de fac-símiles, figuras e fotos

Figura 1. Convite para a Reuniao entre Ministério do Turismo de Israel e lideranças evangçelicas na Igreja Batista Alemã em São Paulo.

Figura 2. Três cartazes de propagandas anunciando as viagens da agência de Thomas Cook. O da direita é um pôster raro do sec. XIX (*Cook's Nile & Palestine Tours*), impresso pela primeira vez na década de 1870 e reimpresso entre 1901-1903.

Figura 3. *Ibrahim Ibn Muhammad Istakhri's Map of Syria (952 A.D.).* Israeli Foreign Ministry in http://www.jewishvirtuallibrary.org/jsource/History/istakhirmap.html em 20.02.2016.

Figura 4. *Fac-símile de uma porção do MS. de Seawulf*, in SAEWULF (1102, 1103 A.D.). Trad. J. Canon Brownlow. In The Library of the Palestine Pilgrims' Text Society. London: Palestine Pilgrims' Text Society, 1892.

Figura 5. *Matthew Paris' Map of Palestine, 1254*, <http://cartographic-images.net/Cartographic_Images/225.1_Palestine.html> acessado em 12.07.2016.

Figura 6. *The Market-place, Bethlehem*. Ilustração de Harry Fenn (1838-1911) que compõe a obra de Henry Van Dyke, *Out-of-doors in the Holy Land*, 1908, p. 91.

Figura 7. Jerusalém antiga dividida em bairros, como até o dia de hoje.

Figura 8. Mensageiro da Paz, n. 1243, set.1990.

Figura 9. Anúncio da marca Israel em anúncio no site da Folha de S. Paulo. Tela capturada em 11.05.2017.

Figura 10. Frente e verso do cartão de fidelidade/compromisso dos Amigos de Sião

Figura 11. Medida Provisória no. 819 autorizando a doação de R$ 792.000,00 ao Estado da palestina para a restauração da Basílica da Natividade.

Foto 1. Hospício [hospedaria] Armênio (2011).

Foto 2. Muro dos fundos do cemitério muçulmano visto do Calvário de Gordon, em Jerusalém (arquivo pessoal do autor).

Foto 3. Portão de Damasco hoje.

Foto 4. Monte Caveira (Gólgota) hoje e reprodução de foto exposta pelo The Garden Tomb (Jerusalém).

Fotos 5 a 7. Local do Horto onde havia uma prensa de uvas; entrada do reservatório de água necessária para a atividade agrícola do horto e foto exposta no local tirada dentro do imenso reservatório.

Foto 8. Belém nos dias de hoje (arquivo pessoal do autor).

Foto 9. Sra. Iolanda Anversa é cumprimentada pelo embaixador de Israel, Yosef Tekoah.

Foto 10. Capa do livro "Israel, milagre do século XX", publicado em 1970.

Foto 11. Passaporte do pr. Alcebíades Vasconcelos carimbado pelo Governo de Israel.

Foto 12. Reunião dos Amigos de Sião.

Cronologia das peregrinações apresentadas

Século X-XII a.C. – Hebreus partem do Egito rumo à Canaã.

Século VI a.C. – Exilados, os judeus regressam da Babilônia.

Século I a.C – Judeus peregrinam para Jerusalém após a reforma do Templo feita por Herodes, que atrai peregrinos não só da Babilônia, mas também da Síria e de um novo centro importante da vida judaica, Alexandria, no Egito.

Século I A.D. – Antoninus Pius (86–161), Imperador romano, faz sua viagem à Palestina e escreveu o *Itinerarium*, que foi organizado sob Diocleciano no início do século III.

C. 135 – A partir da interpretação de fontes da Patrística, de difícil compreensão, pode-se aludir a frequência de judeus-cristãos nas grutas onde se suspeitava ter sido colocado o corpo de Jesus Cristo.

Séculos II-III – É possível ter havido peregrinações de cristãos residentes em comunidades das regiões de Galileia, Pella e Cesareia.

Século IV – depois de terem sido perseguidos pelos soldados romanos sob Tito, foi neste período que os judeus obtiveram autorização para visitar o Templo e Jerusalém, mas somente uma vez por ano. Neste século, Helena, a mãe do Imperador Constantino e Eutrópia, a sua sogra, são encarregadas de identificar locais de eventos ligados à Jesus Cristo e vão à Palestina, visitando Belém, Jerusalém e seus arredores.

333-334 – Um peregrino anônimo partiu de Bordeaux para Jerusalém e região e escreveu o *Itinerarium Burdigalense* (Itinerário de Bordeaux) ou *Itinerarium Hierosolymitanum* (Itinerário de Jerusalém).

379 e 388 – A viagem de Silvia tem sido situada entre essas duas datas, devido à falta de clareza no seu registro. A datação é possível pelas menções que faz a construções de igrejas acabadas e dos encontros com autoridades (e pelas omissões).

381 – A freira espanhola Etheria ou Egéria parte da região da Espanha e percorre a região do Sinai, Egito, Palestina e Jordânia e escreve registros de sua peregrinação.

382 – A romana Paula e sua filha Eustáquia abandonam a vida abastada na capital do Império, peregrinaram por cerca de dois anos e se estabeleceram em Belém, realizando obras de caridade, até que Paula faleceu em 404.

c. 437 – Peter, o místico do Cáucaso.

500-530 – Antoninus, mártir, e o relato ambíguo sobre o itinerário dos lugares sagrados visitados por ele.

530 – Peregrinação do Arquidiácono Theodosius, passando por partes da Palestina, Egito e Capadócia.

670 – Viagem de Arculfo, um bispo francês.

691 – Término da construção do Domo da Rocha. Marca o início do apelo às peregrinações de muçulmanos para Jerusalém.

c. 754 – Itinerário de Willibald, posteriormente bispo de Eichstadt (e Santo Willibald), sobrinho de S. Bonifácio, o "apóstolo da Germânia". É considerado o primeiro peregrino alemão na Terra Santa.

c. 870 – Bernardo, o sábio, monge italiano.

985 – Peregrinação de Mukaddasi, o hierosolomita, nascido em 336 da Hégira (946 A.D.), era filho de Ahmad, neto de Abu Bakr, que "parece ter adquirido fama em toda a Síria como arquiteto".

1047 – Nasir-i-Khusrau (c. 1047 A.D.).

1064 (outono) – cerca de 7 mil alemães vão à Terra Santa.

1099-1187 – As Cruzadas.

1102-1103 – Seawulf.

Séc. XI e XII – Oito peregrinos anônimos.

Séc. XII – Pseudo Beda.

1130-1173 – Benjamim de Tudela, um rabino espanhol na Terra Santa.

1220 – Na obra *Citez de Jherusalem*, de autoria anônima, aparece pela primeira vez uma atividade comercial relacionada às viagens feitas por religiosos à Jerusalém.

1350 – Philippus Brusserius Savonensis.

1421 – John Poloner.

1457 – William Wey.

1458 – Gabriele Capodilista.

1496 – Mujir Ad Din, o historiador palestino.

1806-1807 – Visconde de Chateaubriand.

1832 – Alphonse de Lamartine.

c. 1853 – João Batista de Carvalho Daltro

c. 1855 – Clorinda Minor

1856-7 – Herman Melville, poeta, escritor e ensaísta norte-americano e o drama da civilização ocidental.

1867 – Mark Twain e sua famosa sátira.

1869 – Frederico, o Príncipe herdeiro da Prússia, e o presente recebido do Sultão.

1876 – Viagens a partir do Brasil: Dom Pedro II.

1883 – General Charles George Gordon, o militar inglês inconformado com os católicos**.**

1898 – Guilherme II, Theodor Herzl e os primeiros sionistas.

1908 – Henry van Dyke, o protestante que fugiu do moderno espírito turístico.

1964 – Margaret Gaines

Cronologia do turismo de brasileiros para Israel-Palestina

1853 – Padre João Batista de Carvalho Daltro

1876 – Viagens a partir do Brasil: Dom Pedro II.

c.1900 – Cônego Dr. João de Matos Freire de Carvalho

1905 – Príncipe D. Luís de Orleans e Bragança

1928 – Erasmo de Carvalho Braga

Déc. 1960 – Nehemias Marien

1961 – Profª. Iolanda Anversa

1964 – Nilson do Amaral Fanini

c. 1969 – Benjamin Moraes Filho

1969 e 1973 – Alcebíades Pereira Vasconcelos

1971 – Profª. Gerda de Burgo

1974 – Irland Pereira de Azevedo

1974 – Pastor Emiliano Ferreira da Costa

1975 – Enéas Tognini

1976 – Estevam Ângelo de Souza

1976 – Grupo formado pelos pastores Paulo Belizário, Firmino da Anunciação Gouvêa e outros 30 ou mais pastores

1976 – José Pimentel de Carvalho

1977 – Caio Fabio d'Araújo Filho

1979 – Manoel Ferreira

1980 – Edir Macedo

1985 – Valnice Milhomes

1986 – Hernandes Dias Lopes

1992 – Júlio Andrade Ferreira

1996 – Jabes Guedes de Alencar

1996 – Silas Malafaia

Tabela 1. Comparação entre itinerários percorridos por católicos e evangélicos

AGENDA	EVANGÉLICOS[589]	CATÓLICOS[590]	MOTIVAÇÃO
Dia 1	**SÃO PAULO, ROMA-TEL AVIV**	**SÃO PAULO, TEL AVIV**	
Dia 2	**Jope:** Ruínas de Cesareia Marítima. Monte Carmelo, Monte do Precipício. **Nazaré:** vista panorâmica da cidade e Vale do Armagedon. **Tiberíades:** Mar da Galileia.	**TEL AVIV**	No Monte Carmelo o profeta Elias fez "descer fogo do céu" e destruiu falsos profetas. Ambos os grupos vão a ele. No Monte do Precipício tentaram lançar Jesus para a morte e ele escapou inexplicavelmente.
Dia 3	**Galileia:** Monte das Bem-Aventuranças. **Tabgha**: ruínas de Cafarnaum. Mar da Galileia Yardenit (Rio Jordão).	**Cesareia Marítima:** Monte Carmelo. **Haifa:** Igreja Stella Maris (Ordem das Carmelitas). Vale do Armagedon. **Caná da Galileia, Nazaré (Palestina).**	Evangélicos não visitam a Igreja Stella Maris (um monumento da tradição, não um local da narrativa bíblica).
Dia 4	Mar Morto, ruínas de Qumram. **Jericó (Palestina):** fonte de Elizeu, ruínas das muralhas, a figueira brava de Zaqueu, Monte da Tentação. **Jerusalém.**	**Galileia:** Monte das Bem-Aventuranças, **Tabgha:** Cafarnaum, Mar da Galileia, Yardenit (Rio Jordão).	Nas ruínas de Qunram foram encontradas as mais importantes cópias de textos do Antigo Testamento. Evangélicos privilegiam as narrativas centradas no texto bíblico, mais do que as narrativas da tradição.
Dia 5	**Jerusalém:** Monte das Oliveiras, Getsêmani e o Jardim das Oliveiras. Muro das Lamentações, Monte Sião, o túmulo do Rei David e o Cenáculo. **Belém (Palestina**): Igreja da Natividade, Campo dos Pastores.	Monte Tabor, Mar Morto. **Jericó (Palestina):** fonte de São Elizeu, a figueira brava de Zaqueu, Montanhas da Judéia. **Betânia:** Túmulo de Lázaro, **Jerusalém.**	Evangélicos foram às ruínas das muralhas de Jericó: manifestação sobrenatural que derrubou tais muralhas. Católicos vão ao Túmulo de Lázaro (associado ao sofrimento humano e ao milagre feito por Jesus).
Dia 6	**Jerusalém:** Piscina de Betesda, Fortaleza Antônia, Via Dolorosa até a Porta de Damasco.	**Jerusalém:** Monte das Oliveiras, Igreja do Pai Nosso, Getsêmani e o Jardim das Oliveiras, Igreja das Nações, Monte Sião, Igreja de São Pedro In Gallicantu,[591] túmulo do Rei David, o Cenáculo, a Abadia da Dormição, Muro das Lamentações. **Belém (Palestina):** Igreja da Natividade, a Gruta do Leite, Campo dos Pastores.	Católicos visitam mais monumentos da tradição: Igrejas do Pai Nosso, das Nações, de São Pedro in Gallicantu, a Abadia da Dormição. A Igreja da Natividade também é visitada por evangélicos, embora não conste deste roteiro. Percebe-se, sutilmente, maior interesse dos cristãos evangélicos pela história bíblica: Fortaleza Antônia (onde Jesus recebeu parte do seu julgamento), a Via Dolorosa (interesse para ambos). Piscina de Betesda: local da manifestação angelical. Porta de Damasco: história de Paulo.

[589] Evangélicos: Caravana da Igreja Internacional da Graça de Deus, líder Davi Soares. Saída 12.11.2015.
[590] Católicos: Peregrinação Israel e Itália, líder Pe. Nino. Saída 06.11.2015.
[591] Refere-se ao Mosteiro St. Peter in Gallicantu.

Dia 7	**Jerusalém:** Esplanada do Templo, Gólgota, o túmulo de José de Arimatéia.	**Jerusalém:** Piscina de Betesda, Fortaleza Antônia, Via Dolorosa até a Igreja do Santo Sepulcro. **Emaús.**	Como a cidade velha de Jerusalém é pequena, com os sítios próximos uns aos outros, boa parte do itinerário é visitado por ambos os grupos. A Igreja do Santo Sepulcro não é visitada por evangélicos.[592]
Dia 8	**TEL AVIV, ROMA**	**TEL AVIV, ROMA**	
Dia 9	Catacumbas de Domitilia.	**Cássia**: Santuário de Santa Rita de Cássia. **Assis:** Basílicas de São Francisco e de Santa Maria dos Anjos. **Roma.**	A visitação Catacumbas pelos evangélicos revela o interesse pela história da Igreja (posterior ao texto do Novo Testamento). Católicos insistem nas igrejas/monumentos da tradição.
Dia 10		**Roma:** Coliseu, Arco de Constantino, Fontana di Trevi, o Panteão, a Piazza Navona e a Praça de São Pedro, no Vaticano.	Enquanto os evangélicos vão embora, os católicos têm mais locais de seu interesse, todos com as características já apontadas: onde há algum monumento ou igreja/basílica.

[592] Evangélicos visitam um sítio fora da cidade como local do sepultamento de Jesus (cf. MERYON, 2012).

Tabela 2. O crescimento das denominações protestantes nos Estados Unidos

IGREJAS ANABATISTAS

Grupos nacionais europeus	**Menonitas**	**Irmãos**
Batistas norte-americanos (alemães)	Amish	Irmãos em Cristo
Conferência geral batista (suecos)	Menonitas Conservadores	Irmãos hutteritas
Advento Cristão	Conferência geral menonita	Irmãos independentes
Adventistas do Sétimo Dia	(Velha) Igreja menonita	Irmãos menonitas

IGREJAS LUTERANAS

Escandinávia	**Dinamarca/Sínodo geral**	**Alemã**	**Morávia**
Irmãos luteranos	Evangélicos luteranos	Sínodo luterano do Missouri	Igreja Morávia
Aliança evangélica	Igreja na América	Sínodo luterano do Wisconsin	
Evangélicos livres			

IGREJAS REFORMADAS

Presbiterianas (escocesas)	**Holandesa**	**Irlandesa**
Igreja presbiteriana nos EUA	Igreja Reformada na América	Igreja de Cristo
Igreja presbiteriana na América	Cristã Reformada	Discípulos de Cristo
Presbiteriana ortodoxa		Igrejas cristãs
Presbiteriana reformada		

IGREJA ANGLICANA

Puritanos	**Separatistas Batistas**	**Episcopais**	**Irmãos de Plymouth**	**Amigos**	**Metodistas**
Igreja Unida de Cristo (Congregacional)			Igrejas da Bíblia Independentes	Amigos Unidos	Metodistas Unidos
	Batistas da Livre Vontade			Conferência Geral dos Amigos	Metod. Africanos
	Batistas Conservadores				Episcopais
	Batistas Nacionais Progressistas				Nazarenos
	Batistas Americanos				Wesleyanos
					Metodistas Livres
					Assembleias de Deus
					Pentecostais
					Igreja de Deus

ANEXO A – Roteiro de entrevista para brasileiros participantes de viagem para Israel-Palestina

1. Nome _____

2. Cidade _____ UF _____

3. Idade ☐ 20 a 30 ☐ 31 a 40 ☐ 41 a 50 ☐ 51 a 60 ☐ acima

4. Como você define o seu nível social em termos de "Classe"? ☐ Alta ☐ média ☐ Baixa [593]

5. Nível de escolaridade ☐ Fundamental completo ☐ Fundamental incompleto

☐ Nível médio completo ☐ Nível médio incompleto

☐ Superior completo ☐ Superior incompleto ☐ Pós-graduação

6. A que igreja pertence

7. Há quanto tempo _____ 8. Cargo _____

9. Tradição

10. Período da viagem

11. Itinerário

12. O que o levou a fazer a viagem?

13. Que locais tinha mais interesse?

Por quê?

14. Onde sentiu-se mais à vontade?

Por quê?

15. Conheceu judeus ou israelenses? ☐ Sim ☐ Não

16. Interagiu com eles? ☐ Sim ☐ Não 17. Foi positivo ☐ Sim ☐ Não ☐ Indiferente

18. Conheceu palestinos? ☐ Sim ☐ Não

19. Interagiu com eles? ☐ Sim ☐ Não 20. Foi positivo ☐ Sim ☐ Não ☐ Indiferente

21. Comprou em lojas de ☐ judeus ☐ palestinos ☐ ambos.

22. Gostou da experiência? ☐ sim ☐ não

Justificativa

23. Comeu em restaurantes de ☐ judeus ☐ palestinos ☐ ambos.

24. Gostou da experiência? ☐ sim ☐ não

Justificativa

25. Quando foi fundado o Estado de Israel? ☐ 1939 ☐ 1945 ☐ 1948 ☐ 1967

26. Os judeus que aí estão, em relação aos judeus da Bíblia, são:

---

[593] No Brasil há alguns indicadores para classificação econômica em função da renda: da Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República, de Critério por Faixas de Salário Mínimo do Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE), do DataFolha e o Critério de Classificação Econômica Brasil (CCEB) da Associação Brasileira das Empresas de Pesquisa (ABEP). Como os critérios usam variáveis diferentes para diferentes finalidades, a mesma família pode ser enquadrada, e.g., na classe C utilizando um dos critérios e ser realocada para a classe acima se considerado outro critério. Desse modo, em nossas entrevistas, optamos por coletar a informação a partir da percepção do entrevistado, uma vez que a classe social, embora sendo um dado, não interferirá diretamente nos objetivos fundamentais da pesquisa.

☐ exatamente os mesmos ☐ descendentes deles ☐ o mesmo povo, mas em uma conjuntura completamente nova e diferente ☐ não têm nada a ver um com o outro

☐ inimigos da paz a região

27. Os palestinos que aí estão são:

☐ descendentes dos filisteus da Bíblia ☐ uma mistura de etnias/povos árabes

☐ ocupantes ilegais das terras dos judeus ☐ antigos moradores e trabalhadores legítimos na terra ☐ descendentes de judeus ☐ inimigos do povo de Deus

28. Os que os palestinos reivindicam é

☐ a divisão justa da terra ☐ a expulsão de todos os judeus da região IP

☐ o retorno às fronteiras anteriores a 1967 ☐ Não tenho a menor ideia

29. Havia tensão entre IP na ocasião da viagem? ☐ sim ☐ não ☐ não sei ☐ não lembro

30. Você sabia da existência de conflitos entre IP quando viajou? ☐ sim ☐ não

31. Como mantinha-se informado? ☐ por meio de amigos ☐ por meio da mídia (web, TV) ☐ ouvia comentários na igreja ☐ não tinha informação ☐ não me preocupava com isso

32. Com que frequência?

32. Qual a religião dos palestinos? ☐ muçulmanos na maioria ☐ radicais islâmicos na maioria ☐ cristãos e muçulmanos ☐ sem religião ☐ várias religiões são permitidas

☐ drusos ☐ samaritanos

33. Qual a religião dos judeus? ☐ judaísmo na maioria ☐ judaísmo bíblico, messianismo

☐ sem religião ☐ várias religiões são permitidas ☐ sem religião declarada na maioria

34. O que sabe e qual a sua posição em relação à Guerra dos 50 dias em 2014?

35. Você já percebeu alguma ação de propaganda oficial israelense estimulando os cristãos brasileiros a visitarem a Terra Santa? ☐ sim ☐ não ☐ não lembro

35a. Se “sim”, qual e por qual meio?

35b. Ela surtiu efeito sobre você? Por quê?

36. Quais pontos turísticos bíblicos ficam nos territórios palestinos?

37. Você já percebeu alguma ação de propaganda palestina estimulando os cristãos brasileiros a visitarem pontos turísticos na Palestina? ☐ sim ☐ não ☐ não lembro

37a. Se “sim”, qual e por qual meio?

37b. Ela surtiu efeito sobre você? Por quê?

38. Como acha que a diplomacia brasileira lida com ambos os povos?

☐ de maneira justa ☐ de maneira desequilibrada para o lado de Israel

☐ de maneira desequilibrada para o lado palestino

☐ realmente como “um anão diplomático” ☐ insatisfatoriamente ☐ não sei

39. Considera que o que o(s) guia(s) palestino disse durante o seu trabalho foi relevante?

☐ sim ☐ não ☐ muitas coisas sim, algumas não ☐ algumas coisas sim, muitas não

40. Numa escala de 0 a 10, que nota daria para o trabalho do guia palestino?

41. Numa escala de 0 a 10, que nota daria para o quesito “verdade” daquilo que ouviu do guia palestino?

42. Das coisas que ouviu e/ou viu do guia palestino, o que mais chamou a sua atenção positiva e/ou negativamente?

43. Poderia lembrar coisas que surpreenderam você na sua experiência com os palestinos ou com o "lado palestino" da viagem? (economia, comércio, religião, sociedade etc.)

44. Considera que o que o(s) guia(s) israelense disse durante o seu trabalho foi relevante?

☐ sim ☐ não ☐ muitas coisas sim, algumas não ☐ algumas coisas sim, muitas não

45. Numa escala de 0 a 10, que nota daria para o trabalho do guia israelense?

46. Numa escala de 0 a 10, que nota daria para o quesito "verdade" daquilo que ouviu do guia israelense?

47. Das coisas que ouviu e/ou viu do guia israelense, o que mais chamou a sua atenção positiva e/ou negativamente?

48. Poderia lembrar coisas que surpreenderam você na sua experiência com os judeus ou com o "lado israelense" da viagem? (economia, comércio, religião, sociedade etc.)

49. Você conhece o movimento BDS? ☐ sim ☐ não ☐ ouvi falar, mas não sei o que é

50. Se "sim", o apoia? ☐ sim ☐ não ☐ sim parcialmente ☐ não parcialmente.

51. Sabe da existência, no presente ou no passado, de algum grupo terrorista judeu?

☐ sim ☐ não

51a. Se "sim", qual?

52. Sabe da existência, no presente ou no passado, de algum grupo terrorista palestino?

☐ sim ☐ não

52a. Se "sim", qual?

53. A sua percepção em relação aos judeus depois da viagem:

☐ manteve-se a mesma ☐ mudou para melhor ☐ mudou para muito melhor

☐ piorou ☐ piorou muito ☐ voltei positivamente impressionado

54. A sua percepção em relação aos palestinos depois da viagem:

☐ manteve-se a mesma ☐ mudou para melhor ☐ mudou para muito melhor

☐ piorou ☐ piorou muito ☐ voltei positivamente impressionado

55. Além de presentes para pessoas do seu convívio, que objetos trouxe para recordação pessoal dos judeus?

56. Além de presentes para pessoas do seu convívio, que objetos trouxe para recordação pessoal dos palestinos?

57. Sabendo que há locais bíblicos em Israel e na Palestina, onde você moraria se tivesse oportunidade? ☐ em Israel ☐ na Palestina ☐ tanto faz ☐ não moraria entre nenhum dos dois povos

58. Num hipotético acordo de paz, que resultado você gostaria de ver:

☐ só Israel na terra ☐ só os palestinos na terra

☐ ambos os povos em paz ☐ indiferente.

ANEXO B – Roteiro de entrevistas com evangélicos antes da viagem

*** A pré condição para participar desta entrevista é nunca ter ido a Israel-Palestina.**

1 Dados completos: Nome, endereço, email e telefones (para contato posterior).

2 Idade.

3 Como você define o seu nível social em termos de "Classe"? ☐ Alta ☐ média ☐ Baixa

4 Nível de escolaridade.

5 A qual Igreja pertence?

6. Há quanto tempo?

7. Tem cargo? Qual?

8 Quando será a viagem?

9 Quanto tempo ela durará?

10 Sabe qual o itinerário?

11 O que está motivando você a fazer esta viagem? (aspectos: econômicos, espirituais, oportunidade, tão somente turismo, um sonho/desejo antigo, interesses sociais, viagem de exploração com motivação acadêmica ou outros).

12 O que espera encontrar/qual experiência espera ter nos lugares que visitará em Israel ou entre os israelenses?

13 O que espera encontrar/qual experiência espera ter nos lugares que visitará na Palestina ou entre os palestinos?

14 Como acha que israelenses e palestinos veem os cristãos brasileiros?

15 Pensa em trazer algo material da viagem? Caso positivo, pretende comprar em qual território?

16 Quando vê nos noticiários que há guerra entre Israel-Palestina, normalmente você toma algum partido? Se "sim", Qual e por quê?

17 Já soube de alguma ação desses governos convidando ou atraindo cristãos brasileiros para lá?

18 Você será guiado(a) por guias locais aos lugares sagrados. O que espera aprender com eles?

19 Faz questão da presença deles, já que você será liderada por um brasileiro de confiança? Por quê?

20 Considera aquela região violenta? O que pensa a respeito?

ANEXO C – Roteiro de entrevistas com católicos antes da viagem

*** A pré condição para participar desta entrevista é nunca ter ido a Israel-Palestina.**

1 Dados completos: Nome, endereço, email e telefones (para contato posterior).

2 Idade.

3 Como você define o seu nível social em termos de "Classe"? ☐ Alta ☐ média ☐ Baixa

4 Nível de escolaridade.

5 A qual Igreja pertence?

6. Há quanto tempo?

7. Tem cargo? Qual?

8 Quando será a viagem?

9 Quanto tempo ela durará?

10 Sabe qual o itinerário?

11 O que está motivando você a fazer esta viagem? (aspectos: econômicos, espirituais, oportunidade, tão somente turismo, um sonho/desejo antigo, interesses sociais, viagem de exploração com motivação acadêmica ou outros).

12 O que espera encontrar/qual experiência espera ter nos lugares que visitará em Israel ou entre os israelenses?

13 O que espera encontrar/qual experiência espera ter nos lugares que visitará na Palestina ou entre os palestinos?

14 Como acha que israelenses e palestinos veem os cristãos brasileiros?

15 Pensa em trazer algo material da viagem? Caso positivo, pretende comprar em qual território?

16 Quando vê nos noticiários que há guerra entre Israel-Palestina, normalmente você toma algum partido? Se "sim", Qual e por quê?

17 Já soube de alguma ação desses governos convidando ou atraindo cristãos brasileiros para lá?

18 Você será guiado(a) por guias locais aos lugares sagrados. O que espera aprender com eles?

19 Faz questão da presença deles, já que você será liderada por um brasileiro de confiança? Por quê?

20 Considera aquela região violenta? O que pensa a respeito?

ANEXO D – Roteiro para entrevista com guia israelense

1 Nome completo, idade e local de nascimento.

2 Há quanto tempo você trabalha como guia turístico e em quais cidades?

3 O Governo de Israel oferece treinamento ou exige alguma permissão especial para trabalhar como guia?

- Se o treinamento é oferecido, quanto tempo ele dura?

- Pode detalhar o treinamento?

- O Governo israelense interfere com o trabalho dos guias? (Ajuda ou dificulta?)

4 Você já trabalhou com grupos de cristãos brasileiros? Quais são as diferenças marcantes entre grupos católicos e evangélicos? (Diferenças religiosas e tendências políticas em relação ao conflito israel-palestino, Influência da teologia ou política do governo brasileiro ou mesmo da mídia?)

5 Como você percebe o comportamento dos brasileiros nas visitas aos lugares judaicos? Eles se sentem confortáveis ? Eles mostraram interesse na vida e na história dos israelenses?

6 Você pode dizer se os cristãos brasileiros tinham informações corretas sobre o povo judeu-israelense ou ficaram surpresos quando conheceram um judeu/israelense pela primeira vez?

7 Você se lembra de comentários negativos feitos pelos cristãos brasileiros sobre Israel? Você se lembra de alguma informação distorcida ou mal representada sobre os judeus/israelenses ou sobre a história do país? A que você atribui essas informações incorretas, caso você saiba que ela existe?

8 Você acredita ou tem informações que a Palestina tenta distorcer as informações sobre Israel para turistas brasileiros?

9 Como você vê o interesse do Governo de Israel em que os brasileiros visitem e conheçam melhor a situação na Cisjordânia?

10 Você conhece algum esforço ou programa do seu Governo para atrair brasileiros para a região de Israel?

Tem alguma informação que julga importante e não foi feito pergunta e quer acrescentar?

ANEXO E – Roteiro para entrevista com guia palestino

1 Nome completo, idade e local de nascimento.
2 Há quanto tempo você trabalha como guia turístico na Palestina e em quais cidades?
3 A Autoridade Palestina oferece treinamento ou você exige alguma permissão especial para trabalhar como guia?
- Se o treinamento é oferecido, por quanto tempo?
- Você tem algum treinamento especial para trabalhar como guia? O que? Onde?
- O governo palestino interfere com o trabalho dos guias? (Ajuda ou dificulta?)
4 Você já trabalhou com grupos de cristãos brasileiros? Quais são as diferenças marcantes entre grupos católicos e evangélicos? (Diferenças religiosas e tendências políticas em relação ao conflito israelo-palestino, Influência da teologia ou política do governo brasileiro ou mesmo da mídia?)
5 Como você se sentiu sobre os palestinos? Eles se sentem confortáveis nos lugares visitados? Eles mostraram interesse na vida e na história dos palestinos?
6 Você pode dizer se os cristãos brasileiros tinham informações corretas sobre o povo palestino ou ficaram surpresos quando conheceram um palestino pela primeira vez?
7 Você se lembra de comentários prejudiciais feitos pelos cristãos brasileiros sobre a Palestina? Você se lembra de alguma informação distorcida ou mal representada sobre palestinos ou sobre a história da Palestina? Para o que você atribui essas informações incorretas se você sabe que existe?
8 Você acredita ou tem informações que Israel busca impedir turistas, brasileiros ou não, de visitar cidades na Palestina?
9 Como você vê o interesse da Autoridade Palestina em que os brasileiros visitam e conhecem melhor a situação na Cisjordânia?
10 Você conhece algum esforço ou programa da Autoridade Palestina para atrair brasileiros para a região?
Você tem alguma informação que você acha que é importante e você não fez uma pergunta e deseja adicionar?

ANEXO F – Pontificio Consejo para la Pastoral de los Emigrantes e Itinerantes

IV Congreso Mundial de la Pastoral del Turismo: Declaración final,
Roma, 14-17 de noviembre de 1990 [*Apud* ACERENZA, 2006, p. 22-23].

6. El encuentro de distintas culturas favorecido por el turismo, no sólo ayuda al hombre a descubrir la diversidad de las costumbres, de las estructuras sociales o de los distintos caminos por los que él busca la verdad. Le revela, además, que el respeto por la historia, la religión, por la manera de vivir de los demás, es la ley fundamental en una comunión de "hombres de buena voluntad".

El turismo debe suscitar un intercambio cultural creativo en el que cada grupo humano pueda vivir su propia cultura, enriquecida por las de los demás.

7. El optimismo del mundo moderno, tal como puede aparecer en el turismo y en el tiempo libre, no puede dejar que se olviden las sombras: destrucción de la naturaleza y de las otras culturas; explotación de la Creación, del hombre, de la mujer e incluso del niño ("sexturismo", droga, degradación del medio ambiente...); reducción del goce de la vida al placer degradante; desprecio por la miseria ajena (pobreza, analfabetismo, falta de capacitación, desempleo, e incluso opresión política); implantación violenta de estructuras de acogida (receptivas), sin tener en cuenta el porvenir de las poblaciones locales.

Cuanto más sean conscientes los turistas de las condiciones de su turismo, tanto más se harán responsables de la manera de utilizar su tempo libre y podrán ser mensajeros de la paz universal. Mediante su comprensión, su respeto y su compromiso social, ellos podrán contribuir a vencer la injusticia, la opresión y la explotación.

8. Es necesario, en todo momento, formar a las personas a que gocen del tiempo libre y del turismo con espíritu humano y de convivencia. Si se les da una formación general que fomente la responsabilidad, la alegría de vivir, el deseo de conocer, la solidaridad y el dominio de sí mismas em los momentos de recreo, se puede decir que se ha puesto las bases de um "buen turismo".

18. Considerando esas prioridades, y con el espíritu de la Carta del Turismo y del Código del Turista de la OMT, tanto el tiempo libre como el turismo pueden enriquecer a todos: a los que viajan y a los que reciben, a los que gozan del tiempo libre y a los que trabajan para ellos.

En la medida en que se requieren formas de turismo "de alternativa" al turismo masivo, es necesaria "una verdadera solidaridad para que el turismo sea realmente un instrumento de desarrollo eficaz" (Juan Pablo II, Mensaje con ocasión de la Jornada Mundial del Turismo, 1990).

19. La Iglesia, a través de las comunidades locales de todos los continentes, quiere contribuir, a su manera, al diálogo de todos los que están implicados en el turismo nacional e internacional, en todas sus manifestaciones.

ANEXO G – Roteiro para entrevistas com pastores brasileiros sobre suas viagens.

As seguintes perguntas elaboram os temas questionados a alguns pastores que pude entrevistar, com pequenas variações em função do tipo de envolvimento com o Estado de Israel, com as propostas dos grupos e da vertente evangélica a que pertence.

1. Imagino que a primeira viagem que fez a Terra Santa foi por motivos pessoais, mais do que ministeriais.
   – Poderia falar sobre a sua primeira viagem a Israel?
   – Quando foi e o que o levou a ir?
   – Quais as pessoas com quem fez a primeira viagem ou as primeiras viagens?

2. Fale sobre liderar espiritualmente grupos/caravanas.

– Quando começaram as viagens liderando grupos, quantas caravanas já liderou e quantos brasileiros já levou aproximadamente e com qual frequência vai?

3. O Governo de Israel tem alguma participação para facilitar as viagens ou não é necessário? Já foi procurado por membros da diplomacia israelense e para qual finalidade? Como isso acontece? Eles facilitam as coisas?

– Vocês são procurados para alguma parceria ou ação especial? Se sim, qual?

4. Há grupos estrangeiros voluntários trabalhando em Israel, com sobreviventes do Holocausto, com idosos, militares em final de vida, familiares de vítimas de atentados

etc. O senhor e/ou seu ministério tem alguma ação pró-Israel, seja ação social, apoio a ampliação dos assentamentos judaicos, trabalho com idosos etc.?

– Quais são esses trabalhos, caso faça?

5. Tem alguma outra informação que julga relevante e gostaria de acrescentar?

ANEXO H – Questionário da última entrevista após um ano da viagem

1. Desde a última entrevista, houve mudanças significativas em sua vida, como situação pessoal deles no casamento, divórcio, desaparecimento de entes queridos, novas direções religiosas, mudança para outra igreja, perda de fé etc.?

2. Qual a sua opinião sobre esses três fatores ligados a Israel:

– as recentes intervenções de Donald Trump na diplomacia dos EUA em relação a Israel, como a mudança da embaixada de seu país?

– a nova Lei da nacionalidade no Estado de Israel?

– as declarações do candidato Bolsonaro sobre Israel?

3. Desde a sua viagem a Israel-Palestina, acompanhou com mais atenção a situação daquela região e procurou informar-se sobre eles? Formou alguma opinião nova a respeito de ambos os países, Israel e Palestina?

4. Você considera que ter estado naqueles países contribuiu para que você se engajasse mais na questão do conflito?